REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Faculdade de Letras da UFMG

ISSN
Impresso: 0104-0588
On-line: 2237-2083

Rev. Estudos da Linguagem	Belo Horizonte	v. 30	n. 2	p. 460-1133	abr./jun. 2022

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Universidade Federal de Minas Gerais
REITORA: Sandra Regina Goulart Almeida
VICE-REITOR: Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras
DIRETORA: Sueli Maria Coelho
VICE-DIRETOR: Georg Otte

Editor-chefe
Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)
Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG)

Revisão e Normalização
Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Organizadoras convidadas
Maria Angélica Furtado da Cunha
Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

Revisão de Língua Inglesa
Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira (UFMG)
Junia de Carvalho Fidelis Braga (UFMG)
Mara Passos Guimarães (UFMG)
Marisa Mendonça Carneiro (UFMG)

Editoras-associadas
Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG)
Carla Viana Coscarelli (UFMG)
Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG)
.

Secretaria
Gustavo Ximenes Cunha (UFMG)

Editoração eletrônica
Naila Catherine França Eleutério

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, v.1 - 1992 - Belo Horizonte, MG, Faculdade de Letras da UFMG

Histórico:
1992 ano 1, n.1 (jul/dez)
1993 ano 2, n.2 (jan/jun)
1994 Publicação interrompida
1995 ano 4, n.3 (jan/jun); ano 4, n.3, v.2 (jul/dez)
1996 ano 5, n.4, v.1 (jan/jun); ano 5, n.4, v.2; ano 5, n. esp.
1997 ano 6, n.5, v.1 (jan/jun)

Nova Numeração:
1997 v.6, n.2 (jul/dez)
1998 v.7, n.1 (jan/jun)
1998 v.7, n.2 (jul/dez)

1. Linguagem - Periódicos I. Faculdade de Letras da UFMG, Ed.

CDD: 401.05

ISSN: Impresso: 0104-0588
On-line: 2237-2083

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

V. 30 - Nº 2 - abr.-jun. 2022

Indexadores

Diadorim [Brazil]
DOAJ (Directory of Open Access Journals) [Sweden]
DRJI (Directory of Research Journals Indexing) [India]
EBSCO [USA]
EuroPub [England]
JournalSeek [USA]
Latindex [Mexico]
Linguistics & Language Behavior Abstracts [USA]
MIAR (Matriu d'Informació per a l'Anàlisi de Revistes) [Spain]
MLA Bibliography [USA]
OAJI (Open Academic Journals Index) [Russian Federation]
Portal CAPES [Brazil]
REDIB (Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico) [Spain]
SCOPUS [Amsterdam]
Sindex (Sientific Indexing Services) [USA]
Web of Science [USA]
WorldCat / OCLC (Online Computer Library Center) [USA]
ZDB (Elektronische Zeitschriftenbibliothek) [Germany]

REVISTA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Editor-chefe

Gustavo Ximenes Cunha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Janayna Maria da Rocha Carvalho (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Editoras-associadas

Ana Larissa Adorno Maciotto Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Carla Viana Coscarelli (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)

Conselho Editorial

Alejandra Vitale (UBA, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina)

Didier Demolin (Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, Paris, França)

Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Scott Schwenter (OSU, Columbus, Ohio, Estados Unidos)

Shlomo Izre'el (TAU, Tel Aviv, Israel)

Stefan Gries (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)

Teresa Lino (NOVA, Lisboa, Portugal)

Tjerk Hagemeijer (ULisboa, Lisboa, Portugal)

Comissão Científica

Aderlande Pereira Ferraz (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Alessandro Panunzi (Unifi, Florença, Itália)
Alina M. S. M. Villalva (ULisboa, Lisboa, Portugal)
Aline Alves Ferreira (UCSB, Santa Barbara/CA, Estados Unidos)
Ana Lúcia de Paula Müller (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ana Maria Carvalho (UA, Tucson/AZ, Estados Unidos)
Ana Paula Scher (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Anabela Rato (U of T, Toronto/ON, Canadá)
Aparecida de Araújo Oliveira (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Aquiles Tescari Neto (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Augusto Soares da Silva (UCP, Braga, Portugal)
Beth Brait (PUC-SP/USP, São Paulo/SP, Brasil)
Bruno Neves Rati de Melo Rocha (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Carmen Lucia Barreto Matzenauer (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Celso Ferrarezi (UNIFAL, Alfenas/MG, Brasil)
César Nardelli Cambraia (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Cristina Name (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
Charlotte C. Galves (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Deise Prina Dutra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Diana Luz Pessoa de Barros (USP/UPM, São Paulo/SP, Brasil)
Edwiges Morato (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Emília Mendes Lopes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Esmeralda V. Negrão (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Flávia Azeredo Cerqueira (JHU, Baltimore/MD, Estados Unidos)
Gabriel de Avila Othero (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Gerardo Augusto Lorenzino (TU, Filadélfia/PA, Estados Unidos)
Glaucia Muniz Proença de Lara (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Hanna Batoréo (UAb, Lisboa, Portugal)
Heliana Ribeiro de Mello (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Heronides Moura (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Hilario Bohn (UCPEL, Pelotas/RS, Brasil)
Hugo Mari (PUC-Minas, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ida Lucia Machado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Ieda Maria Alves (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Ivã Carlos Lopes (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Jairo Nunes (USP, São Paulo/SP, Brasil)

Jairo Venício Carvalhais Oliveira (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Jean Cristtus Portela (UNESP-Araraquara, Araraquara/SP, Brasil)
João Antônio de Moraes (UFRJ, Rio de Janeiro/ RJ, Brasil)
João Miguel Marques da Costa (Universidade Nova da Lisboa, Lisboa, Portugal)
João Queiroz (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil)
José Magalhaes (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
João Saramago (Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal)
José Borges Neto (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Laura Alvarez Lopez (Universidade de Estocolmo, Stockholm, Suécia)
Leo Wetzels (Free Univ. of Amsterdam, Amsterdã, Holanda)
Laurent Filliettaz (Université de Genève, Genebra, Suiça)
Leonel Figueiredo de Alencar (UFC, Fortaleza/CE, Brasil)
Livia Oushiro (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Lodenir Becker Karnopp (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Lorenzo Teixeira Vitral (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Luiz Amaral (UMass Amherst, Amherst/MA, Estados Unidos)
Luiz Carlos Cagliari (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Luiz Carlos Travaglia (UFU, Uberlândia/MG, Brasil)
Marcelo Barra Ferreira (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Marcia Cançado (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Márcio Leitão (UFPB, João Pessoa/PB, Brasil)
Marcus Maia (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Bernadete Marques Abaurre (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Maria Cecília Camargo Magalhães (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Maria Cecília Magalhães Mollica (UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Maria Cristina Figueiredo Silva (UFPR, Curitiba/PR, Brasil)
Maria Luíza Braga (PUC/RJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Maria Marta P. Scherre (UNB, Brasília/DF, Brasil)
Micheline Mattedi Tomazi (UFES, Vitória/ES, Brasil)
Miguel Oliveira, Jr. (UFAL, Maceió, Alagoas, Brasil)
Monica Santos de Souza Melo (UFV, Viçosa/MG, Brasil)
Patricia Matos Amaral (UI, Bloomington/IN, Estados Unidos)
Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Philippe Martin (Université Paris 7, Paris, França)
Rafael Nonato (Museu Nacional-UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Raquel Meister Ko. Freitag (UFS, Aracaju/SE, Brasil)

Roberto de Almeida (Concordia University, Montreal/QC, Canadá)
Ronice Müller de Quadros (UFSC, Florianópolis/SC, Brasil)
Ronald Beline (USP, São Paulo/SP, Brasil)
Rove Chishman (UNISINOS, São Leopoldo/RS, Brasil)
Sanderléia Longhin-Thomazi (UNESP, São Paulo/SP, Brasil)
Sergio de Moura Menuzzi (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Seung- Hwa Lee (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Sírio Possenti (UNICAMP, Campinas/SP, Brasil)
Suzi Lima (U of T / UFRJ, Toronto/ON - Rio de Janeiro/RJ, Brasil)
Thais Cristofaro Alves da Silva (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Tommaso Raso (UFMG, Belo Horizonte/MG-Brasil)
Tony Berber Sardinha (PUC-SP, São Paulo/SP, Brasil)
Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)
Vander Viana (University of Stirling, Stirling/Sld, Reino Unido)
Vanise Gomes de Medeiros (UFF, Niterói/RJ, Brasil)
Vera Lucia Lopes Cristovao (UEL, Londrina/PR, Brasil)
Vera Menezes (UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil)
Vilson José Leffa (UCPel, Pelotas/RS, Brasil)

Sumário / Contents

Modelos baseados no uso: um panorama de pesquisas em língua portuguesa brasileira com base em dados empíricos

Usage-based Models: an Overview of Research in Brazilian Portuguese Grounded on Empirical Data

Maria Angélica Furtado da Cunha

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira 472

A emergência da Interação Fictiva em sala de aula como estratégia de ensino e aprendizagem

The emergence of Fictive Interaction in the classroom as a teaching and learning strategy

Leila Cruz Magalhães

Luiz Fernando Matos Rocha 496

Implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das *personas* de *História da Minha Infância*, de Gilberto Amado

Implications of pronominal variation and forms of treatment in the construction of persons in História da Minha Infância*, by Gilberto Amado*

Fernanda Bispo Correia 519

Mapeamento de padrões construcionais com o verbo virar na língua portuguesa

Mapping constructional patterns with the verb virar in portuguese

Pedro Gomes da Silva Neto

Déborah Magalhães de Barros 545

A construção lexical *SNLoc atributiva* em uso no Português Contemporâneo

The SNLoc attributive *lexical construction in use in Contemporary Portuguese*

Milena Torres de Aguiar 573

A gramática de construções diassistêmica: uma abordagem aquisicional baseada no uso

Diasystematic Construction Grammar: a Usage Based Acquisitional Approach

Roberto de Freitas Jr.

Lia Abrantes Antunes Soares

João Paulo da Silva Nascimento

Vitor Luiz Vieira da Silveira 606

O conceito de 'construção' e a prática de reflexão linguística no ensino de língua materna: potencialidades e desafios com foco no uso

The Concept of 'Construction' and the Practice of Linguistic Analysis in First Language Teaching: Potentialities and Challenges Focusing on the use

Maitê Moraes Gil

Maity Siqueira..... 635

A rede construcional [[para lá de] [X]] no português do século XXI

The Constructional Network [[para lá de] [X]] in 21st Century Portuguese

Mariangela Rios de Oliveira

Vanessa Barbosa de Paula 661

Modelagem de produção de texto sintético como subsídio para a aplicação embasada na Pedagogia de Gênero

Modelling Text Synthesis as a Basis for Application of Genre Pedagogy

Giacomo Figueredo

Karen Santorum

Nathan Andrade

Lucas A. Damasceno..... 700

Um estudo de construções com o verbo *deixar* em fala espontânea do português brasileiro: aspectos gramaticais/discursivos e análise acústica

A study of constructions with the verb deixar *in Brazilian Portuguese spontaneous speech: grammatical/discursive aspects and acoustic analysis*

Luis Filipe Lima e Silva

José Carlos Costa

Sueli Maria Coelho 743

Os usos de processos materiais acadêmicos em artigos científicos

Academic Material Processes Usage in Research Articles

Monique Vieira Miranda 780

A polissemia da construção relacional binominal SN1 de SN2 no Português Brasileiro

Polysemy of relational binominal construction NP de NP in Brazilian Portuguese

Carolina Piechotta Martins Santos

Karen Sampaio Braga Alonso 808

A rede de construções causais na diacronia do português

The Network of Causal Constructions in the Diachrony of Portuguese

Bruno Araújo de Oliveira

Maria da Conceição de Paiva 843

A posição da oração completiva em construções subjetivas: o papel do design visual na dinâmica das construções

The Position of Completive Clause in Subjective Constructions: the Role of Visual Design in Construction Dynamics

Nilza Barrozo Dias

Angelina Maganha Grigorio da Silva 871

Processamento, representação e variação do plural das palavras terminadas em ditongo oral decrescente do PB

Processing, Representation and Variation of the Plural of the Words Ending in an Oral Falling Diphthong in BP

Thiago Lucius Alvarez Amaral

Christina Abreu Gomes 906

'Casar' (Marry) x 'Noivar' (Engage): a Usage-Based Analysis for the Caused-Action Construction in Brazilian Portuguese

Casar x Noivar: uma análise baseada no uso para a construção de ação causada em português brasileiro

Larissa S. Ciríaco

Thaís M. M. De Sá

Clarice F. Dos Santos 932

A Colocação Pronominal no Português Brasileiro de Nova Iguaçu: o que os dados empíricos revelam da comparação entre fala e escrita?

Pronominal Placement in the Brazilian Portuguese of Nova Iguaçu: What Does the Empirical Data Reveal From the Comparison Between Speech and Writing?

Ana Luísa Theza Martins

Juliana Barbosa de Segadas Vianna 962

O domínio da concessão: uma análise baseada nos usos de construções oracionais com *mesmo que, ainda que* **e** *se bem que*

The domain of concession: an analysis based on the uses of clause constructions with mesmo que, ainda que and se bem que

Maria Maura Cezario

Thiago dos Santos Silva

Juliana Sant'anna 997

Análise dos conectores "*com o objetivo de*" e "*com o intuito de*" à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso

*Analysis of the connectors "*com o objetivo de*" and "*com o intuito de*" from the perspective of Usage-Based Functional Linguistics*

Ivo da Costa do Rosário

Brenda da Silva Souza 1032

O adjetivo no português brasileiro contemporâneo

The adjective in contemporary Brazilian Portuguese

José Romerito Silva

Ana Catarina Ferreira Cabral Oliveira 1056

Psicolinguística e Modelos Baseados no Uso

Psycholinguistics and Usage-based Models

Neemias Silva de Souza Filho

Mahayana Cristina Godoy 1103

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 472-495, 2022

Modelos baseados no uso: um panorama de pesquisas em língua portuguesa brasileira com base em dados empíricos

Usage-based Models: an Overview of Research in Brazilian Portuguese Grounded on Empirical Data

Maria Angélica Furtado da Cunha
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte / Brasil
angefurtado@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-3128-6852

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
adornomarciotto@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-1857-0207

Resumo: Com o objetivo de traçar um perfil das pesquisas mais recentes orientadas por modelos baseados no uso, este artigo reúne trabalhos fundamentados em dados empíricos, principalmente no âmbito de dois projetos principais: Grupo D&G (Discurso de Gramática -UFRN/UFRJ/UFF) e Projeto CAPB (Corpus Acadêmico do Português Brasileiro – UFMG/UFV). Na tentativa de mostrar a proeminência dessa linha de pesquisa, principalmente no que concerne à formação de pesquisadores de alto nível, as pesquisas aqui reunidas dialogam entre si, assinalando a relevância dos resultados encontrados em Português Brasileiro, e também apontando um crescimento importante e substancial no campo do discurso e da gramática funcional no país.

Palavras-chave: modelos baseados no uso; linguística funcional; *corpora*; gramática.

Abstract: Aiming at tracing a profile of the most recent research carried out in the field of Use-Based Linguistic Models, this paper brings together studies that relied on empirical data, mainly within the scope of two specific projects: CAPB Project (*Corpus Acadêmico do Português Brasileiro* – UFMG/UFV) and D&G (Grupo Discurso e Gramática-UFRN/UFRJ). In an attempt to show the prominence of the area, especially regarding training high-level researchers, the studies gathered here intertwine with each

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.472-495

other, underscoring the relevance of the results found in Brazilian Portuguese, as well as pointing to an important and sustained growth in the field of research in discourse and grammar in the country.

Keywords: usage-based models; functional linguistics; *corpora*; grammar.

1 Abordagens baseadas no uso: pressupostos teórico-metodológicos

Nas últimas décadas, as teorias linguísticas baseadas no uso ganharam maior projeção no domínio dos estudos da linguagem. Essas teorias entendem a gramática como uma estrutura em constante adaptação e mutação, em consequência de necessidades cognitivas e comunicativas dos falantes. Nesse sentido, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação. De acordo com diversos autores (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2016, 2015, entre muitos outros), a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada, de modo que a aparente regularidade e a instabilidade da língua são motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários no cotidiano social (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2016). Segundo Bybee (2016), as teorias baseadas no uso se desenvolveram diretamente do funcionalismo norte-americano, praticado por muitas décadas (NOONAN, 1998), e, em certo sentido, são apenas um novo nome para ele.

Um modelo linguístico que pretenda descrever e explicar a gramática com base no uso que dela fazem os indivíduos em suas interações verbais tem, necessariamente, que levar em conta as situações e os contextos comunicativos em que esse uso se atualiza. Sendo assim, os modelos baseados no uso se interessam pelos fatores cognitivos e comunicativos presentes no discurso contextualizado (TRAUGOTT, 2004), os quais, em última instância, são responsáveis pela estruturação da gramática. Esse tipo de abordagem assume a importância das funções da língua na descrição de suas formas, de tal modo que cada elemento linguístico deve ser caracterizado com respeito ao papel que ele desempenha nos processos reais de comunicação.

Diversas pesquisas evidenciam que, de um modo geral, as categorias linguísticas se comportam como as categorias conceituais humanas (LABOV, 1973; LAKOFF, 1987; TAYLOR, 1995; THOMPSON; HOPPER, 2001). Nessa direção, as categorias linguísticas são formadas

por meio do contínuo processo cognitivo de classificação, refinamento e generalização a partir das interações comunicativas diárias. A frequência de uso de um dado elemento motiva seu estabelecimento no repertório do falante e faz dele uma unidade de processamento, o que demonstra que o falante explora recursos gramaticais disponíveis para atingir seus objetivos comunicativos. Ao mesmo tempo, porém, a observação do discurso espontâneo revela padrões recorrentes que vão além do que é previsto pelas regras gramaticais, apenas, e a motivação para a existência desses padrões deve ser buscada no âmbito da cognição e da comunicação.

Tendo em vista que os modelos baseados no uso reconhecem que há uma relação direta entre as representações mentais da gramática e o processamento de instâncias da língua em eventos de uso, os *corpora* ganham importância no desenvolvimento de análises gramaticais. O desenvolvimento de amplos *corpora* de discurso contemporâneo falado e escrito bem como de textos históricos tornou possível testar hipóteses acerca dos efeitos do uso sobre a gramática.

Do ponto de vista metodológico, para o desenvolvimento de pesquisas fundamentadas em instâncias reais de gramática em uso, é necessário a constituição de *corpora* que reúnam um conjunto expressivo de dados para análise. Em geral, nas abordagens baseadas no uso é importante aferir tanto a frequência de ocorrência, ou seja, o número de vezes em que o elemento investigado ocorre no texto, como a frequência de tipo (BYBEE, 2006), isto é, o número de expressões diferentes que tal elemento tem, bem como a sua configuração no cotexto linguístico e no contexto comunicativo, e os processos sociointeracionais e cognitivos subjacentes ao seu emprego. Conforme já assinalado, um modelo baseado no uso toma a gramática como resultado da organização cognitiva de experiências com a língua. Alguns aspectos dessa experiência como, por exemplo, a frequência de uso de certas construções, têm um impacto na representação linguística do falante, comprovado no conhecimento que ele tem de expressões convencionalizadas e da variação e mudança linguísticas (BYBEE, 2006).

É importante também ressaltar que, nas abordagens baseadas no uso, a linguagem é concebida como um repertório de construções simbólicas, entendidas como mapeamentos de formas e padrões lexicais, morfológicos, sintáticos e prosódicos, com funções discursivo-pragmáticas específicas (SLOBIN, 1997; TOMASELLO, 2003; TROUSDALE; HOFFMANN, 2013). Como o foco no uso requer que

evidências empíricas sejam observadas para a produção de respostas satisfatórias a questões centrais de pesquisa, a compilação de um *corpus* pode ser vista como uma possibilidade de gerar conjuntos extensos de dados, direcionados a análises linguísticas variadas.

Diante desse panorama inicial, este artigo visa a reunir resultados de pesquisas orientadas por modelos baseados no uso, tendo como fio condutor os *corpora* compilados pelo grupo de estudos Discurso & Gramática e pelo Projeto CAPB (*Corpus* Acadêmico do Português Brasileiro).

2 O grupo de estudos Discurso *&* Gramática: *corpora* e trabalhos produzidos

O grupo de estudos Discurso & Gramática (D&G) reúne professores, doutorandos, mestrandos e alunos de iniciação científica de três IES – UFRN, UFRJ e UFF – que seguem a orientação funcionalista norte-americana[1]. Quanto aos objetivos de pesquisa, o grupo está centrado no exame da trajetória da língua, que surge no discurso, se cristaliza na gramática e pode retornar ao discurso. Em termos teóricos e empíricos, trabalhamos no intuito de melhor compreender a evolução da gramática do português. Para tanto, aplicamos, testamos e desenvolvemos os princípios e categorias do funcionalismo norte-americano contemporâneo na descrição e interpretação de diferentes aspectos gramaticais do português, analisando manifestações de mudança/variação morfossintática em textos falados e escritos. Buscamos, ainda, estabelecer uma interface com questões relativas ao ensino e à aprendizagem da língua portuguesa, com a finalidade de contribuir com subsídios para uma prática produtiva do ensino de gramática. Mais recentemente, o D&G tem incorporado em suas pesquisas contribuições teórico-metodológicas da Gramática de Construções, resultando em nova orientação denominada Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). O grupo tem contribuído significativamente para a formação de mestres e doutores funcionalistas e de alunos de graduação, nesse caso por meio de programas de iniciação científica. Essa formação de recursos humanos tem-se desdobrado na criação de novos grupos de pesquisa de base funcionalista em outras instituições de ensino superior.

[1] Maiores informações em https://discursoegramaticablog.wordpress.com

O D&G é responsável pela constituição de *corpora* que registram o português do Brasil, a exemplo do *Corpus Discurso & Gramática* – a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998). Resultante de um projeto interinstitucional que abrangia diferentes IES, a exemplo da UFRN, UFRJ, UFF e UFJF, esse *corpus* registra dados de fala e escrita utilizados como fonte empírica para diversas pesquisas de orientação funcionalista como também para investigações sociolinguísticas. Os documentos que o compõem foram produzidos pela comunidade estudantil de Natal/RN na década de 1990. Trata-se de uma coletânea de textos divididos em narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião, contemplando sequências tipológicas distintas. Cada um dos informantes produziu os textos oralmente e, a partir daí, elaborou o material escrito, de modo que o *Corpus* viabiliza uma comparação mais rigorosa entre as modalidades oral e escrita.

Na coleta de dados para a constituição desse *corpus*, foram seguidas algumas instruções necessárias para garantir uma condição de comunicação que se aproximasse o máximo possível de uma situação real e espontânea de interação. Assim, os dados não refletem uma situação de completa naturalidade, muito embora não tenha havido, também, um total planejamento. Pode-se, portanto, classificar o *corpus* como representativo de um discurso semiplanejado. Ou seja, apesar de as sequências tipológicas não representarem conversação natural, elas são, todavia, interacionais. Cabe notar que esse banco de dados representa a primeira amostra de uso real da língua pelos falantes de Natal, o que ressalta seu valor documental.

Esse material empírico tem servido de base para a investigação de fenômenos linguísticos diversos, especialmente em dissertações de mestrado e teses de doutorado que se fundamentam em vertentes teóricas baseadas no uso. A título de ilustração, citamos os seguintes trabalhos: Costa (1995), sobre os procedimentos de manifestação do sujeito; Silva (2008), que trata das motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação; Bispo (2009), quanto às estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino e Cesar (2020), sobre uso, cognição e rede construcional do evento de movimento transitivo.

Outro conjunto de dados de natureza regional é o *Banco Conversacional de Natal* (FURTADO DA CUNHA, 2011). Consiste em

um *corpus* de fala estruturado que retrata a fala casual dos natalenses, refletindo o discurso natural, espontâneo, sobre o dia a dia. As conversas foram reunidas por temática e os eventos foram registrados em recintos onde as pessoas se reúnem e onde a atenção não estivesse voltada diretamente à linguagem, mas à atividade interacional em curso. Além do trabalho de gravação e transcrição, procedeu-se também à segmentação do material transcrito em unidades entonacionais. "Unidade entonacional" pode ser rudimentarmente caracterizada como uma porção de discurso produzida sob um único contorno entonacional coerente. Segundo Chafe (1994), a unidade entonacional representa a unidade fundamental do processo de produção do discurso falado. Essas unidades são limitadas por pausas que o falante naturalmente produz na fala. Significa dizer que cada pausa marca uma frase entonacional e cada unidade entonacional foi transcrita em uma mesma linha.

O Banco Conversacional de Natal (BCN) pode fornecer comprovação empírica para os trabalhos desenvolvidos não só no interior do grupo de estudos Discurso & Gramática da UFRN, mas também para dissertações e teses que seguem outras orientações teóricas. O BCN serve como fonte de dados e material de constantes pesquisas para a comunidade acadêmica por ser a primeira amostra do estado do Rio Grande do Norte que contempla o discurso natural, espontâneo, dos falantes natalenses. Esses dados são relevantes para todos os estudiosos que se interessam por análises linguísticas de cunho discursivo e interacional. Algumas pesquisas desenvolvidas no âmbito da UFRN utilizando esse *Corpus* são: Melo (2011), sobre construções de estrutura argumental com verbos de percepção; Lima (2013), que trata da transitividade na conversação; Lucena (2016), a respeito da construção transitiva no PB.

No Brasil, os modelos baseados no uso vêm sendo aplicados na análise de diferentes fenômenos gramaticais por pesquisadores de diversas universidades brasileiras. Essas aplicações podem ser vistas, por exemplo, em Rosário e Oliveira (2016), a respeito da mudança linguística da construção LocVconect; Bispo e Moreira (2017), acerca dos processos de mudança da construção na hora (em) que + oração; Santos e Cezario (2017), em torno da formação da construção XQUEconect no português; Fumaux, Alonso e Cezario (2017), quanto à construcionalização de um monte de SN; Silva e Sabino (2020) sobre a construção estativa com o verbo 'ser'; Chaves (2020), que trata da construção SN+V+ SN_{NU} e Furtado da Cunha (2020), sobre a semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica, entre tantos outros.

Vale citar, ainda, trabalhos que promovem o diálogo entre os modelos baseados no uso e o ensino de línguas, a exemplo de Santos (2005), acerca das metáforas e metonímias no contexto de ensino-aprendizagem de língua espanhola; Costa (2007), a respeito da estrutura e funcionamento dos pré-fabricados linguísticos; Bispo e Silva (2020), sobre o tratamento da oração adjetiva no Ensino Fundamental; Rosário (2021), quanto ao ensino de sintaxe na Educação Básica; Freitas Jr. *et al*. (2020, 2021), sobre diversos aspectos da aquisição de escrita de L2 (segunda-língua) por aprendizes surdos.

3 O Projeto CAPB e a formação de pesquisadores em linguística funcional: estudos em perspectiva

O *Corpus* Acadêmico do Português Brasileiro (CAPB) é um projeto inicialmente desenvolvido pela Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade Federal de Viçosa (MIRANDA; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2018). A inciativa de compilar o CAPB, que pode ser acessado gratuitamente em https://sites.google.com/view/corpusacademico, foi duplamente motivada. Em primeiro lugar, a compilação do *Corpus* surgiu da necessidade de criar um banco de dados representativo do gênero acadêmico brasileiro, empreendimento já bem-sucedido e consolidado, por exemplo, em países de língua inglesa (WEBB; NATION, 2017), mas ainda incipiente em língua portuguesa brasileira. Em segundo lugar, e não menos importante, a criação do CAPB corroborou a inciativa de formar recursos humanos de alta capacidade para a realização de pesquisas linguísticas variadas no âmbito de grupos de pesquisa já consolidados no Brasil, tais como o GEPTED-CNPq (Grupo de Estudos em Pragmática, Texto e Discurso), com sede na Faculdade de Letras da UFMG.

Composto por artigos científicos das oito grandes áreas de conhecimento do CNPq: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências da Saúde, Engenharias, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes, o CAPB contém 2.898 artigos científicos, disponíveis no portal SciELO, e aproximadamente 12,3 milhões de *tokens*, calculados com auxílio do programa *Kitconc* (MOREIRA FILHO, 2008).

A seleção de artigos acadêmicos disponíveis no Portal SciELO justificou-se pela variedade de periódicos compartilhados pelo *site*, bem como pela disponibilidade da licença *Creative Commons*, que abrange todos os textos nele publicados, permitindo sua distribuição e adaptação, desde que atribuído o devido crédito ao original.

Entre as pesquisas de base funcional realizadas com base no CAPB, destaca-se o trabalho de Miranda (2021). Nesse estudo, os fundamentos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) possibilitaram a identificação de categorias descritivas do português brasileiro (PB), que foram analisadas com base na observação dos padrões de realização específicos. A pesquisa objetivou, dessa forma, centrar-se na interpretação da língua descrita – o português acadêmico brasileiro – sem tomar emprestado as categorias de outras línguas, por exemplo, o inglês, tão largamente analisado nessa área. Objetivou-se, assim, proceder a uma descrição linguística, com base em evidências de instâncias textuais particulares (CAFFAREL *et al*., 2004).

Considerando-se que a teoria sistêmico-funcional entende a língua como um sistema multidimensional semiótico, cuja organização projeta-se nas descrições linguísticas reveladoras de potencial para construção de significados, a abordagem semiótica é tida como holística e não-componencial, pois enfatiza a proeminência da organização sistêmica das línguas estudadas.

Para analisar o sistema da transitividade no vocabulário acadêmico de diferentes áreas do conhecimento em PB, Miranda (2021) adotou a proposta da divisão vocabular de Nation (2001) e de Webb e Nation (2017), além de empregar variadas ferramentas da Linguística de *Corpus*, tais como os softwares *Kitconc, #LancsBox* e *Sketch Engine*.

Do ponto de vista sistêmico, a TRANSITIVIDADE representa um mecanismo do estrato da léxico-gramática, responsável por representar ações e atividades em uma configuração de processo, que conta com participantes e circunstâncias (figuras) envolvidas. Por sua vez, os processos constroem-se em um conjunto de TIPOS DE PROCESSOS, em que cada tipo configura um modelo distinto para a construção de um determinado domínio da experiência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Ao representarem a experiência externa e interna do mundo, os processos são classificados em três tipos primários, considerados os mais frequentes no sistema da transitividade da língua inglesa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). São eles os processos materiais (figuras de fazer), mentais (figuras de sentir) e relacionais (figuras de ser). Há, ainda, os processos considerados secundários: verbais, comportamentais e existenciais, que estão na fronteira entre os primeiros e que parecem ser mais sujeitos à variação entre diferentes línguas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

Na pesquisa de Miranda (2021), foi possível observar que os dez verbos mais frequentes analisados, a saber, *apresentar, utilizar, realizar, considerar, observar, encontrar, ocorrer, mostrar, analisar* e *determinar*, correspondem aos processos centrais e secundários classificados por Halliday e Mathiessen (2014). Registrou-se, ainda, a ocorrência de processos materiais, relacionais e mentais, havendo menor ocorrência de processos verbais e existenciais.

Além disso, e ainda mais importante do ponto de vista da descrição do PB, os resultados obtidos nessa pesquisa reafirmaram que as escolhas de cada tipo de processo, associadas à configuração da sentença e dos participantes que integram os processos, refletem as características do gênero acadêmico, que objetiva, em linhas gerais, reportar ações realizadas em uma pesquisa (processos materiais), expor teorias e resultados (processos relacionais) e analisar os dados e conceitos (processos mentais).

Nessa direção, no trabalho de Miranda (2021), é também digna de nota a prevalência da omissão do participante autor (A1), registrada de diferentes formas, por exemplo, pelo uso da voz passiva, pelo emprego de terceira pessoa do singular acrescido da partícula *se,* além do emprego de nominalizações, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

(1) Os perfis **foram analisados** no aplicativo "GPR Bathymetry", aplicando ao radargrama a função "set time zero" para a localização e remoção da onda direta (MIRANDA, 2021, p. 70).

(2) Da constelação de cinco satélites RapidEye, **utilizaram-se** [processo material] as cenas 2226120 e 2226121, datadas de 27 de setembro (MIRANDA, 2021, p. 70).

(3) A comparação [nominalização] no Ciclo II **mostrou** [processo relacional] desempenho inferior do GP II em relação ao GC II em todas as variáveis estudadas. (MIRANDA, 2021, p.70).

Um outro recorte de pesquisa realizada por meio do CAPB foi o estudo de Oliveira, Cunha e Miranda (2018), em que as instâncias de nominalização em textos acadêmicos foram observadas do ponto de vista da polidez linguística. Um dos fundamentos dessa pesquisa centrou-se na afirmação de Brown e Levinson (1987, p. 208), segundo a qual "Quanto mais 'nominal' for uma expressão, mais removido o ator é de fazer, sentir ou ser algo; em vez do verbo ser algo atribuído a um ator, o ator torna-se atributo (i. e. adjetivo) da ação".

Visto por esse ângulo, o emprego da nominalização atenua um potencial confronto direto entre os interlocutores e, por isso, funciona como uma estratégia de polidez negativa (BROWN; LEVINSON, 1987). Assim, embora o trabalho de face (*facework*) em interações mediadas por textos escritos seja menos intenso do que aquele que ocorre em interações presenciais, a negociação de imagens é um aspecto importante do discurso, que pode ser analisado, por exemplo, tomando-se como base as propriedades lexicais, sintáticas e semânticas de textos variados.

Nessa perspectiva, na hipótese de Oliveira, Cunha e Miranda (2018), o emprego de instâncias de nominalização em artigos científicos cumpre a função de responder a pressões discursivas, ligadas ao caráter interpessoal do texto acadêmico. As instâncias de nominalização colaboram, assim, para estabelecer a relação entre o autor do texto acadêmico e o seu leitor potencial, ou seja, trata-se de uma relação criada entre os membros da comunidade científica na qual o texto acadêmico insere-se. A análise de dados extraídos do CAPB ajudou a ratificar a hipótese de Oliveira, Cunha e Miranda (2018), como pode ser observado no exemplo a seguir:

> (4) Quando da execução da AC, 26 pacientes foram desconsiderados pelo próprio procedimento estatístico, que excluiu casos com valores missing para qualquer variável utilizada na construção dos clusters. (Trecho retirado da área de Medicina II). (OLIVEIRA; CUNHA; MIRANDA, 2018, p. 35).

Nesse exemplo, o termo (construção) constitui-se em uma estratégia de proteção de face do próprio autor do texto. Vista dessa forma, a instância de nominalização permite ao autor do texto renunciar à responsabilidade direta por possíveis inconsistências que o leitor possa eventualmente identificar em sua pesquisa. A instância de nominalização atua, nesse caso, como estratégia de polidez negativa em relação à face do autor do texto. Assim, por meio da não-expressão do A1 (participante 1) do processo em destaque (construir), a reputação do pesquisador é resguarda em caso de possíveis críticas a seu estudo, feitas por terceiros. A instância de nominalização torna, portanto, a face do autor do artigo menos exposta a ataques, além de proteger sua intimidade e autonomia.

Na mesma direção, o exemplo (5) apresenta um uso considerado complexo das instâncias de nominalização que, novamente, exercem um papel interpessoal de destaque:

> (5) O gás de síntese é aplicado na formação do metanol e nos processos de Fischer - Tropsch, visando à produção de combustíveis líquidos, olefinas e compostos oxigenados. (Trecho retirado da área de Química). (OLIVEIRA; CUNHA; MIRANDA, 2018, p. 47).

Nesse exemplo, o termo "formação" evidencia um processo que tem como A1 (participante 1) o próprio autor do artigo. Por meio da instância de nominalização (*formação*), o processo (*formar*) é colocado em primeiro plano, sem que seu agente seja expresso. Do ponto de vista pragmático, esse uso pode ser interpretado como uma estratégia de mitigação de possíveis ataques à face negativa do leitor, pois, caso não lançasse mão do emprego de uma instância de nominalização, o autor do texto seria compelido a descrever o encadeamento causal das diversas etapas da pesquisa, incluindo a seleção do gás de síntese, sua aplicação e a resultante formação do metanol, tornando o texto mais prolixo. Com o emprego da instância de nominalização, no entanto, a expressão linguística é compactada, tornando-se mais densa do ponto de vista lexical (HALLIDAY; MARTIN, 1993). Essa estratégia apela, portanto, para o reconhecimento da face negativa do leitor, pois impõe a ele uma menor quantidade de material de leitura, como também torna menos direto o apelo feito a ele pelo reconhecimento dos resultados comunicados na pesquisa.

Além disso, nesse e em outros trechos identificados por Oliveira, Cunha e Miranda (2018), registra-se um outro efeito do uso de nominalizações, ligado à valorização da face positiva do leitor. Isso ocorre porque o autor do texto atribui ao leitor potencial uma habilidade, ou uma certa capacidade técnica, o que associa esse emprego a um ato lisonjeiro de face (*Face Flattering Acts*, segundo Kerbrat-Orecchioni, 1992, 2006 e Leech, 2014). Sob essa ótica, valores considerados positivos no domínio acadêmico, tais como competência, conhecimento avançado e interesse por assuntos complexos, são indiretamente atribuídos ao leitor, já que ele é convidado a recuperar discursivamente elementos omitidos no texto, por exemplo, o participante A1 dos processos nominalizados.

O Projeto CAPB também serviu de base para o estudo de Alves, Miranda e Oliveira (2020), que investigou, em resumos do domínio acadêmico, as relações semânticas promovidas pela CONJUNÇÃO, sistema do estrato semântico-discursivo. Nesse domínio, a pesquisa buscou identificar: (a) as funções da CONJUNÇÃO em um *Corpus* de amostras da língua em uso; (b) a relação entre esse sistema e o contexto – em particular, o campo (*field*); e (c) as possibilidades de realização da CONJUNÇÃO no estrato léxico-gramatical. Para alcançar esse propósito, Alves, Miranda e Oliveira (2021) compilaram uma amostra de resumos de artigos científicos, extraída do CAPB, contendo 650 resumos da área de saúde, retirados de 29 revistas acadêmicas pertencentes ao SciELO. Nesse estudo, Alves, Miranda e Oliveira (2021) conceberam CONJUNÇÃO como um sistema semântico-discursivo que permite a interconexão entre processos de adição, comparação, tempo e consequência (MARTIN; ROSE, 2007). Esses significados podem ser realizados de diversas formas, por exemplo, por meio de grupos conjuntivos, ou por outros tipos de termos, que não pertencem à classe das conjunções tradicionais. De forma geral, esses significados e suas relações ocorrem de maneira implícita no texto (MARTIN; ROSE, 2007), ou seja, as realizações deles não são procedidas na léxico-gramática, mas nos próprios elementos que compõem a oração (ALVES, 2018).

Além disso, no sistema de CONJUNÇÃO proposto por Martin (1992), consideram-se como elementos da figura a entidade (*entity*), o evento (*event*) e a qualidade (*quality*) (HAO, 2015; MARTIN; ROSE, 2007). Esse aspecto pode ser observado no exemplo (6), a seguir, em que a figura é realizada gramaticalmente por um processo material, cujos Participantes "variáveis numéricas" e "teste t ou ANOVA" constroem uma entidade no estrato semântico-discursivo.

(6) Variáveis numéricas foram comparadas por teste t ou ANOVA (ALVES; MIRANDA; OLIVEIRA, 2021, p. 14).

Além disso, as entidades contribuem para a construção do campo (*field*), como se observa no exemplo (7):

(7) a. Foram encontradas 2% de fraturas, 2% de osteonecrose e 2,9% de baixa DMO.

b. Os 16 pacientes com risco para baixa DMO exibiram menores valores em vértebras lombares L1-L4 (p=0,01), corpo total (p=0,005) e valores mais baixos de massa magra (p=0,03).

c. No grupo de 22 pacientes com mais de 20 anos, dez demonstraram osteopenia (ALVES; MIRANDA; OLIVEIRA, 2021, p. 13).

Nesse exemplo, as figuras de eventos 7b e 7c são engendradas por entidades; porém, não se trata aqui de uma entidade pessoa (*people entity*), mas sim uma entidade ente (*thing entity*). Dessa forma, como observado por Hao (2015), a distinção de diferentes atividades no campo (*field*) pode ser feita por uma perspectiva "de cima" em que as figuras engendradas por uma entidade pessoa, na fase experimento, realizam, no campo, uma atividade exercida pelo pesquisador, como uma entidade ente, uma atividade observada por ele.

Quanto à realização do sistema de CONJUNÇÃO em resumos do domínio acadêmico, os dados de Alves, Miranda e Oliveira (2021) revelaram que as relações conjuntivas no estrato semântico relacionam figuras e sequências de figuras, de modo a constituir a fase discursiva, como pode ser observado no exemplo (8):

(8) a. Em estudo transversal com 101 pacientes, avaliaram-se a composição corporal e a DMO por meio da densitometria óssea,

b. interpretando-a conforme a faixa etária e a população de referência.

c. Foi considerado grupo de risco para baixa DMO valores de z-escore entre -1,1 e -1,9 no grupo dos menores de 20 anos.

d. Compararam-se os valores da DMO com características clínicas, tratamento recebido e composição corporal.

e. Foram utilizados os testes qui-quadrado, exato de Fisher, razão de verossimilhança e t de Student, com nível de significância de 5%. (ALVES; MIRANDA; OLIVEIRA, 2021, p. 17).

Constatou-se que, no que se refere à fase de descrição dos experimentos desenvolvidos na área da Saúde, as CONJUNÇÕES sucessivas, como se observa no exemplo (8), contribuem para construir, no campo (*field*), sequências de atividade que mostram os passos metodológicos realizados pelo pesquisador: uma figura segue a outra em sequência. A fase experimento, por outro lado, é diferente da dos resultados, em que as CONJUNÇÕES aditivas dizem respeito a atividades observadas por ele, como foi mostrado no exemplo (7). Diante desses aspectos, reafirma-se que esse sistema do estrato semântico-discursivo contribui para a construção do campo e, portanto, para a criação do gênero (*genre*).

Neste texto, procuramos apresentar um panorama sucinto das pesquisas mais recentes, desenvolvidas pelas autoras e por seus colaboradores, no âmbito dos modelos linguísticos baseados no uso em Português Brasileiro. As evidências teóricas e empíricas apresentadas sugerem um amadurecimento da pesquisa nesse campo, com especial ênfase para a capacitação de pesquisadores qualificados. Como foi possível observar, esse aspecto motivou também a formação de *corpora* linguísticos, em cujo escopo o uso linguístico efetivo pode ser identificado e analisado. Vistos por esse ângulo, os artigos que compõem este número, brevemente descritos a seguir, contribuem, de forma substancial, para a pesquisa na área.

4 Considerações finais

Este número temático da RELIN, dedicado a pesquisas relacionadas a *Modelos baseados no uso: teoria, análise e ensino* é inaugurado pelo artigo de *Leila Cruz Magalhães e Luiz Fernando Matos Rocha*, intitulado **A emergência da Interação Fictiva em sala de aula como estratégia de ensino e aprendizagem**. Nessa pesquisa, os autores investigam manifestações específicas de fictividade em dados linguísticos orais coletados por Cadilhe (2013) em aulas ministradas em um curso de graduação em medicina. Constatam que o fenômeno da fictividade estrutura o ensino e a aprendizagem e atua como um dispositivo moderador de ambos os processos.

Fernanda Bispo Correia, no artigo **Implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das personas de História da Minha Infância, de Gilberto Amado**, demonstra como

os perfis sociais de personagens de uma obra literária vinculam variantes linguísticas específicas. Essa vinculação incide em relações hierárquicas linguisticamente marcadas, tais como relações simétricas (igualdade/afinidade) e assimétricas (inferioridade e superioridade, que são assinaladas pelo uso de pronomes e de formas pronominais, como *você*, *tu*, *vosmecê*, *senhor*, *Vossa Senhoria*, *Coronel*, que estão diretamente correlacionadas ao papel social desempenhado na sociedade ali retratada.

Em **Mapeamento de padrões construcionais com o verbo virar na língua portuguesa**, *Pedro Gomes da Silva Neto* e *Déborah Magalhães de Barros* analisam os usos do verbo *virar* com o propósito de mapear um conjunto de padrões construcionais a ele associados. Filiado à abordagem construcionista, o estudo constatou os usos do verbo *virar* nas construções de Movimento Causado, de Movimento Intransitiva, Resultativa Intransitiva, de [Pronome Oblíquo + virar] e de [virar e mexer + Oração] em Português Brasileiro. Além disso, foi reafirmado que o agrupamento de representações, atribuído ao esse verbo, engloba diferentes contextos de uso e assume variados padrões oracionais com base nos quais usos mais específicos emergem.

No estudo **A construção lexical SNLoc atributiva em uso no Português Contemporâneo**, *Milena Torres de Aguiar*, em pesquisa de viés pancrônico, feita com base no do *Corpus* do Português para analisar as sincronias passadas, e do *Corpus* Discurso & Gramática para os usos do século XX, observa que a macroconstrução SNLoc atributiva, recorrente no português contemporâneo, tem produtividade maior na modalidade falada e em sequências de fundo narrativo. Além disso, o locativo unido ao SN assume um sentido de imprecisão, distinto do original, constituindo-se em um novo par forma e sentido, do tipo endocêntrico, complexo, produtivo e parcialmente composicional.

Em **Gramática de construções diassistêmica: uma abordagem aquisicional baseada no uso**, *Roberto de Freitas Jr, Lia Abrantes Antunes Soares, João Paulo da Silva Nascimento* e *Vitor Luiz Vieira da Silveira* discutem a aquisição de L1 e L2, a partir dos princípios teóricos da Gramática de Construções Diassistêmica (GCxD) e da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Centrando-se em questões teóricas com base em dados originários de pesquisas com foco no conhecimento gramatical de falantes não nativos do português brasileiro (PBL2) e do inglês (IL2), os dados do estudo revelam a instanciação de padrões (i) [(ESP) N] no contexto de aquisição do PBL2 e (ii) [(X) VSN] no contexto de aquisição do IL2.

O estudo **O conceito de 'construção' e a prática de reflexão linguística no ensino de língua materna: potencialidades e desafios com foco no uso**, desenvolvido por *Maitê Moraes Gil* e *Maity Siqueira*, apresenta uma proposta de intersecção do conceito de 'construção', originário da Gramática Cognitiva, com prática de reflexão linguística em aulas de língua materna. Para isso, foram analisadas construções com verbos de movimento ('ir', 'vir' e 'chegar') seguidos pelas preposições 'a', 'em' e 'para', retirados do *Corpus* TecEM. Nos resultados do estudo, são destacadas as potencialidades e os desafios relacionados à inclusão do conceito de 'construção' em práticas didáticas no ensino de língua materna.

No texto, **A rede construcional [[para lá de] [X]] no português do século XXI**, *Mariangela Rios de Oliveira* e *Vanessa Barbosa de Paula* analisam instâncias dos subesquemas que integram a rede construcional [[para lá de] [X]] no português contemporâneo do Brasil (PB) e de Portugal (PE) do século XXI. Em seus resultados, as autoras apontam como [[para lá de] [X]] distribui-se em diferentes pareamentos de forma e sentido, formando uma rede de construções interconectadas vertical e horizontalmente. A rede construcional também apresentou produtividade relativa na língua, demonstrando que a gradiência exibida na sincronia atual está ligada a contextos de emergência da construção de grau intensivo [[para lá de] [X]], bem como a mudanças ocorridas na pós-construcionalização.

Em **Modelagem de produção de texto sintético como subsídio para a aplicação na Pedagogia de Gênero**, *Giacomo Patrocinio Figueredo, Karen Andressa Teixeira Santorum, Nathan Botelho Andrade* e *Lucas Alexandre Damasceno* apresentam um modelo de produção de texto sintético que difere da seleção não-sistematizada por preconizar a natureza quantitativa da língua com base no uso para a seleção de 'textos-modelo'. Dessa forma, por meio da apresentação de um processo de modelagem de um texto sintético do domínio da Popularização da Ciência, o artigo demonstra como a modelagem de textos sintéticos pode servir como subsidio eficiente para aplicação no ensino.

No artigo **Um estudo de construções com o verbo deixar em fala espontânea do português brasileiro: aspectos gramaticais/ discursivos e análise acústica**, *Luis Filipe Lima e Silva* e *José Carlos Costa, Sueli Maria Coelho* centraram-se no comportamento do verbo *deixar* no português brasileiro tendo como base dados de fala espontânea extraídos do *Corpus* C-ORAL-BRASIL I. Os resultados demostram um

maior uso do verbo com função discursiva, manifestado pela construção [deixa eu], seguida da função gramatical e da função lexical. Quanto à função gramatical, esta está inserida na construção da qual o verbo participa, sugerindo um processo de construcionalização em andamento. Na análise acústica, foi demonstrado que construção [deixa eu] encontra-se em um estágio mais avançado de mudança, associado à sua função de marcador discursivo.

No artigo **Os usos de processos materiais acadêmicos em artigos científicos,** *Monique Vieira Miranda* analisa os processos materiais acadêmicos mais frequentes em um *corpus* de artigos científicos (CAPB), tendo como fundamento os preceitos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Os resultados demonstram que, dentre os dez verbos acadêmicos mais frequentes, seis realizaram orações materiais, sendo eles: *apresentar, utilizar, realizar, encontrar, analisar* e *determinar.* No estudo, a análise contrastiva entre as áreas de conhecimento permitiu verificar que a diferença de uso está centrada na forma como diferentes áreas optaram por empregar os processos materiais, bem como nas implicações textuais e discursivas decorrentes dessas escolhas.

Em **A polissemia da construção relacional binominal SN1 de SN2 no Português Brasileiro**, *Carolina Piechotta Martins Santos* e *Karen Sampaio Braga Alonso* fundamentam-se no modelo de Ponto de Referência e na Linguística Baseada no Uso para descrever a construção relacional binominal do tipo N1 de N2 no português brasileiro, com respeito a sentidos variados, tais como, parte-todo, localização e especialização. Utilizando os dados do *Corpus do Português*, as autoras investigam a polissemia da construção para verificar a hipótese de haver um continuum entre dois domínios – o da POSSE e o da ESPECIFICAÇÃO nessas construções.

No artigo **A rede de construções causais na diacronia do português,** *Bruno Oliveira* e *Maria da Conceição Paiva* analisam a rede de construções causais do português ao longo dos séculos XIII a XXI com o objetivo de identificar as mudanças nos *links* entre essas construções. Nos resultados, foi constatada uma distribuição bastante diferenciada das construções causais ao longo dos séculos, bem como alterações quanto à sua maior ou menor centralidade em diferentes domínios, sugerindo a ocorrência de processos de expansão ou de especialização registrados ao longo de sua evolução.

Nilza Barrozo Dias e *Angelina Maganha Grigorio da* Silva investigam, no artigo **A posição da oração completiva em construções subjetivas: o papel do design visual na dinâmica das construções,** as construções subjetivas de modalização (deôntica e epistêmica) e de avaliação. Com base na perspectiva de modelos centrados no uso, 214 dados de uso foram coletados do *site* da rede social *Facebook.* Os resultados demonstram que a motivação discursiva determina a ordem da oração subjetiva avaliativa em relação à sua matriz. Além disso, do ponto de vista textual-discursivo, a construção subjetiva atua como uma "ilha" de valor impessoal e genérico, cercada por informações pessoais e por experiências pessoais.

Em ***Processamento, representação e variação do plural das palavras terminadas em ditongo oral decrescente do PB****, Thiago Lucius Alvarez Amaral* e *Christina Abreu Gomes* centram-se na alternância entre formas de plural de nomes cujo singular termina no ditongo oral decrescente terminado em *-u*, como em *pneus ~ pneis*, *espanhóis ~ espanhous*. Com base nos pressupostos da teoria dos Modelos de Exemplares, os resultados do estudo confirmam a competição de dois padrões de plural sobre as representações das palavras no léxico, conforme observado em dados experimentais.

No texto **Casar (marry) x Noivar (engage): a Usage-Based Analysis for the Caused-Action Construction in Brazilian Portuguese,** *Larissa Santos Ciríaco, Thaís Maira Machado de Sá e Clarice Fernandes Santos* investigam a ocorrência de um tipo de construção causativa em português brasileiro, exemplificada por "O pai casou a filha", que, restrita a poucos verbos, tem se tornado bastante usual em Português Brasileiro. Nos resultados, as autoras advogam que essas construções são restritas por um cenário convencionalizado de investimento pessoal, seja ele financeiro, emocional ou social.

Em **A Colocação Pronominal no Português Brasileiro de Nova Iguaçu: o que os dados empíricos revelam da comparação entre fala e escrita?**, *Ana Luísa Theza Martins e Juliana Barbosa de Segadas Vianna* investigam, com base em amostras de fala e de escrita da cidade de Nova Iguaçu (RJ), o fenômeno da posição dos clíticos pronominais em lexias simples. Tendo como referencial a Sociolinguística Variacionista, são identificados os fatores sociais e linguísticos condicionantes da próclise, em detrimento da ênclise, nas modalidades oral e escrita. As autoras apontam, ainda, os elementos proclisadores tradicionais e não tradicionais mais frequentes nesse uso.

Maria Maura Cezario, Thiago dos Santos Silva e *Juliana Sant'anna*, no artigo **O domínio da concessão: uma análise baseada nos usos de construções oracionais com mesmo que, ainda que e se bem que**, analisam trezentos dados de construções oracionais adverbiais, sendo cem iniciadas com *ainda que*, cem com *mesmo que* e cem com *se bem que*, extraídas da aba Web do *Corpus do* Português. Os resultados apontam para diferenças nos usos devido a maior ou menor subjetividade e força de articulação de cada subesquema oracional e da oração matriz.

Em **Análise dos conectores com o objetivo de e com o intuito de à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso**, *Ivo da Costa do Rosário* e *Brenda da Silva Souza* analisam as propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas das microconstruções conectoras *com o objetivo de* e *com o intuito de*. Investigando dados provindos de *corpora* de modalidade escrita do português brasileiro contemporâneo (NUPACT-UFJF), os autores demonstram como a posição dos conectores implica diferentes valores discursivo-pragmáticos. Além disso, essas microcosntruções foram confirmadas como aloconstruções, testadas em um quadro de variação construcional.

No texto **O adjetivo no português brasileiro contemporâneo**, *José Romerito Silva* e *Ana Catarina Ferreira Cabral Oliveira* discutem o adjetivo no português brasileiro contemporâneo em uma ótica construcional, centrando-se em aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos, cognitivos e discursivo-pragmáticos. Dados do *corpus* mostram que a diversidade formal e funcional de construções adjetivas é motivada principalmente por fatores cognitivos e discursivo-pragmáticos.

No artigo **Psicolinguística e Modelos Baseados no Uso** *Neemias Souza Filho e Mahayana Godoy* demonstram que, embora haja diferenças, existe espaço na psicolinguística para modelos de processamento da linguagem assentados em noções importantes para os modelos linguísticos baseados no uso, tais como eficiência e objetivos comunicativos. Nessa direção, o artigo contribui para um incremento na colaboração entre linguistas e psicolinguistas que desenvolvem trabalhos com esses modelos teóricos.

Finalmente, mas não por último, agradecemos aos autores pela inestimável colaboração publicando neste número temático, bem como pela grande qualidade dos trabalhos apresentados. Convidamos também o leitor a esmiuçar o número, desejando que os temas tratados possam contribuir ainda mais para a realização de instigantes e desafiadoras pesquisas na área.

Agradecimentos

Maria Angélica Furtado da Cunha agradece ao CNPq a concessão da Bolsa de Produtividade em Pesquisa, processo no 306584/2020-4.

Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira agradece ao CNPq a concessão da Bolsa de Produtividade em Pesquisa, processo no 309492/2020-3

Referências

ALVES, R. J. *Os estatutos textual e semântico da conjunção*. 2015. 54 f. Monografia (Graduação em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

ALVES, R. J.; MIRANDA, M. V.; OLIVEIRA, A. L. A. M. O sistema de conjunção em resumos acadêmicos do PB: uma perspectiva semântico-discursiva com base na teoria sistêmico-funcional. *In*: ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, T. P. (orgs.). *Descrição funcional do português*: teoria e ensino. Campo Grande: Editora UFMS, 2021. p. 11-37.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage based models of language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BISPO, E. B. *Estratégias de relativização no português brasileiro e implicações para o ensino*: o caso das cortadoras. 2009. 164 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

BISPO, E. B.; MOREIRA, B. de L. Mudança construcional e construcionalização em estruturas do tipo na hora (em) que + oração. *Odisseia*, Natal, v. 2, n. esp., p. 144-163, 2017. DOI: 10.1680/1983-2435.2017v2n0

BISPO, E. B; SILVA, L. M. da. Abordagem funcionalista da oração adjetiva: uma intervenção pedagógica no ensino fundamental. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 1-21, 2020. DOI: 10.22168/2237-6321-21897.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness:* Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, New York, v. 82, p. 711-733, 2006. DOI: 10.1353/lan.2006.0186.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAFFAREL, A.; MARTIN, C.; MATTHIESSEN, M. I. M. (eds.). *Language typology*: a functional perspective. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2004.

CESAR, A. M. *Evento de movimento transitivo*: uso, cognição e rede construcional. 2020. 180 f. (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

CHAFE, W. *Discourse, consciousness and time*: the flow of displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

COSTA, M. A. *Procedimentos de manifestação do sujeito* – uma análise funcionalista. 1995. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1995.

COSTA, J. da L. *Pré-fabricados linguísticos*: estrutura e funcionamento dos sintagmas verbais idiomatizados. Por uma abordagem cognitivo-funcional em sala de aula. 2007. 315 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

FREITAS JR. R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. da S. *Aprendizes surdos e escrita em L2*: reflexões teóricas e práticas. V. 1. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ, 2020.

FREITAS JR. R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. da S. *Aprendizes surdos e escrita em L2*: reflexões teóricas e práticas. V. 2. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ, 2021.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (org). *Corpus Discurso & Gramática* – a língua falada e escrita na cidade do Natal. Natal: EDUFRN, 1998.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Banco conversacional de Natal*. Natal: EDUFRN, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A. A semântica da construção ditransitiva em perspectiva diacrônica. *Gragoatá*, Niterói, v. 25, n. 52, p. 785-808, 2020. DOI: 10.22409/gragoata.v25i52

FURTADO DA CUNHA, M. A.; TAVARES, M. A. *Funcionalismo e ensino de gramática*. Natal: EDUFRN, 2016.

HALLIDAY, M. A. *An introduction to functional grammar*. Oxford: Routledge, 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. *Writing science*. Literacy and Discourse Power. London: Flamer Press, 1993.

HAO, J. Reconsidering "cause inside the clause" in scientific discourse–from a discourse semantic perspective in systemic functional linguistics. *Text & Talk*, London, v. 38, n. 5, p. 525-550, 2015. DOI: https://doi.org/10.1515/text-2018-0013

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales*. Paris: Colin, 1992.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação*: princípios e métodos. São Paulo: Parábola, 2006.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1973.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*: what categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LEECH, G. *The pragmatics of politeness*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

LIMA, L. C. de. *A transitividade na conversação*: uma abordagem centrada no uso. 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

LUCENA, N. L. de. *A construção transitiva no PB*: uma abordagem funcional centrada no uso. 2016. 155 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2016

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations:* mapping culture. London: Oakville, 2008.

MARTIN, J.; ROSE, D. *Working with discourse*: meaning beyond the clause. 2. ed. London: Continuum, 2007.

MELO, S. A. S. de. *Construções de estrutura argumental com verbos de percepção*. 2011. 158 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

MIRANDA; M. V.; OLIVEIRA, A. L. A. M; OLIVEIRA, A. A. *Corpus de artigos acadêmicos do Português Brasileiro* (CAPB), 2018. Disponível em: <sites.google.com/view/corpusacademico/>. Acesso em: 10 jan. 2021.

MIRANDA, M. V. *Transitividade no vocabulário acadêmico em Português Brasileiro*: uma análise baseada em artigos científicos. 2021. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

MOREIRA FILHO, J. L. *Kitconc* 4.0, 2008. Disponível em: Disponível em <http://www.fflch.usp.br/dl/li/x/?p=435>. Acesso em: 10 out. 2021.

NATION, I. S. P. *Learning vocabulary in another language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

NOONAN, M. Nonstructuralist syntax. In: DARNELL, M.; MORAVCSIK, E.; NEWMEYER, F.; NOONAN, M.; WHEATLEY, K. (eds.). *Functionalism and formalism in linguistics*, v. I. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1998. p.11-31.

OLIVEIRA, A. L. A. M.; CUNHA. G. X.; MIRANDA, M. V. A nominalização deverbal como estratégia complexa de polidez em artigos científicos brasileiros. *In*: CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. (orgs.). *Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem.* Belo Horizonte: Ed. FALE, 2018. p. 261-282.

ROSÁRIO, I. da C. Texto e gramática na Educação Básica: como fica o ensino da sintaxe? *In*: WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, M. R. (orgs.). *Texto e gramática*: novos contextos, novas práticas. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 77-114.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, T. P. (orgs.). *Descrição funcional do português*: teoria e ensino, Campo Grande: Ed. UFMS, 2021.

SANTOS, M. A. P. *Metáforas e metonímias no contexto de ensino-aprendizagem de língua espanhola.* 2005. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2005.

SILVA, J. R. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. 2008. 310 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

SILVA, J. R.; SABINO, M. C. A construção estativa com o verbo 'ser'. *Gragoatá*, Niterói, v. 25, p. 757-784, 2020. DOI: 10.22409/gragoata.v25i52.

SLOBIN, D. I. The origins of grammaticizable notions: Beyond the individual mind. *In*: SLOBIN, D. I. (ed.). *The crosslinguistic study of language acquisition*. Mahwah: Erlbaum, 1997. p. 265–323.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1995.

THOMPSON, S. A.; HOPPER, P. J. Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation. *In*: BYBEE, J.; HOPPER, P. (eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure.* Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 27-60.

TOMASELLO, M. *Constructing a language*: a usage-based theory of language acquisition. Boston: Harvard University Press, 2003.

TRAUGOTT, E. C. Exaptation and grammaticalization. *In*: AKIMOTO, M. (ed.). *Linguistic studies based on corpora*. Tokyo: Hituzi Syobo Publishing, 2004. p.133-156.

TROUSDALE, G.; HOFFMANN, T. (eds.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WEBB, S.; NATION, P. *How vocabulary is learned*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 496-518, 2022

A emergência da Interação Fictiva em sala de aula como estratégia de ensino e aprendizagem

The emergence of Fictive Interaction in the classroom as a teaching and learning strategy

Leila Cruz Magalhães
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais / Brasil
leilinhamagalhaes@yahoo.com.br
http://orcid.org/0000-0002-7270-6972

Luiz Fernando Matos Rocha
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais / Brasil
luiz.rocha@ufjf.edu.br
http://orcid.org/0000-0001-5251-1652

Resumo: Este artigo investiga manifestações específicas de fictividade, como padrão cognitivo de representações discrepantes (TALMY, 2000), em dados linguísticos orais coletados por Cadilhe (2013) de aulas ministradas em um curso de graduação em medicina. De modo mais específico, recorre-se ao conceito de Interação Fictiva (PASCUAL, 2014), segundo o qual os usuários das línguas lançam mão do *Frame* de Conversa para estruturar o pensamento, a gramática e o discurso, a fim de que se evidencie seu potencial de aplicação como estratégia comunicativa de ensino e aprendizagem. Como metodologia, lança-se mão da mescla das abordagens *corpus-basede corpus-driven* com o propósito de balancear categorias teóricas e empiria. Como resultado, mapearam-se quatro padrões formais e funcionais de fictividade em Interação Fictiva: pergunta-resposta fictiva, pergunta fictiva, dêixis fictiva e discurso direto fictivo. Verifica-se, sobretudo na fala docente, que a fictividade é usada com frequência em momentos discursivos de explicação e argumentação. Porém, docente e discentes demonstram saber operar com cenários não verídicos a fim de obter acesso a cenários efetivos que envolvem o cotidiano da prática médica. Constata-se ainda que o fenômeno é um dispositivo moderador do ensino e da aprendizagem, como uma estratégia comunicativa que apela para o *Frame* de Conversa no sentido de aproveitar o que ele tem de mais pervasivo e entrincheirado nos sujeitos cognitivos e de interação, que é a própria conversa cotidiana.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.496-518

Palavras-chave: cognição; fictividade; interação fictiva; uso; sala de aula.

Abstract: This paper investigates specific manifestations of fictivity, such as the cognitive pattern of discrepant representations (TALMY, 2000), in oral language data collected by Cadilhe (2013) from undergraduate medical classes. More specifically, we use the concept of Fictive Interaction (PASCUAL, 2014), according to which language users use the Conversation Frame to structure thought, grammar and discourse, so as to highlight its potential for application as a communicative teaching and learning strategy. As a methodology, we use the blend of corpus-based and corpus-driven approaches to balance theoretical categories and empiricism. As a result, four formal and functional patterns of fictivity were mapped: fictive question-answer, fictive question, fictive deixis, and fictive direct speech. It was found, especially in teaching speech, that fictivity is often used in discursive moments of argumentation and explanation. However, teacher and students demonstrate to know how to operate with non-true scenarios in order to gain access to effective scenarios that involve medical practice. It is also noted that the phenomenon is a moderating device of teaching and learning, as a communicative strategy that appeals to the Conversation Frame to take advantage of what is most pervasive and entrenched in cognitive and interaction subjects, which is the everyday conversation itself.

Keywords: cognition; fictivity; fictive interaction; use; classroom.

Recebido em 06 de julho de 2021

Aceito em 23 de agosto de 2021

1. Introdução

Sob a ótica da Linguística Cognitiva, demonstramos, com este artigo, que a fictividade, como padrão linguístico-cognitivo estratégico e eficaz para ensino e aprendizagem, é efetivamente construída em situações comunicativas de sala de aula. Por mais que a fictividade seja uma categoria de análise já delimitada por teóricos como Talmy (2000) e Langacker (2008), cujos estudos não se voltam diretamente para o uso, é a partir da análise de suas manifestações reais que se verifica como e por que docentes e discentes a empregam em seus contextos discursivos de atuação. São os atores dessa cena que nos subsidiam e nos induzem o entendimento sobre como lidam com certas dificuldades e dúvidas relacionadas aos conteúdos ministrados. E este artigo defende que a fictividade tem papel central na busca de soluções e alternativas para que se dê conta de explicações, exposições, instruções e argumentações, típicas da sala de aula.

Desse modo, passamos a descrever e analisar expressões de Interação Fictiva (IF) encontradas em arquivo de áudio referente à gravação de uma aula ministrada em um curso de medicina. Entendemos como fictivas (PASCUAL, 2014; PASCUAL; SANDLER, 2016; TALMY, 2000) as construções que se encontram no limiar entre o real e o irreal, cujo uso modela pensamento, discurso e gramática para que se tenha acesso a domínios efetivos. Nos dadosanalisados, encontramos diversos exemplares fictivos, dentre eles, as dêixis fictivas, como em "**eu** vou passar isso pro paciente". No enunciado, o pronome pessoal dêitico "eu", integrado ao contexto em que se aplica, é fictivo, pois a professora que o enuncia, ao assumir a perspectiva dos discentes, está lhes ensinando como proceder diante de uma consulta e, para tanto, faz uso da primeira pessoa do singular fictiva ou genérica para exemplificar uma situação.

Já a Interação Fictiva, no sentido estrito, seria uma das formas de fictividade, marcada pelo emprego do *Frame*[1] de Conversa para organização do discurso (PASCUAL, 2014). Por exemplo, nos dados analisados, observamos expressões como " *'ah é o óbvio'* não sei, não sei se é isso que a gente vê hoje", em que o enunciador cria uma fala de um interlocutor fictivo ou não genuíno. No caso em questão, nenhum dos discentes havia dito a sentença "ah é óbvio" na situação comunicativa, porém a professora faz uso da expressão como se algum estudante tivesse pensado nisso, a fim de rebater uma suposta discordância, simulando, assim, um tipo de interação.

Nesse sentido, para a análise de dados como esses, optamos por um recorte do arcabouço teórico proposto pela Linguística Cognitiva: o estudo de Talmy (2000) acerca do conceito de fictividade; o de Pascual (2014) sobre a Interação Fictiva; e o de Traugott e Dasher (2005) acerca da intersubjetividade e subjetividade. Baseamo-nos ainda em Marmaridou (2000), sobre dêixis, em específico as dêixis genéricas, para a análise dos dêiticos fictivos.

Já os dados analisados foram cedidos pelo Prof. Dr. Alexandre Cadilhe (UFJF), que os coletou e os utilizou para sua tese intitulada "Anatomias da Aprendizagem: A expertise em comunicação na formação médica a partir da fala-em-interação", de 2013 (UFF). Eles dizem respeito a uma aula sobre atendimento a pacientes, ministrada aos discentes de um primeiro período de medicina. Nesse cenário, a professora lhes ensina aspectos interpessoais que devem ser levados em consideração em uma

[1] Baseamo-nos no entendimento de Fillmore (1982, 1985), segundo o qual *frame* é um sistema estruturado de conhecimentos, concernente à memória de longo prazo e esquematizado a partir da experiência.

consulta médica, como se portar diante do paciente, como recebê-lo, como dar notícias desagradáveis, entre outros. Dessa maneira, percebemos que muitos elementos de Interação Fictiva são utilizados durante a fala da docente, que detém a maior parte dos turnos selecionados nesse recorte.

Por meio da análise, percebemos que a IF tem um papel importante na construção do discurso docente em sala de aula. Muitos exemplares fictivos são usados para os momentos de explicação e de argumentação. Dessa forma, analisamos o fenômeno de maneira qualitativa a fim de investigar qual o papel de cada padrão encontrado dentro desse contexto discursivo. Esses aspectos e também outros serão discutidos com mais vagar em nossa seção de análise, em que abordaremos de maneira detalhada os quatro padrões fictivos encontrados, suas funções e relevância para a construção da aula.

2. Referencial teórico

Para a elaboração deste trabalho, elencamos autores pertencentes ao campo da Linguística Cognitiva, a qual advoga em favor da motivação conceptual da gramática, segundo a qual fenômenos léxico-gramaticais devem ser explicados à luz de mecanismos cognitivos gerais. Assim, selecionamos, como principais, Talmy (2000), com sua pesquisa seminal acerca do conceito de fictividade, e Pascual (2014), responsável por cunhar o termo Interação Fictiva e por elaborar uma série de análises sobre o fenômeno nas mais diversas línguas. Adotamos também os trabalhos de Traugott e Dasher (2005) sobre intersubjetividade e subjetividade, considerando o alto grau de intersubjetividade do objeto, assim como o estudo feito por Marmaridou (2000) acerca das dêixis e, em especial, sobre as dêixis genéricas, que muito se assemelham às dêixis fictivas encontradas.

2.1 Fictividade

De acordo com Talmy (2000), há, cognitivamente, um *continuum*entre o extremo denominado "real" e outro que seria considerado "irreal". Em meio a essas duas extremidades, encontraríamos o que é fictivo. Tudo que estiver localizado no plano do "real" são as entidades mais objetivas (verídicas), e tudo que for instanciado no plano "irreal" (não verídico) é menos objetivo. Dessa maneira, o fictivo não poderia ser enquadrado em nenhum desses domínios, dado que ele instância uma representação não factual e nem fictícia. A fim de elucidar essa concepção, Talmy (2000, p.101) apresenta o seguinte

exemplo: "A cerca vai do platô até o vale". Nesse enunciado, temos um conceptualizador que elabora um movimento fictivo da cerca, embora ela seja vista como entidade estacionária. Essa elaboração não pode ser considerada mera realidade ou uma ficção propriamente dita, uma vez que o "movimento" empreendido pelo conceptualizador diz respeito a um processo mental pelo qual um cenário não verídico é apresentado com o propósito de obter acesso mental ao cenário efetivo.

Segundo o modelo de fictividade geral defendido pelo autor, verifica-se, então, que as representações cognitivas se polarizam, destoando umas das outras em dimensões singulares, a saber:

(i) Estado de ocorrência – em que a presença factiva é acoplada à ausência fictiva, ou vice-versa;

(ii) Estado de movimento – em que a representação mais verídica inclui imobilidade, enquanto a menos verídica apresenta movimento, ou vice-versa;

(iii) Estado de mudança – em que a representação mais verídica inclui estabilidade, enquanto a menos verídica apresenta mudança, ou vice-versa.

Então, de acordo com Talmy (2000), o fenômeno pode acomodar qualquer instância "fictiva X", supondo a possibilidade de se encontrarem presença e ausência fictivas, estabilidade e mudança fictivas, imobilidade e mobilidade fictivas. Para ele, X é Y esquematiza a fórmula fictiva; enquanto X não é Y, a factiva. Em termos gerais, a literatura sobre fictividade contempla estudos sobre:

- Entidade fictiva: não necessariamente relacionada a entidades fictícias como fantasmas, unicórnios e Papai Noel, mas, por exemplo, a nomes empregados em afirmações genéricas (e.g. "Ursos são animais ferozes"), como entidades mais abstratas, desengajadas de instâncias particulares;

- Movimento fictivo: em que entidades estáticas são aparentemente movidas via projeção do conceptualizador (e.g. "A tatuagem vai de um ombro ao outro");

- Mudança fictiva: em que a mudança não é real, mas entendida como tal no processo de conceptualização (e.g. "A geladeira ficou maior agora quando retiramos tudo que havia nela");

- Ato de fala fictivo: como o uso de ironia, em que o aparente elogio é uma crítica, e perguntas retóricas, em que uma aparente pergunta é um comentário, sendo este último tratado por Pascual (2002) como um caso de Interação fictiva.

Em outras palavras, para Talmy (2000), a fictividade seria o padrão cognitivo de representações distintas de um mesmo objeto, sendo

uma avaliada como mais (factiva) e a outra como menos verídica (fictiva). Um processo semelhante envolveria a conceptualização da metáfora, que estabelece uma relação de analogia entre dois domínios distintos. Um bom exemplo seria a metáfora AMOR É VIAGEM (LAKOFF; JOHNSON, 2002), que estaria subjacente à construção "Nosso amor naufragou". O domínio-alvo, AMOR, mais abstrato, é factivizado na construção linguística; já o domínio-fonte, VIAGEM, considerado mais palpável, é fictivizado. Nessa perspectiva, Talmy (2000) advoga que a fictividade seria mais esquemática do que a metáfora, uma vez que a primeira englobaria a segunda, e não o contrário.

2.2 Interação Fictiva

Segundo Pascual (2002, 2014), o termo Interação Fictiva remete ao uso do *Frame* de Conversa, aparato cognitivo sobre conhecimentos acerca do que é e como conversar, para estruturar (i) o pensamento (conversa do falante com ele mesmo); (ii) a conceptualização da realidade ("Uma boa caminhada por ser uma boa resposta para a dor de cabeça"), em que "caminhada" é tratada como "resposta", acionando-se um entendimento de conversa para algo que não é uma conversa; (iii) o discurso (monólogos dialógicos); a língua e o uso (perguntas retóricas). "A Interação Fictiva envolve a apresentação do que parece ser (parte de) uma conversa, com o propósito de introduzir, definir ou referir o que não é habitualmente uma conversa" (PASCUAL; SANDLER, 2016, p. 4)[2].

Entendida como um tipo comunicativo de Fictividade, a IF representa um canal de comunicação não tangível e não verídico, ainda que ubíquo, introduzido pelos falantes no discurso. Como um fenômeno conceptual por excelência, a IF não é factual, genuína ou fictícia, mas um canal comunicativo situado entre o que se concebe comumente como real e irreal. Pascual (2014) padroniza instâncias do objeto, que podem ser divididas em: intersentencial, sentencial e intrassentencial.

No nível intersentencial, estariam enquadradas manifestações como o padrão pergunta-resposta, que é um importante "dispositivo retórico ou marcador de estrutura de informação" (PASCUAL, 2014, p.53). Nessa instância, o locutor assume o papel do interlocutor ao realizar uma pergunta e, logo em seguida, responde-a no mesmo turno de fala. Dentre as funções mencionadas por Pascual (2014), esse padrão seria responsável

[2] "(…) fictive interaction involves presenting what seems to be (part of) a conversation, in order to introduce, define, or refer to what is usually not a conversation" (PASCUAL; SANDLER, 2016, p. 4).

pela introdução de tópicos discursivos, foco e condicionalidade. A linguista apresenta como exemplos das respectivas funções os seguintes enunciados: "[...] *O que os adolescentes que não param de gritar querem*? Que aumentem a produção e que os promovam"[3] (PASCUAL, 2014, p.52); ao perguntar "O que os adolescentes que não param de gritar querem?", o enunciador introduz um tópico ainda não inserido ao contexto, fornecendo assim uma informação nova à teia discursiva.

Já em "E depois *o que aconteceu*? No momento em que o Ser Supremo desapareceu, algo extraordinário aconteceu. *O que é que foi isso*? Uma das mulheres mais bonitas e encantadoras, a filha do Himalaia apareceu de repente diante de Indra"[4] (PASCUAL, 2014, p. 52), as perguntas funcionam como um elemento de suspense que fazem com que o leitor se atente para o que irá acontecer nos enunciados que as sucedem. E por fim em "*Tem alguma pergunta*? Ligue pra gente"[5] (PASCUAL, 2014, p.52), o enunciador insere a pergunta com um valor condicional, ou seja, a pessoa que ler esse enunciado só entrará em contato na condição de estar em dúvida acerca das informações já explicitadas.

O segundo padrão delimitado por Pascual (2014) é o sentencial, no qual o enunciador faz uso de atos de fala indiretos e de casos de ironia. Segundo a autora, esse padrão busca "expressar uma afirmação, pergunta, comando, ou alguma outra função"[6] (PASCUAL, 2014, p.65). Ela o demonstra com os seguintes exemplos: "Ele terminará sua dissertação a tempo. E *eu serei eleito papa*."[7] (PASCUAL, 2014, p.64), "Agora *você me diga* se isso não é um insulto claro a pobreza. Isto é claramente um insulto

---

[3] "[Hollywood executives] auditioned a hallfull [sic] of candidates and type cast four cute kids. *What do the screaming teenyboppers want*? Crank out the production and promote it…" (PASCUAL, 2014, p. 52).

[4] "…And then *what happened*? The moment the Supreme Being disappeared, something extraordinary happened. What was that? A most beautiful and charming lady, the daughter of the Himalayas suddenly appeared before Indra" (PASCUAL, 2014, p. 52).

[5] "*Do you have any questions*? Call us" (PASCUAL, 2014, p. 52).

[6] "I would consider a fictive exclamative any utterance that shows the grammar of an exclamative to express an assertion, question, command, or some other communicative function other than that of expressing one's emotional state" (PASCUAL, 2014, p.65).

[7] "He will finish his dissertation on time. *And I will be elected pope*" (PASCUAL, 2014, p. 64).

claro a pobreza."[8] (PASCUAL, 2014, p.71), "*Desculpa?* Você deve estar brincando. Você está atrasado em uma hora"[9] (PASCUAL, 2014, p.74).

Cada um dos enunciados apresentados acima não afirma, manda ou pergunta de modo genuíno, pois se trata de atos de fala indiretos. No primeiro, por exemplo, o locutor duvida que o sujeito sobre o qual ele está falando terminará a sua dissertação, tanto que diz que será eleito papa, caso isso aconteça. Já no segundo, o locutor "pede" ao seu interlocutor que diga algo, mas sabemos que esse comando não é genuíno, pois se trata de uma expressão indireta que busca concordância. E por fim, no terceiro enunciado, temos uma pergunta não canônica, pois o locutor não pretende se desculpar por nada, uma vez que o seu interlocutor, que por sua vez está atrasado, é quem deveria se desculpar. O uso da expressão "Desculpa?"serve apenas para fazer uma crítica ao interlocutor, que descumpriu um acordo de horário com o locutor.

O terceiro tipo de IF exposto por Pascual (2014) é o intrassentencial. Nesse nível discursivo, as expressões no discurso direto funcionam como itens gramaticais e são mais autossuficientes que os demais padrões, visto que são capazes de "preencher fendas gramaticais de cláusulas, frases, itens lexicais, e até mesmo morfemas"[10] (PASCUAL, 2014, p.77). Dada essa possibilidade de a IF aderir às instâncias gramaticais, Pascual (2014, p. 79) afirma que "a interação fictiva intrassentencial representa uma unidade discursiva autossuficiente, conceptualizada dentro de uma ocorrência comunicativa não factiva, que funciona sintática e semanticamente como um constituinte gramatical"[11]. Ao considerarmos tal afirmação, compreendemos que o fenômeno funcionaria como um item gramatical mais autônomo, tanto na sintaxe quanto na semântica das expressões.

A linguista menciona ainda expressões como: " Partido Democrata que [...] sentem como, *'ok, eu não quero passar por isso de novo'*."[12] (PASCUAL, 2014, p.81), "a atitude '*eu quero o que eu*

---

[8] "*Now you tell me* if this is not an insult to poverty. This is a clear insult to poverty" (PASCUAL, 2014, p.71).

[9] "*Excuse me*? You must be kidding. You are an hour late" (PASCUAL, 2014, p. 74).

[10] "This non-quotational direct speech constituent appears to fill the grammatical slots of clauses, phrases, lexical items, and even morphemes" (PASCUAL, 2014, p.77).

[11] "Intra-sentential fictive interaction thus represents a self-sufficient discourse unit conceptualized within a non-factive communicative occurrence, which functions syntactically and semantically as a grammatical constituent" (PASCUAL, 2014, p.79).

[12] "I think that there are a lot of people within the Democratic Party who […] felt like, '*okay, I don't want to go through that again*'" (PASCUAL, 2014, p. 81).

quero quando eu quero!"[13] (PASCUAL, 2014, p.89), "a desculpa *'meu cachorro comeu meu dever de casa'*"[14] (PASCUAL, 2014, p.93). O primeiro exemplar apresenta o extrato do discurso direto introduzido pela palavra "como" e busca expressar a forma como possivelmente o Partido Democrata se sente por meio de uma fala fictiva. Já no segundo e no terceiro exemplos, os constituintes em IF (itálico) funcionam como adjetivos, pois qualificam os tipos de atitude e de desculpas por meio de um excerto de discurso direto fictivo.

Por meio dessa breve explanação dos níveis sentenciais e discursivos propostos por Pascual (2014), percebemos que cada um desses padrões apresenta estruturas e funções bem específicas, apesar de todos eles serem estratégias cognitivas, linguísticas e subjetivas. Ao considerarmos a subjetividade, recorremos aos postulados de Traugott e Dasher (2005), que além de trabalharem com tal conceito, também exploram a questão da intersubjetividade, fenômeno inerente às expressões fictivas e de Interação Fictiva estudadas neste artigo.

2.3 Subjetividade e Intersubjetividade

De acordo com os estudos de Traugott e Dasher (2005), o conceito de subjetividade é atrelado ao de objetividade. Para os autores, a objetividade seria a perspectiva objetiva na qual o falante se baseia para se expressar e para descrever o universo factual. Já a subjetividade seria menos objetiva do que a primeira concepção, pois diz respeito ao ponto de vista pessoal de um sujeito de consciência diante da realidade dos fatos.

Nessa perspectiva, os estudiosos apontam que ambos os conceitos não poderiam ser compreendidos enquanto opostos, e sim como parte de um *continuum,* uma vez que uma expressão linguística não poderia ser considerada nem completamente subjetiva, visto que nos baseamos em universo factual para nos expressarmos, e nem completamente objetiva, dado que nossas escolhas linguísticas demonstram muito de nossa subjetividade e ponto de vista diante dos acontecimentos.

A fim de explicitar melhor o que seria considerado mais e menos objetivo, os autores afirmam que uma expressão será mais objetiva à medida que exigir menos inferências por parte do falante ou ouvinte.

[13] "The attitude of '*I want what I want when I want it*!'" (PASCUAL, 2014, p. 89).
[14] "*My dog ate my homework* excuse" (PASCUAL, 2014, p. 93).

Já em relação às expressões subjetivas, os autores argumentam que elas estariam relacionadas ao ponto de vista do falante de forma explícita.

Traugott e Dasher (2005) propõem ainda o conceito de intersubjetividade, relacionado à atenção dispensada pelo locutor ao seu interlocutor. Tem relação direta com a perspectiva que o enunciador tem de si mesmo e de seu ouvinte. As expressões linguísticas teriam, então, papel crucial ao evidenciar aspectos mais subjetivos. É importante ressaltar que os autores alertam que, para a intersubjetividade existir, necessariamente, o enunciado precisa ser subjetivo, uma vez que a intersubjetividade nada mais é do que a expressão do ponto de vista do locutor em relação ao seu ouvinte. Dessa forma, observar-se que a abordagem de Traugott e Dasher (2005) destaca as expressões linguísticas que podem exibir aspectos subjetivos, objetivos e intersubjetivos.

2.4 Dêixis

A palavra dêixis vem do grego e significa "apontar", "indicar". Isso se relaciona diretamente com a função do fenômeno dêitico no discurso: as dêixis são responsáveis por ancorar as entidades linguísticas na situação comunicativa do enunciado. Levinson (1983) revela que a dêixis não poderia ser considerada meramente semântica ou pragmática. Para o autor, as entidades dêiticas estariam no limiar entre o campo semântico, onde localizamos as estruturas linguísticas marcadas no enunciado, e o campo pragmático, identificado pelo contexto. Dessa forma, o linguista afirma que o fenômeno seria semântico-pragmático.

Levinson (1983) elaborou uma série de estudos sobre o tema, fazendo valer a relação entre linguagem e contexto. Dessa forma, o autor identifica os dêiticos que apontam os participantes do momento de enunciação (dêixis de pessoa e social), para o momento da enunciação (dêixis de tempo), para o lugar (dêixis de lugar) e para porções do discurso (dêixis de discurso). No entanto, Marmaridou (2000) discorda dessa categorização, em virtude de não contemplar os usos dêiticos de estruturas não-dêiticas, ou menos centrais, e nem aspectos de correlação entre as categorias propostas. Dessa forma, Marmaridou (2000) propõe uma abordagem baseada nos Modelos Cognitivos Idealizados (MCI ou *frames*), a fim de identificar e analisar as instâncias menos centrais do fenômeno.

Nesse sentido, as dêixis seriam conceptualizadas como MCI's baseados na espacialização (FERRARI; FONTES, 2010), isto é, a construção do significado dêitico envolveria a evocação de um MCI centrado no "eu", e os elementos que o comporia seriam as entidades

canônicas tais como o lugar, o interlocutor e o tempo. Além disso, Marmaridou (2000, p.67) advoga que a categoria exibe efeitos prototípicos de maneira escalar em virtude dos vários usos dêiticos, como se os usos mais elementares e canônicos ocupassem uma posição mais central e os usos menos comuns se localizassem em uma posição mais periférica.

3. Metodologia

Esta seção objetiva descrever os percursos metodológicos empregados nos recortes feitos e na análise dos dados, tendo em vista uma mescla das abordagens movida a *corpus* (*corpus-driven*) e baseada em *corpus* (*corpus-based*). A primeira não considera que os dados sejam meros comprovadores de hipóteses ou paradigmas teóricos, figurando assim como protagonistas da pesquisa. Nessa perspectiva, o *corpus* guia as perguntas de trabalho e, em seguida, uma teoria é acionada para explicá-los. Já a segunda parte do pressuposto de que as perguntas de pesquisa são essenciais para o início e o desenvolvimento da pesquisa, sendo que os dados irão apenas comprovar as hipóteses iniciais.

Tendo em vista essas perspectivas, nossa análise partiu de algumas perguntas de trabalho, tais como:

1) A Interação Fictiva é frequente e produtiva em um contexto de sala de aula?
2) Se sim, quais são seus propósitos comunicativos?
3) Quais seriam os padrões linguístico-cognitivos mais recorrentes?

Ao partirmos desses questionamentos, buscamos analisar todo e qualquer elemento de fictividade presente no banco de dados analisado. Dessa maneira, permitimos que os próprios dados "ditassem" seus padrões fictivos, não nos limitando a apenas um. Essa postura metodológica mostrou-se bastante produtiva, uma vez que nos deparamos com exemplares diversos do fenômeno, alguns, inclusive, ainda pouco abordados. Esses achados serão mais bem explorados na próxima seção, por enquanto detalharemos as subseções: cenário, participantes e recorte feito nas cenas.

3.1 Banco de dados

O banco de dados analisado foi coletado, transcrito e, gentilmente, cedido pelo docente e pesquisador Alexandre Cadilhe (UFJF), que o utilizou em sua tese intitulada "ANATOMIAS DA APRENDIZAGEM:

a expertise em comunicação na formação médica a partir da fala-em-interação", de 2013 (UFF). As transcrições feitas pelo pesquisador foram no âmbito da Análise da Conversa (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 2003). Além da transcrição, contamos ainda com os áudios referentes aos dados que, também, foram cedidos pelo professor Cadilhe. A oitiva em conjunto com a leitura das transcrições favoreceu a descrição e a análise do fenômeno à medida que aspectos prosódicos contribuem para circunscrever as interpretações segundo contextos locais de enunciação.

3.2 Cenário e participantes[15]

Segundo Cadilhe (2013), os dados são extraídos de aulas ministradas em um curso de graduação em Medicina de uma cidade da região serrana do Rio de Janeiro. Com a mudança no projeto político-pedagógico da instituição observada, em 2005, opta-se por um currículo teórico e prático, contemplando metodologias ativas de aprendizagem. Uma delas é o Laboratório de Habilidades, no qual os estudantes desenvolvem habilidades comunicativas e de exame clínico, entre outras. A prática da comunicação com o paciente é trabalhada logo no primeiro período do curso, envolvendo temas como acolhimento, humanização, visita domiciliar e escuta ativa, com ênfase na saúde da família.

Os estudantes participam de três encontros no Laboratório de Habilidades e contam com a orientação de uma docente. Assim, os dados têm como participantes uma turma de 10 estudantes do primeiro período de Medicina, 6 do sexo masculino (André, Anderson, Alex, Mauro, Patrick e Pedro) e 4 do sexo feminino (Ana, Amanda, Marcela e Patrícia), além da professora Ilma, formada em psicologia médica e com mestrado em Educação, além do pesquisador que atuou na observação e gravação dos dados.

[15] Antes de iniciar a pesquisa de campo para a elaboração do *corpus*, Cadilhe (2013), primeiramente, entrou em contato com a coordenação do curso de Medicina da universidade privada do Rio de Janeiro escolhida. Após esse primeiro momento, submeteu seu projeto ao Comitê de Ética da instituição e, assim que aprovado, pôde inserir-se em campo. Todos os participantes assinaram o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e receberam nomes fictícios nas transcrições para preservar o seu anonimato (cf. CADILHE, 2013).

3.3 Delimitação dos dados

Os dados gravados compreendem um total 1h49m09s, porém sua transcrição circunscreve 1h43m, sendo que algumas atividades desenvolvidas durante a aula não foram transcritas, como, por exemplo, o sorteio das duplas para a simulação de prática clínica. Dessa maneira, optamos por uma análise que priorizasse os eventos de fala já transcritos e lançamos mão dos seus áudios para identificar as nuances prosódicas.

Realizamos também um recorte em relação ao tempo total da gravação, uma vez que nem todos os eventos de fala seriam relevantes para a nossa investigação. Por isso, nossa seleção foi composta por dois períodos de tempo: o primeiro inicia-se no minuto 0:07:21, após a exibição do filme "Patch Adams: o amor é contagioso" e uma breve discussão, encerrando-se no minuto 0:12:02, com o sorteio das duplas para a simulação de prática médica. A escolha desse primeiro intervalo se deve ao caráter explanativo dos eventos de fala, presente nesses trechos, os quais dizem respeito às nossas perguntas de pesquisa.

Já o segundo origina-se no minuto 0:27:00, após o sorteio das duplas e do fim das encenações de prática clínica, encerrando-se no minuto 0:42:00, com o início da análise da professora acerca das simulações de prática clínica feitas pelos alunos. No intervalo selecionado, a professora introduz temas como o acolhimento inicial, o nível de atenção durante a entrevista, a linguagem corporal, o contato visual, entre outros.

Após a seleção dos intervalos de tempo, iniciamos a leitura da transcrição em concomitância com as oitivas. E durante esses momentos, já se constatava de antemão que a professora empregava com muita frequência a IF e expressões fictivas como estratégia comunicativa. À medida que líamos e ouvíamos, marcávamos em itálico as ocorrências consideradas cruciais para fins de análise, as quais instanciavam padrões a serem tratados logo a seguir.

4. Análise

A partir de instâncias especificamente rastreadas no banco de dados de Cadilhe (2013), esta seção arregimenta padrões formais e funcionais relativos à Interação Fictiva, os quais são ilustrados pelos exemplos mais significativos para exposição analítica. Dentre os observados, mapearam-se basicamente os seguintes: **pergunta-resposta fictiva**; **pergunta fictiva**; **dêixis fictiva**; **discurso direto fictivo**. Eles emblematizam a relevância

da fictividade como estratégia comunicativa de ensino e aprendizagem. Demonstram-se importantes tanto como recurso docente para promover explicações sobre o conteúdo ministrado quanto para fundamentar argumentos de persuasão no tocante ao convencimento de discentes em relação a condutas a serem adotadas na prática médica.

4.1 Pergunta-resposta fictiva

O primeiro padrão diz respeito ao par **pergunta-resposta fictiva**, tipo de Interação Fictiva classificado por Pascual (2014) como pertencente ao nível intersentencial. Observe o excerto (1):

(1)	006 007	**Ilma:** muitas vezes começa- claro óbvio *começa onde? No contato,no primeiro contato com ele*,(.) ou então lá no

Em (1), a docente Ilma começa a tratar diretamente com os discentes sobre a importância de se oferecer um tratamento humanizado aos pacientes. Para tanto, utiliza o par sentencial pergunta-resposta fictiva (destacado em itálico) para introduzir quando o primeiro passo em favor da humanização do atendimento deve ser dado. O fragmento acima ilustra uma situação comunicativa muito recorrente em sala de aula, na qual, às vezes, o professor elabora uma pergunta e não necessariamente almeja sua resposta. No caso acima, a professora lança mão de uma interrogativa, "(o atendimento humanizado) começa onde?", sendo que ela mesma a responde imediatamente, "no contato, no primeiro contato com ele (paciente)", sem que haja pausa expressiva entre um e outro enunciado. Ou seja, ela não aguarda respostas da turma, pois não há silêncio de sua parte. Então, não necessariamente com o propósito comunicativo de ceder o turno de fala para os discentes, ela recorre fictivamente ao *Frame* de Conversa para organizar o próprio fluxo discursivo e introduzir um novo tópico na aula. Pergunta e resposta são usadas de forma não genuína ou fictiva e são apresentadas apenas para estruturar a exposição da matéria.

Por outro lado, factivamente, às vezes, inserimos uma pergunta no discurso com o intuito de obter determinada informação de nosso interlocutor. Portanto, um enunciado interrogativo genuíno é potencialmente capaz de gerar alguma expectativa não só no falante, mas também no ouvinte, que pode respondê-la ou até mesmo se preparar para ouvir uma resposta de outrem. Por sua vez, o par pergunta-resposta fictivo também pode ativar expectativas e, quando tratamos de sala de aula, funcionar como recurso atencional adotado por docentes. Desse modo, o uso dessa estratégia se alinha ao próprio objetivo do encontro,

que é o de manter a turma mentalmente engajada na interpretação do conteúdo que está sendo ministrado. Assim como a pergunta factiva, o par pergunta-resposta fictivo lança dúvidas, questionamentos ou reflexões que podem implicar expectativas e possibilidades pontuais de engajamento dos interlocutores. Ocorre que a primeira busca atenção e informação, e o segundo, apenas atenção.

4.2 Pergunta fictiva

Também com o propósito comunicativo de angariar atenção, o segundo padrão diz respeito à **pergunta fictiva** (ou pergunta retórica) que, de acordo com Pascual (2014), se enquadra no nível sentencial. Sua distinção em relação ao par pergunta-resposta fictivo contempla o fato de que a pergunta fictiva não forma par sequencial com a resposta, atuando pragmaticamente como um comentário. A resposta estaria, na verdade, embutida na própria pergunta. Sua função na teia discursiva é, então, a de suscitar reflexão acerca do tema que está sendo exposto. Observe o exemplo (2):

(2)	013 014 015 016 017 018 019	**Ilma:** sobre isso os nossos objetivos são é primeiro a gente discutir *será que tem algum aspecto que envolve essa primeira entrevista? será que tem algumas coisas que* ***eu*** *devo levar em consideração enquanto entrevistador enquanto médico*? "ah eu recebo muito bem na casa se eu receber vou fazer isso lá no consultório" *será que é só isso? será que* ***eu*** *tenho que (.) refletir sobre algum aspecto*? melhorar alguma coisa
	020 021 022 023 024	**André:** acho que antes de tudo é se colocar na posição colocar a do paciente né? também além de= **Ilma:** =pra que possa [entendê-lo melhor mas isso é fácil?] **André:** [entender muitas coisas que ele] P**articipantes:** não

No excerto acima, a professora Ilma explica que existem vários aspectos que devem ser levados em consideração durante a consulta médica e que não basta aos futuros médicos saberem recepcionar pessoas, informalmente no dia a dia. Ou seja, para a docente, acolher um paciente é muito mais complexo e exige muito mais atenção do que quando uma pessoa recebe uma visita em casa. Assim, Ilma dispara uma reflexão abrangente por meio de perguntas fictivas (destacadas em itálico). Elas não necessariamente exigem respostas objetivas dos discentes, mas têm o propósito comunicativo de que os futuros médicos se atentem para certas condutas adequadas no atendimento ao paciente. Além disso, os

usos dos dêiticos fictivos de pessoa (a serem tratados adiante), "eu", nas linhas 015 e 018, indiciam que a professora não os adota canonicamente, mas para se colocar no lugar mental dos discentes.

Endossadas pela locução dubitativa "será que", as quatro perguntas fictivas são formuladas como expressão da avaliação que a enunciadora utiliza para tratar do estado de coisas que descreve. A primeira delas em (014-015), "será que tem algum aspecto que envolve essa primeira entrevista?", apresenta uma "resposta" implícita. A professora deixa claro que existe um aspecto inicial a ser levado em consideração; entretanto, ela não o revela, pois talvez almeje que os alunos reflitam sobre isso. A segunda ocorre em (015-016), "será que tem algumas coisas que eu devo levar em consideração enquanto entrevistador enquanto médico?", que implicitamente revela a existência de mais de um aspecto, os quais devem ser levados em conta no momento da consulta. Nos enunciados "será que é só isso?"e "será que eu tenho que (.) refletir sobre algum aspecto?" (018), também se observam comentários, apesar do molde interrogativo. Eles nos permitem constatar que o médico que recebe bem em casa não necessariamente receberá bem no consultório, uma vez que são contextos distintos. E a "resposta" subjacente seria que existe algum aspecto sobre o qual se deve refletir em relação ao acolhimento.

Essa característica de as perguntas fictivas apresentarem respostas de forma implícita, mesmo que parcialmente, não significa que elas não possam ser encaradas como factivas e serem, até mesmo, respondidas. O aluno André, por exemplo, comenta prontamente as reflexões da professora em (020-021 e 023), porém se observa uma sobreposição de falas, dele e dela (linhas 022-023), o que indicia que a docente não aguarda uma resposta pontual a seus questionamentos por parte dos alunos. Por outro lado, o comentário de André comprova que o objetivo reflexivo das perguntas foi atingido, uma vez que, diante de perguntas fictivas, o aluno chega à conclusão esperada de que existiriam aspectos importantes que o médico deve se preocupar durante o atendimento. Assim, sugere um deles, que seria interessante se colocar no lugar do paciente.

Essa reação do aluno nas linhas (020-021 e 023) parece ser decorrente da própria intersubjetividade característica da pergunta fictiva da professora. É como se ele capturasse o que há de formal e funcionalmente significativo nos enunciados interrogativos da docente quanto ao papel intersubjetivo de interações fictivas como essas. Ou seja, André seria indiretamente influenciado pela estratégia da docente de usar perguntas fictivas, as quais a colocariam intersubjetivamente no lugar mental dos discentes, e propõe "acho que antes de tudo é se colocar na posição colocar a do paciente né? também além de entender muitas coisas que ele". Assim, a analogia entre docente-discente e médico-paciente se consolida à luz de suas palavras.

4.3 Dêixis fictiva

Abundantemente instanciado nos dados, o terceiro padrão se relaciona à **dêixis fictiva**, de natureza intrassentencial, aqui entendida como manifestação da dimensão do estado de ocorrência (TALMY, 2000), em que a presença fictiva é acoplada à ausência factiva. Em outros termos, há uma presença fictiva marcada pela dêixis em condições espaço-temporais distintas da situação corrente. Essa dêixis não se refere ao que canonicamente costuma se referir. Esse padrão diz respeito ao que Marmaridou (2000) compreende por dêixis genéricas, e o ganho analítico em tratá-lo como fictivo tem a ver com a compreensão de que a genericidade não dispensa a factividade, que gestalticamente é fundo para a fictividade. As dêixis de pessoa genéricas e virtuais, por exemplo, contam com as bases factivas para se realizar como fictivas. Apesar de não servirem para ancorar os participantes reais da cena, que é o papel canônico dos dêiticos, essas estruturas apresentam um alto grau de subjetividade e intersubjetividade em função da acoplagem à ausência factiva. Em outros termos, a dêixis fictiva depende da factiva, cujas instâncias apontam para referentes tidos como verídicos, sendo elas, em conjunto, potencialmente formadoras de uma categoria abstrata e genérica, como a dêixis fictiva o é.

Um dos exemplares emblemáticos de dêixis fictiva ocorrido nos dados analisados é o emprego do pronome "você" fictivo, muito presente nas explicações e argumentações por parte da professora. Em alguns momentos, ela recorre à expressão dêitica com o propósito de convocar a atenção dos alunos para alguns detalhes da situação de atendimento. Em (3), a docente explica por que o excesso de objetos no consultório pode ser prejudicial:

(3)	289 290 291 292	**Ilma:** exatamente isso na sua relação ***você*** *vai querer contar quantos tem né*, aí pronto já acabou, ***você*** *nem está prestando atenção no médico no que* ***você*** *levou*, e os ruídos entrou enfermeira entrou secretária saiu, entrou não sei quem e voltou

Nesse fragmento, a professora se dirige aos discentes para esclarecer que uma grande quantidade de diplomas ou livros expostos no consultório pode dispersar a atenção do paciente, que estaria mais interessado em contar quantos livros ou certificados o médico tem do que em ouvi-lo e relatar o seu próprio problema. No caso, o uso do dêitico fictivo "você" por parte da enunciadora não remete factivamente à segunda pessoa do discurso, que, na situação corrente, seria atribuída aos discentes presentes em sala de aula. Na verdade, "você" tem como

referente a categoria paciente, genericamente estabelecida talvez em função das observações empíricas da docente acerca do comportamento de cada paciente que é atendido em um lugar com decoração sobrecarregada.

Tendo em vista o recurso à subjetividade e à intersubjetividade, a mudança de perspectiva por parte da docente, que se coloca no lugar dos pacientes, é ativada e empregada em prol do discurso explicativo, uma vez que ao inserir um "você" desengajado e genérico para os pacientes, a docente busca o engajamento dos alunos, de modo que eles consigam se colocar na cena em questão. Esse tipo de estratégia comunicativa se mostrou muito recorrente como uma forma lúdica de se descrever as situações mais prototípicas de atendimento, com o propósito de que se estabeleça um compromisso autêntico de engajamento interpretativo.

As ocorrências genéricas de dêixis fictivas em primeira pessoa são também muito expressivas quantitativamente. Elas emergem nos momentos em que a docente necessita tornar sua explicação ainda mais detalhada e, para isso, assume a perspectiva do discente empregando o "eu" genérico, que representa a categoria de futuro médico. Observe em (4):

(4)	200	**Ilma:** menos, ***eu*** *tenho que ter empatia alguns* de vocês já falou isso perceber
	201	o que- que o paciente tá- t*á trazendo pra* ***mim*** *em termos de preocupação,*
	202	*perceber que °aquele paciente na* ***minha*** *frente°* isso é calor humano (.) ele tá
	203	<envergonhado>, ele tá muito ansioso, por que? *eu* ***me*** *coloquei* no lugar- ***eu***
	204	*to,to entendendo,* ***eu*** *fiz um acolhimento* (.) agora tem gente que nem percebe
	205	e isso atrapalha a minha entrevista e *às vezes* ***eu*** *posso ir seguindo num ritmo*
	206	*de entrevista* e aquele paciente não tá respondendo, por

Nos trechos em destaque, notamos o uso da dêixis de pessoa fictiva "eu", "mim", "minha", "me" (negrito), referindo-se não à primeira pessoa do discurso ou à docente. Ao empregar o pronome pessoal "eu", a professora se coloca no lugar mental de cada um dos discentes, futuros médicos. Dessa forma, opera com um recurso importante para que angarie atenção, instruindo quanto ao que deve ser feito durante o atendimento. Trata-se de uma estratégia que apela para as subjetividades dos discentes, como se a docente estivesse contando uma história na qual o "eu" poderia ser qualquer um dos alunos ali presentes, o que revela o alto grau de intersubjetividade do fenômeno.

Além disso, o gênero aula é típico da modalidade oral, o que justifica a necessidade de um discurso que provoque engajamento, uma vez que a fala é evanescente, e a explicação oral não ser sempre dada da mesma forma. Nessa perspectiva, o uso do "eu" genérico de primeira pessoa seria muito mais relevante como convocador atencional do que de qualquer outra expressão dêitica, pois quanto menos semanticamente inclusivo de outros

interlocutores o dêitico é, mais intersubjetivo e próximo do foco de atenção do ouvinte ele parece ser e estar, se seu uso for genérico. Essa afirmação tem como base o fato de que o dêitico de pessoa "eu" atribuído ao outro remete diretamente à subjetividade desse outro, convocando-o a assumir mais prontamente a perspectiva de quem enuncia. Outra constatação importante diz respeito ao fato de que a docente, como autoridade, dispõe-se transferencialmente a assumir a condição de discente, o que pode ser uma estratégia eficaz no ensino e na aprendizagem.

4.4 Discurso direto fictivo

Em relação às ocorrências de **discurso direto fictivo**, quarto padrão encontrado, característico do nível intrassentencial, percebemos sua relevância não apenas nos ambientes explicativos, mas também nos argumentativos. Quando empregado como argumento, a professora normalmente o introduz como um pensamento crítico de um interlocutor fictivo, assim como revela o exemplo (5):

(5)	003 004 005	**Ilma:** fundo no fundo a gente coloca a importância da humanização (.) principalmente na relação com o paciente "*ah é o óbvio*" sei, não sei se é isso que a gente vê hoje tá e essa humanização

Nesse excerto, a professora se previne de uma potencial crítica, a de que seja óbvio o atendimento humanizado aos pacientes. Ao enunciá-la como discurso direto fictivo, "ah é o óbvio", remete à voz de um interlocutor fictivo, construída nos moldes canônicos de discurso reportado, próximo ao indireto livre. Porém, não se pode considerar que se trate de uma reportação discursiva genuína, à medida que se observa que o fragmento entre aspas não remete a um sujeito referenciado na cena atual ou mesmo em cena prévia. Assim, ela lança mão do *Frame* de Conversa para estruturar seu próprio discurso, como se estivesse em um debate mental, o que caracteriza uma autêntica Interação Fictiva. Fora das coordenadas espaço-temporais da situação comunicativa corrente, a voz fictiva é inserida pela docente para que seja rebatida por ela mesma. Quando Ilma está de volta ao seu centro dêitico do discurso, logo após "ah é o óbvio", ela rechaça a crítica com "não sei, não sei se é isso que a gente vê hoje tá e essa humanização", estabelecendo um diálogo fictivo.

Já no que diz respeito ao uso do fenômeno em um evento explanativo, observamos inúmeras instâncias, tal como (6):

(6)	176 177 178	**Ilma:** trabalho (.) tanto que às vezes eu faço uma pergunta, e acabou de falar porque- "*onde a senhora trabalha mesmo*""*ué meu senhor acabei de falar que eu trabalho na serralheria*" então tem

Nos trechos em itálico, a docente insere uma exemplificação de situação-problema por meio de um diálogo fictivo: um médico desatento refaz uma pergunta ao seu paciente, que revela certa irritação. Essa estratégia comunicativa é formulada pela docente para explicar e enfatizar que o médico deve permanecer atento durante o relato dos pacientes. Os dois casos de discurso direto fictivo não devem ser compreendidos como recursos de ficção, pois para a teoria da fictividade (TALMY, 2000), o domínio ficcional diz respeito ao que é tomado como objetivamente irreal. No caso acima, há muita plausibilidade de o diálogo fictivo ocorrer ou ter ocorrido e, além disso, ele é usado para que se obtenha acesso mental direto a situações reais de prática médica.

Uma observação importante acerca não apenas dos casos de discurso direto fictivo, como também dos dêiticos fictivos, é o viés lúdico com que são empregados, embora sejam altamente comprometidos com a busca de engajamento no ensino e na aprendizagem. No decorrer da análise de boa parte dos dados, a docente utiliza esses recursos a fim de criar situações fictivas de atendimento, alterando a sua perspectiva de acordo com a cena elaborada. Nesse sentido, assemelham-se com narrativas de ensinamento, como fábulas e parábolas, uma vez que ambas são introduzidas como uma forma acessível e informal de explicação. Isso faz dos diálogos fictivos, cujas bases remontam ao *Frame* de Conversa, cotidiana e cognitivamente entrincheirado, um instrumento de estruturação do discurso de persuasão.

5. Considerações finais

A julgar pelas discussões empreendidas até aqui, verificamos que o uso da fictividade como Interação Fictiva, instanciado nos padrões pergunta-resposta, perguntas fictivas, dêixis fictivas e discurso direto fictivo, configura-se como estratégia relevante de ensino e aprendizagem. Linguística e cognitivamente, docente e discentes demonstram saber operar com cenários não verídicos a fim de obter acesso a cenários efetivos que envolvem o cotidiano da prática médica. Para tanto, produzem e interpretam cenas fictivas em condições laboratoriais que intermediam e preparam os discentes para a lida com experiências e vivências reais da profissão, como atendimentos e consultas.

Com base nesses padrões de fictividade, as explicações e as argumentações promovidas pela docente atuam diretamente o processo de aprendizagem dos futuros médicos, veiculando formas de abordagem com o paciente, como se dirigir nominalmente a ele, como cumprimentá-lo e como se portar diante de seus relatos, entre outros. Nesse sentido, os padrões instanciados são importantes como recursos lúdicos de engajamento, à medida que operam com mudança de perspectivas em que docente e discentes, no aqui e agora da situação comunicativa, se colocam, com frequência, no lugar mental de interlocutores fictivos em cenários projetados.

Assim, com amparo desses padrões de fictividade, simulam-se ações verbais e não verbais com propósitos de ensino e aprendizagem, como, por exemplo, quando a docente faz as vezes de discentes, de médicos e de pacientes. Essa permuta de perspectivas mentais com apoio linguístico-cognitivo auxilia os estudantes na compreensão do que é e como se opera um atendimento humanizado. Isso certamente corrobora o que se defende como hipótese: a de que a fictividade linguisticamente manifestada é um dispositivo moderador do ensino e da aprendizagem, como uma estratégia comunicativa que apela para o *Frame* de Conversa no sentido de aproveitar o que ele tem de mais pervasivo e entrincheirado nos sujeitos cognitivos e de interação, que é a própria conversa cotidiana.

A partir da análise do banco de dados, percebemos que o fenômeno da fictividade propende a ser abundantemente verificável em sala de aula, e cada um de seus padrões apresenta uma característica distinta dentro do discurso, porém atuam em conjunto para angariar atenção e moderar a compreensão. Dentre os questionamentos iniciais da pesquisa, indagamos quais seriam os contextos discursivos mais expressivos para a emergência da fictividade, se o explicativo ou o argumentativo. Nessa perspectiva, notamos que o fenômeno se manifesta em ambos os contextos, que são complementares, mas percebe-se que é mais significativo no contexto de explicação. Isso pode se justificar pelo fato de o gênero aula, tal como se instância nos dados, exigir mais explicação do que argumentação.

Ainda sobre os quatro padrões recorrentes, pergunta-resposta fictiva, pergunta fictiva, dêixis fictiva e discurso direto fictivo, pode-se afirmar que eles marcam sua presença nos dados muito em função do fato de que instrumentalizam a necessidade de organização do discurso docente e de que suscitam engajamento discente, pois, durante a aula, a fala da professora se organiza de tal forma que implica a atenção do aluno, contribuindo, assim, com a apreensão do conteúdo. Isso nos leva a crer que essa estratégia comunicativa, dado o seu alto grau de

entrincheiramento, também recorrente em contextos informais, pode ser produtiva em situações formais de aula, fazendo valer que o prévio *background* linguístico-cognitivo dos discentes deve ser levado em consideração no processo de ensino e aprendizagem.

Agradecimentos

Agradecemos ao Prof. Dr. Alexandre Cadilhe (UFJF) por ceder os áudios e o *corpus* que compuseram este trabalho. Sem a sua contribuição, esta investigação não teria a oportunidade de constatar que o fenômeno da Interação Fictiva emerge de forma relevante em contexto de sala de aula.

Declaração de autoria

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado elaborada por Leila Cruz Magalhães (UFJF) e orientada pelo professor Luiz Fernando Matos Rocha (UFJF). Ambos desenvolveram este artigo colaborativamente, realizando a redação e a revisão do texto.

Referências

CADILHE, A. *Anatomias da Aprendizagem*: A expertise em comunicação na formação médica a partir da fala-em-interação. 2013. 195 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal Fluminense, 2013.

FERRARI, L.; FONTES, V. Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada "a gente" como categoria radial. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 30-46, 2010.

FILLMORE, C. J. Frame semantics. *In*: The Linguistic Society of Korea (ed.). *Linguistics in the Morning Calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111-37.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, Alessandria, v.6, n.2, p.222-254, 1985.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LANGACKER, R. *Cognitive Grammar*. New York: Oxford University Press, 2008.

LEVINSON, S. C. Dêixis. *In*: LEVINSON, S. C. *Pragmática*. Trad. Luís Carlos Borges e Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 65-120.

MARMARIDOU, S. On Deixis. *In*: MARMARIDOU, S. *Pragmatic meaning and cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2000.p. 65-116.

PASCUAL, E. *Fictive Interaction*: The Conversation Frame in Thought, Language, and Discourse. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014.

PASCUAL, E. *ImaginaryTrialogue*s: Conceptual Blending and Fictive Interaction in Criminal Courts. Utrecht: LOT, 2002.

PASCUAL, E.; SANDLER, S. *The Conversation Frame*: Forms and Functions of Fictive Interaction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2016.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. *Veredas*: Revista de Estudos Lingüísticos, Juiz de Fora, v.7, n.12, p.11-73, 2003.

TALMY, L. Fictive motion in language and "ception". *In*: TALMY, L. *Toward a cognitive semantics*. Massachusetts: The MIT Press, 2000. p. 99-175.

TRAUGOTT, E. C; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 519-544, 2022

Implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das *personas* de *História da Minha Infância*, de Gilberto Amado

Implications of pronominal variation and forms of treatment in the construction of persons in História da Minha Infância*, by Gilberto Amado*

Fernanda Bispo Correia
Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe / Brasil
nandabispo@academico.ufs.br
https://orcid.org/0000-0003-4363-580X

Resumo: Neste artigo, busca-se apontar as implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das personas do texto literário memorialista, *História da minha infância* (1999), de Gilberto Amado. Assim, recorreu-se à noção de *persona*, trabalhada na Sociolinguística tanto por Eckert (2001, 2003, 2004, 2005), quanto por Coupland (2001), os quais defendem que o estilo, definido em termos de formalidade e informalidade, deve ser tomado para além de um contínuo, e ser observado enquanto um *modus operandi* diverso para a realização de uma mesma tarefa, e foi levada em consideração a teoria de Brown e Gilman (1960), conhecida como teoria do Poder e da Solidariedade. Segundo esses pensadores haveria dois princípios, o de poder e o de solidariedade, por meio dos quais se manifestariam as relações de forças existentes entre interlocutores. Este trabalho apoiou-se também na teoria da variação laboviana – a qual toma a variação como diretamente correlacionada a fatores sociais. Assim, toma-se o estilo como um fenômeno associado a outros fatores de natureza social, histórica, econômica, cultural, etc. Buscou-se demonstrar, portanto, como os perfis sociais de determinadas personagens são construídos tendo por base a vinculação de variantes linguísticas específicas, que, entre outras implicações, denotam as relações hierárquicas marcadas linguisticamente, entre elas destacam-se as simétricas (igualdade/afinidade) e assimétricas (inferioridade e superioridade) através do uso dos pronomes e formas pronominais você, tu, vosmecê, senhor, Vossa Senhoria, Coronel, e correlacionadas diretamente ao papel social desempenhado na sociedade ali retratada.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.519-544

Palavras-chave: variação pronominal; perfis sociais; relações hierárquicas.

Abstract: This paper seek to aim for pronominal variation and forms of treatment in the construction of *personas* in the memoir literary text, *História da Minha Infância* (1999), by Gilberto Amado. Thus, we resorted to the notion of persona, worked on in Sociolinguistics both by Eckert (2001, 2003, 2004, 2005) and by Coupland (2001), who argue that style, defined in terms of formality and informality, should to be taken beyond a continuum, and to be observed as a different *modus operandi* to perform the same task, and the theory of a developed by Brown and Gilman (1960) was taken into account, which is usually referred to as a theory of Power and Solidarity. According to these scholars, such theory would have two principles, power and solidarity, through which they are manifested as existing relationships between interlocutors. This work was also based on the Labovian theory of variation - which takes variation as directly correlated to social factors. Thus, this article takes the approach of style as a factor associated with other factors of a social, historical, economic, cultural, nature, etc. We sought to demonstrate how the social profiles of certain characters are built based on the linkage of specific linguistic variants, which, among other occurrences, denote linguistically marked hierarchical relationships, among ones stand out which symmetrical (equality / affinity) and asymmetric (inferiority and superiority) through the use of pronouns and pronominal forms you, you, you, sir, your lordship, colonel, and directly correlated to the social role played in the society portrayed there.

Keywords: pronominal variation; social profiles; hierarchical relationships.

Recebido em 22 de junho de 2021.

Aceito em 30 de agosto de 2021.

1. Introdução

Neste artigo[1], busco apontar as implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das personas do

[1] Este artigo é um recorte da minha pesquisa do mestrado, orientada pela Profª. Drª. Raquel Meister Ko. Freitag e defendida em 2014, intitulada *A literatura como fonte de dados: um olhar sociolinguístico sobre a obra História da Minha Infância, de Gilberto Amado* (CORREIA, 2014), apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe.

texto literário memorialista *História da minha infância*[2] (1999[3]), do autor sergipano Gilberto Amado. Tendo em vista que foi tomado um texto literário como fonte primária para um estudo de cunho sociolinguístico, o problema que se colocou foi justamente verificar se o referido texto dispunha da validade e da adequação necessárias para tal intento. Berlinck *et al* (2008) discutem acerca do emprego de textos dessa natureza como fontes primárias para o estudo histórico da língua. Essas pesquisadoras – de acordo com o que já postulara Labov (2008) – defendem que, em virtude de os processos de variação e mudança linguística ocorrerem de modo gradual e lento, e em virtude de eles se iniciarem "na língua falada, nas interações cotidianas e coloquiais dos falantes de uma mesma comunidade, a observação de uma fonte que representa esse tipo de interação, em períodos para os quais não se dispõe de dados concretos de fala, parece constituir um recurso inestimável" (BERLINCK *et al*, 2008, p. 186). É por isso que, para verificar se o texto dispõe da validade e da adequação necessárias para tal intento, fez-se necessária uma busca em outros estudos que também tomaram textos escritos para realizar

[2] A partir do livro *História da Minha Infância*, o leitor é levado a conhecer interessantes vivências do ilustre sergipano Gilberto Amado. Nas suas páginas, registram-se não só as experiências pessoais do narrador, mas também é fornecido um painel com importantes informações sobre os costumes, a cultura, a geografia da região e inclusive as peculiaridades linguísticas da sociedade sergipana – especialmente das vilas sergipanas de Estância e Itaporanga –, à época da escrita. O texto descreve desde a comida que era servida à janta, a vida nitidamente importada (roupas e calçados à moda inglesa, produtos alimentícios vindos da França), são apresentadas ainda as brincadeiras que animavam a infância do menino (manja, pícula, cabra-cega e capuco famanão). Um dos capítulos mostra bem como se dava a instrução na pequena vila de Itaporanga em fins do século XIX, apontando inadequações pedagógicas, muito atraso e pobreza. O narrador-personagem também aborda o modo de vida dos engenhos nordestinos no final do século XIX. Além disso, o livro traz um rico painel descritivo com os ritos das festas religiosas e também das festas populares que ocorriam na região. Depois de contar sua experiência no colégio de Aracaju, Gilberto se dedica a narrar seu retorno à Itaporanga, e em seguida conta a respeito de sua ida para a Bahia, onde foi cursar Farmácia. No capítulo – "Estudante na Bahia" – são descritos os ambientes das pensões estudantis daquele estado, já no capítulo "Adolescência", Gilberto tece reflexões a respeito da dualidade que caracterizou aquela fase de sua vida: as vontades do menino de quatorze anos versus a responsabilidade que era esperada do recém-formado farmacêutico.

[3] A primeira edição deste texto data do ano de 1954 e relata histórias transcorridas no final do século XIX e início do século XX, nas vilas de Estância e Itaporanga, interior de Sergipe, tendo sido analisadas tanto a primeira, quanto a segunda edição (1999) para a consecução deste trabalho.

pesquisas sociolinguísticas semelhantes (Cf. Tavares[4] (2003), Reis[5] (2003) e Generali[6] (2011), além de Rumeu (2013) e Scherre (2018)). É por isso que compete ao historiador da língua buscar nos documentos históricos

[4] Tavares (2003) analisou o romance *Vinhas da Ira* (1939), de John Steinbeck, isto é, a versão traduzida para o português que levou em consideração aspectos de fala rural do Rio Grande do Sul de meados de século XX, a fim de observar a gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações. Essa autora concluiu que a interpretação dos resultados referentes à distribuição de "e", "aí" e "então", tanto no âmbito linguístico quanto no social, configuram-se como "indícios reveladores do estágio de variação/estratificação e de mudança em que se encontrava esse domínio funcional em 1940" (TAVARES, 2003, p. 268).

[5] Reis (2005) analisou a expressão do imperativo em peças teatrais dos séculos XVI, XIX e XX: a variação numa perspectiva diacrônica, segundo ela, foi um estudo que focalizou o uso alternado das variantes indicativa e subjuntiva na expressão de comandos de 2ª pessoa do singular, como em canta/cante, e também o de 1ª pessoa do plural, nas variantes plena e perifrástica, como cantemos e vamos cantar, respectivamente. O corpus de análise foi formado pelas peças *O auto da barca do inferno*, de Gil Vicente; *As casadas solteiras*, de Martins Pena e *A mulher sem pecado*, de Nelson Rodrigues. A busca diacrônica mostrou comportamentos diferentes nas duas pessoas do discurso. Ainda na análise diacrônica, Reis (2003) controla, entre outros aspectos, um grupo de fatores que trata da simetria/assimetria das relações sociopessoais – relações assimétricas de superioridade; relações assimétricas de inferioridade e as relações simétricas de igualdade –, na variação da expressão de atos manipulativos de fala. Como fonte dos dados, a autora tomou também o texto de *Vinhas da Ira* (1939), de John Steinbeck, isto é, a versão traduzida para o português que levou em consideração aspectos de fala rural do Rio Grande do Sul de meados de século XX, aproximando-se bastante da oralidade já que "não se trata apenas de escrita, mas escrita-fala, aparentemente bem fundamentada em traços de variação reais, provavelmente encontrados nos dialetos gaúchos de 1940". (REIS, 2003, p. 98).

[6] Generali (2011) investiga o monitoramento de fala e a variação estilística, no âmbito sociolinguístico, em corpus constituído de material falado transcrito do rapper, compositor e escritor MVBill, nas obras *Cabeça de Porco* (2005), *Falcão – Meninos do Tráfico* (2006), *Falcão – Mulheres e o tráfico* (2007), e o filme-documentário *Falcão – Meninos do Tráfico* (2006). A autora constata que o rapper "sabe utilizar bem os recursos da língua portuguesa em todos os endereços sociais nos quais se posiciona, pois obtém desempenhos positivos em diálogos estabelecidos com falantes das mais diversas esferas sociais, comunidades de prática e de fala" (GENERALI, 2011, p. 99). Entre outras conclusões, a autora pontua que as adequações linguísticas – independentemente de serem feitos usos de variantes desprestigiadas – são mais importantes para o sucesso linguístico de determinada persona social do que propriamente a exclusiva recorrência a formas linguísticas prestigiadas.

à sua disposição aqueles que mais imprimem a linguagem usual, livre de pressões normativas – o vernáculo (de acordo com o que definira Labov (1994). Não se deve olvidar que, ao partirmos dos pressupostos da teoria da variação e da mudança linguística, temos que levar em conta o princípio de que a mudança emerge *na* e *da* variação, e que tal característica é inerente à língua falada. Cabe acrescentar ainda que, segundo Faraco[7] (2017),

> [...] mudanças nas formas de tratamento estão correlacionadas com mudanças nas relações sociais e valores culturais. Embora ainda se mantenha em muitas abordagens diacrônicas um princípio metodológico forte (elaborado pelo pensamento estruturalista) de separação estrita entre a história interna (gramatical) da língua e a história externa (as sempre cambiantes condições socioculturais de sua existência no eixo do tempo), a história das formas de tratamento pode mostrar a fertilidade heurística de abordagens teóricas que relativizam aquele princípio. a crença de que os fatos linguísticos só têm condicionantes linguísticos; e abrir espaço para a exploração das intersecções entre o externo e o interno, aceitando a ideia de que a heterogeneidade social e mudanças nas relações sociais podem determinar alterações na língua. Acreditamos que a história das formas de tratamento em português [...] fornece um exemplo interessante da fertilidade da exploração das intersecções" (FARACO, 2017, 114-115).

Também de acordo com Faraco (2017) é possível afirmar que, certamente, são criações medievais as formas *Vossa Mercê* (segundo esse autor, *Vossa Mercê* teria sido utilizado pela primeira vez no ano de 1331) e *Vossa Senhoria*, as quais estariam diretamente associadas a duas relevantes instituições medievais: a mercê do rei, atrelada à distribuição da justiça e à proteção real; e o senhorio – o poder feudal –, associado tanto ao instituto da vassalagem quanto à posse de grandes extensões de terra. Faraco destaca inclusive que esse processo foi peculiar especificamente no caso do português, pois apresentou uma dinâmica social e linguística muito própria, "tanto pela extensão social do uso das novas formas,

[7] O estudo de Faraco se propôs a reconstituir aspectos do ambiente sociocultural que desencadearam e introduziram novas formas de tratamento do interlocutor em português, como também buscou "observar linhas do desenvolvimento diacrônico dessas formas, lançando bases para o entendimento não só das alterações do paradigma das formas propriamente ditas, mas igualmente das suas muitas conseqüências gramaticais que [...] contribuíram significativamente para o desenho do português moderno" (FARACO, 2017, 114-115).

como pela criação de um novo pronome de segunda pessoa do discurso e os respectivos impactos gramaticais desse fato." (FARACO, 2017, p. 118). Isso implica pensar que o uso ampliado dessas formas "foi retirando de algumas [delas] sua força honorífica original e foi criando a necessidade de introduzir novas para manter um sistema diferenciado de tratamento do rei" (FARACO, 2017, p. 118).

> A rápida multiplicação dessas formas em Portugal pode ser entendida, em parte, pela progressiva alteração de seu valor social, resultante da expansão do uso de algumas delas, especialmente Vossa Mercê e Vossa Senhoria, que se transformaram nas formas habituais do tratamento não íntimo entre iguais na aristocracia, a qual, por sua vez, costumava exigir o uso dessas formas por parte das pessoas de status social inferior (serviçais, subordinados, artesãos, etc.), abrindo espaço para a extensão de uso de algumas dessas formas (FARACO, 2017, p. 118).

Faraco aponta um nítido movimento que de forma continuada redistribuía socialmente as formas de tratamento. Assim, quando alguma delas começava a ter um uso mais popular, e fugia do círculo mais restrito de usuários, tais falantes buscavam substituí-las. Isso aponta para o fato de determinadas formas de tratamento carregarem "valores especiais de prestígio (de status social) ligadas a elas em virtude de serem usadas por um subgrupo específico de pessoas. Aqueles fora desse subgrupo que começaram a usar tais formas estavam certamente fazendo um esforço para identificar-se com o subgrupo de maior prestígio social" (FARACO, 2017, p. 118). Faraco pontua ainda que a nova aristocracia portuguesa passa a introduzir novos padrões de alimentação, vestuário e, mais importante, de tratamento do interlocutor:

> Essa dinâmica inter-relação entre fatores sociais e verbais pode ser particularmente visível no sistema de tratamento do interlocutor, já que esse sistema representa talvez da forma mais direta alguns dos fundamentos axiológicos da organização do status social. Assim, se uma sociedade passou ou está passando por rápidas mudanças que se refletem nas relações interpessoais possíveis, pode-se esperar que mudanças lingüísticas na área do tratamento venham a ocorrer, com possíveis conseqüências para outros aspectos da estrutura da língua (FARACO, 2017, p. 117).

Partindo desses argumentos, este artigo se propôs a analisar como as variantes de língua atribuídas a determinadas personagens vão culminar numa elaboração peculiar delas e do contexto ao qual pertenciam.

Assim, recorremos tanto à teoria da variação laboviana – a qual toma a variação como diretamente correlacionada a fatores sociais –, bem como à noção de *persona*[8], trabalhada na Sociolinguística tanto por Penelope Eckert (2001, 2003, 2004, 2005), quanto por Coupland (2001), os quais defendem que o estilo, definido em termos de formalidade e informalidade, deve ser tomado para além de um contínuo, e ser observado enquanto um *modus operandi* diverso para a realização de uma mesma tarefa. Assim, é preciso que o estilo seja abordado como um fenômeno associado a outros fatores de natureza social, histórica, econômica, cultural, etc. Outra teoria fundamental é a elaborada por Brown e Gilman (1960), a qual se costuma intitular de teoria do Poder e da Solidariedade. De acordo com tal teoria haveria dois princípios, o de poder e o de solidariedade, por meio dos quais se manifestariam as relações de forças existentes entre interlocutores. Assim, na dimensão do poder, as relações se dariam quando um comportamento é controlado por outro a partir de fatores como idade, sexo, força física, etc. Tais relações então seriam marcadas pela diferença, o que implicaria um tratamento assimétrico entre interlocutores.

Já nas relações que seguem o princípio da solidariedade seria encontrada a reciprocidade no tratamento. Nesse caso, um interlocutor utiliza uma determinada forma com a qual também é tratado. Estabelece-se, com isso, uma relação simétrica. Em seus estudos, Brown e Gilman (1960) observaram um processo lento e gradual pelo qual estavam passando as línguas europeias e verificaram, por exemplo, relações assimétricas de tratamento passando a se configurar como relações de simetria.

Neste ponto, podemos ilustrar com o uso variável dos pronomes *você* e *vosmecê*, pois, no texto amadiano, apenas a algumas das personagens (tia, o pai, um bêbado não nomeado) é atribuído o uso da forma *vosmecê*, enquanto a mãe, a professora e o próprio narrador, por exemplo, se utilizam da forma *você*. A constatação do uso variável pronominal é uma pista que nos sugere que essas variantes conviviam entre si no período da infância

[8] Para Eckert (2005), o termo *persona* pode ser entendido como o somatório das várias identidades de que o falante pode dispor em diferentes ou em semelhantes contextos, manifestadas através da variação estilística. Coupland (2001) toma como estilo a saliência presente nas variadas identidades sociais que possam surgir. Além disso, esse autor mostra que é preciso reconhecer que mais de uma imagem pode ser projetada em um curto espaço de tempo, já que, ao analisarmos o estilo, observamos indivíduos (no nosso caso específico personagens) interagindo com seu próprio espaço, tempo e contexto relacional.

do autor da obra sob análise, já com tendências de uso que refletem a dimensão da mudança pela qual passa a forma *vosmecê*. Durante a leitura desse texto o leitor se depara com trechos nos quais o próprio uso do recurso gráfico do itálico sugere que aquela fala está sendo identificada como uma variação linguística atribuída à personagem.

A hipótese trabalhada na pesquisa é a de que é possível, a partir de fontes escritas, verificar, em épocas anteriores, a avaliação acerca de traços variáveis do sistema linguístico em determinada sociedade, no caso, conforme foram registrados no romance em foco. Partiu-se do pressuposto de que a seleção de variantes linguísticas escolhidas para construir uma personagem reflete valores socioestilísticos que permeiam a sociedade à época da escrita da obra literária, ainda que este tipo de fonte não seja o comumente utilizado pela pesquisa sociolinguística tradicional. Labov (1994), ao abordar os problemas na interpretação de dados históricos, destaca que a força da linguística histórica reside na sua habilidade de traçar mudanças linguísticas através de muitos períodos de tempo. No entanto ele vai mostrar as dificuldades que são colocadas ao linguista histórico, apesar de tal área de estudo repousar firmemente sobre o caráter objetivo e abrangente de seus dados. Assim, Labov defende que os dados, ricos em vários sentidos, são pobres em outros e ressalta que os documentos históricos não sobrevivem por um desígnio intencional e sim pelo mero acaso, e a seleção a que os historiadores terão acesso será o produto de uma série imprevisível de acidentes históricos.

Outra ressalva feita por ele é o fato de as formas linguísticas em tais documentos serem normalmente distintas das variedades vernaculares dos escritores, refletindo esforços para estruturar um dialeto normativo que nunca foi língua nativa de ninguém. Além disso, os documentos históricos podem fornecer apenas evidências positivas; as evidências negativas a respeito do que não é gramatical só podem ser inferidas a partir de lacunas na distribuição, as quais muitas vezes só são detectadas pelo acaso. Mesmo diante de tais argumentos contrários, vamos nos ocupar do fato – também defendido por Labov (1994) – de que é possível pensar a linguística histórica como a arte de fazer o melhor uso dos maus dados. Assim, é preciso driblar a dificuldade que se coloca pelo fato de geralmente sabermos muito pouco sobre a posição social dos escritores e sobre a estrutura social da comunidade sobre a qual se debruça o documento escrito.

Labov aponta inclusive que a tarefa da linguística histórica é, portanto, explicar as diferenças entre o passado e o presente, mas à medida

que o passado era diferente do presente, não há nenhuma maneira de saber como era diferente. As diferenças entre o passado e o presente podem ser aplicadas não só às formas e regras da língua, mas também a como aquelas formas e regras foram aplicadas e como elas mudaram. Assim, defende-se que ao se estudar a variação e a mudança linguística é preciso que se faça previamente um embasamento sobre o contexto sócio-histórico em que o texto foi produzido, notadamente quanto à estrutura da sociedade da época. Berlinck *et al* (2008) acrescentam que tal cuidado metodológico deve pautar qualquer estudo histórico da língua, qualquer que seja a natureza das fontes analisadas e isso inclui a obra amadiana ora em foco. Um outro ponto colocado por elas é o imperativo de se avaliar a linguagem empregada nos textos levando em consideração seu caráter dialógico e potencialmente plurilíngue ou pluridialetal, sem olvidar o papel do autor na construção/representação de um contexto histórico e de sua linguagem.

Cientes dos problemas a serem enfrentados em virtude de buscarmos executar um trabalho baseado também em pressupostos da linguística histórica, entre os resultados que queremos encontrar no texto ora sob análise está a identificação de relações entre usos linguísticos e papéis sociais das personagens. O próprio Labov (1994) assevera que uma das maiores dificuldades que o linguista que estuda a mudança sob uma perspectiva diacrônica enfrenta é a ausência de falantes de uma época passada, fazendo com que ele recorra a documentos escritos considerados representativos de um determinado período[9]. É por isso que aqui lançou-se mão da pesquisa da obra amadiana, pois nela foram verificados registros das memórias e inclusive as condições de vida (aspectos sociais) de uma época. Acredito que tal texto foi viável como fonte de estudos linguísticos, sócio-históricos, etc. É por essa razão que este artigo se propõe a observar a correlação que há entre o uso de variantes linguísticas específicas e as características sociais das personagens a quem são atribuídas tais variantes, atentando especialmente às relações hierárquicas daí resultantes.

[9] Como exemplo dos textos consultados para o desenvolvimento desta pesquisa, pode-se citar Reis (2003).

2. Implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das *personas*[10] de *História da minha infância*

Após apreciar as características disponíveis, foi possível vislumbrar como o autor elaborou as respectivas *personas* das personagens mais relevantes no enredo. Observou-se, por exemplo, que para o pai e a mãe, personagens escolarizadas e cultas, pertencentes a uma família de posição social privilegiada, é atribuído um nível de linguagem altamente formal, nos dizeres labovianos, e tais falares não implicam estigmatização. Nota-se que essas *personas*, assim, como a do narrador, não são marcadas por variações estilísticas desprestigiosas. A única *persona* que oferece uma relevante variação estilística, e é também membro da importante família Amado, é o avô José Amado. Para essa personagem foi imputado um uso estilístico mais informal, tomando por base o contínuo estilístico laboviano, isto é, foi adotado um estilo menos monitorado. Além disso, os fatores escolarização e idade são relevantes para as variantes linguísticas a elas atribuídas, pois, aos ouvidos do neto, a idade avançada do avô e o fato de não ter frequentando a escola leva a personagem a usos não monitorados e despreocupados com a formalidade da apresentação linguística.

É interessante que a saliência mais destacada se refere a traços fonológicos. A tabela a seguir mostra, para as personagens que foi possível caracterizar, a relação hierárquica que se estabelece entre elas. Pudemos perceber que o narrador de *História da minha infância* procurou se utilizar de vários pronomes e formas de tratamento a fim de marcar tais relações (*você, tu, vosmecê, senhor, Vossa Senhoria, Coronel*). Para o *vosmecê*, foi possível notar um uso específico, o de respeito e subserviência em relação ao interlocutor, já para o "você" foi possível observar tanto a relação de intimidade (tratamento entre iguais) quanto a de superioridade (relação de superior para inferior). A forma você, que a essa época já dava indício de estar cristalizada como pronome pessoal de segunda pessoa do discurso, é a mais produtiva em todo o texto, pois

[10] Para Eckert (2005), o termo *persona* pode ser entendido como o somatório das várias identidades de que o falante pode dispor em diferentes ou em semelhantes contextos, manifestadas através da variação estilística. Coupland (2001) toma como estilo a saliência presente nas variadas identidades sociais que possam surgir. Além disso, esse autor mostra que é preciso reconhecer que mais de uma imagem pode ser projetada em um curto espaço de tempo, já que, ao analisarmos o estilo, observamos indivíduos (no nosso caso específico personagens) interagindo com seu próprio espaço, tempo e contexto relacional.

aparece vinte vezes, sempre representando as relações hierárquicas – de intimidade/proximidade e superioridade. O pronome pessoal "tu" aparece indiretamente na fala do narrador já adulto e nas formas no imperativo. O quadro 1 sumariza as relações estabelecidas entre as personagens (relações assimétricas de superioridade; relações assimétricas de inferioridade e as relações simétricas de igualdade) na obra de Amado (1999):

Quadro 1 - Relação de hierarquização entre as personagens

Personagem que utiliza a forma de tratamento/ pronome em destaque e respectivos papéis sociais	**Papel social do interlocutor a quem a personagem se dirige**	**Forma de tratamento/ Pronome utilizado**	**Relação hierárquica**
Gilberto Amado - amigo [1], aluno [2]	1 - Criança francesa. 2 - Professor Oliveira – Ex-padre, dono do Colégio em Aracaju	1 - Que queres ***[tu]*** que traga Janot? 2 - 'o ***senhor*** acredita que quero bem a minha mãe? Pois não fui eu. Juro por ela!...'	1- Superior > inferior (assimétrica) 2- Inferior < Superior (assimétrica)
Ana Machado - Mãe [1], Esposa [2], Nora [3]	1 - Gilberto Amado – filho 2 - Melchisedech Amado – Marido 3 - José Amado – sogro	1 - ***Você*** viu? 2 - ***Você*** não entende de engenho, não vai enterrar a família num buraco como o Quindongá!' 3 - **Vosmecê** sabe como menino é...	1- Superior > inferior 2- Iguais/ íntimos 3 - Inferior < Superior
Melchisedech Amado - Filho [1], Pai [2].	1 . José Amado - pai 2./3. Gilberto Amado – filho	1 - ***Vosmecê*** não tem nada, amanhã está melhor. 2 - ***Você*** é lá caixeiro? 3- Puxa ***[tu]*** para casa!	1 - Inferior < Superior 2 e 3- Superior > inferior

José Amado - Avô [1], Pai [2], juiz de paz [3]	1. Gilberto Amado – neto 2. Melchisedech Amado – Filho 3. Cabo não especificado	1- ***Você*** não tem peso para aquele animal. 2 - ***Você*** não sabe *tou* perdido! 3 - – *Cumpra* [***você***] o *seu* dever. *Mantenha* [***você***] a ordem. [...]	1,2 e 3 - Superior > inferior
Sá Limpa – Professora [1]	1 - aluno não especificado	1 - '***Você*** já foi uma vez. Está doente?'	1 - Superior > inferior

Fonte: elaboração própria.

O quadro 1 consiste em uma tentativa de sumarizar as relações entre os personagens. O recurso de utilização variável de pronomes pessoais e de tratamento para a referência ao interlocutor se configura como pistas que nos indicam que o autor, entre outros objetivos, quis demonstrar as relações simétricas e assimétricas travadas entre as personagens. Vejamos, agora, como os traços linguísticos variáveis do sistema contribuem para a constituição destas relações.

2.1 O uso variável de *você* e *vosmecê*: pronome pessoal ou pronome de tratamento?

Apesar de não haver pacificação quanto aos estudos sobre a origem do você (cf. Rumeu (2013), Faraco (2017) Scherre[11] (2018),), há autores que acreditam em uma origem hispânica da forma *vossa mercê* e do próprio *você* – a maioria dos gramáticos, filólogos e etimologistas atribuem a origem do pronome *você* a uma redução fonológica do antigo pronome de tratamento *vossa mercê,* defendendo que a primeira forma pronominal resultou de uma evolução que se origina do latim, isto é,

[11] Scherre *et al* (2018) analisam a variação das formas pronominais *tu* e *você*, na posição de sujeito, em cartas capixabas do início do século XX. Como resultados da análise dos 226 dados foram observados: (1) alto índice de *tu*, (2) mudança de tratamento clara conforme o interlocutor, (3) favorecimento do tu como forma nula e nos tópicos de maior proximidade.

seria uma abreviação fonética do *Vossa mercê*[12]. Na língua portuguesa, tal evolução se iniciou a partir dos pronomes *tu* e *vós*, que eram usados como tratamento direto da pessoa ou pessoas a quem o falante se dirigia. Segundo Gonçalves (2008),

> Devido à necessidade de se diferenciar na hierarquia as formas de tratamento, usava-se o *tu* na intimidade e, ao seu lado, a forma *vós* para tratamento cerimonioso indireto. Outro modo de tratamento indireto que era usado para dirigir a um atributo ou qualidade eminente da pessoa e não a ela própria era a forma *vossa mercê* (entre outras) que, ao longo do tempo, tornou-se popular, sofreu transformações fonológicas e foi se simplificando, dando origem a várias formas: *vossemecê, vossancê* e *você*. (GONÇALVES, 2008, p. 95)

Gonçalves (2008) mostra que a forma *vossa mercê* tem origem em meio aristocrático, no entanto, já em finais do século XV, registram-se usos dessa forma fora desse meio. É Nascentes (1956), *apud* Gonçalves (2008), que argumenta que, a partir do século XVIII, a forma "a mercê" passou a ser remetida aos burgueses, isto é, às pessoas que mereciam respeito no trato, mas não tinham senhoria. Nascentes (1956, p. 116) citado por Gonçalves (2008, p. 97), mostra que '[...] *vossa mercê* agradava todo mundo. A classe humilde não tardou a apoderar-se da fórmula nova para uso próprio'. Assim, os colonos que vieram da Metrópole portuguesa trouxeram consigo esse uso já generalizado para o Brasil. Rumeu (2013) vai apontar que há uma aparente contradição advinda da origem e de como se deu a mudança de *vossa mercê* até *você*, pois foi sendo percebida

> [...] uma divergência gradativa do tratamento-fonte (Vossa Mercê) e passou a concorrer com o solidário Tu nos mesmos contextos funcionais. Do 'tratamento nominal abstrato' (Vossa Mercê), nos termos de Koch (2008, p.59), herdou o caráter indireto, por isso seria menos invasivo, menos 'ameaçante ao interlocutor' e, dessa forma, funcionou como a estratégia preferida pelas mulheres na sociedade brasileira do século XIX. (RUMEU, 2013, p. 548.)

[12] Segundo Nascentes (1956, p. 114-115, apud GONÇALVES, 2008, p. 96), "a) ora esta expressão é marcada pela noção de causa, quando expressa uma estratégia argumentativa utilizada pelos súditos que, ao solicitarem algo ao Rei, apresentavam os requerimentos utilizando o habitual pronome *vós*, pediam uma graça por *mercê* e, assim, agregavam este vocábulo ao pronome possessivo em concordância com o pronome utilizado, formando a expressão *vossa mercê*. Expressão essa 'que afagava a vaidade e o amor próprio' do soberano; b) ora é marcada pela noção de efeito, quando expressa a recompensa, denominada de *mercê* ou *mercede*, que é dada pelos reinantes aos súditos em troca dos serviços prestados."

Faraco explica que a forma Vossa Mercê evolui após ampla expansão social da sua utilização, ocorrendo por dois caminhos, muito provavelmente ligados a distintas variantes socioestilísticas. "De um lado, ela manteve sua integridade formal e seu valor como uma forma de tratamento relativamente respeitosa num estilo cuidado entre a pequena burguesia urbana, mas foi arcaizando-se durante os séculos XVII e XVIII, ao mesmo tempo em que sua rival abreviada (você) estava se tornando dominante" (FARACAO, 2017, p. 120-121). Segundo Scherre *et al* (2018, p. 9), na linha das discussões apresentadas por Faraco, aponta que, em sua origem, o quadro de pronomes do português brasileiro (PB), no que se refere à segunda pessoa, era composto "pelos pronomes tu e vós, que marcavam, respectivamente, intimidade e distanciamento interacional (CINTRA, 1972)" (SCHERRE *et al*, 2018, p. 9). Elas destacam que o pronome *vós* teve sua utilização consideravelmente reduzida assim o canônico *tu* passa competir por espaço com o *você*, o qual, segundo as mesmas autoras, seria resultado "da gramaticalização da forma nominal Vossa Mercê > você. Assim, no PB para se identificar com quem se fala, além do pronome tu, há, também, o pronome você, que é reconhecido 'como pronome pessoal de segunda pessoa do singular para a grande maioria dos falantes brasileiros' (PAREDES SILVA, 2003, p. 160)" (SCHERRE *et al*, 2018, p. 9).

Ao mostrar um paralelo com o uso de *tu* em Portugal, país onde tal pronome tem uso diferente do que se faz dele aqui no Brasil, Faraco (2017) mostra que

> A situação no Brasil é bastante diferente. Você é o pronome de uso comum para o tratamento íntimo, estando o pronome tu restrito a algumas variedades regionais. A razão para esse uso tão amplo de você no Brasil deve ser encontrada, certamente, na história da formação do País. É fato que não temos documentos das formas linguísticas correntes nos primeiros tempos da ocupação europeia. Alguns dados, porém, são importantes para um processo de reconstrução hipotética de tais fatos e conclui que é possível 'pressupor que, desde o início da ocupação europeia do Brasil, as formas predominantes de tratamento do interlocutor eram as diferentes variantes de Vossa Mercê (FARACO, 2017, p. 121).

Biderman (1972), vai mostrar que, quando se deu a colonização, tanto os padrões de comportamento quanto a estrutura social trazidos para a América Latina foram basicamente os mesmos existentes na Península Ibérica. Nas sociedades do Velho Mundo as relações entre os cidadãos eram fundadas em um poder claramente estabelecido. E é por

isso que o poder "figurará como uma força polarizadora na organização das relações. No Novo Mundo, porém, a forma de dominação que se estabeleceu foi ainda mais extremada: a escravidão de fato, ou de direito" (BIDERMAN, 1972, p. 349-350). Essa autora hipotetiza o fato de os colonos da América Latina, de origem portuguesa e espanhola, por serem oriundos da classe baixa e média inferior, e de serem, inclusive, marginais malquistos nas suas pátrias de origem; terem sido os responsáveis por criar e impor relações de poder extremas. Ela atribui tal extremismo ao fato de a arbitrariedade ser maior quando é dado poder a alguém que não é acostumado e ele:

> Dominando outros indivíduos, o imigrante europeu pobre repetiu o esquema que sofrera. Donde se estabeleceram relações assimétricas na sociedade colonial latino-americana. [...] a maioria desses colonos europeus, das zonas rurais da Ibéria, trouxeram consigo as velhas formas medievais de relação, fundando a família patriarcal, ainda hoje típica do mundo latino-americano." (BIDERMAN, 1972, p. 350)

Biderman descreve algumas das díades resultantes desse processo: 1. Relações de trabalho: Senhor > escravo / Senhor (patriarca, coronel) > colono (ou criado); 2. Relações familiares: Pais > Filhos /Marido > Mulher; 3. Relações entre os sexos: Homem > Mulher.

Said Ali (1976), em seu trabalho sobre *vossa mercê*, assevera que, no século XIV, a locução nominal *vossa mercê* ainda não havia se firmado como pronome. Tal expressão era utilizada como título honorífico, ligando-se à terceira pessoa do singular, embora fosse associada aos pronomes da segunda pessoa (vós e vosso). Dessa forma, o uso do pronome *vossa mercê* estendeu-se para os fidalgos e com isso adquiriu o *status* de tratamento.

Faraco (2017) também vai destacar que nos séculos XIV e XV, formas de tratamento que eram utilizadas exclusivamente para o tratamento do rei, aquelas com a estrutura *Vossa + N (Vossa Mercê, Vossa Senhoria, Vossa Alteza, Vossa Excelência, Vossa Majestade*), foram sendo incorporadas à língua. Ele ressalta que algumas línguas europeias, que não o português, acabaram por incorporar expressões similares, mas que é preciso atentar ao traço particular das línguas da Península Ibérica. Nessas línguas, o *Vossa Mercê/ Vuestra Merced*, formas mais antigas, evoluíram

> ao ponto de gerar um novo pronome de segunda pessoa (você/ usted), com sua contraparte plural (vocês/ ustedes). Esse fato teve diferentes repercussões no interior das gramáticas daquelas línguas. O novo elemento gramatical, em razão de sua principal característica (pronome de segunda pessoa do discurso, mas estabelecendo concordância com a terceira pessoa verbal) – característica que o colocou em forte contraste com os pronomes antigos (que estabeleciam concordância com a segunda pessoa verbal), desencadeou diferentes rearranjos nos sistemas verbal e pronominal das línguas em questão, particularmente do português. (FARACAO, 2017, p. 116)

Observemos que das poucas ocorrências do *vosmecê* (variante da forma *vossa mercê*), observam-se as relações hierárquicas assimétricas (inferioridade) sendo estabelecidas entre as personagens, ocorrendo nas falas direcionadas a pessoas mais velhas, às quais é devido um maior respeito (avó e avô do narrador),

(1) *"Siá Dona*, tenho fé em Deus de ver *Vosmecê* ainda numa desgraça para vir a *lhe* acudir." [Bêbado, personagem não momeada, se dirigindo à avó de Gilberto] (AMADO, 1999, p.22)

(2) – *Vosmecê* não tem nada, amanhã *está* melhor. [Melchisedech se dirigindo ao pai, José Amado] (AMADO, 1999, p. 129)

(3)– Não, não é isso! *Você não sabe tou* perdido! O homem lá de cima tá me chamando. [José Amado se dirigindo ao filho, Melchisedech] (AMADO, 1999, p. 129)

(4)– Ora *vosmecê* com estas tolices! *Deixe-se* disso! 'O homem lá de cima' *lhe* mandando chamar! Ora essa! [Melchisedech se dirigindo ao pai] (AMADO, 1999, p. 129)

(5) 'Já disse que *Vosmecê* não pode continuar com esse trabalho na igreja!' [Tia Minu – filha de Manuel Luís ao se dirigir ao próprio pai] (AMADO, 1999, p.13)

(6) "- *Vosmecê sabe* como menino é... quer por força sair a cavalo no carnaval. Não tira da cabeça *o seu*.". [Donana, mãe de Gilberto, dirigindo-se ao sogro] (AMADO, 1999, p. 125)

Uma peculiaridade em relação às ocorrências do *vosmecê* diz respeito ao fato de a maioria das ocorrências acontecerem em falas direcionadas ao avô José Amado. Observamos, de acordo com o que defende Lopes e Duarte (2003), apoiadas em Brown & Gilman (1960), a partir desse detalhe não-linguístico, como as relações sociais entre os personagens fazem emergir a dicotomia "poder e solidariedade". Tal oposição conceitual leva em conta que o parâmetro do poder se refere ao controle que umas pessoas exercem sobre outras em uma determinada situação interativa. Lopes e Duarte ainda explicitam que:

> Tal oposição conceptual (*sic*) [de poder e solidariedade] leva em conta que o parâmetro do poder refere-se ao controle que umas pessoas exercem sobre outras em uma determinada situação interativa. Esse controle do comportamento de um sobre o outro desemboca numa assimetria no tratamento. A relação de poder entre duas pessoas não é recíproca, pois ambos não têm poder na mesma área de comportamento e a consequência disso é a eleição de certas formas de tratamento diferentes em função da hierarquia que se estabelece entre os interlocutores. O segundo parâmetro, o da Solidariedade, estabelece forças iguais, o mesmo nível na hierarquia social: a igualdade entre as pessoas (LOPES; DUARTE, 2003, p.61).

No texto amadiano, podemos verificar, pensando com Brown e Gilman (1960), relações assimétricas por meio do uso das variantes *vosmecê* e *você,* que ocorrem de pessoas mais velhas para pessoas mais jovens, denotando relações hierárquicas de superioridade (mãe de Gilberto para o filho, avô falando ao neto Gilberto e ao filho Melchisedech). Quanto à relação de solidariedade (igualdade), verificamo-la a partir do uso da forma *você* (colegas da mesma faixa etária de Gilberto). Vejamos a seguir excertos retirados da obra de Gilberto que demonstram o uso do *você* e as relações a que nos referimos acima:

(7) – *Você* viu? [a mãe Donana ao dirigir-se ao filho Gilberto] (AMADO, 1999, p. 125)

(8) [...] - *Leve* a sela amanhã. Mas, *olhe*... não me responsabilizo. *Você não tem* peso para aquele animal. [avô José Amado ao dirigir-se ao neto Gilberto] (AMADO, 1999, p. 125)

(9) 'Por que *você* me *fez* isto, por que *você* me *fez* isto?!' [Senhora Martins ao questionar, à beira do caixão, o porquê do suicídio do filho] (AMADO, 1999, p. 29)

(10) '*Você* já *foi* uma vez. *Está* doente? *Tomou* purga?' [Professora Sá Limpa direcionando-se a um aluno] (AMADO, 1999, p. 63)

(11) "Menino, *sai* do sol! *Você vai* apanhar a malina!" [mães de maneira geral] (AMADO, 1999, p. 114)

(12) "*Você sai*? *Você não sai*?" [Meninos, questionando G. Amado] (AMADO, 1999, p. 125)

(13) "Você não sabe *tou* perdido!" [José Amado em conversa com o filho Melchisedech] (AMADO,1999, p. 129)

(14) '- *Você sabe* de remédio para próstata?' [José Amado se dirigindo a um chefe político que fora lhe visitar em um momento de doença] (AMADO, 1999, p. 132)

(15) "- *Você*, Melk, nunca me *deu* um papel! [...] *Você tem* dado papel a todo mundo [...] a mim *esqueceu*!" [...] De batina, Melk, de batina, Já houve papel de padre em duas peças." [Homem ex-negociante requisitando a Melchisedech para fazer parte da peça de teatro] (AMADO, 1999, p. 140-141)

(16) "Mas Jordão... *você*..." [Melhisedech respondendo ao pedido de um homem que lhe requereu participação na peça de teatro] (AMADO,1999, p. 141)

(17) "- *Você*, D... – e pronunciava o nome com exagerada nitidez - é pior do que isto aqui, *você é* como o que sai daqui." [Juvencinho, jovem rapaz itaporanguense, em momento de reflexão] (AMADO, 1999, p. 145)

(18) '*tire você*, *seu*....' [Rapaz louco, estudante e morador de república na Bahia, ao dirigir-se a outro rapaz com quem estava brigando] (AMADO, 1999, p. 180)

(19) "Esse simulcadência onde encontrou *Você* essa palavra?" [Professor Eutíquio Lins ao questionar Gilberto] (AMADO, 1999, p. 193)

(20) '*Você* não *vê* que ele não sente?' [Arruaceiro chefe dos meninos do Colégio em Aracaju respondendo ao questionamento de Gilberto Amado] (AMADO, 1999, p. 165)

(21) '*Você* o que é que já *sabe*? Qual é o livro que *está* lendo?' [Frequentadores da casa do bem-sucedido padrinho de Gilberto dirigindo-se ao jovem estudante Gilberto] (AMADO, 1999, p. 154)

De acordo com Lopes e Duarte (2003), no português europeu *você* está disseminado e compete com *o(a) senhor(a) e o tu*, obedecendo o grau de intimidade existente entre os interlocutores. Tal fato demonstra que o *você* ainda guarda traços de forma de tratamento. Essas mesmas pesquisadoras mostram que "no português do Brasil, ao contrário, *você* já está perfeitamente integrado ao sistema de pronomes pessoais, substituindo *tu* em grande parte do território nacional ou convivendo com *tu* sem que o verbo traga a marca distintiva da chamada 'segunda pessoa direta'" (LOPES, DUARTE, 2003, p. 61).

Já para Bagno (2011), é inequívoca a constatação de que a palavra *você* está totalmente gramaticalizada como pronome pessoal, pois se se quer descrever realisticamente o português brasileiro contemporâneo é preciso desconstruir o fato de até os dias de hoje as gramáticas normativas e os livros didáticos ainda trazerem *você* como pronome de tratamento.

Segundo Almeida (2012, p. 13), existem muitos estudos que vêm apontando diferenças significativas entre o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE), uma das quais é a mudança no quadro pronominal: "A entrada da forma "você" no quadro dos pronomes pessoais nominativos, variando com o pronome "tu" na posição de sujeito de 2ª pessoa do singular, tem sido vista como uma das desencadeadoras da reestruturação do paradigma pronominal e até do flexional (concordância) nessa língua."

De uma maneira geral, segundo Biderman (1972 apud GONÇALVES, 2008), no Brasil, efetivou-se uma simplificação não ocorrida em Portugal, relativa às formas de tratamento. E aqui no Brasil observou-se a tendência de ampliação do uso da forma *você*. Segundo Gonçalves (2008) é possível, até certo ponto, explicar a discrepância entre os sistemas português e brasileiro da seguinte forma:

> A sociedade brasileira por ser tida como uma sociedade aberta e a portuguesa, como uma sociedade fechada. [...] a portuguesa é uma sociedade arcaica cujos padrões e relações interpessoais já de há muito desapareceram nas outras sociedades europeias, mesmo no mundo latino mais conservador, em geral. [...] existe forte tendência na sociedade brasileira para assimilar e absorver os padrões dos países desenvolvidos [...]. A mera observação dos grandes centros brasileiros, confrontados com as metrópoles portuguesas, evidenciará a disparidade (BIDERMAN, 1972, p. 367-368 apud GONÇALVES, 2008, p. 98-99).

Em *História da minha infância*, além das formas *vosmecê* e *você*, aparecem as formas *Vossa Senhoria/Senhor e (Seu) Coronel*. Essas duas últimas são marcadamente utilizadas na relação de inferior a superior, vejamos os exemplos a seguir no diálogo entre um cabo e o, naquele momento, juiz de paz José Amado:

> (22) – *Seu Coronel*, estão umas mulheres na rua da Palha fazendo um escarcéu dos diabos. [...] [Cabo não especificado dirigindo-se ao juiz de paz José Amado]
>
> (23) – *Cumpra* o seu dever. *Mantenha* a ordem. [...] [José Amado, juiz de paz, dirigindo-se ao cabo]
>
> (24) – *Coronel,* dei voz de prisão às mulheres em nome de *Vossa Senhoria*. As mulheres riram e disseram que não ligam a *Vossa Senhoria*. E mandaram até eu contar isto a *Vossa Senhoria*! [Cabo não especificado dirigindo-se ao juiz de paz José Amado]
>
> (25) – Pois *diga* a elas que eu também não ligo a elas... [José Amado, juiz de paz, dirigindo-se ao cabo]
>
> (26) – *Coronel*... – estranhou o cabo, torcendo-se. ! [Cabo não especificado dirigindo-se ao juiz de paz José Amado]. (AMADO, 1999, p. 128-129, grifo nosso)

Além desses exemplos, podemos ver o uso da forma coronel no seguinte excerto, no qual José Amado é visitado por um chefe político que está acompanhado do neto – à época já senador. O ilustre visitante então questiona a José Amado:

> (27) '*Coronel*, *o senhor* deve estar muito contente de ver *seu* neto senador.'. [Chefe político local dirigindo-se a José Amado]. (AMADO, 1999, p. 131)

É observada nesta passagem o respeito pelo octogenário explicitado pelas formas de tratamento que uma figura social importante – o chefe político local – imprime ao dirigir a palavra ao ancião. Embora não tenha sido proposta deste trabalho empreender uma abordagem de cunho quantitativo, achamos oportuno quantificar as ocorrências das formas de tratamento/pronomes pessoais encontradas nas falas das personagens

de *História da minha infância*. Vejamos na tabela 1 a distribuição das variantes *vosmecê* e *você* e das formas de tratamento *Vossa Senhoria* e *Seu Coronel* nas relações hierárquicas entre os personagens amadianos:

Tabela 1 - Uso das variantes *vosmecê* e *você* e das formas de tratamento *Vossa Senhoria* e/ou *senhor* e *Seu Coronel/Coroné* nas relações hierárquicas entre os personagens amadianos

Relação entre os personagens	***VOSMECÊ* (Total de 7 ocorrências)**	***VOSSA SENHORIA/ SENHOR* (Total de 4 ocorrências)**	***VOCÊ* (Total de 19 ocorrências)**	**"*(SEU) CORONEL"/ CORONÉ*<◇> (Total de 6 ocorrências)**
De superior para inferior	0%	0%	65%	0%
De inferior para Superior	100%	100%	0%	100%
Entre iguais	0%	0%	35%	0%

Fonte: Elaboração própria

Quantificando as ocorrências por sexo da personagem, temos a tabela 2.

Tabela 2 - Estratificação por sexo da alternância entre o *vosmecê* e o *você*.

***VOSMECÊ* (Total de 7 ocorrências)**		***VOCÊ* (Total de 19 ocorrências)**	
HOMENS	**MULHERES**	**HOMENS**	**MULHERES**
70%	30%	65%	35%

Fonte: Elaboração própria.

Os dados da tabela 1 nos sugerem que o fator relação hierárquica é muito relevante para entendermos o uso variável das quatro formas pronominais e de tratamento elencadas (*Vosmecê, Vossa Senhoria, Seu Coronel e você*), já que as três primeiras formas são unanimemente utilizadas para demonstrar uma relação de inferioridade/respeito do falante em relação ao seu interlocutor, e a forma *você* utilizada para marcar relações tanto de superioridade quanto de igualdade. Quanto à tabela 2, pouco podemos dizer, pois o baixo índice para o uso feminino

de ambas as variantes se deve à proporcionalidade da quantidade de diálogos atribuídos a personagens femininas. Tal especificidade não pode nos indicar quaisquer resultados conclusivos quanto à estratificação por sexo, já que as ocorrências são mínimas e que as falas são esparsas, não nos permitindo vislumbrar um padrão de uso quanto ao fator extralinguístico sexo.

3. Considerações finais

Com a análise do texto memorialista *História da Minha Infância*, foi possível observar pistas diacrônicas, bem como variações estilísticas imputadas às falas de diversas personagens, além de diversificados fenômenos variáveis, aspectos importantes da relação língua x sociedade. No que concerne a tais fenômenos, pudemos relacionar diversificados estudos contemporâneos, tendo sido possível atestar que os fatores extralinguísticos - favorecedores da ocorrência dos fenômenos - detectados na atualidade têm indícios de ocorrência também em Amado (1999).

É preciso destacar a sensibilidade do narrador a fenômenos fonológicos salientes, fator que se mostrou como uma marca estilística presente no decorrer do texto, já que ele não se absteve de caracterizar as personagens levando em conta determinadas especificidades de suas realizações linguístico-fonológicas. Assim, verificou-se que o autor se utilizou do artifício da divergência para tornar as falas de personagens específicas (menino em início de escolarização, bisavô português, bêbado não nomeado, entre outros) mais próximas da modalidade falada da língua – o vernacular –, observando a finalidade comunicativa da qual se desejava embutir os diálogos. No entanto, ficou patente a postura de distanciamento adotada pelo narrador, que, através das marcações em itálico, assinalou a nítida separação entre o grupo social ao qual se mostra pertencente e o grupo social que, oriundo de um regime escravocrata e relegado a subocupções no mercado de trabalho, cujas identidades linguísticas eram, majoritariamente, desprestigiadas. Assim, em que pese o contexto escrito dos dados, essas utilizações desprestigiadas marcam socialmente aquelas *personas*, cujas realizações linguísticas recebem o destaque em itálico.

A partir dos dados apresentados e levando em consideração o foco na alternância estilística, pudemos constatar a variação *vosmecê x você x tu* [ainda que sutilmente], em que o autor elaborou os diálogos e deu voz às personagens não meramente ocupando-se do grau de formalidade exigido pela interação mas, para além de ocupar-se de uma alternância de estilos num nível de escolha individual, foi verificada a influência dos fatores: contexto interacional, tipo de relação entre os interlocutores e

idade. Observou-se que o uso dos pronomes *você* e *vosmecê* é variável e que apenas a algumas das personagens (tia, o pai, um bêbado não nomeado) é atribuído o uso da forma *vosmecê*, enquanto a mãe, a professora e o próprio narrador, por exemplo, se utilizam da forma *você*. A constatação do uso variável pronominal é uma pista que nos sugere que essas variantes conviviam entre si no período da infância do autor da obra sob análise, já com tendências de uso que refletem a dimensão da mudança pela qual passa a forma *vosmecê*.

Em termos de covariação, atualmente há variados estudos sobre a variação *tu x você;* no entanto, não temos conhecimento de estudos que se ocupem da variação entre *vosmecê x você*, contraste mais produtivamente trabalhado por Amado – muito mais que a covariação *você x tu*, existente, mas mais sutil – de acordo com as amostras do corpus. Assim, foi possível perceber que o narrador de *História da minha infância* procurou se utilizar de vários pronomes e formas de tratamento a fim de marcar as relações hierárquicas simétricas (igualdade/afinidade) e assimétricas (inferioridade e superioridade) através do uso dos pronomes e formas pronominais *você, tu, vosmecê, senhor, Vossa Senhoria, Coronel*, e essa variação de formas pronominais e de tratamento foi um fenômeno bastante produtivo em todo o texto.

Como principais limitações à pesquisa da qual este artigo deriva, elenco os fatores escassez de diálogo e visão panorâmica do fenômeno variável detectado. Assim, o primeiro fator impossibilitou um maior detalhamento na elaboração das *personas* aqui listadas, para a maioria das quais, apesar de terem sido comprovados os perfis sociais, não foram evidenciados os perfis linguísticos. Em que pese o fato de ter optado por realizar uma análise panorâmica, levo-me a acreditar que um olhar panorâmico também tem sua validade devido ao caminho que se abriu para estudos futuros mais específicos no que toca aos dados aqui levantados e em outros textos escritos, a exemplo dos mencionados neste artigo.

Referências

ALMEIDA, N. L. F. Urbanização, escolarização e variação linguística em Feira de Santana-Bahia (século XX). *Revista Tabuleiro das Letra*s, Salvador, n. 4, p. 1-21, 2012. DOI: https://doi.org/10.35499/tl. Disponível em: <http://www.tabuleirodeletras.uneb.br/secun/numero_04/pdf/no04_artigo012.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2013.

AMADO, G. *História da Minha Infância*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio, 1954.

AMADO, G. *História da Minha Infância*. São Cristóvão: Editora da UFS; Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.

BERLINCK, R.; BARBOSA, J. B.; MARINE, T. de C. Reflexões teórico-metodológicas sobre fontes para o estudo histórico da língua. *Revista da ABRALIN*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 169-195, 2008. DOI: https://doi.org/10.25189/rabralin.v20i2

BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. *Alfa*, Marília, n. 18-19, p. 339-381, 1972-1973.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. *In*: SEBEOK, T. A. (ed.). *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-276. Disponível em: <https://www.ehu.eus/seg/_media/gizt /5/5/brown-gilman-pronouns.pdf>. Acesso em:18 ago. 2021.

CORREIA, F. B. *A literatura como fonte de dados*: um olhar sociolinguístico sobre a obra História da Minha Infância, de Gilberto Amado. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 2014.

COUPLAND, N. Language, situation, and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 185-210. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/style-and-sociolinguistic-variation/language-situation-and-the-relational-self-theorizing-dialectstyle-in-sociolinguistics/78F9F02E7474F7C74AC5F87AAE71183F >. Acesso em: 15 set. 2013.

ECKERT, P.; McCONNELL-GINET, S. Communities of practice: Where language, gender and power all live. *In*: HALL, K.; BUCHHOLTZ, M.; MOONWOMON, B. *Locating power:* Proceedings of the Second Berkeley Women and Language Conference. Berkeley: University of California: 1992. p. 88-89. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/Communitiesof.pdf >. Acesso em: 29 set. 2013.

ECKERT, P. Style and social meaning. *In*: ECKERT, P.; RICKFORD, J. (eds.). *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/f4c2/77ce086f88e6bc853e318dc4 65f24504963a.pdf>. Acesso em: 29 set. 2019.

ECKERT, P. *Linguistic Variation as Social Practice*. Massachussets; Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

ECKERT, P. The meaning of style. *In*: THE ELEVENTH ANNUAL SYMPOSIUM ABOUT LANGUAGE AND SOCIETY, 2003, Austin. *Proceed-*

ings… Austin: University of Texas, 2003. p. 41-53. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/salsa2003.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2019.

ECKERT, P. Variation, Convention, and social meaning. In: THE ANNUAL MEETING OF THE LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA, 2005, California. *Proceedings*… California: LINGUISTIC SOCIETY OF AMERICA, 2005. p. 1-33. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/fbbc/9f7afff0001f29943533 20db793e413 ff0f3.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2013.

FARACO, C. A. O tratamento "você" em português: uma abordagem histórica. *Labor Histórico,* Rio de Janeiro, n. 3. v. 2, p. 114-132, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/article/view/17150>. Acesso em: 17 nov. 2013.

GENERALI, S. C. *MV Bill e o diálogo do tráfico*: monitoramento de fala, estilo, identidade e preconceitos linguísticos. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 2011. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5782>. Acesso em: 17 nov. 2013.

GONÇALVES, C. L. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no Portugu*ês. 2008. 349f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: < https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-21012009-152856/publico/CLEZIO_ROBER TO _ GONCALVES.pdf >. Acesso em: 11 abr. 2014.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change:* internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, C. R. dos S.; DUARTE, E. L. De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas. *In*: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (org.). *Análise contrastiva de variedades do português:* primeiros estudos. v. 1. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. p. 61-76.

REIS, M. S. dos. *Atos de fala não-declarativos de comando na expressão do imperativo:* A dimensão estilística da variação sob um olhar Funcionalista. 2003. 216 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/12345 6789/84869>. Acesso em: 06 dez. 2013.

RUMEU, M. C. de B. A variação "tu" e "você" no português brasileiro oitocentista e novecentista: reflexões sobre a categoria social gênero. *Alfa*, São Paulo, v. 57, n. 2, p. 545-576, 2013. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/profs/marciarumeu/Rumeu-2013ALFA.pdf.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

SCHERRE, M. M. P.; DIAS, E.P.; ANDRADE, C.; MARTINS, G. F. Variação dos pronomes "tu" e "você". *In*: MARTINS, M.A.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172. Disponível em: <http://llp.bibliopolis.info/confluencia/rc/index.php/rc/article/view/224/137>. Acesso em: 14 ago. 2021.

SAID ALI, M. De eu e tu a majestade: tratamentos de familiaridade e reverência. *In*: SAID ALI, M. *Investigações filológicas*. Rio de Janeiro: Grifo, 1976. p. 105-120.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de e, aí, daí e então*: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da seqüenciação retroativo -propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. 2003 285 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/12345 6789/84869>. Acesso em: 15 mar. 2014.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 545-572, 2022

Mapeamento de padrões construcionais com o verbo virar na língua portuguesa

Mapping constructional patterns with the verb virar in portuguese

Pedro Gomes da Silva Neto
Universidade Estadual de Goiás (UEG), Cidade de Goiás, Goiás / Brasil
gomesopedro@gmail.com
http://orcid.org/0000-0002-4315-2923

Déborah Magalhães de Barros
Universidade Estadual de Goiás (UEG-POSLLI), Cidade de Goiás, Goiás / Brasil
deborah_barros@hotmail.com
http://orcid.org/0000-0003-1722-840X

Resumo: O objetivo deste artigo foi analisar os usos com o verbo *virar* a fim de mapear um conjunto de padrões construcionais associado a ele na Língua Portuguesa. Com este fim, o estudo filiou-se aos Modelos Baseados no Uso e, mais especificamente, à Abordagem Construcionista Baseada no Uso (GOLDBERG, 2019), assumindo a construção – pareamento de forma e de significado – como a unidade básica de análise. Para o desenvolvimento da pesquisa, adotou-se o Método Misto Incorporado em que foram empregados diferentes procedimentos para análise qualitativa e quantitativa dos dados. O Corpus do Português foi o banco de dados utilizado e foram coletadas 922 ocorrências que são provenientes dos séculos XIX e XX. A hipótese era que as Construções de Estrutura Argumental interferissem no agrupamento de representações associado ao verbo na mesma medida em que os verbos interferem na representação das Construções de Estrutura Argumental. A análise confirmou a hipótese ao constatar usos do verbo *virar* com a Construção de Movimento Causado, a Construção de Movimento Intransitiva, a Construção Resultativa Intransitiva, a Construção [Pronome Oblíquo + *virar*] e a Construção [*virar e mexer* + Oração]. Desse modo, o agrupamento de representações atribuído ao verbo também inclui seus diferentes contextos de uso que assumem diferentes padrões oracionais e, a partir deles, usos mais específicos emergem. Assim, o artigo contribui com discussões sobre a natureza do significado verbal pela Gramática de Construções.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.545-572

Palavras-chave: verbo; construção; língua portuguesa.

Abstract: The aim of this article was to analyze the uses of the verb virar in order to map the cluster of representations associated with it in Portuguese. With this proposal, the study joined the Usage-based Models and more specifically the Usage-based Constructionist Approach (GOLDBERG, 2019), adopting the construction – a paring of form and meaning – as basic unit of analysis. For the development of the research, the Incorporated Mixed Method was adopted in which different mechanisms were used for qualitative and quantitative data analysis. The Corpus do Português was the database used and 922 occurrences from the 19th and 20th centuries were collected. The hypothesis was that Argument Structure Constructions interfered with the cluster of representations associated with the verb in the same way that verbs interfere with the representation of Argument Structure Constructions. The analysis confirmed the hypothesis by verifying uses of the verb virar with Caused-motion Construction, Intransitive Motion Construction, Intransitive Resultative Construction, [Pronome Oblíquo + virar] Construction and [virar e mexer + clause] Construction. In this way, the clustering of representations attributed to the verb also refers to its different contexts of use that assume different clause patterns and, then, more specific uses emerge from them. Thus, the article contributes with discussions on the nature of verbal meaning in Construction Grammar.

Keywords: verb; construction; portuguese.

Recebido em 01 de julho de 2021

Aceito em 01 de setembro de 2021

1. Introdução

A presente pesquisa é respaldada pelos Modelos Baseados no Uso, cuja maior representação em vertente brasileira está na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que conjuga princípios tanto da Linguística Cognitiva quanto da Linguística Funcional (BARROS, 2016). Dentro desse escopo, a Gramática de Construções foi recrutada como base teórica e delimitou-se especificamente ao modelo desenvolvido por Adele Eva Goldberg (1995, 2006, 2019), nomeado inicialmente como Gramática de Construções Cognitiva e inserido posteriormente sob a nomenclatura mais abrangente de Abordagem Construcionista Baseada no Uso.

O principal fundamento da Gramática de Construções está em analisar o conhecimento linguístico como um repertório de agrupamentos que incluem informações tanto da forma quanto do significado (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988). Em razão disso, adota-se como unidade básica de análise a construção, entendida como uma unidade simbólica constituída por uma interface formal, que inclui seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, e por uma interface conceptual, que corresponde aos seus aspectos semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais (CROFT, 2001).

Na Gramática de Construções, o verbo é particularmente instigante por perder a sua centralidade como o predicador relacional de sentenças. Goldberg (2019), em vista de suas primeiras proposições, reorienta o *status* do verbo ao definir uma palavra como um agrupamento de representações estruturadas e parcialmente sobrepostas dentro do Espaço Conceptual Hiperdimensional. Essas representações podem incluir informações detalhadas sobre forma, significado e contextos de uso. Dessa forma, não há apenas o armazenamento da sequência sonora e do sentido prototípico da palavra, mas também de representações semânticas estruturadas que são baseadas em seus contextos de uso. A partir dessa concepção, a representação de um verbo pode ser associada a múltiplos sentidos agrupados e organizados radialmente em torno de um único *frame* semântico prototípico (GOLDBERG, 2019).

A indagação de quais e/ou a quantas representações um único verbo pode ser associado motivou o seguinte problema de pesquisa: (i) A quais padrões construcionais o verbo *virar* é associado de acordo com o seu uso em dados reais da Língua Portuguesa? Assim, assume-se como objetivo descrever os usos com o verbo *virar* a fim de mapear os padrões construcionais que ele instancia na Língua Portuguesa. Este objetivo é divido em três mais específicos: (i) identificar as Construções de Estrutura Argumental que licenciam usos com o verbo *virar*; (ii) verificar em que medida a Estrutura Semântica do verbo se funde com as Estruturas Argumentais das construções; e (iii) sistematizar as relações entre os seus diferentes usos em um mesmo agrupamento.

A hipótese é que as Construções de Estrutura Argumental podem interferir no agrupamento de representações de um verbo na mesma medida em que os verbos interferem na representação das Construções de Estrutura Argumental. Goldberg (2019) afirma que os falantes retêm na memória quais verbos ocorrem com quais construções. Desse modo,

partindo de uma referência cruzada, supõe-se que o agrupamento de representações atribuído a um verbo também abrange os seus diferentes contextos de uso que assumem diferentes padrões oracionais. Como resultado, haveria uma categoria semanticamente inter-relacionada de Construções de Estrutura Argumental que compartilham um mesmo verbo em comum.

Para atingir o fim proposto, o artigo é organizado em três partes. A primeira é dedicada à revisão de literatura em que se discute os Princípios CENCE ME, os significados das palavras e as Construções de Estrutura Argumental, conforme proposto por Goldberg (1995, 2006, 2019); a segunda é dedicada ao método e aos dados empregados; e a terceira é destinada à análise dos dados.

2. Abordagem Construcionista Baseada no Uso

A Abordagem Construcionista Baseada no Uso, termo cunhado por Goldberg (2019), fundamenta uma compreensão da linguagem baseada nos Princípios CENCE ME[1]. Esses princípios enfatizam o fato de que exemplares – representações parcialmente abstratas da experiência com a língua – são agrupados em um Espaço Conceptual Hiperdimensional[2], dando origem às construções que compõem o conhecimento de uma língua. Essas construções são de natureza emergente por compor um todo dinâmico e em constante adaptação de acordo com as demandas comunicativas (GOLDBERG, 2019). Os Princípios CENCE ME são:

[1] Anagrama com as palavras-chave de cada princípio.

[2] O termo Espaço Conceptual Hiperdimensional diz respeito ao domínio cognitivo que envolve a organização e a representação do conhecimento linguístico.

Quadro 1 – Princípios CENCE ME

PRINCÍPIOS CENCE ME
A. Os falantes equilibram as necessidades em ser **E**xpressivos e **E**ficientes, enquanto se adaptam às convenções de suas comunidades de fala.
B. Nossa **M**emória é vasta, mas imperfeita: traços da memória são retidos, mas são parcialmente abstratos (“com perdas”).
C. Memórias com perdas são alinhadas quando compartilham aspectos relevantes da forma e da função, resultando em agrupamentos emergentes e sobrepostos de representações: **C**onstruções.
D. **N**ovas informações são relacionadas às informações velhas, resultando em uma rica rede de construções.
E. Durante a produção, múltiplas construções são ativadas e **C**ompetem entre si para expressar nossa mensagem pretendida.
F. Durante a compreensão, incompatibilidades entre o que é esperado e o que é testemunhado refinam nossa rede de construções aprendida por meio da Aprendizagem Orientada por **E**rros.

Fonte: reprodução da Tabela 1.3 de Goldberg (2019, p. 17-18) [tradução própria].

O primeiro princípio está relacionado aos objetivos comunicativos dos interlocutores, sendo eles: compreender mensagens de acordo com as formas que testemunham e produzir formas de acordo com as mensagens que desejam transmitir. A expressividade se refere aos meios disponíveis aos interlocutores que devem ser suficientes para assegurar a transmissão bem-sucedida de uma mensagem; e a eficiência se refere à preferência dos interlocutores por um material reduzido para comunicação, uma vez que é mais fácil de aprender e de produzir. Essas duas forças se restringem mutuamente, levando os interlocutores a se equilibrarem entre o uso com menor esforço e o uso mais expressivo. Além disso, os interlocutores também são conscientes da língua enquanto um empreendimento social e normativo e, por isso, buscam se adequar às convenções de sua comunidade linguística (GOLDBERG, 2019).

Os três princípios seguintes estão relacionados aos efeitos da memória e à formação de agrupamentos no Espaço Conceptual Hiperdimensional. De acordo com o segundo princípio, os seres humanos acumulam uma vasta rede inter-relacionada de conhecimentos que é estruturada e parcialmente abstrata. É estruturada por ser naturalmente associativa, ou seja, por nenhuma representação ser armazenada em módulos rigidamente separados. Em vez disso, as representações formam

uma rede com cada representação individual sendo interligada às demais. E é parcialmente abstrata por envolver compreensão com perda. Isso significa que os seres humanos não armazenam todas as informações que observam e o armazenamento não é feito de modo aleatório. Eles tendem a reter apenas as informações que são percebidas como mais relevantes em um dado contexto a fim de refinar suas inferências posteriormente (GOLDBERG, 2019).

Estes fatos relacionados à memória geral se aplicam igualmente à língua. De acordo com Goldberg (2019), devido à vasta capacidade do cérebro humano para memória implícita, um único encontro com uma construção é suficiente para deixar um traço com perda retido na memória. Este traço, por sua vez, pode ser fortalecido através de encontros adicionais, reforçando aspectos compartilhados e adicionando novas informações contextuais ao agrupamento que se forma.

O terceiro princípio é justamente resultado dessa compreensão. A partir das experiências com a língua, os seres humanos acumulam exemplares estruturados e parcialmente abstratos em categorias no Espaço Conceptual Hiperdimensional, fazendo emergir as restrições na forma e na função das diversas construções de uma língua. Um exemplo é o processo de generalização que dá origem às Construções de Estrutura Argumental, pareamentos de forma e de significado que funcionam como o principal predicado relacional de uma oração. O verbo, nesse caso, é crucial por fornecer o conteúdo semântico que fortalece o entrincheiramento entre a forma e a função da construção e por funcionar como uma âncora ao atrair outros verbos com semântica similar para o mesmo agrupamento. Por isso, as unidades verbais são os meios pelos quais as Construções de Estrutura Argumental emergem ao longo do desenvolvimento linguístico e a partir de princípios gerais de categorização (GOLDBERG, 2019).

À medida que esses exemplares são armazenados e se sobrepõem no Espaço Conceptual Hiperdimensional, as novas informações são associadas às velhas, o que culmina na ampla rede de construções que corresponde ao conhecimento da língua. Essa é a ideia proposta no quarto princípio e se refere à formação do *constructicon*. Vale observar ainda que, independentemente, dos níveis de generalização, todas as unidades da língua estão interconectadas entre si e influenciam a representação uma das outras, o que motiva a hipótese apresentada na introdução.

Alinhado a esse armazenamento e a essa sobreposição de exemplares no Espaço Conceptual Hiperdimensional está o processo de Entrincheiramento Simples em que quanto mais frequente for uma formulação, mais acessível e familiar ela será. Goldberg (2019) utiliza esse conceito para elucidar a frequência como um fator de familiaridade e de maior acessibilidade das expressões linguísticas[3]. No entanto, o processo de entrincheiramento cobre uma noção mais ampla. Esse processo diz respeito a um exercício cognitivo de repetição de usos de termos empregados de maneira junta, tornando-se mais especializados e, por consequência, automatizados, uma vez que são acessados como unidade significativa.

O entrincheiramento ocorre tendo como referência as propriedades das construções, como a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. A esquematicidade diz respeito à abstração de uma construção a partir de usos específicos. Nesse caso, quanto mais alta for uma generalização, mais esquemática será uma construção. A produtividade está relacionada à medida em que uma construção mais esquemática sanciona outras construções mais específicas e à medida em que essa extensão é restringida. E a composicionalidade se refere à medida em que a ligação entre a forma e o significado de uma construção é transparente. Assim, uma construção é mais composicional quando o significado do todo reflete o significado de suas partes, e é menos composicional quando o significado do todo não corresponde a soma de suas partes constituintes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Como o entrincheiramento é um processo cognitivo com base na repetição, ele atua desde a formação de esquemas até o estabelecimento de unidades menos composicionais e mais especializadas, formando também unidades linguísticas idiossincráticas. Portanto, quanto mais frequente for um uso, mais entrincheirada sua representação se torna na mente do falante, sendo armazenada como uma unidade simbólica independente.

Os dois últimos princípios estão relacionados ao modo como o conhecimento linguístico é restringido. O quinto princípio tem por base o Princípio da Não-Sinonímia (GOLDBERG, 1995). Como toda unidade da gramática é composta por uma forma e por uma função, presume-

[3] A autora o distingue de Conservadorismo via Entrincheiramento que se refere à frequência como uma evidência negativa indireta de como as expressões linguísticas não podem ser usadas, assunto sobre o qual ela contra-argumenta (cf. GOLDBERG, 2019).

se a inexistência de variação e de sinonímia entre as construções. Em razão disso, o quinto princípio estabelece que todas as formas em uma língua estão em competição umas com as outras para a transmissão de uma mensagem-em-contexto particular. E o sexto princípio, por sua vez, se refere à tendência humana de gerar expectativas sobre as formas linguísticas que estão por vir e o seu papel na Aprendizagem Orientada por Erros. Toda vez que o ouvinte testemunha uma expressão incompatível com a sua previsão, o resultado é um sinal de erro que modifica as conexões previamente estabelecidas para aprimorar as suas futuras previsões. Ambos os princípios compõem uma abordagem explicativa de como as generalizações são restringidas e porque, embora criativos, os seres humanos ainda são conservadores, o que remete à Preempção Estatística – competição em contexto – e ao aprendizado de formas mais convencionais (cf. GOLDBERG, 2019).

Todos esses princípios geram uma concepção de construção mais inclusiva que as apresentadas anteriormente por Goldberg (1995, 2006). Nessa abordagem, as

> [...] construções são entendidas como agrupamentos emergentes de traços de memória com perda que são alinhados dentro do nosso espaço conceptual de alta-(hiper!) dimensão com base na forma, na função e nas dimensões contextuais compartilhadas. (GOLDBERG, 2019, p. 19) [tradução própria].[4]

Por conseguinte, essa concepção não inclui apenas as informações sobre o pareamento entre forma e significado, que corresponde ao conhecimento sobre morfemas, palavras, expressões idiomáticas e padrões frasais mais esquemáticos (GOLDBERG, 2006). Mas também sobre como essas unidades são representadas na mente e como as experiências linguísticas impactam o seu armazenamento. Desse modo, a língua é vista como uma rede de conexões interligadas em que a ativação de suas regiões depende dos propósitos e das funções mentalizadas pelos seus falantes.

Essa abordagem também motivou uma observação mais atenta às palavras e aos mecanismos de seu aprendizado e uso, uma vez que estes

---

[4] Original: "[...] *constructions are understood to be emergente clusters of lossy memory traces that are aligned within our high- (hyper!) dimensional conceptual space on the basis of shared form, function, and contextual dimensions*." (GOLDBERG, 2019, p. 19).

mesmos mecanismos se aplicam às construções mais complexas. Dessa forma, desde os morfemas até as Construções de Estrutura Argumental, o conhecimento linguístico é composto por agrupamentos de representações que estão associadas entre si e que dependem crucialmente dessa interação para o uso expressivo e eficiente da linguagem no nível do *constructo*.

2.1. O significado das palavras como agrupamento de representações estruturadas

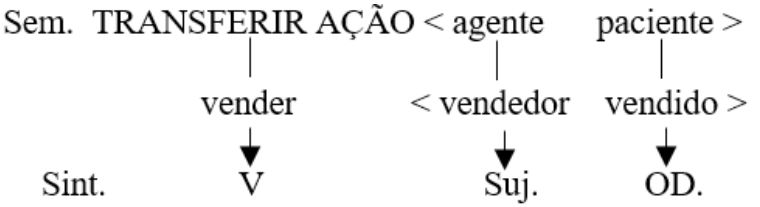
De acordo com a Semântica de *Frames*[5], a interpretação de uma expressão não é redutível a um conjunto de atributos ou de características particulares, mas se fundamenta em conceptualizações estruturadas e ricamente imbuídas de conhecimento contextual e de mundo (FILLMORE, 1982; GOLDBERG, 2019). O verbo, de modo particular, faz referência a uma estrutura conceptual amplamente construída. O verbo *vender*, por exemplo, é interpretado com base no *frame* semântico de Evento Comercial que evoca uma cena em que um comprador está interessado em trocar o seu dinheiro por bens e um vendedor está interessado em trocar seus bens por dinheiro (FILLMORE, 1982). No entanto, o verbo *vender* perfila apenas a participação do vendedor em relação aos seus bens. Nesse caso, o comprador e o dinheiro não são requisitados pelo verbo, mas integram o *frame* acionado para a sua interpretação.

Os participantes evocados pelos verbos são nomeados por Goldberg (1995, 2006) como Papéis Participantes e juntos constituem a Estrutura Semântica de um verbo que funciona como uma instância das Construções de Estrutura Argumental. Essas são estruturas simbólicas constituídas por uma interface formal, que corresponde à tradicional noção de valência – o número e o tipo de argumentos de uma oração –, e por uma interface semântica, que corresponde a uma cena básica da experiência humana (GOLDBERG, 2006, 2019). Diante disso, a construção delimita semanticamente uma Estrutura Argumental com cada *slot* correspondendo a um Papel Argumental. O verbo *vender*, por exemplo, pode ser integrado à Construção Transitiva, cujo sentido prototípico envolve a transferência de ação entre um agente e um paciente (HOPPER; THOMPSON, 1980). Essa integração é representada na Figura 1:

---

[5] Programa de pesquisa em semântica empírica desenvolvido por Charles Fillmore (cf. FILLMORE, 1982).

Figura 1 – Construção Transitiva e o verbo *vender*



Fonte: baseado em Goldberg (1995, 2006).

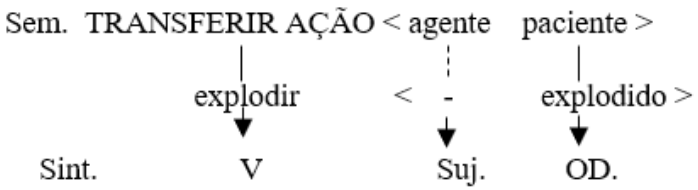
A Figura 1 sistematiza a fusão entre a Estrutura Argumental da Construção Transitiva e a Estrutura Semântica do verbo *vender*. Essa relação licencia usos como "**E Joaninha vendeu algumas das suas jóias.**" [...]" (19Ac:Pt:Enc). Nessa ocorrência, a entidade "Joaninha" é uma instância do Papel Participante vendedor, que se constitui como uma instância do Papel Argumental agente; e "algumas das suas joias" é uma instância do Papel Participante vendido, que se constitui como uma instância do Papel Argumental paciente. Nesse caso, a relação entre o vendedor e os bens é construída como um evento causativo em que o vendedor altera o *status* dos seus bens.

Essa caracterização é relevante para capturar as restrições semânticas impostas simultaneamente aos Papéis Participantes associados aos verbos e aos Papéis Argumentais associados às construções, o que se refere à noção de *fusão* em Goldberg (1995). Na Figura 1, enquanto a primeira e a terceira linha se referem à estrutura simbólica da construção, a segunda linha representa um espaço em que qualquer verbo pode configurar, desde que constatado em uso. Dessa forma, o verbo é interpretado como uma instância particular de um conjunto simbólico mais abstrato e ambos divergem na especificidade em que o evento é detalhado.

Por essa visão, é possível que as duas estruturas tenham compatibilidade perfeita ou não. Na Figura 1, a compatibilidade é perfeita, porque cada Papel Participante do verbo é semanticamente compatível com os Papéis Argumentais da construção. Porém, há contextos em que a compatibilidade não é perfeita e a construção pode até contribuir com um papel não previsto na semântica do verbo. É o caso de verbos semanticamente intransitivos na Construção Transitiva, como em "**Uma terrorista suicida explodiu uma bomba** junto ao escritório da primeira-ministra Bandaranaike [...]" (19Ac:Pt:Enc). Nesse caso, há o

que se chama de coerção – um processo de reinterpretação contextual de um item lexical que é desencadeado pela necessidade de resolver conflitos semânticos (MICHAELIS, 2006). Assim, a construção coage um aspecto da interpretação do verbo que não é previsto pelo seu *frame* semântico prototípico (GOLDBERG, 2019). O *frame* do verbo *explodir*, por exemplo, envolve apenas algo que explode, mas é reinterpretado como um evento causativo ao se integrar à Construção Transitiva, como representa a Figura 2:

Figura 2 – Construção Transitiva e o verbo *explodir*



Fonte: baseado em Goldberg (1995, 2006).

Através da Figura 2, o verbo *explodir*, que envolve prototipicamente apenas algo que explode, se constrói como um evento causativo, licenciando usos em que uma terrorista suicida ativa uma bomba com o intuito de fazê-la explodir. Dessa forma, a construção contribui com uma entidade agente, como indicado pela linha pontilhada, que não é prevista na semântica do verbo *explodir* e, portanto, coage um aspecto da sua interpretação.

Essa relação entre verbo e Construção de Estrutura Argumental é sistematizada principalmente nos primeiros trabalhos de Goldberg (1995, 2006), onde não se considera o modo como o uso dos verbos em diferentes construções afeta a sua representação semântica. Pela Abordagem Construcionista Baseada no Uso, por outro lado, a representação de uma palavra é influenciada pela sua frequência de uso e pela gama de contextos em que é testemunhada (GOLDBERG, 2019). O que Goldberg (1995, 2006) determinou como Estrutura Semântica do verbo é apenas o seu *frame* semântico prototípico, o núcleo do agrupamento de suas representações semânticas. Assim, o significado de um verbo está relacionado a um agrupamento dinâmico de representações estruturadas e parcialmente sobrepostas dentro do Espaço Conceptual Hiperdimensional, cuja gênese está na experiência

linguística alinhada às capacidades de memória e de categorização do ser humano (GOLDBERG, 2019).

O que motiva a distribuição de uma palavra em diferentes contextos linguísticos é a necessidade de vincular velhas palavras a novos propósitos comunicativos – a expressividade e a eficiência –, o que ocorre por meio do processo cognitivo de analogia. No entanto, essa extensão não é aleatória e tem por base o *frame* semântico prototípico associado à palavra. Assim, Goldberg (2019) reconhece a polissemia como uma rede de significados relacionados a uma única palavra particular. Por exemplo, a autora apresenta os seguintes significados vinculados ao verbo *to fire* (atirar): (i) "*to fire someone*", demitir alguém do emprego sem aviso prévio, causando-o geralmente danos emocionais e financeiros e, às vezes, feito por raiva; (ii) "*to fire questions or insults at someone*", fazer comentários de modo rápido, repetido e desagradável; (iii) "*neurons fire*", o potencial de ação de um neurônio ao enviar um sinal elétrico pelo axônio (rápido, direcionado); e (iv) "*to fire off a letter*", direcionar rapidamente um ato comunicativo para alguém motivado normalmente por raiva (GOLDBERG, 2019, p. 33-35).

Prototipicamente, o verbo *to fire* envolve o disparo de uma arma de fogo com a intenção de ferir ou de matar alguém por motivos de ódio ou de raiva. Porém, ele também está vinculado a contextos de demissão, de insultos e até mesmo de atividade neurológica, como visto acima. Para Goldberg (2019), cada um desses significados retém alguma implicação do seu *frame* semântico prototípico, embora não seja possível traçar um único sentido comum entre todos eles. *Neurons fire*, por exemplo, retém apenas a implicação de ação rápida e direcionada, mas não envolve raiva ou ódio, como os demais.

Portanto, de acordo com Goldberg (2019), uma palavra é associada a múltiplos sentidos que são agrupados em torno de um único *frame* semântico prototípico. Esse *frame*, geralmente ancorado em uma experiência física (LANGACKER, 2008), é a base para as extensões semânticas que herdam alguns de seus atributos, mas não todos. O resultado é um agrupamento que forma uma categoria radial, onde as extensões irradiam do *frame* semântico prototípico. Desse modo, o aprendizado da correlação entre a forma e a função de uma palavra não se limita ao *frame* prototípico acionado, mas engloba uma gama de representações que estão associadas a significados contextualmente determinados no uso. Nesse caso, toda palavra tem o seu próprio nicho

distribucional, e, considerando o verbo, a sua distribuição ocorre em diferentes Construções de Estrutura Argumental.

Antes da análise, porém, se faz necessário explicar a metodologia e os dados empregados na pesquisa.

3. Metodologia

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, adotou-se o Método Misto Incorporado em que foram empregados diferentes procedimentos para análise qualitativa e quantitativa dos dados (GIL, 2019). A esse respeito, a pesquisa é majoritariamente qualitativa no sentido de buscar a descrição e a interpretação de construções com o verbo *virar* e é parcialmente quantitativa por avaliar os dados de acordo com a Frequência *Token*, as diferentes ocorrências de um único verbo em uma mesma construção (GOLDBERG, 2019).

Os dados foram retirados do Corpus do Português[6] e, mais especificamente, do conjunto Gênero/Histórico que contém cerca de 45 milhões de palavras distribuídas entre os anos de 1300 e de 1900. As 20 milhões de palavras que correspondem aos anos de 1900 ainda variam entre textos dos gêneros de conversação, ficção, jornais e universidade. Esse conjunto foi eleito por sua diversidade, abrangendo qualquer resultado de uso real da língua, sendo produto tanto da escrita quanto da fala, o que garante metodologicamente uma parcela mais representativa da Língua Portuguesa em diferentes contextos de comunicação.

A busca pelos dados se sucedeu através da inserção do verbo *virar* em suas diferentes flexões no campo de pesquisa disponível no site do *corpus*, o que levou a uma lista de frequência e posteriormente a uma lista com o contexto de cada uso. Através dessa busca, selecionou-se dados tanto do Português Brasileiro quanto do Português Europeu. Além disso, todos os usos constatados pertencem aos séculos XIX e XX.

A principal preocupação em selecionar os dados estava em capturar uma escala mais ampla de contextos linguísticos com o uso do verbo *virar*. Em vista disso, as delimitações por gênero, período e nacionalidade não

[6] O Corpus do Português foi criado por Mark Davis, financiado pelo *National Endowment for the Humanities* (2004, 2015) e faz parte da coleção de *corpora* da Brigham *Young University*. Disponível em: https://www.corpusdoportugues.org/.

foram rigorosamente manipuladas, não sendo parâmetros de análise, mas informações que caracterizam a disposição dos dados.

Ao todo, foram analisadas 922 ocorrências do verbo *virar*, o que não corresponde a totalidade dos seus usos no Corpus do Português. As formas encontradas pela busca do verbo foram: *vira*, *virais*, *viram*, *viramos*, *virar*, *virará*, *virara*, *viraram*, *virarem*, *viraria*, *virariam*, *virarmos*, *viras*, *virasse*, *virassem*, *virássemos*, *viraste*, *virava*, *viravam*, *vire*, *virei*, *virem*, *viremos*, *viro* e *virou*. Enquanto as formas não encontradas foram: *viravas*, *virávamos*, *viráveis*, *virastes*, *viraras*, *viráramos*, *viráreis*, *virarei*, *virarás*, *viraremos*, *virareis*, *virarão*, *virarias*, *viraríamos*, *viraríeis*, *vires*, *vireis*, *virasses*, *virásseis*, *virares* e *virardes*. A análise das ocorrências é apresentada a seguir.

4. Análise dos dados

A análise dos dados parte da etimologia do verbo *virar* por ela recuperar o seu estado de origem e o provável ponto de partida de todas as suas extensões. Cunha (2010, p. 679) apresenta o seguinte verbete: "**virar** *vb*. 'mudar de um para outro lado a direção ou a posição de' XVII. Do fr. *virer*, deriv. do lat. **virāre*, que se supõe resultar do cruzamento de *gyrāre* 'girar' com *vibrāre* 'vibrar' ou com *vertere* 'voltar, virar' [...]". Considerando essa etimologia, o verbo *virar* se refere prototipicamente a uma mudança de direção em que uma entidade muda a posição de uma outra entidade em relação ao espaço. Assim, a sua Estrutura Semântica se caracteriza como um evento causativo-manipulativo que perfila três Papéis Participantes: o *virador*, o *virado* e a *direção*.

Assume-se essa acepção como prototípica por ser fundamentada diretamente na experiência dos falantes com o mundo físico (LANGACKER, 2008) e por entendê-la como o exemplar que melhor representa a categoria (CROFT, 2001). Essa assunção é baseada no reconhecimento de que conceitos fundamentados em experiências sensório-motoras, como se mover pelo espaço, são mais básicos e de ordem primária para o sistema conceptual do ser humano (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Dos 922 dados analisados, apenas 426 ocorrências correspondem ao seu significado prototípico. Nesses casos, o verbo ocorre com a Construção de Movimento Causado (CMC) que corresponde à fusão prototípica com sua Estrutura Semântica por também envolver um evento causativo-manipulativo. Entretanto, o verbo *virar* também ocorreu com a Construção de Movimento Intransitiva (CMI) e com

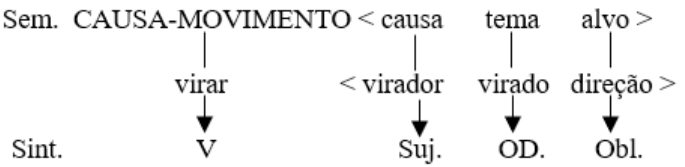
a Construção Resultativa Intransitiva (CRI). Além delas, houve mais dois usos bastante específicos. Por isso, a análise se concentra primeiro nos diferentes padrões em que o verbo *virar* foi usado e em como sua Estrutura Semântica é integrada às Estruturas Argumentais.

A Frequência *Token* do verbo *virar* na CMC foi de 426 ocorrências, o que corresponde a aproximadamente 46% dos dados[7]. Essa construção representa um evento causativo-manipulativo em que uma entidade causa o movimento de uma outra entidade a fim de alterar a sua posição em relação ao espaço físico. Essa conceptualização pode ser esquematizada como [(X causa Y a mover Z) → (S V OD Obl.)] (GOLDBERG, 1995, 2006, 2019). O seguinte uso atesta a sua ocorrência com o verbo *virar*:

(1) À janela, balança-se a gaiola redonda. **O canário vira o olhinho de miçanga para o ar azul do dia**. (19:Fic:Br:Meireles:Olhinhos).

Em (1), o canário causa o movimento do olhinho de miçanga a fim de mudar a sua direção para o ar azul do dia. Nesse caso, embora trate do movimento de uma parte constituinte do próprio canário, essa relação é expressa como se ambas as entidades fossem independentes uma da outra. Usos como esse foram muito recorrentes nos dados principalmente com os sintagmas "as costas", "o rosto", "a cara", "o corpo", "a cabeça" e "os olhos", demonstrando a relevância da parte superior e frontal do corpo em indicar o direcionamento de atenção nos eventos. Em todos os casos, porém, a entidade e a sua parte são interpretadas independentemente em uma relação de causa-movimento. Assim, os papéis do verbo *virar* são fundidos isomorficamente com os papéis da construção, como representa a Figura 3:

Figura 3 – Construção de Movimento Causado e o verbo *virar*



Fonte: baseado em Goldberg (1995, 2006).

A Figura 3 representa a fusão isomórfica entre os Papéis Argumentais da construção – causa, tema e alvo – com os Papéis

[7] Corresponde exatamente a 46.203904555315%.

Participantes do verbo – virador, virado e direção. Assim, a Estrutura Semântica do verbo se constrói como uma instância central da Estrutura Argumental da construção. Essa integração licencia usos como em (1) e também usos como em (2):

> (2) **Mas se a filha de Walter Dias virasse a arma contra si, o seu peito e o seu próprio ventre, ninguém viria.** Ninguém correria sobre ela para levantá-la do soalho, nem seria preciso. (19:Fic:Pt:Jorge:Paixão).

Em (2), a ocorrência envolve o movimento de uma arma em relação ao eixo de uma entidade – a filha de Walter Dias. Nesse caso, a relação de causa-movimento se estabelece entre duas entidades totalmente independentes uma da outra, o que a difere da ocorrência em (1).

No entanto, além dessas ocorrências mais centrais, houve usos em que a CMC não ocorreu sozinha. Isso porque uma expressão é resultado da combinação de pelo menos meia dúzia de construções, como afirma Goldberg (2006). Um exemplo é o uso de Construções de Estrutura Argumental com a Construção de Voz Reflexiva em que dois Papéis Participantes são mesclados – fundidos em um único Papel Argumental (GOLDBERG, 1995). Porém, diferentemente do que aborda Goldberg (*idem*) e de acordo com a análise dos dados, os próprios Papéis Argumentais também são mesclados. Uma dessas ocorrências é apresentada a seguir:

> (3) Por esse tempo, passos fortes na escada vieram perturbar os meus pensamentos. **Todos nos viramos para a porta de entrada.** Pela sala adentro entrou aquele senhor de cartola [...] (19:Fic:Br:Barreto:Caminha).

Em (3), a causa do movimento parte e incide sobre as mesmas entidades indicadas pelos pronomes. Nesses casos, os Papéis Participantes virador e virado são mesclados em uma única entidade, o que faz dos Papéis Argumentais causa e tema uma única entidade também. Portanto, em (3), a compreensão é que todos causaram o movimento do próprio corpo em direção à porta de entrada. Sendo assim, a CMC contribui com a conceptualização básica da expressão, enquanto a Construção de Voz Reflexiva indica um evento que parte e incide sobre uma única entidade, restringindo a interpretação dos Papéis Participantes virador e virado e dos Papéis Argumentais causa e tema.

A expressão em (3) não é instância da CMI porque sua conceptualização envolve um evento causativo-manipulativo e é marcada

explicitamente por pronome oblíquo, que corresponderia ao objeto direto pela Gramática Tradicional. Assim, o pronome oblíquo marca a reflexividade do evento e restringe a conceptualização de manipulação entre duas entidades da CMC.

Há também ocorrências em que alguns argumentos são omitidos, uma vez que a Língua Portuguesa permite a elisão de elementos conhecidos pelo entorno comunicativo, como os próprios interlocutores, e de elementos mencionados anteriormente no discurso. As seguintes ocorrências atestam esses usos:

(4) Trindade - Está dito, vai-se ao gargalo. (Recebe o saca-rolha e abre a garrafa) Nogueira - Viva o Trindade. (Bebe) Frederico (Tirando-lhe a garrafa) - Alto frente: ainda não bebi. À saúde de sua brilhante sabatina, Senhor Trindade. (**Vira a garrafa**) Trindade - Meus senhores, um brinde: à saúde da emancipação do primeiranista, e à morte de todos esses prejuízos acadêmicos que herdamos da velha Coimbra. (18:França:Cinismo).

(5) Para preparar- lo, calcule que cada pessoa consome em média 30 gramas. Corte o foie gras em fatias de 1 cm. Esquente bem uma chapa de cozinha grossa, coloque as fatias, conte até 6 e **vire de lado**. Conte até 6 novamente. (19N:Br:Folha).

Em (4), um texto do gênero teatro, há a elisão tanto do sujeito quanto da informação direcional. O sujeito é elidido por ser inferível a partir do discurso prévio – Frederico – e o oblíquo por ser uma informação cognitivamente saliente com base na experiência dos seres humanos com a ingestão de bebida. E, em (5), não há a ocorrência de um sujeito e há a elisão do objeto direto. O sujeito não ocorre pelo Tipo Textual do exemplo ser injuntivo e, por isso, envolver instruções sobre como fazer uma receita; e o objeto direto é elidido por se referir a uma entidade já conhecida pelo contexto discursivo.

Vale notar também que (4) não corresponde à Construção Transitiva prototípica e (5) também não corresponde à CMI. Em todos esses usos, o *frame* acionado é de um evento causativo-manipulativo em que uma entidade causa o movimento de uma outra entidade em relação ao espaço e, por isso, são todas instâncias da CMC. As elisões ou não ocorrências são motivadas pragmaticamente ou discursivamente, porque os falantes prezam pela eficiência na comunicação. Além disso, esses

argumentos são considerados Argumentos Nulos Definidos[8], porque as identidades dos seus referentes são contextualmente recuperadas (GOLDBERG, 1995) e, portanto, fazem parte da conceptualização na interpretação das expressões.

A CMC com o verbo *virar* também não se restringe apenas a relações espaciais, ela também demonstra usos mais abstratos que são extensões metafóricas a partir das relações físicas do seu sentido prototípico, como consta em (6) e (7):

(6) **Joaquim Rodrigues virou, depois, atenções para algumas experiências pedagógicas.** (19N:Pt:Beira).

(7) Durante dois anos **o Ocidente virou as costas a Li Peng**, por o seu Governo ter lançado o Exército contra manifestantes desarmados que se encontravam em a Praça Tiananmen, em Pequim. (19N:Pt:Público).

Em (6), o uso conceptualiza movimento-causado em termos de mudança-causada em que se altera a atenção de um para outro assunto. E o uso em (7), embora apresente ocorrências literais, também está associado a um contexto abstrato, mas no nível das relações humanas. Nesse caso, alterar a direção das costas ou do rosto significa não apoiar ou se opor a uma dada entidade. Além disso, outros usos com os sintagmas "a cabeça", "os miolos", etc. se referem a uma mudança-causada no estado mental de uma outra entidade.

Essas extensões têm por base duas metáforas: MUDANÇA É MOVIMENTO e MUDANÇA DE ESTADO É MUDANÇA DE DIREÇÃO. Em ambas as metáforas, a mudança física que representa uma mudança entre dois espaços físicos é projetada para uma mudança abstrata entre dois pontos temporais (LAKOFF *et al.*, 1991). De acordo com os dados apresentados, o Domínio Fonte é a conceptualização de eventos ancorados na realidade física do mundo, como mudar a direção de uma arma, e o Domínio Alvo é a projeção dessa experiência física em domínios da experiência abstrata, como se opor a uma entidade política. Esses usos abstratos indicam que o evento causativo-manipulativo da construção também pode envolver extensões metafóricas, como já

8 Goldberg (1995) se refere apenas a Complementos Nulos Definidos e Complementos Nulos Indefinidos. No entanto, como a Língua Portuguesa também permite a elisão do sujeito, cujo *status* não é de complemento e sim de um argumento externo, optou-se aqui por tratar as elisões por Argumentos Nulos Definidos e Argumentos Nulos Indefinidos.

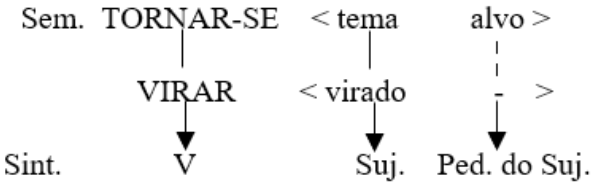
exposto por Goldberg (1995, 2006). Porém, é importante observar que esses usos metafóricos podem ter motivado o deslocamento do verbo *virar* para outros agrupamentos, como a CRI.

A Frequência *Token* do verbo *virar* na CRI foi de 356 ocorrências, correspondendo a aproximadamente 38% dos dados[9]. Essa construção conceptualiza um evento em que uma entidade experiencia uma mudança de estado, seja ela física ou abstrata, e pode ser esquematizada como [(X se tornar Y) → (S V Pred. S)]. A seguinte ocorrência demonstra a CRI com o verbo *virar*:

(8) E se bebe, é para valer. Uma carraspana das boas. **Bêbado, o Provedor vira um animal.** (19:Fic:Br:Resende:Braco).

Em (8), uma entidade, ao beber, passa por uma mudança de estado se assemelhando ao comportamento irracional e violento dos animais. Nesse caso, o verbo não representa mais uma mudança de direção e o seu significado é coagido pelo padrão construcional. A Figura 4 representa a fusão entre o verbo *virar* e a CRI:

Figura 4 – Construção Resultativa Intransitiva e verbo *virar*



Fonte: baseado em Goldberg (1995, 2006).

Através da Figura 4, observa-se a fusão não isomórfica entre o verbo *virar* e a CRI. A Estrutura Argumental da construção restringe dois Papéis Argumentais – o tema e o alvo – que são simbolicamente associados a duas classificações sintáticas – o sujeito e o predicativo do sujeito. A escolha por predicativo do sujeito e não oblíquo é motivada pelo argumento representar um atributo ao sujeito da construção, podendo ser um sintagma adjetival ou um sintagma preposicionado. O verbo *virar*, ao ser integrado a essa construção, perfila apenas um dos seus Papéis Participantes – o virado – que é construído como uma instância do Papel Argumental tema e representa a entidade que sofreu uma mudança. O alvo, consequentemente, é uma contribuição da própria construção por não ser previsto na semântica

9 Corresponde exatamente a 38.611713665944%.

do verbo, o que é indicado pela linha pontilhada. Nesse caso, os Papéis Participantes virador e direção, que compõem a Estrutura Semântica do verbo, não são perfilados para esse uso.

Além da ocorrência em (8), a CRI e o verbo *virar* também licenciam usos como:

(9) Mas então Rui lembrou-lhe a ação fecundante do sol, **aquele desperdício viraria estrume em poucas horas** e serviria para adubar os primeiros plantios. Paavo aceitou o argumento. (19:Fic:Br:Carvalho:Suomi).

(10) Não é opção, assim como ser hétero também não é opção. Ninguém fala "**sábado eu vou virar homossexual**" (19Or:Br:Intrv:Cid).

(11) [...] Thomas quer fazer uma espécie de fórum pop da filosofia clássica. Assim, **Pluto vira Platão**, Mickey torna-se Rousseau. (19N:Br:SP).

Através dessas ocorrências, se constata que a mudança se refere a atributos tanto físicos quanto abstratos. Em (9), a entidade passaria por uma mudança em suas propriedades e serviria como estrume para fins de plantio e, assim, passa de provável lixo para um fertilizante. Em (10), há a pressuposição da heterossexualidade e da homossexualidade como duas possibilidades de mudança entre si, o que é negado pela interlocutora, mas não exclui o pensamento binário e o senso comum de mudança. E, em (11), há um exemplo muito feliz por ter em sua sequência uma oração com o verbo *tornar*. Dessa forma, em (11), há uma ocorrência da CRI com seu verbo prototípico – *tornar* – e uma outra ocorrência com um verbo menos prototípico – *virar*. Nesse caso, Pluto muda sua identidade para Platão.

Diferentemente da CMC, a CRI apresenta todos os *slots* preenchidos em quase todos os usos. Isso porque o predicativo do sujeito possui *status* absoluto de informação nova em atribuição ao tema/sujeito. No entanto, quando há elisão, ocorre apenas com o sujeito, sendo a Língua Portuguesa uma língua *pro-drop*. Uma ocorrência é apresentada a seguir:

(12) A pesca de a truta, uma espécie importada, é uma atividade econômica importante hoje. **Virou também prato obrigatório para os turistas em a região.** (19N:Br:Folha)

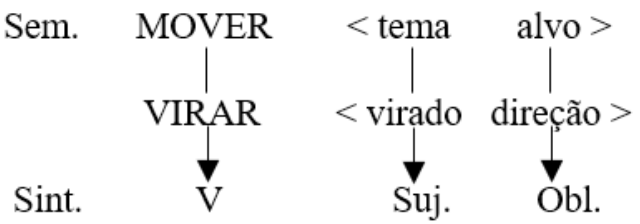
Em (12), a elisão é motivada discursivamente, uma vez que a mudança se refere a uma entidade já mencionada anteriormente no discurso. Além disso, houve uma tendência muito grande dessa construção em textos do gênero jornalístico, o que pode também ter motivado a maior ocorrência do sujeito. Ainda em contraste com a CMC, a CRI também não apresentou usos com construções de voz, como a passiva ou a reflexiva. Assim, ao menos com o verbo *virar*, a construção apresentou usos de ordem bastante fixa.

A terceira Construção de Estrutura Argumental constatada nos usos com o verbo *virar* foi a CMI. A Frequência *Token* do verbo *virar* na CMI foi de 105 ocorrências, correspondendo a aproximadamente 11% dos dados[10]. Essa construção conceptualiza um evento em que uma entidade se move em relação ao espaço a fim de mudar a sua posição ou a sua trajetória e pode ser esquematizada como [(X se mover para Z) → (S V Obl.)]. A seguinte ocorrência atesta o seu uso com o verbo *virar*:

> (13) Eu, confesso-o agora, borrado de medo. **O boi virou à esquerda**, entrou no pátio da antiga Sociedade de Transportes. (19N:Pt:Beira).

Em (13), o boi se move para alterar a sua trajetória à esquerda. Nesse caso, o verbo *virar* também não implica o seu significado prototípico, porque a construção coage o aspecto causativo da sua interpretação e, por isso, sua Estrutura Semântica não é fundida isomorficamente com a Estrutura Argumental da construção, como consta na Figura 5:

Figura 5 – Construção de Movimento Intransitiva e verbo *virar*



Fonte: baseado em Goldberg (1995, 2006).

Como o verbo *virar* não é uma instância central dessa construção, a Figura 5 representa uma fusão não isomórfica entre a Estrutura

[10] Corresponde exatamente a 11.388286334056%.

Argumental da construção e a Estrutura Semântica do verbo. A CMI delimita dois Papéis Argumentais – o tema e o alvo – que são associados simbolicamente às funções de sujeito e de oblíquo. Assim, o verbo *virar*, ao ser integrado a esse padrão, perfila apenas dois dos seus Papéis Participantes – o virado e a direção – e não perfila o virador, uma vez que a construção não representa um evento causativo. Essa integração também instancia usos como:

(14) Na esquina, **viro para a Maria Quitéria** disposto a pegar um ônibus no ponto de parada diante da Igreja da Paz. (19:Fic:Br:Vieira:Mais).

(15) Nicolau deu um suspiro, puxou o lençol para baixo, enterrou a cara no travesseiro. **Dona Esmeralda virava para a direita, dava com a chama da vela, virava para a esquerda. não achava jeito, se impacientava.** - Nicolau! Passa a vela pro seu lado, faz favor! (19:Fic:Br:Castilho:Avulsos)

Em (14), a conceptualização envolve uma mudança de trajetória. Nesse caso, o eu, que narra um percurso, indica a sua mudança de direção para uma determinada rua. Esse uso também foi comum com entidades humanas na função de oblíquo, cuja interpretação é metaforicamente como um ponto de referência locativo. E, em (15), a mudança não envolve trajetória, mas a posição de Dona Esmeralda em relação ao seu próprio eixo na cama, alterando sua posição para a esquerda ou para a direita.

Todos esses usos não são compatíveis com a CMC, porque não envolvem eventos causativos-manipulativos em sua intepretação. Desse modo, os eventos não são interpretados a partir de um causador e também não são marcados por pronomes oblíquos, como seria o caso da CMC com a Construção de Voz Reflexiva. Portanto, todas são instâncias da CMI.

Essa construção também não se limita ao domínio físico da mudança, como pode ser constatado no seguinte uso:

(16) Viradas - Fetter Júnior, do PPB, foi o único deputado gaúcho a mudar posição, ficando contra o governo, ontem, na votação da reforma administrativa. ao todo, somaram 22. **Outros 23 viraram a favor do governo, sendo 7 do PFL, 6 do PMDB e 6 do PPB.** (19N:Br:PA).

Em (16), a mudança espacial é projetada para uma mudança de posição política. Dessa forma, assim como a CMC, a CMI também

se estende a contextos abstratos através da metáfora MUDANÇA É MOVIMENTO (LAKOFF *et al.*, 1991). Assim, o deslocamento físico de uma entidade no espaço, como alterar a direção em uma trajetória, pode ser projetado para contextos mais abstratos, como mudar de posição política.

Além disso, a CMI também ocorre com alguns argumentos omitidos, como pode ser observado em (14). Porém, todos são Argumentos Nulos Definidos pela identidade dos seus referentes ser contextualmente recuperada. Em (14), particularmente, o sujeito é elidido por se tratar de uma narrativa em primeira pessoa e pela sua identidade ser recuperada pela morfologia verbal. Assim, as elisões também são motivadas discursivamente ou pragmaticamente.

Entre os dados analisados, 35 ocorrências, cerca de 3% dos dados[11], se referem a construções menos composicionais. As seguintes ocorrências atestam seus usos:

(17) Ele me respondeu que eu tinha de ir. Só que não havia dinheiro para a viagem. Estado - O que você fez? Faria - **Comecei a me virar.** Mas ninguém queria patrocinar minha ida à França. Eu conhecia a Eneida, que na época era uma famosa cronista. (19Or:Br:Intrv:ISP).

(18) Celso acabou casando com uma bandeirante. Sabe o quê? Seus quatro filhos são hoje garotos-problema, falam sem parar, inconvenientes que usam brincos, roupas folgadas, repetem de ano e detestam livros. **Vira e mexe, encontro um deles numa casa noturna daqui.** É de uma gangue que, às noites, quebrando retrovisores de carros importados. Já foi pego duas vezes. (19:Fic:Br:Paiva:Brasil).

Usos, como em (17), tiveram uma Frequência *Token* de 26 ocorrências e sempre com pronomes oblíquos. Provavelmente, esse uso teve sua origem na coocorrência da CMC com a Construção de Voz Reflexiva. No entanto, a sua conceptualização não remete a um evento causativo-manipulativo, mas está relacionada à noção de *esforço* em que uma entidade – representada pelo sujeito – deve tomar uma atitude por si mesma ou encontrar alguma solução, apesar de alguma dificuldade particular. Assim, em (17), Faria, ao ter dificuldade financeira para viajar, procura por si mesmo soluções que o levem a concretizar o seu objetivo. Desse modo, esse uso se refere a uma mudança entre um estado passivo e um estado ativo a fim de solucionar um problema. Nesse caso, ainda

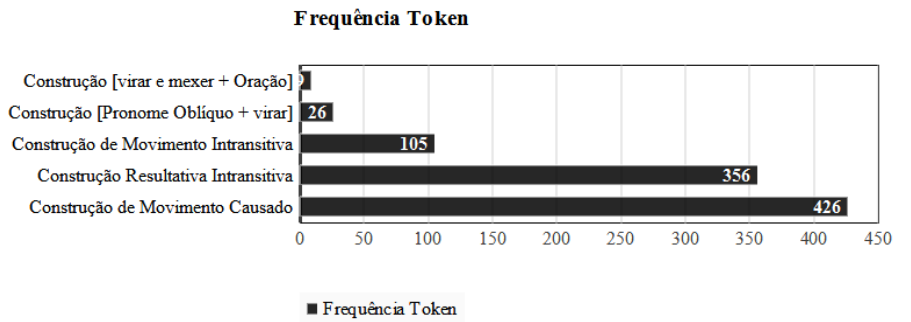
[11] Exatamente 3.7960954446855%.

há traços do sentido prototípico ao projetar os dois espaços físicos do movimento ao domínio abstrato de inércia e ação.

Usos, como em (18), tiveram uma Frequência *Token* de 9 ocorrências. Em particular, "*vire e mexe*" não mais representa um evento baseado em experiências físicas, como mover ou revolver algo. Em vez disso, representa uma informação de cunho adverbial ao indicar a frequência com que um evento ocorre. Dessa forma, em (18), o narrador indica as várias vezes que encontrou os filhos de Celso em uma casa noturna. Assim, essa expressão remete a uma noção temporal similar a *frequentemente* e *constantemente*, mas também pressupõe uma sucessão de eventos em relação ao acontecimento observado.

A análise se concentrou na relação de diferentes Construções de Estrutura Argumental com o verbo *virar*. Dessa forma, o mapeamento não contemplou todas as construções com as quais o verbo *virar* pode ser usado na Língua Portuguesa. De acordo com a análise acima, o verbo *virar* foi constatado: (i) na CMC, cujo *frame* também aciona um evento causativo-manipulativo; (ii) na CRI, que evoca uma mudança de estado; (iii) na CMI, que conceptualiza uma mudança de posição ou de trajetória; (iv) na Construção [Pronome Oblíquo + *virar*], que envolve a noção de *esforço*; e (v) na Construção [*virar e mexer* + Oração], que representa uma informação temporal[12]. O Gráfico 1 sistematiza a Frequência *Token* do verbo *virar* em cada uma dessas construções:

Gráfico 1 – Frequência *Token* do verbo *virar*

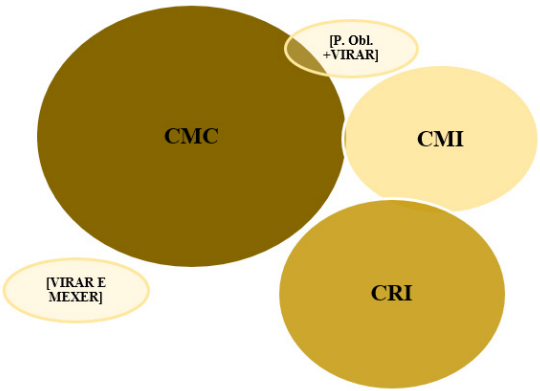


Fonte: autoria própria.

[12] As três primeiras construções já estão definidas e nomeadas pela literatura e se referem a fenômenos sintáticos mais amplos e as outras foram descritas a partir desta pesquisa e são de natureza mais específica para usos com o verbo *virar*. Por isso, decidiu-se tratá-las apenas pelas suas representações e não as nomear, visto que outras pesquisas são necessárias.

Conforme o Gráfico 1, o verbo *virar* ocorreu mais frequentemente na CMC, uma vez que são semanticamente compatíveis e, por isso, corresponde ao seu uso mais prototípico. O segundo padrão mais recorrente foi a CRI, cuja relação com o verbo VIRAR é metafórica de acordo com as metáforas MUDANÇA É MOVIMENTO e MUDANÇA DE ESTADO É MUDANÇA DE DIREÇÃO. O terceiro padrão mais frequente foi a CMI que coage a interpretação causativa do verbo, mas mantém a conceptualização de movimento em relação ao espaço. E os dois usos menos frequentes correspondem a construções menos composicionais que foram identificadas entre os dados coletados no Corpus do Português. Por essas informações, pode-se sistematizar esses usos no seguinte agrupamento:

Figura 6 – Agrupamento dos padrões construcionais com o verbo *virar*



Fonte: autoria própria.

A Figura 6 sistematiza as relações de sobreposição entre os diferentes usos do verbo *virar* no Espaço Conceptual Hiperdimensional. Cada círculo representa uma região específica no agrupamento: (i) o tamanho indica o alcance de sua distribuição no agrupamento; e (ii) a tonalidade indica o grau de sua ativação em relação ao significado do verbo *virar*. A CMC ocupa o maior espaço e possui o maior grau de ativação por corresponder ao uso mais prototípico do verbo *virar* e ser o mais recorrente nos dados. Em seguida, a CRI também ocupa um maior espaço e um maior grau de ativação, embora seja menor que os usos na CMC. Depois, a CMI com menor espaço ainda e com menor grau de ativação também. E, por fim, os usos menos composicionais

que ocupam espaços mais marginalizados na representação e possuem menor grau de ativação.

Vale observar ainda que a CMI e a Construção [Pronome Oblíquo + *virar*] estão relacionadas à CMC por um Elo de Subparte e por um Elo de Instância respectivamente. Além disso, a CRI está relacionada por um Elo de Herança Metafórico com a CMI. Por isso, essas regiões estão mais próximas na representação da Figura 6.

5. Conclusão

O objetivo do artigo foi descrever os usos com o verbo *virar* a fim de mapear um conjunto de padrões construcionais associado a ele na Língua Portuguesa. Pelos objetivos específicos, a análise se concentrou na relação de diferentes Construções de Estrutura Argumental com o verbo *virar*. A partir dos dados, constatou-se que o seu uso está relacionado a cinco construções específicas: (i) a CMC; (ii) a CRI; (iii) a CMI; (iv) a Construção [Pronome Oblíquo + *virar*]; e (v) a Construção [*virar e mexer* + Oração]. A Estrutura Semântica do verbo *virar* se funde isomorficamente apenas com a Construção de Movimento Causado, uma vez que ambos acionam um *frame* semântico de evento causativo-manipulativo e divergem apenas em nível de especificidade. Por outro lado, nos demais usos, a Estrutura Semântica do verbo é coagida pelo padrão construcional a fim de reinterpretar sua semântica em termos de outros eventos, como uma mudança de estado ou uma mudança de direção sem envolvimento causativo. A sistematização demonstrou a relação e a sobreposição desses diferentes usos no agrupamento de representações atribuído ao verbo *virar* no Espaço Conceptual Hiperdimensional.

Portanto, confirmou-se a hipótese de que o agrupamento de representações associado a um verbo também é constituído por sua relação com diferentes Construções de Estrutura Argumental. Desse modo, o agrupamento de representações do verbo *virar* também se refere aos seus diferentes contextos de uso que assumem diferentes padrões oracionais. A partir deles, usos mais específicos emergem, como pôde ser observado com a Construção [Pronome Oblíquo + *virar*]. No entanto, se faz necessária análises mais específicas de cada padrão e também de dados em maior quantidade para construir uma rede de relações mais complexa e mais integral do verbo *virar* e para avaliar a sua distribuição no *constructicon* da Língua Portuguesa. Só assim é possível uma análise que corresponda ao real conhecimento de língua e, mais especificamente, do conhecimento sobre as possibilidades de usos

do verbo *virar*, esmiuçando usos mais específicos a partir dos padrões mais gerais constatados neste estudo.

Declaração de autoria

Os autores declaram a responsabilidade conjunta na realização dessa pesquisa, sendo as contribuições teórica e analítica e a revisão geral do texto uma contribuição de ambos. Em razão disso, assegura-se a veracidade da autoria compartilhada.

Agradecimentos

Agradecimento à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa durante o mestrado no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI), da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Cora Coralina.

Referências

BARROS. D. M. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. 2016. 176 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2016.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FILLMORE, C. J. *Frame Semantics*. Linguistics in the Morning Calm. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982.

FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, C. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language*, Baltimore, v. 64, n. 3, p. 501-538, 1988. DOI: 10.2307/414531

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GOLDBERG, A. E. *Construction at Work*. The nature of Generalization in Language. New York: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Explain me this.* Creativity, competition, and the partial productivity of constructions. New Jersey: Princeton University Press, 2019.

GOLDBERG, A. E. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. California: University of California, 1995.

HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*. Baltimore, v. 56, n. 2, p. 251-299, 1980. DOI: https://doi.org/10.2307/413757

LAKOFF, G. *et al*. *Master Metaphor List. Cognitive Linguistics Group*. Berkeley: University of California at Berkeley, 1991.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar.* A basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

MICHAELIS, L. A. Construction Grammar. *In*: BROWN, K. (ed.). *Encyclopedia of Language & Linguistics*. Amsterdã: Elsevier, 2006. p. 73-84. DOI: 10.1016/B0-08-044854-2/02031-9. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/304041256_Construction_Grammar. Acesso em: 06 mai. 2021.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. T. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 573-605, 2022

A construção lexical *SNLoc atributiva* em uso no Português Contemporâneo[1]

The SNLoc attributive *lexical construction in use in Contemporary Portuguese*

Milena Torres de Aguiar
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro/Brasil
milenatda@gmail.com
http://orcid.org/0000-0001-9072-4093

Resumo: Baseada na Linguística Funcional Centrada no Uso, a presente pesquisa busca investigar a construção SNLoc atributiva no Português Brasileiro Contemporâneo. Valendo-nos do *Corpus* do Português para analisar as sincronias passadas e do *Corpus* Discurso & Gramática para os usos do século XX, realizamos uma pesquisa pancrônica em um estudo prioritariamente qualitativo, a fim de comprovar a hipótese de que SNLoc atributiva é resultante de construcionalização lexical. A mudança linguística se inicia em contextos atípicos, nos usos dêiticos físicos e catafóricos; e, por meio de usos dêiticos anafóricos e virtuais, que configuram contextos críticos, chega-se à construção SNLoc atributiva, em um contexto de isolamento. Nessa construção, nota-se a cliticização do locativo, que se entrincheira ao SN, formando um novo esquema construcional, no nível do léxico. Assim, o locativo unido ao SN assume uma semântica de imprecisão, distinta do original, e juntos constituem a construção híbrida SNLoc atributiva, um novo pareamento forma e sentido, um esquema de tipo endocêntrico, complexo, produtivo e parcialmente composicional. A macroconstrução SNLoc atributiva de uso corriqueiro no português contemporâneo, através de construtos de microconstruções motivados por contextos semântico-pragmáticos específicos, tem maior produtividade na modalidade falada e em sequências de fundo narrativo.

Palavras-chave: sintagma nominal; locativo; construção atributiva; construcionalização lexical; linguística funcional centrada no uso.

[1] O presente artigo é um recorte da tese de doutorado defendida em 2015, mencionada nas Referências.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.30.1.573-605

Abstract: Based on Usage-Based Functional Linguistics, the present research seek to investigate the SNLoc attributive construction in Contemporary Portuguese. Using the *Corpus* of Portuguese to analyze past synchronies and the *Corpus* Discurso & Grammar for the uses of the twentieth century, we carried out a panchronic research in a primarily qualitative study, in order to prove the hypothesis that SNLoc attributive is the result of lexical constructionalization. The linguistic change begins in untypical contexts, in physical and cataphoric deictic uses; and, through anaphoric and virtual deictic uses, which configure critical contexts, the attributive SNLoc construction is reached, in a isolating context. In this construction, it is possible to notice the cliticization of the locative, which entrenches itself in the SN, forming a new constructional scheme, at the lexicon level. Thus, the locative united to the SN assumes a semantics of vagueness, distinct from the original, and together they constitute the hybrid SNLoc attributive construction, a new pairing of form and meaning, an endocentric, complex, productive and partially compositional type scheme. The SNLoc attributive macroconstruction of common use in contemporary Portuguese, through micro constructions motivated by specific semantic-pragmatic contexts, has greater productivity in the spoken modality and in narrative background sequences.

Keywords: nominal phrase; locative; attributive construction; lexical constructionalization; usage-based functional linguistics.

Recebido em 30 de junho de 2021

Aceito em 10 de setembro de 2021

1 Introdução

Conforme Aguiar (2015), este artigo busca investigar a construção SNLoc atributiva em uso recorrente nas interações verbais dos falantes de língua portuguesa. Acreditamos que tal construção tem origem nos arranjos dêiticos de SNLoc, em usos mais concretos e referenciais, como os dêiticos físicos e os catafóricos, e naqueles mais ambíguos, que levam à interpretação do uso mais abstratizado SNLoc atributivo, como os dêiticos virtuais e os anafóricos. Assim, através de estágios de crescente abstratização, descritos aqui por meio dos contextos atípico, crítico e de isolamento de Diewald (2002), as subpartes de SNLoc – Sintagma Nominal e pronome adverbial locativo – tornam-se cada vez mais fixas e integradas, constituindo SNLoc atributiva, uma construção instanciada

em contextos de imprecisão, indeterminação, indefinição, pouca adesão em relação ao que é dito pelo falante:

> (1) o:: meu marido tem um amigo... que::... ele era:: esportista... acho que ele era nadador... profissional... apareceu um::... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele foi ao médico... aí o médico olhou e falou que era *uma doença lá*... alguma coisa que ele ia ter que o/ eh... fazer uma cirurgia... (D&G – Narrativa Recontada oral – século XX)

Em (01), ao produzir "uma doença lá", o falante está sugerindo, por meio de SNLoc atributiva, que não sabe explicar com clareza sobre a doença que menciona. Compreendemos que o locativo desta construção já se encontra esvaziado de sua ideia espacial, comum aos advérbios de lugar, para, como um clítico[2], escopar o Sintagma Nominal (SN) e atribuir-lhe alguma especificação, funcionando como seu atributo. Essa configuração de sentido e forma motiva a nomeação da construção mais recente na língua de SNLoc atributiva. Entendemos por construção o par forma e sentido, segundo Croft (2001).

As gramáticas de nossa língua não descrevem os usos do pronome adverbial locativo pós Sintagma Nominal, nem os usos dêiticos tampouco os clíticos. Segundo as mesmas, os advérbios modificam um verbo, um adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira. E foi esse uso corriqueiro de SNLoc atributiva na interlocução, não mencionado pelos compêndios gramaticais, que chamou a nossa atenção e nos motivou a analisá-lo.

Para tanto, baseamo-nos nas premissas da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), vertente que compatibiliza pressupostos funcionalistas e cognitivistas, por ser uma corrente de estudos que investiga a língua em uso. Segundo suas premissas, há uma simbiose entre o discurso e a gramática, em que ambos interagem e se influenciam mutuamente. Sendo assim, a gramática é concebida "como uma estrutura em constante mutação/adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação." (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013, p. 14).

---

[2] O clítico é um morfema gramatical que atua sintagmaticamente e está preso fonologicamente a outra palavra.

Segundo esse entendimento, é o discurso que forja usos como SNLoc atributiva e esses usos moldam a gramática da língua. Assim, realizamos esta pesquisa a fim de comprovar nossa hipótese de que SNLoc atributiva se origina de SNLoc dêitica; o que ocorre através de mecanismos como *priming*, inferência sugerida, neoanálise e analogização, partindo de contextos discursivos como (02), em que temos um apontamento físico com SNLoc dêitica:

> (2) a pessoa que ... pronto ... se tivesse ... eu ... minhas amiga ... aqui e *uma menina lá* ... aí o menino tava batendo nela ... (D&G – Relato de Opinião oral – século XX)

A fim de capturarmos esse percurso da rede SNLoc (em que se incluem SNLoc dêitica e SNLoc atributiva) na língua, empreendemos uma pesquisa pancrônica prioritariamente qualitativa e analisamos dados retirados do *Corpus* do Português[3], a partir do século XIV, e do *Corpus* Discurso & Gramática (D&G)[4], do século XX. Entendemos que, ao final da trajetória de mudança sofrida por SNLoc, que vai da dêixis à cliticização, temos uma construção principalmente de conteúdo, no nível do léxico; por isso, admitimos que ela tenha passado por construcionalização lexical e que, desde a sincronia do século passado, seja um membro marginal[5] da classe dos nomes do português.

Entendemos construcionalização conforme Traugott e Trousdale (2013, p. 22), como a criação de signos de forma$_{nova}$ - sentido$_{novo}$, com nova sintaxe ou morfologia e um novo sentido codificado na rede linguística de uma população de falantes. Acreditamos que SNLoc atributiva é um novo par forma e sentido, que conta com propriedades distintas das de SNLoc dêitica. Contudo, ambas as construções convivem como um nó na rede SNLoc e estão disponíveis para uso nesta sincronia. Segundo Goldberg (1995):

> construções formam uma rede e estão ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança nos permite capturar generalização através de construções e, ao mesmo tempo, sub-regularidades e exceções. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

---

[3] Disponível em http://www.corpusdoportugues.org/

[4] Disponível em: www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/

[5] "Marginal" no sentido de estar à margem; não ser o mais prototípico, o modelo, da categoria dos nomes.

Desse modo, todo o nosso conhecimento da língua é capturado por uma rede de construções. E, segundo Traugott e Trousdale (2013), devemos levar em conta o surgimento, através da construcionalização, de novos nós para a rede e os *links* entre esses nós; além dos graus de entrincheiramento das construções de acordo com seu nível de abstratização. Há *links* de herança entre SNLoc dêitica e SNLoc atributiva, já que atestamos, conforme Aguiar (2015), as relações exibidas entre elas, em que a primeira motiva e influencia a segunda. Quanto aos graus de entrincheiramento, podemos afirmar que SNLoc atributiva é mais entrincheirada que SNLoc dêitica, devido a sua trajetória de abstratização na língua.

Associando à teoria da LFCU, nas próximas seções, apresentamos os contextos de mudança de SNLoc, de acordo com Diewald (2002); depois assumimos SNLoc atributiva como resultado de construcionalização lexical, segundo Traugott e Trousdale (2013); na seção seguinte, trabalhamos os níveis esquemáticos da construção em estudo, apoiados em Traugott (2008); e, para concluir a nossa análise, atestamos que SNLoc atributiva é um novo par forma e sentido, conforme Croft (2001), através da investigação de suas propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais. Por fim, trazemos as nossas considerações finais.

2 Os contextos de mudança de SNLoc

Esta pesquisa, conforme mencionado, analisa SNLoc Atributiva, uma construção constituída por duas subpartes: Sintagma Nominal (SN) e Locativo (Loc). Baseados em Diewald (2002), investigamos seus contextos de mudança e afirmamos que SNLoc passou por estágios de crescente integração, no âmbito dos arranjos dêiticos até chegar ao esquema[6] que apresenta na sincronia atual, o SNLoc atributivo. Tais estágios, a saber: contexto atípico, crítico e de isolamento, são reconhecidos como padrões efetivos de uso de SNLoc e são atestados nesta pesquisa, através de um estudo pancrônico, do século XIV ao XX.

Admitimos que SNLoc atributivo é, nesta sincronia, um membro marginal da classe dos nomes do português, resultante de

[6] Quando nos referimos a *esquema*, estamos compreendendo-o como uma abstração, uma virtualidade, do mesmo modo como entendem Traugott e Trousdale (2013).

construcionalização lexical a partir do esquema SNLoc dêitico. Assim, conforme Aguiar (2020), baseando-se nos trabalhos de Diewald (2002), a mudança linguística de que resulta esse esquema SNLoc mais recente na língua se inicia em contextos atípicos, caracterizados por serem contextos de uso ainda não previstos – os contextos previstos são aqueles em que o pronome adverbial modifica um verbo, um adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira – como SNLoc dêitica física (03) e SNLoc dêitica catafórica (04), usos dêiticos mais referenciais e concretos:

(3) E, posto que lho algua vez seu senhor non mande que vaa à busca, que elle o non leixe de fazer, de ir a ella, ca, ainda que *alguns monteyros hi* aja (*Corpus* do Português – Livro da montaria – Dom João – século XVIII)

(4) Custume he. que se me filham boy ou besta. por dano que faça. & lho tolho que lhy correga o dano. & dar ao alcaide seséénta soldos. por que tolheu o penhor & deue tornar *a cousa ali* onde a foy filhar. (*Corpus* do Português – Dos Costumes de Santarém – século XIV)

Apesar de serem contextos novos de uso do locativo, na posição pós SN, neles há exclusivamente um apontamento mais referencial: na dêixis física, esse apontamento é para algo do espaço real – *alguns monteiros aí* – e, na dêixis catafórica, para o espaço textual, para o que vem em seguida à construção no texto – *a cousa ali* onde a foy filhar.

De acordo com Aguiar (2020), através de contextos críticos, com SNLoc dêitica anafórica, em (05), e SNLoc dêitica virtual, em (06), surgem ambiguidades de forma e sentido, sugerindo, assim, interpretações alternativas, entre elas o novo significado gramatical:

(5) Fui para a fazenda com meus primos, lá perto tem um povoado e nesse dia estava ocorrendo uma festa. Demos *um pulo lá*, sentamos numa mesa e ficamos vendo os homens dançando (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal escrita – Juiz de Fora – século XX)

(6) E: como é que tu fazes o teu leite?
I: eu... eu pego *o:: copo lá*... eu boto açúcar... e Nescau... aí eu boto... leite... e depois mexo... (D&G – Relato de Procedimento oral – Rio Grande – século XX)

Como observamos em (05), SNLoc dêitica anafórica "*um pulo lá*" refere-se à "fazenda", mencionada anteriormente; em (06), SNLoc dêitica virtual "*o copo lá*" é usada pelo entrevistado para fazer um apontamento da imaginação, já que o copo apontado não está presente no momento da entrevista; entrevistador e entrevistado idealizam tal objeto.

Nos usos anafóricos, a distância entre a construção SNLoc e a referência retomada por ela pode ser grande e, durante a interação, o ouvinte não conseguir recuperar pela memória a ideia de lugar retomada, levando à interpretação semelhante à de SNLoc atributiva, de imprecisão. Da mesma maneira, os usos virtuais também podem ser interpretados em termos da construção mais recente SNLoc atributiva, se compreendermos que, por exemplo, em (06), o falante não quis caracterizar melhor o copo, e por isso usou SNLoc. Conforme Aguiar (2020), contextos como esses ensejam ambiguidades de sentido e forma, favorecendo a criação de um novo esquema.

Assim, a construção SNLoc, ainda exibindo propriedades de suas categorias fonte, SN e Loc, inicialmente se fixou com seus usos dêiticos, alguns de sentido mais concreto – dêixis física e catafórica – outros de sentido mais abstrato – dêixis virtual e anafórica. Nesse segundo estágio, há a atuação dos processos de *priming*, segundo Traugott e Trousdale (2013), já que os usos de SNLoc dêitica física e catafórica motivaram o recrutamento de SNLoc dêitica virtual e anafórica em contextos particulares de uso; além da atuação da *inferência sugerida pragmática*, pois um tipo de implicatura, um sentido de indefinição à SNLoc dêitica, surgiu no fluxo da conversação e permitiu mudanças de significado: o sentido mais concreto do estágio I começa a se abstratizar no estágio II e as novas inferências conduzem à construção mais abstratizada e esquemática.

Desse modo, entendemos que as mudanças construcionais, as mudanças semânticas, alimentam a construcionalização, pois surge um novo sentido no contexto crítico, o sentido de indefinição e indeterminação da construção. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), tais estágios configuram as mudanças construcionais; é a "pré construcionalização" que leva à construcionalização com mudança na

forma. Assim, observamos que SNLoc passa por contextos atípicos e críticos que exibem uma sucessão de micropassos, de neoanálises. SNLoc é neoanalisada quando os falantes começam a fazer associações entre os seus construtos, ou seja, entre as instâncias de uso da construção; e por meio do *pensamento analógico*, fazem novas combinações não previstas. A partir daí, novos usos passam a ser licenciados, via *analogização*, com a fixação de novos itens para o esquema.

No contexto de isolamento, último estágio de mudança, o novo significado gramatical é isolado como distinto do mais antigo. Esse fato ocorre, pois surgem contextos linguísticos específicos que privilegiam uma leitura em detrimento da outra. Assim, o novo sentido não é mais uma implicatura pragmaticamente sugerida, e sim, uma unidade independente da mais antiga. Admitimos que, nesse terceiro estágio, temos a construção SNLoc atributiva com o locativo da construção assumindo um uso clítico e atuando de forma dependente do SN. Conforme Aguiar (2020), é a criação de um novo membro da classe dos SNs do português; nele, o sentido do pronome locativo já está bastante desgastado da noção de lugar e os SNs recrutados são mais genéricos e indefinidos, concorrendo com a ideia de indefinição e indeterminação da construção, conforme atestamos no exemplo a seguir:

> (7) à noite... a reunião estava marcada às sete e meia... eu fui convidado e tinha um... um rapaz... que... saiu devido a *uns problemas lá*... questão de disciplina... não sei que questão... eu ocupei o lugar dele... como::... naveteiro... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Juiz de Fora – século XX)

Como podemos ver em (07), não só a construção, mas o entorno para o qual SNLoc atributiva é recrutada é de indefinição, daí tal recrutamento. Observamos que, ao dizer "*uns problemas lá*", o falante não está realizando um apontamento para algo do espaço, e sim, está subjetivamente sugerindo que ele não sabe com precisão sobre os problemas de que está falando. Tanto o SN *uns problemas*, com um sentido mais abstrato e indefinido, quanto o pronome locativo *lá*, que confere um maior distanciamento, pouca adesão ao que é dito, favorecem a semântica desta instanciação da construção SNLoc atributiva.

Por estar distante do verbo e posposto ao SN *uns problemas*, o locativo *lá* atribui uma especificação a tal referente, na posição de

modificador desse SN e funcionando como seu atributo. Essa configuração de forma e sentido motiva que se nomeie o novo esquema na língua de SNLoc atributivo, o qual se realiza na interação oral cotidiana, mas ainda não é normatizado. No entanto, encontramos SNLoc atributiva não só na modalidade oral mas também na escrita, como observamos em (08):

> (8) Estava tão regalada a pensar na ceia que ia dar aos bichos que nem reparei no guarda, um lobazana grande, alto como um salgueiro. " Eh, raparigal. ". Quando me voltei e dei com ele, estive para fugir. Mas depois fiquei, porque aquilo era erva e a perca não era nenhuma. " Larga lá isso, anda ". E vou eu, pus-me a pedir-lhe: " Deixe-me levar esta ervazinha para os meus coelhos ". -Deixaste-a toda.. - Pois não, cachopa. Aquilo era aveia. Vi-me enrascada. Mas tanta choradeira lhe fiz que *o homem lá* me deixou abalar. (*Corpus* do Português – Fanga – Alves Redol – século XX)

Apesar de acreditarmos que a construção SNLoc atributiva seja muito recente na língua devido aos poucos dados[7] na modalidade escrita em nossos *corpora*, o fato de termos encontrado usos nessa modalidade permite que se constate a sua construcionalização, de acordo com Traugott e Trousdale (2013). Através de pesquisa diacrônica, é possível atestar que SNLoc atributiva é um novo esquema na língua, já que nenhum uso dessa construção foi encontrado em sincronias mais antigas, como podemos ver nas tabelas a seguir:

[7] Buscamos no *Corpus* do Português, nos textos escritos do século XX, instanciações da microconstrução SNLoc atributiva e encontramos apenas 6 dados, os quais já se tornam importantes para atestarmos a construcionalização em nossa pesquisa. Esses dados não constam na Tabela 1, por esta tratar dos usos diacrônicos do *Corpus* do Português, como também não aparecem na Tabela 2, porque esta sumariza dados do *Corpus* D&G. Essa "aferição" no século XX do *Corpus* do Português foi para constatar a construcionalização de SNLoc atributiva, como destacamos. Assim, apontamos que, dos 6 usos encontrados no *Corpus* do Português nos textos escritos do século XX, 2 são com o locativo *lá* e 4 com o locativo *aí*.

Tabela 1: Levantamento dos usos na modalidade escrita do *Corpus* do Português - século XIV a XIX

	Dêitico Físico	**Dêitico catafórico**	**Dêitico anafórico**	**Dêitico virtual**	**Clítico**	**Total**
LÁ	3	6	28	0	0	**37 (2,90%)**
AÍ	47	18	188	9	0	**262 (20,53%)**
ALI	5	86	433	7	0	**531 (41,62%)**
AQUI	158	59	97	132	0	**446 (34,95)**
Total	**213 (16,69%)**	**169 (13,25%)**	**746 (58,46%)**	**148 (11,60 %)**	**0**	**1276**

Fonte: AGUIAR, 2015, p. 136

Tabela 2: Levantamento dos usos nas modalidades oral e escrita do *Corpus* D&G no século XX

	Dêitico Físico	**Dêitico catafórico**	**Dêitico anafórico**	**Dêitico virtual**	**Clítico**	**Total**
LÁ	1	123	25	6	107	**487 (62,52%)**
AÍ	17	4	9	9	27	**66 (8,47%)**
ALI	5	26	37	8	10	**86 (11,04%)**
AQUI	78	44	3	15	0	**140 (17,97%)**
Total	**101 (12,97%)**	**197 (25,29%)**	**299 (38,38%)**	**38 (4,88 %)**	**144 (18,48%)**	**779**

Fonte: AGUIAR, 2015, p. 136

Na sincronia atual (cf. tabela 2), dentre todos os locativos analisados, *lá* é o mais frequente na construção SNLoc atributiva, conferindo maior indefinição e descomprometimento em relação ao sentido articulado pelo SN. Segundo Batoréo (2000), entre os quatro locativos do português contemporâneo brasileiro, *lá* é o único que possui

granulidade vasta, que é a marca da imprecisão e indefinição situacional. Em contrapartida, *aqui, ali* e *aí* participam do subsistema de granulidade fina ou estreita, que articula a referência de lugar com maior precisão e pontualidade, talvez, por essa razão, seu uso em maior quantidade dos textos escritos de sincronias passadas (cf. tabela 1). Desse modo, em termos semânticos, *lá* confere maior distanciamento e difusão; em termos estruturais, *lá* é monossilábico, uma forma gramatical leve e pouco saliente, daí seu maior recrutamento para SNLoc atributiva.

Dos cinco tipos de texto disponíveis no *corpus* D&G, a saber: narrativa de experiência pessoal e recontada, descrição de local, relato de opinião e de procedimento, o tipo de texto em que a referida construção mais ocorre é a narrativa, principalmente a recontada. Assim, dos 144 usos de SNLoc atributiva, 86 são em narrativas recontadas e 24, nas de experiência pessoal, contabilizando 110 dados. Essa superioridade em relação às narrativas recontadas faz sentido visto que, quando narramos uma história vivida por outra pessoa, muitas vezes não sabemos todos os detalhes e vamos contando do nosso jeito, como acontece em muitas narrativas recontadas dos nossos *corpora.* Assim sendo, a narrativa recontada motiva o uso clítico em SNLoc atributiva, principalmente o do *lá*, pois tanto o tipo de texto quanto esse locativo carregam um sentido de indefinição, indeterminação.

Conforme apresentado, apesar de termos encontrado a construção SNLoc dêitica em todas as sincronias investigadas, assumimos, em nossa pesquisa, a distinção entre contexto atípico e contexto crítico no que diz respeito aos usos dêiticos mais concretos – físicos e catafóricos – e aos mais abstratos – anafóricos e virtuais –, sendo esses últimos os que geram as ambiguidades necessárias à mudança, levando ao surgimento de um novo esquema, o esquema SNLoc atributivo, atestadamente um uso mais recente na língua.

3 A construcionalização de SNLoc atributiva

Analisados brevemente os estágios de mudança de SNLoc, segundo Diewald (2002), fixemo-nos em nosso objeto de estudo, a construção mais recente de nível lexical, SNLoc atributiva, resultado de construcionalização lexical.

De acordo com Aguiar (2015), SNLoc atributiva é concebida como um elo de correspondência simbólica entre forma e sentido. Assim,

o entrincheiramento de suas subpartes SN e Loc constitui uma nova forma com sentido específico, uma semântica de indefinição, imprecisão, pouca adesão em relação ao que é dito. Baseados em Traugott (2008), afirmamos que essa construção conta com alguns níveis esquemáticos, a saber: a macro, as mesos, as microconstruções e os construtos.

Macroconstrução é um grande esquema altamente abstrato, primitivo e possivelmente universal. Compreende as construções mais genéricas da rede e abarca estruturas complexas com possibilidades diversas de preenchimento. Investigamos a macroconstrução SNLoc atributiva, que abarca meso e microconstruções, realizadas em construtos de nível lexical.

Mesoconstruções envolvem o conjunto observável de similaridades sintáticas e semânticas de microconstruções específicas. Estão em nível intermediário entre macro e microconstruções. A macroconstrução SNLoc atributiva abarca mesoconstruções que, nesta pesquisa, são preenchidas por SNs de duas ou três posições + um locativo dentre os três encontrados em nossos dados no uso clítico: *aí, lá* e *ali* – não encontramos *aqui* como clítico.

Microconstruções dizem respeito às construções individuais. O esquema abstrato SNLoc atributivo tem suas realizações na interação entre os falantes, concretizando-se nas ocorrências de microconstruções como: *uma vacina lá* (SN de duas posições: *uma vacina* + locativo: *lá*); *todos esses países aí* (SN de três posições: *todos esses países* + locativo *aí*).

Construtos são as ocorrências (*tokens*) das microconstruções empiricamente comprovadas; instâncias de uso em uma ocasião especial, proferida por um falante particular com um propósito comunicativo; é, portanto, o *lócus* da mudança e inovação. As microconstruções de SNLoc atributiva podem ser flagradas em construtos como:

(9) aí agora não ... só tô ... sei lá com tratamento que é ... já tá acabando ... que é *uma vacina lá* ... e no final do ano ... fazer o que ... sei lá ... fazer até uma ... uma operação pra tirar o desvio ( ) nasal ... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Natal – século XX)

(10) a pouca vergonha que acontece... agora... pouca vergonha tem em todo lugar... né? não é só no Brasil... em *todos esses países aí* os políticos... são sempre corruptos... né? (D&G – Relato de Opinião oral – Rio de Janeiro – século XX)

Através das instâncias apontadas anteriormente, constatamos que estamos diante de novos pares forma e sentido, que fazem parte de um esquema mais geral e abstrato. Verificamos em (09) e (10) que o contexto de uso de SNLoc atributivo é específico para o que se pretende na interação. Em (09), por exemplo, observamos que ao dizer "*uma vacina lá*", o falante demonstra subjetivamente que não sabe informar com precisão sobre a vacina de que comenta e marca esse sentido ao instanciar SNLoc atributiva. Em (10), a entrevistada opina sobre os políticos corruptos de "*todos esses países aí*"; e, por não especificar os países, talvez pela indignação que o assunto causa, o sentido de indefinição foi marcado com um construto de SNLoc atributiva. Há, nos exemplos apontados, uma subjetividade ao se instanciar SNLoc atributiva, que se torna intersubjetiva na interação, pois os interlocutores partilham desse entendimento e já internalizaram o novo esquema como convencionalizado na língua.

Traugott e Trousdale (2013) apontam que existem mudanças que resultam em construções procedurais e mudanças que resultam em construções de conteúdo. No caso de nosso objeto de estudo, verificamos que a construcionalização resultou em uma construção híbrida, ou seja, tal construção é em parte procedural e em parte de conteúdo, já que tem na origem de sua trajetória um locativo usado como dêitico – marca de sinalização das construções procedurais – mas é usada referencialmente, associada à categoria esquemática como um Nome – marca das construções de conteúdo. Assim, como resultado final de uma trajetória de mudança, afirmamos que SNLoc atributiva é uma construção *principalmente* de conteúdo, e por esse motivo, apontamos que estamos lidando com construcionalização lexical.

Desse modo, assumimos que SNLoc atributiva é resultado de construcionalização lexical realizada através de uma sucessão de mudanças no sentido e na forma, de micropassos graduais: inicialmente, os construtos de SN e Loc entendidos de forma isolada passam, de modo rotineiro, a serem compreendidos como um *chunk*[8] (BYBEE, 2010) sequencial SNLoc, e assim, forma-se a microconstrução SNLoc dêitica que compõe o esquema macroconstrucional SNLoc dêitico.

[8] Um *chunk* é uma unidade de organização da memória, formada por trazer junto um conjunto de *chunks* já formado na memória e fixá-lo junto em uma unidade maior. (BYBEE, 2010, p.7)

Nesse esquema, temos usos mais concretos e referenciais, como os dêiticos físicos e catafóricos, e aqueles mais ambíguos, como os dêiticos anafóricos e virtuais. Gradualmente, com a frequência de uso e, principalmente, através dos contextos de ambiguidade, o segundo elemento da construção, o Loc, se torna um clítico com sentido mais abstratizado, dando origem à microconstrução SNLoc atributiva.

Assim, compreendemos que o esquema SNLoc dêitico influencia o surgimento de microconstruções SNLoc atributivas através de mecanismos como *priming*, inferência sugerida, neoanálise e analogização, já descritos neste trabalho. Dessa forma, o que era um "composto" se torna uma nova unidade simbólica convencional principalmente de conteúdo, com nova semântica e morfossintaxe. Nesse estágio, há a construcionalização do esquema SNLoc atributivo, o qual fica disponível para uso em contextos semântico-pragmáticos específicos. Novas microconstruções, via analogização, são criadas contínua e instantaneamente na interação cotidiana por já existir na língua um modelo, um esquema convencionalizado que as sanciona, que tem seus *slots,* seus espaços abertos a serem preenchidos com possibilidades diferentes de SN e de Loc.

Nesse sentido, afirmamos que SNLoc atributiva é um novo nó na rede SNLoc e herda as propriedades de seus nós dominantes, como as propriedades do SN, do locativo, desses constituintes usados em padrões dêiticos. Assim, conforme Goldberg (1995), atestamos os *links* de herança de SNLoc atributiva, pois as relações entre esta e a construção SNLoc dêitica são parcialmente motivadas e umas influenciam as outras: SNLoc, atuando no padrão dêitico, influencia SNLoc atributiva e ambas convivem na língua sincronicamente como dois nós na rede SNLoc. Entretanto, como já observamos, SNLoc dêitica é um arranjo em que o SN tem ainda as características do nome e o Loc, as propriedades do advérbio, enquanto SNLoc atributiva é mais abstratizada devido à trajetória de construcionalização sofrida.

Ao contrário do que acontece em casos de construcionalização gramatical, com a construcionalização lexical não há mudança na categoria formal. Assim, SNLoc atributiva continua a ser um SN, mesmo passando pelos estágios graduais que resultam em construcionalização. Como já apontamos, é um SN mais marginal, mas é um SN na língua, já que continua a atuar de forma referencial. Assim, os falantes de nossa língua têm a possibilidade de instanciar, por exemplo, o SN "*uma mulher lá*",

como também de apenas dizer "uma mulher". Ao optar por "*uma mulher lá*", o falante está indicando (inter)subjetivamente um distanciamento em relação a essa mulher. A opção por essa microconstrução é distinta do uso do SN "uma mulher", que não informa para o outro essa noção de pouca adesão e imprecisão em relação à identidade da mulher. O construto "*uma mulher lá*" é entendido, então, como um único "bloco" lexical, um todo de sentido e forma, que está no inventário de nossa língua disponível para o uso com determinada finalidade.

Apoiados em Traugott e Trousdale (2013), afirmamos que a construcionalização lexical de nosso objeto de estudo é acompanhada por aumento de esquematicidade e produtividade e diminuição de composicionalidade. Conforme mencionado, a macroconstrução SNLoc atributiva é abstrata, um grupo geral de construções de conteúdo, relacionadas numa rede construcional. Além disso, é instanciada por mesoconstruções e, em níveis mais baixos, por microconstruções e construtos. Capturamos padrões mais gerais, ou seja, a macroconstrução, a partir de uma série de construções mais específicas, as microconstruções. Assim, a macroconstrução SNLoc atributiva é parcialmente esquemática – já que possui *slots* a serem preenchidos recursivamente e não aleatoriamente, pois há traços semânticos e sintáticos que os restringem – e as microconstruções são alocadas dentro dela.

O esquema SNLoc atributivo já se configura como resultado da expansão do esquema SNLoc dêitico. Assim, esse último tornou-se um padrão abstrato atrator de novas microconstruções do esquema que se convencionalizou depois, o SNLoc atributivo. E este se expande à medida que passa a contar com mais microconstruções, as quais surgem instantaneamente. Assim, a extensibilidade de SNLoc atributiva, ou seja, a extensão para a qual ela sanciona novas microconstruções, leva ao aumento de produtividade do esquema. Desse modo, entendemos esse novo esquema na língua como uma construção produtiva.

Quando novas microconstruções SNLoc atributivas são formadas, elas se espalham e através da rotinização, automatização e repetição, aumentam a frequência do construto, tornando-se altamente produtivas. Assim, apesar de SN e Loc carregarem propriedades de sua história na língua, de seu uso isolado mais lexical, por ser uma construção

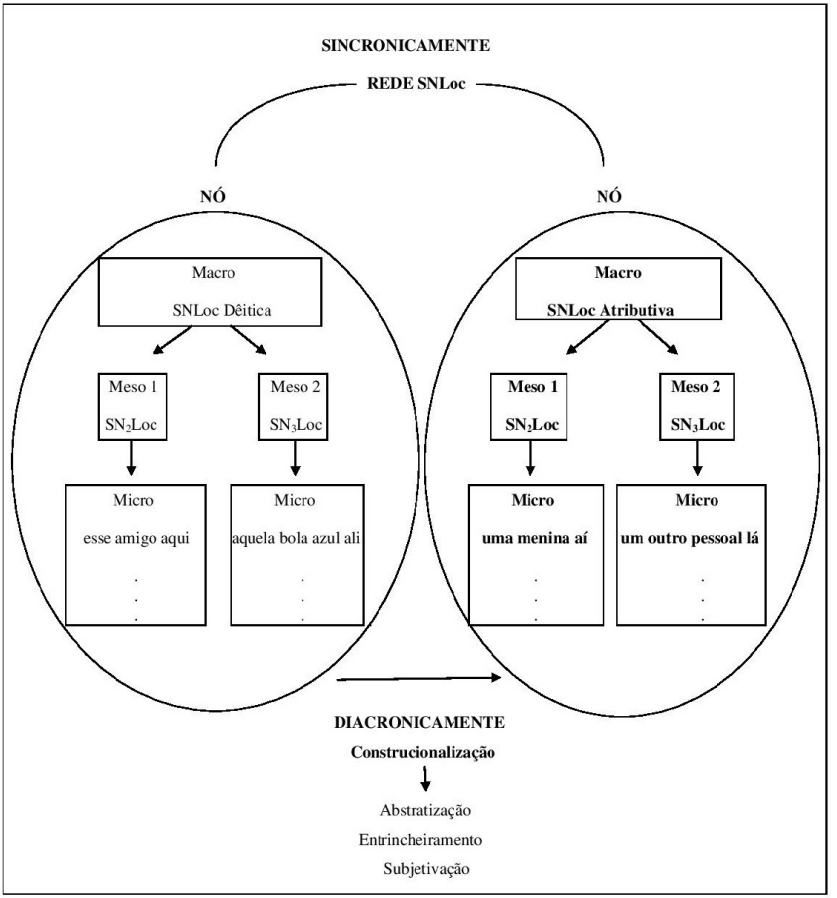
endocêntrica[9], a segunda subparte da construção, o Loc, confere algum tipo de matiz à primeira subparte, o SN, e ambas contribuem com o sentido da construção, podendo o esquema ser perfilado por variadas constituições de SN e por locativos distintos. Desse modo, verifica-se o aumento de esquematicidade e produtividade de SNLoc atributiva.

Com a construcionalização lexical, há redução de composicionalidade, mais especificamente no nível microconstrucional. Dessa forma, quando o falante instancia SNLoc atributiva, o ouvinte não vai compreendê-la através do sentido de cada item individual, o que gera, então, incompatibilidade entre o significado dos elementos individuais e o sentido do todo. O ouvinte já internaliza esse novo esquema na língua e compreende tal construto pelo seu sentido como um todo. Entretanto , a microconstrução em estudo não é inanalisável e totalmente opaca, mas sim, tem sua composicionalidade diminuída. Por ser justamente uma unidade composta por *chunk* analisável, baseados em Traugott e Trousdale (2013), afirmamos que SNLoc atributiva é uma construção complexa. Trata-se de um arranjo que ainda exibe parcial composicionalidade, devido à preservação de sentido do SN e de seu estatuto mais lexical, concernente à classe dos substantivos; por outro lado, o locativo se encontra mais destituído de seus traços prototípicos adverbiais, atuando à semelhança de um clítico a concorrer para a atribuição do SN. A Figura 1 a seguir ilustra nossas constatações sobre a rede SNLoc:

---

[9] As construções endocêntricas são organizadas na base de uma rede de herança padrão, em que cada nó herda propriedades do seu nó dominante. Traugott e Trousdale (2013) citam como exemplos *quadro-negro*, que é um tipo de quadro, e *pão de mel*, que é um tipo de pão. Nesses casos, o elemento modificador (*negro*, *de mel*) dá uma especificação adicional em relação ao determinado (*quadro, pão*), mas propriedades gerais são herdadas de um conceito mais geral assim como atestamos em SNLoc atributiva. Já nos exocêntricos, segundo os autores, o mesmo não acontece: quando usamos a expressão *mão de vaca* não estamos nos referindo à parte do corpo de uma vaca, e sim, dizendo que a pessoa é avarenta. O esquema exocêntrico é associado a idiossincrasias; as microconstruções exocêntricas são mais atômicas. Portanto, existem diferenças consideráveis no grau de produtividade, dependendo da organização interna do esquema. Por apenas considerarem expressões formulaicas, idiomatismos, idiossincrasias, muitos trabalhos anteriores sobre lexicalização afirmavam que as construções de conteúdo eram não produtivas.

Figura 1: A rede SNLoc e o esquema SNLoc atributivo resultado de construcionalização



Fonte: AGUIAR, 2015, p.165

Portanto, analisando diacronicamente, afirmamos que SNLoc atributiva é resultado de construcionalização lexical, em uma trajetória que parte do esquema SNLoc dêitico. Observando sincronicamente, afirmamos que temos dois nós na rede SNLoc que convivem: SNLoc dêitica e SNLoc atributiva. Cada nó abarca a macro, as mesos e as inúmeras microconstruções, as quais se realizam como construtos na língua.

4 A construção SNLoc atributiva e seus níveis esquemáticos

Conforme vimos, o arranjo SNLoc atributivo mais recente na língua pode abarcar inúmeras microconstruções instanciadas na interação verbal através de *tokens* de construções. A fim de realizar um levantamento dessas várias e possíveis micro, investigamos todas as ocorrências de nosso *corpus* sincrônico e chegamos a 144 *microconstruções* SNLoc atributivas.

Em Aguiar (2015), analisamos as microconstruções não só em relação aos três locativos encontrados – *aí, lá* e *ali* – como também de acordo com a referência que o SN faz. Assim, encontramos nesses SNs referência a lugares, pessoas, animais, entidades[10] concretas definidas, entidades concretas indefinidas, entidades abstratas definidas, entidades abstratas indefinidas, um momento, um evento, um tempo decorrido, uma unidade de medida, uma qualidade.

Cabe destacar que as entidades estão divididas em quatro grupos por questões semântico-pragmáticas. Diferenciamos as *entidades concretas definidas*, as quais podemos tocar e entender do que se trata, como "o rádio", "o baú"; das *entidades concretas indefinidas*, as quais remetem a algo concreto, mas indefinido no contexto, por exemplo: "um troço" se referia a algum brinquedo em que a criança subia e do qual pulava ; "o coisa" parecia ser um banco. Já as *entidades abstratas definidas* são as que não podemos tocar, mas sabemos do que se trata, como "uma doença", "uma reza" e a *entidade abstrata indefinida* se refere ao que não podemos tocar nem definimos claramente o que seja, como "uns problemas", "uma ideia".

Similarmente, por questões semântico-pragmáticas, diferenciamos a noção de tempo em *momento*, *evento* e *tempo decorrido*. No primeiro, lidamos com algo que aconteceu em um momento pontual , como "as férias", "outro dia"; no segundo, estamos tratando de um evento ocorrido , como "a confraternização, "o rodeio"; e no terceiro, tratamos de algo que se dá ao longo do tempo, como "doze anos" (fazendo remissão aos doze meses do ano em que a pessoa tem essa idade) , "o tempo todo". Vale ainda ressaltar que há SNs que designam uma *qualidade*, como "tudo

[10] Denominamos entidade uma individualidade, um ser, o que constitui a essência de algo. É tudo que existe ou pode existir, de forma real ou imaginária.

escuro", em que a noção de qualidade é observada no modificador do SN. Observemos os *tokens* a seguir, ilustrativos de cada referência do SN:

(11) eu estava vindo da casa da madrinha da minha irmã... aí ao passar em frente de *um beco lá... tudo escuro lá*... aí eu vi uma senhora com duas bolsas... né? ( ) de compra... aí vieram uns caras... e quiseram assaltar... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Rio de Janeiro – século XX)

(12) uma mulher lá... eh... que a filha dela... né? pegou... uma catapora lá... na escola... né? aí depois passou essa capa/ essa catapora... pra irmã dela... (D&G – Narrativa Recontada oral – Rio de Janeiro – século XX)

(13) eu fali com minha dindinha que estava aí/ estava aí... ele falou que... eh... que estava querendo que pegue um bicho... aí apareceu lá nim casa eu falando que eu tenho *um gafanhoto lá*... falando que eu vou pegar... (D&G – Relato de Procedimento oral – Niterói – século XX)

(14) E: eh... como é que a gente faz pra jogar vídeo-game?
[...] E: é? quais são [os macetes?] como é que a gente faz pra jogar?
I: [tem que/] não sei tem *muitos jogos aí*... tem com macete... (D&G – Relato de Procedimento oral – Rio de Janeiro – século XX)

(15) quando o ônibus deu a freiada... né? eu te contei... quase que bate... a cabeça no ferro... e ela/ a colega dela... caiu no chão... quando caiu... ralou o dedo dela... ralou o dedo... ela "ai... ai... meu dedo... meu dedo..."aí... minha mãe... enrolou com *um negócio lá*... (D&G – Narrativa Recontada oral – Rio de Janeiro – século XX)

(16) o cara num ... num ... num ... num sobreviveu ... morreu né ... e deixou uma frase ... pra ele ... deixou *uma frase aí* muito interessante e ele ficou encucado ... com aquela frase ... num tô lembrado qual foi a frase ... mas ele deixou lá uma frase e ele ficou lembrando né ... *o tempo todo aí* é ... aí/ cobriu lá o corpo né ... (D&G – Narrativa Recontada oral – Natal – século XX)

(17) Quando eu fui na:: fazenda com os meus primos é e lá teve uma festa lá no povoado dos Moinhos... é:: uma festa de forró *essas coisas lá* de fazendeiro de roceiro sabe? (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Juiz de Fora – século XX)

(18) n*outro dia ali*... né? eu estava ali na rua... com a bicicleta da minha irmã... né? aí eu estava descendo o morro... que era o morro assim da... da São Félix... tem um morro ali... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – RJ – século XX)

(19) I: aconteceu recentemente... eh... e foi assim... foi interessante... foi engraçado... foi que eu/ eh::... teve a formatura do/ de uma outra classe de oitava série lá da academia... e eles me convidaram pra ir n*a:: confraternização lá* da formatura... deles... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Juiz de Fora – século XX)

(20) eles diminuem o diâmetro é:: da:: o diâmetro da canali/ por exemplo a canalização fica com *um diâmetro aí* de duzentos de ... é:: quer dizer num sei de cor assim o diâmetro não ... mas ... fica um diâmetro grande ... (D&G – Relato de Procedimento oral – Natal – século XX)

Nos exemplos apontados, observamos nos SNs, em (11), a referência a um lugar e a uma qualidade; em (12), a referência a uma pessoa; em (13), a referência a um animal; em (14), a referência a uma entidade concreta definida; em (15), a uma entidade concreta indefinida; em (16), a uma entidade abstrata definida e a um tempo decorrido; em (17), a uma entidade abstrata indefinida; em (18), a um momento; em (19), a um evento e em (20), a uma medida. A tabela a seguir apresenta o quantitativo dessa análise:

Tabela 3: Levantamento dos SNs da microconstrução SNLoc atributiva quanto à sua referência

	LÁ	**AÍ**	**ALI**	**TOTAL**
Lugar	19	6	5	**30**
Pessoa	45	5	3	**53**
Animal	2	0	0	**2**
Entidade concreta definida	9	2	0	**11**
Entidade concreta indefinida	4	2	0	**6**
Entidade abstrata definida	12	4	0	**16**
Entidade abstrata indefinida	10	2	0	**12**
Momento	3	3	1	**7**
Evento	2	0	1	**3**
Tempo decorrido	0	2	0	**2**
Medida	0	1	0	**1**
Qualidade	1	0	0	**1**
TOTAL	**107**	**27**	**10**	**144**

Fonte: AGUIAR, 2015, p. 170

Verificamos na Tabela 3 que, em nossos dados, SNs que fazem referência a pessoas são os mais utilizados nas instanciações das microconstruções SNLoc atributivas; seu quantitativo é ainda superior à soma dos que representam as entidades concretas e abstratas, as quais são também muito utilizadas.

Como já destacado, encontramos SNLoc atributiva com maior frequência nas narrativas recontadas. Nas narrativas, pessoas fazem coisas em algum lugar e tempo. As entidades concretas e abstratas fazem parte do cenário narrativo. Assim, há motivação para serem esses os SNs mais recrutados para SNLoc atributiva, e as pessoas são, geralmente, o centro de tudo o que contamos, por isso a maior ocorrência de referência à pessoa.

Analisamos também os construtos mais recrutados entre os 144 encontrados e verificamos que os que contam com nomes como "cara" e "negócio" são os mais recorrentes, tendo o primeiro 6 ocorrências, e o segundo 5 ocorrências. "Negócio" tem seus similares como "coisa" e "troço", e, em nossos dados, "coisa" conta com 4 usos e "troço" com 2. Assim, chegamos aos construtos prototípicos em termos de frequência, e também, em relação ao sentido, levando-se em consideração a semântica da construção, que é de indefinição, imprecisão e pouca adesão em relação ao que é dito. Portanto, fazendo uso de construtos como esses quatro

apontados, o falante demonstra, de forma mais acentuada, o sentido (inter)subjetivo de afastamento, de incerteza em relação ao que é contado.

Em nossos dados, todas as microconstruções instanciadas como construtos têm suas similaridades sintáticas e semânticas que podem ser alinhadas em mesoconstruções, as quais, como mencionamos, em nossa pesquisa, são constituídas por SNs de 2 ou 3 posições[11] + um locativo. Baseados em Perini (2010), analisamos as classes de palavras que, em nossos dados, constituem os SNs da construção SNLoc atributiva, e definem, portanto, as mesoconstruções de nosso esquema juntamente a um locativo:

Quadro 1 : Preenchedores dos SNs das mesoconstruções SN2Loc e SN3Loc

	Predeterminante	Determinante	Núcleo	Modificador
1.	ø	artigo definido	substantivo	ø
2.	ø	artigo definido	pronome substantivo indefinido	ø
3.	artigo definido	quantificador	substantivo	ø
4.	ø	artigo definido	substantivo	pronome possessivo
5.	ø	artigo definido	substantivo	adjetivo
6.	artigo definido	adjetivo	substantivo	ø
7.	ø	artigo definido	substantivo	ø
8.	artigo definido	pronome indefinido	substantivo	ø
9.	ø	artigo definido	substantivo	pronome possessivo
10.	ø	artigo definido	substantivo	adjetivo
11.	artigo definido	quantificador	substantivo	ø
12.	ø	pronome demonstrativo	substantivo	ø
13.	ø	pronome demonstrativo	substantivo	adjetivo
14.	ø	pronome indefinido	substantivo	
15.	ø	ø	pronome substantivo indefinido	adjetivo
16.	pronome indefinido	pronome demonstrativo	substantivo	ø
17.	ø	quantificador	substantivo	ø

Fonte: AGUIAR, 2015, p. 172

[11] Representados por SN_2Loc e SN_3Loc, respectivamente.

Assim, observamos que o SN da mesoconstrução SN_2Loc pode ser preenchido por um determinante e um núcleo ou por um núcleo e um modificador; já o SN da mesoconstrução SN_3Loc pode ser preenchido por um predeterminante, um determinante e um núcleo ou por um determinante, um núcleo e um modificador. As classes de palavras que compõem esses SNs da construção SNLoc atributiva em nossos dados estão especificadas na Tabela 4. O SN juntamente a um dos três locativos: *aí, ali* ou *lá* representam os padrões mesoconstrucionais que são integrados em um esquema altamente abstrato, a *macroconstrução* SNLoc atributiva, a qual abarca todas as ocorrências de uso, conforme representado na Figura 1.

5 As propriedades de forma e sentido da construção lexical SNLoc atributiva

Baseados em Croft (2001), apresentamos, de forma mais bem explicitada , a construção SNLoc atributiva, um novo par forma-sentido na língua, compreendida como um elo de correspondência simbólica, em que a forma integra suas propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas e o sentido engloba suas propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, como propomos e definimos na figura a seguir:

FIGURA 2: Propriedades de forma e sentido de SNLoc atributiva
CONSTRUÇÃO SNLOC ATRIBUTIVA

PROPRIEDADES DA FORMA	
Sintáticas	Entrincheiramento de SNLoc, com cliticização da segunda subparte.
Morfológicas	Formação de novo elemento lexical, membro marginal da classe dos nomes.
Fonológicas	
ELO DE CORRESPONDÊNCIA SIMBÓLICA	
PROPRIEDADES DO SENTIDO	
Semânticas	Abstratização da segunda subparte, com perda de seu sentido referencial em detrimento de um sentido de imprecisão e indefinição em relação ao que é expresso no SN.
Pragmáticas	Construção (inter)subjetiva na expressão de sentido avaliativo, atuando em contextos de desconhecimento do falante, compartilhamento da informação, pouca importância em relação ao que é dito e estimativa aproximada.
Discursivo-funcionais	Ocorrência em contextos informais da oralidade, principalmente em sequências de fundo narrativo.

Fonte: AGUIAR, 2015, p. 192

Quanto às propriedades da *forma*, apontamos que, em termos de *sintaxe*, o locativo na construção SNLoc atributiva se encontra posposto a um SN, em uma configuração sintática "diferente" da prevista pelas GTs. Tal locativo funciona como um clítico dependente do SN anterior e com este há um entrincheiramento como uma construção.

Na constituição da construção SNLoc atributiva, estamos lidando com uma combinação idiomática (NUNBERG; SAG; WASOW, 1994), já que as partes carregam porções identificáveis de sentido idiomático. Assim, em nossos dados, temos no SN da referida construção *determinantes* como: artigo definido ou indefinido, pronome demonstrativo e indefinido, adjetivo e quantificador. Como *modificadores*, temos adjetivo e pronome possessivo. Como *núcleo* ou *base*, temos o substantivo ou pronome substantivo indefinido. Podem-se encontrar SNs sem determinantes ou sem modificadores.

A posição sintática do pronome locativo em SNLoc atributiva é típica de um adjetivo em nossa língua, portanto, ele atua como um

atributo do nome , contribuindo com sua qualificação. Já o nome pode exibir as funções sintáticas de sujeito, de objeto e de complemento de preposição (PERINI, 2010). Verificamos essas posições sintáticas do nome e do locativo na construção através das instâncias (21), (22) e (23), respectivamente, a seguir:

(21) daqui a pouco *um negão lá* gritou ...pô "pega os mauricinhos... pega os mau" ((riso)) aí a gente saiu correndo... cara... (D&G – Narrativa de Experiência Pessoal oral – Rio de Janeiro – século XX)

(22) no meio da estrada não tinha onde enterrar né ... aí de tanto enterrar *aquelas pessoas ali* ... (D&G – Narrativa Recontada oral – Natal – século XX)

(23) mas com *essa greve aí* não dá pra gente estudar muito... né? (D&G – Relato de Opinião oral – Rio de Janeiro – século XX)

Com o entrincheiramento do locativo ao SN, temos a construção SNLoc atributiva, um novo elemento lexical, membro marginal da classe dos nomes em português. Através dessa propriedade *morfológica* da construção, observamos que SNLoc é um SN, é um só vocábulo *fonológico*, cujo acento tônico recai na primeira subparte, a do SN. Assim, a referida construção é compreendida como um todo, um único "bloco" lexical que entra para o inventário da língua, o *constructicon*.

No polo do *sentido*, como propriedades *semânticas*, observamos que, na construção SNLoc atributiva, a segunda subparte, o Loc, se encontra destituída de traços de sua categoria fonte adverbial, como referência a lugar concreto e escopo verbal, em prol da articulação de sentido mais abstrato e escopo nominal. Logo, na construção mais abstratizada, o locativo não atua na referência espacial como na dêixis, e sim, atribui uma semântica de imprecisão e indefinição à construção, por conta de seu sentido original de afastamento, de lugar inexato.

Assim, observamos que, de forma geral, a construção SNLoc atributiva tem uma semântica de imprecisão e indefinição; entretanto, verificamos em todas as ocorrências analisadas que esses sentidos podem ser particularizados de acordo com os contextos *pragmáticos* em que se dá a construção em estudo. São contextos de imprecisão por desconhecimento do falante em relação ao que é dito; pelo

compartilhamento da informação entre os interlocutores; por pouca importância sobre o que é comentado e por estimativa aproximada quanto à quantidade do referente, apresentados, respectivamente, a seguir:

(24) E: você me disse que é *uma vila lá*... que tem uma entrada... uma saída... como é que é? Me descreve... (D&G – Descrição de Local oral – Niterói – século XX)

(25) aí todo mundo começou a brigar... cara... maior/ ficou/ acho que demorou meia hora... todo mundo brigando ali n*o rodeio ali*... sabe? todo mundo brigando... (D&G – Narrativa Recontada oral – Rio de Janeiro – século XX)

(26) I: tenho... tenho muito... até *essas menininha aí* que... que... que não gosta de falar com... com menino... fala... que a professora até falou "ó não precisa ter vergonha... e vai falar com todo mundo" aí todo mundo fala... (D&G – Relato de Opinião oral – Niterói – século XX)

(27) a diretora falou pra gente pagar eh... a caixa escolar... pra ter sempre a merenda... e as vassouras pra limpar... o pátio... pra limpar... é pra limpar cozinha... e comprar os livros... porque a diretora disse que ela teve que comprar eu acho que *uns cinco livros aí*... (D&G – Relato de Opinião oral – Rio de Janeiro – século XX)

Observe que, em (25), ao contrário de (24), o que prevalece não é a ideia de que o falante desconhece o que fala, pois não só ele como também seu interlocutor têm conhecimento do que, de quem e de onde se fala. Justamente por ambos compreenderem as referências realizadas, o emissor não especifica melhor tais referentes para o seu ouvinte, e o contexto se torna de imprecisão. Em (26), os interlocutores também conhecem o que se comenta, porém a imprecisão é para marcar um sentido de desprezo, de pouca relevância em relação ao referente exposto no SN. Em (27), ao produzir "*uns cinco livros aí*", tendo dito anteriormente que "acha", ou seja, que não tem certeza, o falante demonstra (inter)subjetivamente com SNLoc atributiva que não sabe a quantidade exata de livros.

A construção SNLoc atributiva pode ocorrer antes ou depois do constituinte verbal. A análise em relação à posição da construção mais cristalizada na sentença leva em conta suas propriedades da forma, mas também vai em direção ao polo do sentido com suas propriedades *semânticas*, *pragmáticas* e *discursivo-funcionais*.

A possibilidade de SNLoc atributiva ocorrer posposta ao verbo leva-nos a uma análise mais criteriosa a fim de verificarmos se o locativo é um clítico entrincheirado ao SN ou se é um argumento do verbo anterior à construção. Portanto, se a construção estiver anteposta ao verbo, a proposta do locativo como argumento do verbo é enfraquecida, pois como argumento do verbo, sua posição preferencial é após este verbo . Em (21), como vimos, o falante diz: "*um negão lá* gritou"; nessa posição pré verbal, constatamos que o pronome locativo está escopando o SN e compreendemos que, nesse arranjo, o falante transmite o sentido de "um negão que eu não conheço bem, não sei seu nome, gritou". Logo, o uso clítico do Loc de SNLoc.

Entretanto, quando a construção SNLoc atributiva se encontra posterior ao verbo, realmente nos resta a dúvida se estamos diante de um locativo atuando como argumento do verbo anterior a esta construção, e essa dúvida se acentua ainda mais se este verbo possuir um *frame*[12] de espaço. Portanto, investigamos todo o contexto onde se encontra a referida construção. Caso SNLoc atributiva se encontre em posição pós-verbal, analisamos também o *frame* do verbo; se este não apresenta um *frame* espacial, verificamos mais claramente que o locativo da construção não é um argumento do verbo. Vejamos no exemplo (28) a seguir:

> (28) a família era um menino ... uma menina ... o pai dela ... a mãe dela ... e um gato ... ((riso)) um gato preto bem fofinho ((riso)) aí eles foram pra lá né ... chegaram lá no carro ... acho que era n*as férias lá*... n*as férias lá*... nas férias da ... da ... d*as criança lá*... dos filhos dele né ... (D&G – Narrativa Recontada oral – Natal – século XX)

Verificamos em (28) que o verbo "era", anterior aos dois arranjos SNLoc atributivo "*as férias lá*" e "*as criança lá*", não possui *frame* espacial, já que não seleciona um locativo depois dele. Esse fato, aliado

[12] *Frames* (TAYLOR, 1995) são enquadramentos, molduras de sentido fornecidas pelas situações experienciais.

à observação de que a sequência em que se encontra a instanciação de SNLoc atributiva é de imprecisão – o falante diz "acho que" e demora um pouco nessa informação; essa demora é marcada pelas reticências –, torna mais fácil constatarmos que estamos lidando com um uso clítico do pronome locativo na construção.

Contudo, se SNLoc atributiva encontra-se após o constituinte verbal, tendo esse verbo um *frame* espacial, a dúvida quanto à possibilidade de o locativo ser um argumento do verbo se acentua, conforme expusemos . Porém, é a análise do contexto o que sempre garante que estamos diante da construção SNLoc atributiva. Citamos (29) a seguir como exemplo:

> (29) I: teve um dia que a gente fomos pra uma festa de rua lá em::/ ah esqueci... esqueci o nome... ah... *um lugar aí*... aí... né? a gente passamos o maior sufoco dentro da Quinta... (D&G –Narrativa de Experiência Pessoal oral – Rio de Janeiro – século XX)

Em (29), a informante afirma que foi a uma festa de rua em "*um lugar aí*". SNLoc atributiva está posposta ao verbo "fomos", que tem um *frame* espacial, pois seleciona um lugar para onde se foi. Era esperado que uma dúvida pairasse quanto ao fato de esse locativo ser um argumento do verbo; todavia, além de haver uma notória distância entre o verbo e a construção, o entorno é de imprecisão, incerteza, indefinição. A informante deixa claro que esqueceu o nome do lugar e, assim, usa "*um lugar aí*" para marcar essa incerteza. Logo, verificamos que não estamos diante de um pronome adverbial locativo atuando como argumento do verbo, e sim, de uma construção cristalizada SNLoc atributiva, que, nesse caso e em outros tantos, posiciona-se após o constituinte verbal.

Dessa forma, as posições pré e pós verbal da construção SNLoc atributiva são passíveis de acontecer e a garantia de que o locativo da construção funciona como clítico e não como argumento do verbo se dá porque, principalmente, levamos em consideração o contexto semântico-pragmático em que tal construção ocorre.

Conforme é possível comprovar com os dados apresentados neste artigo, SNLoc atributiva ocorre preferencialmente em contextos informais da oralidade, em que a (inter)subjetividade é marcada, em sequências

de *fundo* narrativo[13], que é a porção do texto narrativo que apresenta a sequência temporal de eventos concluídos, pontuais, afirmativos, segundo Furtado da Cunha , Costa e Cezario (2003). Realizamos um levantamento em nossos 110 textos narrativos e verificamos 93 ocorrências de SNLoc atributiva no plano de fundo e apenas 17 no plano de figura. Os exemplos (30) e (31) a seguir representam SNLoc atributiva atuando em plano de figura e de fundo, respectivamente:

(30) I: a Patrícia... ela... ela começou a se afobar... e falando "gente... eu vou me afogar... gente... eu não consigo... o que é que eu vou fazer? Ainá... me ajuda aqui..." aí a Ainá "não... não posso ajudar... porque eu também estou me afogando..." não sei quê... ( ) assustadas ((riso)) "não... não posso ajudar que eu também estou me afogando..." não sei quê... aí::... acabou que um... *um surfista lá* ajudou a Patrícia a sair da água... e vieram dois ((riso)) dois negões salva-vidas pra ajudar a Ainá... (D&G – Narrativa Recontada oral – Rio de Janeiro – século XX)

(31) e no domingo/ na segunda-feira de manhã ele ia... embora... pra Argentina... que ele trabalha num:: na/ num navio/ não é bem navio... é uma::/ *esse troço aí*... submarino... eu acho que é ... (D&G – Narrativa Recontada oral – Rio Grande – século XX)

Sublinhamos as sequências de figura das narrativas e verificamos que, em (30), SNLoc atributiva "*um surfista lá*" faz parte desse plano, pois é a porção do texto que apresenta a sequência temporal de um evento concluído, pontual e afirmativo. Já em (31), constatamos que "*esse troço aí*" encontra-se na sequência de fundo, a preferida de SNLoc atributiva, em uma parte em que o falante tenta esclarecer onde a pessoa de quem ele fala trabalha, uma informação adicional à ação desenrolada na narrativa. Destacamos, assim, as propriedades *discursivo-funcionais* da construção mais recente e lexical SNLoc atributiva.

Após apresentadas e discutidas as propriedades de forma e sentido de SNLoc atributiva, atestamos que esse arranjo mais recente na língua

[13] O *fundo* corresponde à descrição de estados, da localização dos participantes da narrativa, dos comentários avaliativos, da descrição de ações e eventos simultâneos à cadeia da *figura*.

é uma construção que se configura em contextos semântico-pragmáticos específicos de uso. Assim, com base na investigação dos dados expostos neste artigo, afirmamos que a macroconstrução produtiva e esquemática SNLoc atributiva, em uso no português contemporâneo através de construtos de microconstruções, é um novo esquema na língua, resultado de construcionalização lexical.

6 Considerações finais

Baseados na Linguística Funcional Centrada no Uso , investigamos a construção SNLoc atributiva no português contemporâneo, a qual resulta da forte integração de suas subpartes – Sintagma Nominal e pronome adverbial locativo.

Numa perspectiva pancrônica, tomamos como base o *Corpus* do Português, para a análise de sincronias passadas, e o *Corpus* Discurso & Gramática, para os usos do século XX. Através desses *corpora,* realizamos um estudo prioritariamente qualitativo a fim de comprovar a hipótese de que SNLoc atributiva é resultante de construcionalização lexical a partir dos arranjos SNLoc dêiticos. Apoiados nos contextos de mudança de Diewald (2002), afirmamos que a mudança linguística de que resulta tal esquema se inicia em contextos atípicos, nos usos dêiticos mais referenciais, como os dêiticos físicos e os dêiticos catafóricos; e que, através dos usos dêiticos anafóricos e dêiticos virtuais, os quais configuram contextos críticos, com ambiguidades de sentido e forma, chega-se à construção SNLoc atributiva, em um contexto de isolamento. Esse é, então, o resultado da construcionalização com a construção SNLoc atributiva, atestada em nossos dados apenas na sincronia atual, diferentemente dos usos dêiticos que são encontrados em todas as sincronias.

Desse modo, forma-se, através de mecanismos como *priming,* inferência sugerida, neoanálise e analogização*,* um novo esquema construcional na língua, no nível do léxico, em que o locativo da construção passa a escopar o SN anterior, funcionando como seu atributo e não mais exibindo tão fortemente a semântica de lugar dos pronomes adverbiais locativos, mas conferindo um sentido de imprecisão à construção. O locativo mais recrutado para a construção atributiva é *lá*, conferindo maior indefinição e descomprometimento em relação ao sentido articulado pelo SN, e o tipo de texto preferencial são as narrativas, principalmente as

recontadas, em que os usuários contam uma história de outra pessoa e, por isso, não podem falar com precisão sobre o assunto narrado.

Sincronicamente, os esquemas SNLoc dêitico e SNLoc atributivo atuam como dois nós na rede SNLoc e estão disponíveis para o uso dos falantes. Assumimos que SNLoc atributiva é resultado de construcionalização lexical, já que, através de sua trajetória na língua, se origina um novo par forma e sentido principalmente de conteúdo. Trata-se de um SN mais marginal, já que não é o prototípico da categoria dos nomes.

Conforme Traugott (2008), verificamos que, depois de constituídas na língua as microconstruções de SNLoc atributiva através de construtos na interação, forma-se um novo esquema macroconstrucional, que tem suas propriedades sintáticas e semânticas alinhadas em mesoconstruções, constituídas, em nossa pesquisa, por SNs com duas ou três posições preenchidas. Assim, como mesoconstruções temos SN_2Loc e SN_3Loc.

Com base na investigação de nossos dados, afirmamos que a macroconstrução híbrida e produtiva SNLoc atributiva, em uso no português contemporâneo através de construtos de microconstruções, é um novo par forma e sentido, que conta com propriedades sintáticas, morfológicas, fonológicas, semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais específicas, de acordo com Croft (2001). A semântica de imprecisão de SNLoc atributiva pode ocorrer em contextos discursivo-pragmáticos particulares: pode estar relacionada ao desconhecimento do falante sobre o que é dito; ao compartilhamento da informação entre os interlocutores; à pouca importância sobre o que é mencionado e à tentativa de estimativa aproximada quanto à quantidade exata de um referente.

Constatamos que SNLoc atributiva é uma construção lexical endocêntrica, já que a segunda subparte da construção, o Loc, confere algum tipo de matiz à primeira subparte, o SN, mas ambos carregam propriedades de sua história na língua, de seu uso isolado mais lexical. As construções lexicais endocêntricas são mais esquemáticas e produtivas, já que têm seus *slots* para serem preenchidos e podem, desse modo, recrutar diferentes itens para compor a construção, recursivamente. SNLoc atributiva é, assim, mais esquemática e produtiva e menos composicional, já que há preservação de sentido do SN e de seu estatuto mais lexical, por outro lado, o locativo se encontra mais destituído de seus traços prototípicos adverbiais, atuando à semelhança de um clítico, a concorrer para a atribuição do SN.

Em nossa análise, verificamos também se o locativo da construção pode não ser um escopo do nome como observamos, mas um argumento do verbo. Concluímos que, quando SNLoc atributiva é pré-verbal, a interpretação em termos de argumento do verbo é enfraquecida; quando se encontra após o verbo, pode haver uma ambiguidade. Se o verbo anterior à construção tem *frame* locativo, a ambiguidade torna-se maior, o que não ocorre se o verbo não tem *frame* locativo. Consideramos o contexto em que SNLoc é inserida: se o contexto é de imprecisão, a interpretação em termos de SNLoc atributiva prevalece.

Por fim, atestamos que SNLoc atributiva é articulada em sequências de fundo narrativo, ou seja, na descrição de estados, na localização dos participantes da narrativa, nos comentários avaliativos. Apesar de nossas discussões não se encontrarem encerradas, acreditamos que em muito contribuímos para a descrição dos pronomes adverbiais locativos na posição posposta a um SN, não mencionada pelas gramáticas tradicionais, e esperamos que esta pesquisa motive novos estudos sob o viés da construcionalização lexical em português.

Referências

AGUIAR, M. T. de. *A construcionalização lexical SNLoc atributiva e sua instanciação no português.* 2015. 213f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

AGUIAR, M. T. de. *Os contextos de mudança de SNLoc atributiva: um estudo de construcionalização lexical no Português*. Gragoatá, v. 25, n. 52, p. 712-735, 21 set. 2020.

BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição.* Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BYBEE J. L. Chunking and degrees of autonomy. In: *Language, usage, and cognition.* Cambridge, UK: CUP, 2010

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Syntactic Theory in Typological Perspective. New York: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: *New reflections on grammaticalization*, ed. by Ilse Wischer and Gabriele Diewald. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

FURTADO DA CUNHA, M. A. F., M. A.; COSTA, M.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: *Linguística funcional: teoria e prática***.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A. F. da; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. F. da. (Org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta.* Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a Construction Grammar Approach to Argument Structure.* London: The University of Chicago Press, 1995.

NUNBERG, G.; SAG, I.A.; WASOW, T. *Idioms.* Language 70, 1994.

PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro.* São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory.* United States: Oxford University Press, 1995.

TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization, constructions and incremental development of language: suggestions from the development of Degree Modifiers in English.* In: ECKARDT, Regine; JÄGER, Gerhard and VEENSTRA, Tonjes (eds.). Variation, Selection, Development – Probing the Evolutionary Model of Language Change. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

TRAUGOTT, E. C. e TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Change.* Oxford University Press: Oxford, 2013.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte,v. 30 n. 2, p. 606-634, 2022

A gramática de construções diassistêmica: uma abordagem aquisicional baseada no uso

Diasystematic Construction Grammar: a Usage Based Acquisitional Approach

Roberto de Freitas Jr.
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
robertofrei@letras.ufrj.br
http://orcid.org/0000-0001-6237-1040

Lia Abrantes Antunes Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
lia.abrantes@letras.ufrj.br
http://orcid.org/0000-0003-0165-413X

João Paulo da Silva Nascimento
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
jpn0401@gmail.com
http://orcid.org/0000-0001-8392-4265

Vitor Luiz Vieira da Silveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
vitorsilveira@letras.ufrj.br
http://orcid.org/0000-0002-4789-6735

Resumo: O objetivo do presente artigo é abordar a discussão sobre aquisição de L1 e L2, a partir dos princípios teóricos da Gramática de Construções Diassistêmica (GCxD) - (HÖDER, 2018) - e da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) – (GOLDBERG, 2019): modelos de pressupostos construcionistas sobre o processamento e a realidade psicológica do conhecimento linguístico, seja de uma L1 e/ou de uma L2. Para essa discussão, dividimos o texto em duas partes. Na primeira, revisamos alguns princípios dos modelos abordados. Na segunda, ilustramos questões teóricas, a partir

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.606-634

de dados e resultados advindos de pesquisas com foco no conhecimento gramatical de falantes não nativos do português brasileiro (PBL2) e do inglês (IL2). Os dados instanciam os padrões (i) [(ESP) N] – a construção de especificação nominal – no contexto de aquisição do PBL2 e (ii) [(X) VSN] – a construção de focalização por posposição de sujeito – no contexto de aquisição do IL2.

Palavras-chave: aquisição; modelos baseados no uso; construções.

Abstract: The purpose of this article is to address the discussion on L1 and L2 acquisition, from the theoretical principles of Diasystematic Construction Grammar (GCxD) - (HÖDER, 2018) - and of Usage-Based Construction Grammar (UBCG) - (GOLDBERG, 2019): both models of constructionist assumptions about the processing and psychological reality of L1 and L2 linguistic knowledge. For this discussion, we have divided the text into two parts. In the first, we review some principles of the models. In the second, we illustrate theoretical issues, based on data and results from research focused on the grammatical knowledge of non-native speakers of Brazilian Portuguese (L2PB) and English (L2E). Data instantiate the patterns (i) [(ESP) N] - the nominal specification construction - in the context of L2PB acquisition and (ii) [(X) VSN] - the focalization through postponed subject construction - in the context of L2E acquisition.

Keywords: acquisition; usage-based models; constructions.

Recebido em 09 de agosto de 2021

Aceito em 11 de outubro de 2021

1 Introdução

Aquisição da linguagem constitui-se um forte viés de investigação no escopo da Linguística Moderna. Pesquisadores de diferentes orientações teóricas debruçam-se sobre aspectos específicos do processo de aquisição em busca de evidências que respaldem uma teoria com fortes explicações. Das pesquisas, tem surgido diferentes hipóteses sobre a operacionalização da mente que se mostra capaz de construir representações do conhecimento linguístico. Da mesma maneira, mostra-se instigante o debate a respeito de questões gerais ou individuais, relativas ao processo de aquisição de uma segunda língua (L2), aquele que ocorre após a infância, geralmente, na fase adulta.

Neste artigo, abordamos a discussão sobre aquisição de L2, considerando sua relação com a L1, a partir da hipótese sociocognitivista, que orienta a Linguística Cognitivo-Funcional. Especificamente, revisamos o modelo da Gramática de Construções Diassistêmica (GCxD) (HÖDER, 2018): um construto teórico que se volta, entre outros aspectos, para fenômenos emergentes em situação de contato linguístico e bilinguismo, inclusive, o contexto de aquisição de línguas adicionais. Ainda, apresentamos um diálogo desse modelo com os pressupostos construcionistas apresentados em Goldberg (2019): um trabalho sobre o processamento e a realidade psicológica do conhecimento linguístico, seja de uma L1 e/ou de uma L2, e que, em última análise, consiste em uma visão atualizada da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU).

Ambos os modelos, de modo muito semelhante, tratam do mesmo assunto: a emergência da gramática em perspectiva construcional, com foco no impacto da experiência com o uso da língua na emergência da representação gramatical. Por outro lado, apesar das sobreposições de ordem teórica, cada modelo apresenta um olhar diferenciado para a questão da aquisição: o primeiro é mais voltado para a arquitetura do *constructicon* – uma rede de construções em constante expansão –, em perspectiva bilíngue/multilíngue e o segundo, para fatores relacionados à competição de construções e à criatividade construcional no processo de aquisição de L1 e de L2.

Apoia-se, portanto, o presente artigo na visão de *constructicon* multilíngue, um conceito central no modelo da GCxD (HÖDER, 2018). Tal conceito consiste em uma visão abrangente acerca do impacto da experiência na emergência da gramática e consequente produção, compreensão e processamento linguístico. Trata-se de uma perspectiva que assume que a competência linguística, a gramática internalizada, é essencialmente formada e integrada a partir da experiência linguística, via atuação de processos cognitivos de domínio geral, seja com dados construcionais advindos de *input* de uma L1, uma L2, entre outras possibilidades vinculadas a contextos, registros, gêneros e convenções em usos diversos e em diferentes modalidades.

Para essa discussão, dividimos o texto em duas partes. Na primeira, revisamos alguns princípios dos dois modelos abordados. Inicialmente, a GCBU (com foco no trabalho de Goldberg (2019)) e, em seguida, a GCxD (com foco no trabalho de Höder (2018)). Na segunda parte do texto, ilustramos questões teóricas dos modelos

apresentados, a partir de dados e resultados advindos de pesquisas com foco no conhecimento gramatical de falantes não nativos do português brasileiro (PB) e do inglês, respectivamente, aprendizes de PBL2 e IL2. Trata-se de dados que instanciam os padrões (i) [(ESP) N] – construção de especificação nominal – no contexto de aquisição do PBL2 e (ii) [(X) VSN] – construção de focalização por posposição de sujeito – no contexto de aquisição do IL2.

2 Criatividade e Competição: o modelo de Goldberg (2019)

Em uma perspectiva norteada pelos pressupostos da Linguística Cognitivo-Funcional, Goldberg (2019) mostra que a aquisição de L2 corrobora os postulados construcionistas para a aquisição tanto de uma L1 quanto de uma L2, apesar das diferenças existentes entre os dois processos.

A respeito das características que distinguem a aquisição de L1 e de L2, os pressupostos sociocognitivistas acerca da emergência e do armazenamento das construções gramaticais (BYBEE, 2008; 2010; GOLDBERG, 1995; 2006; HILPERT, 2014; PEREK, 2015) são compatíveis com ambos os contextos, ao menos no que tange ao funcionamento dos processos cognitivos de domínio geral (PCDG) e à natureza arquitetônica da gramática. As diferenças existentes entre os processos, no entanto, podem ser resumidas pelo fato de que enquanto crianças em tenro desenvolvimento linguístico são capazes de convencionalizar linguisticamente experiências reais, adquirindo construções gramaticais, de modo aparentemente espontâneo, aprendizes adultos se servem de convenções experimentadas na L1, por vezes, no processamento e na produção da L2, em virtude do grau de consolidação dos pareamentos na gramática internalizada, exibindo usos recorrentes de estruturas que não atendem às convenções da L2, inclusive quando altamente proficientes.

Seja em contexto de aquisição de L1 ou de L2, em uma abordagem cognitivo-funcional, entende-se que a aquisição envolve, essencialmente, perceber e armazenar informações simbólicas (unidades de forma e significado), bem como aprender como tais unidades se combinam e são convencionalmente associadas a determinados contextos discursivos. Notadamente, isso pressupõe que haja processos seriados de generalização de padrões de forma e significado e de seus respectivos componentes pragmáticos, processo que se estabelece mentalmente

durante as experiências das crianças, mediadas por *input* da L1, mas que também ocorre com adultos, mesmo em situação de aprendizagem formal de uma língua.

Em ambas as situações, a respeito da formação/ampliação da rede construcional do falante, há de se considerar o papel exercido pela natureza e qualidade do *input* linguístico, como, por exemplo, no que diz respeito às questões relacionadas à frequência de ocorrências (*token*) e tipos (*type*), ao tempo de exposição à língua etc. Há de se considerar, também, o papel exercido pelos PCDG e que, nessa perspectiva teórica, são responsáveis pela emergência de toda sorte de conhecimentos, incluindo-se o linguístico. Entretanto, na comparação dos dois processos, o de aquisição de L1 e o de L2, os pontos apresentados em Goldberg (2019), a respeito da preempção estatística, da aprendizagem guiada pelo erro, dos efeitos da idade e do *coverage* ("cobertura"), precisam ser considerados em função de entendermos o papel explícito da estrutura mental da L1, que pode auxiliar ou retardar o processo de aquisição da nova língua.

A exposição aos dados do *input* produz o efeito de preempção estatística: a criança aprendiz de uma L1, aos poucos, se valendo do processo de aprendizagem orientada pelo erro, tipicamente observado nas supergeneralizações que produzem, cria expectativas sobre as escolhas construcionais adequadas a certos contextos comunicativos e sobre como as construções se combinam, de modo a produzir sentidos. Ela, também aos poucos, passa a bloquear informações linguísticas menos associadas a certos contextos e situações comunicativas, como, por exemplo, quando deixam de regularizar formas verbais em seus enunciados (*e.g.* Eu fazi → Eu fiz).

O aprendiz de uma L2, por outro lado, usufrui menos da interpretação estatística referente à distribuição dos dados da nova língua, pois sua L1, uma gramática já consolidada, interferirá nos efeitos de preempção estatística, enviesando o processo de aprendizagem orientada pelo erro, aceitabilidade e bloqueio de construções em determinados contextos. Os aprendizes de L1 são, portanto, mais suscetíveis aos efeitos da frequência, da aprendizagem orientada pelo erro e da preempção estatística, tornando-se mais eficazes na emergência do *constructicon* que supostamente espelha a língua nativa adulta.

O conceito de *coverage* (cobertura) consiste, segundo Goldberg (2019), na associação de itens membros de uma dada categoria. Aprendizes são capazes de identificar propriedades afins entre itens e formar conjuntos que têm membros mais e menos prototípicos. Tal faceta

do modelo faz referência direta à categorização, um processo caro para a explicação da emergência da gramática. Particularmente, junto com o conceito de preempção estatística, esse é um ponto que aqui precisamos destacar, pois se associa mais diretamente ao modelo da Gramática de Construções Diassistêmica (GCxD), como veremos mais à frente.

Em todos os casos, o fator etário perpassa as situações de aquisição. A associação entre idade e maior ou menor consolidação de informações gramaticais será inevitável e de consequências diferenciadas no âmbito da aquisição de L1, se comparado ao de L2. A observação da criatividade do aprendiz de L2 e da competição entre usos na L1 e na L2 mostram evidências interessantes.

A metáfora *explain me this* é usada pela autora para evidenciar um potencial uso em inglês: a expressão '*explain me this*', uma metonímia de usos que seriam repelidos por falantes nativos dessa língua, mas com forte probabilidade de emergir na fala de aprendizes não nativos, por serem menos sujeitos aos efeitos de frequência e de bloqueio, tal como ocorre em contexto de aquisição de L1. No caso de '*explain me this*', a opção pelo uso do verbo *to explain* no contexto das construções bitransitivas ([SN V SN SPrep] *Explain this to me*.) evidenciaria uma escolha típica de falantes não nativos do inglês, que seriam menos suscetíveis aos efeitos da preempção estatística. Escolhas não nativas revelam questões de divergências e convergências no plano do *coverag*e, na medida em que tais usuários fariam associações entre construções, baseadas no conhecimento gramatical da L1 (supergeneralização e transferência) e/ou no de outras construções da L2 que compartilham do mesmo padrão. Por exemplo, em inglês, é possível dizer (i) '*tell me something'* ou (ii) '*tell something to me'*, no entanto, o aprendiz dessa língua supergeneraliza e não bloqueia o padrão (i) para o verbo *to explain*. Mesmo que exemplares não convencionais, tais como '*explain me this*', não sejam estruturas ilícitas, também não se constituem convenções usadas pelos nativos e, portanto, não haveria evidência positiva para tais usos resultantes da criatividade do aprendiz de L2.

Os fatores aqui revisados a partir do trabalho de Goldberg (2019) – sobretudo *coverage* e preempção estatística se mostram fundamentais para o entendimento de fenômenos observáveis na produção em L2 e se correlacionam com o modelo da GCxD, no qual se apoiam as análises de dados descritas nas últimas seções deste artigo.

3 A Gramática de Construções Diassistêmica

Uma das grandes questões no âmbito da linguística de contato diz respeito à forma como falantes multilíngues[1] representam cognitivamente experiências envolvendo o uso simultâneo de distintas línguas. A esse respeito, uma hipótese incide sobre a possibilidade de que indivíduos multilíngues não sejam portadores de gramáticas individuais referentes às diferentes línguas por eles utilizadas. Ao contrário, seriam falantes cujo repertório linguístico é consubstanciado por exemplares coexistentes de duas ou mais línguas, ou experiências linguísticas, formadores de uma única gramática multilíngue, uma única rede de construções: o constructicon multilíngue. Assim define-se o modelo da Gramática de Construções Diassistêmica: uma abordagem construcional baseada no uso, pensada a partir dos princípios do sociocognitivismo, contemplando a interação da experiência real com as línguas e os PCDG, em particular, a analogia e a categorização[2].

De acordo com o modelo da GCxD, desenvolvido em Höder (2012; 2014a, b; 2018; 2019), o contato linguístico está diretamente relacionado aos fenômenos estruturantes e regulares que formam as línguas em variadas situações de uso. Assim, o tratamento das diferentes formas de contato torna-se fundamental para o entendimento da interação cognitiva estabelecida entre os sistemas linguísticos no curso da formação da gramática multilíngue, que, entre outras coisas, caracteriza o multilinguismo a partir das funcionalidades (socio)pragmáticas de suas construções.

As construções, isto é, os pareamentos forma-função, apesar de advindas de diferentes línguas, integram um mesmo *constructicon*. Sobre o assunto, Höder *et al.* (2021), no texto "Additional language acquisition as

---

[1] Entende-se por falante multilíngue aquele/a que utiliza, com autonomia, ao menos duas línguas distintas.

[2] A GCxD não é um modelo diferente da GCBU. Ao contrário, coloca-se como um modelo específico acerca da emergência e arquitetura da gramática, em contextos diversos de contato linguístico, sem se afastar dos princípios basilares e próprios da própria GCBU e à qual explicitamente se afilia. A suposta separação dos modelos apresentada no presente artigo se dá como reflexo do que vemos na literatura, embora esteja implícita em todo o tempo a percepção de que são apenas perspectivas diferentes de um mesmo construto teórico.

emerging multilingualism: A Construction Grammar approach"[3], apresentam princípios da GCxD como alternativa para o entendimento da emergência do *constructicon* no contexto de aquisição de línguas adicionais. Os autores defendem tal proposta exemplificando-a com dados que espelham aspectos construcionais, os quais mostram que construções específicas de uma dada língua podem passar a ser interpretadas como unidades multilíngues, tornando-se menos específicas, como veremos mais à frente.

As visões mais tradicionais sobre a representação da gramática posicionam-se em defesa da ideia de que as línguas não são representadas em um único sistema, mas como formas independentes. A proposta da GCxD consiste em uma visão de oposição a tal entendimento, o qual pode ser, de fato, questionado, se considerarmos certas evidências advindas da produção e processamento em contexto de contato linguístico, seja lá de qual espécie.

As bases do modelo construcional diassistêmico se caracterizam por seguir os princípios teóricos da Gramática de Construções Baseada no Uso. Observa-se, assim, a emergência e a mudança da gramática em diferentes perspectivas: no nível individual ou no nível coletivo. A GCxD, tal como um modelo funcional baseado no uso, ocupa-se fortemente de: (a) questões relacionadas à mudança linguística decorrente de contato (HÖDER, 2012; 2014a) e (b) práticas multilíngues sincrônicas, não necessariamente atreladas à mudança (HÖDER, 2018). Definitivamente não tratamos aqui de um assunto simples, na medida em que a discussão sobre a representação cognitiva da gramática decorrente do contato linguístico abarca diversas situações de uso da língua, além da própria mudança.

A atuação de conhecimentos linguísticos diferenciados, advindos de experiências linguísticas diversas, se manifesta a todo tempo na produção, na compreensão e no processamento gramatical. Nessa visão, o *constructicon multilíngue* é resultante do impacto da experiência, seja ela qual for, na emergência da gramática. Em outras palavras, a experiência com outras línguas, com diferentes formas de registro, gêneros textuais e modalidades, por exemplo, forma a gramática internalizada: uma rede de construções integradas, resultantes das vivências linguísticas do falante.

O resultado natural da gramática multilíngue produz efeitos diversos na produção e no processamento da linguagem. Exemplificando,

[3] Tradução livre: Aquisição de língua adicional como multilinguismo emergente. Uma abordagem da Gramática de Construções.

o impacto do armazenamento de determinadas construções associadas ao registro formal escrito pode facilitar o desenvolvimento da fala com marcas do registro formal. Da mesma forma, o armazenamento de determinadas construções da L1, por interferência construcional, pode dificultar a aquisição de construções específicas de uma L2, o que não deixa de ser uma maneira complementar de entendimento ao processo de criatividade e competição desenvolvido em Goldberg (2019).

O quadro 1 ilustra possíveis situações, ligadas a essa discussão, além daquelas relacionadas, referentes à aquisição de uma L2. Nele são descritas algumas situações que servem de evidência para o conceito de *constructicon* multilíngue e como os processos sob forte efeito de analogização (interferência/ transferência linguística e de generalização/ supergeneralização) são observados na produção gramatical em diferentes situações de contato. Tais processos, cognitivamente orientados e tradicionalmente associados aos estudos de aquisição de L2, são aqui redefinidos em uma proposta mais abrangente e que revela o funcionamento da gramática multilíngue, em diferentes situações, algumas descritas a seguir.

Quadro 1 - situações de contato linguístico

Tipos de contato	**Situações de contato** (pressões sociodiscursivas)	**Casos de Competição** (transferência/interferência e (super)generalização)
Contato entre línguas nacionais	Uso constante de duas línguas diferentes em uma mesma região em função de diversas questões históricas, geográficas ou sociais.	Falantes apresentam marcas da língua política ou quantitativamente majoritária, que acabam por ser incorporadas no uso da língua minoritária, fazendo emergir tipos de diassistemas (*e.g.* variantes de línguas, pidgins, crioulos) com diaconstruções comuns à L1 e à L2.

Contato entre modalidades (interferência intermodal)	Práticas letradas que se aproximam de suas contrapartes no âmbito da fala.	1. Falantes imersos em certos domínios profissionais (*e.g.* jornalístico, acadêmico e jurídico) aproximam usos característicos de gêneros escritos, em que se percebem competidores da modalidade escrita vencendo a competição durante a produção na modalidade falada, mesmo em domínios discursivos não profissionais. Essa competição faz emergir tanto uma cognição multilíngue com propriedades da escrita quanto uma variedade de práticas discursivas híbridas; 2. Usos típicos da modalidade oral que são transpostos para a escrita na mesma língua, ou da modalidade sinalizada para a escrita etc.; 3. Usos típicos da modalidade oral/sinalizada na L1 que são transpostos para a escrita na L2.
Contato de aprendizagem tardia	A aprendizagem da L2 é atravessada por aspectos linguísticos da L1.	Em razão da competição entre novas construções da L2 e as fortes construções da L1, aprendizes precisam inibir, em muitos casos, mas não em todos, os padrões construcionais da L1 (*e.g.* aspectos morfossintáticos), que geram casos de agramaticalidade na L2.
Contato de aprendizagem simultânea	Usos em que ocorrem alternância e/ ou simultaneidade de construções da L1 e da L2.	Bilíngues usam competidores (*e.g.* palavras, idiomatismos) mais salientes de uma das línguas, durante a fala na outra língua. Em casos de contato com línguas de modalidades oral e sinalizada, bilíngues oralizam e sinalizam ao mesmo tempo ou alternam as escolhas de uma modalidade para a outra.

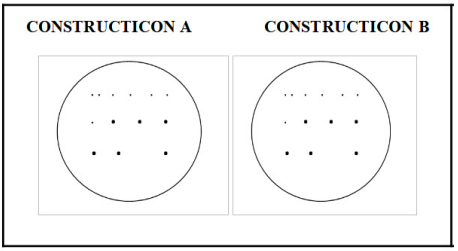
Fonte: elaborado pelos autores.

As situações de contato descritas acima e sua relação com os processos de competição (interferência/transferência linguística e de (super)generalização) mostram empiricamente o *constructicon* multilíngue sendo instanciado. A partir delas, vemos que as proposições teóricas de Höder e colegas mostram-se promissoras para o enriquecimento da Linguística Cognitivo-Funcional e de suas hipóteses sobre a natureza do conhecimento linguístico enquanto cognição emergente e condicionada a fatores de frequência e ao recrutamento de habilidades cognitivas de domínio geral.

Assume-se, assim, que a gramática internalizada de falantes bilíngues/multilíngues consiste em uma rede conceptual (i) de **idioconstruções** representadas cognitivamente como itens específicos para cada língua em questão e (ii) de diaconstruções**,** resultantes da identificação entre construções presentes nos dois sistemas (línguo-específicas), que por apresentarem algum grau de similaridade de forma ou sentido, compõem uma abstração maior, não específica de nenhuma das duas gramáticas, mas que abrange as informações linguísticas advindas de ambas. Em outras palavras, o processo analógico que permite a **identificação interlingual** de construções de naturezas semelhantes leva à formação de uma generalização, via categorização, de uma construção mais abstrata, um item **diassistêmico**. Assim, a descrição sobre o conhecimento linguístico bilíngue deve garantir o mapeamento desse conjunto de construções: as construções línguo-específicas e as construções línguo-não específicas, ou seja, as **idioconstruções** e as **diaconstruções**.

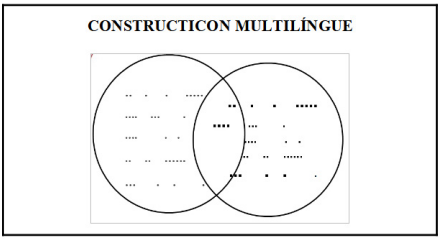
Em suma, o *constructicon* multilíngue é composto por itens abstratos específicos das línguas em questão e por itens ainda mais abstratos, resultantes da identificação de similaridades entre as construções das línguas em jogo. As representações abaixo ilustram essa ideia, diferenciando a visão tradicional, que defende a existência de gramáticas independentes, e a visão da GCxD, que propõe a existência de uma única cognição multilíngue:

Esquema 1



Fonte: elaborado pelos autores.

Esquema 2



Fonte: elaborado pelos autores.

No esquema (1), temos a assunção de que as construções de cada língua coexistem como representações gramaticais independentes (os pareamentos são representados independentemente em espaços construcionais distintos). No esquema (2), no entanto, vemos a proposta da GCxD, segundo a qual há interação, em um mesmo *constructicon*, de construções línguo-específicas (as idioconstruções, representadas em espaços construcionais distintos, pela não existência de um ***link* diassistêmico**)[4], e construções línguo-não específicas (as diaconstruções, representadas no espaço de interseção entre os dois círculos referentes às línguas em questão).

[4] As relações mantidas entre as construções são diversas. Trabalhos como os de Goldberg (1995) e Diessel (2015), por exemplo, listam possibilidades de relações interconstrucionais, o que tradicionalmente chamamos de *links*. O *link* diassistêmico diz respeito especificamente à relação interconstrucional decorrente do contato linguístico em que construções de aspectos formais e/ou de sentido são analogicamente identificadas como semelhantes e processadas de modo mais integrado.

Em suma, as sentenças produzidas e processadas por indivíduos multilíngues instanciariam, portanto, idioconstruções e diaconstruções, selecionadas e combinadas em função das demandas comunicativas do usuário. Tal como previsto no modelo da GCBU, as idioconstruções e as diaconstruções emergem a partir da experiência linguística real do falante, não importa em que língua e contexto, via atuação dos processos cognitivos de domínio geral, e seriam combináveis a partir de suas possibilidades e restrições de forma e sentido.

Um ponto importante emerge, então, na discussão. As diaconstruções, por serem mais abstratas, são, portanto, mais propensas a apresentar maior grau de esquematicidade. Höder (2020) ilustra tal fato tendo em vista os falantes bilíngues do alemão padrão e do baixo-alemão[5]. O autor defende que para as palavras <*h**a**us/h**u**us*> e <*br**a**un/br**u**un*> ("casa" e "marrom") do alemão, por exemplo, teríamos, cognitivamente, a formação de duas diaconstruções lexicais com um *slot* aberto para preenchimento das informações vocálicas. Ambas as diaconstruções seriam fonologicamente semi-esquemáticas e a realização, por parte do falante bilíngue, de uma ou outra forma vocálica, seria pragmaticamente orientada pela demanda comunicativa e contexto de uso de uma ou outra língua.

A escolha de uma ou outra forma linguística é resultante do conhecimento gramatical diassistêmico e está associada ao nível do sentido do pareamento, especificamente no âmbito da pragmática. As informações linguísticas são armazenadas como parte do conhecimento referente à diaconstrução e estarão condicionadas às demandas comunicativas e contexto de uso em questão. Em pormenores, o uso de uma ou outra forma, de uma ou outra língua, é resultante do armazenamento das informações pragmáticas referentes às línguas e à situação comunicativa.

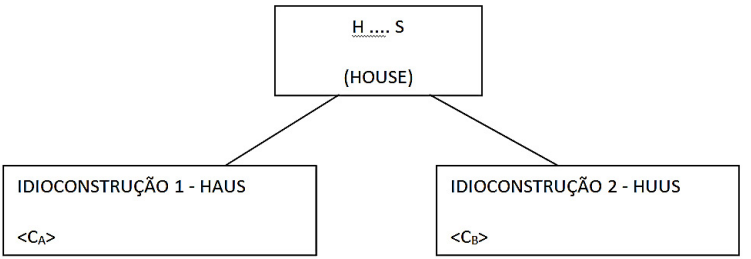
Segundo a GCxD, o conhecimento (socio)pragmático faz parte das informações construcionais armazenadas em nível de sentido. Especificamente, tal conhecimento diz respeito à possibilidade de um usuário de uma L2, por exemplo, ativar um ou outro uso condizente com o contexto comunicativo relacionado à dada diaconstrução. A subespecificação fonológica não implica necessariamente na ativação

[5] Dados apresentados na fala *A Constructionist View on Multilingual Words: Language as an Inflectional Category*, do autor, por ocasião do evento ABRALIN ao vivo: Linguistics On-line, em 16 de dezembro de 2020.

inadequada de determinado uso. Ao contrário, se por um lado o *coverage* (cobertura) mantém em um mesmo agrupamento pareamentos comuns, por outro, o impacto do tempo da exposição ao *input*, a preempção estatística e a aprendizagem guiada pelo erro, aspectos tão caros ao modelo da GCBU (GOLDBERG, 2019) implicam maior entrincheiramento construcional, mesmo que de modo diferenciado do contexto de aquisição de uma L1. Tudo isso faz com que o falante bilíngue ative, processe e efetivamente use as possibilidades construcionais de forma orientada pelas demandas comunicacionais, no caso de uma L2, na própria L2.

A figura 1, adaptada de Höder (2018) para as palavras <*h**a**us/ h**u**us*>, mostra como são formadas as construções lexicais[6] exemplificadas em seu trabalho. No nível acima da rede, encontra-se a construção mais esquemática e abstrata (a diaconstrução). No nível abaixo, encontram-se as idioconstruções (línguo-específicas), a partir das quais emerge a primeira categoria:

Figura1 - esquema diassistêmico <*h**a**us/h**u**us*>



Fonte: adaptado de Höder (2020)

A grande hipótese desse modelo teórico fica, assim, evidente: a informação referente à natureza línguo-específica das palavras <*haus/huus*> poderia ser tida como informação gramatical, (socio) pragmaticamente organizada como traço constituinte da diaconstrução. Concordamos com o ponto de vista do autor, propondo, a integração de sua visão à do modelo da GCBU de Goldberg (2019) e seu foco sobre a questão da produção e processamento linguísticos no curso de aquisição de uma L2. Na próxima seção, ilustramos tal pensamento discutindo

[6] Embora apresentemos apenas um esquema e referente a uma diaconstrução lexical, a lógica é a mesma para a formação de diferentes tipos diaconstrucionais: padrões sintáticos, semânticos, fonológicos etc.

dados e resultados de pesquisas sobre a aquisição das construções (i) [(ESP) N] - construção de especificação nominal - no contexto do PBL2 e (ii) [(X)VSN] - construção de focalização por posposição de sujeito - no contexto do IL2.

4 Integrando a GCBU à GCxD: dados de pesquisas sobre aquisição de L2

Análises dos estágios de desenvolvimento por que passam aprendizes de línguas permitem a observação de evidências sobre o modo como as redes construcionais da L1 e da L2 – que integram um único *constructicon* multilíngue – interagem ao longo do tempo. Usos não nativos em diversos níveis linguísticos parecem demonstrar muito mais sobre o que aprendizes têm internalizado em termos de estruturas linguísticas da L2 do que serem simples erros de performance.

Nesse sentido, os modelos da GCBU e da GCxD se adéquam fortemente como proposta teórica de análise destes fenômenos, seja como apostas acerca da arquitetura gramatical ou como explicações sobre o processamento e a produção linguísticos em situação de contato. Para ilustrar a perspectiva diassistêmica, apresentamos nas próximas seções discussões sobre o estatuto representacional de construções em contexto de aquisição do PBL2 (por nativos do inglês (estrangeiros) e da libras (surdos brasileiros)) e em contexto de aquisição do IL2 (por brasileiros).

4.1 A construção nominal [(ESP) N] no contexto de aquisição de PBL2

Para exemplificação acerca da articulação entre os modelos da GCxD (HÖDER, 2018) e da GCBU (GOLDBERG, 2019), que explicam a operacionalização cognitiva no processo de aquisição de uma L2, nesta seção, discute-se alguns dados de uma investigação[7] a respeito dos usos não nativos de itens determinantes (artigos definidos e indefinidos) no *slot* ESPECIFICADOR da construção nominal [(ESP) N][8]. Os dados escritos em

[7] A pesquisa *A representação do esquema [(ESP) N] em produções escritas de não nativos de PB: indícios sobre aquisição de L2 em abordagem construcional diassistêmica* é desenvolvida no âmbito do PPG em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP, em vinculação ao NEIS/UFRJ e é financiada pela CAPES.

[8] A notação [(ESP) N] refere-se à constituição formal de sintagmas nominais. Assim, 'ESP' (especificador) contempla classes que tendem a figurar na margem esquerda do SN (*e.g.* determinantes, pronomes e quantificadores) e 'N' nomes em geral.

PB, alocados no *corpus* NEIS[9], ilustram idioconstruções e diaconstruções que aparentemente integram o *constructicon* multilíngue de 9 estrangeiros ouvintes (4 ganenses e 5 jamaicanos) e 17 brasileiros surdos, todos aprendizes do PB. A seleção referente ao padrão [(Determinante) N] foi feita a partir de uma amostra com 50 produções escritas em PB por aprendizes estrangeiros anglófonos (amostra A com 25 textos do gênero comentário) e brasileiros surdos (amostra B com 25 textos do gênero e-mail), solicitadas em contexto instrucional.

A produção escrita referente à construção de especificação nominal [(ESP) N] de adultos não nativos revela usos ora convergentes – dentro dos padrões construcionais do PB – ora divergentes – com comprometimentos formais e/ou de sentido. Em tais usos, investigam-se três fenômenos recorrentes em produções não nativas, quanto à representação da margem ESP em construções nominais: (i) o apagamento (quando o *slot* de ESP não é preenchido pelo artigo); (ii) o preenchimento impróprio (quando a construção nominal não seleciona *slot* para ESP); e (iii) as combinações discordantes (quando, por exemplo, ocorrem problemas de concordância de gênero e número do artigo). Os exemplos abaixo ilustram os casos de incompatibilidade morfossintática, aqui referidos:

(i) Apagamentos

(1) (...) gostaria de estudar fora **[Ø país]** em **[Ø Espanha]**, para dar aula de Libras língua até durante 6 meses, (...). (aprendiz surdo; *Corpus* NEIS/UFRJ)

(2) Isso parece muito estranho, não é? Sim, pra mim no inicio eu achei **[Ø mesmo coisa]**, mas sabe **[Ø razão]** entre esse tipo de comida? (aprendiz anglófono; *Corpus* NEIS/UFRJ)

[9] Todos os textos constantes desse *corpus* foram disponibilizados mediante assinatura, por participantes adultos ou por responsáveis, no caso de menores de idade, de termo de consentimento livre e esclarecido, no qual há informação de que o texto será objeto de investigação linguística, sem identificação de seus autores. As pesquisas, assim como o *Corpus* NEIS/UFRJ, fazem parte do projeto maior *A aquisição de L2 na interface textualidade-uso-cognição: teoria, análise e aplicação linguística à luz da gramática das construções diassistêmica*, cadastrado na plataforma Brasil e aguardando parecer final.

(ii) Preenchimento impróprio

(3) (...) meu pedido é para eu pode ter a chance de realiza meu projeto de pesquisa que estou fazendo para meu futuro defesa monografia que realizarei em 2021 no mês de **[o dezembro]**. (aprendiz surdo; *Corpus* NEIS/UFRJ)

(4) (...) e quando um país tem um nível de pobres muito alto, o nível de crime e o tráfico de **[as drogas]** cresce também. (aprendiz anglófono; *Corpus* NEIS/UFRJ)

(iii) Combinações discordantes

(1) Tenho interessar participar curso [no **Universidade** Gallaudet] (...). (aprendiz surdo; *Corpus* NEIS/UFRJ)

(2) Porque **[o brasileiros]** acham que arroz com feijão dar eles uma identidade sociadade na família, no trabalhar e arroz também. (aprendiz anglófono; *Corpus* NEIS/UFRJ)

Apesar de diferentes, cada um desses fenômenos espelha casos interessantes para a compreensão de estágios de aprendizagem de uma L2, em particular no que se refere à interação entre idioconstruções e diaconstruções; à supergeneralização; ao papel da preempção estatística e do *coverage*.

Os dados em (1) e (2), produzidos por um adulto surdo sinalizante e um ouvinte anglófono, respectivamente, evidenciam a possibilidade de apagamento de artigo definido no uso do PB como L2. Nesses casos, especificamente no que se refere às produções de aprendizes surdos, é possível depreender que tais usos são motivados pela competição com o padrão análogo da libras, que expressaria tais sentenças com o esquema [Ø N]. O mesmo pode ser dito a respeito das produções de anglófonos, conforme veremos à frente.

Os preenchimentos impróprios, ilustrados em (3) e (4), demonstram supergeneralizações caracterizadas pelo uso de artigos definidos não previstos, antecedendo um nominal, isto é, seria o caso da ocorrência de uma diaconstrução sem preenchimento de *slot* determinante. Os usos em (3) e (4) podem ser explicados pelo alto grau de entrincheiramento do padrão [Determinante N], correspondente, em alguns casos, ao inglês,

mas não à libras, ou mesmo de usos muito frequentes na L2, mas que não são gramaticais nos dois contextos exemplificados.

Sobre os casos de combinações discordantes, pode-se dizer que decorrem de usos equivocados sobre as possibilidades de preenchimento do *slot* ESP em função das combinações possíveis a ele relacionadas, como ocorre para as variedades de formas (singular, plural, feminino e masculino) em casos de concordância nominal, vide ocorrências em (5) e (6). Novamente, podem ser explicados pelo alto grau de entrincheiramento de padrões análogos na L1 ou por padrões muito frequentes na L2, que se mesclam, gerando agramaticalidades nesses contextos.

Tais fenômenos ilustram usos defectivos que instanciam o subesquema [(Determinante) N ligado ao esquema [(ESP) N] do PB, em produções escritas nesta língua por aprendizes não nativos. Ilustram, ainda, instanciação de subesquemas análogos nas línguas de partida e fornecem bases para uma análise sobre a aquisição de L2 em perspectiva construcional diassistêmica (cf. HÖDER *et al.*, 2021), pois espelham questões contrastivas atreladas aos componentes morfossintáticos e semânticos do *constructicon* da língua de partida de seus falantes e da de chegada, isto é, aos graus de entrincheiramento de idioconstruções nas línguas em questão.

A análise dos dados mostra que os usos gramaticais e agramaticais referentes à representação da margem ESP são provenientes de formações de diaconstruções ou da prevalência de idioconstruções, por diferenças e semelhanças interlinguísticas, relativas à combinação de itens, das línguas em questão. Seja pela análise de acertos, seja pela análise de erros, o modelo da GCxD elucida os processos envolvendo os impactos da correspondência diaconstrucional e/ou da prevalência de aspectos línguo-específicos, via principalmente analogia e categorização, de onde decorre a competição entre construções, na perspectiva de Goldberg (2019). Assim, antes de apresentarmos os resultados e as generalizações, examinamos algumas considerações acerca das possibilidades combinatórias de determinantes e nominais no inglês e na libras.

A realização ou não de determinantes em inglês está condicionada a fatores da ordem da informatividade, ou seja, apresenta relação direta com o grau de novidade/definitude do nome que figura como núcleo da construção. Por isso, por exemplo, é factível falar ***the girl*** *is happy* e ***girls*** *are happy* (ou mesmo ***the girls*** *are happy*, a depender do contexto), mas não *******girl is happy*, que soaria estranho a um nativo sob efeito da

preempção estatística. No entanto, produções não nativas de sintagmas nominais do inglês podem exibir recorrentemente usos como este último em virtude de um padrão semelhante na L1 ou pela supergeneralização dos padrões da L2, que não são bloqueados pelos aprendizes.

De maneira semelhante, a libras, L1 declarada pelos aprendizes que produziram os dados da amostra B, apresenta restrições quanto à expressão da margem esquerda em construções nominais, ocorrendo, por vezes, por meio de quantificadores e dêiticos, que, no discurso sinalizado, podem ser utilizados de maneiras muito semelhantes aos artigos definidos e indefinidos de línguas orais. Ainda assim, o padrão [Ø N] em libras mostra-se amplamente produtivo e não se limita a contextos genéricos e episódicos, como ocorre em PB (cf. QUADROS; MENDES, 2019).

Nas 50 produções textuais analisadas, identificamos 538 ocorrências da construção mais geral [(ESP) N]. Nesses usos, dividem-se 465 (86,43%) ocorrências convergentes com o PB e 73 (13,56%) desviantes. Houve, portanto, mais usos convergentes que divergentes nas duas amostras. O padrão mais usado pelos aprendizes foi [Determinante N], representando um total de 449 (83,45%) das 538 ocorrências da amostra. A partir desse recorte, verificamos que 82,15% das ocorrências foram usadas de forma convergente com o PB e 14,9% foram usadas de forma desviante do padrão.

Tabela 1 - ocorrências convergentes e desviantes de [(Determinante) N]

[(ESP) N]		
Padrão mais produtivo nas duas amostras (A e B)	[(Determinante) N] **449**/538 (83,45%)	
Ocorrências	Convergentes	Desviantes
Total	382 (82,15%)	67 (14,92%)

Fonte: elaborado pelos autores.

Seguindo a análise por amostra de grupos de aprendizes, como os textos apresentam extensão variável - a amostra B comporta textos mais curtos que os da amostra A –, era de se esperar que o número de ocorrências do padrão nominal [(Determinante) N] não fosse equilibrado, como se observa na tabela 2. Dessa forma, não os resultados de desempenho entre grupos não foram comparados. Os usos convergentes de [(Determinante) N] na amostra A tiveram uma expressão de 84, 23%

enquanto que nas desviantes o percentual foi de 15,73%. Na amostra B, o percentual de usos convergentes foi de 86,24%. e dos divergentes foi de 14,44%. Os resultados mostram que os aprendizes parecem (i) ter armazenado padrões convergentes para o uso de [Determinante N] e (ii) inibir a competição entre os padrões idioconstrucionais da L1, já que o percentual de usos desviantes se apresenta baixo.

Tabela 2 - resultados relativos ao padrão [Det N] por amostra

[Determinante N] – 449 ocorrências			
Amostra A (anglófonos) 260 ocorrências		Amostra B (surdos) 189 ocorrências	
Convergentes	Desviantes	Convergentes	Desviantes
219 (84,23%)	41 (15,73%)	163 (86,24%)	26 (14,44%)

Fonte: elaborado pelos autores.

Os seis exemplos de agramaticalidade apresentados no início desta seção exibem o modo como produções escritas em PBL2 por estrangeiros ouvintes e brasileiros surdos podem ser muito semelhantes em termos de fenômenos linguísticos, fato decorrente da maior ou menor associação diassistêmica entre as construções em cada língua. Tais fenômenos, assim como os dados de usos gramaticais, podem ser elucidados à luz da relação entre idioconstruções e diaconstruções na cognição multilíngue emergente.

Em se tratando da amostra A, conjectura-se que os altos índices de realizações compatíveis com o PB podem ser explicados pela formação de um *link* diassistêmico entre o inglês e o PB, caracterizado pela diaconstrução mais esquemática [(Determinante) N], que apresentam compatibilidade formal e semântica (no caso, delimitação de (in)definitude e generacidade de N). Em outras palavras, os usuários em questão, a despeito de já terem categorizada uma diaconstrução fonologicamente subespecificada para os pares linguísticos em questão, parecem já estarem mais adequados às possibilidades de preenchimentos dos *slots* de modo (socio)pragmaticamente orientado pela língua de chegada. Em geral, tal adequação está mais associada ao uso de usuários mais proficientes na L2.

Por outro lado, os índices de combinações discordantes (58,69%), preenchimentos impróprios (19,56%) e apagamentos (21,73%) podem ser

explicados, respectivamente, (a) pela distinção formal de determinantes definidos e indefinidos entre as línguas em questão e (b) pela distinção semântica entre a aplicação de nominais nus em ambas as línguas. Tais usos refletem possibilidades de preenchimentos dos *slots* de modo menos (socio)pragmaticamente orientado pela língua de chegada. Em geral, tal adequação está mais associada ao uso de usuários mais iniciantes e, portanto, menos proficientes na L2.

De modo semelhante, na amostra B, considera-se que as realizações compatíveis com o PB podem, também, ser oriundas de um *link* diassistêmico entre as construções [(ESP) N] da libras e do PB. Incompatibilidades de forma e função, por outro lado, são, tal como ocorre no caso de aprendizes anglófonos, fatores explicativos para as ocorrências de combinações discordantes (37,03%) e de apagamentos (48,14%), revelando preenchimentos dos *slots* de modo menos (socio) pragmaticamente orientado pela língua de chegada.

Uma vez que as três línguas exibem o padrão mais abstrato e subespecificados da diaconstrução [(ESP) N], observa-se a consequente emergência de um novo padrão diassistêmico com o *slot* de determinante preenchido por artigos definidos ou indefinidos. Esses novos padrões especificados pelos artigos se ligam por um *link* dissistêmico a um mesmo *coverage* de construções da L1. Resta aos usuários de PBL2, a partir de experiências de uso da língua, inibir o padrão competidor da L1 e instanciar as informações referentes ao padrão do PB de modo (socio) pragmaticamente mais adequado à L2

A partir do modelo da GCxD, sugere-se que a configuração do *constructicon* multilíngue, tanto dos aprendizes da amostra A quanto dos aprendizes da amostra B, se estabelece por meio da relação entre diaconstruções e idioconstruções. Os resultados da investigação ratificam a aplicabilidade do modelo da GCxD à especificação descritiva e explanatória do processo de aquisição e uso de uma língua adicional.

4.2 As construções [(X)VSN] e [(X)VauxVpp SN] no contexto de aquisição de IL2

Aborda-se nesta seção a investigação de evidências acerca de duas diaconstruções, supostamente, parte do *constructicon* de falantes brasileiros aprendizes de inglês como L2 (IL2): as diaconstruções [(X)

$VSN]_{ATIVA}$ e $[(X)VauxVpp\ SN]_{PASSIVA}$[10], encabeçadas pelo esquema mais abstrato [(X)VSN].

As sentenças abaixo, em negrito, parte do *corpus* utilizado para o trabalho de Freitas (2011), ilustram os usos agramaticais em IL2 de brasileiros que instanciam as diaconstruções aqui analisadas. Resumidamente, são sentenças monoargumentais, conhecidas por orações Verbo-Sujeito, ou VS, na voz ativa e na voz passiva:

(1) ***It occurred a non-release of the final stop [d]***, so it was produced as [en].

(2) ...but in <until> and <formal> ***occurs a vocalization of the lateral alveolar appearing [w]*** in the coda position.

(3) The objective of this work is an analysis of my speech and how the words are produced, pointing the difference between a foreign English speaker and the American Standard English Pronunciation. ***It was used a pronunciation dictionary*** to transcribe the original text that was base to check the data of my speech.

As opções gramaticais de tais orações no inglês deveriam ocorrer na ordem Sujeito-Verbo (SV), o que com frequência não ocorre na produção em IL2 dos brasileiros.

Além do uso agramatical da ordem VS nos contextos apresentados, verifica-se ainda a emergência do pronome não referencial ***It*** na posição de sujeito dos verbos em (1) e (3), respectivamente, uma sentença ativa e uma passiva. O uso do pronome não referencial ***It*** na posição de sujeito é previsto em alguns padrões oracionais do inglês, em esquemas ligados à construção mais abstrata [It VS], como orações de sujeito extraposto e meteorológicas. Entretanto, tal possibilidade não ocorre em usos com verbos/locuções verbais seguidos por SN pleno e referencial.

Um olhar atento ao uso da ordem VS no PB sincrônico permite sua associação ao caráter monoargumental dos verbos/estruturas e ao fator informatividade, pela apresentação de SNs novos no contexto discursivo imediato, ou de focalização de SNs ou eventos. É possível afirmar, portanto, que tratamos de um fenômeno de interferência da L1,

[10] Em que (X) = SAdv, It expletivo ou outros.

o PB, no IL2: a ordem VS está vinculada a fortes demandas discursivas que parecem engatilhar sua emergência de uso no contexto de IL2.

Por outro lado, a aceitabilidade, por parte de não nativos, e a emergência do sujeito não referencial ***It*** à esquerda do verbo, atestadas com bastante frequência nos dados de Freitas (2006; 2011), parecem apontar para um caso de supergeneralização, na medida em que o falante brasileiro do IL2 mantém o padrão de uso do sujeito não referencial das cláusulas gramaticais de sujeito extraposto e meteorológicas do inglês.

Sobre tais fenômenos - a transferência e a (super)generalização - observam-se correlatos importantes entre a GCxD e o trabalho de Goldberg (2019): a associação do fenômeno sintático em questão ao construto teórico aqui apresentado é evidente.

Uma leitura dos dados (1 – 3) acima pode ser feita, segundo a linguagem da relação de idioconstruções e diaconstruções, se pensarmos que a produção em L2 referida pelos trabalhos pode apontar para instanciações de diaconstruções, mais abstratas e subespecificadas no que diz respeito às informações linguísticas das idioconstruções da L1 e da L2.

Em outras palavras, os dados são aqui reavaliados como resultado do processamento diassistêmico. A partir da relação de similaridades existentes entre as orações *VS* do português e as orações [It VS], do inglês, é possível imaginar a formação de uma categoria mais abstrata e que arrola as informações de forma e função das idioconstruções em jogo.

Daí as representações [(X)VSN] e [(X)Vaux Vpp SN] passam a se referir às diaconstruções em questão, e que são resultantes do efeito do *link* diassistêmico estabelecido pelos falantes entre idioconstruções instanciadas por orações ativas e passivas do PBL1 e do IL2. Explica-se, portanto, a transferência do uso discursivamente motivado das orações VS do português para o IL2, assim como a supergeneralização do uso formal do *It* na tentativa de bloqueio de cláusulas VS e manutenção do padrão SV canônico dessa língua. Assim, os dados de Freitas (2011) são reinterpretados a partir da visão de integração construcional diassistêmica, formadora de uma categoria linguística, por eles instanciada e as supergeneralizações verificadas em (1 – 3) são avaliadas como produções (socio)pragmaticamente menos orientadas pela língua de chegada.

O trabalho de Silveira (inédito) se propõe a estabelecer um diálogo com o trabalho de Freitas (2011), na perspectiva da GCBU, com base particularmente em Goldberg (2019) e a GCxD[11].

Na pesquisa, foi realizado um experimento com adultos falantes de PB aprendizes de inglês, que buscou testar o grau de aceitabilidade de sentenças agramaticais produzidas nesta língua e que supostamente instanciariam as diaconstruções $[(X)VSN]_{ATIVA}$ e $[(X)VauxVppSN]_{PASSIVA}$, resultantes do link diassistêmico estabelecido entre as construções [(X) VSN] e [It VS], da L1 e da L2. Neste experimento, foi aplicado um teste de aceitabilidade para aprendizes dos níveis básico, intermediário e avançado de inglês[12]. Em cada nível, participaram do experimento 10 aprendizes, totalizando 30 participantes.

Aos aprendizes foram solicitadas (i) a leitura de sentenças disponíveis em um grupo de frases com problemas de agramaticalidades/ aceitabilidades aleatórios, (ii) a identificação dos possíveis erros nas sentenças apresentadas e (iii) a reescrita dessas sentenças. Dentre as 25 sentenças apresentadas, 15 funcionavam como distratoras e apenas 10 como sentenças geradoras dos dados, algumas das quais são citadas abaixo:

(1) Journalists have to stay calm **when happens a tragedy**.

(2) In front of the city hall **always occurs a strike**.

(3) **It exists the possibility** that we will get together soon.

(4) Mary said that **it appeared a man** in front of the house last night.

(5) I heard on the news that **was seen a man** escaping from prison.

(6) **Was shocked the local community** by the murders.

(7) **It was prepared a show** in honor of Madonna.

O objetivo do teste, resumidamente, foi a verificação dos índices de aceitabilidade dessas sentenças nos 3 níveis de fluência trabalhados.

---

[11] Gramática das Construções e aquisição de L2: um estudo sobre a produção em IL2 de brasileiros.

[12] A distribuição de níveis feita para esse experimento não corresponde ao Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEFR), mas aos módulos 3 (básico), 6 (intermediário) e 8 (avançado) do curso de inglês do CLAC-UFRJ. A proposta do experimento, portanto, era testar aprendizes que estavam em níveis mais básicos e mais avançados no processo de aquisição de inglês LA.

As sentenças estavam na voz ativa e passiva e com ou sem a presença do pronome *It* não referencial anteposto ao verbo ou perífrase verbal.

Por hipótese principal, baseando-se em Freitas (2006; 2011), a aceitabilidade das diferentes sentenças seria verificável nos 3 níveis de proficiência, com particular proeminência nos iniciais. Tal fato indicaria o forte papel da representação cognitiva das diaconstruções [(X)VSN]$_{ATIVA}$ e [(X)VauxVpp SN]$_{PASSIVA}$, presentes no *constructicon* multilingue dos falantes do IL2. A aceitabilidade indicaria, indiretamente, ainda, a baixa especificidade dos aspectos (socio)pragmáticos das diaconstruções, que levaria aos erros de performance na língua de chegada..

O grau de entrincheiramento da construção [(X)VSN][13], que licencia orações ativas e passivas no PB, por competição, implicaria bloqueio das construções [SV] ativas e passivas inglesas, ao menos nos contextos verbais aqui tratados. Essa assunção dialoga diretamente com os pressupostos de Goldberg (2019), no que diz respeito aos fatores preempção estatística, aprendizagem guiada pelo erro, idade e *coverage.* Em suma, de diferentes formas, o impacto da consolidação das construções [(X)VSN] e [(X)VauxVpp SN] na L1 dos aprendizes brasileiros haveria de enviesar a aquisição da construção natural da língua alvo.

Exemplificando, os efeitos da preempção estatística serão afetados, se pensarmos que apesar da não exposição a dados agramaticais da natureza oracional aqui tratada, os indivíduos permanecem a acessar as construções disponíveis em sua L1, causando interferências e supergeneralizações. Ainda, o *coverage* referente às questões ligadas à informatividade e focalização reforça a transferência de uso das construções do PB para o uso na L2, fator resultante do bloqueio natural gerado pelo forte entrincheiramento das construções da L1. Em suma, particularmente nos níveis iniciais de aquisição de uma L2, o conhecimento gramatical prévio impacta os fatores identificados em Goldberg (2019) para a emergência gramatical, diferenciando os processos de aquisição de L1 e L2.

Os efeitos do entrincheiramento das construções recaem sobre os fatores de aquisição apresentados em Goldberg (2019), diferenciando os processos de aquisição de L1 e de L2 e produzindo efeitos na arquitetura do *constructicon* multilíngue. Ao observarmos a emergência e a

[13] Sobre o assunto, sugerimos a leitura de Freitas Jr e Cezario (2016), Freitas Jr e Marques (2020) e Freitas Jr e Alonso (2021).

arquitetura da gramática pelo viés da GCxD, vemos que a consolidação das formas $[(X)VSN]_{ATIVA}$ e $[(X)VauxVpp\ SN]_{PASSIVA}$ do PBL1, assim como a consolidação - mais custosa – do esquema inglês [It VS] e seus subesquemas exercem efeitos na formação da gramática multilíngue, em função, principalmente, dos processos de analogia e categorização, que geram *links* diassistêmicos e novas abstrações, como discutimos ao longo do artigo.

Tabela 3 - aceitabilidade diassistêmica no EL2

[(X) VS N]	
Nível Básico	100%
Nível Intermediário	75%
Nível Avançado	67%

Fonte: elaborado pelos autores.

Os resultados gerais da pesquisa falam, assim, a favor da forte aceitabilidade das cláusulas VS apresentadas no experimento com 100% de aceitabilidade por parte dos indivíduos do nível básico em quase todas as frases. Claramente, os resultados mostram forte impacto da representação cognitiva da L1 no curso de desenvolvimento da L2, no que tange ao fenômeno em questão. No nível intermediário, foi percebido certo declínio de aceitabilidade das sentenças (média de 75% de aceitabilidade), apesar da ainda forte tendência de que aprendizes, mesmo no nível não inicial, sejam fortemente sujeitos aos efeitos de bloqueio.

Os efeitos da preempção estatística parecem ser mais eficazes a essa altura do processo de aquisição. No nível intermediário, a preempção estatística assume que as formulações que são testemunhadas competem com outras formulações que podem ocorrer em um determinado contexto. Nesse sentido, os efeitos da exposição a cláusulas SVs ativas e passivas do inglês parecem, finalmente, apontar para maior bloqueio da forma agramatical transferida da L1. Em outras palavras, é possível afirmar, que cognitivamente as diaconstruções $[(X)VSN]_{ATIVA}$ e $[(X)Vaux\ Vpp\ SN]_{PASSIVA}$ tenham sido reanalisadas em função de atender as demandas (socio)pragmáticas de usos na L2, além de ter ocorrido a emergência das construções [SV] ativas e passivas gramaticais do inglês.

No nível avançado, houve menor índice de aceitabilidade em todas as sentenças em comparação com os outros níveis: média de 67%. Importante notar que apesar da diminuição geral dos índices, os resultados mostram também no nível avançado forte tendência de não percepção

dos problemas de agramaticalidades das sentenças por parte do aprendiz brasileiro. Na verdade, percebeu-se também certa distribuição aleatória de percepção de agramaticalidade, sugerindo que, talvez devido à frequência de uso, alguns itens verbais sejam mais imediatamente bloqueados na ordenação vocabular agramatical aqui apontada do que outros.

Os resultados gerais apontam, portanto, para índices de aceitabilidade altos, e em todos os níveis de proficiência, das sentenças que supostamente instanciam as diaconstruções $[(X)VSN]_{ATIVA}$ e $[(X)\ VauxVpp\ SN]_{PASSIVA}$. Esses resultados revelam *insights* importantes sobre a aquisição de uma L2, ratificando as propostas de Goldberg (2019) e do modelo da GCxD de diferentes formas: pela constatação da relação entre exposição e emergência da gramática, pela demonstração empírica de fatos relacionados ao processo cognitivo de aquisição de L2 e pela própria natureza arquitetônica do *constructicon* multilíngue.

5 Considerações finais

Pela perspectiva cognitiva-funcional, abordou-se neste artigo fenômenos aquisicionais que explicam a natureza do *constructicon* multilíngue de aprendizes de L2. As investigações acionaram grupos de aprendizes surdos e ouvintes, tanto por meio da produção escrita quanto por meio de testes de aceitabilidade de sentenças. Os dados que envolveram supergeneralizações e transferências de padrões idio e diaconstrucionais foram analisados a partir dos efeitos de preempção estatística e de *coverage* e revelaram competição entre subesquemas de [(Determinante) N], $[(X)VSN]_{ATIVA}$ e $[(X)VauxVpp\ SN]_{PASSIVA,}$ armazenados no *constructicon* multilíngue.

Conforme demonstrado, a integração dos modelos da Gramática de Construções Baseada no Uso e da Gramática das Construções Diassistêmica ofereceu potentes pressupostos para explicação do que subjaz ao uso de duas ou mais línguas: uma rede de dia/idioconstruções emergente da combinação entre processos cognitivos de domínio geral e experiências atravessadas pelo uso das línguas.

Declaração de autoria

O artigo foi concebido por Roberto de Freitas Jr e, em parceria com os outros autores, foi discutido. A redação foi feita por Roberto e por Lia Soares. As análises e interpretação dos dados foram realizadas por João Paulo Nascimento e por Vitor Silveira que também elaborou e aplicou os testes de aceitabilidade.

Referências

BYBEE, J. *Língua, Uso e Cognição.* Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

BYBEE, J. Usage-based grammar and second language acquisition. *In*: ROBINSON, P.; ELLIS, N. (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition.* New York: Routledge, 2008. p. 216-236.

DIESSEL, H. Usage-Based Construction Grammar. *In*: DABROWSKA, E.; DJVIAK, D. (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics.* Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 295-315.

FREITAS Jr., R. de; CEZARIO, M. A construção [(X)VAUX VPP SN] FOC do Funcionalismo Clássico à Linguística Funcional Centrada no Uso. *In*: BISPO, E. B.; SILVA, J. R.; SOUZA, M. M. (orgs.). *Pesquisas funcionalistas:* da versão clássica à perspectiva centrada no uso: uma homenagem a Maria Angélica Furtado da Cunha. Natal: EDUFRN, 2021. p. 160-188.

FREITAS Jr., R. de; MARQUES, P. Uma visão construcional da ordem verbo-sujeito como estratégia de focalização no Português do Brasil. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 680-700, 2020. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a22563.

FREITAS Jr. R. de; ALONSO, K. S. B. Representação de Redes Construcionais: o caso de [(X)VSN]foc no PB. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, v. especial, p. 114-127, 2016. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5442.

FREITAS Jr., R. de. A constituição discursivo-gramatical da construção (X)VS em inglês como L2: indícios de formação da interlíngua. *Gragoatá*, Niterói, v. 1, p. 135-156, 2014. DOI: https://doi.org/10.22409/gragoata.v19i36.32987.

FREITAS Jr., R. de. *Reflexos pragmáticos-discursivos da L1 na aquisição e inglês como L2:* um estudo sobre o uso da cláusula VS. 2006. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

FREITAS Jr., R. de. *A constituição discursivo-gramatical da construção (X) VS em inglês como L2:* indícios de uma formação da interlíngua. 2011. 223 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

GOLDBERG, A. *Explain me this:* creativity, competition and the partial productivity of constructions. New Jersey: Princeton University Press, 2019.

GOLBERG, A. *Constructions at work:* the nature of generalization in language. New York: Oxford University Press, 2006.

GOLBERG, A. *Constructions:* a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOMES, A; MENDES, L. *Para conhecer Semântica*. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English.* Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HÖDER, S; PRENTICE, J; TINGSELL, S. Acquisition of additional languages as reorganization in the multilingual constructicon. *In*: BOAS, H & HÖDER, S (eds.). *Constructions in Contact 2. Language change, multilingual practices, and additional language acquisition* (Constructional Approaches to Language). Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. 2021. p. 310-337.

HÖDER, S. Phonological schematicity in multilingual constructions: a diasystematic perspective on lexical form. *Word Structure,* Edinburgh, v. 12, p. 334–352, 2019. DOI: https://doi.org/10.3366/word.2019.0152.

HÖDER, S. A constructionist view on multilingual words: language as an inflectional category? Conferência proferida na ABRALIN ao vivo: Linguistics On-line, em 16/12/2020. Disponível em: https://aovivo.abralin.org/lives/steffen-hoder/

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 635-660, 2022

O conceito de 'construção' e a prática de reflexão linguística no ensino de língua materna: potencialidades e desafios com foco no uso

The Concept of 'Construction' and the Practice of Linguistic Analysis in First Language Teaching: Potentialities and Challenges Focusing on the use

Maitê Moraes Gil
Universidade do Minho, Braga / Portugal
maitegil11@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2814-2540

Maity Siqueira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Rio Grande do Sul / Brasil
maitysiqueira@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-8775-4563

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta sobre a intersecção do conceito de 'construção', proposto pela Gramática Cognitiva, com a prática de reflexão linguística em aulas de língua materna, alinhada a uma abordagem de uso da língua. Para tanto, apresenta-se uma breve revisão dos conceitos pertinentes para o diálogo proposto e, em seguida, desenvolve-se uma análise de caso. São analisadas construções com verbos de movimento ('ir', 'vir' e 'chegar') seguidos pelas preposições 'a', 'em' e 'para', a partir da identificação e da descrição de tais construções no Corpus TecEM, composto por textos escritos por alunos de Ensino Médio em suas aulas de língua portuguesa. Argumenta-se que o conceito de 'construção' na perspectiva teórica adotada informa e instrumentaliza a prática de reflexão linguística que parte da compreensão de que a significação extrapola o nível do item lexical, estando presente, inclusive, na estrutura sintática. Por fim, são destacadas as potencialidades e os desafios relacionados à inclusão do conceito de 'construção', associado aos construtos teóricos basilares da Linguística Cognitiva, em práticas didáticas no ensino de língua materna.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.635-660

Palavras-chave: construções; Gramática Cognitiva; ensino de língua materna; reflexão linguística; uso.

Abstract: The goal of this paper is to propose an argumentative rationale about the intersection of the concept of 'construction', proposed by Cognitive Grammar, with the practice of linguistic analysis in first language classes, aligned to a usage-based approach. To do so, a brief review of the concepts relevant to the proposed dialogue is presented and the analysis of a special case is developed. During the analysis, constructions with verbs of movement (ir 'to go', *vir* 'to come' and *chegar* 'to arrive') followed by the prepositions a 'at', *em* 'in' and *para* 'to' were identified and descripted in the TecEM corpus, composed of texts written by high school students in their Portuguese language classes. It is argued that the concept of 'construction' in LC informs and instrumentalizes the practice of linguistic analysis in first language classes, based on the understanding that the meaning goes beyond the level of the lexical item, being in the syntactic structure as well. Finally, the potentialities and challenges associated with the inclusion of the concept of 'construction', associated with the fundamental theoretical constructs of Cognitive Linguistics, in didactic practices in first language teaching are highlighted.

Keywords: constructions; Cognitive Grammar; first language teaching; linguistic analysis; use.

Recebido em 20 de agosto de 2021

Aceito em 11 de outubro de 2021

1 Primeiras Palavras: diálogos entre linguística e ensino

As relações entre linguística e ensino não se caracterizam como uma novidade no debate acadêmico. Segundo Ilari (2009), as primeiras reflexões sobre o ensino de língua propostas por um linguista brasileiro ocorreram em 1957, quando Mattoso Câmara Jr. publicou o ensaio "Erros de Escolares como Sintomas de Tendências do Português no Rio de Janeiro", cuja principal contribuição foi a constatação de que muitos erros encontrados por professores na fala e na escrita de seus alunos eram, na verdade, reflexos das inovações pelas quais a língua portuguesa estava passando naquele período. Ilari (2009) destaca que, na época, tanto a etapa equivalente ao ensino médio quanto o ensino superior eram exclusivos para uma elite, a qual – teoricamente – falava o português culto.

Para Faraco e Castro (2000), a principal crítica dos linguistas em relação ao ensino tradicional teve como foco a normatividade com que a língua sempre foi tratada nas aulas. Por caráter normativo do trabalho, entende-se a ênfase excessiva dada ao ensino de regras gramaticais e a desconsideração da heterogeneidade linguística. Em outras palavras, o ensino tradicional foi estabelecido de maneira que ensino de língua era o mesmo que ensino de gramática. Os estudos linguísticos objetivaram alterar a unidade de trabalho central nas aulas de língua portuguesa: foi proposto deslocamento do foco de ensino das regras e dos conceitos para o texto. Dessa maneira, mesmo quando o assunto fosse as formas linguísticas, a memorização exaustiva de conceitos e regras sairia de cena para dar lugar à percepção prático-intuitiva do funcionamento das formas no texto. Faraco e Castro ressaltam que tal mudança, se efetivada, não altera apenas o nível da prática, mas também o campo teórico, uma vez que "aponta para problemas de ordem teórica acerca da linguagem que transcendem os limites da preocupação exclusiva com o seu ensino" (2000, p.2). Ou seja, quando os linguistas questionaram o normativismo com que os gramáticos (e os professores de maneira geral) tratavam a língua, eles estavam criticando a própria compreensão de linguagem dessa corrente. Entender isso é importante, visto que tal entendimento destaca o papel, muitas vezes velado ou desconsiderado, das bases teóricas subjacentes à prática didática.

Especificamente sobre o trabalho com as formas linguísticas, os autores afirmam que, mesmo a mudança de postura sugerida pela linguística sendo muito positiva, ela causa problemas. A sugestão de distanciamento do trabalho formal e do incentivo à intuição do aluno com relação à linguagem gera, muitas vezes, os entendimentos de que o exercício da intuição é o suficiente e de que o ensino de gramática deve ser totalmente abandonado. Um ponto problemático dessa postura, por exemplo, é que, mesmo adotando o trabalho centrado no texto, muitos professores deparam-se com situações em que é necessário um estudo sistemático de determinadas formas, afinal o uso da linguagem se vale de determinadas regras e de certas estruturas. O que acontece nesses casos é que os professores entendem que, como apontam Faraco e Castro (2000), "um pouquinho de gramática sempre é bom" e acabam adotando uma combinação eclética de concepções de linguagem. Em muitos casos, ao privilegiarem o trabalho com o texto, professores de língua materna olham a linguagem pela via da interação e do uso, mas, quando propõem

o estudo gramatical, "revelam-se seguidores autênticos da concepção gramatical tradicional, tratando dos conceitos e estruturas gramaticais de forma monolítica e cristalizada" (FARACO; CASTRO, 2000, p.3).

Neste contexto, Faraco e Castro (2000) apontam a necessidade de se pensar teoricamente soluções para essas questões práticas. Com o objetivo de contribuir para este debate, neste artigo, recorreremos ao potencial explicativo da Linguística Cognitiva (LC) – uma abordagem baseada no uso – para a compreensão de dificuldades relativas à prática de reflexão linguística em sala de aula. Fazemos isso cientes de que a LC não é a única teoria linguística descritiva que poderia desempenhar tal papel (a discussão sobre Bakhtin apresentada por Faraco e Castro (2000) é uma mostra disso), mas ela pode, a nosso ver, contribuir de forma pertinente para essa questão.

Identificamos pelo menos duas linhas a serem seguidas no estabelecimento de pontes entre teorias linguísticas e o ensino de língua materna, a primeira mais de base geral e a segunda mais aplicada e específica, são elas: (i) concepções epistemológicas que estão subjacentes à prática em sala de aula e (ii) contribuições para a conceptualização de determinadas fenômenos linguísticos. Argumentamos que o potencial explicativo da LC pode oferecer *insights* nas duas linhas. Em relação à primeira, a LC propõe uma visão de linguagem em que o processo de significação é o aspecto central, e isso tem implicações importantes na forma de ensinar a língua. No que tange à segunda linha, estudos em LC têm bastante a dizer sobre a conceptualização de determinados fenômenos linguísticos, como, por exemplo, a metáfora, a metonímia e a polissemia (BARCELONA, 2000; LAKOFF; JOHNSON, 1980; SOARES DA SILVA, 2001; entre outros). Neste texto, seguiremos a primeira linha, explorando como o conceito de 'construção', proposto pela Gramática Cognitiva, pode informar a prática de reflexão linguística nas aulas de LP alinhada a uma abordagem de uso da língua. Inicialmente, apresentamos uma breve revisão dos conceitos pertinentes para o diálogo proposto. Em seguida, apresentamos uma análise de caso, a fim de ilustrar a nossa proposta e, por fim, compartilhamos algumas implicações do diálogo estabelecido.

2 Reflexão Linguística no ensino de língua materna: a centralidade do uso

A reflexão teórica acerca do ensino de gramática e de seu deslocamento para a prática de reflexão linguística com objetivos pedagógicos tem acontecido há, pelo menos, quatro décadas. Isso não significa, no entanto, que a prática de reflexão linguística já esteja largamente difundida nas aulas de língua portuguesa como língua materna e que a sua realização não desperte mais questionamentos. Nesse período, alguns estudiosos desempenharam um papel percursor nas ideias desenvolvidas (ver FARACO, 2008; FRANCHI, 2006; GERALDI, 2003; 2011; POSSENTI, 1983).

Segundo Mendonça (2006), as discussões sobre essa questão fizeram emergir e se consolidar a proposta da prática de análise/reflexão que se contrapõe ao chamado "ensino tradicional de gramática" (BUNZEN, 2009, p.88). Nesta renovada prática pedagógica, o professor ensina uma técnica de analisar e classificar elementos da língua, considerando esses elementos em si mesmos. Por um lado – no ensino de gramática – a língua é tratada como um sistema fechado, e os conhecimentos gramaticais são o foco de ensino, sendo, normalmente, apresentados de forma normativa; por outro lado – na análise linguística – a língua é vista como uma ação interlocutiva situada, sujeita às interferências dos falantes, e os usos passam a ser o foco de ensino.

É importante salientar que a análise/reflexão sobre a língua não elimina um olhar explícito e atento para a gramática. Ao invés disso, ela engloba uma reflexão sistemática sobre os elementos gramaticais, porém o faz "num paradigma diferente, na medida em que os objetivos a serem alcançados são outros" (MENDONÇA, 2006, p. 206). A mudança de paradigma está fundamentada, portanto, no deslocamento da centralidade da norma padrão para os efeitos de sentido. Para Simões *et al.* (2012), a reflexão linguística está a serviço: (i) da elaboração de reescritas do texto pelos alunos (em especial); (ii) da construção de competências de escrita e leitura; e (iii) da construção de conhecimentos sobre a língua portuguesa (conhecimentos sistemáticos, mas articulados aos usos da língua).

Neste paradigma, o referencial teórico do professor deixa de ser um único manual gramatical ou mesmo um manual escolar e passa a ser composto por mais de um manual de referência, associado a publicações acadêmicas sobre descrição da língua e, até mesmo,

publicações dirigidas à formação do professor em linguística (SIMÕES *et al*., 2012). É bom ressaltarmos, também, que voltar a atenção para a relação teoria e prática não significa defender que há uma teoria cujos pressupostos são voltados exclusivamente para o ensino de línguas ou que uma única teoria já pronta pode ser inteiramente aplicada às questões de ensino, sendo a palavra final sobre o assunto. Trata-se, antes disso, de recorrermos ao potencial explicativo de uma ou mais teorias linguísticas para a compreensão e possível resolução dos problemas que afetam a nossa área de atuação (FARACO; CASTRO, 2000). De maneira mais especificamente relacionada ao nosso estudo, trata-se de lançar mão dos constructos teóricos que mais bem se amoldem às necessidades de explicação de fenômenos linguísticos pontualmente identificados.

As abordagens baseadas no uso, por sua própria natureza, podem estabelecer um diálogo mais direto com a prática de reflexão linguística na sala de aula. Dentre as diferentes teorias que compartilham esta posição, optamos por estabelecer uma interface com a Gramática Cognitiva. Langacker (2008, p.8) destaca os conhecimentos elaborados sobre a estrutura de determinada língua ou sobre as propriedades da linguagem em geral como as principais contribuições que as teorias linguísticas podem dar para o ensino de línguas. Para o autor, o potencial explicativo da LC pode oferecer *insights* bastante úteis para o ensino de línguas e, por isso, precisa ser mais bem explorado por estudos que busquem estabelecer relações produtivas entre as bases teóricas da LC e o ensino. O autor fundamenta seu posicionamento em três características que julga centrais na abordagem cognitiva: (i) a centralidade do significado; (ii) a compreensão de que a gramática é significativa; e (iii) a sua natureza baseada no uso. A seguir, retomaremos o conceito de construção, central para as abordagens cognitivas da gramática, e estabeleceremos reflexões sobre como tal conceito pode informar e orientar a prática de reflexão linguística.

3 O conceito de 'construção' e o ensino de língua: aproximações iniciais

O conceito de 'construção' está diretamente relacionado aos estudos que constituem as chamadas abordagens cognitivas à gramática, as quais são formadas por, no mínimo, duas correntes distintas, a saber: as gramáticas das construções, de Lakoff, Fillmore, Goldberg e Croft, e a Gramática Cognitiva, de Langacker (HOLME, 2009, p.177). Sobre as

primeiras, Croft (2007, p. 463) afirma: "gramática das construções (com letras minúsculas) [...] se refere a um grupo de teorias gramaticais da linguística cognitiva, das quais apenas algumas se tornaram conhecidas pelo nome de Gramática das Construções (com letras maiúsculas)". Segundo o mesmo autor, o princípio fundamental por trás de tais abordagens, o qual é desdobrado de maneiras diferentes por cada autor, é o entendimento de que a forma básica de uma estrutura sintática, de modo específico, e das unidades linguísticas, de modo mais geral, é uma construção e que as construções são organizadas em rede (CROFT, 2007). A Gramática Cognitiva, por sua vez, é associada a Ronald Langacker e busca descrever os mecanismos e princípios cognitivos que motivam e licenciam a formação e o uso de unidades linguísticas em vários graus de complexidade (EVANS, 2007).

Assim como as demais abordagens cognitivas à gramática, Langacker argumenta que os elementos de classes fechadas ou gramaticais das línguas são inerentemente significativos. O autor assume que tanto as chamadas classes fechadas quanto as abertas pertencem a um único inventário estruturado de unidades linguísticas convencionais, o qual representa o conhecimento da linguagem na mente do falante, originando o *continuum* entre léxico e gramática. Nesse modelo, o entrincheiramento e a convencionalidade emergem do uso, por isso a Gramática Cognitiva é, por vezes, chamada de modelo de gramática baseado no uso. Langacker (2007, p. 422) enfatiza que uma das principais diferenças entre a Gramática Cognitiva e as gramáticas das construções é o fato de as últimas não assumirem "a reivindicação fundamental da Gramática Cognitiva de que todas as construções gramaticais válidas têm uma caracterização conceptual".

Embora apresentem dispositivos teóricos e construtos descritivos distintos, as diferentes abordagens cognitivas à gramática têm pontos em comum. Holme (2009, p.177) destaca o fato de a gramática ser composta por complexos simbólicos adquiridos através do uso e a compreensão de que os princípios de esquematicidade e herança são fundamentais para a natureza do significado gramatical, os quais são conceptualmente moldados como categorias que constroem uma situação de determinada maneira. Neste artigo, adotaremos operacionalmente a definição do construto teórico 'construção' como "um significado que se combina com outro para formar um significado que não pode ser previsto a partir da combinação das partes" (HOLME, 2009, p.178). Langacker (2007,

p.421) também destaca ideias básicas presentes nas diferentes abordagens cognitivas à gramática. Para o autor, três entendimentos merecem destaque: (i) as construções (e não regras) são os objetos primários de descrição; (ii) léxico e gramática não são distintos, mas um *continuum* de construções (combinações de formas-significados); e (iii) as construções estão relacionadas em redes de herança (ou categorias).

Littlemore (2009) ressalta que os significados das construções estão relacionados às nossas experiências cotidianas e se organizam em categorias radiais. Em outras palavras, as construções têm seus próprios significados, que são independentes das palavras que as compõem, apesar de poderem ser delimitados por elas. As construções são, portanto, unidades simbólicas formadas a partir da união entre forma e sentido.

Apesar de os estudos que relacionam este conceito ao ensino de L1 serem ainda escassos, nos últimos anos, o número de estudos que abordam a noção de construção em contextos de ensino de L2 tem aumentado de forma expressiva. Littlemore (2009), por exemplo, desenvolve a reflexão sobre as construções bitransitivas (*Alex gave him the book* [Alex deu-lhe o livro]) e preposicionais (*Alex gave the book to him* [Alex deu o livro para ele]) em inglês, realizada inicialmente por Lee (2001), sugerindo que o professor de inglês como L2 leve em consideração a explicação das abordagens cognitivas à gramática para o significado dessas duas construções ao abordá-las em suas aulas. A proposta da autora fundamenta-se na explicação da Gramática Cognitiva sobre a significação de tais construções, isto é, a construção bitransitiva tem como foco o *resultado* do processo, enquanto a construção preposicional com *to* [para] tem como foco o *movimento*. Diante disso, uma sentença como "*Sheila gave the office a new coat of paint* [Sheila deu ao escritório uma nova demão de tinta]" é bem formada porque a "mão de tinta" surge como o resultado de um processo. Por outro lado, "?*Sheila gave a new coat of paint to the office* [Sheila deu uma nova mão de tinta ao escritório]" soa estranho ao falante de inglês porque sugere que "uma mão de tinta" é um objeto móvel. De acordo com Lee (2001, p. 75), é por essa nuance de sentido entre as construções que uma afirmação como *I taught them French* [Eu lhes ensinei francês] sugere que "eles" sabem francês (como resultado do processo), enquanto a sentença *I taught French to them* [Eu ensinei francês para eles] não sugere o mesmo com a mesma intensidade.

Essas características específicas do significado de cada uma das construções têm implicações para o papel semântico do(s) objeto(s)

dos verbos, isto é, para o processo de significação atrelado a cada uma delas: nas construções ditransitivas do inglês, o objeto direto paciente é entendido como recipiente, e não simplesmente um local em direção ao qual há um movimento. Para a autora, esta explicação é melhor que a oferecida pela tradição gramatical, na qual "seria dito ao aluno simplesmente que alguns verbos têm construção bitransitiva e outros têm construção preposicional [...] A explicação da LC mostra *por que* algumas palavras combinam mais com uma construção que com a outra" (LITTLEMORE, 2009, p. 175, grifos no original).

Nesse sentido, Taylor (2008, p.57) argumenta que é função do professor de língua diminuir a sensação de "arbitrariedade" que os alunos têm em relação a alguns comportamentos linguísticos e, segundo o autor, uma gramática pedagógica com base cognitiva é motivada pela certeza de que "os *insights* da Gramática Cognitiva – apresentados em um formato pedagógico adequado – podem contribuir substancialmente para a obtenção desse objetivo". Faltam, contudo, estudos e materiais que explorem 'como' esta contribuição pode materializar-se. O presente texto não traz uma resposta definitiva, mas propõe o início de uma reflexão sobre tal aspecto.

O potencial atribuído à LC de mostrar aos alunos a razão para determinados comportamentos da língua deriva da centralidade dada por ela ao significado na descrição linguística. Tal centralidade está refletida em uma das características das abordagens cognitivas à gramática, a saber: léxico e gramática formam um *continuum* de unidades simbólicas. De fato, "a gramática em si é significativa, assim como os itens lexicais. Significados gramaticais são geralmente mais abstratos que os significados lexicais. Isso é, contudo, uma questão de gradação [...]" (LANGACKER, 2008, p.8).

Sobre essa questão, ressaltamos que a abordagem da LC - por entender que se há uma forma diferente, necessariamente há um significado diferente, visto que forma e significado não existem independentemente - possibilita que seja desenvolvida uma reflexão sobre a língua em que as estruturas sejam analisadas e compreendidas a partir de seus sentidos. Desta maneira, o estudo da estrutura linguística pode estar mais naturalmente integrado ao trabalho com leitura e escrita na aula de língua. Ao usarmos a língua, levamos para a interlocução diferentes construções linguísticas (sejam lexicais ou gramaticais) que, por um lado, são inerentemente significativas e, por outro lado, estão abertas à interpretação, uma vez que não só as palavras incitam determinados

significados, estruturas gramaticais também guiam a interpretação do interlocutor. Isto é, debater sobre o significado das diversas construções linguísticas é uma maneira de refletir com os alunos as diferentes possibilidades de sentido que emergem dos diferentes usos.

Por fim, outra característica das abordagens cognitivas à gramática que desempenha um papel central na explicação de comportamentos da língua é a que argumenta que a gramática é adquirida através do uso. Essa compreensão aponta mais uma vez para a importância de se desenvolver a reflexão linguística a partir de situações de uso da língua. Além disso, a GC aponta para a compreensão de que as formas convencionais da língua são abstraídas de eventos de uso, os quais são únicos. Por isso, os pontos em comum entre tais eventos só se tornam aparentes com certo nível de abstração (LANGACKER, 2008). Achard (2008) destaca, ainda, que a abordagem baseada no uso da Gramática Cognitiva coloca o falante no centro do ato comunicativo. Para o autor, ainda que muitos profissionais considerem "esse foco no falante algo trivial [...], ele dá um alerta sério à maneira como as construções gramaticais vêm sendo tradicionalmente apresentadas" (ACHARD, 2008, p.441).

A seguir apresentamos a análise de uso de construções com verbos de movimento em textos elaborados por alunos de Ensino Médio em suas aulas de Língua Portuguesa, a fim de ilustrar o raciocínio teórico desenvolvido até aqui.

4 Análise de um caso: construções com verbos de movimento

Os verbos de movimento foram estudados em diferentes línguas, revelando diferentes comportamentos. Segundo Talmy (2000, p.25), o evento básico do movimento consiste em "um objeto (a Figura) em movimento ou localizado em relação a outro objeto (o objeto de referência ou 'fundo')", e tem quatro componentes: figura, fundo, trajetória e movimento. Neste texto, abordamos unicamente a categoria semântica de verbos de movimento que envolvem um deslocamento de um ponto específico a outro.

Talmy (1985) descreve as construções mais características para expressar o movimento em numerosas línguas geneticamente variadas e geograficamente distantes. O autor propõe uma tipologia de linguagem com duas categorias, distinguindo 'línguas centradas no satélite' (em que a direção do movimento é caracteristicamente expressa por

termos que acompanham o verbo, por exemplo, o inglês *run out*) de 'línguas centradas no verbo' (em que a direção do movimento é caracteristicamente codificada na raiz do verbo, por exemplo, o português *saiu correndo*). A classificação tipológica de Talmy gerou investigações plurais. Slobin (1991, 2004), por exemplo, propõe que a predominância de um ou outro dos comportamentos descritos por Talmy tem consequências importantes e observáveis no uso da linguagem.

As investigações sobre a sintaxe e a semântica dos eventos de movimento são também terreno fértil para novas contribuições (CIFUENTES HONRUBIA, 1999). A relação entre os verbos de movimento e os seus complementos de localização é um caso especialmente produtivo. Relativamente às construções em português, um dos contrastes mais relevantes no domínio das preposições, que tem sido apontado como um dos aspectos em que o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE) apresentam propriedades divergentes, é o comportamento da preposição locativa *em*. Esta preposição apresenta, em PB, uma frequência muito elevada de utilização junto aos verbos de movimento, em oposição ao uso da preposição *a*, que é amplamente utilizada em PE (por exemplo *ir no supermercado* (PB) vs. *ir ao supermercado* (PE)). Neste contexto, a utilização da proposição *a* é recomendada pela gramática normativa; as construções com *para* são consideradas mais informais e estão mais associadas ao discurso oral, enquanto, as construções com a preposição *em* junto aos verbos de movimento são consideradas 'erros' pela tradição gramatical.

A variação das preposições no complemento dos verbos de movimento foi extensivamente investigada no PB (MOLLICA, 1996; RIBEIRO, 2008; VIEIRA, 2009; WIEDEMER, 2013, entre outros). Esses estudos indicaram um processo de variação/mudança em curso, envolvendo as preposições *a*, *para* e *em*, com o recuo gradual de *a* e a frequência crescente das preposições *para* e *em.* No seu trabalho seminal sobre a variação das preposições nos complementos do verbo *ir*, Mollica (1996) analisa uma amostra de 64 entrevistas sociolinguísticas realizadas para a Amostra Censo/UFRJ. A autora procura os fatores condicionantes relacionados com a escolha entre *em* e *a/para.* Ela verifica as variáveis linguísticas demarcação espacial, grau de definição e permanência, e as variáveis sociais educação, sexo e idade. Os resultados confirmam a hipótese de que a preposição *em*, variante não-padrão, é condicionada pelo fator demarcação espacial com os traços [+fechado; +definido

+determinado]; relativamente à permanência, os resultados indicam uma associação entre o uso de *para* e [+permanência]. A análise mostra ainda que os fatores sociais são relevantes, favorecendo a utilização de *a/para* por mulheres, jovens e com níveis de ensino superior.

Em um estudo mais recente, Wiedemer (2013) investiga a variação e mudança de preposições introduzindo o complemento locativo dos verbos *caminhar*, *chegar, entrar*, *ir*, *levar*, *mudar*, *partir*, *sair* e *voltar*. Ele investiga amostras de duas sincronias: um *corpus* de ocorrências de discurso do século XXI extraídas de amostras de português falado na zona noroeste de São Paulo e um *corpus* escrito do século XIX. Os resultados identificam uma tendência geral: movimento não-concreto e locativo [- definido] estão associados à preposição *a*, enquanto movimento concreto e locativo [+ definido] estão associados tanto a *para* quanto a *em.* Relativamente à 'configuração do complemento locativo/ponto de referência', não é possível identificar um padrão geral de utilização, mas foram identificados alguns contextos de preferência relacionados com os verbos *ir* e *levar*, são eles: a preposição *a* é mais frequentemente utilizada com locativos classificados como 'objeto', a preposição *para* é mais frequentemente utilizada com locativos classificados como 'espaço geográfico', e a preposição *em* é mais frequentemente utilizada com locativos classificados como 'evento'. Wiedemer argumenta que existe o processo de variação estável das preposições *em* e *para*, com maior abstratização de significado e um processo de declínio gradual da preposição *a*.

Dentre os estudos sobre este fenômeno, existem duas hipóteses explicativas para o uso de preposições nos complementos locativos dos verbos de movimento no PB que se destacam, são elas: (i) a hipótese de deriva, que defende que as características do PB são o resultado de uma evolução natural das línguas românicas (WIEDEMER, 2013), e (ii) a hipótese de contato, que defende que o surgimento de tais usos é o resultado do contato com as línguas africanas, particularmente as línguas Banto (AVELAR; ALVAREZ-LOPEZ, 2018).

A abordagem sociolinguística a este fenômeno variacional tem investigado amplamente os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem atuar neste processo, e já representa uma alternativa positiva em relação à prescrição normativa para o fenômeno em questão. Contudo, ampliando os níveis de análise para compreensão deste fenômeno de variação, Araújo (2008) investiga os usos espaciais das preposições *em* e *para* em contextos locativos e direcionais produzidos com o

verbo *estar* pleno de sentido de locação e o verbo *ir* de movimento direcionado, visando analisar os aspectos cognitivos de tal variação. O autor realiza uma análise qualitativa de um *corpus* de fala espontânea de comunidades quilombolas. Araújo argumenta que o uso de *em* com verbos de movimento dá-se quando acontece num nível pré-conceitual, ou seja, no nível dos esquemas imagéticos[1], a transformação do DESTINO no esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO em um esquema de CONTÊINER, em combinação com outras operações cognitivas, tais como perspectivação, foco de atenção e perfilamento. A discussão proposta por Araújo (2008), portanto, aponta para a produtividade da integração de uma perspectiva cognitiva à abordagem variacionista na análise deste fenômeno de variação.

4.1 O uso sob análise: um olhar para as construções em textos escritos por alunos de Ensino Médio

A fim de compreender o uso de construções com verbos de movimento na produção escrita de alunos durante suas aulas de português, apresentamos aqui um estudo que buscou identificar tais construções em textos do *Corpus TecEM,* e, a seguir, descrevê-las à luz da abordagem teórica da Gramática Cognitiva. O *corpus* selecionado para análise tem 234.717 palavras, sendo composto por textos escritos por alunos de Ensino Médio integrado a cursos técnicos durante as suas aulas de português entre os anos de 2017 e 2019[2]. Este estudo considerou exclusivamente as construções que seguiam a estrutura "verbo (ir, vir ou chegar) + {0 até 3 palavras} + preposição (a, para, em) + complemento". Primeiro, foi

[1] Hampe (2005, p. 1-2) apresenta uma caracterização básica deste conceito: (i) os esquemas de imagem são estruturas diretamente significativas, pré-conceituais, que surgem de, ou são fundamentadas em movimentos corporais recorrentes humanos através do espaço, em interações perceptivas e em formas de manipulação de objetos; (ii) são *gestalts* altamente esquemáticos; (iii) os esquemas de imagem existem como padrões contínuos e analógicos abaixo da consciência, antes e independentemente de outros conceitos; e (iv) são, ao mesmo tempo, estruturados internamente e altamente flexíveis.

[2] Certificado de apresentação para apreciação ética (CAAE) do projeto para constituição do corpus número 65469917.7.0000.8024 na Plataforma Brasil. Consentimento de participante da pesquisa foi obtido através da assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tanto pelos menores quanto por seus responsáveis. Mais detalhes sobre a constituição do corpus disponíveis em Gil *et al.* (2019).

gerada uma amostra aleatória de 300 ocorrências através de uma busca de concordâncias; depois, foram excluídas as ocorrências que, por alguma razão, não seguiam os critérios de inclusão (por exemplo, frases em que *a* era um artigo e não uma preposição; frases em que o verbo movimento era um auxiliar e não o verbo principal etc.). O conjunto de dados final consiste em 102 ocorrências.

Todas as ocorrências foram anotadas manualmente de acordo com um conjunto de fatores linguísticos, sociais e cognitivos. Um total de 11 fatores foi incluído: preposição (a, para, em), verbo (ir, vir, chegar)[3], tempo verbal, pessoa gramatical, número, definitude (sim, não), referencialidade (sim, não), semântica do locativo, demarcação do espaço (aberto, cercado sem cobertura, fechado, n/a), permanência (sim, não, n/a) e perfilamento (ação, neutro, locativo). A análise é parte de um estudo maior e, por isso, incluiu fatores que já se mostraram significativos em investigações anteriores. No entanto, para atender ao escopo deste texto, iremos explorar apenas os resultados referentes a preposição, verbo e perfilamento. É relevante ressaltarmos que o objetivo deste texto é descrever o uso feito pelos alunos das construções em foco a fim de sustentar a proposta de que o conceito de 'construção' tem potencial para informar a prática de reflexão linguísticas nas aulas de língua portuguesa, possibilitando a inserção de uma abordagem baseada no uso em contexto escolar. Isto é, não objetivamos, neste texto, confirmar ou refutar hipóteses explicativas da variação em questão.

O *perfilamento* refere-se ao foco específico de atenção dentro do escopo imediato de uma construção, ou seja, o processo pelo qual um aspecto de algum domínio é selecionado. Por exemplo, *aro* é o perfilamento de uma subestrutura dentro da estrutura maior, neste caso, a *roda*, que é a estrutura base (LANGACKER, 2008, p. 67). Nas construções aqui analisadas, é possível identificar marcadores linguísticos associados ao perfilamento. Desta forma, foram classificadas com perfilamento na 'ação'/ no PERCURSO as ocorrências com a presença de (i) expressões adverbiais detalhando a ação, (ii) modalizações da ação, (iii) expressões condicionantes vinculadas à ação, (iv) descrição de uma

[3] A inclusão deste fator objetiva possibilitar uma discussão em que as especificidades semânticas de cada verbo possam ser consideradas, por exemplo, o fato de que há diferenças na orientação dêitica desses verbos, e o fato de nem todos os verbos admitirem as três preposições.

sequência de ações, ou (v) apresentação da ação como a consequência de um evento anterior. Por outro lado, foram classificadas com perfilamento no 'locativo'/ no DESTINO as ocorrências com a presença de (i) especificadores do locativo; (ii) expressões de detalhamento vinculadas ao locativo, (iii) descrição de uma sequência de locativos, ou (iv) retomada do locativo na sequência da frase. Quando nenhum destes marcadores foi identificado ou quando havia marcadores equivalentes relacionados a ambas as subestruturas, o 'perfilamento' foi classificado como [neutro]. As sentenças (1)-(3) ilustram este fator e seus níveis. É importante destacar que os marcadores linguísticos orientaram a análise deste fator, sendo um meio muito importante para evitar descrições circulares.

(1) Túlio consegue chegar ao casamento mas antes de encontrar com os noivos é morto pelo Comendador, então se inicia o duelo entre Tancredo [...] – [ação: sequência de ações]

(2) Ele chegou no pequeno portão de grades que ficava na frente da casa dela [...] – [locativo: expressões de detalhamento vinculadas ao locativo]

(3) Eles eram em 6 irmãos e todos iam junto para a escola, que era distante de suas casas a 12 km, tinham que ir de a pé ou carroça. – [neutro: marcadores equivalentes – há detalhamento da ação e do locativo]

A análise deste fator é relevante para a compreensão desse fenômeno de variação, porque permite destacar implicações semânticas de base cognitiva nas construções com as diferentes preposições. A seguir, apresentamos um levantamento geral dos resultados e, então, discutimos alguns usos selecionados para ilustrar a discussão proposta.

Tabela 1 - Distribuição das preposições

	A	**EM**	**PARA**
CHEGAR	21	**30**	
Ação	**13**	1	
Locativo	8	**29**	
IR	13	5	**30**
Ação	**10**	1	**20**
Locativo	3	**4**	**9**
Neutro			1
Vir[4]	1	1	1
Ação	1		1
Locativo			
TOTAL GERAL	**35**	**36**	**31**

Fonte: Elaborada pelas autoras.

O primeiro aspecto a ser destacado a partir deste levantamento é a presença das três preposições no conjunto de ocorrências analisadas e o fato de que os padrões de tais ocorrências são bastante diversificados. O fato de haver usos da preposição *a* na amostra, mesmo não havendo predominância desta preposição com nenhuma das três formas verbais, pode ser interpretado como uma indicação de que a combinação entre tipo de registro (escrito), contexto (aulas regulares de língua portuguesa: pressão de instrução formal) e nível de monitoramento contribuem para a manutenção de usos da preposição *a*, a qual apresenta baixíssima frequência nos estudos com corpora de fala espontânea do PB. Tal resultado dialoga com a afirmação de Avelar (2017) de que a instrução formal exerce uma forte pressão contra o uso da preposição *em* com verbos de movimento, o que permite a caracterização do uso de *a* nesses contextos como artificial, no sentido de que ele não é aprendido de forma natural pelas crianças no processo de aquisição da linguagem. Em síntese, nos dados analisados, a preposição *a* é um pouco mais frequente apenas com o verbo *chegar*, não sendo, entretanto, a mais utilizada; já com o verbo *ir*, tradicionalmente o alvo mais visado pelo ensino escolar, a predominância é da preposição *para* com uma diferença muito grande em relação à preposição *a.*

[4] Não vamos, neste artigo, discutir as ocorrências do verbo 'vir' em virtude da sua baixa frequência no subconjunto de dados analisados.

Em segundo lugar, destacamos a diferença de comportamento das construções com os verbos *chegar* e *ir,* com predomínio de uso da preposição *em* com o primeiro, e da preposição *para* com o último. A predominância identificada da preposição *em* associada ao verbo *chegar* está alinhada com os resultados de Wiedemer (2013), que, baseado em estudos de discurso oral, argumenta que o panorama de usos das preposições que complementam o verbo *chegar* indica uma implementação de mudança. Além disso, as propriedades semânticas específicas de cada verbo (ex.: orientação dêitica, partes do movimento destacadas etc.) são uma dimensão importante para o uso das preposições. O significado de *chegar,* por exemplo, envolve dois elementos principais, a saber, o locativo e a entidade localizada, que são sempre perfilados. Presume-se a existência de um caminho percorrido pela entidade localizada até o locativo. De acordo com Cifuentes Honrubia (1999, p. 59-63), o verbo *chegar* semanticamente restringe as possibilidades de combinação e, ao selecionar semanticamente o ponto final, não pode ser combinado com as preposições que especificam o caminho, como *para*. Isto acontece porque as propriedades semânticas de *chegar* se concentram na culminação do movimento, intensificando o perfilamento do locativo e favorecendo ainda mais o uso de *em.* Diante disso, a construção alternativa para *chegar em* é *chegar a*, a qual mantém uma frequência moderada no *corpus* analisado, provavelmente, em virtude das condições de produção dos textos. Quando observamos as ocorrências de *chegar a* verificamos que elas aparecem em textos onde outros usos associados ao uso monitorado e formal do PB escrito também são identificados, como o uso do pronome clítico (-no) como um complemento verbal (em vez do uso convencionado do pronome tônico) e o uso da ênclise (deixaram-no), em (4).

(4) Os vários dias de viagem até <u>chegar ao país</u> deixaram-**no** terrivelmente exausto.

A predominância da preposição *para* com o verbo *ir*, por sua vez, está também alinhada a estudos anteriores sobre este fenômeno de variação (WIEDEMER, 2008). Apesar de ser associada a um discurso menos formal, o uso de tal preposição não é condenado pela tradição gramatical, não sofrendo, portanto, a pressão normativa verificada com o uso de *em.* É preciso, contudo, apresentar a ressalva de que há gramáticas que relacionam o uso de *para* com verbos de movimento à direção para um lugar com a ideia acessória de demora no destino (BECHARA, 2009, p. 392).

Por fim, no que se refere ao perfilamento, nota-se uma maior frequência de uso da preposição *em* quando o locativo/destino é perfilado. Este predomínio é expressivo com o verbo *chegar* e, embora não seja a preposição mais frequente com o verbo *ir,* é nos contextos de perfilamento do locativo que a preposição *em* mais aparece associada a este verbo nos textos escritos durante aulas de língua portuguesa.

(5) No outro dia quando Garibaldi chegou ao bar, minha bisavó levou-o para fora e contou que seu pai havia lhe perguntado quem era o moço [...] – [ação: expressões adverbiais + sequência de ações]

(6) Senti-me perdido e cheguei a pensar que estava no local errado; somente ao chegar na recepção da empresa é que tive certeza de que ali encontrava-se o lugar pelo qual saí de casa destinado a ir. [locativo: especificação + retomada do locativo]

A sentença (5) perfila a ação, dois marcadores linguísticos sustentam esta leitura: (i) o foco na sequência de ações que compõem a descrição completa (*chegar, levar para fora, contar, perguntar*), e (ii) a presença da expressão adverbial (*no outro dia*). Na sentença (6), a expressão de especificação (*da empresa*) e a presença de um advérbio (*ali*) e um substantivo (*lugar*) que se referem ao locativo na sequência da frase são marcadores linguísticos que suportam a compreensão de que o locativo é perfilado. Considerando que tanto o locativo *bar* quanto *recepção* são espaços fechados, ambos poderiam ser conceituados como contêiners, o que não acontece. Uma possível explicação para o uso de *em* na frase (6), mas não na (5), para além da pressão normativa, é a compreensão de que a sobreposição de um esquema de imagem CONTÊINER sobre um esquema de ORIGEM-PERCURSO-DESTINO é impulsionada pelo perfilamento do locativo. Essa explicação justifica-se porque, nestes casos, o locativo/destino como um todo já está em evidência, favorecendo que o este locativo seja conceptualizado como um recipiente e que seu interior seja destacado a partir do processo de sobreposição de esquemas de imagem. Tal sobreposição fica, então, enfraquecida ou não ocorre quando o perfilamento está na ação (como na frase (5), por exemplo), pois o foco, nesses casos, não está na estrutura que poderia ser conceptualizada como contêiner.

Esta descrição de base cognitiva para o uso da preposição *em* com verbos de movimento parte de uma analogia com a explicação de Lakoff e Nunez (2000) sobre o sentido da preposição *into,* do inglês. Para os autores, naquele caso, acontece a sobreposição de um esquema de imagem ORIGEM-PERCURSO-DESTINO sobre um esquema CONTÊINER. Na descrição apresentada acima, há, portanto, a inversão sobre qual dos esquemas de imagem é a base da conceptualização, além da associação deste fenômeno à noção de perfilamento. Em síntese, na construção 'verbos de movimento + preposição *em*' tem-se o DESTINO do esquema ORIGEM-PERCURSO-DESTINO localizado dentro do interior de um recipiente, conceptualizado como CONTÊINER, com o interior perfilado, capturando assim o movimento por uma trajetória desde um local inicial, fora do contêiner, até um ponto final dentro do contêiner. Este recipiente pode ser literal (ex., *recepção*), ou metonimicamente ou metaforicamente representado (ex., *aulas* e *época da vida do autor*, em (7) e (8))[5].

(7) Era uma terça-feira, com dois períodos de educação física e um de religião, porém, nossa professora de religião cria vinha nas aulas [...]

(8) Desde a época de sua formação como Continente de São Pedro, percorrendo locais, guerras e revoluções até chegar na época de vida do autor.

A partir da discussão das ocorrências de construções com verbos de movimento nos textos elaborados em aulas de língua portuguesa, buscamos ilustrar como uma análise informada pelos constructos teóricos da LC pode contribuir para a compreensão de uma construção bastante frequente no PB, a saber: verbos de movimento + preposição *em*, e condenada pela tradição normativa. Destacamos, ainda, que os usos aqui analisados compõem um fenômeno de mudança largamente difundido no português brasileiro, especialmente com o verbo *ir*, e que não entendemos o ato de descrever e analisar os usos feitos nos textos escritos em aulas de

[5] Reiteramos que não é objetivo deste texto apresentar dados suficientes para comprovar ou refutar tal hipótese explicativa em termos quantitativos/estatisticamente significativos. Um estudo com uma amostra maior e mais variada está em preparação para dar conta de tal objetivo.

língua portuguesa como uma tentativa de recuperar formas praticamente em extinção no sistema linguístico (caso de *ir* + *a* na fala espontânea, por exemplo) – o que não se justificaria no âmbito de uma abordagem baseada no uso. Antes disso, o esforço aqui empregado foi na tentativa de contribuir para a caracterização dos usos e, especificamente, de suas implicações no processo de conceptualização a partir das produções dos alunos.

Argumentamos, ainda, que a descrição aqui apresentada ilustra como o conceito de 'construção', associado a outras noções da LC, nomeadamente, de perfilamento e esquemas de imagem, tem potencial para informar e instrumentalizar a prática de reflexão sobre a língua nas aulas de português, possibilitando uma abordagem que parte da compreensão de que a significação extrapola o nível do item lexical, estando presente na estrutura sintática. Neste contexto, discutir os significados das construções, suas relações com a tradição gramatical e o prestígio a elas associado constitui-se como uma prática alternativa, sendo mais útil e menos arbitrária que a apresentação de listas de regras e da solicitação de memorização de tais padrões, para abordar em sala de aula processos de mudança em curso. Vale destacar que apresentamos a aproximação da LC ao ensino de língua como uma alternativa viável, não como a única, visto que estamos cientes de que há propostas concretas de aproximação entre o ensino de língua e o uso linguístico informadas por outras abordagens teóricas, como, por exemplo, Mollica *et al.* (2018).

Ao propormos, nesta seção, um olhar atento para os usos dos alunos, objetivamos ilustrar possíveis desdobramentos do entendimento da visão da LC sobre as 'construções' e sobre a constituição de seus significados para a prática de reflexão linguística, de maneira geral, e para o trabalho com as construções tematizadas, de maneira mais específica. Destacamos, por fim, que a atenuação da sensação de arbitrariedade que os alunos têm diante de alguns comportamentos da língua, a qual é fruto não do comportamento linguístico em si, mas sim, das imposições acerca do que é considerado certo ou errado, já é, por si só, um argumento importante em favor de uma abordagem cujo foco seja o uso e seus significados.

5 Contribuições, limitações e desafios futuros

A partir do que foi apresentado até aqui, argumentamos que algumas contribuições para a aproximação da Gramática Cognitiva e da prática de reflexão linguística no ensino de língua materna podem

ser propostas. Procuramos apresentar evidências de que o conceito de 'construção' associado a outras noções centrais das abordagens cognitivas à gramática pode ser entendido como um princípio que facilita o entendimento da gramática, revelando potencial para o estudo e o ensino de usos linguísticos. Destacamos dois pontos: (i) o entendimento de que as construções são em si significativas (não pela simples soma dos significados dos itens lexicais que as compõem); e (ii) o desenvolvimento de uma abordagem baseada na significação das construções, através dos sentidos atrelados às diferentes construções, destacando a compreensão de que a estrutura gramatical é significativa e a sua natureza é baseada no uso. Mais especificamente, essas noções podem contribuir para a abordagem em sala de aula de processos de mudança em curso, explorando a base conceptual dos diferentes usos linguísticos e problematizando a normatividade e a estigmatização frequentemente vinculadas a tais processos, sem – é claro – excluir os fatores sociais implicados nos processos de mudança já amplamente investigados por outras correntes teóricas. Entendemos que a inclusão da dimensão conceptual na abordagem de processos de mudança em curso pode atenuar o reducionismo entre formas/variantes linguísticas corretas e não corretas característico de ensino de português, pois destaca os processos de significação atrelados às diferentes construções, sem entendê-las como certas ou erradas, mas, antes disso, significativas.

Ainda sobre a noção de 'construção', Littlemore (2009) destaca que ela pode ser bastante útil para os professores de língua, uma vez que contesta a dicotomia entre a previsibilidade e a arbitrariedade na língua. No entanto, a autora apresenta duas dificuldades nesse caminho. São elas: (i) a metalinguagem utilizada na literatura da área e (ii) o fato de que muitas descrições são feitas a partir de dados não autênticos. Taylor (2008, p.58) também chama a atenção nesse sentido e argumenta que o grande desafio na transposição dos *insights* da LC para o ensino de gramática é – exatamente – a busca por formulações descritivamente adequadas, intuitivamente aceitáveis e facilmente acessíveis para os significados discutidos. De fato, essa parece ser a principal tarefa para os linguistas cognitivos, a fim de possibilitar um acesso mais amplo às suas produções.

Alguns esforços já têm sido feitos para a difusão dos princípios da LC para o estudo e ensino de gramática. É o caso, por exemplo, de Abreu (2013), que propõe a utilização da noção de integração conceptual, para a compreensão e a descrição de alguns fatos gramaticais da língua

portuguesa no nível morfológico e sintático. No entanto, há ainda um longo caminho a ser trilhado para que tais pontes entre teoria e prática ganhem espaço nas aulas de língua. Essas limitações impõem desafios futuros, como, por exemplo, a necessidade de elaboração de uma gramática cognitiva do português brasileiro, a qual poderia informar os professores sobre a base conceptual das suas construções, ofertando um amplo repertório capaz de sustentar o trabalho em sala de aula. Ainda, a complexidade da metalinguagem normalmente utilizada para tais descrições precisa ser considerada na elaboração de descrições das construções do português brasileiro. O conhecimento – pelo professor – de tais descrições tem potencial de informar o trabalho a ser desenvolvido com os alunos, sem necessariamente implicar na reprodução de tais descrições para alunos da educação básica.

Por fim, Achard (2008) salienta que a incorporação das noções da Gramática Cognitiva ao ensino de línguas não é em si uma metodologia; tais conceitos precisariam, portanto, ser incorporados à metodologia já adotada pelo professor. Diante disso, é necessário que se proponham procedimentos alternativos, que – ao incorporarem as contribuições das abordagens cognitivas à gramática – garantam o espaço que a própria teoria atribui ao uso da língua. Isto é, as situações autênticas de uso são o grande ponto de partida para o ensino de línguas – de modo geral – e para a prática de reflexão linguística – de modo mais específico – também em uma perspectiva alinhada à e informada pela LC.

Declaração de autoria

As duas autoras contribuíram para a construção da proposta de diálogo apresentada, sendo a interface proposta resultado de longo debate e estudo por parte de ambas. A primeira autora conduziu a primeira versão da análise e da descrição do estudo de caso detalhado, o qual foi revisado pela segunda autora.

Referências

ABREU, A. Integração conceptual na descrição de fenômenos gramaticais do português. *Alfa: Revista de Linguística,* São Paulo, v. 57, p. 229-256, 2013.

ACHARD, M. Teaching construal: cognitive pedagogical Grammar. *In*: ROBINSON, P.; ELLIS, N. (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*. New York/London: Routledge, 2008. p. 432-455.

ARAÚJO, P. *Aspectos semânticos-cognitivos de usos espaciais das preposições para e em na fala de comunidades quilombolas*. 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

AVELAR, J. Complementos direcionais em afro-variedades de português e espanhol. *Moderna Språk*, Stockholm, v. 111, n. 2, p. 15-44, 2017.

AVELAR, J.; ALVAREZ-LOPEZ, L. Directional complements, existential sentences and locatives in the Afro-Brazilian continuum of Portuguese. *In*: ÁLVAREZ LÓPEZ, L; GONÇALVES, P.; AVELAR, J. (eds.). *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil*, Amsterdam: John Benjamins, 2018. p. 189-210.

BARCELONA, A. (ed.). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads:* A Cognitive Perspective. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2000.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BUNZEN, C. *Dinâmicas discursivas na aula de português:* o uso do livro didático e projetos didáticos autorais. 2009. 233 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, 2009.

CIFUENTES HONRUBIA, J. L. *Sintaxis y semántica del movimiento:* Aspectos de gramática cognitiva. Alicante: Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert, 1999.

CROFT, W. Construction Grammar. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 463-508.

EVANS, V. *A Glossary of Cognitive Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

FARACO, C.A.; CASTRO, G. Por uma teoria linguística que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). *Educar em Revista*, Curitiba, v. 15, p. 179-194, 2000. DOI:https://doi.org/10.1590/0104-4060.200

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira:* desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

FRANCHI, C. *Mas o que é mesmo "gramática"?.* São Paulo: Parábola, 2006.

GERALDI, J.W. (org.). *O texto na sala de aula*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

GERALDI, J.W. *Portos de Passagem*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIL, M; PINTO, J; GOUVÊA, V.; ALMEIDA, B.; SANTOS, P; WEIAND, A. Corpus TecEM: o processo de construção de um corpus de produções textuais em Língua Portuguesa elaboradas por alunos de Ensino Médio Integrado a cursos técnicos. *LinguaTec,* Bento Gonçalves, v.4, n.1, 2009. DOI: https://doi.org/10.35819/linguatec.v4.n1.a3457

HAMPE, B. *From perception to meaning.* Image schemas in Cognitive Linguistics. Berlim/New York: Mouton de Gruyer, 2005.

HOLME, R. *Cognitive Linguistics and Language Teaching*. Basingstoke/ New York: Pelgrave Macmillan, 2009.

ILARI, R. *Linguística e ensino da língua portuguesa como língua materna*. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2009.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. Cognitive Grammar. *In*: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (eds.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 421-462.

LANGACKER, R. The relevance of Cognitive Grammar for language pedagogy. *In*: KNOP, S.; RYCKER, T. (eds.). *Cognitive Approaches to Pedagogical Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 7-36.

LEE, D. *Congnitive Linguistics:* An Introduction. Oxford: Oxford University Press, 2001.

LITTLEMORE, J. *Applying Cognitive Linguistics to second language learning and teaching.* Basingstoke/New York: Palgrave Macmillan, 2009.

MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um outro objeto. *In*: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (orgs). *Português no Ensino Médio e Formação do Professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 199-226.

MOLLICA, M. C. A regência verbal do verbo ir em movimento. *In*: SILVA, G.; SCHERRE, M. (eds.). *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 85-119.

MOLLICA, M. C. M.; AVELAR, D. ; BATISTA, H. R. . Variação, mudança, letramento e tecnologia. *DIADORIM*, Rio de Janeiro, v. 20, p. 561-572, 2018. DOI: https://doi.org/10.35520/diadorim.2018.v20n0a23290

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. 2ª ed. Campinas: Mercado das Letras, 2012.

RIBEIRO, A. Variação e funcionalidade no uso de preposições e a regência do verbo ir na fala carioca. *In*: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (eds.). *Anthony Naro e a Lingüística no Brasil* – uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 87-94.

SIMÕES, L; RAMOS, J.; MARCHI, D.; FILIPOUSKI, A. M. *Leitura e autoria:* planejamento em Língua Portuguesa e Literatura. Erechim: Edelbra, 2012.

SLOBIN, D. Learning to think for speaking: Native language, cognition and rhetorical style. *Pragmatics,* Bruxelas, n. *1*, p. 7−26, 1991. DOI: https://doi.org/10.1075/prag.1.1.01slo

SLOBIN, D. The many ways to search for a frog: Linguistic typology and the expression of motion events. *In*: STROMQVIST; VERHOEVEN (eds.). *Relating Events in Narrative.* Typological and Contextual Perspectives,. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2004. p. 219−257.

SOARES DA SILVA, A. O que é que a polissemia nos mostra acerca do significado e da cognição?. *In*: SOARES DA SILVA, A. (org.). *Linguagem e Cognição*: A Perspectiva da Linguística Cognitiva. Braga: Associação Portuguesa de Linguística e Universidade Católica Portuguesa, 2001. p. 161-181.

TALMY, L. Lexicalization patterns: semantic structure in lexical form. *In*: SHOPEN, T. (ed.). *Language Typology and Syntactic Description*, Vol. 3: Grammatical Categories and the Lexicon,. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 36−149.

TALMY, L. *Toward a Cognitive Semantics* (Vol. 2). Cambridge: MIT Press, 2000.

TAYLOR, J. Some pedagogical implications of Cognitive Linguistics. *In*: KNOP, S.; RYCKER, T. (eds.). *Cognitive Approaches to Pedagogical Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 37-66.

VIEIRA, M. J. Variação das preposições em verbos de movimento. *SIGNUM,* Londrina, v. 12, n. 1, p. 423-445, 2009. DOI: http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2009v12n1p423

WIEDEMER, M. L. *Variação e gramaticalização no uso de preposições em contextos de verbos de movimento no português brasileiro*. 2013. 250 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2013.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 661-699, 2022

A rede construcional [[para lá de] [X]] no português do século XXI

The Constructional Network [[para lá de] [X]] in 21st Century Portuguese

Mariangela Rios de Oliveira
Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, Rio de Janeiro / Brasil
mariangelariosdeoliveira@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-1474-281X

Vanessa Barbosa de Paula
Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil
vanessabdep@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-6859-5328

Resumo: Este artigo levanta, descreve e analisa, em termos formais e funcionais, instâncias dos subesquemas que integram a rede construcional [[para lá de] [X]] no português contemporâneo do Brasil (PB) e de Portugal (PE), mais especificamente do século XXI. Destaca-se a gradiência e os níveis de intersubjetividade distintos que marcam a referida rede. Com base em fundamentos teóricos funcionalistas vinculados à abordagem construcional da gramática, a partir de Traugott e Trousdale (2013), Hilper (2014) e Diessel (2017; 2019), entre outros, a pesquisa, em análise qualiquantitativa, conforme Cunha Lacerda (2016), concentra-se em dados coletados no *Corpus do Português/Web Dialetos*. Constata-se que, no português do século XXI: a) [[para lá de] [X]] se distribui em diferentes pareamentos de forma e sentido, formando uma rede de construções interconectadas vertical e horizontalmente com base em subesquemas forjados por meio de processos graduais de mudança linguística; b) esse esquema maior distribui-se em quatro subesquemas, e três destes, por sua vez, também são passíveis de subcategorização; c) tal rede construcional apresenta produtividade relativa na língua e demonstra que a gradiência exibida na sincronia atual está associada a contextos de emergência da construção de grau intensivo [[para lá de] [X]], bem como a mudanças que ocorrem pós-construcionalização, incrementando a rede de construções da língua.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.661-699

Palavras-chave: Rede construcional [[para lá de] [X]]; Funcionalismo; construção gramatical; mudança linguística.

Abstract: This article raises, describes and analyses, in formal and functional terms, instances of the subschemas that make up the constructional network [[para lá de] [X]] in contemporary Portuguese from Brazil (PB) and Portugal (PE), more specifically from XXI century. The gradient and the distinct levels of intersubjectivity that mark this network are highlighted. Based on functionalist theoretical foundations linked to the constructional approach to grammar, from Traugott and Trousdale (2013), Hilper (2014) and Diessel (2017; 2019), among others, the research, in qualiquantitative analysis, according to Cunha Lacerda (2016), focuses on data collected in the Corpus do Português/Web Dialects. It appears that, in 21st century Portuguese: a) [[para lá de] [X]] is distributed in different pairings of form and meaning, forming a network of vertically and horizontally interconnected constructions based on subschemas forged through gradual processes of language change; b) this larger scheme is distributed into four subschemas, and three of these, in turn, are also subject to subcategorization; c) such constructional network presents relative productivity in the language and demonstrates that the gradient displayed in the current synchrony is associated with contexts of emergence of intensive degree construction [[para lá de] [X]], as well as changes that occur after constructionalization, increasing the network of language constructions.

Keywords: Constructional network [[para lá de] [X]]; Functionalism; grammatical construction; linguistic change.

Recebido em 22 de agosto de 2021

Aceito em 12 de outubro de 2021

1 Introdução

Neste artigo, nos dedicamos, com base em dados da língua em uso, a levantar, descrever e analisar, em termos formais e funcionais, instâncias dos subesquemas que integram a rede construcional[1] [[para lá de] [X]] no português contemporâneo do Brasil (PB) e de Portugal (PE), mais especificamente do século XXI.

[1] De acordo com Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), entre outros, a língua é entendida como uma rede, um conjunto organizado, em termos hierárquicos e relacionais, de pares de forma e conteúdo. Assim, nosso objeto de pesquisa - [[para lá de] [X]] - é interpretado como um pareamento específico integrante da rede linguística do português, que se desmembra e especifica em subtipos.

Nosso objetivo é detectar as relações verticais e horizontais em que esse esquema maior se distribui no *constructicon*[2] do português, ou seja, na ampla e interconectada rede de construções que envolve todos os pareamentos de forma e sentido da língua. Para tanto, trabalhamos a partir dos resultados de Paula (2021) e Oliveira e Paula (2019; 2021), refinando seus achados.

Estamos nos referindo a usos como os seguintes, que instanciam o esquema mais alto e virtual [[para lá de] [X]]:

> *(1) Os patrícios terão prometido melhorar a situação dos devedores, porém, após a expulsão do inimigo do território romano, "esquecem " os compromissos. Como resposta, os soldados plebeus retiram- se para o Monte Sacro,* ***para lá do Aniene****, a cerca de 5 km de Roma (Pisão, citado por Lívio (II, 32), diz que se retiraram para o Aventino). Ali acampam e permanecem alguns dias. Iniciam- se conversações e os patrícios são obrigados a fazer algumas concessões*. (CdP/Web Dialetos, Brasil, http://www.azpmedia.com/espacohistoria/index.php/parte-i-roma-antiga-ate-a-primeira-guerra-punica-/capitulo-viii)

> *(2) A promessa do Dr. Seara deixou- me até com aquele o ar daquele menino com a lágrima ao canto do olho que está naquele quadro muito conhecido e também lindíssimo que se vende em todas feiras. A história é simples e vai já* ***para lá dos quatro anos****, um médico psiquiatra violou comprovadamente uma doente a quem tratava devido a um quadro depressivo e estava grávida. Em tribunal de primeira instância os comportamentos são dados como provados e o cidadão condenado*. (CdP/Web Dialetos, Portugal, http://atentainquietude.blogspot.com/)

> *(3) Eu não vivo sozinha neste Planeta!!! AH já me ia esquecendo de dizer que a minha decisão de ser FAT apenas teve uma condição, é que derivado a viver em um apartamento, apenas posso acolher gatos e não cães, com muita pena minha, pois sei que existem* ***pra lá de mil cães*** *a precisarem de um lar...Sei que estou a ajudar, mesmo só acolhendo gatos (gatas e gatinhos) ... e Vocês já pensaram nisso* (CdP/Web Dialetos, Portugal,http://louzanimales.blogspot.com)

[2] Termo técnico utilizado na abordagem construcional para a referência ao conjunto de construções da língua, incluindo pareamentos tanto lexicais quanto gramaticais, como se encontra em Hilpert (2014).

(4) *Shame on me, shame on me, que prometi um post sobre a minha experiência com este método de lavar e tratar do cabelo e nunca mais. Olha, ainda bem que gostaste de a Dr. Organic. Tenho- te a dizer que aos poucos começo a comprar outros produtos da marca e estou* ***pra lá de satisfeita****. Comecei pelo shampô e amaciador, como já te tinha contado, agora vou no sabonete para o rosto (mete todos os produtos de limpeza de rosto e desmaquilhantes no bolso) e a seguir vão ser os cremes de rosto, que custam tanto como os da Nívea do supermercado e são bem melhores.* (CdP/Web Dialetos, Portugal, http://ideiasdebaixodotelhado.blogspot.com/2012/10/cabelo-tratado-e-perfumado.html)

(5) *Foi super espectacular, é o que tenho a dizer... E acreditem que deve haver (muito) poucas pessoas menos festivaleiras do que eu por este Portugal fora... não sou fã... Muito pó, muita gente... boa música, é certo... mas nem todas as bandas me arrastam assim para esses recintos empoeirados e com filas intermináveis para ir a uma casa de banho miserável e em estado* ***pra lá de Bagdad****... Começo a pensar que perdi muita coisa nos últimos festivais Sudoeste (principalmente quando se passa férias por essas bandas e com bilhetes à borla...), querem ver que ainda lá vou parar este ano??* (CdP/Web Dialetos, Portugal, http://styleitup.com/12519.html)

(6) *Na passagem de mais um por estes lados muitas foram as mensagens de apoio e de felicitações e também os presentes. Ofertas sentidas que revelam amizade ou sentimentos mais profundos. Dentre elas constou esta edição especial do concerto comemorativo dos 25 anos de Xutos &Pontapés "on the road ", no Pavilhão Atlântico.* ***Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira****, tem, para mim, um sabor especial por conter temas dos primórdios da sua carreira. Temos que ouvi repetidas vezes durante os anos 80, ou no saudoso "Rock Rendez Vous " ou em os espectáculos que religiosamente, eu e o "F " presenciávamos onde quer que houvesse Xutos*. (CdP/Web Dialetos, Portugal, http://arlindopinto.com/planetadoscatos/tag/aniversario)

Os dados de (1) a (6) ilustram instâncias de uso de subfamílias[3] da rede construcional maior [[para lá de] [X]] no português do século XXI, tanto no PB quanto no PE. Trata-se de um esquema altamente virtual formado por duas subpartes contíguas: [para lá de] e [X]. De acordo com a abordagem construcional, um esquema é mais virtual na medida em que suas subpartes são *slots* (como X), ou seja, são lugares abertos a serem preenchidos por elementos que formam *types* mais específicos. Assim, [[para lá de] [X]] é assumido como o esquema maior, que se distribui em subesquemas, ou subfamílias, e estes, por sua vez, se individualizam em microconstruções. A primeira subparte pode ser instanciada de modo reduzido, no formato [p(a)ra lá de], notadamente na modalidade falada ou em contextos mais informais e menos monitorados; já a subparte [X] se configura como uma posição aberta, ou *slot*, com preenchimento variado na língua, o que enseja a convencionalização de diversos subesquemas e *types* específicos[4].

Assim posto, em (1) e (2), [para lá do Aniene] e [para lá dos quatro anos] atuam, respectivamente, em prol da circunstanciação adverbial locativa e da temporal. Já, em (3), [pra lá de mil cães] assume papel quantificador, articulando efeito de sentido mais abstrato. Tal abstração é incrementada em (4), por intermédio de [pra lá de satisfeita], em que a posição X é preenchida por adjetivo, o que concorre para função de grau intensivo deste uso. O dado (5), por sua vez, promove a intensificação através de um termo locativo concernente a uma cidade exótica e distante[5], como Bagdad, na referência ao estado deplorável de uma casa de banho (banheiro, no PB). Por fim, em (6), [Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira] atua em prol da conexão argumentativa, ao sequenciar dois argumentos a favor da relevância da carreira de um grupo musical: *ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira* bem como *conter temas dos primórdios da sua carreira.* Como podemos observar, [[para lá de] [X]], no *constructicon* do português, constitui-se em um esquema de relativa

[3] Trata-se de subconjuntos da rede construcional [[para lá de] [X]], como subgrupos distribuídos pelo tipo de preenchimento de X e de sua subfunção, como ilustrado de (1) a (6).

[4] Como detalhamos na seção seguinte, subesquema é um subgrupo do esquema maior, marcado por traço particular, em termos de formato e conteúdo; *type* específico é a construção totalmente preenchida, a microconstrução, em nível mais baixo na rede hierárquica.

[5] Esse ponto será tratado mais detalhadamente na seção 7 do presente artigo.

produtividade, uma vez que é distribuído mais especificamente em subesquemas, que, como pares de forma e conteúdo distintos, assumem papéis funcionais também distintos na língua.

Nossa investigação está fundamentada teoricamente na Linguística Funcional Centrada no Uso (FLCU), numa referência ao Funcionalismo de vertente norte-americana que, mais recentemente, passa a incorporar a pesquisa da construção gramatical, de viés cognitivista, na linha de Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014), Diessel (2017; 2019), Bybee (2010; 2015), entre outros. No Brasil, a LFCU tem como referencial teórico fontes como Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Rosário e Oliveira (2016) e Oliveira e Cezario (2017). Nessa perspectiva, reafirmando a primazia do uso linguístico como ponto de partida e de chegada de nossas análises, de acordo com Rosário e Oliveira (2021), passamos a considerar que contextos de uso instanciam construções, tomadas como pareamentos convencionalizados de forma e conteúdo[6], nos termos de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). Assim, assumimos aqui que, em dados do português do século XXI, são instanciados distintos subesquemas derivados do esquema mais alto e virtual [[para lá de] [X]], tal como ilustramos nos fragmentos de (1) a (6), o que confere à língua a marca da gradiência[7], nos termos de Bybee (2010).

Trabalhamos com base em metodologia qualitativa e quantitativa, conforme Cunha Lacerda (2016), em consonância com as pesquisas que vêm sendo praticadas no âmbito da LFCU. De acordo com Bybee (2003; 2007), fazemos análises interpretativas dos contextos em que se instanciam as construções por nós trabalhadas, levando em conta ainda sua produtividade (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), tanto de padrão esquemático (frequência *type*) quanto de ocorrência de uso (frequência *token*). Para tanto, usamos como base de dados o *Corpus do Português/Web Dialetos*[8], referente às variedades do PB e do PE, em que registramos 3.280 instâncias de *types* específicos que instanciam os subesquemas da [[para lá de] [X]].

---

[6] Como Rosa (2019), neste artigo o eixo funcional da construção recebe o rótulo *conteúdo*, no lugar de *sentido, significado* ou *função*.

[7] De acordo com a autora, *gradiência* diz respeito ao perfil adaptativo da língua, à convivência, numa dada sincronia, de usos mais antigos e mais recentes, demonstrando que a mudança é algo constitutivo da estrutura linguística.

[8] Disponível via link https://www.corpusdoportugues.org/size_p.asp

Partimos das seguintes hipóteses: a) a convencionalização do esquema [[para lá de] [X]], inicialmente recrutado para indicação circunstancial locativa [para lá do Aniene], motiva historicamente sua expansão construcional, na articulação de noções mais abstratas, como as de tempo [para lá dos quatro anos], de quantidade [pra lá de mil cães], de intensificação [pra lá de satisfeita] e até de conexão textual (*Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira, tem, para mim, um sabor especial por conter temas dos primórdios da sua carreira*); b) tal expansão ocorre gradualmente via micropassos contextuais, conforme assumem Diewald e Smirnova (2012) e Rosa (2019), por intermédio de neoanálises[9] sucessivas, a partir de metonimização, metaforização e analogização[10]; c) essa expansão, em termos sincrônicos, é responsável pela gradiência exibida na rede construcional [[para lá de] [X]] no português contemporâneo, em que convivem instâncias de uso de distintas idades na língua[11] e de distintos níveis de (inter)subjetividade, como referido em Tantucci (2018); d) a expansão *host-class*[12], nos termos de Hilmmelmann (2004), incrementa a rede construcional [[para lá de] [X]], na formação de novos subesquemas e de *types* específicos.

Para dar conta de nossos propósitos e testarmos as hipóteses de pesquisa apresentadas, organizamos este artigo em cinco seções. Na primeira, trazemos os fundamentos da LFCU, base teórica que orienta a pesquisa. A seguir, nos dedicamos à apresentação do *corpus* trabalhado e à exposição dos procedimentos metodológicos adotados. A terceira seção se volta para os contextos iniciais, de sentido mais lexical e circunstancial,

---

[9] Como Traugott e Trousdale (2013, p.36), inspirados em Andersen (2001), usamos neste artigo *neoanálise* no lugar de *reanálise*, com base no entendimento de que não se pode analisar novamente uma estrutura recém-construída, que ainda não dispunha, até então, de análise anterior. Assim, toda mudança linguística é, de fato, uma nova e inaugural interpretação.

[10] Como Traugott e Trousdale (2013), adotamos esses termos por conta de sua análise como mecanismos de mudança, algo passível de ser captado e analisado de forma mais explícita.

[11] Embora os dados analisados neste artigo sejam sincrônicos, pesquisas por nós desenvolvidas, como a de Paula (2021), em viés histórico, detectam os micropassos contextuais, nos termos de Diewald e Smirnova (2012), que conduziram a mudanças que levaram à configuração do esquema [[para lá de] [X]].

[12] Traduzida como *expansão de classe hospedeira*, essa ampliação se refere à possibilidade de novos preenchimentos de subpartes abertas (*slots*) em esquemas altamente virtuais, concorrendo para sua ampliação, tanto vertical quanto horizontal.

de instâncias de uso da [[para lá de] [X]], detectados a partir do século XIX, até contextos em que se convencionalizam usos intensificadores de grau no PB no século XX, o que ratifica serem tomados como fonte, como ponto inicial das mudanças construcionais que expandem o esquema pesquisado na contemporaneidade. A quarta seção se volta para a abordagem da rede [[para lá de] [X]] no português do século XXI, com foco na detecção de seus subesquemas e *types* específicos e na descrição e análise dessas instâncias de uso, com destaque para a gradiência e para os níveis de (inter)subjetividade distintos que marcam a rede. Nas considerações finais, tecemos comentários acerca dos mecanismos de mudança que forjaram a rede construcional [[para lá de] [X]], enfatizando sua gradiência sincrônica e sua produtividade na língua, em crescente nível de intersubjetividade.

2 Bases teóricas da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

Conforme Rosário e Oliveira (2016; 2021), a LFCU considera a língua um conjunto estruturado, hierarquizado e relacionado de construções, ou seja, de pares convencionais de forma e conteúdo, como definidos em Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). Nessa perspectiva, assumimos que tais pares se ritualizam e fixam por força de pressões específicas, que podem se relacionar a processos cognitivos de domínio geral, nos termos de Bybee (2010)[13], ou a frequência de uso em contextos específicos, de acordo com Diewald e Smirnova (2012). Em Traugott e Trousdale (2013, p. 8), a codificação da construção assume o formato [[Forma] <---> [Conteúdo]], em que a seta medial destaca a relação biunívoca de ambos os eixos e os colchetes externos sinalizam que o pareamento é uma unidade convencionalizada. Assim, assumimos que [[para lá de] [X]] é uma construção, uma unidade simbólica de forma e conteúdo.

Ainda de acordo com Traugott e Trousdale (2013), na trajetória dos usos linguísticos, há dois processos fundamentais que motivam novos pareamentos no *constructicon*. O primeiro deles é *construcionalização*, definida como a criação de uma inédita construção na língua, com formato e conteúdo novos. Os autores destacam que a construcionalização, em termos gradientes, pode ser mais lexical, quando se cria um pareamento de

[13] Bybee (2010) faz referência a cinco desses processos, na seguinte ordem: categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal.

conteúdo mais concreto ou menos subjetivo, concernente, por exemplo, aos membros da classe dos substantivos, adjetivos e verbos, ou pode ainda ser mais procedural, na referência a pareamento articulador de conteúdo mais abstrato ou intersubjetivo, como no caso dos modalizadores e conectores. Tomando os contextos de uso ilustrados de (1) a (6), por exemplo, podemos classificar as construções individuais específicas [para lá do Aniene] e [para lá dos quatro anos] como mais lexicais, uma vez que concorrem para a expressão de circunstância locativa e temporal, respectivamente; por outro lado, pareamentos do tipo [pra lá de satisfeita], [pra lá de Bagdad] e [Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira] se classificam como procedurais, dado que promovem intensificação e conexão argumentativa, como destacado por Oliveira e Paula (2019; 2021) e Paula (2021).

O segundo processo fundamental referido por Traugott e Trousdale (2013) é a *mudança construcional*, tomada como um tipo de alteração que afeta somente um dos eixos da construção, o da forma ou o do conteúdo, não motivando, por isso mesmo, construcionalização. De outra parte, como destacam os autores, para que se dê a construcionalização, é preciso que mudanças construcionais tenham ocorrido anteriormente, como etapa pré-construcionalização. Uma vez convencionalizada a nova construção, outras mudanças construcionais podem vir a acorrer, como etapas pós-construcionalização. Conforme os autores, essas mudanças podem ter a ver com erosão de forma, com obsolescência de uso e com expansão na rede, via preenchimento de subpartes vazias com novos elementos. Mudanças pré e pós-construcionalização são consideradas como alterações distintas, correspondentes a estágios também distintos na trajetória das construções da língua e que destacam o viés processual dessa concepção.

Com base na classificação das dimensões construcionais proposta por Traugott e Trousdale (2013) e ilustrada para o português por Rosário e Oliveira (2016), podemos considerar [[para lá de] [X]] como um esquema: a) complexo, porque formado por quatro subpartes, sendo uma aberta (X); b) parcialmente esquemático, dado que apresenta três subpartes fixas; c) no *continuum* entre lexical e procedural, a depender do preenchimento do *slot* X, como apresentamos a partir dos contextos de (1) a (6).

A natureza escalar de conceptualização construcional, que diz respeito à distinção entre conteúdo lexical e procedural assumida pela LFCU, faz referência também ao nível de (inter)subjetividade expresso por tais pareamentos. Assim, de acordo com Traugott e Dasher (2002),

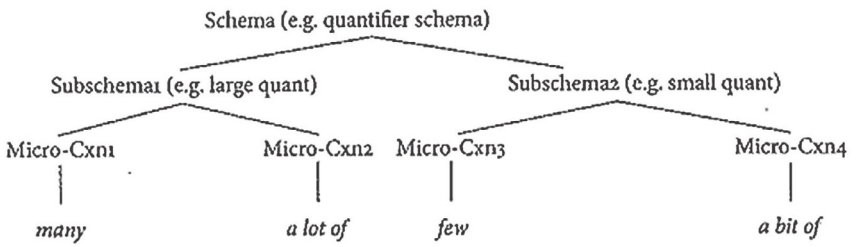
há tendência de que construções lexicais exibam menor subjetividade, dado que seu conteúdo é mais recortado, definido ou concreto. De outra parte, construções procedurais tendem a veicular maior subjetividade, na expressão de sentidos mais abstratos, concernentes a pontos de vista do locutor, seus anseios e desejos, entre outros, chegando à manifestação intersubjetiva, quando atingem o interlocutor, no convite a que este partilhe pontos de vista e opiniões perspectivizadas pelo locutor.

Mais recentemente, Tantucci (2018) propõe o refinamento do conceito de intersubjetividade, que passa a ser considerado na base da distinção entre: a) significados que são objetivamente selecionados, levando em consideração as reações potenciais do ouvinte ao que é dito; b) significados que incluem uma terceira pessoa mais ou menos genérica, que funciona conceptualmente como portador social do enunciado. Os primeiros significados são definidos como imediatamente intersubjetivos, precedendo historicamente os segundos na trajetória da mudança linguística. Dessa concepção, adotamos a consideração da intersubjetividade como gradiente, partindo de pressões mais efetivas e objetivas do locutor sobre o interlocutor e chegando à intersubjetividade estendida. Assim, os contextos de uso ilustrados de (1) a (6), na parte introdutória deste artigo, correspondem, em termos gerais, a essa distinção, de modo que o arranjo *para lá de*, que envolve as três primeiras subpartes do esquema [[para lá de] [X]], articulam distintamente a *atenção conjunta*, nos termos de Diessel (2017; 2019). De acordo com esse autor, a atenção conjunta é uma forma de cognição social, por intermédio da qual interlocutores concentram sua atenção numa experiência comum, que pode se referir a um objeto ou evento; no caso de *para lá de*, corresponde a um ponto genérico e inespecífico distanciado de ambos. Nesse sentido, a depender do preenchimento do *slot* X, o tipo de distanciamento expresso por [[para lá de] [X]] pode ser tomado como mais ou menos intersubjetivo. Considerando Tantucci (2018) e Diessel (2017; 2019), podemos dizer que, em (1) e (2), o foco compartilhado é imediatamente intersubjetivo, nos pareamentos [para lá do Aniene] e [para lá dos quatro anos], e que esse foco vai gradativamente se tornando mais estendido em (3), (4), (5) e (6), respectivamente. Assim, a partir de [pra lá de mil cães], [prá lá de satisfeita], [pra lá de Bagdad] e [Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira], o distanciamento espacial e temporal se estende a conteúdos voltados para a intensificação de quantidade, em (3), de grau, em (4) e (5), e

para a conexão argumentativa, em (6). De acordo com Tantucci (2018), esses últimos usos articulam a intersubjetividade estendida, ou seja, a habilidade sociocognitiva de problematizar, num contexto específico, como uma pessoa agiria, sentiria ou pensaria.

O viés gradiente e escalar com que a LFCU descreve e analisa as construções também está presente na proposta de três fatores referidos por Traugott e Trousdale (2013). O primeiro deles é a esquematicidade, concernente à propriedade de categorização que envolve abstração e virtualidade. Na figura a seguir, trazemos a proposta dos autores, com base na hierarquia do esquema de quantificadores do inglês[14]:

Figura 1 - Hierarquia construcional



Fonte: Traugott e Trousdale (2013, p. 17)

Como podemos observar na Figura 1, a rede de quantificadores do inglês tem no nível superior o esquema, ou seja, o pareamento mais aberto e abstrato, que é distribuído em dois subesquemas, como subfamílias mais específicas. Esses, por sua vez, encontram-se divididos em *types* totalmente preenchidos no nível mais abaixo, como as microconstruções individuais [many], [a lot of], [few] e [a bit of].

Ao submetermos nossos objetos de análise ao fator esquematicidade, podemos dizer que [[para lá de] [X]] ocupa o nível mais alto e virtual, como esquema maior, que, no plano imediatamente inferior, no subesquema, se distribui em famílias de forma e conteúdo mais específicos, por conta do preenchimento do *slo*t X, como

[14] Ressalvamos que essa figura tem recebido críticas, inclusive nossas, uma vez que, numa perspectiva construcional, que vincula estritamente forma e conteúdo, não seria possível considerar, por exemplo, *many* e *a bit of* como pertencentes a um mesmo esquema. No máximo, poderíamos dizer que se trata de membros de um mesmo paradigma, como uma hiperconstrução, com base em Diewald (2020).

instanciadas nos fragmentos de (1) a (6) ilustrados anteriormente. Cada subesquema, por sua vez, se especifica em microconstruções, que, como *types* individuais, são instanciados no uso, sob forma de construtos[15]. O refinamento e a proposição da rede [[para lá de] [X]] é realizado na quarta seção do presente artigo.

O segundo fator construcional referido por Traugott e Trousdale (2013) é a produtividade, que diz respeito à frequência e à extensibilidade com que um padrão é utilizado ou expandido, respectivamente. De acordo com Rosário e Oliveira (2016, p. 245), "a distinção entre frequência de tipo (*type frequency*) e frequência de ocorrência (*token frequence*) é recuperada e associada respectivamente a frequência de construção e frequência de constructo." Se a produtividade é relevante para a fixação de padrões de uso e sua convencionalização, como etapa de mudança pré-construcionalização, esse fator é igualmente fundamental na fase de mudança pós-construcionalização, por conta da expansão *host-class*, como destacado por Himmelmann (2004). De acordo com esse autor, uma vez fixado um esquema maior, com posições abertas sob forma de *slots*, tais posições podem ser preenchidas por elementos compatíveis (*match)* ou mesmo inicialmente incompatíveis (*mismatch*).

A composicionalidade é o terceiro fator mencionado por Traugott e Trousdale (2013) e se refere ao grau de transparência entre a forma e o conteúdo construcional. Esse fator destaca a correspondência simbólica que vincula as propriedades de ambos os eixos de uma construção. Via de regra, como apontam os autores, construções lexicais tendem a exibir maior grau de composicionalidade, articulando sentidos menos subjetivos, mais concretos e referenciais, uma vez que as subpartes preservam mais os traços das categorias de que são fonte. Tal é o que constatamos em [para lá do Aniene] e [para lá dos quatro anos], em que é possível detectarmos com mais visibilidade a natureza preposicional e circunstancial dos elementos que integram tais microconstruções. Por outro lado, construções procedurais, cumpridoras de conteúdos mais gramaticais e intersubjetivos, exibem menor composicionalidade, com subpartes mais vinculadas simbolicamente, como é o caso de [pra lá de mil cães], [prá lá de satisfeita], [pra lá de Bagdad] e [Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira]. Nesses *types*, as três primeiras subpartes se vinculam a uma quarta parte que não se refere a um espaço locativo ou temporal; com esse novo tipo de pareamento, são convencionalizados conteúdos correspondentes à quantidade, à

[15] Na abordagem construcional, o termo *construto* é usado na referência à instância efetiva de uso, ao *token* empiricamente registrado.

intensidade de grau e à conexão argumentativa, respectivamente, num tipo de expansão *host-class* por *mismatch* (HIMMELMANN, 2004), licenciando o preenchimento do *slot* X a elementos estranhos à categoria dos circunstanciadores locativos e temporais prototípicos.

Do arcabouço teórico da LFCU que nos serve de base para a descrição e a análise da rede construcional aqui empreendida, destacam-se os chamados *processos cognitivos de domínio geral*, como apresentados por Bybee (2010). Conforme a autora, tais processos atuam em conjunto e impactam a totalidade do comportamento humano, incluindo-se aí os usos linguísticos. Dos cinco processos elencados por Bybee (2010), três nos interessam mais especificamente na pesquisa da rede construcional [[para lá de] [X]]. O primeiro deles é categorização, que corresponde à tendência de agruparmos, por similaridade ou feixe de traços, elementos em conjuntos específicos; na pesquisa linguística, via categorização distribuímos, em classes ou paradigmas, membros de distintos níveis gramaticais, identificando-os como pertencentes a determinado grupo. O segundo processo cognitivo que nos interessa é *chunking* (ou agrupamento), na referência à junção e à combinação de unidades que, usadas repetida e frequentemente, formam sequências mais amplas ou complexas; o *chunking* é fundamental na pesquisa da construção gramatical, dado que o conceito de pareamento, calcado na vinculação convencional de forma e conteúdo, tem viés gestáltico, concebido como resultante da rotinização das formas de dizer. O terceiro processo referido em Bybee (2010) é a analogia[16], segundo o qual criamos novos padrões a partir de outros já formatados; em termos construcionais, dizemos que a analogia é responsável pela expansão *host-class*, via mudanças pós-construcionalização que ampliam subesquemas e microconstruções, que podem incluir preenchimentos via *match* ou *mismatch*, levando, inclusive, à convencionalização de novo esquema geral no *constructicon.*

Para o tratamento das propriedades contextuais motivadoras da instanciação das microconstruções da rede [[para lá de] [X]], adotamos a proposta taxonômica de Diewald e Smirnova (2012), reelaborada em Rosa (2019). De acordo com as autoras, os micropassos da mudança construcional, principalmente a de tipo procedural, ocorrem sob condições contextuais também gradientes. No quadro a seguir, apresentamos a classificação referida:

[16] Traugott e Trousdale (2013) tratam da analogização, tomado como um dos mecanismos mais fundamentais para mudança construcional e construcionalização, como um tipo específico de neoanálise.

Quadro 1 - Tipos de contextos em construcionalização gramatical

Estágio	Contexto	Características	Tipos de construção
I- Precondições da construcionalização gramatical	Contexto atípico	Implicaturas conversacionais	Sem tipo particular de construção; composicional
II- Desencadeamento da construcionalização gramatical	Contexto crítico	Opacidade múltipla	Expressões idiomáticas extragramaticais
III- Reorganização e diferenciação	Contexto isolado	Itens polissêmicos/ heterossêmicos	Expressões idiomáticas formal ou lexicalmente abertas
IV- Integração paradigmática	Contexto paradigmático	Oposições/distinções paradigmáticas com significados relacionais reduzidos, isto é, significados gramaticais	Escolhas paradigmáticas a partir de um esquema construcional abstrato

Fonte: Rosa (2019, p. 64), adaptado de Diewald e Smirnova (2012)

Como podemos observar com base no Quadro 1, na coluna à esquerda, cada estágio corresponde a um tipo de contexto, que, por sua vez, apresenta características específicas, atinentes a tipos construcionais também específicos. A mudança se inicia a partir de contextos atípicos, aqueles que passam a envolver ambiguidade semântico-pragmática e inferências conceituais; nessa fase, trata-se de mudanças construcionais que envolvem somente o componente do conteúdo, com preservação da composicionalidade dos itens envolvidos. No estágio crítico, a opacidade de conteúdo se soma à opacidade de estrutura, envolvendo mudanças construcionais em escala mais avançada e diminuição de composicionalidade. A seguir, temos o contexto isolado, etapa em que se consolida a construcionalização, com a criação de um *chunking*, um novo par de forma e conteúdo no *constructicon*. Por fim, a nova construção passa a integrar um paradigma da língua, como um novo membro categorial que partilha correspondências e, de outra parte, apresenta distinções com os membros da nova categoria de que faz parte.

Na terceira seção deste artigo, o Quadro 1 será retomado, na referência aos contextos iniciais de instanciação da [[para lá de] [X]]. Conforme preconiza a LFCU, as etapas de mudança construcional não desaparecem necessariamente quando se efetiva a construcionalização; pelo contrário, via de regra, passam a conviver no uso linguístico contextos de variada idade, mais antigos e mais recentes, conferindo à língua a aparência de dunas de areia, com traços de regularidade, gradiência e variabilidade, tal como declara Bybee (2010).

3 *Corpus* de pesquisa e procedimentos metodológicos

Como já referimos inicialmente, os contextos de uso a partir dos quais levantamos os dados aqui analisados pertencem ao *Corpus* do português (CdP). Neste artigo, trabalhamos a partir de uma subparte denominada Web/Dialetos, que, em 2016, foi adicionada ao CdP. Essa amostra, com cerca de um bilhão de palavras, contém páginas da *web* recolhidas entre os anos de 2013 e 2014 de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique), permitindo a análise e a comparação das variedades dialetais do português contemporâneo. Utilizamos aqui, em nossa investigação referente ao século XXI, os materiais correspondentes ao PB e PE dessa subparte do *Corpus*.

Na seleção desses dados, inserimos no campo de busca do CdP/ Web Dialetos a expressão *p(a)ra lá de*, observando as variedades europeia e brasileira do português. Do total de ocorrências encontradas na busca (3.280), selecionamos uma amostra, considerando as 400 primeiras apresentadas na interface do *Corpus* (200 do PE e 200 do PB).

Nessa seleção, identificamos e classificamos os contextos que instanciam [[para lá de] [X]] no português do século XXI, com foco na detecção da rede construcional pesquisada. No universo investigativo do século XXI, nossa análise é de cunho mais qualitativo, levando em conta ainda a produtividade dos padrões levantados, além de outras propriedades e fatores.

Nas palavras de Traugott e Trousdale (2013):

> Nós consideramos as abordagens qualitativa e quantitativa como sendo complementares para o trabalho na linguística histórica e prevemos a possibilidade de unir as duas abordagens em estudos de mudança linguística em curso, em que a análise da microvariação no nível individual dos falantes poderia ser combinada com a análise quantitativa da macrovariação no nível do grupo social.

> Tais estudos quantitativos permitem, em uma abordagem mais refinada, estabelecer a relação entre frequência e entrincheiramento e o grau de abstração no qual os grupos de falantes parecem organizar aspectos de seu conhecimento linguístico. (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 238, tradução nossa)[17]

Para a LFCU, ao lado da análise de contextos específicos e de sua motivação para determinadas instâncias de uso, devemos levar em conta parâmetros de frequência, atinentes à produtividade com que *types* e *tokens* são recrutados pela comunidade linguística. A adoção de uma metodologia que busca conciliar uma análise interpretativa dos dados e um tratamento quantitativo dos resultados, utilizando assim, o chamado *método misto*, é também defendida por Cunha Lacerda (2016), que afirma ser essa opção metodológica adequada para fornecer evidências empíricas sobre a ocorrência de processos de construcionalização.

No que concerne à pesquisa qualitativa, analisamos nossos dados a partir dos pressupostos da abordagem construcional da gramática, das propriedades e dimensões da construção, das mudanças construcionais como neonálises ao nível da forma e do conteúdo, dos processos cognitivos de domínio geral, das estratégias de (inter)subjetivação e da escalaridade contextual implicada nesses usos. Enfim, conjugamos o olhar em instâncias específicas e índices de frequência, com vistas, por fim, a estabelecer a rede construcional da [[para lá de] [X]].

4 Contextos de instanciação inicial de [[para lá de] [X]]

Nesta seção, nos dedicamos a um subesquema específico da rede construcional [[para lá de] [X]], no qual o *slot* X é preenchido por elemento circunstancial – de espaço ou de tempo, correspondente aos fragmentos (1) e (2), ilustrados na primeira seção deste artigo. Consideramos tratar-se de um pareamento mais lexical e mais composicional, uma vez

[17] Cf.: "We consider the qualitative and quantitative approaches to be complementary for work in historical linguistics and envisage the possibility of bringing the two approaches together in studies of ongoing language change, where analysis of micro-variation at the level of individual speakers could be combined with quantitative analysis of macro-variation at the level of the social group. Such quantitative studies allow for a more fine-grained approach to the relationship between frequency and entrenchment, and the degree of abstraction at which groups of speakers appear to organize aspects of their linguistic knowledge".

que as subpartes que o integram se encontram preservadas, em termos semântico-sintáticos, cumprindo função adjuntiva adverbial. Conforme Oliveira e Paula (2019) e Paula (2021), instâncias desse padrão são captadas inicialmente no século XIX, o que atesta sua anterioridade na língua em relação aos demais subesquemas da rede pesquisada.

As autoras, por esse motivo, classificam tais ambientes de ocorrência como contextos que fornecem a base a partir da qual, posteriormente, via mudanças construcionais, derivam os demais subesquemas da rede [[para lá de] [X]]. Assim, por exemplo, Paula (2021, p. 84; 87) capta os seguintes dados no século XIX:

> *(7) Ao cabo do outro dia houve longa e animada conversação entre o cavaleiro e o filho da casa, Paio Guterres, moço de prol e grande escolar, isto é, grande estudante a quem todos queriam muito por ali. E dessa conversação veio a sair que a mulher do palheiro foi transportada para uma casinha mui linda que ficava na encosta do outeiro, muito* ***para lá da igreja****, ao pé dos sicômoros e quase à beira do regato. A casa era do filho, que lha tinha dado o pai, para ele ali fazer sua estudaria e ter seus livros, por onde lhe chamavam a Estudaria da Granja.* (CdP: *Arco de Sanct'Anna*, de Almeida Garrett, Séc. XIX)

> *(8) Quem do tempo/ Sofrer quisera ultrajes e castigos, / Injúrias da opressão, baldões do orgulho, /Do mal prezado amor choradas mágoas, / Das leis a inércia, dos mandões a afronta, / E o vão desdém que de rasteiras almas/ O paciente mérito recebe, /Quem, se na ponta da despida lâmina/ Lhe acenara o descanso? Quem ao peso / De uma vida de enfados e misérias/ Quereria gemer, se não sentira /Terror de alguma não sabida cousa. /Que aguarda o homem* **para lá da morte**, */ Esse eterno país misterioso / Donde um viajor sequer há regressado? / Este só pensamento enleia o homem; / Este nos leva a suportar as dores.* (CdP: *Ocidentais*, de Machado de Assis, Séc. XIX)

Em (7) e (8), temos a instanciação das microconstruções [para lá da igreja] e [para lá da morte], em que o *slot* X é preenchido por elementos locativos de semântica distinta: um mais físico e concreto (*a igreja*) e outro mais virtual e temporal (*a morte*). Nesses dois fragmentos,

extraídos de peças literárias do PE e do PB, respectivamente, articulam-se sentidos menos subjetivos, ou, nos termos de Tantucci (2018), de imediata intersubjetividade, no convite explícito à partilha da noção do afastamento espacial / temporal que é articulada. Em (7), tal afastamento é incrementado ainda mais pela anteposição do intensificador *muito*, que concorre na marcação da distância da casa para onde a mulher do palheiro fora transportada; essa anteposição de *muito* evidencia também a composicionalidade maior e a preservação da natureza lexical da microconstrução [para lá da igreja]. Nesse sentido, contextos como os ilustrados em (7) e (8) são tomados como fonte, como ponto original a partir do qual se iniciam mudanças construcionais rumo a novas construcionalizações.

No século XX, Paula (2021, p. 87) detecta o contexto tomado como atípico, nos termos de Diewald e Smirnova (2012) e de Rosa (2019), no qual o *slot* X da [[para lá de] [X]] é preenchido por elemento de sentido temporal:

> *(9) A construção de pavilhões duradouros, capazes de albergarem as exposições que integram os diversos subtemas, junta-se a criação de estruturas de apoio aos 8 milhões de visitantes previstos e de edifícios de acolhimento às representações nacionais. A Exposição de Lisboa, cuja divulgação esteve presente em vários pontos do distrito de Leiria, pretende atrair a comunidade internacional para um projecto de reflexão comum sobre os oceanos, permitindo que este grande acontecimento possa materializar-se na memória e na vida da cidade, do país e da comunidade internacional,* **para lá de 1998**. *A EXPO' 98 será um momento privilegiado para a percepção clara dos grandes problemas levantados pela gestão dos oceanos na alvorada do século XXI, no qual se assistirá à ocupação tridimensional dos Oceanos, como última fronteira do planeta*. (CdP: *Os Oceanos e a EXPO'98: Dois patrimónios*, Notícia, 16-01-1998)

Como podemos observar, todo o fragmento (9) é marcado pela atribuição positiva e grandiosa à Exposição de Lisboa, por seu impacto na cidade, no país e no mundo. Assim, a microconstrução [para lá de 1998] concorre para incrementar essa articulação de positividade geral que marca toda a sequência. O recrutamento de elemento temporal (*1998)* para ocupar a posição X é motivado com base na escala de derivação metafórica *espaço >tempo >texto* (TRAUGOTT; HEINE, 1991). Conforme a teoria localista, de acordo com Batoréo (2000), o

espaço é o ponto de partida para o desenvolvimento de sentidos mais abstratos, como os temporais e os textuais, portanto, se um *slot* de determinada construção inicialmente é preenchido por elemento de semântica espacial, então esse preenchimento poderá ocorrer também por intermédio de elemento temporal, uma vez que constituem pontos da mesma escala de derivação de sentidos. A classificação de contextos como (9) em atípicos leva em conta que, em ambientes como esse, há inferências que permitem a leitura do afastamento do espaço como afastamento do tempo, num tipo de mudança pré-construcionalização, em referência à convencionalização subsequente de outros subesquemas da rede construcional [[para lá de] [X]].

Também no século XX é detectado por Paula (2021, p. 91) o contexto tomado como crítico, em que o *slot* X é preenchido por elemento de semântica quantificadora:

> (10) [...] Sofia enganara todos, paria feito uma gata, não gemia nem miava, com a exceção dos gêmeos mas, também, cuspir os dois custaria até às pretas, estas sim, de ancas boas. Lembrou-se então do sogro lhe propondo casamento: - Desencantando Sofia, tu ganhas uma fazenda com **pra lá de cem alqueires**, além de gado leiteiro e oito escravos dos bons, oferta de qualidade. Escolhi-te para genro por seres homem direito. Toda Batéia confirma teu gosto de lida brava, teu tento em trabalhar. Aceita. Minha filha sai ganhando, é menina sem encantos, com risco de solteirice. Mas tu lucrarás também, as terras são excelentes, das melhores do lugar. (CdP: *Onde Andará Dulce Veiga?*, de Caio Fernando Abreu, Séc. XX)

A classificação do contexto de instanciação do *type* [pra lá de cem alqueires] como crítico deve-se à opacidade múltipla aí verificada. Esse uso ocorre num trecho enumerativo, em que o pai de Sofia elenca ao futuro genro as vantagens a partir do casamento com sua filha. O recrutamento de *cem alqueires* no slot X se faz via *mismatch*, uma vez que, em (10), [pra lá de cem alqueires] já não está diretamente vinculado a um verbo, indicando uma circunstância (espacial ou temporal) como nos estágios anteriores ilustrados nesta seção. Como destaca Paula (2021), o escopo desse *type* reside numa determinada medida agrária (*cem alqueires*), que passa a assumir, na construção, sentido de grande e inespecífica quantidade. Assim, trata-se de contexto em que se destacam

sentidos mais intersubjetivos face àqueles emanados dos contextos fonte e atípico, ou seja, a intersubjetividade não é tão imediata. Ainda conforme a autora, "uma entidade que seria quantificada de forma definida, *cem alqueires*, é escalonada para mais ao instanciar o *slot* X da construção" (PAULA, 2021, p. 91).

Nessa linha de intepretação, consideramos que o conteúdo quantitativo é responsável para expansão *host-class* dos padrões iniciais da [[para lá de] [X]], uma vez que se cria um novo subesquema nessa rede, responsável pela expressão de quantidade. De acordo com Silva (2008), contextos de uso linguístico tendem a transferir conceitos básicos de quantidade, fundamentados na experiência com o mundo concreto, para a esfera mais abstrata da intensificação, observada em diferentes línguas, gerando novos pareamentos convencionais de forma e conteúdo no *constructicon*. Tal tendência é evidenciada pela "imensa variedade de línguas em que, para se exprimir o conceito intensivo, recorre-se exatamente ao mesmo termo utilizado para designar noções quantitativas, tais como *muito*, *bastante*, *mais* ou *demais*" (SILVA, 2008, p. 196). Como podemos observar, além do localismo, já referido nesta seção, há outras escalas de derivação metafórica, que, como mudanças construcionais, impactam a representação e a convencionalização linguísticas.

Essa tendência de mudança se efetiva de modo mais cabal no quarto estágio contextual do esquema [[para lá de] [X]] no século XX, em que o *slot* X é preenchido por termo adjetivo, em contexto isolado. Usos desse tipo atuam na articulação de conteúdo intensificador de grau, como no fragmento a seguir, extraído de Paula (2021, p. 93):

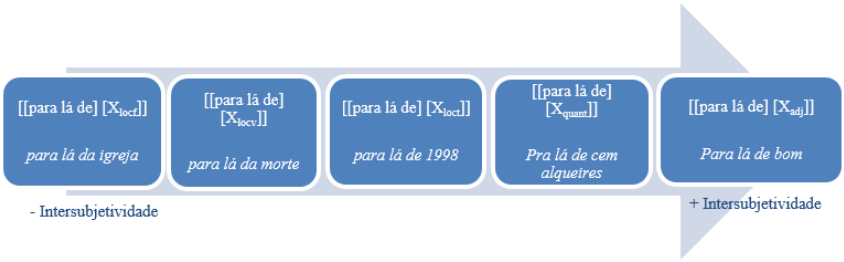
> (11) *Lançou o seu Tradecash, cartão de crédito com limites de R$ 50 para quem não tem conta em banco e de R$ 200 para quem tem. Já fechou até acordo com as Lojas Americanas, primeira a aceitar o Tradecash. Luís Guilherme Prates, diretor da Fininvest, justifica: -O nível de inadimplência na classe baixa é o menor. Porque o pobre depende do crédito para comprar tudo. De eletrodoméstico a uma peça de roupa. E sabe que precisa pagar em dia para ter crédito. O lucro é* **para lá de bom**. *Porque o empréstimo é de pobre, mas a taxa de juros, de rico: acima de 12% ao mês! Isso com uma inflação mensal que não chega a 1%.* (CdP: Marceu Vieira, interino, Séc. XX)

Constatamos que em (11) são elencadas as vantagens do cartão de crédito Tradecash, voltado para parcela de menor poder aquisitivo

do Brasil. Entre as vantagens aludidas, está a de que *o lucro é para lá de bom*, num tipo de articulação intensificadora que enfatiza os ganhos para os usuários. Trata-se da instanciação de um subesquema de [[para lá de] [X]] em que as subpartes se encontram mais vinculadas, em termos semântico-sintáticos, num pareamento menos composicional e de conteúdo mais procedural, uma vez que é mais intersubjetivo e abstrato. Contextos como o ilustrado em (11) demonstram que o recrutamento da construção [[para lá de] [X]] intensificadora concorre para o aumento da expressividade da intensificação do conceito escopado, como convite ao interlocutor a assumir um posicionamento diante do que se diz. Assim, [[para lá de] [X]] passa de usos de imediata intersubjetividade, nos termos de Tantucci (2018), como em (7), (8) e (9), indicando afastamento em relação a marcos espaciais e temporais e convidando o interlocutor a partilhar a perspectiva assumida, chega a usos quantificadores, como em (10), e atinge usos mais abstratos, em que a construção é recrutada para expressão de grau intensivo, como em (11), na defesa de pontos de vista, no nível da intersubjetividade estendida.

Consideramos que contextos isolados, como em (11), somente detectado no século XX no PB, ilustram a instanciação de um novo pareamento na rede [[para lá de] [X]], em estágio mais avançado de mudança face, respectivamente, aos fragmentos de (7) a (10). Trata-se, em (11), de uma construcionalização, nos termos de Traugott e Trousdale (2003). Tal gradiência contextual corresponde à gradiência na escala de intersubjetividade também, dado que mudanças construcionais vão, progressivamente, concorrendo para maior jogo inferencial entre os interlocutores. Assim, conforme demonstramos no esquema a seguir, progressivamente, na trajetória de mudança linguística pesquisada, há aumento da expressão subjetiva dos locutores em contextos comunicativos nos quais se faz relevante o compartilhamento de perspectiva e ideias:

Esquema 1 – *Continuum* de intersubjetivação nos usos de [[para lá de] [X]]



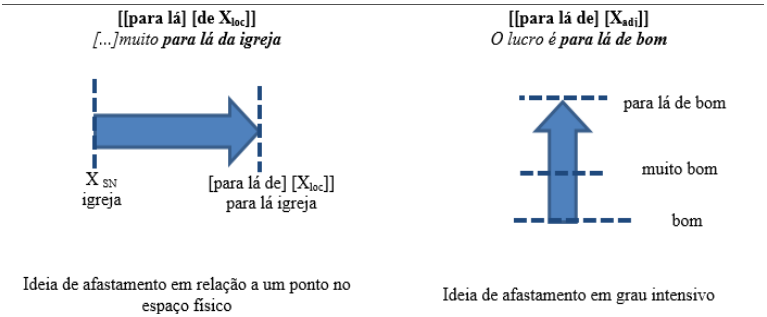
Fonte: Paula (2021, p. 97)

A disposição dos estágios, tal como apresentada no Esquema 1, evidencia aumento crescente de intersubjetividade. Para Traugott e Dasher (2002) e Traugott e Trousdale (2013), estamos diante de um caminho do menos subjetivo, via preenchimento de X por elementos de circunstanciação locativa, para usos mais subjetivos, com o preenchimento do *slot* por elementos temporais e quantificadores, chegando a usos intersubjetivos, quando do recrutamento de adjetivo em X, como estrutura intensificadora de grau.

De acordo com Tantucci (2018), por outro lado, o Esquema 1 representa escala de intersubjetividade, que vai de um caminho imediatamente intersubjetivo, a partir de atenção conjunta fundada em premissas mais objetivas (condições discursivas, localização dos interlocutores, tempo da interação, entre outras) até chegar, quando o preenchimento de X se faz com base em elemento adjetivo, à codificação da intersubjetividade estendida, por conta do nível de abstração e genericidade efetivada, a partir da inferência de um interlocutor em terceira pessoa, como ator inespecífico.

Seja de uma ou de outra perspectiva interpretativa, o que se constata, em ambas as abordagens, é a crescente intersubjetividade, em que jogos inferenciais, convites ao compartilhamento de pontos de vista e valores, entre outros, concorrem para neoanálises, em termos metonímicos, metafóricos e analógicos, que, sob forma de mudanças pré-construcionalização, concorrem para a convencionalização de novas construções na língua. A crescente intersubjetividade decorrente das neoanálises referidas pode ser assim codificada, com base nos fragmentos (7) e (11):

Esquema 2 – [[para lá de] [X_{loc}]] e [[para lá de] [X_{adj}]]: Relações circunstanciais e relações graduadoras



Fonte: Paula (2021, p. 98)

O Esquema 2 demonstra que a ancoragem locativa do uso de [[para de] [X_{adj}]] convencionaliza um pareamento de conteúdo intensificador de grau. Assim, a conceptualização de grau da construção em análise dá-se a partir de usos relacionados a experiências concretas dos falantes, atinentes à localização. A emergência do novo sentido é forjada por extensão metafórica e por conta dos novos arranjos metonímicos verificados por meio dos elementos morfossintáticos distintos que se unem à parte fixa da construção. Dessa forma, [[para lá de] [X]], além de atuar no estabelecimento de relações circunstanciais horizontais com o traço semântico de afastamento em relação a marcos no espaço/tempo, como em muito *para lá da igreja*, passa a atuar também na graduação de conceitos abstratos, indicando afastamento em grau intensivo, isto é, colocando um dado conceito num nível superior ao da sua acepção básica. Tendo em vista o subprincípio icônico da quantidade (GIVÓN, 2001), segundo o qual conteúdos de maior proeminência são expressos por mais formas, entendemos que, em [[para lá de] [X]], uma forma mais pesada e complexa do que itens canônicos como *muito* e *demais*, o conteúdo intensivo em grau máximo é articulado via relevo da forma também. Consideramos que se trata de uma interessante estratégia expressiva, que implica, como afirma Martelotta (2011, p. 81), "levarmos em conta mecanismos de ordem metonímica, aqui entendidos como processos de natureza discursiva: mecanismos que ativam implicaturas associadas ao material linguístico existente em um determinado contexto sintagmático." Nesse sentido, a natureza morfossintática do elemento que preenche o *slot* X é fundamental para a tipificação do subesquema acionado pela rede construcional [[para lá de] [X]].

5 A rede construcional [[para lá de] [X]] no português do século XXI

Nesta seção, voltamos nosso foco de investigação para os contextos de uso que instanciam a rede [[para lá de] [X]] no século XXI, na demonstração de como tais ocorrências concorrem para a gradiência do PB e do PE contemporâneos. Observamos que o *cline* contextual, que tem início efetivo no século XX, com o levantamento da expressão circunstancial de tempo em contexto atípico, como ilustrado em (9), é mantido no século atual e, mais ainda, ampliado, via analogização, por expansão *host-class*. Tal ampliação motiva a convencionalização de novos subesquemas e microconstruções, em que, nos dias atuais, se distribui a rede construcional [[para lá de] [X]].

Conforme mencionamos na segunda seção, no século XXI, nosso *corpus está* constituído por amostragem, com a pesquisa de 400 contextos de instanciação de [[para lá de] [X]]. Esses usos, de idades distintas na língua, configuram a gradiência linguística sincrônica, nos termos de Bybee (2010). Com base no incremento de produtividade do arranjo *para lá de,* decorrente da expansão da classe hospedeira do elemento que ocupa o *slot* X, assumimos que [[para lá de] [X]] forma um esquema complexo e de produtividade relativa na língua. Defendemos que esse esquema se distribui em quatro subesquemas maiores, que, por sua vez, são constituídos por subesquemas mais específicos e, a partir daí, se especificam em microconstruções.

Um dos resultados mais salientes, na comparabilidade dos dados dos séculos XX e XXI, é que a produtividade da construção de grau intensificador [[para lá de] [X_{adj}]] aumenta de modo significativo. Enquanto, na sincronia anterior, período em que foi construcionalizado esse subesquema, registramos 14 dessas ocorrências, o que perfaz 8.02% dos dados do *corpus*, no século XXI, a frequência *token* registrada corresponde a 181 ocorrências, isto é, 45.25% dos casos analisados. Tal incremento de uso sugere a regularização desse padrão construcional para expressão de intensificação na língua[18], com evidência do *chunk* ocorrido nesse pareamento.

Ainda em termos quantitativos, observamos uma tendência de uso interessante, que reforça a leitura de perda de composicionalidade e formação de *chunk* na instanciação de [[para lá de] [X_{adj}]] em função de grau intensivo (gi) Verificamos que a construção intensificadora é mais frequente com o primeiro elemento na forma erodida (*pra*). Se considerarmos em separado as ocorrências com as formas *para* e *pra*, constatamos um percentual de instanciações da construção de grau intensivo de 83,42% com a forma erodida. Por sua vez, a configuração [[para lá de] [X_{adj}]]$_{gi}$ tem um índice de 16,57% de produtividade. Essa constatação é bastante relevante, pois o fato de a forma erodida ser mais frequente no uso intensificador demonstra que, em função intensificadora,

[18] Ressalvamos que a natureza das fontes que compõem o acervo de dados sincrônicos analisados (provenientes de páginas de *internet*) pode ter, de certo modo, impactado esse resultado, uma vez que materiais de blogues, notícias eletrônicas, dentre outros, com características discursivo-pragmáticas específicas, podem favorecer o recrutamento da construção em análise.

estamos diante de um arranjo mais integrado em termos de sentido e forma, com reduzida composicionalidade.

Em relação às variedades europeia e brasileira do português, registramos, diferentemente do constatado no século XX, instanciações de [[para lá de] $[X_{adj}]]_{gi}$ no PE. Nossa pesquisa em viés histórico (cf. OLIVIERA, PAULA, 2019; PAULA, 2021) tem demonstrado que a construção em foco emerge inicialmente no PB no século XX e, no século XXI, é também registrada no PE com produtividade significativa, ainda que inferior à do PB. Na Tabela 1, apresentamos o quantitativo de ocorrências [[para lá de] $[X_{adj}]]_{gi}$ distinguindo dados do PB e do PE bem como o uso das formas *para* e *pra*:

Tabela 1 – Ocorrências de [[para lá de] $[X_{adj}]]^{gi}$ no século XXI no PB e no PE

Variedades do Português / **Configuração construcional**	**PB**	**PE**	TOTAL
$[[para lá de] [X]]_{gi}$	27	3	30 (16.57%)
$[[pra lá de] [X]]_{gi}$	86	65	15 (83.42%)
Subtotal	113 (62.43%)	68 (37.56%)	181 (100%)

Fonte: Paula (2021, p. 108-109)

As instanciações de [[para lá de] $[X_{adj}]]_{gi}$ no século XXI são preponderantemente as que exibem maior grau de intersubjetividade estendida face aos usos mais circunstanciadores iniciais, revelando posicionamento discursivo de avaliação dos locutores. As sequências textuais mais recorrentes levantadas em nossos dados são as de cunho expositivo-argumentativa, em gêneros como blogues, colunas e artigos de revistas e jornais eletrônicos e comentários dos leitores sobre notícias *on-line*, como ilustram os fragmentos a seguir, respectivamente do PE e do PB:

> *(12) Emigrar? Como? Já vos disse várias vezes que não imagino o meu futuro por terras Portuguesas, pelo menos não para já. Claro que nunca digo nunca, pode aparecer uma oportunidade* **pra lá de espectacular** *e ficar por cá mesmo, mas nos dias que correm, sinto que não evoluo grande coisa ficando por cá. Por isso mesmo sempre pesquisei bastante na net empregos no estrangeiro, tenho várias paginas de facebook*

> *dedicadas a isso mesmo que costumo visitar, mas mesmo assim parece-me muito vago....* (CdP/Web Dialetos, Portugal, http://blogprettyinpink.blogspot.com/2013/01/emigrar-como.html)

> *(13) A ANDRESSA que é uma chata e distorceu tudo o que o Marcos Oliver falou. Sem contar que a voz dela é* ***pra lá de irritante****.* 20/7/2013 - 06h44 (CdP/Web Dialetos, Brasil,http://afazenda.r7.com/a-fazenda-6/mural/na-discussao-entre-andressa-e-marcos-quem-pegou-mais-pesado-de-a-sua-opiniao.html)

Nesses fragmentos contextuais, as instanciações de [[para lá de] $[X_{adj}]]_{gi}$ concorrem, de forma coesa, para a intensificação de grau de conceitos abstratos, como *espectacular*, em (12), e *irritante*, em (13). Com esse tipo de estruturação, o locutor convida o interlocutor a partilhar o distanciamento inespecífico articulado pela primeira subparte, [para lá de], em termos do sentido atributivo expresso pelo adjetivo em X. Assim, a intersubjetividade se estende para além dos limites estritos da interlocução, dado que a negociação se faz em termos da avaliação do nível de qualificação atribuído aos referentes *uma oportunidade*, em (12), e *a voz dela*, em (13). Consideramos que esse tipo de alternativa de expressão de grau intensificador, diante de outras possibilidades mais convencionais da gramática do português, como a anteposição dos elementos *muito* ou *bastante*, por exemplo, tem a ver com o pressuposto de base funcionalista de Martelotta (2011, p. 112), segundo o qual "a tendência é o falante buscar formas de comunicação novas e extravagantes que, chamando a atenção do ouvinte, dão mais poder expressivo ao discurso".

A força coerciva do subesquema [[para lá de] $[X_{adj}]]_{gi}$ no século XXI é tal que, via analogização, outros elementos não adjetivos são instanciados no século XXI nessa construção, produzindo, via *mismatch*, efeitos intensificadores que ratificam a produtividade desse esquema. Estamos nos referindo a contextos como os seguintes:

> (14) *Volta e meia sai do ar, e agora com as novas mudanças, o lojista que quiser vender mais de um produto no carrinho de compras, que se vire calcular um frete decente para ele e para o consumidor. Fica aqui minha indignação, penso que toda ação, tem uma reação, e justamente por isso temos que*

> *pensar no que fazemos. Essa alteração que vocês fizeram, foi* ***pra lá de mal planejada***, *em vários sentidos. Como disse acima, muito, muitos nem sabem até hoje, e os que sabem, muito, muitos ainda não resolveram seu problema, pois os orçamentos para desenvolver tal solução são caros para o seu retorno no negócio*. (CdP/Web Dialetos, Brasil, http://blog.correios.com.br/comercioeletronico/?p=150)

> *(15) Quinta-feira, 12 de outubro de 2006 - Dia 07/12/2006: Embarque para Madrid. 08/12: Chegada a Madrid. Pega- se o carro e vamos a Vinhais. Em Vinhais, nos espera um apartamento cedido* ***pra lá de gentilmente*** *pelo Isaías, amigão dono do Restaurante Rossio (e quase primo, claro, claro)*. De 08 a 22/12: assassinar as saudades. Visitar todo mundo. (CdP/Web Dialetos, Portugal, http://santospassos.blogspot.com/2006_10_01_archive.html)

> (16) *Que todo centro de cidade é cheio, é caótico, é um inferninho à parte, todo mundo sabe. Agora, o fato de que seja tudo isso não quer dizer que não possam haver óasis perdidos no meio disso tudo. O Dill & Drinks consegue ser "só" isso. Só isso não. Tudo isso. Localizado em uma rua ali no burburinho financeiro da capital porteña, o Dill passa despercebido. Isso porque é pequenino e quem vê de longe não acha que é um bistrô* ***pra lá de delícia***. *Com uma proposta bem aconchegante e íntima, parece que todo mundo ali é amigo de algum bartender / atendente da casa*. (CdP/Web Dialetos, Brasil http://www.destemperados.com.br/regiao/argentina/dill-drinks-um-lugar-pra-chamar-de-seu)

Os fragmentos de (14) a (16) ilustram instâncias de uso intensificadores de [[para lá de] [X]] por intermédio de alterações formais nesse subesquema. Em termos construcionais, de acordo com a LFCU, interpretamos tais usos do século XXI do português como consequentes de mudanças pós-construcionalização, conforme Traugott e Trousdale (2013), em que, via expansão *host-class* (cf. HIMMELMANN, 2004), por efeito de processos de analogização (cf. BYBEE, 2010), amplia-se o subesquema inicial [[para lá de] $[X_{adj}]]_{gi}$. Assim, na microconstrução

[pra lá de mal planejada], em (14), temos a anteposição do elemento *mal* ao adjetivo *planejada*, o que torna o pareamento mais complexo e distinto dos usos mais prototípicos desse subesquema, assumindo aí função predicativa. Em (15), o *type* [prá lá de gentilmente], em papel de circunstanciador de modo, preenche o slot X por intermédio de *gentilmente*, num tipo de formação híbrida, que mescla modificação e adverbialização. Já em (16), para o *slo*t X é recrutado o substantivo abstrato *delícia*, usado no contexto em função atributiva para qualificar o sintagma nominal *bistrô.* No exemplo em questão, *delícia* faz referência à sensação prazerosa causada pelo ambiente do estabelecimento. Assim, a microconstrução [pra lá de delícia] intensifica e valora os atributos do bristrô *Dill & Drinks,* que, na sequência, é descrito como tendo uma *proposta bem aconchegante e íntima.*

Além dos contextos correspondentes à permanência dos estágios de transição na trajetória da construcionalização investigada, no século XXI, duas outras distintas instâncias de uso de [[para lá de] [X]] são detectadas em nossos dados, concorrendo para a gradiência sincrônica do português e formando mais dois subesquemas nessa rede. O primeira diz respeito ao que Venâncio (2015) denomina *usos lexicalizados* de [[para lá de] [X]][19]. Trata-se de ocorrências como as seguintes:

(17) *Tocava techno, como se fosse a Love Story. Edinilton aproximou- se de Overman e disse: " Depois vamos na Love Story? " -Vá se foder, Edinilton, você está com bafo de vômito. - Opa, foi mal. Uma boate lotada, cheia de luzes, um monte de caras usando roupões brancos vagabundos, esperando algum milagre. E como sempre acontece, quando chega em uma boate de putas, a mais feia vem falar com a gente. Edinilton estava justamente temendo isto. Como ele já estava* ***pra lá de Teerã***, *como diria o Caetano Veloso*. (CdP/Web Dialetos, Portugal, http://thebraganza.blogspot.com/2013/05/romance-da-praca-roosevelt.html)

[19] Embora a denominação *usos lexicalizados* possa conduzir a uma intepretação menos composicional de [[para lá de] [X]], estamos mantendo a codificação do referido esquema a partir das duas subpartes, conforme a rede construcional aqui assumida.

(18) *Lula é um idiota consumado que se crê muito inteligente e esperto, no que é apoiado pelo grupo permanente de áulicos; uns, por puro e simples interesse, outros, por patetice ideológica crônica. A maior saia justa porém é a revelação que a Polícia Federal do seu governo colaborava com o FBI na caça a supostos terroristas islâmicos no território brasileiro, enquanto Celso Amorim e Marco Aurélio Garcia continuam sua pose de "anti-americanos" doidões,* ***pra lá de Marrakesh***. (CdP/WebDialetos,Brasil,http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/telegramas-revelados-pela-wikileaks-tornamdiplomacia-brasileira-um-pouco-mais-ridicula-do-que-ja-era/)

Os contextos ilustrados em (17) e (18), relativos a dados de uso do PE e do PB, respectivamente, exemplificam instâncias da [[para lá de] [X]] que, a princípio, se assemelham aos contextos fonte detectados no século XIX, nos quais o *slot* X é preenchido por elemento espacial, como em [para lá do Aniene], em (1), e [para lá da igreja], em (7). Porém, ocorre que, ao recrutar para o referido preenchimento um nome próprio concernente a um espaço exótico e longínquo, em sequências textuais de natureza dissertativa, marcadas por forte tom opinativo e via de regra desqualificador, o tipo de conteúdo articulado não é aquele referente à circunstanciação locativa, mas sim a sentido voltado para o incremento do tom crítico e depreciativo que perpassa esses contextos de uso.

Em (17), *pra lá de Teerã* marca o estado de embriaguez de Edinilton, que, coesivamente, se articula ao ambiente inóspito geral - *Uma boate lotada, cheia de luzes, um monte de caras usando roupões brancos vagabundos, esperando algum milagre / quando chega em uma boate de putas, a mais feia vem falar com a gente.* No fragmento (18), *pra lá de Marrakesh* surge no texto de um articulista, que, indignado com o governo federal de então, usa tal expressão em referência depreciativa a duas autoridades do país.

Em nosso *corpus*, contextos como ilustrados em (17) e (18) são pouco frequentes, constituindo-se em usos periféricos que correspondem a oito ocorrências (2% dos 400 dados em análise). Seis desses oitos registros identificados são da variedade europeia do português. Assumimos que a construção [[para lá de] [X]] de qualificação intensiva (qi), como instanciada em (17) e (18), origina-se de instanciações da construção circunstancial locativa em contexto fonte, que emerge na

língua no século XIX. Posteriormente, devido à clássica distinção entre Ocidente e Oriente, padrões de uso com nomes de conhecidas cidades árabes tenham se convencionalizado, via analogização, com o padrão da construção [[para lá de] $[X_{adj}]]_{qi}$, com ocorrência de um *mismatch,* de uma incongruência relacionada ao comportamento padrão de um elemento e seu uso numa outra construção. Assim, microconstruções como [pra lá de Bagdá], [pra lá de Marrakesh] e, menos frequentemente, [pra lá de Bangladesh] e [pra lá de Teerã], pela conjunção de herança múltipla (distanciamento locativo e grau intensificador) passam a designar uma qualidade em excesso, criando-se, assim, um terceiro subesquema na rede construcional [[para lá de] [X]] no português contemporâneo.

Por fim, levantamos, no século XXI, instâncias de um quarto subesquema dessa rede, cujo papel se volta para a conexão argumentativa, de acordo com Paula (2021). Estamos nos referindo a contextos de uso como (19) e (6), retomado nesta seção:

(19) *Se os erros cometidos no primeiro casamento não forem trabalhados, dando lugar ao amadurecimento, os "vícios" de comunicação repetirão-se- e a esperança será rapidamente substituída pela frustração do "déjà vu". Os receios desta natureza costumam traduzir- se em namoros mais ou menos escondidos - as pessoas preferem certificar- se de que " é desta e que não vão voltar a errar. A ideia de passar por um segundo divórcio (ou separação) é aterradora - envolve,* ***para lá da tristeza e do desapontamento***, *a vergonha e a dificuldade em assumir outro fracasso perante a família e os amigos. Se a segunda ruptura envolver a mesma pessoa, estes sentimentos podem ser exacerbados*. (CdP/Web Dialetos, Brasil, http://www.apsicologa.com/2006/03/casar-duas-vezes-com-mesma-pessoa.html)

(6) *Na passagem de mais um por estes lados muitas foram as mensagens de apoio e de felicitações e também os presentes. Ofertas sentidas que revelam amizade ou sentimentos mais profundos. Dentre elas constou esta edição especial do concerto comemorativo dos 25 anos de Xutos &Pontapés "on the road ", no Pavilhão Atlântico.* ***Para lá de ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira***, *tem, para mim, um sabor especial por conter temas dos primórdios da sua carreira. Temos*

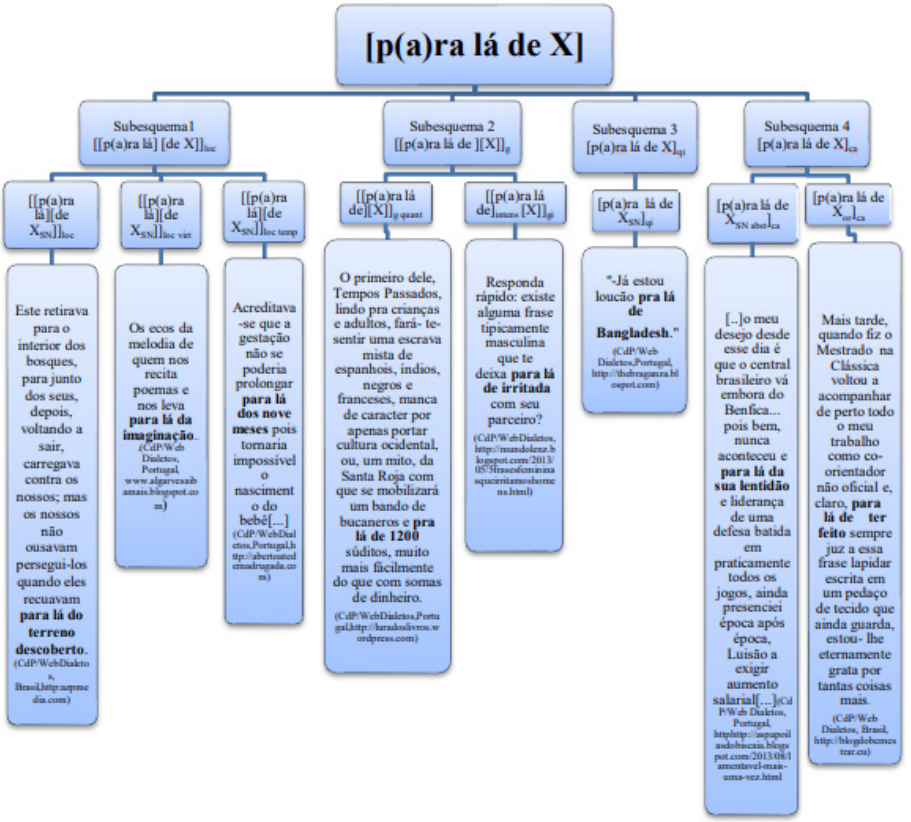
> *que ouvi repetidas vezes durante os anos 80, ou no saudoso "Rock Rendez Vous " ou em os espectáculos que religiosamente, eu e o "F " presenciávamos onde quer que houvesse Xutos.* (CdP/ Web Dialetos, Portugal, http://arlindopinto.com/planetadoscatos/ tag/aniversario)

No fragmento (19), tal como verificamos em (6), apresentado na introdução deste artigo, constatamos que os termos destacados atuam em prol da argumentação. Em (19), uma psicóloga orienta seus leitores acerca do risco maior de fracasso num segundo casamento e das possíveis consequências daí advindas. Para tanto, ela instancia o referido *type* na defesa de seu ponto de vista - *A ideia de passar por um segundo divórcio (ou separação) é aterradora*. Após tal declaração, passa a listar, em série enumerativa de nomes abstratos, os riscos e perigos de um segundo casamento fracassado: *para lá da tristeza e do desapontamento, a vergonha e a dificuldade em assumir outro fracasso perante a família e os amigos*. No contexto (6), a articulação textual argumentativa é realizada pelo recrutamento, na subparte X, de uma estrutura oracional reduzida, *ser efectivamente um repositório de 25 anos de carreira*, que se articula ao segundo argumento, *tem, para mim, um sabor especial*, na organização de uma sequência que destaca os aspectos positivos de um evento musical destacado pelo locutor.

A análise interpretativa de contextos como (19) e (6) vai ao encontro do que declaram Oliveira e Paula (2021, p. 107), ao assumirem que se trata de uma organização discursiva que "confere a tais instâncias de uso um papel de adicionar, gradativamente, argumentos ao que é defendido, estabelecendo-se assim, um tipo de sequenciação hierárquica, que destaca e serializa as justificativas apresentadas na exposição da opinião." Por tal razão, optamos por nos referir à função desse quarto subesquema como *conexão argumentativa*, codificando-o em dois subtipos: [[para lá de] $[X_{na}]]_{ca,}$ como instanciado em (19), e [[para lá de] $[X_{or}]]_{ca}$, como instanciado em (6). Entendemos que, além de atuar na conexão de porções textuais, essa subfamília desempenha papel relevante na orientação argumentativa dos enunciados, assinalando pontos de vista de maior grau de importância e concorrendo, assim, para o incremento da atenção conjunta, nos termos de Diessel (2017; 2019), e da intersubjetividade estendida, conforme Tantucci (2018).

Chegamos, a partir do levantamento, da descrição e da análise de nossos dados, ao estabelecimento da rede construcional [[para lá de] [X]] no português do século XXI, a seguir apresentada:

Esquema 3 – Rede construcional [[para lá de] [X]] no português no século XXI



Fonte: Paula (2021, p. 125)

O nível mais alto e virtual da rede é ocupado pelo esquema geral [[para lá de] [X]]. Conforme Paula (2021, p. 126), "esse nível esquemático mais alto da arquitetura construcional está associado a uma característica semântica geral, de base localista, a saber, afastamento/distância em relação a marcos referenciais". Tal esquema se especifica no nível imediatamente

abaixo, desdobrando-se em quatro subesquemas, com base no tipo de preenchimento do *slo*t X, o que vai implicar também distinções funcionais nesses pares. Três dos subesquemas referidos, por sua vez, também apresentam desdobramentos. Observando essas subfamílias da esquerda para a direita, constatamos que a rede construcional [[para lá de] [X]] exibe graus crescentes de vinculação semântico-sintática e que padrões mais recentes na língua se revelam menos composicionais e mais esquemáticos, na formação de *chunks* cada vez mais integrados, em que preponderam sentidos procedurais. Na parte inferior do Esquema 3, situam-se exemplos de instâncias de uso das construções específicas, como constructos.

Assim, o primeiro subesquema, codificado como [[para lá de] [X]]$_{loc}$, atua na circunstanciação adverbial, que se desdobra em três subtipos: a) espaço físico (locf)- [para lá do terreno descoberto; b) espaço virtual (locv) – [para lá da imaginação]; c) tempo (loct)– [para lá dos nove meses]. Assumimos, com base em Oliveira e Paula (2019) e Paula (2021), que esse subesquema, a partir da articulação de espaço virtual e de tempo, via contextos atípicos, no século XIX, é o ponto inicial de mudanças construcionais que conduzem à ampliação da rede, com expansão para outros subesquemas e *types* específicos, detectados inicialmente no século XX e no século XXI.

O segundo subesquema funciona na referenciação de grau, é transcrito como [[para lá de] [X]]$_{gr}$ e se distribui em dois grupos. O primeiro, atinente ao que consideramos como contexto crítico para a construção intensificadora de grau, preenche o *slot* X com elemento quantificador (quant) – [prá lá de 1200 súditos]. O segundo grupo, interpretado como contexto isolado em relação ao subesquema anterior, recruta termo adjetivo, o que faz o sentido de grau intensivo prevalecer (adj) – [pra lá de irritada]. Esse subesquema é menos composicional e mais procedural em relação ao primeiro subesquema, [[para lá de] [X]]$_{loc.}$

Como terceiro subesquema da rede, temos aquele em que X é preenchido por nome próprio de localidade muito distante ou exótica, o que concorre para a articulação de sentido que remete a uma condição crítica ou extrema do ponto de vista físico, psicológico ou emocional, entre outros. Por cumprir esse papel, tal subesquema recebe a denominação *qualificador intensivo* (qi) e é codificado como [[para lá de] [X]]$_{qi.}$.Constatamos essa função em *type*s como [prá lá de Bangladesh], por exemplo; trata-se de um pareamento menos composicional e mais procedural, no qual a soma das partes é distinta da mera adjunção do sentido de cada parte.

Por fim, o quarto subesquema apresenta-se como o de menor composicionalidade e de maior conteúdo gramatical, já que seu papel se volta para a conexão argumentativa (ca), na sequenciação de argumentos para defesa de pontos de vista ou crenças em jogo na interação. Trata-se também do padrão que exibe maior intersubjetividade estendida, uma vez que estabelece um tipo de gradação valorativa ordenadora de argumentos em prol da defesa de uma tese ou opinião. Esse subesquema desdobra-se em dois tipos, a depender do preenchimento de X: a) se um nome abstrato (na), na configuração [[para lá de] $[X_{na}]]_{ca}$, como no *type* [para lá de sua lentidão e liderança]; b) se uma oração reduzida de infinitivo (or), codificado como [[para lá de] $[X_{or}]]_{ca}$, em microconstruções como [para lá de ter feito sempre jus a essa frase lapidar escrita em um pedaço de tecido que ainda guarda].

6 Considerações finais

Neste artigo, com o aporte teórico da LFCU, levantamos, descrevemos e analisamos subesquemas e *types* específicos do português contemporâneo (século XXI), em suas variedades brasileira e europeia, licenciados pelo esquema mais alto e virtual [[para lá de] [X]]. Nossos resultados demonstram que, no *constructicon* do português, [[para lá de] [X]] se distribui em diferentes pareamentos de forma e sentido, formando uma rede de construções interconectadas vertical e horizontalmente.

Com base em dados de pesquisa histórica (OLIVEIRA; PAULA, 2019; PAULA, 2021), verificamos que os contextos de uso iniciais de [[para lá de] [X]] são os de indicação circunstancial locativa, identificados no século XIX. No recorte temporal do século XX, já regularizado como padrão linguístico na referência a espaço, num processo de expansão de usos, [[para lá de] [X]] passa a ser recrutado também para indicação circunstancial de tempo, seguindo a escala de derivação metafórica espaço >tempo >texto (TRAUGOTT; HEINE, 1991).

Ainda no século XX, detectamos uma nova instanciação de [[para lá de] [X]] em que o *slot* aberto da construção é preenchido por um elemento quantificador. Nesse novo arranjo construcional, o *mismatch* decorrente do emprego de um termo quantificador em um padrão construcional recrutado para circunstanciação locativa e temporal favorece, via inferências sugeridas, o desenvolvimento da semântica de grau quantitativo (SILVA, 2008).

No PB, também no século XX, é registrado um uso inovador em termos de forma e de conteúdo de [[p(a)ra lá de] [X_{adj}]]$_{gj}$. Trata-se de instâncias em que, contíguo ao *para lá de*, aparece um adjetivo e a construção forma um *chunk*, um todo de conteúdo e forma, a serviço da expressão de grau intensivo.

Como evidenciam os dados do *cline* contextual apresentados, a natureza do elemento preenchedor do *slot* X da construção é um fator relevante no processo de mudança, uma vez que, a partir do estabelecimento de novas relações metonímicas, são desenvolvidas extensões metafóricas, que, por sua vez, configuram diferentes subesquemas de [[para lá de] [X]]. Esses diferentes subesquemas, analisados à luz do *continuum* de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2002), seguem uma trajetória do menos intersubjetivo para o mais intersubjetivo ou, considerando a proposta de Tantucci (2018), passam de uma intersubjetividade imediata para uma intersubjetividade estendida.

Observando os resultados analíticos referentes ao século XXI, constatamos, conforme demonstram os fragmentos textuais de (1) a (6) na introdução deste artigo, a convivência de um conjunto de construções com diferentes funções no PB e no PE. Tais construções mantêm entre si associações de forma e de conteúdo, via atuação de mecanismos de neoanálise, analogização, metaforização e metonimização, e apresentam idades distintas na língua.

Em outras palavras, constituem-se arranjos que emergem em diferentes períodos e que estão relacionados à permanência de padrões detectados nos contextos de construcionalização da construção de grau intensivo [[para lá de] [X_{adj}]], bem como ao desenvolvimento de novos usos, verificados na sincronia atual, que apontam o que Himmelmann (2004) denomina expansão *host-class*. Esse mais recente processo de expansão, atinente a mudanças pós-construcionalização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), dá-se por analogização ao padrão com adjetivo instanciando o *slot* X da construção e resulta na abertura desse espaço construcional esquemático a elementos categoriais diferentes de adjetivo.

Com base no levantamento, na descrição e na análise dos dados do século XXI, formalizamos uma rede construcional em cujo nível mais alto está o esquema [[para lá de] [X]]. A esse esquema estão associados quatro subesquemas a partir dos quais instanciam-se *types* específicos. Assim, subesquemas forjados por meio de processos graduais de mudança linguística, na sincronia atual, configuram subfamílias de um esquema

maior cujas instanciações exibem a gradiência sincrônica postulada por Bybee (2010) e crescentes níveis intersubjetivos.

Desse modo, os dados que aqui apresentamos em uma abordagem qualitativa e quantitativa, com base em usos linguísticos e contemporâneos da língua, desvelam a existência de uma rede construcional formada a partir do esquema [[para lá de] [X]] no PB e no PE. Essa rede apresenta produtividade relativa na língua e demonstra que a gradiência exibida na sincronia atual está associada a contextos de emergência da construção [[para lá de] [X]]$_{gi,}$ bem como a mudanças que ocorrem pós-construcionalização, incrementando a rede de construções da língua.

Declaração de autoria

A autora Mariangela Rios de Oliveira foi responsável pela redação e organização da maior parte do artigo. A autora Vanessa Barbosa de Paula forneceu o material empírico utilizado, fruto de sua recente tese de doutorado (PAULA, 2021), orientada pela primeira autora, bem como redigiu algumas seções do texto, revendo-o como um todo posteriormente.

Agradecimentos

Este artigo é produto de pesquisa subvencionada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por intermédio de bolsa PQ da autora Mariangela Rios de Oliveira, e pela Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), via bolsa *Cientistas do Nosso Estado – Sênior*, da mesma autora; agradecemos a essas instituições o apoio recebido. Nossos agradecimentos vão também aos demais membros do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF, com quem discutimos nossos dados e resultados da pesquisa ao longo de seu desenvolvimento. Por fim, agradecemos também aos dois pareceristas anônimos, que, com sua leitura atenta e crítica, trouxeram valiosas sugestões que aprimoraram a versão final do artigo.

Referências

BATORÉO, H. *Expressão do espaço no português europeu*: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

BYBEE, J. L. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. *In*: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.

BYBEE, J. *Frequency of use and the organization of language.* Oxford: Oxford University Press, 2007.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. New York: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CROFT, W. *Radical construction grammar:* syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística*, Rio de Janeiro, volume especial, p. 83-101, 2016. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5440.

DIESSEL, H. Usage-based linguistics. *In*: ARONOFF, M. (ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics.* New York: Oxford University Press, 2017. p. 1-26.

DIESSEL, H. Grammar as a network. *In*: DIESSEL, H. *The Grammar Network.* How linguistic structure is shaped by language use. New York: Cambridge University Press, 2019. p. 9-22.

DIEWALD, G; SMIRNOVA, E. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. *In*: DAVIDSE, K. *et al*. (eds). *Grammaticalization and language change* – new reflections. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012. p. 111-131.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta.* Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2013. p. 13-40.

GOLDBERG, A. *Constructions*: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work*: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? *In*: BISANG, W.; HIMMELMANN; N. P.; WIEMER, B. (eds.), What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004, p.21-42.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística*: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (orgs). *Funcionalismo linguístico*: vertentes e diálogos. Niterói: Editora da UFF, 2017.

OLIVEIRA, M. R.; PAULA, V. B. A construção intensificadora de grau [p(a)ra lá de $X_{adj.}$] – trajetória, paradigmatização e degeneração. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 238-264, 2019. DOI: https://doi.org/10.35520/diadorim.2019.v21n2a24963

OLIVEIRA, M. R.; PAULA, V. B. A construção conectora argumentativa [p(a)ra lá de X]: uma análise baseada no uso. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 60, p. 105-135, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i60.404

PAULA, V. B. *A construcionalização de grau intensivo [[p(a)ra lá de] [X]] no português*. 2021. 136 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2021.

ROSA, F. S. L. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 2019. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016. DOI: org/10.1590/1981-5794-1608-1.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. Linguística funcional: *quo vadis*? *In*: BISPO, E. B.; SILVA, J. R.; SOUZA, M. M. (orgs). *Pesquisas funcionalistas: da versão clássica à perspectiva centrada no uso* – uma homenagem à Maria Angélica Furtado da Cunha. Natal: Edufrn, 2021. p. 384-429.

SILVA, J. R. *Motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas nos processos de intensificação*. 2008. 308 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

TANTUCCI, V. From co-actionality to extended intersubjectivity: drawing on language change and ontogenetic development. *Applied Linguistics*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018, p. 1-31. DOI:10.1093/applin/amy050.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E; HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Vol 1. Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

VENÂNCIO, E. *Instanciações da microconstrução intensificadora "para lá de X" no português contemporâneo*. 2015. 181 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, UFF, 2015.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 700-742, 2022

Modelagem de produção de texto sintético como subsídio para a aplicação embasada na Pedagogia de Gênero

Modelling Text Synthesis as a Basis for Application of Genre Pedagogy

Giacomo Figueredo
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, Minas Gerais / Brasil
giacomo.figueredo@ufop.edu.br
0000-0002-0967-244X

Karen Santorum
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul / Brasil
karen.santorum@ufsm.br
0000-0001-6001-519X

Nathan Andrade
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, Minas Gerais / Brasil
nathan.andrade@aluno.ufop.edu.br
0000-0002-3365-812X

Lucas A. Damasceno
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Mariana, Minas Gerais / Brasil
lucas.damasceno@aluno.ufop.edu.br
0000-0003-3017-0599

Resumo: Este artigo se insere nos estudos gramaticais de base funcional, modelando a gramática com base no uso a partir de sua organização sistêmica. A Pedagogia de Gênero – modelo de ensino de línguas baseado no uso – tem como referência a síntese textual, operação pela qual as escolhas linguísticas necessariamente se configuram segundo padrões contextuais, e responde às demandas de modelos funcionais da gramática voltados para o ensino de línguas. Contudo, um problema frequente é a seleção de 'textos-modelo' para textos sintéticos, que recai não sobre os padrões de uso, mas sobre

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.700-742.

a subjetividade de quem aplica o modelo. Este artigo objetiva oferecer um modelo de produção de texto sintético como subsídio para a aplicação na Pedagogia de Gênero que escapa à seleção não-sistematizada por preconizar a natureza quantitativa da língua com base no uso para a seleção de 'textos-modelo'. Mais especificamente, apresenta o processo de modelagem de um texto sintético do domínio da Popularização da Ciência a partir de critérios sistêmicos e quantitativos para 'textos-modelo' de base. Em seguida, avalia como o modelo pode contribuir para a eficácia na produção de textos por meio de um experimento de produção textual, no qual se comparam produções de textos por um grupo de aprendizes tendo como base 'textos-modelo' sintetizados por critérios sistêmicos e quantitativos com base no uso. Os resultados mostram que a modelagem de textos sintéticos serve como subsidio eficiente para aplicação no ensino.

Palavras-chave: pedagogia de gênero; programa ler para aprender; síntese textual; modelagem sistêmico-funcional; popularização da ciência.

Abstract: The paper models grammar functionally for the purposes of teaching foregrounding its systemic organization. Genre Pedagogy – a usage-based model of language teaching – selects models of texts for teaching based on the efficacy of language choices are made according contextual patterns. However, a problem that may occur is that 'model texts' selected to serve as example texts for teaching could rely not on patterns of usage alone, but also on the subjectivity of the person who implements the model (being them a teacher, a tutor, an educator and so on). The paper offers a model of text synthesis as a as a basis for application of Genre Pedagogy departing from non-systematic text selection and replacing it with a quantitative approach of language patterning based on use for the selection of 'model texts'. More specifically, it presents the process of modelling a synthetic text from systemic and quantitative criteria as the baseline of 'model texts'. The paper goes on to assesses the contributions of this modelling to the effectiveness of text production by means of an experiment in which texts written by a group of students is compared with synthetic texts generated by quantitative usage-based choices in language systems. Results show how text synthesis modelling can be an effective approach for applications of Genre Pedagogy.

Keywords: genre pedagogy; reading to learn; text synthesis; systemic functional modelling; popular science.

Recebido em 01 de setembro de 2021

Aceito em 15 de outubro de 2021

1 Introdução

Os modelos linguísticos baseados no uso se destacam por possuírem a característica de representar a organização da língua pautada pela produção de significado contextualizada (FIRBAS, 1992; GIVÓN, 2001; NEVES, 1994). Para esses modelos, a gramática tem o papel

preponderante de sistematizar essa produção conforme o uso, portanto passando de explicação abstrata e descontextualizada da disposição sintagmática de itens linguísticos para ser o estrato que encerra um conjunto importante dos recursos necessários à comunicação humana (HALLIDAY, 1994). Com isso, o estudo da gramática não se limita ao exercício de descrever "regras cujo caráter é totalmente formal, desprendidas da preocupação sobre o papel que devem desempenhar no funcionamento da língua" (DIK, 1989, p. 211), mas à descrição que se empenha em determinar como a gramática contribui para que o sistema linguístico esteja configurado relativamente ao papel que a língua ocupa na vida do conjunto dos falantes.

Este artigo se insere nos estudos gramaticais de base funcional (DANEŠ, 1994; NEVES, 2000) uma vez que segue, em primeiro lugar, a concepção de que a organização da língua humana é funcional. De forma ampla, o Funcionalismo (DIK, 1978; GIVÓN, 1995; MATHESIUS, 1964) compreende que estudar a gramática deve incluir a funcionalidade *intrínseca*, ou as propriedades das categorias gramaticais dentro do próprio sistema linguístico, bem como a funcionalidade *extrínseca*, na forma como a gramática realiza o estrato discursivo da língua (semântica do texto) e indiretamente as situações de comunicação (HALLIDAY, 1978).

Assim como o conceito de 'produção de significado', o conceito de 'escolha' também é importante para o Funcionalismo, pois é por meio da escolha por determinados itens linguísticos em detrimento de outros que se permite aos falantes usar a língua, ou, em outras palavras, produzir significados adequados às situações (DIK, 1989; GIVÓN, 2001). Diante disso, como forma de capturar a escolha enquanto funcionalidade pautada pelo uso, os modelos tendem a retomar a disposição axial do sistema linguístico (i.e., eixos paradigmático e sintagmático, *cf.* SAUSSURE, 2006) ao considerar a funcionalidade intrínseca da gramática.

Sabendo-se que o significado de um signo linguístico se apresenta na oposição a outros signos (o 'valor [*valeur*] do signo', SAUSSURE, 2006, p. 132-41), a produção de significado é então modelada a partir da dimensão do eixo – como uma rede de sistemas na qual o contraste entre escolhas no paradigma é realizado pelo contraste na estrutura. É nesse sentido que o presente artigo opta por concentrar-se em um aspecto dessa organização funcional, qual seja, a orientação sistêmica da disposição funcional da língua, então denominada sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1994, 2002).

Por consequência de sua natureza, o Funcionalismo, dada sua constituição, estabelece necessariamente o caminho entre os ramos teórico e aplicado da Linguística – uma vez que explica a constituição linguística relativamente ao uso (GIVÓN, 2001; NEVES, 2000). O estudo da gramática do ponto de vista sistêmico-funcional, consequentemente, sempre considera a descrição e a modelagem gramaticais como um conhecimento linguístico visando futura aplicação (*cf*. '*appliable linguistics*', HALLIDAY, 2008), quer na construção de modelos linguísticos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999), quer na implementação desses modelos para fins específicos (MAHBOOB; KNIGHT, 2010), tais como a tradução (CATFORD, 1965; HATIM; MASON, 1997); a análise do discurso (HAO, 2020; MARTIN, 1992) e o ensino de línguas (CHRISTIE, 2005; DREYFUS *et al*. 2016).

Especificamente sobre esse último, a aplicação de base sistêmico-funcional ao ensino de línguas possui uma longa tradição de pesquisas que integram a aprendizagem dos sistemas e estruturas gramaticais ao uso contextualizado, sendo que tal integração se dá pelo ensino da gramática nos textos classificados segundo os gêneros (CHRISTIE *et al*., 1990; MARTIN, 1986; ROSE, 2020). Conforme essa maneira de aplicação, a estrutura genérica realizada pelos textos serve como modelo pedagógico para construção de materiais de ensino de línguas (EMILIA; CHRISTIE, 2013; KARTIKA-NINGSIH, 2020; RAMÍREZ; MOYANO; MARTIN, 2021). A Pedagogia de Gêneros pode então ser definida como um modelo de ensino de línguas baseado no uso (RAMÍREZ, no prelo; ROSE, 2009a; ROSE; MARTIN, 2012); ela portanto consegue apresentar uma resposta eficiente às demandas de modelos funcionais da gramática voltados para o ensino de línguas, uma vez que de fato trata a gramática como representação da experiência humana e seu aprendizado como forma de ampliar as alternativas de viver coletivamente na comunidade de falantes (RAMÍREZ, no prelo; ROSE, 2009b).

No que tange à modelagem, quando a produção de significado se volta para a aplicação, é de particular interesse um tipo de modelo denominado 'síntese textual' (ROSE; MARTIN, 2012; MARTIN, 2015), definida como as etapas da produção de significado que relacionam, passo a passo, a estrutura do texto à tessitura, de forma a cumprir as expectativas do contexto para produzir uma instância que apresente a frequência da configuração linguística esperada para um tipo de texto, ou 'texto sintético' (*cf.* LIMA, 2013; MARTIN, 2019). Concebida para

o ensino (ROSE, 2009b), quando os textos sintéticos devem se adequar às normas dos contextos educacionais (*cf.* HALLIDAY, 1977), a síntese textual naturalmente estabelece uma correspondência direta entre teoria, descrição e aplicação (CHRISTIE, 2005; DREYFUS *et al*., 2011; EMILIA; CHRISTIE, 2013), já que procura avaliar a eficácia do texto segundo seu propósito (HALLIDAY, 1994, p. 15). No contexto da síntese, não está prevista margem para a variação relativa ao modelo, pois as variações – especialmente as menos esperadas – são tomadas como ineficazes ou malsucedidas (*cf.* ROSE, 2009a), para as quais uma solução deve ser apresentada (ROSE; MARTIN, 2012; ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018).

Apesar da importância da síntese textual para o contexto educacional (MARTIN, 2019; ROSE, 2009b), a escolha de 'textos-modelo' a partir dos quais se extraem os padrões para os textos sintéticos ainda é feita de maneira não-sistematizada – ora com base em amostras selecionadas por critérios pessoais do analista (MARTIN, 2015); ora deixada a cargo de cada professor quando prepara suas aulas (*cf.* KARTIKA-NINGSIH, 2016; ROSE, 2018). Logo, ainda que a síntese de textos encontre resultados positivos na aplicação, a forma não-sistematizada como tem sido feita pode encobrir padrões que de fato existem em prejuízo de outros padrões derivados da maneira como o analista enxerga que a língua se comporta (*cf.* HALLIDAY, 2001; HASAN, 1985).

A falta de sistematização – representada pela escolha de textos-modelo realizada por somente um falante, analista ou professor – pode ser tornar um problema para as diferentes fases do ciclo de aprendizado (*cf.* HERMANSSON *et al*., 2019) em razão de que quanto mais variação em relação ao texto sintético, maior a chance de um texto ser visto como ineficaz nos contextos de ensino de línguas (LEMKE, 1990; MARTIN; ROSE, 2007). Se por um lado, na produção textual, cada configuração instanciada condiciona a próxima instância (LEMKE, 1991; PLUM; COWLING, 1987), cabendo à síntese textual regular esse condicionamento (*cf.* LEMKE, 1990), por outro lado, no ensino de línguas, as configurações pautadas pela síntese motivam a produção de textos tanto pela variação própria da língua quanto pela forma como é constrangida segundo a expectativa de sucesso para essa produção (KARTIKA-NINGSIH, 2016; RAMÍREZ, 2021).

Uma alternativa para a escolha não-sistematizada de textos-modelo, e por conseguinte da própria síntese textual, pode ser encontrada no aumento do controle sobre o trabalho de conformar o

texto à expectativa e frequência próximas do 'texto sintético'. Uma vez que a interpretação funcional da gramática permite observar que o uso condiciona os padrões linguísticos, torna-se possível compreender que a língua é um sistema que exibe comportamento (isto é, varia a forma de se comportar conforme a situação de uso) (EGGINS; MARTIN, 1997; LEMKE, 1993; MATTHIESSEN, 1993).

Conservando-se as mesmas categorias gramaticais (sistemas e estruturas), o condicionamento dos padrões por variação acontece mediante as frequências combinadas e co-variação das categorias e, portanto, indica a natureza quantitativa do sistema linguístico (HALLIDAY; JAMES, 1993; PLUM; COWLING, 1987). Dada essa natureza quantitativa da língua, deve-se considerar que assim como os itens linguísticos, também a sua configuração e frequência produzem significado (ALMUTARI, 2020).

Nesse cenário, a escolha de textos-modelo baseada na expertise do analista ou professor se torna apenas o primeiro passo para um método de produção de textos sintéticos. Dessa maneira, uma das formas de utilizar a síntese textual para resolver esse problema é a construção de modelos de produção de texto (organizada sistemicamente, pautando-se por sua funcionalidade) que tomam a síntese textual como base.

Este artigo tem como objetivo oferecer um modelo de produção de texto sintético do domínio da Popularização da Ciência como subsídio para a aplicação na Pedagogia de Gênero que escapa à seleção não-sistematizada por dar ênfase à natureza quantitativa da língua (*cf.* ALMUTARI, 2020; LEMKE, 1993; PLUM; COWLING, 1987). Com isso, o artigo tenciona diminuir problemas da variação relativa ao texto sintético e assim subsidiar a eficácia na produção de textos, especificamente do domínio da Popularização da Ciência, em contexto de aprendizado de línguas. Como objetivo secundário, ainda, o artigo implementa esse modelo, por meio de um experimento, em uma Oficina de produção de texto de Popularização da Ciência, para, com isso, observar indícios da potencial eficiência desse tipo de modelo no controle da variação.

Mais especificamente, o artigo apresenta o processo de modelagem de um texto sintético e o acrescenta a uma situação de aplicação. Com isso, mostra como o modelo pode contribuir para a eficácia na produção de textos por meio de um experimento de implementação do Ciclo de Ensino-Aprendizagem do Programa Ler para Aprender derivado da Pedagogia de Gênero em uma Oficina de produção de textos, no qual

informantes produzem textos primeiramente sem o modelo do texto sintético trabalhado e desconstruído durante a implementação da Oficina e posteriormente tendo o modelo ensinado por meio da Pedagogia de Gênero. Ambas as produções textuais de Popularizações da Ciência são comparadas com o texto sintético e os resultados medem a variação relativa de ambos os tipos de produção.

2 A modelagem da produção de textos com base no uso para o ensino

A construção de um modelo parte da análise dos fenômenos subsidiada por uma teoria e, dessa análise, extraem-se as generalizações necessárias para a constituição do conjunto universo. Em seguida, passa-se à identificação das relações e funções do conjunto para que se proceda à modelagem (BUNGE, 1969). Para a construção de um modelo da produção de textos, toma-se aqui a Linguística Sistêmico-Funcional, doravante LSF, como teoria, especificamente tratando dos problemas relativos à modelagem de textos sintéticos (MARTIN, 2015) como base para futura aplicação – no caso em tela à Pedagogia de Gêneros na implementação do Ciclo de Ensino-Aprendizagem do Programa Ler para Aprender (ROSE; MARTIN, 2012; ROSE, 2017a).

Do ponto de vista conceitual, a síntese de textos se constitui como uma operação técnica bastante específica. Dessa forma, para que uma quantidade de língua possa ser reconhecida como 'texto' é preciso que apresente um conjunto de propriedades textuais que a tornem *coerente* (HALLIDAY; HASAN, 1976). A coerência é um termo técnico amplo, que se refere tanto a configurações linguísticas (MATTHIESSEN, 1998), expectativas contextuais (MARTIN, 1992) e frequências de probabilidade na instância (NESBITT; PLUM, 1989; PLUM; COWLING, 1987). Por conseguinte, cabe aos sistemas de uma língua gerarem os recursos (opções sistêmicas e sua realização por funções estruturais) e configurá-los para realizar os sistemas do registro e do gênero (isto é, cumpram as expectativas contextuais) e, em conjunto, instanciem as configurações conforme a frequência esperada.

Por meio da análise textual (HALLIDAY, 1994; MARTIN, 2019) é possível identificar quais são as configurações sistêmicas e determinar a expectativa e a frequência esperada para um determinado texto. Após a análise de um grupo de textos representativo, é então possível propor modelos de como a coerência funciona. Esse é o caso,

por exemplo, de modelos de fonologia (HALLIDAY; GREAVES, 2008); gramática (HALLIDAY, 1961, 1967/68, 1994); discurso (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999; HAO, 2015; MARTIN, 1992); contexto (HALLIDAY, 1978; MARTIN; ROSE, 2007). Devido à sua constituição funcional voltada para a aplicação, esse tipo de modelo pode, por conseguinte, ser empregado na análise e solução de problemas linguísticos bem como na produção de textos (DREYFUS *et al*., 2011; HALLIDAY, 2008; HOOD, 2011; ROSE, 2009a; ZAPPAVIGNA; MARTIN, 2018), que por sua vez acabam formando parte do ensino de línguas (CHRISTIE, 2005), de escrita e leitura (ROSE; MARTIN, 2012).

Os textos advindos da modelagem deixam então de ser textos espontâneos, pois apresentam um viés em sua configuração devido ao maior controle na produção. Com isso, acabam sendo textos mais bem-sucedidos (HALLIDAY, 1994) e, com isso, cresce sua replicação na formação educacional dos falantes, uma vez que, comprovadamente, ajuda a distribuir o conhecimento e promover maior igualdade social (ROSE, 2018). Quando esse controle sobre a produção textual obedece exatamente ao modelo, então os textos, por perderem essa sua espontaneidade na produção, não são mais produzidos, e sim *sintetizados* (MARTIN, 2015; 2019). A síntese textual se constitui no emprego sistemático de um conjunto bastante específico de recursos linguísticos; e um texto sintético é aquele produzido por meio da síntese. Para situações de aplicação, um texto sintético converte-se no modelo ideal para a produção de significado (ROSE; MARTIN, 2012; ROSE, 2009b), pois é um fator eficaz do ensino de produção de textos.

Como foi possível observar na seção anterior, no cenário da modelagem respectiva à produção de textos no ensino, a aplicação de textos sintéticos apresenta problemas. Em primeiro lugar, o texto sintético é produzido a partir da perspectiva, frequentemente individual, do profissional responsável pela implementação do Ciclo (linguista aplicado, professor). Além disso, a síntese acaba assumindo um caráter prescritivo, justamente porque sua natureza é não admitir variação nas configurações, expectativas e frequências esperadas, de forma que essas também possam ser incorporadas a um modelo sintético (em lugar de um texto sintético que funcionaria como modelo). Consequentemente, se o modelo sintético não representar a produção textual otimizada, pode gerar prejuízos para o ensino. Para que esse problema seja abordado, considera-se o aspecto probabilístico da língua, no qual passa-se a "selecionar os

sistemas fundamentais para uma teoria [sic] probabilística" (HALLIDAY, 1992, p. 64) e, com isso, a análise linguística pode ser tomada como um processo guia para a modelagem.

Essa questão gera duas implicações importantes – que serão discutidas nas próximas seções – a saber, (i) a produção de textos e subsequente síntese devem ser deriviadas das frequências e configurações prováveis do sistema da língua relativamente ao uso (em contraposição à subjetividade das pessoas), e (ii) a modelagem assim concebida se torna a base para a implementação do Ciclo de aprendizagem da Pedagogia de Gênero.

2.1 Derivação sistêmica do modelo de produção textual

Do ponto de vista da organização paradigmática da língua, o significado é produzido a partir da relação de contraste entre dois signos, à qual se denomina *valeur* (SAUSSURE, 1996). O valor (*valeur*) de um signo deve ser, necessariamente, tomado de forma relativa a seu contraste com outros signos. Do ponto de vista paradigmático, o contraste de *valeur* que organiza os signos faz com que se disponham em uma rede de sistemas, os quais posteriormente são realizados por contrastes na estrutura sintagmática (HALLIDAY, 2002).

Para que um signo, então, adquira *valeur*, deve manter uma relação de distinção relativamente a outros signos ao mesmo tempo em que mantém com esses mesmos signos semelhanças por todos pertencerem ao mesmo paradigma. Essas propriedades de concomitante semelhança e diferença na constituição do *valeur* se denominam *agnação* e *delicadeza*. A agnação (GLEASON, 1965) caracteriza o *valeur* do ponto de vista da diferença entre signos, enquanto a delicadeza (HALLIDAY *et al*., 1964) captura a semelhança entre signos que compartilham o mesmo paradigma.

Do ponto de vista da modelagem, uma quantidade numérica pode ser atribuida às diferenças e semelhanças entre os signos de um determinado paradigma para que, assim, seja possível medir com uma unidade escalar a distância e proximidade entre os signos e, por consequência, trazer maior precisão ao modelo no que tange à variação observada e sua correção para a síntese textual.

Para a constiuição da medida escalar de *valeur*, determina-se a agnação levando em consideração o número de signos e quantidade de contrastes que é possível estabelecer entre eles. Se um sistema possui,

por exemplo, 5 signos (aqui representados pelas letras *fe*), conseguem-se determinar 10 contrastes (aqui representados pela letra *c*) entre eles. Atribuindo a quantidade numérica de 1 para cada signo e para cada contraste, tem-se que a agnação é 5fe x 10c = 50a. Caso seja necessário obter a quantidade de agnação de uma rede inteira, esta se obtem pela somatória de cada agnação especifica, e pode ser descrita como:

(1) $$a = \sum_{i=1}^{n} fe_i \times c_i$$

No caso da semelhança obtida por meio da delicadeza, considera-se o nível de detalhamento entre os signos (representado pela letra *l*) – ou seja, o grau de pertencimento a uma determinada classe – e o número de escolhas que seria possível fazer em cada classe (representado pela letra *e*). Novamente, atribuindo a quantidade de 1 para o detalhamento e a escolha, em um sistema com 5 signos de uma determinada classe, tem-se que a delicadeza é 1*l* x 5e = 5d. A descrição para uma rede inteira é:

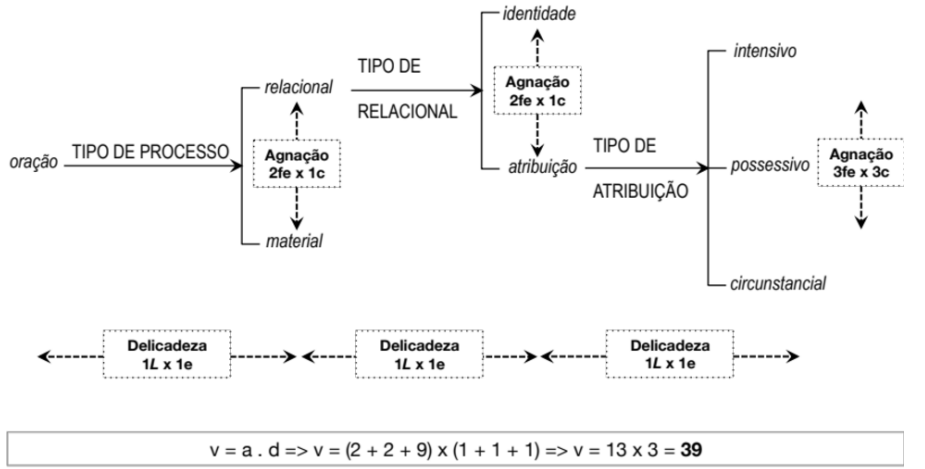
(2) $$d = \sum_{i=1}^{n} l \times e_i$$

Uma vez que o *valeur* leva em conta semelhança e diferença entre os signos, deve, pois, ser propocional à agnação e à delicadeza. Com isso, pode ser descrito como o produto das quantidades dessas duas propriedades. Assim, para uma rede de 5 signos, tem-se 50 agnação x 5 delicadeza = 250 *valeur*. A descrição geral para a somatória de redes é:

(3) $$v = \sum_{i=1}^{n} a_i \times \sum_{i=1}^{n} d_i$$

Mediante a análise de textos, é possível obter as categorias de um determinado sistema linguístico que foi responsável pela produção de um conjunto de significados desse texto. Quando esse processo é repetido para todos os sistemas, e esses são somados, obtem-sem a quantidade total de *valeur* para um texto. Repetindo-se o processo para um corpus, é possível, por meio da modelagem, obter uma probabilidade de produção de significado para qualquer texto do corpus.

Figura 1 – Exemplo do cálculo de valeur para um sistema



Fonte: Autoria própria.

Com isso, tem-se um potencial de produção para um texto qualquer, que consequentemente denomina-se 'modelo de produção de texto'. Esse tipo de modelo, criado a partir de uma medida escalar da quantidade de *valeur* dos sistemas que produzem significado de um texto, é o que neste artigo se denomina texto sintético, e esse método de modelagem da síntese é o que aqui se pretende introduzir à Pedagogia de Gênero como forma de substituição da subjetividade do analista, que ainda determina a forma como os textos para o ensino por meio da Pedagogia são selecionados.

2.2 Pedagogia de Gênero

A Pedagogia de Gênero, filiada à LSF (HALLIDAY, 1994) e influenciada pela teoria sociológica da Legitimação dos Códigos (BERNSTEIN, 1990) e por uma série de estudos em grande escala sobre as práticas de letramento escolar, tem como pressuposto pedagógico a necessidade de se trabalhar em profundidade textos que sirvam de modelo para a produção dos alunos (GOUVEIA, 2014). Os textos não são apenas utilizados em sala de aula como pretextos para a expressão e aquisição de conteúdo, ou seja, como exemplos de um dado campo; eles são, igualmente, e principalmente, utilizados como objetos autônomos, complexos, que requerem ensino explícito de como funcionam enquanto textos e enquanto gênero.

O ensino dos gêneros, de acordo com essa pedagogia, envolve ensinar explicitamente como os textos se estruturam e são gramaticalmente padronizados; porém, a gramática é integrada à exploração de textos e contextos, em vez de ser ensinada como um componente isolado. Isso faz com que os alunos não apenas vejam como as escolhas nos sistemas da gramática criam significados, mas, conforme Hyland (2007), entendam como o próprio sistema linguístico funciona, adquirindo uma maneira de falar sobre o sistema e seu papel na organização dos textos.

O gênero na Pedagogia de Gênero é caracterizado como um "processo social organizado por etapas e orientado para propósitos sociais" (MARTIN; ROSE, 2008, p. 6). Em virtude da concepção de gênero praticada pela Pedagogia de Gênero, os gêneros tendem a ser caracterizados em consonância com a teoria, como padrões retóricos amplos, sendo chamados de gêneros elementares que se combinam para formar gêneros macro e cotidianos mais complexos (MARTIN, 1992).

Como implicação para o presente artigo, cabe destacar que a gama de gêneros descritos na Pedagogia de Gênero é grande e diversificada e culturalmente dependente. Em função dessa variedade, para fins de recorte, fez-se necessário definir um gênero a ser trabalhado ao longo da pesquisa. O gênero escolhido foi do domínio da Popularização da Ciência, comumente conhecido como Notícia de Popularização da Ciência.

2.3 Programa Ler para Aprender

A Pedagogia de Gênero, ao longo de suas pesquisas, foi desenvolvendo uma pedagogia alternativa para abordar os gêneros com ênfase no ensino e na aprendizagem. A proposta que apresenta essa pedagogia alternativa passou por três fases de desenvolvimento. Cada fase caracteriza-se por estar intimamente associada ao desenvolvimento do conhecimento sobre a língua com base na LSF.

Na terceira fase da pesquisa, o *Ciclo de Ensino-Aprendizagem* desenvolvido foi chamado de *Reading to Learn* – R2L (chamado no Brasil de 'Ler para Aprender'). Essa fase amplia o princípio da Pedagogia de Gênero sobre o letramento, para integrar o ensino da leitura e escrita ao longo de todo o currículo em todos os níveis da escola. O principal objetivo do programa *Reading to Learn* é o desenvolvimento das habilidades para leitura e escrita por meio da realização de atividades desenhadas com base em um conjunto de estratégias com foco nos gêneros curriculares.

O *Ciclo* apresenta três níveis de suporte para o ensino de textos, parágrafos e frases, respectivamente (Quadro 1). Cada nível com suas estratégias específicas. O programa *Reading to Learn* enfatiza, nesta versão mais recente do Ciclo, construir a compreensão de um texto antes de começar sua leitura e planeja cuidadosamente a interação professor-aluno para prover o máximo de suporte.

Quadro 1 – Níveis de suporte à leitura e à escrita

Nível 1	Preparação para a leitura	Construção conjunta	Construção individual
Nível 2	Leitura detalhada	Reescrita conjunta	Reescrita individual
Nível 3	Formação de Orações	Ortografia	Escrita de orações

Fonte: tradução nossa de Rose e Martin (2012).

Existem nove conjuntos de estratégias no programa, as quais fornecem três níveis de suporte para a leitura e a escrita (texto, parágrafo e oração). Conforme Rose (2017a) destaca, essas nove estratégias do *Ciclo Reading to Learn*, distribuídas nos três níveis de ensino para o desenvolvimento das habilidades de escrita e leitura formam um macro gênero curricular e podem ser usadas em sequência ou de forma flexível em vários pontos a depender da demanda e sua consequente escolha **realizada pelo professor** (ROSE, 2009b).

De acordo com o construto teórico acerca do *Ciclo*, sempre se inicia sua implementação com a Preparação para a leitura pois tal estratégia garante que até mesmo os alunos com menos conhecimento lexical ou do gênero consigam acompanhar a leitura. Em seguida, passa-se à Leitura Detalhada e às demais estratégias selecionadas pelo professor. O artigo apresenta, a seguir, a sequência de estratégias implementadas na pesquisa.

A Preparação para a Leitura é uma estratégia pensada para dar suporte aos alunos a fim de que leiam textos no currículo juntamente com a desconstrução de um texto modelo. Nessa estratégia se destaca o propósito social do gênero trabalhado, levantando toda a gama de conhecimentos prévios que os alunos têm acerca desse gênero. É realizado uma espécie de resumo geral do texto pelo professor. Na *Leitura Detalhada*, cada aluno recebe uma cópia do texto e ocorre a apresentação das etapas e fases constituintes do gênero trabalhado, oferecendo uma visão geral aos alunos sobre como o gênero se organiza.

Finalizada a Leitura Detalhada do texto todo, é dado prosseguimento à próxima estratégia: a Reescrita Conjunta. Na *Reescrita Conjunta*, os alunos são orientados a se apropriarem do que aprenderam com a Leitura Detalhada para escrever um novo trecho. A Reescrita começa com anotações fazendo uso dos fraseados destacados naquela passagem. O professor, na sequência, orienta a turma para criar um novo texto, de forma conjunta, oração por oração, recorrendo às anotações. Nessa estratégia o professor está orientando os participantes a fazerem escolhas linguísticas complexas, entrelaçadas nos níveis de registro, discurso e gramática. Por fim, após a reescrita conjunta, é solicitado aos alunos que façam a *Construção Individual* como tarefa de produção de texto.

2.4 Introduzindo modelos sintéticos no Ciclo de Ensino-Aprendizagem

Como foi destacado na seção anterior, muitas das fases do Ciclo de Ensino-Aprendizagem do Programa Ler para Aprender dependem do conhecimento linguístico do professor; desde a seleção dos textos que servirão como exemplo para leitura, reescrita e construção, até a análise gramatical da qual se extraem os padrões linguísticos e contextuais que o professor julga como mais relevantes para a produção de um determinado texto.

Contudo, o problema do artigo em tela aponta justamente possíveis dificudades de se empregarem apenas os critérios individuais de um profissional na modelagem de um tipo de texto. Se por um lado é fundamental levar em conta o fato de que o texto é um retrato do funcionamento linguístico, e quando se aprende a produção de um texto está se aprendendo, na verdade, a controlar os recursos do sistema, por outro lado, a premissa do Ciclo de que a expertise linguística deve estar centrada em uma pessoa vai exatamente de encontro à própria motivação para o Ciclo existir. A proposta deste artigo é, pois, empregar a modelagem de textos sintéticos como forma de objetivar esse processo, uma vez que a modelagem se ocupa justamente de extrair as generalizações mais prováveis para a produção de textos.

3 Metodologia

A metodologia deste artigo se divide em duas partes. A primeira trata dos passos necessários para a construção do modelo sintético – no caso deste artigo, relativo ao gênero comumente conhecido como Notícia de Popularização da Ciência. A segunda parte trata do experimento em que esse modelo sintético foi empregado no Ciclo de Ensino-

Aprendizagem em uma Oficina de produção de textos da Notícia para, dessa forma, cumprir o objetivo principal da pesquisa, qual seja, oferecer um modelo de produção de texto sintético como subsídio para a aplicação na Pedagogia de Gênero. Para sua realização, o projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, que foi cadastrado na Plataforma Brasil CAAE 48122621.3.0000.5346 e aprovado pelo parecer 4.844.178 CEP/UFSM.

Em linhas gerais, os passos da pesquisa podem ser arrolados da seguinte forma:

1. Modelagem da síntese textual da Notícia de Popularização da Ciência
2. Produção de um texto de Notícia de Popularização da Ciência (Escrita 1);
3. Oficinas para a implementação do Programa R2L para o ensino da escrita de texto de Notícia de Popularização da Ciência a partir da modelagem de texto;
4. Produção de um texto de Notícia de Popularização da Ciência (Escrita 2);
5. Comparação entre a Escrita 1 e 2 por meio da distância entre os valores de cada texto.

3.1 Metodologia para a modelagem da síntese textual

Para a metodologia da modelagem foi, em primeiro lugar, realizada a compilação de um corpus significativo. Como critério de compilação, adotou-se a tipologia da língua no contexto de cultura (Matthiessen *et al*., 2008), as famílias de gêneros (ROSE, 2009b) e a relação das atividades sociais com a produção de textos.

Em seguida, procedeu-se à análise dos textos do corpus. Para cada sistema linguístico, estabeleceu-se um nível de delicadeza para a escolha das funções com base nas descrições existentes. Os recursos foram descritos como sistemas particularizados do corpus. Assim, um gênero, para efeitos de metodologia, foi composto pela descrição que se limita ao corpus, fato que permitiu recuperar os recursos que se tornam elementos de individualização dos textos e, assim, estabelecer uma generalização de maior probabilidade para a síntese.

Uma vez identificados os recursos linguísticos, um modelo com base na frequência e relevância no uso segundo parâmetros de organização linguística foi estabelecido. Para tanto, foi necessário determinar o perfil dos textos, ou as ocorrências de todos os recursos encontrados no corpus. O perfil implica extrair da análise dos textos do corpus um levantamento dos sistemas utilizados e sua frequência, o que indica a probabilidade esperada. Uma vez que ainda não se conhece um nível de confiança adequado para este tipo de modelo, adotou-se como ponto de partida arbitrariamente a frequência de probabilidade esperada como 2/3 ou 67%.

(4) $$P_{opção} = \frac{n_{opção}}{n} > 0.67 \leq P \leq 1$$

Em seguida, a variável 'tempo' – medida em orações – foi introduzida ao perfil, e isso possibilitou estabelecer as probabilidades mais frequentes, de forma simultânea, para todos os sistemas que fazem alguma escolha no tempo de uma oração. Igualmente, essa dinâmica possibilitou prever como um conjunto de frequências em um dado momento do desenvolvimento do texto determina as escolhas futuras. Como passo subsequente, a anotação foi convertida em quantidade de *valeur*, para então ser disposta em uma escala a partir da qual foi possível estabelecer a distância relativa entre as orações de cada um dos textos. Com isso, cada texto foi convertido em 'movimento da partícula textual' através do espaço estabelecido pelas escalas de *valeur* e, dessa forma, pôde ser descrito de forma dinâmica.

A descrição dinâmica dos textos permite corrigir os perfis de um texto específico, de forma a explicar como operam as relações entre opções nos diferentes sistemas a cada momento do texto (isto é, a cada co-variação de todos os sistemas durante o período de tempo de uma oração). Com isso, a síntese passou a ser empregada na correção das escolhas menos frequentes por probabilidades mais frequentes, e com isso então criar um modelo de como sintetizar textos a partir da dinâmica de sistemas.

O corpus de Notícia de Popularização da Ciência foi compilado a partir da coleta de nove textos de *websites* dedicados a esse tipo de publicação. Ao se averiguar o propósito social do gênero a partir de dados de análise contextual dos textos do corpus, obteve-se a estrutura genérica de cada texto, o que caracteriza então a Notícia de Popularização como um gênero.

Tabela 1 – Estrutura genérica do corpus compilado

etiqueta	texto	estrutura genérica	tokens
PB_NOT_03	Temperatura média da Terra na Era do Gelo	Título^Lead: ambientação^Lead: detalhamento^Objetivo da pesquisa: apresentação dos objetivos^Objetivo da pesquisa: comentário do pesquisador sobre os objetivos^Metodologia da pesquisa	268
PB_NOT_04	O Último Período Glacial foi caracterizado pelas formações de grandes geleiras	Metodologia da pesquisa^Resultados da pesquisa: apresentação dos resultados^Resultados da pesquisa: comentários do pesquisador sobre a relevância da pesquisa	265
PB_NOT_05	O Acordo de Paris queria manter o aquecimento global a não mais do que 1,5 ºC	Relevância da pesquisa: apresentação da relevância^Relevância da pesquisa: comentários do pesquisador sobre a relevância da pesquisa	214
PB_NOT_06	Capsulas de microbiota fecal	Título^Lead: ambientação^ Lead: detalhamento^Obj. da pesquisa: apresentação do(s) objetivo(s)^Obj. da pesquisa: comentário do pesquisador sobre os objetivos^Metodologia da pesquisa^Resultados da pesquisa: apresentação dos resultados^Resultados da pesquisa: comentários do pesquisador sobre a relevância da pesquisa^Relevância da pesquisa: apresentação da relevância^Relevância da pesquisa: comentários do pesquisador sobre a relevância da pesquisa	642
PB_NOT_08	Uma cientista descobriu um fóssil de dinossauro de 166 milhões de anos	Título^Lead: ambientação^Lead: detalhamento^Comentários do pesquisador sobre o detalhamento^Relevância da pesquisa: apresentação da relevância^Relevância da pesquisa: comentários do pesquisador sobre a relevância da pesquisa	379
PB_NOT_09	A verdadeira idade dos cães	Título^Lead: ambientação^Lead: detalhamento^Obj. da pesquisa: apresentação do(s) objetivo(s)^Resultados da pesquisa: apresentação dos resultados^Metodologia da pesquisa^Obj. da pesquisa: comentário do pesquisador sobre os objetivos^Metodologia da pesquisa^Resultados da pesquisa: apresentação dos resultados.	712
PB_NOT_10	Análise de DNA foi supervisionada pela pioneira no sequenciamento do genoma canino	Metodologia da pesquisa^Resultados da pesquisa: apresentação dos resultados^Relevância da pesquisa: apresentação da relevância^Relevância da pesquisa: comentários do pesquisador sobre a relevância da pesquisa.	402
PB_NOT_12	Comer um abacate por dia pode ajudar a melhorar a saúde intestinal	Título Lead: ambientação^Lead: detalhamento^Comentários do pesquisador sobre o lead^Metodologia da pesquisa^ Resultados da pesquisa: apresentação dos resultados^Resultados da pesquisa: comentários do pesquisador sobre os resultados da pesquisa^ Relevância da pesquisa: apresentação da relevância^Relevância da pesquisa: comentários do pesquisador sobre a relevância da pesquisa.	436
PB_NOT_13	Dados da Agência Nacional de Petróleo	Título^Lead: ambientação^Lead: detalhamento^Explicação: comentário do pesquisador sobre a explicação^Metodologia da pesquisa^Comentários do pesquisador sobre a metodologia da pesquisa^Expectativa para o futuro^Comentário do pesquisador sobre a expectativa para o futuro.	854

A Tabela 1 mostra as etapas do gênero, que, segundo seu propósito social, cumprem o papel de apresentar na forma de notícia uma pesquisa científica, com título e *lead* característicos de notícias e reportagens, mas também com outras etapas típicas do discurso científico, tais como objetivos e resultados.

Uma vez identificadas as etapas e o propósito social dos textos do corpus, o passo seguinte foi realizar a anotação das categorias gramaticais. Cabe ressaltar o fato de que o modelo aqui adotado é pautado pelo uso; com isso, a organização e emprego das categorias gramaticais funciona para realizar o contexto de 'apresentar em forma de notícia uma pesquisa científica' como propósito do gênero. A anotação foi realizada em planilhas eletrônicas para as opções dos sistemas gramaticais da oração (ver Quadro 2).

Quadro 2 – Exemplo de anotação das 3 primeiras orações do texto PB_ NOT_12

ORAÇÃO	classe de oração	TEMA	MODO	MODALIDADE	POLARIDADE	VALIDAÇÃO	VOCATIVO	PROCESSO CIRCUNSTÂNCIA
PB_NOT_12_1 [Comer um abacate por dia] pode ajudar a melhorar a saúde intestinal,	principal_	ñselecttematext_ ñselecttemainterp_ temaP1_	inddeclarativo_	modprobabilidade_	positiva_	ñselectvalid_	ñselectvoc_	materialtransforma_
PB_NOT_12_2 [Comer um abacate por dia]	encaixada_	ñselecttematext_ ñselecttemainterp_ ñselecttemaideac_	ñselectmodo_	ñselectmodal_	ñselectpolaridade_	ñselectvalid_	ñselectvoc_	ñselectprocesso_
PB_NOT_12_3 mostrou um novo estudo da Universidade de Illinois, nos Estados Unidos.	principal_	ñselecttematext_ ñselecttemainterp_ temaprocess_	inddeclarativo_	ñselectmodal_	positiva_	ñselectvalid_	ñselectvoc_	verbalprojeção_ circlocal1_ circlocal2_

Após a anotação, foi então calculado o *valeur* (*cf*. Seção 2) para cada opção dos sistemas e, em seguida, as tabelas de anotação foram substituidas por outras com os modelos de potencial de significado de cada texto.

Tabela 2 – exemplo do cálculo do *valeur* (sistema de tipo de processo)

		valeur		*valeur*		*valeur*		*valeur*		*valeur*		*valeur total*
nível de delicadeza →	**1**		**2**		**3**		**4**		**5**		**6**	
processo	não	2									não seleciona	**2**
	sim	2	material	9	transformativo	2					material transformativo	**13**
				9	criativo	2					material criativo	**13**
			pensar	9	mental	2	inferior	2	perceptivo	2	mental perceptivo	**17**
						2		2	emotivo	2	mental emotivo	**17**
						2	superior	2	desiderativo	2	mental desiderativo	**17**
						2		2	cognitivo	2	mental cognitive	**17**
				9	verbal	2	fala	2			verbal fala	**15**
						2	semiose	2	julgamento	2	verbal julgamento	**17**
								2	projeção	2	verbal projeção	**17**
			ser	9	relacional	2	atribuição	2	intensivo	9	relac atrib intensive	**24**
								2	possessivo	9	relac atrib possessivo	**24**
								2	circunstancial	9	relac atrib circunst	**24**
						2	identidade	2			relac identidade	**15**
				9	existencial	2	criação	2			exist criação	**15**
						2	permanência	2			exist permanência	**15**

A etapa seguinte foi identificar por frequência e probabilidade de ocorrência os recursos gramaticais mais importantes que contribuem para a realização do gênero. Reitera-se que a frequência não é absoluta, mas relativa às etapas do gênero, configurando-se, assim, como opções-chave (*keyfeatures*) de sistemas-chave (*keysystems*) para o modelo[1] (*cf*. SAIORO, 2021). Dessa maneira, foi possível obter o modelo, cuja apresentação detalhada pode ser vista na Sub-Seção 4.1 a seguir. Por fim, calculou-se a distância entre as orações em termos de seu *valeur* e a elas introduziu-se a variável 'tempo', ou a mudança na produção de significado a cada nova oração. Entendendo-se que os significados ideacionais, interpessoais e textuais formam 3 paradigmas distintos, a disposição do deslocamento no espaço gramatical por cada unidade de tempo (oração) para o modelo foi modelada, que também será apresentada na Sub-Seção 4.1.

3.2 Metodologia para o experimento da oficina de produção de textos

Para o experimento em que se deu a implementação do Ciclo de Ensino-Aprendizagem Ler para Aprender, com base no modelo sintético elaborado e com vistas à produção de texto do gênero Notícia de Popularização da Ciência, foram realizadas três Oficinas, com duas horas de duração cada uma. As Oficinas foram todas síncronas, via *Google Meet* e gravadas. Reitera-se que o projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (parecer 4.844.178 CEP/UFSM; Plataforma Brasil CAAE 48122621.3.0000.5346).

Os participantes, voluntários da pesquisa, foram ao todo seis acadêmicos, entre graduação e pós-graduação nas áreas de Letras e Tradução, que aceitaram o convite feito por e-mail para participar do experimento. Após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os participantes receberam um texto científico de base, intitulado "Influências das tecnologias de IA no ensino" (VICARI, 2021) para ser lido e, a partir dele, foi solicitado que produzissem um texto de Popularização da Ciência (Escrita 1). As informações da pesquisa, o TCLE, o texto base, a aprovação pelo CEP, as instruções e o texto produzido pelos participantes foram enviados via formulário do *Google Forms* antes da realização da primeira Oficina.

---

[1] OLIVEIRA, tese em preparação.

Dentre as estratégias do Ciclo, conforme já mencionado na seção sobre o Ler para Aprender, inicia-se sempre pela estratégia de *Preparação para a Leitura*. Porém, em relação às demais estratégias, não há o pré-estabelecimento de uma ordem fixa, dependendo assim, da demanda e da percepção do professor em relação à necessidade da turma em repetir, voltar, intensificar ou adiantar alguma estratégia.

No caso da presente pesquisa, por tratarem-se de participantes com proficiência na escrita, uma vez que são todos graduandos ou pós-graduandos, definiu-se por não implementar as estratégias de Nível 3 de suporte voltado à escrita de orações, ortografia e formação e escrita de orações. As estratégias selecionadas para a pesquisa foram: Preparação para a Leitura; Leitura Detalhada; Reescrita Conjunta; Construção Individual.

Na primeira Oficina ocorreu a implementação da Preparação para a Leitura. A Oficina teve início com a apresentação em *Power Point* do texto sintético produzido a partir do mesmo texto recebido pelos participantes via *Google Forms*, servindo como o modelo do gênero Notícia de Popularização da Ciência, com base na frequência e relevância no uso segundo parâmetros de organização linguística. Antes do início da Oficina os participantes receberam esse mesmo texto por *e-mail* para poderem acompanhar a leitura de forma impressa ou em um editor de textos, conforme a preferência.

A Preparação para a Leitura é uma estratégia pensada para dar suporte aos alunos a fim de que leiam textos do currículo a partir da desconstrução de um texto modelo. Nesta estratégia de Preparação para a Leitura, o texto sintético *As IAs e sua aplicação no sistema educacional do futuro* foi apresentado aos participantes como sendo representante de um gênero específico – o gênero Notícia de Popularização da Ciência – que tem como propósito social típico, atrair um público não-especialista para tomar parte na comunidade de admiradores/simpatizantes da ciência. Faz parte da estratégia de Preparação para a Leitura verificar o conhecimento prévio dos alunos em relação ao assunto e fazer um breve resumo do texto. Como o foco dessa estratégia é a estrutura do texto como um todo, o enfoque direcionou-se para a organização do gênero em relação às etapas que constituem uma Notícia de Popularização da Ciência.

Na projeção dos *slides* foi inicialmente apresentado um quadro representativo da estrutura genérica em etapas: Título ^ Objetivo da Pesquisa ^ Metodologia da Pesquisa ^ Resultado da Pesquisa ^ Relevância da Pesquisa, bem como sua respectiva subdivisão em fases, como pode ser visto no Quadro 4.

Quadro 4 - Etapas e fases do Gênero Notícia de Popularização da Ciência

Gênero	Etapas	Fases
Notícia de Popularização da Ciência	Título	-
	Lead	ambientação
		detalhamento
	Objetivo(s) da pesquisa	apresentação do(s) objetivo(s)
		comentário do(a) pesquisador(a) sobre o(s) objetivo(s) da pesquisa
	Metodologia da pesquisa	descrição da metodologia
	Resultado(s) da pesquisa	apresentação do(s) resultado(s)
		comentário do(a) pesquisador(a) sobre o(s) resultado(s) da pesquisa
	Relevância da pesquisa	apresentação da relevância
		comentário do(a) pesquisador(a) sobre a relevância da pesquisa

A estratégia seguinte implementada foi a Leitura Detalhada. Ao longo da implementação, os participantes da Oficina foram orientados a prestar atenção às etapas e às fases constituintes desse gênero textual à medida em que acontecia a leitura em voz alta e a desconstrução do gênero. Também era orientado que os participantes destacassem no texto os fraseados com as informações principais de cada parágrafo e os trechos que transmitiam a essência/papel de cada fase, de acordo com o Quadro 4.

Os fraseados eram destacados no *Power Point*, para servir como guia, e os participantes que estavam acompanhando a leitura em PDF, em seus dispositivos eletrônicos ou computadores, foram orientados a utilizar a ferramenta "caneta marca-texto" de um programa de editor de texto, uma vez que a atividade se deu toda de forma remota e o texto foi enviado aos participantes em PDF por *e-mail*. Essa foi uma adaptação feita à metodologia proposta pelo Programa *Ler para Aprender,* que foi originalmente idealizado para contextos presenciais. Era verificado se os fraseados destacados eram os mesmos que os destacados pelos ministrantes da Oficina. Era feita orientação para que destacassem as informações principais dos parágrafos para, posteriormente, serem usadas em outra estratégia.

Na segunda Oficina, finalizada a Leitura Detalhada do texto, foi implementada a próxima estratégia selecionada: a Reescrita Conjunta. Na Reescrita Conjunta, os participantes são orientados a se apropriarem do que aprenderam com a Leitura Detalhada para escrever um novo trecho. Para gêneros factuais, a Reescrita começa com anotações referentes à cada etapa e fase, fazendo uso dos fraseados destacados naquela passagem. O professor, na sequência, orienta a turma para criar

um novo texto, de forma conjunta, oração por oração, recorrendo às anotações. Nessa estratégia o professor está orientando os participantes a fazerem escolhas linguísticas complexas, entrelaçadas nos níveis de registro, discurso e gramática. Normalmente, em um contexto presencial, os alunos se revezam para escrever tanto as anotações quanto novos textos no quadro da sala de aula, com a orientação do professor. Aqui, o recurso utilizado foi o *jam board* do *Google* como ferramenta de escrita conjunta simultânea.

Por fim, na terceira Oficina, após a Reescrita Conjunta, foi solicitado aos participantes que fizessem a próxima estratégia da *Construção Individual* produzindo um texto de Popularização da Ciência a partir de um outro texto que receberam como tarefa após a Oficina e que enviassem suas tarefas por meio de um formulário do *Google Forms* recebido logo após o término da Oficina. Dessa vez, para a Escrita 2, o artigo científico escolhido para ser popularizado foi: "Repensando o desenvolvimento da compentência tradutória e suas implicações para a formação do tradutor" (GONÇALVES, 2015).

4 Análise e Resultados

Esta seção se divide em três partes. Na primeira, serão apresentados os resultados relativos à modelagem do texto sintético, que serviu como parâmetros para a produção de textos no experimento. Na segunda, são apresentados os resultados relativos à produção textual da Escrita 1, que foi realizada antes da Oficina. Por fim, na terceira parte, são apresentados os resultados atinentes à produção da Escrita 2, pós-Oficina. Em todas as três partes os resultados incluem o cálculo do *valeur* e a dinâmica do deslocamento no espaço gramatical, que, dessa maneira, puderam ser cotejados com o modelo do texto sintético.

4.1 Modelagem do texto sintético

Dando sequência às informações apresentadas na Seção 3 sobre a modelagem do texto sintético, é necessário reiterar que esse resultou da análise dos textos componentes do corpus somada ao cálculo das probabilidades maiores para as opções sistêmicas relativamente aos estágios do gênero. Dessa maneira, o texto sintético não é nenhum texto em particular, mas, de maneira diferente, é apenas uma generalização otimizada das seleções nos sistemas-chave. Para a realização da Oficina,

produzimos um texto sintético como forma de modelar ilustrar as atividades, principalmente da Leitura Detalhada. A seguir, apresentam-se as características mais relevantes do texto sintético, que posteriormente puderam embasar a Oficina. E, uma vez que o texto sintético "não existe" enquanto um texto "do mundo real" produzido espontaneamente, serão utilizados exemplos retirados de outros textos do corpus e do sintetizado como suporte à Oficina que possuem a mesma configuração que o texto sintético preconiza. Igualmente, os resultados serão apresentados seguindo as etapas dos do gênero.

Título. O propósito social desta etapa é ser chamativo ao mesmo tempo que resume o conteúdo da notícia. Deve criar engajamento com o leitor. Esta etapa não possui fases, nem configuração gramatical da oração, mas apenas do grupo nominal com orações ou Circunstâncias encaixadas. Por exemplo:

(1) As IAs e sua aplicação no sistema educacional do futuro.

Dessa forma, possui um *valeur* relativamente menor, por arrigementar menos sistemas gramaticais. Sua configuração prototípica é:

no. das orações	PROC	CIRC 1	CIRC 2	T TEXT	T INTERP	T IDEA	MODO	MODALID	POLAR	VALID	VOC	classe de oração	etapa do gênero	*valeur*
MOD_01	2	2	2	2	2	2	2	2	4	2	2	4	título	28

Lead. Esta etapa possui duas fases – ambientação e detalhamento. O propósito social da ambientação é engajar o leitor através de um pequeno resumo da pesquisa que será popularizada. Esta fase possui em média 3 orações e seu sistema-chave é o TIPO DE PROCESSO, com a opção de [verbal: projeção]. As funções de Participante verbal involvem a pesquisa como P1 (Dizente) e as atividades da pesquisa, incluindo resultados, como P2 (Verbiagem ou Citação). Por exemplo:

(2) Estudo clínico propõe novo tratamento para que pessoas com obesidade abdominal e colesterol anormalmente alto evitem recuperar peso perdido após meses de dieta.

Sua configuração mais provável é apresentada a seguir. Note-se que o *valeur* 17 para o processo (destacado em negrito) é justamente o da projeção verbal.

no. das orações	PROC	CIRC 1	CIRC 2	T TEXT	T INTERP	T IDEA	MODO	MODALID	POLAR	VALID	VOC	classe de oração	fases das etapas do gênero	*valeur*
MOD_02	**17**	2	2	2	2	6	8	2	4	2	2	4	ambientação	53
MOD_03	13	64	14	11	2	6	8	13	4	2	2	4	ambientação	143
MOD_04	24	64	2	11	2	2	2	2	4	2	2	4	ambientação	121

A fasedo detalhamento do *Lead* tem o propósito de apresentar a instituição onde foi realizada a pesquisa e elaborar as informações apresentadas. Com média de 6 orações, os sistemas-chave dessa fase são TIPO DE PROCESSO com a opção de [verbal: projeção], TEMA TEXTUAL opções [conjuntivo] e [continuativo], TEMA IDEACIONAL [default] e CIRCUNSTANCIAÇÃO [localização] e [assunto]. Por exemplo:

(3) Pesquisadores da Universidade Ben-Gurion (BGU) de Neguev, em Israel, mostraram que consumir cápsulas do microbioma de suas próprias fezes pode limitar o ganho de peso durante uma dieta.

A configuração sintética para esta fase é (destaque em negrito para os sistemas-chave):

no. das orações	PROC	CIRC 1	CIRC 2	T TEXT	T INTERP	T IDEA	MODO	MODALID	POLAR	VALID	VOC	classe de oração	fases das etapas do gênero	*valeur*
MOD_05	**13**	**64**	**64**	2	2	**6**	8	2	4	2	2	4	detalhamento	173
MOD_06	**13**	**64**	**64**	**11**	2	17	6	**13**	4	2	2	17	detalhamento	215
MOD_07	**17**	2	2	2	2	**6**	8	2	4	2	2	4	detalhamento	53
MOD_08	**13**	2	2	**11**	2	**6**	8	2	4	2	2	4	detalhamento	58
MOD_09	**13**	**64**	2	**11**	2	17	6	2	4	2	2	17	detalhamento	142
MOD_10	**13**	2	2	2	2	2	2	**13**	4	2	2	4	detalhamento	51

Objetivos. Esta etapa se divide em duas fases: a apresentação dos objetivos, com o propósito de citar o local de publicação da pesquisa e trazer mais informações sobre o objetivo da pesquisa, e os comentários do pesquisador, com o propósito de empregar a fala do pesquisador como modo de trazer credibilidade ao trecho da publicação. Os sistemas-chave dessa etapa são TIPO DE PROCESSO [verbal: projeção], TEMA TEXTUAL [conjuntivo] e [continuativo], TEMA IDEACIONAL [default] e [intensivo], MODALIDADE [probabilidade] e [frequência], CIRCUNSTANCIAÇÃO [localização]. Por exemplo:

(4) Artigo publicado na revista Cell Systems descreveu a análise do DNA de 104 animais da raça labrador, de 0 a 16 anos, para traçar um paralelo mais preciso entre o envelhecimento canino e humano... “Todos os mamíferos passam por Etapas semelhantes na vida: embriogênese, nascimento, infância, juventude, adolescência, maturidade e senescência” explica a veterinária Maria Lucia Zaidan Dagli, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP).

As configurações provavéis são:

no. das orações	PROC	CIRC 1	CIRC 2	T TEXT	T INTERP	T IDEA	MODO	MODALID	POLAR	VALID	VOC	classe de oração	etapa/fase do gênero	*valeur*
MOD_11	**17**	**64**	2	2	2	**6**	8	2	4	2	2	4	objetivo apresentação	115
MOD_12	**13**	2	2	**11**	2	2	2	**13**	4	2	2	4	objetivo apresentação	59
MOD_13	**13**	**64**	**64**	2	2	**6**	8	2	4	2	2	17	objetivo apresentação	186
MOD_14	24	2	2	2	2	**6**	8	2	4	2	2	4	objetivo apresentação	60
MOD_15	**13**	2	2	2	2	**6**	8	2	4	2	2	4	objetivo apresentação	49
MOD_16	**13**	2	2	2	2	**6**	8	**13**	4	2	2	4	objetivo apresentação	60
MOD_17	**17**	2	2	2	2	**6**	8	2	4	2	2	4	objetivo comentário	53
MOD_18	**13**	2	2	**11**	2	**6**	8	2	4	2	2	4	objetivo comentário	58
MOD_19	**13**	2	2	**11**	2	2	2	**13**	4	2	2	4	objetivo comentário	59
MOD_20	24	2	2	**11**	2	2	2	2	4	2	2	4	objetivo comentário	59
MOD_21	**17**	2	2	2	2	**17**	8	2	4	2	2	4	objetivo comentário	64

Metodologia de pesquisa. O propósito desta etapa é o de explicar como foi feita a pesquisa, sendo realizada por uma média de 4 orações. Os sistemas-chave desta incluem TEMA IDEACIONAL [intensivo: circunstancial] e TIPO DE PROCESSO [material]. Por exemplo:

(5) Por meio de uma técnica de assimilação, eles combinaram as informações fósseis com modelos de simulações climáticas da época.

As configurações dessa etapa para o modelo são:

no. das orações	PROC	CIRC 1	CIRC 2	T TEXT	T INTERP	T IDEA	MODO	MODALID	POLAR	VALID	VOC	classe de oração	etapa do gênero	*valeur*
MOD_22	15	2	2	2	2	6	8	2	4	2	2	4	metodologia	51
MOD_23	**13**	2	2	2	2	**17**	6	2	4	2	2	17	metodologia	71
MOD_24	**13**	**64**	2	2	2	6	8	2	4	2	2	4	metodologia	111
MOD_25	**13**	**64**	2	2	2	**17**	6	2	4	2	2	17	metodologia	133

Resultados. Essa etapa possui duas fases – apresentação dos resultados e comentários do pesquisador sobre os resultados. Tendo como configurações recorrentes mais relevantes TIPO DE PROCESSO [verbal: projeção], [mental: projeção] e [relacional: atributo], MODALIDADE [comentário], CIRCUNSTANCIAÇÃO [localização] e TEMA TEXTUAL [conjuntivo] e [continuativo]. Essa etapa possui em média 9 orações. Como exemplo, cita-se:

(6) Entretanto, durante os testes, a IA avançou pouco em resultados práticos escaláveis quando se fala em acompanhar o raciocínio do aluno para além de exercícios de lógica durante a solução de outros tipos de problema… "grande parte dessas tecnologias já é utilizada de forma integrada, imperceptível e agradável ao usuário, que é o que

esperamos expandir para a educação em um futuro próximo", comenta a pesquisadora.

Sua configuração no modelo é:

no. das orações	proc	circ 1	circ 2	t text	t interp	t idea	modo	modalid	polar	valid	voc	classe de oração	etapa/fase do gênero	*valeur*
MOD_26	13	**64**	2	**11**	2	6	8	2	4	2	2	4	resultados apresentação	120
MOD_27	13	**64**	2	**11**	2	6	6	**13**	4	2	2	8	resultados apresentação	132
MOD_28	**24**	**64**	2	2	2	6	8	2	4	2	2	4	resultados apresentação	122
MOD_29	13	2	2	2	2	6	8	**13**	4	2	2	4	resultados comentário	60
MOD_30	**24**	**64**	2	**11**	2	6	6	**13**	4	2	2	8	resultados comentário	144
MOD_31	**15**	2	2	2	2	6	8	2	4	2	2	4	resultados comentário	51
MOD_32	13	**64**	**64**	2	2	6	8	**13**	4	2	2	4	resultados comentário	184
MOD_33	13	2	2	**11**	2	6	8	2	4	2	2	8	resultados comentário	62
MOD_34	**17**	2	2	2	2	17	6	**13**	4	2	2	4	resultados comentário	73

Por fim, a relevância da pesquisa apresenta configuração semelhante aos resultados, com uma fase de apresentação e outra de comentário do pesquisador. Seus sistemas-chave são os mesmos da etapa anterior, porém inclui-se aqui também TEMA TEXTUAL [conjuntivo] e [continuativo], TEMA IDEACIONAL [intensivo: circunstancial] e MODALIDADE [probabilidade]. Por exemplo:

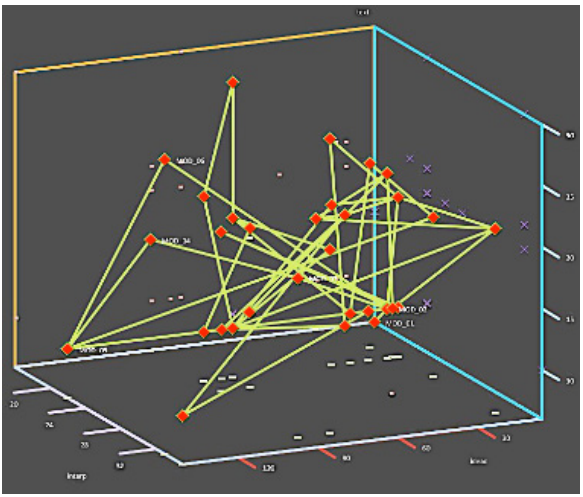
(7) Segundo o novo estudo, para cada duplicação do carbono atmosférico, a temperatura global deve aumentar em 3,4 ºC – valor que está de acordo com a média prevista por outros modelos climáticos, que fica entre 1,8 e 5,6 ºC. Na era do gelo, os níveis de dióxido de carbono eram cerca de 180 partes por milhão, o que é muito baixo… "O Acordo de Paris queria manter o aquecimento global a não mais do que 1,5 ºC em relação aos níveis pré-industriais, mas com os níveis de dióxido de carbono aumentando do jeito que estão, seria extremamente difícil evitar mais de 2 ºC de aquecimento", disse Tierney.

E sua configuração é:

no. das orações	PROC	CIRC 1	CIRC 2	T TEXT	T INTERP	T IDEA	MODO	MODALID	POLAR	VALID	VOC	classe de oração	etapa/fase do gênero	*valeur*
MOD_35	17	16	2	2	2	6	8	2	4	2	2	4	relevância apresentação	67
MOD_36	13	64	2	**11**	2	6	8	2	4	2	2	4	relevância apresentação	120
MOD_37	13	64	2	**22**	2	6	8	2	4	2	2	4	relevância apresentação	131
MOD_38	24	64	2	2	2	**17**	8	2	4	2	2	4	relevância apresentação	133
MOD_39	13	64	2	2	2	6	8	2	4	2	2	4	relevância resultados	111
MOD_40	24	16	2	**11**	2	6	8	2	4	2	2	4	relevância resultados	83
MOD_41	13	2	2	**11**	2	6	8	2	4	2	2	4	relevância resultados	58
MOD_42	13	2	2	2	2	**17**	6	2	4	2	2	17	relevância resultados	71
MOD_43	24	2	2	**11**	2	2	2	2	4	2	2	4	relevância resultados	59
MOD_44	17	2	2	2	2	**17**	8	2	4	2	2	4	relevância resultados	64

Após o cálculo da distância entre as orações e sua disposição no espaço gramatical e, concomitantemente, a introdução da variável 'tempo' como deslocamento nesse espaço, a representação dinâmica do modelo de texto sintético se encontra na Figura 2. Essa figura mostra em qual região do espaço gramatical um significado foi produzido. Os eixos x (ideacional), y (interpessoal) e z (textual) indicam a quantidade de *valeur* por cada escala. Os pontos vermelhos indicam configurações de orações e as linhas verdes a trajetória entre eles. A ordem das orações indica a passagem de tempo.

Figura 2 – Deslocamento no espaço gramatical do modelo de texto sintético de notícia de popularização da ciência



Fonte: Autoria própria.

4.2 Produção da Escrita 1

Como parte do experimento, os informantes da pesquisa produziram um primeiro texto de Popularização da Ciência, antes mesmo de participarem da Oficina e, portanto, sem ter o modelo do texto sintético como guia. O experimento foi realizado por 6 informantes, que produziram consequentemente um total de 6 textos, cujas configurações são discutidas a seguir em comparação com o texto sintético. Cada texto da Escrita 1 recebeu o rótulo de 'Delta', justamente pela expectativa de variação relativa ao Sintético. Ressalta-se ainda que os textos dos informates não foram corrigidos, uma vez que consideramos a sua produção original.

4.3 *Estrutura Genérica Escrita 1*

A estrutura genérica dos textos Delta foi bastante distinta daquela do modelo sintético, sendo o motivo principal a escolha pela família de gêneros explicativos e descritivos, cujo propósito social é classificar propriedades, relações de causa e efeito, e descrever elementos do objeto da pesquisa científica (no caso, a Inteligência Artificial), não havendo, portanto, o intuito de narrar os eventos de uma pesquisa científica. Na comparação com o modelo, a estrutura genérica dos textos Delta possui apenas os algumas das etapas da Notícia de Popularização da Ciência.

Os textos Delta 1 e Delta 5 possuem apenas as três primeiras etapas e com configurações linguísticas bastante distintas. Já os Delta 2 e 4 possuem apenas as duas primeiras etapas, sendo que a porção de texto com um propósito semelhante ao *Lead* tem 42 orações no Delta 2 e 61 no 4. Os textos Delta 3 e 6 apresentam as 4 primeiras etapas da Notícia. Se a segunda etapa do gênero – o *Lead*, cujo propósito é engajar o leitor por meio de um pequeno resumo da pesquisa – for tomada como exemplo, observa-se a diferença com o modelo.

(8.1) *Lead* do texto sintético

Estudos apontam que a Criatividade Computacional pode trazer os próximos avanços na educação com algoritmos que acompanham o raciocínio do aluno durante a resolução de problemas.

(8.2) Lead de Delta 1

Mas qual o conceito por trás de uma IA? Seria o de imitar a forma como os seres humanos pensam e embutir em máquinas? Como ressalta Vicari, até o início de 1956 essa era a ideia. Hoje, porém, a busca é pela criação de arquiteturas híbridas, ou seja, formas de conhecimento que conversam entre si e que tem autonomia e que tem autonomia. Não é

simplesmente uma mimetização, de como pensamos, mas uma forma de inteligência capaz. De aprender por conta própria. É fácil, portanto, perceber como essa tecnologia poderia ser utilizada na educação. Chips cerebrais com conhecimentos específicos poderiam ser desenvolvidos e implantados em qualquer ser humano, por exemplo. Mas isso ainda está por vir.

(8.2) Lead de Delta 6

A Inteligência Artificial, ou IA, é uma tecnologia [que visa a independência das máquinas em termos de pensamento], ou seja, busca fazer com que as máquinas consigam replicar raciocínios [que, até então, eram limitados aos humanos]. Essa tecnologia, é claro, tem aplicações diversas.

4.4 *Sistemas-chave Escrita 1*

Devido ao fato de não haver uma orientação de modelo para a produção da Escrita 1, cada texto acabou determinando seus próprios sistemas que operariam como chave. O texto Delta 1, por exemplo, utiliza o MODO como sistema-chave, especificamente a opção [interrogativo] como forma de desenvolver as etapas do gênero descritivo. Por exemplo:

(9) Você já se deparou com uma situação em que não conseguia aprender alguma coisa e chegou até a se frustrar depois de horas dedicadas sem tanto sucesso?

(9.1) Mas qual o conceito por trás de uma IA? Seria o de imitar a forma como os seres humanos pensam e embutir em máquinas?

Um outro caso pode ser encontrado no TIPO DE PROCESSO, cujas opções-chave também são diferentes do modelo. No texto Delta 3, por exemplo, as opções [material] e [atribuitivo] são utilizadas no Lead para apresentar a pesquisa, em lugar da opção [verbal: projeção]:

(10) Na última sexta-feira, dia 30 de abril de 2021, **foi publicada**, na revista científica Estudos Avançados da USP (Universidade de São Paulo), uma pesquisa sobre tecnologias da Inteligência Artificial e como elas **impactam** o ensino de jovens e adultos. A Inteligência Artificial, também **chamada** de IA, é um campo das ciências da computação, no qual máquinas **realizam** tarefas [como aprender e raciocinar], assim como a mente humana.

4.5 *Dinâmica do deslocamento no espaço gramatical Escrita 1*

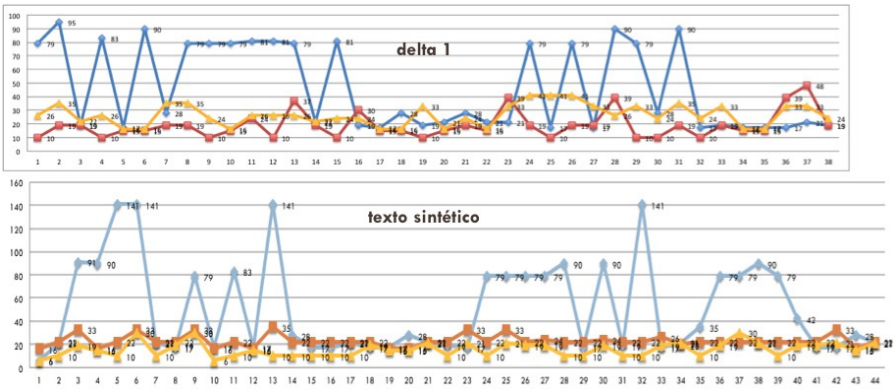
Uma vez que tanto o gênero quanto os sistemas-chave se distanciaram do modelo, o deslocamento no espaço gramatical também

seguiu essa mesma tendência. Assim, a variação na produção de significado entre os textos Delta, e desses com o modelo, foi observada.

Relativamente ao modelo, os textos Delta possuem uma maior amplitude nos tipos de significados que foram produzidos, além de utilizarem mais recursos. Esse fato pode indicar menos controle sobre a produção textual, uma vez que sugere uma variação maior do que seria esperada. Para os sistemas interpessoais, por exemplo, a variação de *valeur* no modelo não ultrapassa 20v, ao passo que nos textos delta, chega próxima a 50v. O mesmo vale para os textuais, que no modelo possuem amplitude de cerca de 25v, ao passo que nos textos delta chega a 40v (que, em ambos os casos, é maior que os 33% considerados na metodologia).

A Figura 3 traz a comparação entre a variação de *valeur* de Delta 1 com o modelo, tanto para cada paradigma separadamente – ideacional (linha azul), interpessoal (linha vermelha), e textual (linha amarela) como em sua combinação no espaço gramatical. A Figura 4 traz a comparação da combinação no espaço gramatical de Delta 1, 2 e 3 com o Sintético.

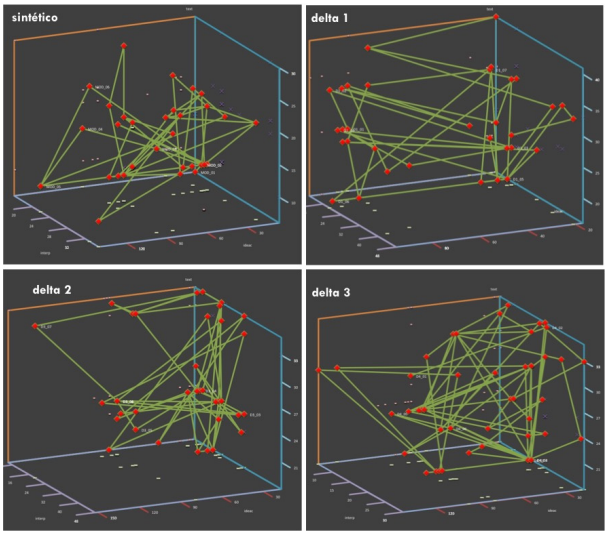
Figura 3 – Comparação de desenvolvimento do valeur por paradigma dos textos Delta 1 e Sintético



Fonte: Autoria própria.

Na Figura 3 é possível observar, para além dos números, que visualmente a variação em Delta 1 é maior do que no texto sintético. Por exemplo, a linha amarela (textual) em Delta 1, em diferentes momentos do texto, fica acima da linha vermelha (interpessoal), ao passo que no sintético as duas linhas correm de forma mais paralela, quase sem variação.

Figura 4 – Deslocamento no espaço gramatical textos Delta 1, 2, 3 e Sintético



Fonte: Autoria própria.

A Figura 4 mostra que os pontos de Delta 1, 2 e 3 estão mais dispersos, e não formam *clusters* de significado – além da dispersão ser diferente para cada um deles. Já no Sintético, os significados estão mais próximos – indicando menor variação, e maior repetição dos mesmos significados, o que aponta para o emprego de sistemas-chave na organização do texto.

4.6 Produção da Escrita 2

Dando sequência ao experimento, após a Oficina, os informantes produziram um segundo texto, agora orientado pelo modelo do texto sintético. Desta vez, 4 informantes participaram da Escrita 2. Os textos desta etapa receberam o rótulo de 'Oficina'. A numeração dos textos foi paralela à Escrita 1. O informante 1 produziu Delta 1 e Oficina 1, e assim sucessivamente.

4.7 *Estrutura Genérica Escrita 2*

A estrutura genérica dos textos 'Oficina' foi bastante semelhante àquela do modelo sintético, principalmente quando comparados com a variação dos textos 'Delta'. Todos apresentaram as etapas e fases do gênero, salvo Oficina 4, que não possui a fase 'comentário' da etapa

'objetivos'. O número de orações por etapa também foi semelhante ao modelo sintético, o que indica um emprego semelhante de recursos e uma forma semelhante de realizar linguisticamente o contexto.

A Figura 5 apresenta todos os textos envolvidos no experimento divididos por estrutura genérica. As colunas indicam os textos e as linhas indicam as orações, etapas e fases. Como é possível observar, a estrutura da Escrita 1 é diferente do Sintético, ao passo que a Escrita 2 se agrupa com o Sintético por se referirem ao mesmo gênero.

Figura 5 – Estrutura genérica dos textos do experimento

	D1	D2	D3	D4	D5	D6	MOD	OF1	OF2	OF3	OF4
1	título	título	título	lead	título	título	título	título	título	título	título
2	título	título	lead	lead	título	título	lead	lead	lead	lead	lead
3	título	título	lead	lead	título	título	lead	lead	lead	lead	lead
4	título	título	obj. apresent	lead	título	título	lead	lead	lead	lead	lead
5	título	título	obj. apresent	lead	lead	título	obj. apresent	lead	obj. apresent	obj. apresent	obj. apresent
6	título	título	obj. apresent	lead	lead	título	obj. apresent	lead	obj. apresent	obj. apresent	obj. apresent
7	título	título	obj. apresent	lead	lead	lead	obj. apresent	obj. apresent	obj. apresent	obj. apresent	obj. apresent
8	título	título	obj. apresent	lead	lead	lead	obj. apresent	obj. apresent	obj. coment	obj. apresent	obj. apresent
9	título	título	obj. apresent	lead	lead	lead	obj. apresent	obj. apresent	obj. coment	metodologia	obj. coment
10	título	título	obj. apresent	lead	lead	lead	obj. apresent	obj. apresent	metodologia	metodologia	obj. coment
11	lead	lead	obj. apresent	título	lead	lead	obj. coment	obj. apresent	metodologia	metodologia	obj. coment
12	lead	lead	obj. apresent	título	lead	obj. apresent	obj. coment	obj. coment	metodologia	metodologia	metodologia
13	lead	lead	obj. apresent	título	lead	obj. apresent	obj. coment	obj. coment	result. apresenta	metodologia	metodologia
14	lead	lead	obj. apresent	título	lead	obj. apresent	obj. coment	obj. coment	result. apresenta	result. apresenta	metodologia
15	lead	lead	obj. apresent	título	lead	obj. apresent	obj. coment	obj. coment	result. apresenta	result. apresenta	result. apresenta
16	lead	lead	obj. apresent	título	lead	obj. apresent	obj. coment	obj. coment	result. apresenta	result. apresenta	result. apresenta
17	lead	lead	obj. coment	título	lead	obj. apresent	metodologia	metodologia	result. apresenta	result. apresenta	result. apresenta
18	lead	lead	obj. coment	título	lead	obj. apresent	metodologia	metodologia	result. apresenta	result. apresenta	result. apresenta
19	lead	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	metodologia	metodologia	result. apresenta	result. apresenta	result. apresenta
20	lead	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	metodologia	metodologia	result. coment	result. apresenta	result. coment
21	lead	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	metodologia	metodologia	result. coment	result. apresenta	result. coment
22	lead	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	result. apresenta	metodologia	result. coment	result. apresenta	result. coment
23	lead	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	result. apresenta	metodologia	result. coment	result. coment	result. coment
24	lead	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	result. apresenta	metodologia	relev. apresent	result. coment	result. coment
25	lead	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	result. apresenta	result. apresenta	relev. apresent	result. coment	relev. apresent
26	lead	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	result. coment	result. apresenta	relev. apresent	result. coment	relev. apresent
27	lead	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	result. coment	result. apresenta	relev. apresent	result. coment	relev. apresent
28	obj. apresent	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	result. coment	result. coment	relev. apresent	result. coment	relev. apresent
29	obj. apresent	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	relev. apresent	result. coment	relev. apresent	result. coment	relev. apresent
30	obj. apresent	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	relev. apresent	result. coment	relev. coment	result. coment	relev. apresent
31	obj. apresent	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	relev. apresent	result. coment	relev. coment	relev. apresent	relev. apresent
32	obj. apresent	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	relev. apresent	relev. apresent	relev. coment	relev. apresent	relev. apresent
33	obj. apresent	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	relev. apresent	relev. apresent	relev. coment	relev. apresent	relev. apresent
34	obj. apresent	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. apresent	relev. apresent	relev. apresent	relev. coment	relev. apresent	relev. apresent
35	obj. apresent	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. coment	relev. apresent	relev. apresent		relev. apresent	relev. apresent
36	obj. apresent	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. coment	relev. apresent	relev. apresent		relev. apresent	relev. coment
37	obj. apresent	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. coment	relev. apresent	relev. apresent		relev. apresent	relev. coment
38	obj. apresent	lead	obj. coment	lead	obj. apresent	obj. coment	relev. apresent	relev. apresent		relev. apresent	relev. coment
39		lead		lead	obj. apresent	obj. coment	relev. coment	relev. apresent		relev. apresent	relev. coment
40		lead		lead	obj. apresent	obj. coment	relev. coment	relev. apresent		relev. apresent	
41		lead		lead	obj. apresent	obj. coment	relev. coment	relev. coment		relev. coment	
42		lead		lead	obj. apresent	obj. coment	relev. coment	relev. coment		relev. coment	
43		lead		lead	obj. apresent	obj. coment	relev. coment	relev. coment		relev. coment	
44		lead		lead		obj. coment	relev. coment	relev. coment		relev. coment	
45		lead		lead		obj. coment		relev. coment			
46		lead		lead		obj. coment		relev. coment			
47		lead		lead		obj. coment		relev. coment			
48		lead		lead		obj. coment		relev. coment			
49		lead		lead		obj. coment		relev. coment			
50		lead		lead		obj. coment					
51		lead		lead		obj. coment					
52		lead		lead		obj. coment					
52		lead		lead		obj. coment					
52		lead		lead							

Fonte: Autoria própria.

Utilizando novamente a etapa Lead como exemplo, verifica-se que foi constituida pelos mesmos recursos que o texto sintético, incluindo suas duas fases de ambientação e detalhamento.

(11.1) Lead de Oficina 1

Estudos apontam que definir e entender o conceito de Competência Tradutória pode ajudar a melhorar programas didáticos para a formação acadêmica de tradutores, embora poucas pessoas no Brasil abordem esse assunto. Pesquisadores da Universidade Federal de Ouro Preto se propuseram a refletir sobre alguns conceitos da literatura da área e de suas implicações para observar como se dá a formação de tradutores no Brasil entre os anos de 2009 e 2014.

(11.2) Lead de Oficina 2

Estudos indicam que reflexões sobre as habilidades de traduzir trazem uma importante base para a criação de currículos e procedimentos pedagógicos para cursos de formação de tradutores. Pesquisadores da Universidade Federal de Ouro Preto propõem uma investigação acerca da estrutura de currículos de cursos de formação de tradutores em busca das subcompetências neles presentes.

(11.3) Lead de Oficina 3

Uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Ouro Preto mostra quais competências são necessárias para ser um bom tradutor e como elas são abordadas pelos cursos de formação de tradutores nas universidades federais brasileiras. O artigo publicado na revista Revista Graphos, da UFPB, desenvolve reflexões sobre conceitos abordados na literatura da área dos estudos da tradução e suas implicações na formação de tradutores realizada pelas universidades federais brasileiras nos últimos anos. Existem diversas iniciativas para compreender teoricamente o que é a competência de um tradutor.

4.8 *Sistemas-chave Escrita 2*

Da mesma maneira como os textos de Oficina seguiram a estrutura genérica do modelo, os sistemas-chave também foram os mesmos, tanto sob o olhar global (como recursos do texto) quanto de forma particularizada, por fases das etapas. Tomando como exemplo a fase 'apresentação' do 'resultados', tem-se como sistemas-chave TIPO DE PROCESSO [verbal: projeção], [mental: projeção] e [relacional: atributo], MODALIDADE [comentário], CIRCUNSTANCIAÇÃO [localização]. Observa-se que esses participam em todos os textos da Oficina.

no. das orações	proc	circ 1	circ 2	t text	t interp	t idea	modo	modalid	polar	valid	voc	classe de oração
MOD	13	**64**	2	**11**	2	6	8	2	4	2	2	4
MOD	13	**64**	2	**11**	2	6	6	**13**	4	2	2	8
MOD	**24**	**64**	2	2	2	6	8	2	4	2	2	4
OF1	13	2	2	**11**	2	6	8	2	4	2	2	6
OF1	**24**	**64**	2	**11**	2	2	2	**13**	4	2	2	8
OF1	17	2	2	**11**	2	6	8	2	4	2	2	4
OF1	15	**64**	2	**11**	2	2	2	2	4	2	2	17
OF2	13	**64**	2	**11**	2	6	8	2	4	2	2	6
OF2	**24**	**64**	2	**11**	2	2	2	2	4	2	2	4
OF2	13	2	2	**11**	2	2	2	**13**	4	2	2	4
OF2	13	2	2	2	2	17	6	2	4	2	2	17
OF3	15	2	2	**11**	2	17	8	2	4	2	2	6
OF3	**24**	2	2	2	2	17	6	2	4	2	2	17
OF3	17	2	2	2	2	6	8	2	4	2	2	6
OF3	13	**64**	2	**11**	2	6	8	**13**	4	2	2	6
OF3	13	2	2	2	2	17	6	**13**	4	2	2	17
OF3	13	2	2	**11**	2	17	6	2	4	2	2	17
OF3	17	**64**	2	2	2	6	8	2	4	2	2	6
OF3	17	2	2	**11**	2	2	2	2	4	2	2	4
OF4	**24**	**64**	2	**11**	2	2	2	2	4	2	2	4
OF4	17	2	2	**11**	2	6	8	2	4	2	2	17
OF4	13	2	2	**11**	2	17	6	**13**	4	2	2	17
OF4	17	**64**	2	**11**	2	17	8	2	4	2	2	17
OF4	**24**	**64**	2	2	2	6	6	2	4	2	2	6

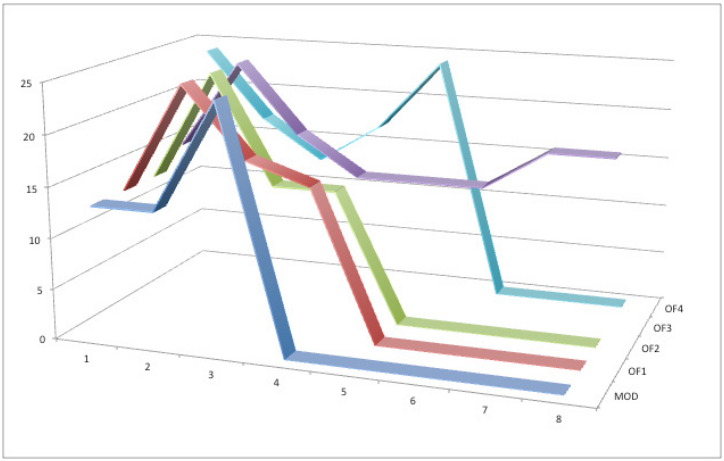
4.9 *Dinâmica do deslocamento no espaço gramatical Escrita 2*

Quanto ao deslocamento, foi possível observar uma consoância com a estrutura genérica e os sistemas-chave do texto. A rigor, o deslocamento pode ser definido como a sequência temporal (i.e., dinâmica) de escolhas nos sistemas-chave da língua que realizam a estrutura genérica. Uma vez que os sistemas-chave para um gênero tendem a ocorrer em menor quantidade dentre todas as escolhas possíveis e que, da mesma forma, tendem a se repetir ao longo do texto, caracterizando as etapas e fases, é previsível que a variação seja menor quando comparada com a variação normal para a língua.

Isso pôde ser observado com os resultados do experimento, nos quais os textos Oficina variaram menos relativamente aos textos Delta, bem como variaram menos entre si. Isso significa que os Oficina formam um grupo cujas características linguísticas e contextuais conservam maior semelhança. O mesmo não pode ser dito sobre os textos Delta, que não

formam um grupo. Como ilustração, a Figura 6 mostra o desenvolvimento do sistema de TIPO DE PROCESSO. É possível perceber, para além dos dados numéricos apresentados acima, que até visualmente, existe semelhança no movimento entre os textos.

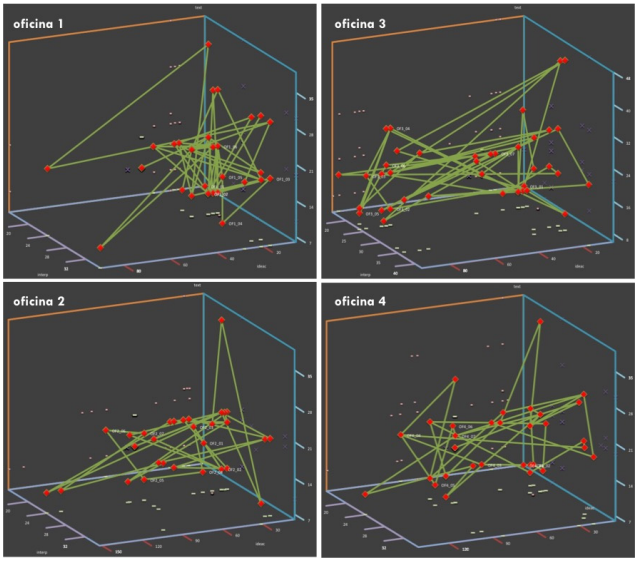
Figura 6 – Comparação do desenvolvimento do tipo de processo nos textos Sintético e da Oficina



Fonte: Autoria própria.

Por fim, o deslocamento no espaço gramatical, considerando-se todos os paradigmas, também mostra maior semelhaça e menos variação entre os textos (Figura 7). Em contraste com os textos Delta (Figura 4), a Figura 7 mostra como os pontos relativos às orações estão menos dispersos e agrupados de maneira semelhante nos textos, o que indica também menor variação na quantidade de *valeur* e, por isso, maior controle na produção do texto e sua adequação ao gênero.

Figura 7 – Deslocamento no espaço no espaço gramatical dos textos da Oficina



Fonte: Autoria própria.

5 Conclusão

Este artigo partiu de um problema da área de Linguística Aplicada ao ensino, que pode ser descrito como a subjetividade na proposição de modelos de texto para implementação do Ciclo de Ensino-Aprendizagem da Pedagogia de Gênero, e propôs um modelo de organização linguística com base no uso que serve para tanto para descrever textos como para selecionar quais poderiam servir como modelo para o ensino.

Mais especificamente, a proposta deste modelo avança na aplicação, porque emprega o conceito de texto sintético como base para o ensino e propõe uma metodologia para modelá-lo. Ao desenvolver a dinâmica de sistemas como passo mais importante da metodologia, o artigo mostrou como modelar um texto sintético que, neste caso, se refere ao gênero de Notícia de Popularização da Ciência. Com isso, o artigo conseguiu cumprir o objetivo de propor um modelo que pode resolver o problema que motivou a realização da pesquisa.

Somando-se a isso, ainda, o artigo promoveu um outro passo, que foi testar a pertinência do texto sintético por meio de um experimento,

que consistiu em realizar uma Oficina de produção de textos na qual se comparam uma primeira escrita livre com a segunda escrita então pautada pelo modelo do texto sintético.

Os resultados mostram que a Escrita 1 variou na estrutura genérica assim como na organização sistêmica, incluindo a dinâmica de produção de significado – o que significa que não seria possível criar um modelo a partir dessa primeira produção. No que diz respeito à Escrita 2, contudo, os resultados mostram que foi diferente da primeira por ter-se constituido como um padrão observável. Os textos produzidos na Escrita 2 seguiram a estrutura genérica do modelo do texto sintético, assim como sua organização linguística.

Ao final do experimento, os resultados sugerem o emprego de modelos de textos sintéticos como base para a implementação do Ciclo de Ensino-Aprendizagem Ler para Aprender no que tange à desconstrução do gênero durante a estratégia de Leitura Detalhada. De forma mais ampla, corroboram a teoria quando formula a organização probabilística do sistema linguístico com base no *valeur* que é produzido para realizar os diferentes contextos.

Como expectativa de impacto para futuras aplicações, a modelagem de textos sintéticos pode ser estendida a outros gêneros, uma vez que o artigo aponta sua potencial eficácia para a desconstrução dos gêneros que circulam nos contextos de ensino, potencializando e viabilizando o trabalho da Pedagogia de Gênero.

Ressalta-se, igualmente, o limite da pesquisa, cujos dados possuem caráter exploratório e, mesmo apontando uma tendência, cumprem ainda apresentar sua significância estatística. De modo complementar, outra necessidade seria aumentar a quantidade de sistemas, em maior delicadeza e em outras ordens e estratos, de forma a incluir sistemas-chave de outros níveis diferentes da gramática oracional.

Declaração de autoria

Giacomo Figueredo coordenou a composição do artigo e participou de sua redação, da modelagem e análise dos dados. Karen Santorum participou da redação do artigo, elaborou e coordenou a execução do experimento e oficina. Nathan Andrade participou da redação do artigo, elaborou e participou da execução do experimento e oficina. Lucas A. Damasceno participou da redação do artigo e participou da modelagem, oficina e análise dos dados.

Agradecimentos

Agredecemos o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq no financiamento a esta pesquisa.

Referências

ALMUTARI, B. A. A. Quantifying Systemic Coupling and Syndrome Using Multivariate Statistical Methods. *Linguistics and the human science,* [S. l.], v. 15, n. 1, p. 1-38, 2020.

BERNSTEIN, B. *The structuring of pedagogic discourse* (class, codes and control). 1. ed. London: Routledge, 1990.

BUNGE, M. *La investigación científica:* su estrategia y su filosofía. Barcelona: Ediciones Ariel, 1969.

CATFORD, J. *A linguistic theory of translation:* an essay in applied linguistics. London: Oxford University, 1965.

CHRISTIE, F. *Language education in the primary years.* Sydney: UNSW Press, 2005.

CHRISTIE, F.; GRAY, P.; GRAY, B.; MACKEN, M.; MARTIN, J. R.; ROTHERY, J. *Language:* a resource for meaning. v. 1-4. Sydney: Harcourt Brace Jovanovich, 1990.

DANEŠ, F. Prague school functionalism as a precursor of text linguistics. *Cahiers de l'ILSL*, Lausanne, n. 5, p. 117-126, 1994.

DIK, S. *Functional grammar.* Amsterdam: North Holland, 1978.

DIK, S. *The theory of functional grammar.* Dordrecht-Holland: Foris, 1989.

DREYFUS, S.; HOOD, S.; STENGLIN. M. *A systemic functional linguistics study analysing how a wide range of modalities, other than language, make and communicate meaning.* London: A&C Black, 2011.

DREYFUS, S.; HUMPHREY, S. MAHBOOB, A.; MARTIN, J. *Genre pedagogy in higher education:* the slate project. Basingstoke: Palgrave, 2016.

EGGINS, S.; MARTIN, J. R. Genres and registers of discourse. *In:* VAN DIJK, T. A. (ed.). *Discourse as structure and process:* a multidisciplinary introduction. London: Sage Publications, Inc, 1997. p. 230–256.

EMILIA, E.; CHRISTIE, F. *Factual genres in English:* learning to write, read and talk about factual information. Bandung: Rizqi Press, 2013.

FIRBAS, J. *Functional sentence perspective in written and spoken communication.* London: Cambridge University Press, 1992.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar.* Amsterdam: J. Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction.* Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

GLEASON, H. *Linguistics and english grammar.* New York: Holt, Rinehart & Winston Ltd, 1965.

GONÇALVES, J. L. V. R. Repensando o desenvolvimento da compentência tradutória e suas implicações para a formação do tradutor. *Revista Graphos,* João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 114-130, 2015.

GOUVEIA, C. A. M. Compreensão leitora como base instrumental do ensino da produção escrita. *In*: SILVA, W. R.; SANTOS, J. S.; MELO, M. A. (org.). *Pesquisas em Língua(gem) e demandas do ensino básico.* Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 203-231.

HALLIDAY, M. A. K. Categories of the theory of grammar. Word, Oxfordshire, v. 17, n. 3, p. 241-292, 1961. DOI: https://doi.org/10.1080/00437956.1961.11659756

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in english, parts 1, 2 and 3. *Journal of Linguistics,* Cambridge, v. 3, n. 1, p. 37-81; v. 3, n. 2, p. 199-244; v. 4, n. 2, p. 179-215, 1967/68.: DOI: https://doi.org/10.1017/S0022226700016613

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English.* London and New York: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K. Text as semantic choice in social contexts. *In*: DIJK, T.; PETÖFI, J. (eds.). *Grammars and descriptions:* studies in text theory and text analysis. Berlim and Nova York: Walter de Gruyter, 1977. p. 176-225.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic:* the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. Some lexicogrammatical features of the "Zero Population Growth Text". *In*: MANN, W.; THOMPSON, S. (eds.). *Discourse description:* diverse linguistic analyses of a fund-raising text. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 327-358.

HALLIDAY, M. A. K. *Introduction to functional grammar.* 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; JAMES, Z. L. A quantitative study of polarity and primary tense in the English finite clause. *In*: SINCLAIR, J.M.; HOEY, M.; FOX, G. (org.). *Techniques of description:* spoken and written discourse (A festschrift for Malcolm Coulthard). London: Routledge, 1993. p. 32-66.

HALLIDAY, M.A.K.; McINTOSH, A., STREVENS, P. *The linguistic sciences and language teaching.* London: Longman, 1964.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *Construing experience through meaning:* a language-based approach to cognition. London: Continuum, 1999.

HALLIDAY, M. A. K. Towards the theory of a good translation. *In*: STEINER, E.; YALLOP, C (eds.). *Exploring translation and multilingual text production:* beyond content. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2001. p. 13-18.

HALLIDAY, M. A. K. *On grammar.* London: Continuum, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. *Complementarities in Language.* Beijing: The Commercial Press, 2008.

HALLIDAY, M. A. K.; GREAVES, W. S. *Intonation in the grammar of English.* London: Equinox, 2008.

HAO, J. *Construing biology:* An ideational perspective. 2015. 481 f. PhD thesis (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Mídia e Comunicação, The University of Sydney, 2015.

HAO, J. *Analysing Scientific Discourse from a Systemic Functional Linguistic Perspective:* A framework for exploring knowledge-building in Biology. London: Routledge, 2020.

HASAN, R. *The nursery tale as a genre*. Nottingham: Linguistic Circular, 1985.

HATIM, B.; MASON, I. *The translator as communicator.* London: Routledge, 1997.

HERMANSSON, C.; JONSSON, B.; LEVLIN, M.; LINDHÉ, A.; LUNDGREN, B.; SHASWAR, A. The (non)effect of joint construction in a genre-based approach to teaching writing. The Journal of Education Research, Oxfordshire, v. 112, n. 4, p. 483-494, 2019. DOI: https://doi.org/10.1080/00220671.2018.1563038

HOOD, S. Writing discipline: Comparing inscriptions of knowledge and knowers in academic writing. *In*: CHRISTIE, F.; MATON, K. (eds.). *Disciplinarity:* functional linguistic and sociological perspectives. London: Continuum, 2011. p. 106–128.

HYLAND, K. Genre pedagogy: Language, literacy and L2 writing instruction. *Journal of second language writing*, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 148-164, 2007. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jslw.2007.07.005

KARTIKA-NINGSIH, H. *Multilingual re-instantiation:* Genre pedagogy in indonesian classrooms. 2016. 387 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Universidade de Sydney, 2016.

KARTIKA-NINGSIH, H. Language shift: bilingual exchange structure in classroom interactions. *In*: MARTIN, J.; DORAN, Y.; FIGUEREDO, G. (eds,). *Systemic functional language description:* making meaning matter. New York & London: Routledge, 2020. p. 307-330.

LEMKE, J. *Talking science:* Language, Learning and Values. Norwood, NJ: Ablex, 1990.

LEMKE, J. Text production and dynamic text semantics. *In*: VENTOLA, E. (ed.). *Functional and systemic linguistics:* approaches and uses. Berlim: Mouton de Gruyter, 1991.

LEMKE, J. Discourse, dynamics, and social change. *Cultural Dynamics*, Newbury Park, v. 6, n. 1, p. 243-275, 1993. DOI: https://doi.org/10.1177/092137409300600107

LIMA, K.C.S. *Caracterização de registros orientada para a produção textual no ambiente multilíngue:* um estudo baseado em *corpora* comparáveis. 2013. 251 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2013.

MAHBOOB, A.; KNIGHT, N. *Appliable linguistics.* London and New York: Continuum, 2010.

MARTELOTTA, M.; VOTRE; S., CEZÁRIO, M. *Gramaticalização no português do Brasil:* uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MARTIN, J. R. *English text:* system and structure. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MARTIN, J. R. Grammar meets genre: reflections on the Sydney School. *Arts*: the journal of the Sydney University Arts Association, Sydney, v. 22, p. 47-95, 2000.

MARTIN, J. R. Meaning beyond the clause: co-textual relations. *Linguistics and the Human Sciences*, Sheffield, v. 11-2, n. 3, p. 203-235, 2015. DOI: https://doi.org/10.1558/lhs.34711

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Working with discourse:* meaning beyond the clause. London: Continuum, 2007.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations:* mapping culture. London: Equinox, 2008.

MARTIN, J. R. *Genres and language learning:* a social semiotic perspective. Linguistics and education, Amsterdam, v. 1, n. 1, p. 10-21, 2009. DOI: https://doi.org/10.1016/j.linged.2009.01.003

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genres and text:* living in the real world. *Indonesian Journal of Systemic Functional Linguistic*, Bandung,v. 1, n. 1, p. 1-21, 2012.

MARTIN, J. Discourse semantics. *In:* THOMPSON, G.; BOWCHER, W.; FONTAINE, L.; SCHÖNTHAL, D. (eds.). *The Cambridge handbook of systemic functional linguistics.* London: Cambridge University Press, 2019. p. 358-381.

MATHESIUS, V. Functional linguistics. *In*: VACHEK, J.; DUŠKOVÁ, L. *Praguiana:* some basic and less known aspects of the prague linguistic school. Amsterdam: John Benjamins, 1983.

MATHESIUS, V. On some problems of the systematic analysis of grammar. *In:* VACHEK, J. (ed.). *A Prague school reader in linguistics.* Bloomington: Indiana University Press, 1964. p. 306-319.

MATTHIESSEN, C. Register in the round: diversity in a unified theory of register analysis. *In*: GHADESSY, M (ed.). *Register analysis:* practice and theory. London: Pinter, 1993. p. 221-292.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. *et al*. *The Multex generator and its environment:* application and development. Proceedings of the International Generation Workshop '98, August '98, Niagara-onthe-Lake, 1998. p. 228-237.

MATTHIESSEN, C.; TERUYA, K.; WU, C. Multilingual studies as a multi-dimensional space of interconnected language studies. *In*: WEBSTER, J. (ed.). *Meaning in Context:* implementing intelligent applications of language studies. London and New York: Continuum, 2008. p. 146-220.

NESBITT, C.; PLUM, G. Probabilities in a systemic functional grammar: the clause complex in English. *In*: FAWCETT, R.; YOUNG, D. (eds.). *New Developments in Systemic Linguistics:* Theory and Applications. London: Frances Pinter, 1989. p. 6-39.

NEVES, M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*, São Paulo, v 38, p. 109-127, 1994.

NEVES, M. *Gramática de usos do português.* São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, F. S. *Gêneros do discurso de autocuidado em saúde:* uma análise da covariação no espectro experto a leigo. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Belo Horizonte: Faculdade de Letras, em preparação.

PLUM, G.; COWLING, A. Social constraints on grammatical variables. *In:* STEELE, R. THREADGOLD, T. (eds.). *Language topics:* essays in honour of Michael Halliday, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987. p. 281-306.

RAMÍREZ, A. Reading to learn, learning to teach: Emergent bilingual parents read in English to their young emergent bilingual children at home. *In*: CALDWELL, D.; MARTIN, J. R.; KNOX, J. (eds.). *Developing Theory*: A Handbook in Appliable Linguistics and Semiotics. London: Bloomsbury, no prelo.

RAMÍREZ A., MOYANO E. I., MARTIN J. R. A language-based theory of learning in the disciplines and for acting in social life. *Íkala*, Medellín, p. 11-17, 2021. DOI: https://doi.org/10.17533/udea.ikala.v26n01a12

ROSE, D. *Beyond literacy:* building an integrated pedagogic genre. Australian Systemic Functional Linguistics Association Conference, Brisbane, 2009a. p. 1-20.

ROSE, D. Writing as linguistic mastery: the development of genre-based literacy pedagogy. *In*: MYHILL, D.; BEARD, D.; NYSTRAND, M.; RILEY, J. (eds.). *Handbook of writing development.* London: Sage, 2009b. p. 151-166.

ROSE, D. Learning to write, reading to learn: background and development of genre-based literacy improvement projects in Australia. *Lenguaje y textos*, Valencia, v. 46, p. 7-18, 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.4995/lyt.2017.8688

ROSE, D. *Reading to Learn:* Accelerating learning and closing the gap. Sydney: R2L, 2018.

ROSE, D. Building a pedagogic metalanguage in curriculum genres. *In*: MARTIN, J. R.; K. MATON, K.; DORAN, Y. J. (eds.). *Accessing academic discourse:* systemic functional linguistics and legitimation code theory. Abingdon: Routledge, 2020. p. 236-267.

ROSE, D.; MARTIN, J. *Learning to write, reading to learn:* genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School. Sheffield and Bristol: Equinox Publishing Ltd., 2012.

SAIORO, R. *A construção do discurso científico:* os gêneros do discurso científico no português brasileiro. 2021. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Ouro Preto, 2021.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral.* 25 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VICARI, R. M. Influência das tecnologias da inteligência artificial no ensino. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 35, n. 101, p. 74-84, 2021. DOI: https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2021.35101.006

ZAPPAVIGNA, M.; MARTIN, J. R. *Discourse and diversionary justice:* an analysis of youth justice conferencing. London: Palgrave, 2018.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 743-779, 2022

Um estudo de construções com o verbo *deixar* em fala espontânea do português brasileiro: aspectos gramaticais/ discursivos e análise acústica

A study of constructions with the verb deixar *in Brazilian Portuguese spontaneous speech: grammatical/discursive aspects and acoustic analysis*

Luis Filipe Lima e Silva
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo / Brasil
luisf.1397@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-0188-2861

José Carlos Costa
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
carlosjuniorcosta1@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-8265-4195

Sueli Maria Coelho
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
sucoelho@ufmg.br
https://orcid.org/0000-0003-4021-0339

Resumo: Este trabalho analisa o comportamento do verbo *deixar* no português brasileiro utilizando dados de fala espontânea extraídos do *corpus* C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012). Em vista da multifuncionalidade desse verbo, relatada em outros estudos (cf. PINTO, 2008; TRAVAGLIA, 2017), procurou-se observar suas ocorrências, de modo a verificar se sua distribuição, na fala espontânea, é equivalente àquela constatada nos estudos supracitados, que registraram uma maior produtividade desse item como verbo gramatical. No bojo dessa discussão, realizou-se uma análise acústica da construção [*deixa eu*] em comparação com a forma de terceira pessoa do presente do indicativo, a fim de mensurar o grau de redução da construção e verificar se

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.743-779.

ela é mais reduzida tanto do ponto de vista paradigmático em relação à forma [*deixa*], conforme depreende-se do estudo de Bybee *et al*. (2016), como também do ponto de vista sintagmático, isto é, em relação às suas palavras contíguas, o que permitiria atestar efetivamente o seu grau de redução comparado à forma [*deixa*]. A pesquisa revelou que há mais usos do verbo com função discursiva, manifestados pela construção [*deixa eu*], seguidos da função gramatical e da função lexical. Não obstante, considerou-se que a função gramatical não está enraizada no verbo, mas na construção de que ele participa, o que permite assumir que ele passa por um processo de construcionalização. A análise acústica, por sua vez, revelou que a construção [*deixa eu*] é, do ponto de vista sintagmático, mais reduzida do que a forma [*deixa*], o que evidencia que ela se encontra num estágio mais avançado de mudança, caracterizado por sua função de marcador discursivo.

Palavras-chave: construcionalização; discursivização; deixar; redução especial; análise acústica.

Abstract: This paper analyzes the behavior of the verb *deixar* in Brazilian Portuguese using spontaneous speech data extracted from the C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012) *corpus*. Considering the multifunctionality of this verb, reported in other studies (cf. PINTO, 2008; TRAVAGLIA, 2017), we sought to observe its occurrences, in order to verify whether its distribution, in spontaneous speech, is equivalent to that found in aforementioned studies, which reported greater productivity of this item as a grammatical verb. In the midst of this discussion, an acoustic analysis of the construction [*deixa eu*] was carried out in comparison with the third-person form of the present tense, in order to measure the degree of reduction of the construction and verify if it is more reduced from a paradigmatic point of view in relation to [*deixa*], as can be inferred by Bybee *et al*. (2016)'s study, and also from a syntagmatic point of view, i.e., in relation to its contiguous words, which would allow to effectively attest its degree of reduction compared to [*deixa*]. This research revealed that there are more uses of the verb with a discursive function, attested by the construction [*deixa eu*], followed by the grammatical function and the lexical function. Nevertheless, it was considered that the grammatical function is not rooted in the verb, but in the construction which it participates, which allow us to assume that it goes through a constructionalization process. The acoustic analysis, in turn, revealed that the construction [*deixa eu*] is, from a syntagmatic point of view, smaller than the form [*deixa*], which shows that it is at a more advanced stage of change, characterized by its function as a discourse marker.

Keywords: constructionalization; discursivization; *deixar*; special reduction; acoustic analysis.

Recebido em 31 de agosto de 2021

Aceito em 26 de outubro de 2021

Considerações iniciais

É amplamente explorada na literatura linguística a correlação entre frequência de uso e processos de mudança, entre os quais a gramaticalização, que pode culminar, dependendo do estágio do processo, na redução fonética das formas envolvidas (BYBEE, 2006; BYBEE; HOPPER, 2001; CHEN; WU, 2015; HEINE; REH, 1984; HEINE; KUTEVA, 2007; HEINE *et al*. 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; KALDHOL; JOHNSEN, 2021; LEHMANN, 1982; THOMPSON; MULAC, 1991). Buscando contribuir para esse debate, nosso estudo toma como objeto de descrição e análise uma forma verbal muito frequente[1] no Português, qual seja, o verbo *deixar*, buscando verificar se, tal como defendido por Travaglia (2017) e por Pinto (2008), a referida forma é contemporaneamente mais produtiva como verbo gramatical. No bojo dessa discussão, propusemo-nos também a analisar acusticamente a construção [*deixa eu*], concebida como um caso de redução especial, nos termos de Bybee *et al*. (2016), comparativamente à forma de terceira pessoa do presente do indicativo, buscando mensurar a grandeza da redução no contexto do *chunk.* Considerando-se os dois objetivos ora formulados, este artigo está, pois, subdividido em duas partes, na primeira das quais analisamos a funcionalidade de *deixar* em seus usos lexicais, gramaticais e discursivos, e, na segunda, comparamos a análise acústica da forma verbal de terceira pessoa com a do *chunk* [*deixa eu*].

Tomando o mesmo *corpus* utilizado por Bybee *et al*. (2016), a saber, o C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012), exploramos a hipótese de que, em virtude de sua alta frequência, o verbo *deixar* é uma forma multifuncional na língua. Entretanto, acompanhando a proposta de Traugott e Trousdale (2013)[2], acreditamos que tal multifuncionalidade se manifesta não na forma em si, mas nas construções de que ela participa. Desse modo, as funções gramaticais ligadas à marcação do aspecto ou da modalidade e a função discursiva de marcador não configurariam usos gramaticais do verbo contrapostos a seus usos lexicais, conforme categorizaram Travaglia (2017) e Pinto (2008). No que toca à classificação

1 Conforme discutiremos na seção 2, o verbo deixar é o 18º verbo mais frequente do *corpus* C-ORAL-BRASIL I num total de 1309 verbos.

2 Desde Heine (1993), assume-se que não é a forma/item lexical em particular que se gramaticaliza, mas que toda a construção em que a forma/item lexical ocorre se torna gramatical.

adotada para explorar tal hipótese, estamos assumindo, com Martelotta *et al*. (1996, p. 24), que o termo *gramaticalização*

> tem sido usado com vários sentidos. Interessa-nos o sentido em que designa um processo unidirecional segundo o qual itens lexicais e **construções sintáticas**, em determinados contextos passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Um processo em cujo final o elemento lingüístico tende a se tornar mais regular e mais previsível, pois sai do nível da criatividade eventual do discurso para penetrar nas restrições da gramática (grifos nossos).

Segundo nossa hipótese, são construções sintáticas[3] nucleadas pelo verbo *deixar* – e não propriamente o verbo – que se gramaticalizam para marcar noções de aspecto e de modalidade, conforme ilustram, respectivamente, os dados (01) e (02), a seguir[4]:

(1) bfammn05

CAR: [151] essa [/1] essa vida corrida / que eu trabalho muito / mas / *nũ deixo de dar amor / nũ deixo de dar carinho* / né / e / cobro muito dela / cobro mesmo / cê nũ [/1] nũ tá percebendo que a gente tá cobrando / porque hoje tá tudo muito tranqüilo //

(2) bfammn33

ADR: [158] mas *eu / deixava a pessoa escrever* em espanhol //

Aqueles usos que, por seu turno, culminam na perda de restrições gramaticais em detrimento de restrições pragmáticas e interativas

---

[3] Cf. Silva (2017) e Silva e Coelho (2020), para outros casos de mudanças de construções sintáticas.

[4] Todos os dados apresentados neste texto seguem o padrão de transcrição adotado pelo *corpus* utilizado para a pesquisa. A sigla que segue o número do exemplo diz respeito ao texto de onde o exemplo foi extraído. As três letras em caixa alta indicam o participante, o número entre colchetes diz respeito ao número do enunciado. O símbolo [/n] indica *retractings* e 'n', o número de palavras retratadas. O símbolo 'hhh' indica risos. Barras simples marcam uma quebra prosódica percebida como não-terminal, ao passo que barras duplas indicam uma quebra prosódica percebida como terminal, isto é, o fim do enunciado.

ilustram processos de mudança de outra natureza, porque as funções deles resultantes são da ordem não da gramática, mas do discurso. Em face disso, defendemos que a *discursivização*

> deve ser vista como um processo distinto da gramaticalização, pois abrange elementos que funcionam em um campo de atuação mais vasto do que o da gramática, marcando relações entre os participantes ou entre os participantes e seu discurso, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos da gramática (MARTELOTTA *et al*., 1996, p. 156).

É o que se observa, por exemplo, nos dados (03) e (04), abaixo transcritos, em que as construções nucleadas pelo verbo *deixar* são empregadas pelos enunciadores não com o objetivo de pedir permissão/ autorização aos interlocutores para realizar determinado ato, mas com o intuito de assegurar a interação, manter o turno de fala, enquanto (re) organizam o próprio discurso:

(3) bfamcv14

LCS: [119] hhh *deixa eu ver* como eu te explico //

(4) bfamcv24

PLA: [292] *xá eu procurar* aqui //

É importante observar que os usos indicados nos exemplos estão sujeitos à redução especial, nos termos de Bybee *et al*. (2016). Analisaremos acusticamente esses casos na seção 2. Conhecidos nossos objetivos fundamentais e a hipótese que nos propusemos a testar, bem como estabelecida a terminologia na qual se ancora nossa categorização dos dados, passemos à primeira parte de nossa análise, qual seja, a descrição das funcionalidades do verbo *deixar* no Português Brasileiro (PB).

1 Descrevendo os contextos de uso do verbo deixar em dados de fala espontânea do PB: lexicalização, gramaticalização e discursivização

1.1 Metodologia

Conforme já antecipamos na seção precedente, nossa amostragem linguística foi extraída de um *corpus* de referência do português falado informal, o C-ORAL-BRASIL I (http://www.c-oral-brasil.org/), organizado por Raso e Mello (2012). A coleta dos dados foi realizada eletronicamente com o auxílio da plataforma DB-CoM [*Database for Corpora Multimidia*] (MELLO; RASO, 2020), disponível em http://www.c-oral-brasil.org/db-com. Utilizando o recurso de busca da referida plataforma, chegamos a um total de 331 (trezentos e trinta e um) contextos com o verbo *deixar*, dos quais um foi desconsiderado por não nos permitir identificar e/ou recuperar sua função. Nossa análise contempla, pois, um universo de 330 (trezentos e trinta) dados, que foram classificados segundo estes critérios:

*(i) formas lexicais*5: aquelas que prototipicamente se referem ao universo biossocial (significação externa), designando entidades, ações e qualidades. Carregam conteúdo nocional e, portanto, são dotadas da propriedade de seleção argumental:

(5) bfamcv18

CAR: [228] aqui é um envelope que a / Luciana *deixou* na loja //

(ii) formas gramaticais: aquelas que, em virtude de um processo de abstração metafórica, esvaziaram-se de seu conteúdo nocional, perderam propriedade de seleção argumental e assumiram função gramatical (significação interna):

(6) bpubdl04

MUR: [50] mas vai olhando muito seu lado e *vai / deixando ir //*

5 Convém esclarecer que, embora estejamos assumindo que não é a forma, mas a construção, que se torna gramatical, o julgamento de nossa hipótese impõe-nos a categorização de *deixar* enquanto forma lexical, gramatical ou discursiva. Isso se faz necessário não apenas para nos permitir a comparação de nossos resultados com os de Travaglia (2017) e de Pinto (2008), como também para elucidar se as funções gramaticais e discursivas são denotadas pela forma ou pela construção.

(iii) formas discursivas: aquelas que, igualmente esvaziadas de conteúdo nocional, assumem funções discursivo-textuais, referindo-se a partes do texto ou marcando estratégias de interação:

(7) bpubdl06

TAT: [252] *xá eu dá uma conferida* lá dentro //

Considerando-se o modelo da Linguística Centrada no Uso, ao qual nossa perspectiva de análise se alinha, bem como nossa hipótese, segundo a qual as construções nucleadas pelo verbo *deixar* são gramaticais, compete-nos também tratar dos conceitos de *construção* e de *construcionalização.* Concebemos como *construção*, nos termos de Goldberg (1995), o conjunto de formas sequenciais cuja interpretação não é composicional, conforme se depreende da análise deste dado:

(8) bfamdl15

ECR: [176] é Léo que cuida mais / mas mesmo assim / *es já deixaram muito passarinho morrer //*

A noção de causatividade emerge não da forma verbal *deixaram*, mas da sequência [es já deixaram muito passarinho morrer], cujo significado nos leva a compreender que a morte dos pássaros resultou não de uma permissão dos cuidadores, mas de algum tipo de ação (involuntária) por eles praticada que pode ser, inclusive, um descuido em relação a alimentá-los, por exemplo. Nessa perspectiva, não nos parece apropriado afirmar que *deixar* é um verbo causativo, já que a causatividade se manifesta não no verbo lexical, mas na construção de estrutura argumental por ele nucleada.

Entendendo, pois, a língua como um conjunto de construções (DIESSEL, 2019; GOLDBERG, 1995; 2006; SOMMERER; SMIRNOVA, 2020; TRAUGOTT, 2018), a mudança linguística, segundo Traugott e Trousdale (2013), envolve dois tipos de processo: a *mudança construcional*, que consiste nas alterações que afetam uma construção já existente na língua, mas que não leva ao desenvolvimento de uma nova construção, e a *construcionalização*, que consiste na criação de uma construção na língua, o que envolve um novo pareamento de

forma e sentido. No caso específico de nosso objeto de estudo, dá-se a construcionalização cujo núcleo da construção é o verbo *deixar*, conforme passamos a descrever na próxima subseção.

1.2 Descrição dos dados

A categorização dos 330 (trezentos e trinta) dados segundo os critérios descritos e ilustrados em 1.1 sinaliza para a adequação de nossa hipótese, já que identificamos 200 ocorrências (60,60%) em que *deixar* figura como forma lexical, dotada da propriedade de seleção argumental da construção, conforme ilustramos a seguir:

(09) bfamcv18

HER: [181] cê achou um dinheiro que eu *deixei* num livro / lá em casa //

(10) bfamdl20

OSM: [303] *deixa* esse trem aberto //

(11) bpubdl03

GUI: [180] *deixa* o pé um pouquinho pra [/1] pra cá //

As ocorrências de *deixar* gramatical, figurando como verbo auxiliar marcador de noção aspectual, conforme ilustrado pelo dado a seguir, restringem-se a apenas 11 contextos (3.3%) em nossa amostra:

(12) bpubdl02

EUG: [69] mas ele nũ *deixa de ser* legal também //

A terceira categoria congrega as ocorrências de *deixar* como marcador discursivo, conforme ilustrado em (13) e em (14). Estas também se mostraram muito produtivas em nosso *corpus*, alcançando um percentual de 36,10% do total (119 dados):

(13) bfamcv19

RAQ: [227] *deixa eu* dar uma olhadinha //

(14) bfamdl05

CES: [251] *xá eu ver* aqui //

Descrita, numa perspectiva macro, a frequência da forma verbal de que nos ocupamos, cumpre-nos apresentar também uma descrição mais pormenorizada daqueles contextos em que *deixar* ainda carrega conteúdo nocional e participa da seleção argumental da construção, de modo a verificar se, de algum(ns) desse(s) contexto(s), decorre uma função gramatical, sinalizando, assim, um processo de mudança do tipo *construcionalização*, tal como conjecturamos. Isso se faz necessário não apenas para nos permitir avaliar com mais propriedade a pertinência de nossa hipótese, bem como para tentar entender por que a categorização formulada por Travaglia (2017) e por Pinto (2008) é, em tese, fundamentalmente distinta de nossos resultados.

Pinto (2008) relata que, em seu *corpus*[6], identificou apenas uma ocorrência do verbo *deixar* com seu valor lexical básico de "largar", "abandonar". Travaglia (2017), por seu turno, relata que encontrou 09 (nove) valores lexicais do verbo *deixar*[7], mas ilustra apenas cinco acepções, sob o argumento de que, segundo a metodologia adotada, tais valores foram agrupados em um único bloco em contraposição aos valores gramaticais, que constituíam seu escopo de análise. Eis os cinco valores lexicais ilustrados por Travaglia (2017): (i) "separação ou afastamento de algo ou alguém", (ii) "ceder, pôr à disposição", (iii) "conceder, proporcionar, facultar", (iv) "colocar em ou levar a (algum lugar)" e (v) "não privar de, poupar, respeitar, não despojar, não destituir, não roubar". Nossa categorização nos levou a oito acepções lexicais, sendo as duas mais produtivas aquelas relacionadas aos dois sentidos mais básicos ou etimológicos do verbo (Cf. CUNHA, 1982), a saber, (i) "separar-se de, largar, soltar, abandonar" e (ii) permitir", segundo se observa nos valores lexicais quantificados e ilustrados no quadro 1.

---

[6] O *corpus* de Pinto (2008) compõe-se de 57 (cinquenta e sete) ocorrências do verbo *deixar* coletadas em "06 conversas registradas no MSN, em 15 sites diferentes da internet em 2 acareações gravadas no PROCON" (p. 2).

[7] O *corpus* de Travaglia (2017) compõe-se de 399 (trezentos e noventa e nove) ocorrências do verbo *deixar* coletadas em textos orais da segunda metade do século XX e início do XXI (entrevistas do PEUL e inquéritos do NURC) e textos escritos do século XIII ao XXI.

Quadro 1 - Valores lexicais do verbo *deixar* no *corpus*

Valor lexical	**Frequência no *corpus***	**Ilustração**
Largar, soltar, abandonar	61,17%	(bfamcv20) CAD: [269] porque aí nũ *deixa* cicatriz / né// (bfamcv22) JAN: [166] onde que eu *deixei* minhas coisa //
Permitir	23,93%	(bfamdl21) ERN: [202] é / geralmente os lugares que são assim / históricos / museus / igrejas / nũ *deixam* mesmo tirar [foto] //
Manter, conservar	5,85%	(bfamdl12) JMA: [79] aí cê *deixa* a orelhinha dele tampada // (bfamdl06) JHP:[222] ah / vou *deixar* default mesmo //
Causar, provocar	2,12%	(bfamdl30) REN: [179] *deixei* o biscoito cair //
Esperar, aguardar	1,59%	(bfamcv23) CAB: "[107] mas eu *deixo* o [/1] o tempo dela //
Legar bens a herdeiros	1,59%	(bfamdl22) JRM: [71] aí / depois cê acredita / minha filha / que ele *deixou* / um dinheirinho bom pro João Vítor / e / com isso / uma pensão //
Reservar, poupar	1,10%	(bfamdl31) SEU: [239] isso aí *deixa* pa gastar no golo hhh //
Construção/expressão idiomática	2,65%	(bfamcv21) EME: [64] hhh *<deixa pra lá>* //

Fonte: Elaboração própria.

Os dados dispostos no quadro 1 revelam que os usos lexicais do verbo se concentram majoritariamente na acepção mais básica relacionada ao sentido de "largar, soltar, abandonar", que é, inclusive, a base semântica da construção idiomática [deixa pra lá]. Nossa

análise revela ainda que, conforme propusemos, existem determinadas construções nucleadas pelo predicador *deixar* que cumprem função gramatical, confirmando, assim, que não é o verbo, mas a construção que é gramatical, o que nos coloca frente a um processo de mudança linguística do tipo *construcionalização*. A despeito disso, pelo menos em nossa amostragem, não é possível atestar que a maior produtividade do verbo *deixar* está na função gramatical, conforme defenderam Travaglia (2017) e Pinto (2008). Dos 200 (duzentos) contextos em que o verbo *deixar* atende os critérios de categorização como forma lexical, entre os quais a preservação de conteúdo nocional e a propriedade de seleção argumental, em apenas 63 (sessenta e três) deles, ou seja, em 31,5% das ocorrências, pode-se identificar função gramatical. Passemos à descrição dessas funções em nosso *corpus*, segundo a ordem de produtividade:

(i) Construção de modalidade: 69,35%

Essa construção, que marca a modalidade deôntica, é identificada na sequência de formas que atende à estrutura argumental do verbo *deixar* em sua acepção básica de *permitir*:

(15) bfamcv11

TIT: [129] <mas aí> *cê nũ deixa pingar pro chão <afora a água> dele* não / uai //

(16) bfamcv10

ONO: [196] <se *ele deixar eu descer lá para> baixo* / eu vou descer //

(17) bfamdl02

XYZ: [125] *nunca / deixa isso aqui bater no chão* //

Travaglia (2017) descreve duas formas básicas para a marcação da modalidade de permissão: (i) [*deixar* + infinitivo] e (ii) [*deixar* + que + oração com verbo finito]. Fica claro na descrição do autor que o verbo *deixar*, no referido contexto, não é uma forma gramatical, já que é dotado da propriedade de selecionar argumento interno, saturado nas estruturas básicas apresentadas, respectivamente, pelo infinitivo, em (i), e por [*que*

+ oração com verbo finito], em (ii), tal como observado em nossos dados. Todas as construções de [*deixar* + (pronome) + infinitivo] destacadas em nossos exemplos podem ser substituídas, sem prejuízo semântico, por [*deixar* + que + oração com verbo finito]. Isso comprova que o verbo *deixar* não é gramatical, mas que a construção de estrutura argumental de que ele é núcleo se gramaticalizou, marcando, assim, a modalidade deôntica ou a *modalidade de permissão*, nos termos de Travaglia (2017). No entendimento desse autor,

> todos os valores lexicais de *deixar* podem ser reduzidos a traços básicos de significado que seriam:
> a) separação de algo ou alguém de outro ou outrem no espaço, no tempo ou na noção (sentimento, atividade, fé, ação, possibilidade, vontade, intenção, etc);
> b) afirmação ou negação da separação;
> c) causa da separação: decisão própria, decisão de outrem, fato ou fenômeno interveniente e sobre o qual não se tem controle ou consciência (como morte, doença, distração, etc);
> d) atividade ou passividade de um potencial agente envolvido (TRAVAGLIA, 2017, p. 14).

Seriam esses traços, portanto, abstrações do sentido mais básico da forma e que, segundo defende, valem também para os valores gramaticais, o que é previsível se considerarmos tanto o processo de abstração metafórica envolvido na gramaticalização, quanto sua maior frequência no uso, conforme revelam os dados apresentados no quadro 1. De acordo com a análise de Travaglia (2017), a função gramatical da modalidade de permissão denotaria "a separação de um 'poder' ou possibilidade em que aquele (aquilo) que deixa passa este poder ou possibilidade a outrem (ou outro). Daí surge a expressão da modalidade de permissão que é 'dar a possibilidade'" (TRAVAGLIA, 2017, p. 15). Nosso entendimento difere um pouco dessa interpretação, na medida em que estamos atribuindo a modalidade deôntica a um resquício do traço semântico de *deixar* ligado à permissão, conforme registrado no dicionário etimológico, e cuja frequência foi também considerável em nosso *corpus* (23,93%). Nos termos de nossa proposta, seria a construção de estrutura argumental do verbo *deixar* em cuja base está a acepção semântica de permissão que denotaria a modalidade deôntica.

(ii) Construção de mudança de estado: 19,35%

Essa construção é formada por [sujeito + *deixar* + complemento + predicativo], tal como ilustrado pelos dados a seguir:

(18) bfamdl10

HEL: [195] porque minha mãe *deixou* eu sozinha no quarto com ela / sabe //

(19) bfamdl34

CAS: [152] *deixa* o pernilongo quieto / gente //

(20) bfamdl31

SEU: [575] ele quer me *deixar* inoperante //

Tais construções correspondem aos usos que Travaglia (2017) e Pinto (2008) categorizaram como verbo de ligação. Pinto (2008, p. 12-13) acredita que "o uso do verbo 'deixar' como verbo de ligação é um indicador misto, uma vez que indica uma certa causalidade/ causatividade de um estado ou característica que podem ser gerados por algo ou alguém, e exerce uma função relacional de conector ou conectivo". Travaglia (2017) limita-se a relatar a produtividade da função em seu *corpus* (16,54%), classificando *deixar* nesse contexto como verbo relacional suporte. Ele também deixa entrever uma noção de causalidade, tal como proposto por Pinto (2008, p. 13), ao mencionar que sua presença é responsável por "fazer com que fique de certo modo ou em certo estado ou condição", o que o torna semântica e funcionalmente equivalente ao verbo *tornar*. Entendemos, contudo, que a semelhança funcional com o verbo *tornar* dá-se apenas no plano semântico de marcar a mudança de estado, mas que, sintaticamente, o verbo *deixar* seleciona um complemento com predicativo, o que não se conforma à natureza de um verbo relacional. Assim, segundo nossa análise, nos contextos em que *deixar* seleciona um complemento com predicativo, ele é um verbo significativo que instaura uma implicação de mudança de estado, motivo pelo qual estamos considerando essa construção de estrutura argumental do verbo como uma *construção de mudança de estado*.

(iii) Construção de causatividade: 6,47%

Embora evoquem a noção de causatividade ao tratarem dos usos de *deixar* que consideram como verbo de ligação, nem Pinto (2008) nem Travaglia (2017) citam a construção causativa entre as funções gramaticais do verbo *deixar*. Eis alguns exemplos desse uso identificados em nosso *corpus*:

(21) bfamdl30

REN: [179] *deixei* o biscoito cair //

(22) bfamdl15

ECR: [176] é Léo que cuida mais / mas mesmo assim / es já *deixaram muito passarinho morrer //*

Concordamos com Pinto (2008), quando ela afirma haver uma noção de causatividade imbricada nas construções de mudança de estado[8], conforme se observa em (23), a seguir:

(23) bfammn14

ANT: [492] hoje es trata ele "rajada" / é esse que *deixa* aquela faixa riscada //

De fato, a análise do dado faz pressupor que o avião que passou pela primeira vez numa propriedade rural e que foi denominado de "rajada" foi o fator responsável (a causa) por determinar a mudança de estado da pastagem, que passou a ter uma faixa riscada, o que não se via antes da passagem da aeronave. Esse uso, contudo, parece-nos distinto daquele que estamos categorizando como *construção causativa*, já que, no caso dessas construções, não existe o termo predicativo que configura a mudança de estado. A análise dos contextos (21) e (22) nos leva a entender que o fato de o falante deixar o biscoito cair, assim como o de as pessoas referidas deixarem os passarinhos morrerem decorrem não de uma mudança de estado – embora resultem nela –, mas de fatores geralmente não voluntários. Segundo nosso entendimento, a construção de causatividade decorre de uma abstração da noção mais básica ligada ao

[8] Diferentemente de nossa classificação, Pinto (2008) considera esse um caso em que *deixar* se gramaticalizou como verbo de ligação.

afastamento ou à separação, nos termos da proposta de Travaglia (2017, p. 14), há pouco transcrita, mais especificamente em seu item c: "causa da separação: decisão própria, decisão de outrem, fato ou fenômeno interveniente e sobre o qual não se tem controle ou consciência". Assim a queda do biscoito pode ser consequência de uma distração daquele que o segurava e a morte dos pássaros pode ser consequência de falta de alimento, de cuidado... Fato é que, contrariamente à construção de mudança de estado, nesse caso, não existe a presença do termo predicativo, o que distingue, portanto, uma forma da outra e, consequentemente, uma construção de outra, segundo a proposta de Goldberg (1995).

(iv) Construção de duração: 4,83%

Identificamos também em nosso *corpus* alguns usos em que a construção de estrutura argumental do verbo *deixar*, por obra ainda da abstração do sentido básico de separação desse verbo, ligado ao traço da "atividade ou passividade de um potencial agente envolvido" (TRAVAGLIA, 2017, p. 14), denota a duração de um evento cujo limite/finitude parece ser delegado ao interlocutor, conforme passamos a explorar, a partir dos dados que se seguem:

(24) bpubcv01

MAR: [336] porque você tem um período / que você *deixa* a bolsa dele em repouso/ pa poder centrifugar //

(25) bfamdl33

JAN: [70] hhh se nũ tiver batido vai *deixar* a gordura lá esquentando e vai começar a bater de novo / né //

Esses usos evocam outros bastante recorrentes em nosso cotidiano, sobretudo em textos injuntivos ligados à culinária, os quais visam a incitar o interlocutor a impingir uma duração limitada a determinado evento/atividade: "*deixe* assar em forno brando por 30min", "coloque na gordura quente e *deixe* fritar"... Em alguns casos, o limite da duração, isto é, o tempo durante o qual se deve aguardar para que o resultado pretendido seja alcançado, é determinado pelo enunciador, mas, muitas vezes, ele faz parte do conhecimento partilhado entre os interlocutores. Dúvidas não restam de que o sentido de "largar, abandonar, separar" está latente

no verbo *deixar* nesses contextos, mas não podemos desconsiderar a especificidade desse uso em relação a outros contextos em que a noção de "largar, abandonar, separar" não pressupõe certo limite, motivo pelo qual estamos considerando esse um uso gramatical da construção, que parece já trazer nuances aspectuais. Não se trata, obviamente, da construção gramatical que passamos a discutir a seguir, mas, sem dúvida, já há uma demarcação de tempo interno emergindo no conjunto.

(v) Construção de cessamento

Ao contrário das quatro construções anteriormente analisadas, em que a função gramatical se manifesta num constructo sintático cujo núcleo é o verbo significativo, no caso da construção de cessamento, a gramaticalização está em um estágio mais avançado do processo, uma vez que, nessa construção, *deixar* é um verbo auxiliar, que marca funções de tempo e de aspecto (ou noção aspectual). Trata-se de uma construção de verbo auxiliar de incidência indireta, ou seja, quando existe entre o auxiliar e a forma nominal de infinitivo a presença da preposição. No caso específico das construções com o verbo *deixar*, essa preposição é sempre DE: [*deixar* + de + infinitivo], segundo ilustram estes dados:

(26) bpubdl02

EUG: [69] mas ele nũ *deixa de ser* legal também //

(27) bpubdl09

FAB: [176] <um que eu nũ [/1] nũ> *deixo de comentar* é aquele do [/1] do morceguinho e do [/1] do anjo //

A base para a abstração que origina a função gramatical de marcar a suspensão do evento ou da situação traduzida pelo infinitivo está, mais uma vez, no sentido básico de separação. Segundo defende Travaglia (2017, p. 15), no caso da construção de cessamento, "temos a separação da realização de uma situação (ou processo verbal) daquele que a realiza [...] e resulta na ideia de cessamento da situação e de sua realização (potencial ou real)". Com isso, "por implicação, estabelece-se que a situação expressa pelo infinitivo está em sua fase de realização acabada, mas não se marca o aspecto acabado [...], e sim indica-se que a situação foi 'abandonada'" (TRAVAGLIA, 2017, p. 15). Pinto (2008),

embora reconheça a função aspectual da construção [*deixar* + de + infinitivo], difere na classificação, que trata como aspecto terminativo. Nosso entendimento, contudo, é semelhante ao de Travaglia (2017): não há a marcação da fase final do evento, senão a sua interrupção em determinado ponto da duração, o que configura, portanto, a cessação.

Do que até aqui se discutiu, percebemos que o verbo *deixar*, de fato, apresenta uma multifuncionalidade na língua, o que decorre de sua alta frequência no idioma. Descrevemos, até então, os usos lexicais e gramaticais identificados em nossa amostragem linguística, faltando-nos, por fim, tratar daqueles usos que, segundo postulamos, diferem-se tanto da lexicalização quanto da gramaticalização por estarem a serviço não do léxico nem da gramática, mas do discurso. Vincent *et al*. (1993) referem-se a esse processo, que ocorre paralelamente à gramaticalização, como "post-grammaticalization". Martelotta *et al*. (1996), por seu turno, argumentam sobre a impropriedade desse termo por sugerir que se trata de processo posterior à gramaticalização. Propõem, assim, o termo *discursivização,* que também adotamos por entendermos que as construções fruto desse processo de mudança atuam como marcadores discursivos, com a função precípua de reorganizar a linearidade das informações no fluxo do texto falado, conforme ilustramos por meio de nossos dados:

(28) bfamcv32

CEL: [78] *xá eu* te contar uma coisa / esse bichim não tá segmentando / tá //

(29) bfamdl19

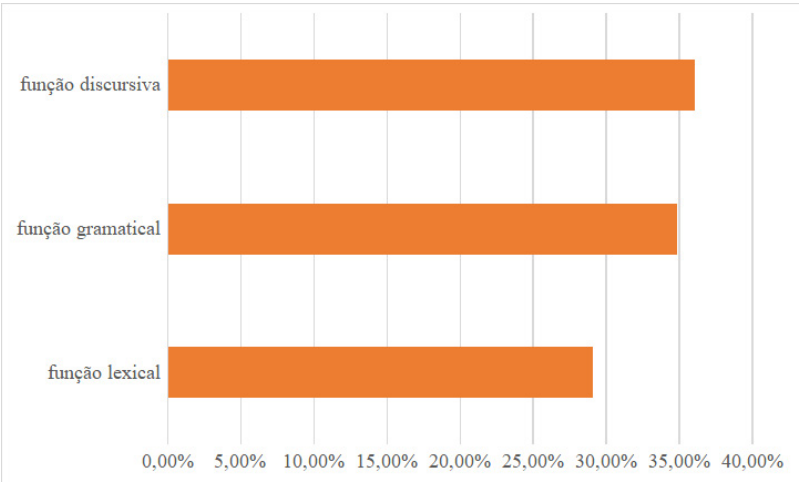
AVI: [119] <*deixa eu* contar uma> do [/1] do [/1] do cigano //

Embora se percebam nas construções destacadas nos dados acima nuances do traço semântico de permissão, não restam dúvidas acerca do esvaziamento desse sentido, já que, ao empregar o *chunk* [*(dei)xa* eu], o enunciador não está, evidentemente, pedindo permissão ao interlocutor para realizar algo, senão estabelecendo com ele um tipo de interação com vistas a tomar o turno de fala (Cf. 29) ou a (re)organizar o fluxo da informação (Cf. 28). Estamos, pois, diante de uma categoria funcional cuja significação transcende o universo biossocial para assentar-se no

discursivo. Isso explicaria o fato de apenas essa construção apresentar redução fônica especial, conforme analisaremos na seção 2. Antes, contudo, cumpre-nos sistematizar algumas generalizações decorrentes de nossa análise acerca das funcionalidades do verbo *deixar*. A primeira delas diz respeito às fontes das funções ora descritas: os dois sentidos básicos, quais sejam, afastamento (largar, soltar, abandonar) e permissão (permitir), são os mais produtivos e sedimentam todas as demais funções. Da abstração do sentido básico de afastamento, decorrem a lexicalização (construção idiomática) e a gramaticalização (construção de mudança de estado, construção de duração e construção de cessamento); da abstração do sentido básico de permissão, decorre a gramaticalização da construção de modalidade deôntica e a discursivização (marcador discursivo).

A segunda generalização diz respeito à avaliação de nossa hipótese: o verbo *deixar* é ainda produtivo como forma lexical e suas funções gramaticais decorrem não da gramaticalização do verbo, mas de um processo de construcionalização que tem por núcleo o verbo *deixar*. A quantificação das funções identificadas evidencia-se neste gráfico:

Gráfico 1 - Descrição da funcionalidade do verbo *deixar* em textos orais espontâneos



Fonte: Elaboração própria.

Os dados dispostos no gráfico 1 nos mostram que existe alguma uniformidade entre as três funções identificadas, constatando-se maior

produtividade das funções mais abstratas, ligadas, respectivamente, à gramática e ao discurso. Notamos uma discreta preferência para a função discursiva (36,10%), seguida da função gramatical (34,83%). Esse percentual resulta da soma das formas gramaticais de *deixar* como verbo auxiliar nas construções de cessamento (3,33%) com aquelas construções que satisfazem a estrutura argumental do verbo *deixar*, marcando modalidade, mudança de estado e duração (31,5% do total de formas lexicais). A menos produtiva é a função estritamente lexical, cujo percentual foi de 29,07%.

2 Avaliando acusticamente o grau de redução da construção [*deixa eu*] em dados de fala espontânea

Bybee (2015) apresenta um fenômeno de mudança sonora denominado redução especial (*special reduction*). Como é possível inferir através do próprio nome do fenômeno, trata-se de uma redução dos fones de uma palavra ou de uma sequência gramatical, que ocorre com itens que são usados com muita frequência na fala. Essa redução pode acompanhar uma mudança semântica ou de padrões de uso, o que acompanha, nesse último caso, um processo de gramaticalização. A autora cita como exemplo o caso dos pronomes do português e do espanhol, respectivamente, você e *usted*, que se desenvolveram a partir de um sintagma mais longo que se usava como uma forma de tratamento: vossa mercê, no português, e *vuestra merced*, no espanhol. Nesse caso, houve redução especial e gramaticalização[9]. Bybee (2015) também menciona outros exemplos, como saudações (*schiavo vostro* "sou vosso escravo" > *sciao* [ˈstʃao] > tchau) e sequências gramaticais (*je ne sais pas* "eu

[9] Os estudos de gramaticalização mostram que no curso da mudança pode haver o que se denomina 'erosão fonética', um processo que leva a construção gramaticalizada a se reduzir foneticamente. Ao apresentar esses exemplos, Bybee (2015) não discute especificamente a questão da gramaticalização. Num texto posterior acerca da redução especial, Bybee e colaboradores dizem: "As constructions that are grammaticalizing become more frequent, their phonetic reduction becomes more extreme" (BYBEE *et al*. 2016, p. 424), o que poderia sugerir que a gramaticalização, em conjunto com o aumento da frequência de uso, leva à redução especial. Contudo, os autores advertem, posteriormente, que "new functions do not CAUSE special reduction, but rather coincide with it" (BYBEE *et al*. 2016, p. 437).

não sei" > [ʃeˈpa]). Essas reduções são motivadas não apenas pela alta frequência, mas também pelos contextos de uso.

De acordo com o modelo de exemplares (cf. BYBEE, 2013; JOHNSON; MULLENIX, 1997; PIERREHUMBERT, 2001), as mudanças que ocorrem na articulação dos sons durante a produção linguística fazem emergir novos *tokens* fonéticos que interferem na representação cognitiva das formas das palavras, desenvolvendo, desse modo, novos exemplares. Itens de alta frequência na fala estão sujeitos a mudar mais rapidamente quando tais mudanças fonéticas estão ocorrendo. É importante mencionar, contudo, que não é a frequência de uso que causa a mudança fonética; contrariamente, é o fator fonético que causa a mudança. Não obstante, as mudanças fonéticas só são levadas adiante por meio da repetição frequente. No caso da redução especial, Bybee *et al*. (2016) argumentam que novos exemplares surgem a partir da repetição e da redução fonética, fazendo com que essas unidades se tornem *chunks* ou uma unidade de processamento própria. Há, segundo os autores, duas consequências quando isso ocorre: a primeira é que a unidade começa a se comportar como uma palavra, e a segunda é que a redução que ocorre em algumas instâncias do acento da palavra (*word stress*) permite ainda mais redução segmental nas sílabas.

Bybee *et al*. (2016) fornecem como exemplo de redução especial o caso da sequência *deixa eu* no português brasileiro, que, segundo os autores, pode ser usada como um marcador discursivo (*deixa eu ver*) ou como uma forma polida para expressar sugestões (*deixa eu te ajudar*)[10]. Os autores coletaram dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012) e observaram que nenhuma ocorrência corresponde à forma canônica [ˈdeɪ.ʃə ˈeʊ]. Mesmo a forma menos reduzida [deˈʃo] exibe características da redução especial, uma vez que o verbo e o pronome ocorrem como um único *chunk* e o acento, originalmente na primeira sílaba do verbo, é perdido. Os autores mostram o desenvolvimento gradual da redução especial da construção *deixa eu* no português brasileiro tomando como base os dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL I:

[10] Acreditamos que, a depender da situação comunicativa, o primeiro exemplo, classificado como marcador discursivo, também poderia assumir o mesmo grau de polidez atribuído ao segundo exemplo. Dessa forma, apenas a noção de polidez, a princípio, não seria suficiente para separar a sequência *deixa eu* em duas categorias distintas.

[ˈdeɪ.ʃə ˈeʊ] > [ˈde.ʃə ˈeʊ] > [de.ˈʃeʊ] >**[de.ˈʃo] > [tʃo] > [ʃo] > [ʃ]**

É possível observar que há vários processos fonéticos ocorrendo em cada uma das formas que compõem o *cline*, tais como a perda da semivogal que compõe o ditongo da primeira sílaba do verbo, a perda da vogal átona do verbo acompanhada do deslocamento do acento para a sílaba seguinte, a monotongação do pronome, o desvozeamento da primeira consoante do verbo seguida da queda da vogal da primeira sílaba, a lenição da africada e, no caso mais extremo, a queda da única vogal, restando apenas a consoante [ʃ]. Em todas as ocorrências presentes no *corpus,* há uma perda da proeminência que outrora existia na palavra *deixa*. De acordo com Bybee *et al*. (2016), é essa perda de proeminência que abre caminho para o fenômeno da redução acontecer.

Nosso objetivo nesta seção é fazer uma análise acústica para medir o grau de redução da construção [*deixa eu*] em comparação com o verbo *deixar* flexionado na terceira pessoa do presente do indicativo, mas usado em outros contextos, a fim de verificar tanto do ponto de vista paradigmático quanto do ponto de vista sintagmático o quanto a construção supracitada se reduz. Dessa forma, acreditamos que é possível acessar, de certo modo, também o estágio envolvido no processo de mudança linguística da construção [*deixa eu*]. Consideramos que quanto mais reduzidas as formas envolvidas no processo de mudança, mais elas estariam avançadas em seu estágio de mudança na língua. Consideramos, adicionalmente, que o contexto morfossintático favorece a redução e o processo de mudança, atuando na emergência de novas funções da construção (BYBEE *et al*. 1994). Isso explicaria o fato de *deixar* não sofrer um processo de redução especial, como o da construção [*deixa eu*], quando proferido em outros contextos morfossintáticos com sentidos diferentes. Nos dados que analisamos do *corpus* C-ORAL-BRASIL I, as reduções mais extremas do verbo *deixar* na terceira pessoa do presente do indicativo proferido em outros contextos morfossintáticos não ocorreram e, consequentemente, o acento se manteve sempre na primeira sílaba, isto é, na sua posição de origem.

(30) bfamcv18

HER: [271] então *deixa* esse / e abre um outro //

No exemplo (30), num contexto morfossintático em que a forma *deixa* não segue o pronome de primeira pessoa do singular, o verbo *deixar* não se reduz para "então [tʃ] esse..." ou "então [ʃ] esse...". Isso evidencia que não basta a palavra seguinte ser um pronome tampouco que se inicie por um som vocálico, para que a redução ocorra. Na amostra analisada, o máximo de redução que pudemos constatar em relação a esse verbo em outros contextos morfossintáticos foi a forma [ˈdeʃ]. Por conseguinte, partimos da hipótese de que a construção [*deixa eu*] é mais reduzida tanto do ponto de vista paradigmático, se comparada com o verbo *deixa*, quanto do ponto de vista sintagmático, isto é, em relação às palavras que são realizadas no mesmo enunciado, o que evidenciaria efetivamente que essa construção está, portanto, mais avançada no processo de mudança do que *deixa* em outros contextos. Outra hipótese que aventamos anteriormente é a de que a construção [*deixa eu*] passa por um processo de mudança do tipo discursivização, desenvolvendo-se num marcador discursivo, que pode, em alguns contextos, não ser realizado, assim como ocorre com outros marcadores discursivos. Baseamos essa hipótese em dados como (31), em que o participante DDD, antes de fazer a pergunta no enunciado 256, profere o enunciado 253:

(31) bpubcv04

DDD: [253] *te perguntar* //
ANT: [254] então tá // [255] a hora que ea vier cá / né //
DDD: [256] cê tem su supositório pa / recém-nascido / aques de glicerina //

Acreditamos que antes do pronome a construção [*deixa eu*] está implícita no enunciado 253, não só pelo fato de que ela aparece nesse contexto em outros enunciados, mas também porque são raros os contextos em que uma oração infinitiva ocorre de forma autônoma na língua. Castilho (2010, p. 409) menciona que a forma nominal de infinitivo pode ocorrer como núcleo de sentença simples em casos como *Mentir, eu?*, *Trabalhar para quê?*, *Não fumar*. Esses casos parecem ser bastante específicos pragmaticamente, de modo que *Te perguntar* poderia igualmente entrar para esse grupo restrito de usos do infinitivo como núcleo de sentença simples autônoma na fala em decorrência da discursivização da construção [*deixa eu*], que pode culminar no seu desaparecimento em alguns contextos, haja vista que os marcadores

discursivos não são itens obrigatórios na construção do enunciado (SCHIFFRIN, 1987; 2001). Observe que o exemplo (32), extraído do mesmo *corpus*, apresenta a construção [*deixa eu*] no mesmo ambiente morfossintático do exemplo anterior, além de o participante PPT fazer uma pergunta logo após o enunciado 584.

(32) bpubdl07

PTT: [584] *deixa eu te perguntar* // [585] a pizza vai sair ainda //

Desse modo, consideramos que o *cline* de mudança dessa construção atinge o ponto máximo, que culmina no seu desaparecimento em certos contextos. E isso abre caminho para que as construções [te perguntar], [te dizer], [te falar] etc. entrem para o grupo restrito de elementos em que o infinitivo seja o núcleo de uma sentença simples enunciado de forma autônoma na fala espontânea. Além disso, é preciso considerar que, além de a construção [*deixa eu*] reduzir-se foneticamente – algo previsto pelo processo de discursivização –, a função dessa construção, no exemplo acima, conforme já mencionado na primeira seção, não é a de pedir permissão para fazer uma pergunta. A função que essa construção assume é a de se dirigir ao interlocutor, de modo a regular a interação discursiva, mostrando, geralmente, uma atitude cortês. Essa função, juntamente com a redução fonética promovida pela mudança, é típica de marcadores discursivos que são discursivizados a partir de sentenças, de sintagmas ou de outras unidades (cf. DEHÉ; STATHI, 2016; HEINE *et al*. 2021; HILDEBRAND-EDGAR, 2016; JARADAT, 2021).

Dito isso, passemos a apresentar a metodologia proposta nesta etapa do estudo.

2.1 Metodologia

Para realizar a análise acústica desenvolvida neste estudo, foram também coletados dados do *corpus* C-ORAL-BRASIL I (RASO; MELLO, 2012). A busca dos dados foi, tal como na primeira parte do estudo, realizada com auxílio da plataforma DB-CoM [*Database for Corpora Multimidia*] (MELLO; RASO, 2020). Contabilizaram-se as ocorrências de [*deixa*] e de [*deixa eu*] e, posteriormente, foram selecionados 20 enunciados de cada construção, totalizando 40 dados, a partir da ordem em que os textos estão organizados no *corpus*. Enunciados

interrompidos ou com sobreposição de fala não foram escolhidos para compor a amostra final. Ressaltamos que este é um estudo preliminar, haja vista que não foram analisados acusticamente todos os enunciados que continham as construções em estudo presentes no *corpus*. Os quarenta enunciados foram submetidos à análise acústica através do *software* Praat (BOERSMA; WEENINK, 2021).

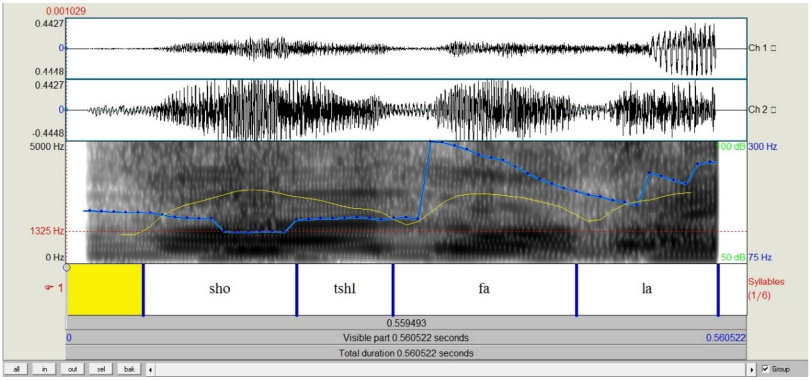
Para a observação da redução da construção [*deixa eu*] em relação ao verbo *deixa* usado em outros contextos, considerou-se o parâmetro da duração. Contudo, não se pode computar a duração bruta das sílabas devido ao fato de haver fatores que influenciam a realização do enunciado, tais como taxa de elocução, ênfase etc. Além disso, as vogais e consoantes possuem valores intrínsecos, o que pode dar a impressão de que uma sílaba curta, porém mais complexa do ponto de vista segmental, pareça mais longa. É possível que sílabas que possuam a mesma duração possam apresentar valores diferentes a depender das vogais e das consoantes que estão contidas nelas. Dessa forma, é necessário haver uma normalização das sílabas para que se possam comparar de forma mais adequada as realizações empíricas de [*deixa eu*] e de [*deixa*]. Para isso, foi utilizado um *script* para ser rodado no Praat e que realiza tal normalização. O *script* é o SGdetector (BARBOSA, 2006), que normaliza as sílabas por meio de uma transformação do z-score seguida de uma técnica de suavização.

Em poucas palavras, a padronização por z-score encontra o quociente entre a diferença da medição encontrada e a média pelo desvio padrão da amostra, isto é, a cada medição realizada, este valor é subtraído da média e, depois, dividido pelo desvio padrão. Posteriormente, essa escala é novamente recalculada, a fim de precisá-la ainda mais, como uma forma de "ajuste" ou "suavização" do z-score calculada múltiplas vezes a partir da média e da dispersão encontradas pelo programa em determinados intervalos (cf. BARBOSA, 2013). Todos esses procedimentos permitem visualizar a duração dos segmentos em milissegundos, em z-score e em z-score "suavizado", que é a escala utilizada neste trabalho, em consonância com estudos semelhantes (BARBOSA *et al*. 2009; CERQUEIRA *et al*. 2019; FERRARI, 2015; MEIRELES; GAMBARINI, 2012, entre outros).

As sílabas dos enunciados foram segmentadas com base no espectrograma e na percepção do sinal acústico. Elas foram transcritas no código ASCII para serem rodadas no *script* SGdetector. De acordo com Plínio Barbosa (comunicação pessoal), para constatar a redução

das construções em estudo, seria necessário comparar a duração normalizada das construções com a duração normalizada de duas palavras imediatamente anteriores e com duas palavras imediatamente posteriores às construções. Dessa forma, foram calculadas a duração média das construções e a duração média das duas palavras anteriores e das duas palavras posteriores adjacentes às construções. A média da duração de qualquer palavra é calculada a partir da soma dos valores normalizados de suas sílabas divididos pelo número de sílabas que a palavra contém. Nos casos em que as construções foram realizadas em início de enunciado, evidentemente apenas a duração das duas palavras posteriores foi tomada para comparação.

Figura 1 - Tela do Praat com a segmentação em sílabas em código ASCII



Fonte: Elaboração própria.

O *TextGrid* gerado a partir da segmentação das sílabas é inserido no *software* juntamente com o arquivo *TableOfReal*. Constam nesse arquivo as médias e os desvios padrão em milissegundos da duração dos fones do português brasileiro. A aplicação do *script* gera um arquivo txt com a transcrição silábica, a duração bruta em milissegundos, os desvios padrão da duração bruta dos dados em z-scores, uma suavização de cinco pontos do z-score e um valor binário 0 e 1, indicando se a posição é um pico local de z-score. Para verificar a duração e realizar a análise estatística posteriormente, coletamos os valores da coluna z-score gerada pela aplicação do *script*, que indicam justamente a duração normalizada das sílabas. Os valores podem ser positivos ou negativos. Quando positivos, indicam alongamento da sílaba em relação ao seu

valor intrínseco, ao passo que, quando negativos, indicam que houve redução em relação ao seu valor intrínseco. Esses valores foram inseridos numa tabela de Excel para análise estatística em linguagem Python, a fim de verificar a significância dos resultados obtidos a partir dos dados fornecidos pelo *script*.

Foram realizadas quatro comparações para verificar a diferença de duração entre as duas construções, as quais são explicitadas a seguir:

I) Comparação entre a duração de [*deixa eu*] e de [*deixa*];

II) Comparação entre a duração de [*deixa eu*] e de [*deixa*] e suas respectivas palavras contíguas;

III) Comparação entre a soma da duração de [*deixa eu*] e de [*deixa*] e suas respectivas palavras contíguas (isto é, duração de [*deixa eu*] + duração de palavras contíguas com duração de [*deixa*] + duração de palavras contíguas);

IV) Comparação entre a subtração da diferença entre [*deixa eu*] e de [*deixa*] e suas respectivas palavras contíguas (([*deixa eu*] – palavras contíguas) – ([*deixa*] – palavras contíguas)).

Os dados foram dispostos em dois grupos diferentes, com um total de 20 medições da duração das construções analisadas por grupo (N = 20). Conforme já mencionado, essas aferições foram realizadas pelo *script* SGdetector, que transforma a duração, antes expressa em milissegundos, em uma escala padronizada de z-score e, posteriormente, suaviza essas medidas a partir de outro cálculo. Isso é realizado para aproximar a média da amostra de 0 e o desvio padrão de 1, de forma a tornar os dados – que ocasionalmente apresentam grande dispersão – mais comparáveis entre si.

Dispostos os dados em dois grupos diferentes, a duração dos segmentos de cada um foi organizada em *dataframes* no Pandas (McKINNEY, 2010), biblioteca de análise de dados em linguagem Python. Ademais, foram utilizadas as bibliotecas NumPy (HARRIS *et al*. 2020) e SciPy (VIRTANEN *et al*. 2020), para análise estatística, e Seaborn (WAKSOM, 2021) e Matplotlib (HUNTER, 2007), para visualizações. A tabela 1 ilustra os cinco primeiros valores para cada uma das quatro variáveis utilizadas nas quatro comparações deste artigo, a saber: duração de [*deixa eu*]; duração de palavras contíguas a [*deixa*

eu]; duração de [*deixa*] e duração de palavras contíguas a [*deixa*]. Esses dados, bem como visualizações e testes estatísticos, podem ser obtidos no Google Colab[11].

Tabela 1 – Cinco primeiros valores para as quatro variáveis analisadas

	Deixa_eu	Pal_cont_deixa_eu	Deixa	Pal_cont_deixa
0	1.68	1.04	-0.80	-1.45
1	-3.74	-1.23	-3.02	0.11
2	-3.22	-2.62	-2.86	-1.42
3	-1.16	2.58	-1.98	-2.53
4	-0.73	-0.93	-2.79	-0.51

Fonte: Elaboração própria.

A partir de cada comparação realizada, foi realizado um teste estatístico – ora U Mann Whitney, ora T Test para amostras independentes, de acordo com a distribuição analisada. As comparações de I a IV e os resultados dos testes estatísticos são discutidos na seção a seguir.

2.2 Análise dos dados e resultados

Inicialmente, constatamos que há mais ocorrências da construção [*deixa eu*] no *corpus* C-ORAL-BRASIL I do que aquelas reportadas no estudo de Bybee *et al*. (2016). O número que os autores reportaram foi de 62 ocorrências, ao passo que, neste estudo, encontraram-se 119 ocorrências. Provavelmente, os autores analisaram uma amostra ou não consideraram as formas de transcrição no momento da busca que realizaram. Para essa construção, o *corpus* alterna as transcrições em [*deixa eu*] e [*xá eu*], de acordo com a percepção da redução em curso na fala espontânea, seguindo os parâmetros adotados para a transcrição.

Tabela 2 - Ocorrências de [*deixa*] e de [*deixa eu]*

	Ocorrências	%
[Deixa]	81	40,5
[Deixa eu]	119	59,5
Total	200	100

[11] Link para acesso: https://colab.research.google.com/drive/1WBQ82xUhvZtsJUUziLlysXZa-4KTOZxK?usp=sharing

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se observar na tabela 1 que a maior parte dos casos em que o verbo *deixar* flexionado na terceira pessoa do singular ocorre na fala espontânea refere-se à construção [*deixa eu*], o que pode motivar a sua redução, conforme a proposta de Bybee (2015). Em relação às realizações fonéticas da construção [*deixa eu*], observaram-se algumas formas não documentadas no estudo de Bybee *et al*. (2016), provavelmente pelo fato de os autores não terem analisado todos os dados dessa construção no *corpus*. Abaixo segue uma tabela mostrando cada forma e seu percentual de ocorrência. Esses dados foram extraídos da amostra que foi selecionada para este estudo.

Tabela 3 - Realizações fonética de [*deixa eu*]

	[deˈʃo]	***[ˈdeʃ]***	***[ˈʃeʊ]***	***[ˈdʒo]***	***[ˈʧo]***	***[ˈʃo]***	***[ʧ]***	***[ʃ]***	Total
Ocorrências	2	2	1	1	5	7	1	1	20
%	10	10	5	5	25	35	5	5	100

Fonte: Elaboração própria.

Observa-se que as realizações [ˈdeʃ], [ˈʃeʊ], [ˈdʒo] e [ʧ] não estão documentadas no estudo supracitado. Essa descoberta pode revelar mais estágios intermediários da construção até chegar à redução mais extrema, isto é, à forma [ʃ]. Em relação às realizações fonéticas de [*deixa*], encontraram-se apenas duas formas, sendo [ˈdeʃ] a mais reduzida delas.

Tabela 4 - Realização fonéticas de [*deixa*]

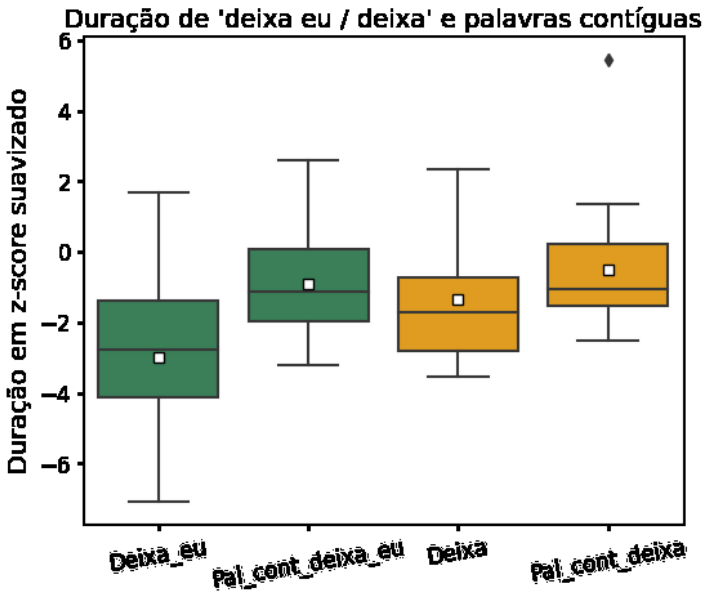
	[ˈdeʃɐ]	**[ˈdeʃ]**	Total
Ocorrências	16	4	20
%	80	20	100

Fonte: Elaboração própria.

É importante mencionar que a redução do verbo *deixar* em [ˈdeʃ] não é um fator fora do comum, haja vista que é o 18º mais frequente do *corpus* num total de 1309 verbos, bem como é o 75º type mais frequente do *corpus* num total de 8757 types. Considerando a proposta de Bybee (2002) de que as palavras mais frequentes têm mais chances de passar por um processo de redução, as construções em estudo ratificam tal proposta devido à sua alta frequência e às suas respectivas realizações

fonéticas[12]. Contudo, apenas um estudo comparando as construções [*deixa eu*] e [*deixa*], observando a duração normalizada, pode evidenciar se a construção [*deixa eu*] é, de fato, mais reduzida do que o verbo *deixa* usado em outros contextos. É isso que esta seção se propõe a analisar. Desse modo, discutiremos agora as comparações I-IV e apresentaremos os testes estatísticos realizados.

Figura 2 - Boxplot da duração em z-score suavizado



Fonte: Elaboração própria.

No *boxplot* apresentado na figura 2, que resume e que embasa a discussão da maioria dos dados da tabela 4, é possível verificar a distribuição da duração nesses dois grupos, que são separados por cores. A distribuição de "[deixa eu] e palavras contíguas" é representada pelas caixas de cor verde, enquanto "[deixa] e palavras contíguas" pelas caixas cor laranja. O quadrado branco dentro das caixas indica a média e a linha que corta cada caixa transversalmente representa a mediana. Observa-se

[12] "The more frequent words will have more chances to undergo online reduction and thus will change more rapidly" (BYBEE, 2002, p. 271).

que [*deixa eu*] possui média (-2,986) e mediana (-2.785) menores do que os valores de [*deixa*] (média = -0.923, mediana = -1,72). Isso significa que, nos dados analisados, a tendência foi de que a construção [*deixa eu*] tenha tido menor duração do que sua contraparte, ainda que exista maior dispersão –marcada pelo tamanho do parafuso que sai da caixa por ambos os lados – nos dados de [*deixa eu*] (std = 2,316 e std = 1,84 para [*deixa eu*] e [*deixa*], respectivamente). Os falantes realizaram, portanto, [*deixa eu*] em um tempo menor do que realizaram [*deixa*]. Apesar do valor bastante aproximado da relevância (isto é, p <0,05), a comparação entre a duração dos dois grupos nesse quesito não alcançou significância estatística (U de Mann Whitney com p-value = 0.056).

Tabela 5 - Resumo estatístico dos dados utilizados

	Construcao	Deixa	Deixa_eu
Dur_construcao	sum	-27.140	-59.720
	mean	-1.357	-2.986
	median	-1.720	-2.785
	std	1.707	2.316
	min	-3.530	-7.080
	max	2.330	1.680
Dur_pal_cont	sum	-10.230	-18.460
	mean	-0.511	-0.923
	median	-1.045	-1.120
	std	1.840	1.447
	min	-2.530	-3.200
	max	5.460	2.580

Fonte: Elaboração própria.

Na comparação entre a duração da construção [*deixa eu*] e suas palavras contíguas, que mede se há diferença significativa de duração dessas duas porções da construção, foi encontrada relevância estatística (U de Mann Whitney com p-value = 0,001). De forma análoga, no grupo de [*deixa*] e palavras contíguas, também foi encontrada significância estatística entre a diferença de duração dessas duas porções (U de Mann Whitney com p-value = p-value=0,03). Dessa forma, notamos que a duração dessas duas partes da construção não ocorreu por coincidência nos dados analisados. Entretanto, como ambos os grupos apresentaram

resultados significativos neste quesito, não é possível afirmar, por exemplo, que [*deixa eu*] influenciaria mais a duração de suas palavras contíguas do que [*deixa*] as suas respectivas palavras contíguas.

Adicionalmente, é possível observar a diferença de duração entre os dois grupos quando a primeira porção da construção é somada com a duração da segunda. Verificamos que a média de duração de [*deixa eu*] é menor do que a de [*deixa*] (média = -3,909 e -1,868, respectivamente). Isso significa que não apenas [*deixa eu*] é menor do que [*deixa*] nos dados, mas também que toda a construção do primeiro grupo – [*deixa eu*] e palavras contíguas – é menor do que a do segundo (U de Mann Whitney com p-value=0,03).

Essa relevância da duração de toda a construção também é observada quando realizamos a subtração da diferença de duração entre os pares nas construções (T Test para amostras independentes com p-value = 0,04). Isso pode ser verificado por meio da extração da média da distribuição após a aplicação da subtração (média = -2,063 e -0,845 para os grupos [*deixa eu*] e [*deixa*], respectivamente). Desse modo, é possível sugerir que há maior diferença entre [*deixa eu*] e suas palavras contíguas do que entre [*deixa*] e suas palavras contíguas. Portanto, os resultados da análise acústica revelados no *boxplot* apresentado nesta seção e validados por meio dos testes estatísticos mencionados são um indício de que a construção [*deixa eu*] está mais avançada no processo de mudança linguística.

Considerações finais

Este trabalho analisou, tanto do ponto vista sintático-semântico, quanto do ponto de vista acústico, ocorrências do verbo *deixar* na fala espontânea. Em decorrência de sua alta frequência, ele apresenta uma multifuncionalidade exibida não apenas nas acepções de base lexical, mas também nas construções de que participa e que exibem noções gramaticais e discursivas.

Argumentou-se que as noções estritamente gramaticais emergem a partir das construções de estrutura argumental nucleadas por esse verbo, de modo que tais noções não estão propriamente enraizadas nele. Em razão disso, é possível dizer que há um processo de construcionalização atuando nessas estruturas. Por meio da análise dos dados do *corpus* utilizado para a extração dos dados, encontraram-se oito acepções, no uso

lexical do verbo. As duas acepções lexicais mais frequentes foram as que expressam, respectivamente, o sentido de "largar, soltar" e de "permitir". A partir da abstração das formas, ocasionada pelo processo de mudança linguística, emergem as construções que configuram os usos gramaticais do verbo, resultando nas construções de modalidade deôntica, mudança de estado, causatividade, duração e cessamento. O principal argumento para que o sentido gramatical seja veiculado pela construção e não pelo verbo é que, nesses casos, ele ainda carrega a propriedade de selecionar argumentos, exceto na construção de cessamento, uma vez que ele se comporta, de fato, como um verbo auxiliar na expressão das noções de tempo e aspecto. O uso discursivo é ilustrado, mais especificamente, pela construção [*deixa eu*], que, possivelmente, foi abstraída da construção de modalidade deôntica (cf. exemplo 16). Contudo, esse uso não expressa mais a noção de permissão, mas exibe tão somente as funções de regular a interação discursiva, proporcionando ao participante da interação tomar o turno de fala ou reorganizar o fluxo da informação no curso de produção da fala. Ademais, essa construção apresenta uma redução fonética extrema, denominada por Bybee (2015), como redução especial. Isso nos levou a analisar acusticamente essa construção comparando-a às realizações da forma de terceira pessoa do presente do indicativo produzidas em outros contextos, de modo a aferir o grau de redução da primeira construção, o que poderia revelar, por sua vez, o estágio de mudança da construção [*deixa eu*], levando em conta que quanto mais reduzida, mais avançada estaria no processo de mudança.

A comparação entre a duração de [*deixa eu*] e de [*deixa*] revelou que a construção [*deixa eu*] foi realizada com menor duração, mas sem relevância estatística. Já na comparação da duração de [*deixa eu*] e suas palavras contíguas e [*deixa*] e palavras contíguas, foi verificado que há diferença estatística relevante entre essas duas porções ($p = 0{,}001$ e $p = 0{,}03$, respectivamente) de cada construção. Isso significa que é significativa a diferença do tempo em que a primeira (deixa/deixa eu) e a segunda parte (palavras contíguas) são realizadas. Isso é válido para os dois grupos analisados. Além disso, foi verificado que [*deixa eu*] e palavras contíguas possuíam duração menor do que [*deixa*] e palavras contíguas ($p = 0{,}03$). Por fim, foi verificado que há maior diferença entre a duração de [*deixa eu*] e suas palavras contíguas do que entre [*deixa*] e suas palavras contíguas ($p = 0{,}04$), de modo que também é possível aventar um estágio mais avançado de mudança de [*deixa eu*] do que de [*deixa*].

Declaração de autoria

Luis Filipe Lima e Silva foi o responsável pela concepção e organização do artigo, participou da redação e análise dos dados. José Carlos Costa e Sueli Maria Coelho participaram igualmente da redação e da análise dos dados.

Agradecimentos

Agradecemos a valiosa colaboração do Professor Plínio Almeida Barbosa na parte da análise acústica empreendida na seção 2. Destacamos que qualquer erro remanescente é de nossa inteira responsabilidade. Adicionalmente, agradecemos à Professora Heliana Ribeiro de Mello por esclarecimentos a respeito da categoria de modalidade, bem como às Professoras Márcia Maria Cançado Lima e Gisele Carvalho Araújo Caixeta pelas longas discussões acerca de questões pragmáticas de singular importância para a categorização dos dados.

Referências

BARBOSA, P. *Incursões em torno do ritmo da fala.* Campinas: Editora Pontes. 2006.

BARBOSA, P. Semi-automatic and automatic tools for generating prosodic descriptors for prosody research. *In*: TRASP 2013, TOOLS AND RESOURCES FOR THE ANALYSIS OF SPEECH PROSODY, 2013, Aix-en-Provence. *Anais*... Aix-en-Provence: Laboratoire Parole et Langage, 2013, p. 86-90.

BARBOSA, P.; VIANA, M.; TRANCOSO, I. Cross-variety Rhythm Typology in Portuguese. In: INTERSPEECH 2009 - SPEECH AND INTELLIGENCE, 2009, Brighton. *Anais*... Brighton: Causal Productions, 2009. p. 1011-1014.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat*: doing phonetics by computer. Versão 6.1.47, 2021. Disponível em: http://www.praat.org/. Acesso em: 24 mai. 2021.

BYBEE, J. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *Language Variation and Change*, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 261-290, 2002. DOI: https://doi.org/10.1017/S0954394502143018

BYBEE, J. From usage to grammar: The mind's response to repetition. *Language*, [S.l.], v. 82, n. 4, p. 711-733, 2006. DOI: https://doi.org/10.1353/lan.2006.0186

BYBEE, J. Usage-based Theory and Exemplars Representations of Constructions. *In*: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (orgs.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 49-69.

BYBEE, J. *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

BYBEE, J.; FILE-MURIEL, R.; SOUZA, R. Special reduction: A usage-based approach. *Language and Cognition*, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 421-446, 2016. DOI: https://doi.org/10.1017/langcog.2016.19

BYBEE, J.; HOPPER, P. (orgs). *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure.* Amsterdam: John Benjamins, 2001.

BYBEE, J.; PERKINS, R.; PAGLIUCA, W. *The Evolution of Grammar*: Tense, Aspect, and Modality in Languages of the World. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1994.

CASTILHO, A. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CERQUEIRA, S.; MORAES, J.; RILLIARD, A. A prosódia de perguntas e asserções: um estudo situado de espanhol no Brasil. *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 109-137, 2019. DOI: https://doi.org/10.5007/1984-8420.2019v20n1p109

CHEN, W.; WU, W. Phonological reduction and grammaticalization: Examples from the Southern Min dialect of Hui'an. *Faits de Langues*, [S.l.], v. 46, n. 1, p. 165-186, 2015. DOI: https://doi.org/10.1163/19589514-046-01-900000013

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DEHÉ, N.; STATHI, K. Grammaticalization and prosody: The case of English sort/kind/type of constructions. *Language*, [S.l.], v. 92, n. 4, p. 911-946, 2016. DOI: https://dx.doi.org/10.1353/lan.2016.0077

DIESSEL, H. *The Grammar Network*: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FERRARI, L. *Aspectos prosódicos e sintáticos dos pronomes clíticos em Português do Brasil e no vernáculo florentino*. 2015. 255f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

GOLDBERG, A. *A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work*: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HARRIS, C. R. *et al*. Array programming with NumPy. *Nature*, [S.l.], v. 585, p. 357-362, 2020. DOI: https://doi.org/10.1038/s41586-020-2649-2

HEINE, B. *Auxiliaries*: Cognitive forces and grammaticalization. New York; Oxford: Oxford University Press, 1993.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization:* A Conceptual Framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B.; KALTENBÖCK, G.; KUTEVA, T.; LONG, H. *The Rise of Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar*: A reconstruction. Oxford: Oxford University Press, 2007.

HEINE, B.; REH, M. *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HILDEBRAND-EDGAR, N. Disentangling frequency effects and grammaticalization. *WPLC*, [S.l.], v. 26, n. 1, p. 1-23, 2016. Recuperado de: https://journals.uvic.ca/index.php/WPLC/article/view/15301

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HUNTER, J. D. Matplotlib: A 2D Graphics Environment. *Computing in Science & Engineering*, [S.l.], v. 9, n. 3, p. 90-95, 2007. DOI: https://doi.org/10.1109/MCSE.2007.55

JARADAT, A. Grammaticalization of discourse markers: views from Jordanian Arabic. *Heliyon*, [S.l.], v. 7, n. 7, p. 1-8, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.heliyon.2021.e07632

JOHNSON, K.; MULLENIX, J. (orgs.). *Talker variability without speech perception*. San Diego: Academic Press, 1997.

KALDHOL, N.; JOHNSEN, S. Grammaticalization in Somali and the development of morphological tone. *Proceedings of the Linguistic Society*

of America, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 587-599, 2021. DOI: https://doi.org/10.3765/plsa.v6i1.4993

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*: A programmatic sketch. Cologne: Universität zu Köln, Institut für Sprachwissenschaft, 1982.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. *In*: MARTELOTTA, M. E.; NASCIMENTO, E.; COSTA, S. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil*: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 45-75.

McKINNEY, W. Data Structures for Statistical Computing in Python. *In*: PYTHON IN SCIENCE CONFERENCE (SCIPY 2010), 9, 2010, Austin. *Anais*... Austin: [s.n.], 2010. p. 51-56.

MEIRELES, A.; GAMBARINI, V. P. Rhythm Typology of Brazilian Portuguese dialects. *In*: INTERNATIONAL CONFERENCE ON SPEECH PROSODY, 6, 2012, Shanghai. *Anais*... Shanghai: International Speech Communication Association, 2012, n/p.

MELLO, H.; RASO, T. *DB-CoM*: Database for Corpora Multimidia. 2020. Disponível em: http://www.c-oral-brasil.org/db-com. Acesso em: 24 mai. 2021.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. *In*: BYBEE, J.; HOPPER, P. (orgs.). *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-19.

PINTO, P. J. G. A (poli)gramaticalização do verbo *deixar*. *Domínios de Lingu@agem*, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2008. Recuperado de: www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11479

RASO, T.; MELLO, H. (orgs.). *C-ORAL-BRASIL I*: Corpus de referência do português brasileiro falado informal. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SCHIFFRIN, D. Discourse Markers: Language, Meaning, and Context. *In*: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, E. (orgs.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden: Blackwell, 2001. p. 54-75.

SILVA, L. F. L. Desenvolvimento do conector "na hora que" na Língua Portuguesa: uma análise qualitativa sob uma perspectiva construcional. *Signo y Seña*, Buenos Aires, v. 32, p. 123-136, 2017. DOI: https://doi.org/10.34096/sys.n32.4113

SILVA, L. F. L.; COELHO, S. M. A gramaticalização de geral no português brasileiro: de adjetivo a pronome indefinido/quantificador. *(Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 14, n. 28, p. 159-176, 2020. DOI: https://doi.org/10.47456/cl.v14i28.31179

SOMMERER, L. SMIRNOVA, E. (orgs.). *Nodes and Networks in Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2020.

THOMPSON, S.; MULAC, A. A quantitative perspective on the grammaticalization of epistemic parentheticals in English. *In*: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to Grammaticalization.* v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1991. p. 313-330.

TRAUGOTT, E. Modeling language change with constructional networks. *In*: PONS BORDERÍA, S.; LOUREDA LEMOS, Ó. (eds.). *Beyond Grammaticaliztion and Discourse Markers*: New Issues in the Study of Language Change. Leiden; Boston: Brill, 2018. p. 17-50.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. A gramaticalização dos verbos passar e deixar. *Revista da ABRALIN*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 9-60, 2017. Recuperado de: https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/951

VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. Grammaticalisation et post-grammaticaliasation. *Langues et Linguistique*, Québec, n. 19, p. 71-103, 1993. Recuperado de: https://www.flsh.ulaval.ca/langues-linguistique-traduction/recherche/revue-langues-et-linguistique

VIRTANEN, P. *et al*. SciPy 1.0: Fundamental Algorithms for Scientific Computing in Python. *Nature Methods*, [S.l.], v. 17, n. 3, p. 261-272, 2020. DOI: https://doi.org/10.1038/s41592-019-0686-2

WAKSOM, M. L. Seaborn: Statistical Data Visualization. *Journal of Open Source Software*, [S.l.], v. 6, n. 60, p. 1-4, 2021. DOI: https://doi.org/10.21105/joss.03021

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 780-807, 2022

Os usos de processos materiais acadêmicos em artigos científicos

Academic Material Processes Usage in Research Articles

Monique Vieira Miranda
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil
nk.miranda@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-0935-5604

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo analisar os processos materiais acadêmicos mais frequentes em um *corpus* de artigos científicos, com base na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), principalmente Halliday e Matthiessen (2014). Para tanto, foi utilizado o *Corpus* Acadêmico do Português Brasileiro (CAPB), representativo do gênero em questão, com aproximadamente 12,3 milhões de palavras, a fim de observar possíveis diferenças e semelhanças no uso dos processos materiais em diferentes áreas do conhecimento. Para a análise, foram selecionadas amostras dos processos materiais mais frequentes do *corpus*. Segundo pesquisa realizada por Miranda (2021), dentre os dez verbos acadêmicos mais frequentes, seis realizaram orações materiais, sendo eles: *apresentar*, *utilizar*, *realizar*, *encontrar*, *analisar* e *determinar*. Nesta pesquisa, esses verbos foram estudados em suas realizações enquanto orações materiais, levando em consideração a área de conhecimento em que ocorreram, assim como seus usos e implicações dentro do texto. Observou-se que os processos materiais foram empregados similarmente ao longo das diferentes áreas do conhecimento com a finalidade de descrever e relatar experimentos, análises, recomendações e contribuições dos autores. Entretanto, por meio do estudo contrastivo entre as áreas de conhecimento, notou-se que a diferença entre elas estava na forma como optaram empregar os processos materiais e, desse modo, nas implicações textuais ocasionadas por tal escolha. Por fim, conclui-se que a análise dos resultados encontrados contribui para uma compreensão mais aprofundada sobre a escrita acadêmica, avançando os estudos teóricos em língua portuguesa baseados na LSF.

Palavras-chave: orações materiais; linguística sistêmico-funcional; vocabulário acadêmico; artigos científicos

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.780-807

Abstract: This research aimed to analyze the most frequent academic material clauses in a *corpus* of scientific articles, based on Systemic-Functional Linguistics (LSF), mainly Halliday and Matthiessen (2014). For that, we used *Corpus* Acadêmico do Português Brasileiro (CAPB), a *corpus* representative of the genre in question, with approximately 12.3 million words. Our goal was to observe possible differences and similarities in the use of material processes in different disciplines. For the analysis, samples of the most frequent material processes in the *corpus* were selected. According to research carried out by Miranda (2021), among the ten most frequent academic verbs, six instantiated material sentences, namely: *apresentar, utilizar, realizar, encontrar, analisar* and *determinar*. In this research, these verbs were studied in their realization as material clauses, taking into account the area of knowledge in which they occurred, as well as their uses and implications within the text. It was observed that material processes occurred similarly across different areas of knowledge in order to describe and report experiments, analyses, recommendations and authors' contributions to the field. However, through the contrastive study between the areas of knowledge, we perceived differences regarding the way each discipline chose to use the material processes and, consequentially, in the textual implications caused by those choices. Finally, the results contribute to a deeper understanding of academic writing, advancing theoretical studies in Portuguese based on LSF.

Keywords: material clauses; sistemic-functional linguistics; academic vocabulary; research articles.

Recebido em 28 de agosto de 2021

Aceito em 01 de novembro de 2021

1 Considerações iniciais

Na perspectiva da linguística sistêmico-funcional (LSF), a língua é compreendida como um recurso para criar e trocar significados, utilizada em meio social. Desse modo, as análises baseadas nessa teoria observam como a língua expressa significados associados às situações comunicativas específicas e às demandas que são impostas pelo uso, concebendo a língua como uma rede de sistemas linguísticos (daí a denominação "sistêmica") empregados a fim de construir significados relevantes socialmente; além disso, as análises procuram explicar as estruturas e escolhas realizadas em relação ao significado e às funções desempenhadas pela língua na situação de interação social (daí a denominação "funcional").

Nesse âmbito insere-se o sistema da TRANSITIVIDADE, pertencente à metafunção ideacional, na qual a linguagem reflete experiências de mundo de modo a representar eventos (processos), entidades (participantes) e aspectos circundantes (circunstâncias) em complexos oracionais. Nessa perspectiva, para denominar cada uma das representações possíveis, são utilizadas etiquetas funcionais que indicam o papel interpretado por cada um desses elementos (THOMPSON, 2014). No caso dos processos, foco da presente pesquisa, podem ser classificados em *materiais, relacionais, mentais, verbais, existenciais* e *comportamentais.*

Dentro dos estudos da LSF em português brasileiro (PB), há uma variedade de pesquisas que exploram diferentes aspectos do sistema da TRANSITIVIDADE em textos acadêmicos, particularmente artigos científicos (FRUTOSO, 2016; LIMA; 2012; MORAIS, 2015; PENHA, 2012; PORTELA, 2013; PORTELA; BRAUER, 2017; VIVAN, 2010). Isso ocorre devido à importância do gênero para pesquisadores de todas as áreas, sendo um dos principais meios de divulgar pesquisas realizadas em ambiente acadêmico.

Dito isso, os estudos mencionados tendem majoritariamente a focar na análise de determinados tipos de processos em textos de uma (ou duas) áreas de conhecimento, geralmente processos verbais. A presente pesquisa[1] procura suprir lacunas na descrição e estudo dos usos dos diferentes tipos de processo em artigos científico do PB, analisando os processos materiais acadêmicos mais frequentes em um *corpus* de 12,3 milhões de palavras (2.898 textos), denominado *Corpus* Acadêmico do Português Brasileiro (CAPB), de artigos científicos abrangendo todas as Grandes Áreas do conhecimento do CNPq[2]. Para alcançar esse objetivo, este trabalho baseou-se na perspectiva da LSF, na qual as escolhas linguísticas dos usuários da língua são compreendidas em associação ao seu contexto de produção. Desse modo, todas as amostras da língua foram analisadas em função do texto (e seu contexto), assim como da disciplina em que ocorreram.

Os processos materiais representam a experiência externa (ações e eventos), sendo realizados por verbos como *fazer, agir* e *construir*.

---

[1] Este trabalho é um recorte da análise da tese de doutorado da autora (MIRANDA, 2021).

[2] Árvore do conhecimento. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/arvore-do-conhecimento>. Acesso em 20 jul. 2021.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), esse tipo tende a ser o mais frequente ao longo dos diferentes tipos de texto (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), assim como em artigos científicos (MENDES, 2013; VATHANALAOHA; TANGKIENGSIRISIN, 2018; ZHEN; YANG; GE, 2014), o que contribui para justificar seu estudo mais aprofundado.

A partir dessa introdução, a próxima seção apresenta uma revisão teórica da LSF, em especial, a parte relacionada aos processos materiais. Em seguida, discorre-se sobre os procedimentos metodológicos empregados para realizar as análises, cujos resultados estão descritos na seção seguinte. Por último, as considerações finais recapitulam as discussões e descobertas da pesquisa a respeito dos usos das orações materiais em artigo científicos.

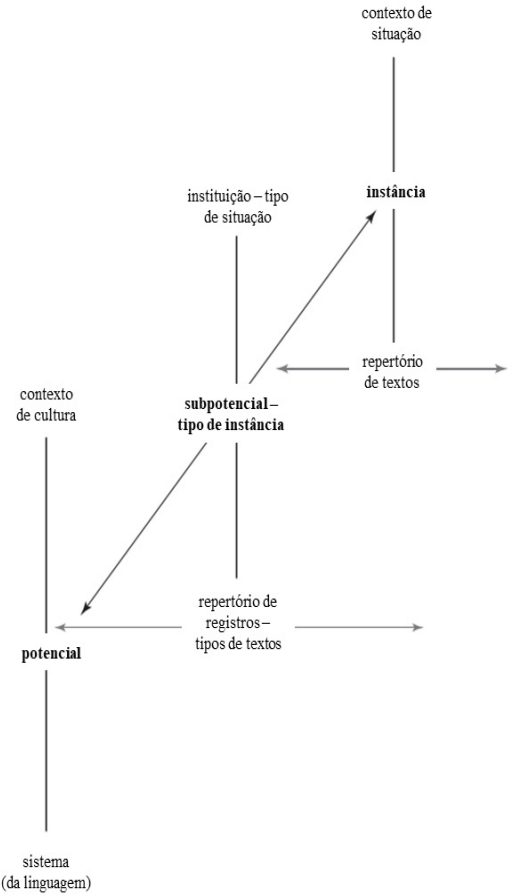
2 Breves considerações a respeito da LSF

Para iniciar a revisão teórica dos principais conceitos da LSF relevantes para a análise realizada por esta pesquisa, parte-se do pressuposto de que a gramática de uma língua é representada sob a forma de uma rede de sistemas, e não como um inventário de estruturas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Apesar de a estrutura ser essencial para a descrição linguística, ela é compreendida como a forma adotada por escolhas sistêmica. Assim, a linguagem é vista como um recurso de fazer significados que residem em padrões sistêmicos de escolha. Tais escolhas de cada sistema contribuem para a formação da estrutura, como inserção e ordenação de elementos, e são compreendidas como *realizações* de escolha sistêmica. Dito isso, na análise textual como a realizada nesta pesquisa, procura-se demonstrar a organização funcional da estrutura e as escolhas significativas realizadas, ambas em relação ao contexto do que poderia ter sido significado.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), o sistema é o potencial subjacente de uma língua, um recurso capaz de criar significados. Dessa forma, sistema e texto se relacionam através do contínuo da instanciação, pertencendo a polos opostos, embora haja padrões intermediários entre eles, conforme ilustrado na Figura 1. Por exemplo, o estudo de um único *texto* pertence ao polo da instância, uma vez que o texto instancia o sistema linguístico e esse potencializa inúmeros textos. Análises nesta perspectiva levam em consideração o contexto de produção do texto, assim como o potencial do sistema linguístico que o produziu

(FIGUEREDO, 2011). Do outro lado, o estudo de um conjunto de textos permite identificar padrões comuns a eles e, dessa forma, descrevê-los em termos de *tipos de textos*. Por sua vez, o registro é a variação funcional da linguagem que corresponde aos padrões de instanciação do sistema dentro de certo contexto – o *tipo de situação*.

Figura 1 - O contínuo de instanciação



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen (2014, p. 27).

De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), os padrões de instanciação são apresentados quantitativamente em probabilidades sistêmicas da língua, em que o registro pode representar uma determinada

configuração de tais probabilidades. No caso da presente pesquisa, os procedimentos metodológicos descritos na seção 3 almejam procurar tais padrões relacionados às escolhas verbais – os processos materiais – dentro de um tipo de texto, por meio da seleção de amostras suficientes para representarem uma parte mais elevada do contínuo – de um tipo de texto. De tal forma, será possível observar se tais padrões são comuns à maior parte das instâncias textuais ou se há variação conforme a área do conhecimento em que ocorreram.

Na Figura 1, a instância mais abrangente da variação tipológica é a do sistema, que corresponde ao significado potencial de uma língua, assim como ao potencial contextual da cultura (CAFFAREL; MARTIN; MATTHIESSEN, 2004). Já a instância mais estreita corresponde a um texto em um determinado contexto de situação. Dessa forma, pode-se conceber cada instância de texto como uma realização da cultura na qual se insere e a qual instancia.

O contexto de situação apresenta variáveis que podem caracterizar qualquer situação, tendo impacto direto e significativo nas escolhas linguísticas realizadas (EGGINS, 2004). As variáveis são o *campo*, que corresponde à atividade realizada pelos participantes e reconhecida na cultura, e à natureza dessa ação social com objetivo específico; a *sintonia*, que remete aos participantes e à natureza dos papéis sociais que desempenham, assim como da possível hierarquia e do grau de formalidade; e o *modo*, que diz respeito à função exercida pela linguagem, ao veículo comunicativo utilizado na situação ou ao que se espera da linguagem em determinado contexto.

Halliday e Matthiessen (2014) afirmam que essas três variáveis são importantes pois se relacionam com os três tipos de significados estruturados pela língua, exercendo funções diferentes: expressar a experiência, criar relações interpessoais e organizar informações. Tais significados podem ser associados em relação *para cima* – com o contexto – ou *para baixo*, com a léxico-gramática. Cada variável de contexto corresponde a uma metafunção (ideacional, interpessoal e textual, respectivamente) no estrato da léxico-gramática, instanciando-se de forma entrelaçada e simultânea na linguagem.

Na metafunção ideacional, que abriga o sistema da transitividade, sob análise nesta pesquisa, a oração é compreendida como representação, sendo realizada por duas funções distintas: a *experiencial*, que compreende os processos instanciados, seus participantes e circunstâncias associados a eles, responsável pela construção de um modelo de representação do

mundo ao nível da oração; e a *lógica*, que compreende a relação entre um processo e outro, ou entre participantes, que compartilham a mesma função em um texto, responsável pela combinação de grupos lexicais e oracionais. Para análise da oração (inclusive das materiais, alvo desta pesquisa), emprega-se o sistema da transitividade por meio do qual representa-se a experiência em termos de configuração de processos, participantes e circunstâncias.

Nessa perspectiva, a oração é a unidade de processamento da léxico-gramática por ser onde os significados são produzidos em função da estrutura gramatical. Dessa forma, a oração é ao mesmo tempo uma representação (metafunção ideacional), uma troca (interpessoal) e uma mensagem (textual); enquanto o texto é a unidade de descrição, instanciando o sistema.

Assim, para Halliday e Matthiessen (2014), é necessário analisar um fenômeno linguístico observando-o de diferentes perspectivas – a esse tipo de análise denomina-se *trinocular* – em que se compreende a língua em termos "acima" do fenômeno analisado, "abaixo" do estrato de análise e "ao redor", no mesmo estrato em que o fenômeno ocorre. Para os autores, por ser esta uma abordagem funcionalista da gramática, deve-se priorizar a perspectiva "acima", o que implica favorecer o sistema no qual a língua é concebida como uma rede de escolhas significativas interligadas. Isto posto, cabe observar que a explicação de um fenômeno se baseia não apenas em demonstrar como ele se estrutura, mas também como se relaciona com outras possibilidades em relações sistêmicas ou ágnatas.

Aplicando tais proposições para este trabalho, as orações materiais, pertencentes ao sistema da TRANSITIVIDADE, foram analisadas 1) "acima", em termos de como os significados dos processos são construídos nas diferentes áreas de conhecimento; 2) "abaixo", em relação aos grupo verbais que realizam os processos materiais, se há regularidade na realização das escolhas sistêmicas; e 3) "ao redor": em termos dos participantes e circunstâncias que acompanham os processos, assim como as consequências da agnação e pressuposições sobre o léxico empregado.

Na próxima seção, esta breve revisão teórica sobre os conceitos da LSF relevantes para este trabalho foi afunilada para o estudo do sistema da TRANSITIVIDADE, mais especificamente os processos materiais.

3 Sistema da TRANSITIVIDADE: orações materiais em foco

Retomando os conceitos apresentados na seção anterior, a metafunção experiencial constrói os fenômenos da experiência humana

por meio do sistema da TRANSITIVIDADE. Esse sistema se constitui como um mecanismo do estrato da léxico-gramática responsável por representar ações e atividades em configurações de processos, participantes e circunstâncias.

Nessa perspectiva, *processos* são o núcleo da oração, uma vez que seu significado gira ao redor de uma ação, evento ou estado, e são realizados tipicamente pelo grupo verbal. Cada oração costuma ter ao menos um *participante*, frequentemente realizado por um grupo nominal que pode, ou não, estar diretamente envolvido (ou impactado) pelo processo. Por sua vez, as *circunstâncias* são normalmente realizadas por grupos adverbiais ou frases preposicionadas, além de serem opcionais, o que reflete sua condição de "pano de fundo" (THOMPSON, 2014, p. 93) dentro da oração.

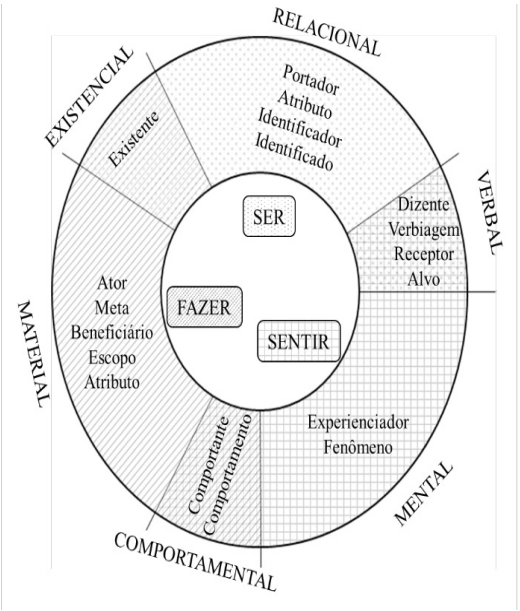
Retomando o conceito de processo, esse é construído em um conjunto de TIPOS DE PROCESSOS no qual cada tipo configura um modelo distinto de construção de um determinado domínio de experiência (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Desse modo, há três processos primários – mais frequentes no sistema da TRANSITIVIDADE da língua inglesa: materiais (que expressam figuras de fazer), relacionais (figuras de ser) e mentais (figuras de sentir); e três processos secundários: verbais, comportamentais e existenciais, localizados nas fronteiras entres os primeiros.

Os processos primários podem ser resumidos em: materiais, aqueles que representam a experiência externa (ações e eventos), realizados por verbos como *fazer, construir* e *agir*; mentais, os que representam a experiência interna (lembranças, reações e sentimentos) e são realizados por verbos como *pensar, imaginar, gostar* e *querer*; e relacionais, que representam relações de identificação e caracterização, realizadas por verbos como *ser, estar, parecer* e *ter*. Já as características dos processos secundários podem ser resumidas assim: verbais, que representam dizeres através da atividade linguística dos participantes, localizados entre os processos mentais e relacionais, e podem ser exemplificados por *dizer, afirmar* e *responder*; comportamentais, que representam comportamentos, manifestando atividades psicológicas ou fisiológicas do ser humano, situados entre os processos materiais e mentais, e têm como exemplos *dormir, tossir* e *sonhar*; e existenciais, situados entre os relacionais e os materiais, que representam a existência de um participante, como *haver e existir*.

Os diferentes tipos de processos possuem particularidades que implicam a interação de determinados participantes, cuja natureza é

definida em função do processo com os quais ocorrem. Desse modo, cada processo é empregado com participantes distintos, de acordo com as escolhas dos usuários da língua. A Figura 2 ilustra os tipos de participantes em orações distintas.

Figura 2 - Tipos de participantes em orações



Fonte: Miranda (2021, p. 64), adaptado de Fuzer e Cabral (2014).

Determinadas brevemente tais bases teóricas sobre TIPOS DE PROCESSOS, cabe ainda aprofundar as características distintivas dos processos materiais – tópico deste trabalho. As orações com processos materiais representam figuras de "fazer e acontecer", nas quais a sentença material desencadeia uma mudança no curso de eventos em desenvolvimento por meio de um participante. Aquele que realiza a ação é denominado *Ator*, obrigatório nos processos materiais. Por sua vez, o participante cujas características são criadas ou alteradas pelo processo é denominado *Meta*.

Para Halliday e Matthiessen (2014) e Caffarel (2006), por ser um processo que envolve a feitura de algo, um critério gramatical que possibilita a distinção entre este e os demais processos primários é observar se as orações podem ser indagadas com processos materiais

prototípicos como *fazer* ou *acontecer.* Por exemplo, em (1) a seguir, é possível perguntar 'Quem *fez* o segundo trabalho?' ou, em (2), 'O que aconteceu com "cada amostra sérica?". Essas perguntas não funcionam para (3), pois nesse caso há um processo mental diante do qual tais perguntas perdem o sentido, considerando que "Hume" não age sobre sua realidade ou algo lhe acontece, uma vez que o evento ocorre internamente.

(1) O segundo trabalho **empregou** a determinação da concentração do princípio ativo paracetamol em comprimidos com espectroscopia no infravermelho próximo e regressão por mínimos quadrados parciais (PLS, do inglês Partial Least Squares) para o ensino de calibração multivariada. (E_QN_2018_3_EC_001.txt)

(2) Cada amostra sérica, incluindo os controles**, foi submetida** às diluições de 1:25, 1:50 e 1:500 (Andrade *et al.*, 2016), sendo 1:25 o ponto de corte considerado. (A_ABMVZ_2018_2_AA_009)

(3) A experiência do ensaio é aquela para a qual Hume **imagina** a sua ciência da natureza humana, a ciência; (H_TFA_2017_1_AA_003)

As orações materiais podem ser classificadas com relação às ações que envolvem apenas um participante, o Ator, em *intransitivas;* e aquelas que envolvem mais de um participante, em *transitivas.* Segundo Thompson (2014), os processos materiais compõem a categoria mais ampla no sistema da TRANSITIVIDADE, havendo várias sugestões sobre como podem ser subcategorizados em níveis mais detalhados. Apesar disso, um agrupamento importante corresponde à separação entre as orações materiais que *fazem surgir* a Meta – processos materiais criativos – e em processos que *afetam* um dos participantes – processos materiais transformativos. O Quadro 1 ilustra a distinção entre os tipos de orações materiais (in)transitivas criativas e transformativas.

Quadro 1 – Orações materiais (in)transitivas criativas e transformativas

Transitiva criativa	No Twitter,	todas as manifestações	foram feitas	por meio das hashtags #GenocídioGuaraniKaiowa, #SouGuaraniKaiowa e #SomosTodosGuaraniKaiowa (L_RBEP_2018_2_AA_002)
	Circunstância	Meta	Processo	Circunstância
	a legenda	forjou	sua interpretação,	como mostra Knightley (2004) (So_GSP_2017_1_RE_001)
	Ator	Processo	Meta	Circunstância
Intransitiva criativa	Consequentemente,	surgem	erros de avaliação	em relação aos múltiplos usos dos recursos hídricos nas bacias hidrográficas. (En_ESA_2018_1_AA_011)
	Circunstância	Processo	Ator	Circunstância
Transformativa transitiva	Com essa medida,	90% dos usuários abastecidos pelo Sistema Cantareira	reduziram	o consumo de água em maio de 2014 (En_ESA_2017_5_AA_004)
	Circunstância	Ator	Processo	Meta
Transformativa intransitiva	A cinematografia sobre os processos transnacionais na Espanha	aumenta	com a percepção social do fenômeno (So_GSP_2017_3_AA_003)	
	Ator	aumenta	Circunstância	

Fonte: Miranda (2021, p. 67).

Retomando a descrição dos participantes dos processos materiais, além daqueles mencionados, Ator e Meta, há também o Escopo, Beneficiário e Atributo. O *Escopo* é o participante que não é afetado pelo processo, podendo ser classificado em dois tipos: o *Escopo-entidade*, que diz respeito ao domínio em que o processo se desenrola; e o *Escopo-processo*, que contribui para a construção do processo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Os trechos (4) e (5) abaixo ilustram ambos os tipos de Escopo, respectivamente.

(4) "**Siga** *a estrada* a partir da igreja mais ao norte e **dirija-se** *ao replantio de pinheiros mais ao sul*" (E_BCG_2016_2_AA_008)

(5) "Trouxeram o menino e quando chegou na frente da minha casa **deram** *uma rasteira* no menino, **deram** *um tiro* nas costas e dois tiros na cabeça" (H_CP_2017_3_DO_005)

O participante *Beneficiário* também pode ser dividido em duas classes: o *Recebedor*, aquele que recebe bens ou tem bens transferidos pelo Ator, como no trecho (6), a seguir; e o *Cliente*, cujos bens ou serviços são prestados pelo Ator (FUZER; CABRAL, 2014), exemplificado em (7).

(6) Plasma [Meta] **foi administrado** [Processo material transitivo transformativo] *em pacientes* [Beneficiário] com hemorragia contínua e TP ou TTP anormal [Adjunto]. (Sa_RBAN_2014_0_AA_007)

(7) Para evitar que ele contestasse a sua escravidão, seu proprietário [Ator] o [Meta] **vendeu** [Processo material transitivo transformativo] *para comerciantes envolvidos no tráfico transatlântico* [Beneficiário]. (H_TOPO_2014_0_AA_005)

Por fim, há o *Atributo* que diz respeito a uma característica conferida a um dos participantes da oração, podendo ser classificado em: *Atributo resultativo,* que constrói um estado qualitativo resultante do Ator ou da Meta, depois da intervenção do processo; ou *Atributo descritivo*, que especifica o estado do Ator ou da Meta ao participar do processo. Ambos participantes estão ilustrados respectivamente nos trechos (8) e (9).

(8) Só Carioca [Ator] **saiu** [Processo material intransitivo transformativo] carregado [Atributo resultativo] da 9ª DP [Circunstância]. (So_GSP_2017_3_AA_005)

(9) Poucos [Ator] **trabalhavam** [Processo material intransitivo transformativo] como pescadores [Atributo descritivo], apenas três, anotados como do "serviço de lancha". (H_TOPO_2014_0_AA_001)

Os processos materiais têm apenas um participante obrigatório, o Ator. Entretanto, nem sempre esse participante ocupa a posição de sujeito da oração ou está explicito, como em estruturas com orações passivas (denominadas orações efetivas receptivas). Em tais ocorrências,

o participante diretamente relacionado ao processo ainda continua sendo classificado de acordo com sua relação semântica, que permanece inalterada (THOMPSON, 2014). Ainda segundo o autor, orações passivas são marcadas em relação às ativas (denominadas orações efetivas operativas, nesta perspectiva), por estas serem a escolha natural do usuário. Desse modo, quando empregadas, as passivas geralmente possuem uma motivação por trás de sua escolha, como pode ser observado no exemplo abaixo, em que foram utilizadas a fim de omitir o Ator da oração. Apesar disso, ele pode ser recuperado por meio do contexto, referindo-se aos pesquisadores que conduziram os procedimentos metodológicos descritos na sequência de orações. Essa estratégia de omissão é um recurso que funciona a fim de retirar o foco do Agente do processo, destacando o conteúdo da Meta.

> (10) Para indução do banco de sementes do solo as sementes **foram colocadas** em copos de polietileno branco (diâmetro inferior de 4,6 cm, diâmetro superior de 7 cm e 8,3 cm de altura) com capacidade de 200 ml. Os copos **foram perfurados** no fundo e laterais com agulha de ≅ 0,25 mm de espessura e preenchidos até dois terços com solo do local. Logo após, **foram enterrados** até o nível interno do substrato. Os copos **foram distribuídos** aleatoriamente em grupos de 20 amostras em uma área de 100 m2, em local próximo do centro do fragmento florestal. Em cada copo **foram colocadas** 25 sementes cobertas com aproximadamente 1 cm de uma mistura de solo e serrapilheira, seguindo metodologia adaptada proposta por Motta *et al.* (2006). (A_FL_2018_1_AA_002)

Descritas as bases teóricas do presente trabalho, a próxima seção apresenta os procedimentos metodológicos empregados na condução da pesquisa.

4 Procedimentos metodológicos

Na seção anterior foram discutidos os postulados teóricos nos quais este trabalho se baseia, especificamente os processos materiais pertencentes ao sistema da TRANSITIVIDADE na perspectiva da LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Nesta seção, apresentam-se os procedimentos empregados para análise desse tipo de processo realizado pelos verbos mais relevantes em artigos científicos de diferentes áreas do conhecimento.

Como se procurou observar os dados linguísticos em seu contexto de uso, o *corpus* utilizado foi o CAPB – *Corpus* Acadêmico do Português Brasileiro[3] –, que contém aproximadamente 12,3 milhões de palavras de textos de diversas disciplinas. Esse *corpus* está organizado segundo as Grandes Áreas do conhecimento do CNPq, a saber: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde, Engenharias, e Letras, Linguística e Artes. A Tabela 1 apresenta a composição de artigos por Grande Área, assim como o número de palavras.

Tabela 1 - Composição do *corpus* da pesquisa

Grande Área (Sigla)	**Nº de artigos**	**Nº de *tokens***
Ciências Agrárias (A)	421	1.149.095
Ciências Biológicas (B)	229	674.347
Ciências Exatas e da Terra (E)	370	1.490.360
Engenharias (En)	505	2.121.683
Ciências Humanas (H)	316	2.126.022
Letras, Linguística e Artes (L)	244	1.442.676
Ciências da Saúde (Sa)	547	1.604.958
Ciências Sociais Aplicadas (So)	265	1.711.026
	2.898	12.320.167

Fonte: Elaboração própria

Para descobrir quais são os verbos mais relevantes (denominados acadêmicos, na perspectiva de Nation (2001) e Webb e Nation (2017)) em artigos científicos – e, então, analisar as ocorrências dos processos materiais entre eles – elaborou-se uma lista dos verbos acadêmicos em artigos científicos, por meio de uma série de critérios internos e externos ao *corpus* compilado, como dispersão, razão e alcance (entre outros) dos itens lexicais. A lista proveniente da aplicação desses critérios está descrita e detalhada em Miranda (2021).

O presente trabalho, recorte daquele mencionado anteriormente, que analisou os dez verbos acadêmicos mais frequentes da lista elaborada, sendo eles: *apresentar, utilizar, realizar, considerar, observar, encontrar, ocorrer, mostrar, analisar* e *determinar*. De cada um desses verbos, foram selecionadas cinquenta linhas de concordância aleatórias para cada uma

[3] *Corpus* Acadêmico do Português Brasileiro. Disponível em: <https://sites.google.com/view/corpusacademico/>. Acesso em: 25 jul. 2019.

das oito Grandes Áreas de conhecimento (cada Grande Área corresponde a um sub*corpus* deste trabalho), resultando na análise de quatro mil linhas de concordância em que se focou na compreensão de como o processo foi empregado no texto (a partir da análise do seu contexto expandido).

De cada oração observou-se uma série de parâmetros que correspondem à sua instanciação, como a realização do grupo verbal em relação à efetividade (sistema de AGÊNCIA), o tempo em que se desenrola a ação, a presença de modalizador, as características particulares de cada tipo de processo e das circunstâncias acompanhantes. Além disso, foram empregados os critérios distintivos semânticos e gramaticais resumidos na Tabela 2, baseados em Halliday e Matthiessen (2014) e Caffarel (2006).

Tabela 2 - Critérios para distinguir os diferentes tipos de processos

Testes gramaticais	**Tipos de processos**						
	material	**relacional**		**mental**	**verbal**	**existencial**	**comportamental**
		atributivo	**identificativo**				
Significado da categoria	fazer (fazer, acontecer, fazer com/a)	ser (atributo)	ser (identidade)	sentir	dizer	ser (existir)	comportar
Número de participantes obrigatórios	1	2	2	1	1	1	1
Natureza do participante obrigatório	coisa	coisa ou fato	coisa ou fato	coisa consciente	fonte simbólica	coisa ou fato	coisa consciente
Natureza do participante secundário	coisa		igual ao obrigatório	coisa ou fato			
Número de participantes passíveis de ocorrer	3	3	3	2	4	1	2
Possibilidade de apresentar Beneficiário/ Receptor	✓ beneficiário				✓ receptor		
Possibilidade de projetar	-	-	-	projeção de ideias	projeção de locuções	-	-
Possibilidade de metafenômeno				✓			
Voz	efetiva ou média	efetiva ou média	efetiva ou média	efetiva ou média	efetiva ou média	média	média

Fonte: Adaptada de Halliday e Matthiessen (2014, p. 354) e Caffarel (2006).

Vale ressaltar que alguns verbos podem realizar um ou mais tipos de processos em função do seu contexto de uso (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014; THOMPSON, 2014). Essa propriedade foi observada nos dados dessa pesquisa, detalhados na Tabela 3, a seguir,

em que um mesmo verbo (*apresentar*, por exemplo) realiza diferentes tipos de processos (no caso, material, relacional e existencial). Para a presente análise, considerou-se apenas as ocorrências dos processos materiais, embora todos os demais tipos de processos encontrados pela análise estejam apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 – Distribuição dos tipos de processos por verbos analisados

	Processos materiais	**Processos relacionais**	**Processos mentais**	**Processos existenciais**	**Processos verbais**
apresentar	55	344	-	1	-
utilizar	400	-	-	-	-
realizar	389	-	-	11	-
considerar	-	311	89	-	-
observar	-	-	396	-	4
encontrar	215	185	-	-	-
ocorrer	-	-	-	400	-
mostrar	-	400	-	-	-
analisar	400	-	-	-	-
determinar	259	123	-	-	18
Totais	1718	1363	485	412	22

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos procedimentos detalhados nesta seção, segue-se a análise minuciosa dos processos materiais, sendo eles (conforme os dados apresentados na Tabela 3): *apresentar, utilizar, realizar, encontrar, analisar* e *determinar*. Os resultados encontrados são descritos na próxima seção.

5 A TRANSITIVIDADE em processos materiais acadêmicos

Estabelecido o embasamento teórico e os procedimentos metodológicos utilizados na presente pesquisa, esta seção apresenta e discute os resultados encontrados na análise das orações materiais realizadas pelos verbos acadêmicos mais frequentes em artigos científicos. Retomando os dados da Tabela 3, os processos materiais correspondem a 43% das orações totais analisadas, sendo também os mais frequentes em cada uma das oito Grandes Áreas do conhecimento. Essa

porcentagem elevada reflete uma característica do gênero com relação ao emprego desses processos pelos autores a fim de descrever e relatar majoritariamente procedimentos metodológicos, análises e contribuições da pesquisa ou de outros pesquisadores.

Ao todo, dentre as quatro mil amostras analisadas dos dez verbos acadêmicos mais relevantes no gênero, ocorreram 1.718 orações materiais, sendo que todos os verbos que instanciaram tais orações realizaram também outros tipos de processos, com exceção de *analisar* e *utilizar*, cujas ocorrências foram todas materiais.

Das orações, apenas *realizar* instanciou orações materiais criativas – as demais corresponderam a materiais transformativas. Os trechos a seguir exemplificam os usos mais frequentes dos processos materiais. Em (11), o processo material é empregado com significado de 'chegar a', indicando o caminho percorrido pelo Ator ("Esses elétrons") até alcançar a Meta ("o contra eletrodo"). Já em (12), o processo material realizado pelo verbo *apresentar* significa 'expor' algo, a Meta – "uma revisão de literatura". Em (13), o processo material é empregado a fim de relatar as descobertas de outro estudo, sendo esse ("Panduro (2012)") o Ator, e o que foi descoberto, a Meta ("níveis moderados de herdabilidade"). Já em (14), o processo material reporta a ação de um dos participantes envolvidos na pesquisa ("a Lei no 3.459"), significando a imposição da Meta, "a implantação do ensino religioso confessional". Em (15), a oração material expõe o uso que o Ator ("nosso estudo") fez da Meta ("as lista (sic) de espécies ameaçadas"), de modo a descrever uma das etapas dos procedimentos realizados pelo autor do texto. Por sua vez, as orações nos trechos (16) e (17) omitem o Ator envolvido no processo material (em ambos os casos referindo-se aos próprios autores dos textos), focando naquilo que foi realizado – seja a ação, por meio do processo (*realizar* e *analisar*), ou o que foi feito, por meio da Meta ("o levantamento", em 16, e "a capacidade...", em 17).

(11) Esses elétrons percorrem um circuito externo até **encontrarem** o contra eletrodo (FTO||Pt). (E_QN_2018_5_AA_001)

(12) Aprofundando essa questão, **apresentamos** a seguir uma revisão da literatura com dois objetivos específicos: (L_ ALFA_2014_0_AA_004)

(13) Por outro lado, Panduro (2012) **encontrou** níveis moderados de herdabilidade para rendimento de frutos e peso (B_RCR_2014_0_AA_006)

(14) em setembro de 2000 seria promulgada pelo então governador Antony Garotinho a Lei no 3.459, que **determinou** a implantação do ensino religioso confessional nas escolas públicas do Rio de Janeiro. (H_CP_2017_2_DO_007)

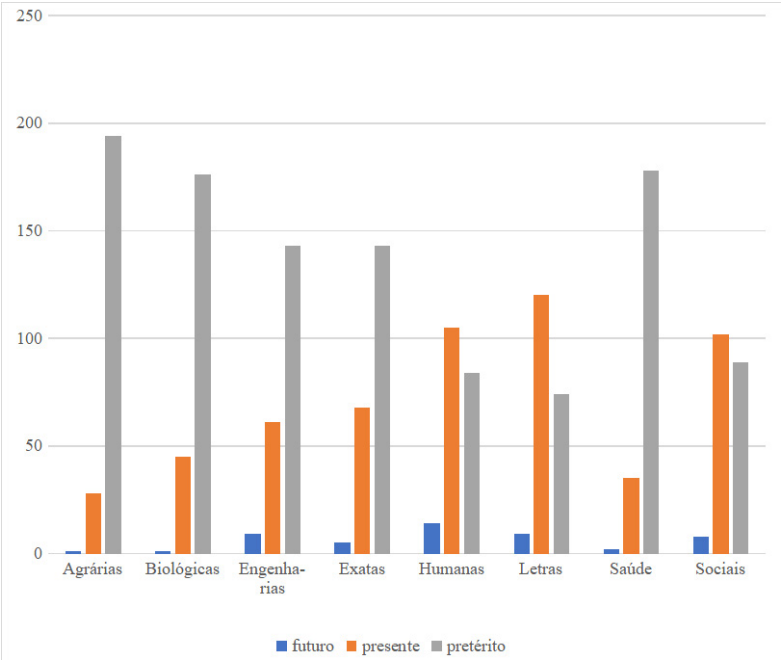
(15) Além disso, nosso estudo no nível estadual **utilizou** as lista de espécies ameaçadas em nível global e nacional (B_ISZ_2017_sup_AA_051)

(16) O levantamento **foi realizado** no portal da Câmara de Deputados (H_CP_2017_2_DO_008.txt)

(17) Nesta seção **é analisada** a capacidade que as funções aproximadoras (Bézier G 1, Phong, Nagata, NLSA e PN) possuem em representar continuidade dos planos tangentes nas interfaces dos elementos triangulares (E_TSC_2018_2_AA_002)

Com relação ao tempo (morfológico), as orações materiais foram classificadas conforme sua realização no pretérito, presente ou futuro, sem adentrar em classes mais detalhadas, e sua relação com a construção da oração dentro do texto. Observando o *corpus* como um todo, os processos materiais foram majoritariamente empregados no pretérito, comumente associados à descrição das ações dos pesquisadores (o próprio autor ou outros), havendo um número relevante de usos no presente e, em frequência bem menor, no futuro. Quando analisados por *subcorpora* (ou Grande Área), pode-se perceber que as disciplinas de Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências Exatas e Ciências da Saúde tenderam a empregar os processos materiais no pretérito com frequência bastante superior aos usos nas Grandes Áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais e Letras, Linguística e Artes. O Gráfico 1 apresenta tais resultados encontrados.

Gráfico1 - Tempo verbal em orações materiais por Grande Área



Fonte: Elaboração própria.

Em geral, o uso do processo no tempo presente associou-se a orientações e/ou atitudes tomadas pelo próprio pesquisador-autor da pesquisa (como exemplificado em 18); ao relato de atividades realizadas por outras pessoas (como em 19); à descrição de resultados esperados em possíveis replicações da pesquisa (20); e ao lidar com a fundamentação teórica ou discussões sobre os conceitos empregados no texto (21).

(18) Mitchel e Collins [7] **determinam** a equação do ângulo de inclinação das bielas, estabelecendo um modelo teórico mais geral, que denominam de teoria do campo de compressão diagonal. (En_RIEM_2017_1_AA_006)

(19) O decisivo, portanto, consiste nessa "lente dialógica" pela qual Habermas **analisa** a vida política e social. (H_LN_2017_3_AA_006)

(20) Para redução da sua idade ao primeiro acasalamento, **podem ser utilizadas** pastagens anuais de inverno (A_ABMVZ_2018_3_AA_020)

(21) Em outras palavras, o capitalismo **utiliza** e se beneficia do confinamento da mulher à esfera reprodutiva (H_CP_2017_2_DO_010)

Já o pretérito, empregado em tanto em orações efetivas operativas ou receptivas, associou-se a ações de pesquisadores (implícitos em efetivas receptivas ou em construções com clíticos *se* indeterminador do sujeito), como em (22) e (23), a seguir; e aos passos metodológicos envolvidos na pesquisa (como em 24). Em geral, pode-se perceber nos trechos de (22) a (24) que os usos dos processos materiais foram similares, uma vez que a preferência por um tempo verbal ou outro ocorreu majoritariamente de acordo com a Grande Área.

(22) Os perfis **foram analisados** no aplicativo "GPR Bathymetry", aplicando ao radargrama a função "set time zero" para a localização e remoção da onda direta (E_BCG_2017_1_AA_002)

(23) Realizou-se um estudo retrospectivo dos casos de necropsia de cães diagnosticados no Setor de Patologia Veterinária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (SPV-UFRGS) no período de 2002-2013. (A_PVB_2014_0_AA_002)

(24) Para a visualização da reação, **utilizou-se** o cromógeno diaminobenzidina (DAB) (Spring, 3,3'-diaminobenzidina - cod. DAB-060, CA). Para o controle positivo, **foi utilizada** tonsila humana e, para o controle negativo, **foi utilizado** baço de peixe, sem a injeção de HC, a 2,5%. A contracoloração **foi realizada** com hematoxilina de Harris, e a montagem das lâminas com Permount (Fisher Scientific, cod. S70104, CA). A contagem das células imunomarcadas **foi realizada** sob microscopia de luz, com equipamento para fotomicrografia digital (Nikon E200, BR). (A_ABMVZ_2018_1_AA_016)

Por último em relação ao tempo verbal, os processos materiais foram empregados no futuro com a finalidade de apresentar as recomendações da pesquisa ou de outras fontes, como (25), ou para compor a narrativa teórica, (26). Por sua vez, em (27), os fatos expostos descrevem a metodologia já empregada pela pesquisa, de modo que eles existem/pertentem ao passado. Entretanto, ao colocá-los no futuro, são ressignificados a fim de construir o texto e a metodologia junto com o leitor. Além desses usos, e consideravelmente mais frequentemente, o futuro foi empregado a fim de apresentar o trabalho e introduzir seções do artigo acadêmico, como em (28).

(25) A articulação entre o IGC e o CI, no entanto, está explicitada no Parágrafo Único do artigo 33-C da Portaria Normativa nº 40 de 2010: "As Comissões de Avaliação **utilizarão** o CPC e o IGC como referenciais orientadores das avaliações in loco de cursos e instituições, juntamente com os instrumentos referidos no art. 17-J e demais elementos do processo" (BRASIL, 2010). (H_AC_2018_1_AA_009)

(26) Admite-se que todo o material hidrolisado **encontrará** condições ambientais favoráveis (substrato e microrganismos) para ser completamente eliminado a uma determinada taxa que propuseram no modelo. (En_ESA_2018_2_AA_013)

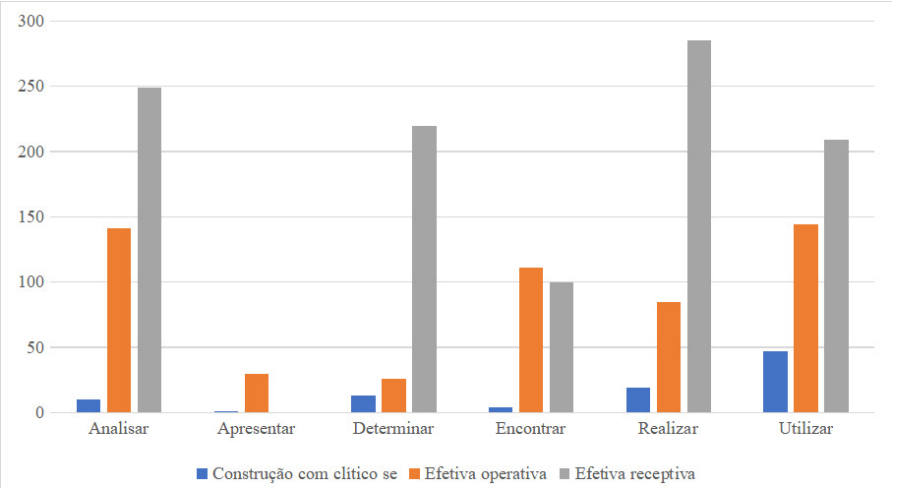
(27) A verificação estatística da significância dos tratamentos será feita pela análise de variância (ANOVA) GLM. Para a comparação das médias, **será utilizado** o teste de Tukey, com 5% de probabilidade. Todas as análises **serão realizadas** pelo software estatístico SAS, versão 9.1.2 (SAS, 2009). (A_ABMVZ_2018_4_AA_006)

(28) INTRODUÇÃO Este trabalho **analisará** a variação regional do português brasileiro (PB) com foco no viés perceptivo dos estudos da linguagem. (L_LH_2017_1_AA_003)

Quanto à realização do grupo verbal, nos dados gerais, a maior parte das orações foi efetiva receptiva, seguida por efetivas operativas

e, por fim, por orações com clítico *se,* conforme os dados apresentados no Gráfico 2. À exceção de *encontrar*, na maior parte das orações materiais efetivas receptivas, o Ator foi omitido da oração. Nesses casos, as omissões podiam ser facilmente recuperadas pelo contexto seja (majoritariamente) como referentes ao próprio autor do texto ou a outros pesquisadores – expressos por meio de circunstâncias ou em orações adjacentes.

Gráfico 2 - Tipos de construções em orações materiais



Fonte: Elaboração própria.

Essa omissão do Ator é uma estratégia que desfoca a atenção do próprio autor do texto (quem realizou a ação/Ator) para dar destaque à mensagem/Meta, causando efeito de objetividade na construção textual. De tal forma, através da lacuna no preenchimento dos Atores nas orações materiais (que frequentemente fazem referência ao próprio autor), os artigos apresentam a informação de modo conciso, direcionando a atenção do leitor à Meta, ou seja, àquilo que foi realizado pelo Ator omitido.

Desse modo, há uma mudança no foco do leitor, retirando-o de quem realiza as ações para a ação realizada, ao mesmo tempo em que essa estratégia distancia o autor de seu texto, atribuindo-lhe a impressão de um texto impessoal e objetivo, mesmo quando relata a descrição dos procedimentos realizados pelos autores para a elaboração da pesquisa.

Os trechos (29) e (30) abaixo exemplificam essa estratégia, em que o relato da confecção da pesquisa aparenta clareza e objetividade, sendo realizado linguisticamente por meio de orações efetivas receptivas curtas acompanhadas de uma única circunstância – através da qual é possível descrever o que foi feito, qualificando-o ou expandindo-o, sem inserir reações pessoais do autor.

(29) No soro [Circunstância de Localização: Lugar], **foram determinados** os valores de proteínas totais, globulinas, albuminas, hemoglobina e ureia (A_ABMVZ_2018_4_AA_016)

(30) Para a obtenção das medidas [Circunstância de Causa: Finalidade] **foram utilizadas** réguas de escala padrão para as estruturas maiores (B_HOE_2018_2_AA_003)

Além disso, também foram observadas outras estratégias empregadas com a finalidade de atenuar a presença explícita do autor em seu texto: o uso de expressões metonímicas como "este estudo" e "a presente pesquisa", como em (31); e a marcação da autoria (própria ou de outros) por meio de Circunstâncias, como em (32).

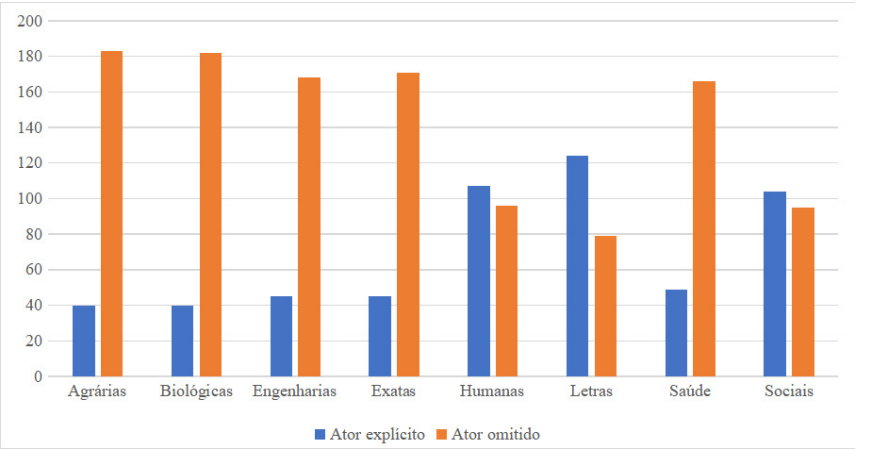
(31) DISCUSSÃO O presente estudo **analisou** a associação entre os valores dos níveis da FeNO e do VEF1 basal e o grau de controle da asma segundo o GINA (Sa_RPP_2018_1_AA_003)

(32) O tema **foi analisado** em (SILVA, 1998) e (JORION, 1998). (E_SBA_2012_0_AA_001)

Ainda dentro do tópico do modo de realização das orações materiais, cabe notar que a finalidade de seus usos foi similar ao longo das diferentes Grandes Áreas, embora a frequência varie de acordo com as disciplinas. Nos dados, verificou-se que Ciências Humanas, Ciências Sociais e Letras, Linguística e Artes tendem a empregar os processos materiais em orações efetivas operativas, enquanto as demais disciplinas tendem a optar por efetivas receptivas. Consequentemente, nas três Grandes Áreas mencionadas, seus dados e/ou objetos de estudo tenderam a *realizar* mais ações, ocorrendo o Ator marcado linguisticamente com o dobro da frequência do que nas demais áreas (conforme observado

no Gráfico 3). Esse objeto de estudo, conforme denominado por esta pesquisa, não se limita a entidades humanas ou conscientes (como 33), responsáveis pela ação realizada na oração, mas também corresponde a seres inanimados ou abstratos (como em 34).

Gráfico 3 – Tipos de Ator em orações materiais por Grande Área



Fonte: Elaboração própria.

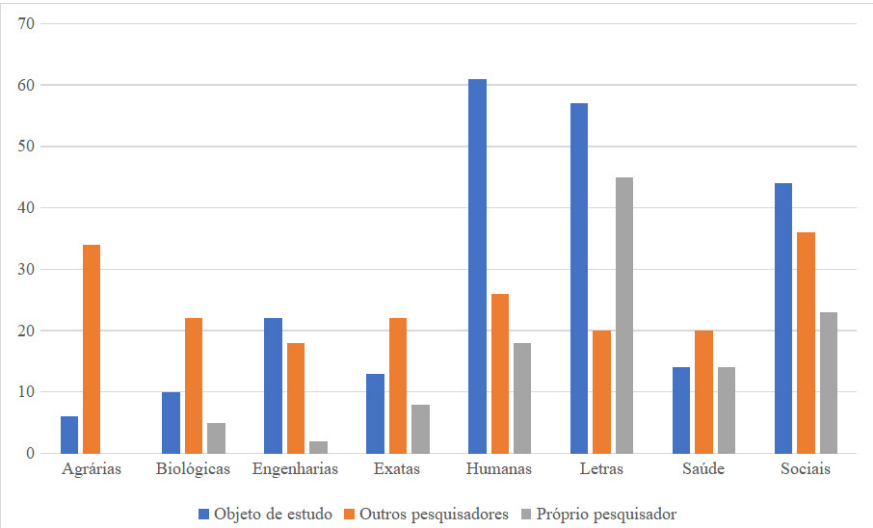
(33) Desses cinco informantes, um **utilizou**, além da pontuação, a pergunta retórica no início do excerto, (L_RD_2017_1_AA_003)

(34) No caso do escritor Mário de Andrade, por exemplo, a noção de primitivo **realizou** um movimento que perfez o surgimento de uma "atitude estética" até aproximar-se da afinidade entre a beleza e o ideal de coletividade. (L_ASP_2018_1_AA_004)

Essa tendência a marcar o Ator – geralmente os dados ou o objeto de estudo, mas não somente – parece ser congruente com o fato de que essas três disciplinas (Ciências Humanas, Ciências Sociais e Letras, Linguística e Artes) são voltadas ao estudo da sociedade como um todo e, portanto, lidam com seres humanos, tornando necessário explicitá-los no decorrer das ações realizadas por orações materiais. Embora em menor proporção, conforme pode ser observado no Gráfico 4, a Grande Área de

Engenharias também tendeu a marcar linguisticamente o Ator, referindo-se ao seu objeto de estudo. Esse fato pode ser igualmente atribuído à natureza material e operativa do objeto estudado nessa disciplina.

Gráfico 4 - Tipos de Ator explícito em orações materiais por Grande Área



Fonte: Elaboração própria.

Por fim, apresentados e discutidos os resultados encontrados nesta pesquisa, a próxima seção retoma o objetivo do trabalho, assim como os resultados encontrados por meio da aplicação dos procedimentos metodológicos.

6 Considerações Finais

O presente artigo se propôs a analisar as orações materiais instanciadas pelos verbos acadêmicos mais relevantes em artigos científicos de diferentes áreas do conhecimento, especificamente, as oito Grandes Áreas, segundo o CNPq. Para tanto, tomou-se como base a LSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014), particularmente a metafunção experiencial e o sistema de TRANSITIVIDADE. Como amostra de língua em uso, utilizaram-se textos retirados do *Corpus* Acadêmico do Português Brasileiro, que totaliza aproximadamente 12,3 milhões de palavras. Para a seleção dos verbos mais relevantes no gênero (os

verbos acadêmicos), empregaram-se os dez verbos mais frequentes da lista elaborada por Miranda (2021). Para análise coletou-se quatro mil linhas ocorrências desses verbos, dos quais 1.718 instanciaram orações materiais, realizadas pelos verbos *analisar, apresentar, determinar, encontrar, realizar* e *utilizar*.

Em geral, notou-se que as orações materiais foram empregadas similarmente ao longo das Grandes Áreas do conhecimento, a fim de descrever e relatar experimentos, análises, descobertas, recomendações e contribuições. Entretanto, por meio da análise dos usos em cada Grande Área, foi possível observar que entre as disciplinas houve preferência no modo em que cada uma empregou tais orações – e nas implicações textuais assim ocasionadas.

Notou-se também que as Grandes Áreas de Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências Exatas e Ciências da Saúde tenderam a empregar as orações materiais em construções efetivas receptivas no pretérito, enquanto as Grandes Áreas de Ciências Humanas, Ciências Sociais e Letras, Linguística e Artes optaram preferencialmente por construções efetivas operativas no presente. Tal padrão, conforme os dados analisados, implica que o primeiro grupo optou por omitir o Ator/Agente responsável pela ação com maior frequência do que o segundo grupo.

E, por sua vez, a opção preferida do segundo grupo parece dever-se ao fato de que essas disciplinas são voltadas para o estudo da sociedade, tornando necessário explicitar os seres e entidades (e suas ações) envolvidos no decorrer no processo de pesquisa realizado. Por último, apesar das particularidades com que foram empregadas em cada área, o estudo das orações materiais como um todo (ao longo das Grandes Áreas do conhecimento) pode ser justificado uma vez que as similaridades no uso dos processos materiais sobrepõem as diferenças.

Referências

CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. (eds.). *Language Typology*: A functional perspective. Amsterdan: John Benjamin Publishing, 2004.

CAFFAREL, A. *A systemic functional grammar of french*. Londres: Continuum, 2006.

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. Nova York: Continuum publishing, 2004.

FIGUEREDO, G. *Introdução ao perfil metafuncional do português brasileiro:* contribuições para os estudos multilíngues. 2011. 385 p. Tese

(Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

FRUTOSO, A. *Os processos relacionais e a construção de sentido no gênero dissertação*. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letra, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2016.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. 4. ed. London: Edward Arnold, 2014.

LIMA, L. R. Os processos existenciais em reportagens de capa da revista Superinteressante. *Domínios de Lingu@agem*, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 261–284, 2012. DOI: https://doi.org/10.14393/DL12-v6n1a2012-14

MENDES, J. M. de O. *Processos verbais em artigos científicos de Administração de Empresas e Engenharia*: perspectivas sistêmico-funcionais. 2013. 112 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada a Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, PUC-SP, 2013.

MIRANDA, M. V. *Transitividade no vocabulário acadêmico em português brasileiro*: uma análise baseada em artigos científicos. 2021. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

MORAIS, F. B. C. O uso do processo existencial haver na escrita acadêmica - um estudo com base em um *corpus* de artigos científicos de diversas áreas do conhecimento. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, Vitória, v. 9, n. 14, p. 142–160, 2015. Disponível em: < https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/10768 >

NATION, I. S. P. *Learning vocabulary in another language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

PENHA, R. F. A TRANSITIVIDADE dos Processos Verbais Dizer e Afirmar em artigos científicos de graduandos em Letras. *Revista Ao Pé da Letra*, Recife, v. 14, n. 1, p. 115-134, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/pedaletra/article/view/231792/0 >

PORTELA, K. C. A. Um estudo dos processos verbais no gênero artigo científico em revistas do secretariado executivo: uma perspectiva da

linguística sistêmico-functional. *Holos*, Natal, v. 4, p. 155-171, 2013. DOI: https://doi.org/10.15628/holos.2013.1327

PORTELA, K. C. A.; BRAUER, K. C. N. Análise de processos verbais em introduções de artigos científicos de três áreas: Economia, Engenharia Sanitária Ambiental e Linguística sob o viés da linguística sistêmico-funcional. *Holos*, Natal, v. 104, n.1, p. 104-115, 2017. DOI: https://doi.org/10.15628/holos.2017.4904

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. Abingdon: Routledge, 2014.

VIVAN, E. G. S. *Principais usos de processos verbais e metáforas interpessoais em artigos de Linguística Aplicada*. 2010. 208 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, PUC-SP, 2010.

VATHANALAOHA, K.; TANGKIENGSIRISIN, S. Genre Analysis of Experiment-based Dental Research Article Abstracts: Thai and International Journals. *3L The Southeast Asian Journal of English Language Studies*, Selangor, v. 24, p. 1-14, 2018. DOI: http://doi.org/10.17576/3L-2018-2403-01

WEBB, S.; NATION, P. *How Vocabulary Is Learned*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

ZHENG, S.; YANG, A.; GE, G. Functional Stylistic Analysis: Transitivity in English-Medium Medical Research Articles. *International Journal of English Linguistics*, Richmond Hille, v. 4, n. 2, p. 12–25, 2014. DOI: http://dx.doi.org/10.5539/ijel.v4n2p12

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 808-842, 2022

A polissemia da construção relacional binominal SN1 de SN2 no Português Brasileiro

Polysemy of relational binominal construction NP de NP in Brazilian Portuguese

Carolina Piechotta Martins Santos
Colégio Santo Inácio (CSI), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
carolpms@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0003-1949-1527

Karen Sampaio Braga Alonso
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
karensampaio@letras.ufrj.br
https://orcid.org/0000-0002-7853-0015

Resumo: Neste trabalho, buscamos descrever a construção relacional binominal do tipo SN1 de SN2 no português brasileiro, em termos dos diferentes sentidos associados a ela, tais como parte-todo, localização, especialização etc. A hipótese geral é a de que esses sentidos compartilham propriedades entre si e formam um continuum entre dois domínios – o da POSSE e o da TIPIFICAÇÃO. Baseamos nossa análise no argumento de que construções do tipo SN1 de SN2 se relacionam a um esquema que evoca a habilidade de ponto de referência, nos termos de Langacker (1991; 2003). Em termos teórico-epistemológicos, partimos da perspectiva da Linguística Baseada no Uso. Para demonstrar a polissemia da construção, foi feita uma análise qualitativa de dados no Corpus do Português, em que se procurou descrever como os diferentes sentidos se relacionam e se distribuem daqueles mais prototipicamente associados ao domínio da POSSE, passando pelos que vão se distanciando das relações possessivas e chegando até os mais prototípicos do domínio da TIPIFICAÇÃO.

Palavras-chave: possessivos; Gramática de Construções; Linguística Baseada no Uso.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.808-842

Abstract: In this work, we aim to describe the relational binominal construction NP1 de NP2, in Brazilian Portuguese, in terms of the different meanings associated with it, such as part-whole, location, specialization, among others. The general hypothesis is that those meanings share similarities and form a continuum between two domains, i.e., POSSESSION and TYPIFICATION. We argue that relational binominal constructions are associated with a schema that evokes a conceptualizer tracing a mental path from reference point to target (Langacker, 1991; 2003). To support this claim and describe the polysemy of that construction, we analyzed and collected data from Corpus do Português. In our qualitative analysis, we observed that relational binominal constructions are instantiated by prototypical possessives (POSSESSION domain) and by prototypical typifier (TYPIFICATION domain). Also, it covers exemplars that are in the middle of the continuum.

Keyword: possessives; Construction Grammar; Usage-Based Linguistics.

Recebido em 02 de setembro de 2021
Aceito em 27 de outubro de 2021

1 Introdução

Este artigo busca descrever a relação entre os diferentes sentidos associados à construção relacional binominal SN1 de SN2, no português brasileiro e argumentar a favor de que eles estão abarcados por domínios conceptuais distintos, a saber – o domínio da POSSE e o domínio da TIPIFICAÇÃO. A construção em foco é de difícil delimitação, por ser muito produtiva no português e permitir uma grande variedade de interpretações quanto à relação entre os dois referentes que são por ela evocados. Ela se caracteriza, em termos gerais, por relacionar dois elementos, utilizando um para modificar o outro, como se vê no exemplo "banco de praça", em que "praça" especifica o tipo de objeto de que se fala – no caso, "banco". Vale esclarecer que o termo relacional tem como base os textos de Halliday (2014) a respeito da transitividade verbal, mais especificamente na interpretação dada pelo autor para os tipos de orações agrupadas como relacionais.

A relação entre os dois referentes expressos em SN1 e SN2 da construção encontra respaldo, sob uma perspectiva mais ampla e geral, na própria natureza associativa do pensamento humano e pode ser atestada em diferentes formações da língua portuguesa, como se pode conferir nos exemplos que se seguem:

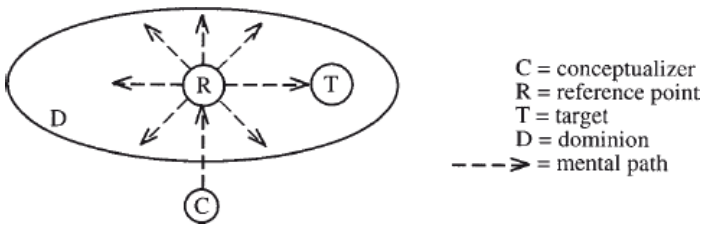
(i) livro de João
(ii) cadeira de praia
(iii) cadeira de palha
(iv) banqueta de bar

Em (i), percebemos que há, entre os nomes da construção, uma relação de posse, já que "livro" (possuído) pertence a "João" (possuidor). Diferentemente do que vimos no primeiro exemplo, depreendemos, em (ii), o sentido de finalidade, em que "praia" é o lugar-fim para a criação do tipo de "cadeira" referenciado pela colocação como um todo – uma cadeira feita para se usar na praia; em (iii), podemos notar que o SN2 ("palha") refere-se ao material de que a "cadeira" é feita; e, por fim, em (iv), há uma relação de especificação, em que o sintagma preposicional de bar particulariza/identifica o substantivo que é o núcleo da construção, "banqueta".

Apesar das diferentes relações semânticas entre os nomes, defendemos que a há uma relação assimétrica entre os referentes expressos em SN1 e SN2, em que SN2 é tomado como ponto de referência para a interpretação de SN1 (alvo), conforme apontam Langacker (1991; 2003; 2009) e Calabrese (2010).

Langacker (2009) afirma que algumas noções gramaticais universais podem ser descritas semanticamente tanto no nível do protótipo (em que se vão definir categorias semânticas prototípicas do domínio da POSSE, como parte-todo, propriedade etc.) quanto no nível do esquema (que invoca uma habilidade cognitiva básica, que é a habilidade de ponto de referência, ou seja, a nossa capacidade de conectar mentalmente dois referentes, tomando um para compreender o outro). Sendo assim, o autor elege a análise do ponto de referência como uma caracterização esquemática das construções possessivas. Sob essa perspectiva, sentidos como os de propriedade, parentesco e parte-todo são entendidos como parte de uma rede organizada que está associada à habilidade de ponto de referência. A figura 1 representa o esquema cognitivo do ponto de referência.

Figura 1 – Análise do ponto de referência de Langacker (2009, p.82)

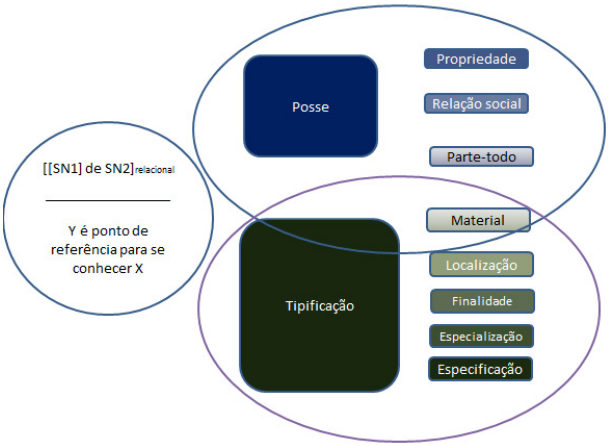


Fonte: Langacker (2009, p.82).

A Figura 1 apresenta um conceptualizador (C) que direciona inicialmente sua atenção para uma entidade tomada como ponto de referência (R). Partindo daí, o conceptualizador pode acessar outras entidades a ela associadas, que, em conjunto, são chamadas de domínio (D). Uma delas será o alvo (T). Esse esquema retrata, portanto, a forma como o falante evocar uma entidade para acessar outra – focar em R torna possível direcionar, em seguida, a atenção para T.

No caso da presente pesquisa e da construção em foco neste estudo, propomos que a construção SN1 de SN2 evoca categorias semânticas com maior ou menor grau de prototipicidade em relação a dois domínios distintos, o da POSSE e o da TIPIFICAÇÃO. Ainda, que categorias semânticas menos prototípicas do domínio da POSSE compartilham propriedades com categorias semânticas menos prototípicas do domínio da TIPIFICAÇÃO e, assim, se aproximam cognitivamente, de forma que ambos os domínios possam ser abarcados pelo alcance da construção relacional binominal que nos propomos a discutir aqui. É o que ilustra a Figura 2.

Figura 2 – Esquema relacional



Fonte: elaborado pelas autoras

Como se pode ver na Figura 2, propomos que a construção SN1 de SN2 pode ser associada a relações distintas, de modo que se toma SN2 como ponto de referência para se conhecer SN1. Os vários sentidos que

se associam a essa construção podem ser abarcados por dois domínios diferentes e apresentam valores mais ou menos prototípicos em relação a cada um desses domínios.

A partir de Haiman (1985, p. 26, grifo do autor), entendemos que a polissemia dá conta de "sentidos relacionados mapeados em uma única forma"; (...) "operacionalmente, polissemia pode ser definida como homonímia recorrente, dada a hipótese de que similaridade recorrente de forma deve refletir similaridade de significado".

Retomando os exemplos apresentados anteriormente, de (i) a (iv), entende-se que eles ilustram algumas ocorrências do padrão construcional SN1 de SN2. Tomando-os como base, podemos assumir que o falante faz uso de uma construção relacional binominal, em que, a partir da combinação de dois itens, emerge o sentido da construção, em situações concretas de uso, tomando um nome para conformar o entendimento do outro nome (LANGACKER, 1987; 2003; 2009).

Considerando a construção como uma associação entre um polo semântico e um polo formal, nosso foco aqui é descrever a polissemia da construção, assumindo, com isso, que se trata de uma mesma forma associada a vários sentidos. Assim, adotamos uma visão dinâmica da construção do significado, já que um ou outro sentido é posto em proeminência, na dinâmica da construção do discurso. A natureza da relação semântica entre os dois constituintes é fruto da perspectiva com que o falante constrói o conhecimento, com base nos significados dos nomes que compõem a construção, no seu conhecimento de mundo e no contexto de uso.

Destaca-se que a construção em análise, isto é, a construção sem o determinante, não recruta preferencialmente referentes específicos. Ao contrário, ela tende a preferir formar compostos de referência mais geral, o que pode ser visto em mais alto grau, à medida que os sentidos associados à construção se encontram mais afastados do sentido de propriedade. Observamos que a inserção de um artigo (ou outro determinante) junto à preposição "de" (da/do/deste) parece alterar a acepção da construção, pois acarreta uma maior restrição das possibilidades de relação que se apresentam entre os nomes na construção relacional binominal em foco.

Retomando o exemplo "banqueta de bar", observa-se que o sintagma preposicional "de bar", que se adjunge ao núcleo, parece indicar um tipo específico de banqueta que se encontra normalmente em bares, ou seja, uma banqueta alta, para que o cliente possa ser atendido no balcão. Nesse

caso, "bar", apresentando-se como um nome nu, evoca o conceito de "bar" tomado mais genericamente. Por outro lado, em "banqueta do bar", "bar" refere-se a um local de referência compartilhada entre os interlocutores; portanto, um referente "bar" já conhecido e especificado, mais dependente do seu contexto de uso – e não tomado como um bar qualquer, um tipo de estabelecimento comercial onde se vende bebida e comida.

Ao diferenciar "banqueta de bar" e "banqueta do bar", entendemos que talvez a primeira colocação esteja vinculada à noção de "bar" tomada de forma mais geral, apresentando, assim, grande potencial para formação de léxico e convencionalização de expressão de nomes para as categorias de entidades do mundo. Desse modo, temos, ao lado das relações de POSSE, relações de TIPIFICAÇÃO associadas à construção relacional binominal – cuja interpretação mais geral é a de um tipo específico de X — um tipo específico de cadeira, de mesa, de banqueta etc. – estaria associada aos vários sentidos (finalidade, especificação etc.) dela: no exemplo supracitado "cadeira de praia", temos, por meio da ideia de finalidade, a convencionalização de um nome dado a um tipo de cadeira (não a uma cadeira em particular) que foi projetada para ser usada na praia. Ainda que haja diferenças entre as cadeiras de praia existentes, todas podem ser nomeadas como cadeiras de praia.

Nesse sentido, consideramos que a construção SN1 de SN2 é muito utilizada na língua para formar etiquetas linguísticas, para nomear tipos de referentes do mundo, a exemplo de "caixa de som", "fita de vídeo" e "mesa de cabeceira", ou seja, como um produtivo processo de formação de chunks lexicais estruturalmente complexos.

Para melhor avaliar os diferentes usos dessa construção e para melhor entendimento do tipo de análise que está sendo proposta aqui, seguem outros exemplos retirados de uma amostra que foi analisada em estudo anterior:

(1) "O que mais gosto de ficar é a sala, sentada nesta cadeira preta, escutando música, ou então na rede. A sala não tem muitos móveis, só uma rede, uma **mesinha de metal** preta, uma **cadeira de couro**…" (Corpus Discurso & Gramática - Informante 3- Descrição de local)

(2) "Na mesma parede está minha estante que adoro de paixão. Foi feita por mim e meu pai e guarda desde álbuns fotográficos a livros técnicos além **de materiais de desenho**." (Corpus Discurso & Gramática - Informante 5- Narrativa recontada)

(3) "No final de 1991 meu primo André se formou no 2 o grau e a sua **festa de formatura** foi no Círculo Militar (Corpus Discurso & Gramática - Informante 2 - Narrativa de experiência pessoal)

(4) "A **Bolsa de Valores** paulista registrou volume de negócios de apenas US$ 141,3 milhões…" (Corpus do Português, séc. XX)

Em todos os exemplos, percebemos uma relação assimétrica entre os elementos que figuram na construção. Por se tratar também de uma construção muito produtiva e que licencia expressões bastante convencionalizadas, há muito frequentemente uma automatização na ordem em que esses nomes ocorrem para que um dado sentido seja construído: podemos constatar, por exemplo, que não é possível inverter a posição de SN1 e SN2 na construção, como em *formatura de festa, já que os nomes possuem uma ordem fixa. Ainda, se compararmos outras colocações, como "roda de samba" e "samba de roda", fica bastante evidente que há uma restrição dessa ordem com base na alta frequência das colocações.

Em (1), há entre SN1 e SN2 uma relação entre a entidade concreta e a matéria de que é feita nas duas colocações destacadas. Nesse sentido, "metal" e "couro" indicam os materiais (todo) com os quais a "mesinha" e a "cadeira" (parte) são feitas.

Em "materiais de desenho", notamos outro tipo de relação qualitativa entre os nomes, a saber: finalidade. Os materiais são para desenhar, isto é, SN2 revela uma utilidade específica de SN1. Cabe dizer que é possível substituirmos a preposição "de" pela preposição "para", mantendo o sentido.

No exemplo (3), a relação estabelecida entre os nomes é de especificação, já que "formatura" especifica o tipo de "festa". Poderíamos ter no lugar de "formatura" outros nomes para especificar "festa", como aniversário e casamento, por exemplo. Nesse sentido, o sintagma preposicional delimita o âmbito de referência do núcleo.

Há, ainda, colocações que estão mais integradas conceptualmente e lexicalizadas na língua, como observado em "Bolsa de Valores". O fato de o adjetivo "paulista" modificar toda a construção e não apenas um dos nomes corrobora o fato de a construção se definir como um único referente cognitivo (LANGACKER, 2003; 2009). Além disso, a possibilidade de inserção de algum elemento na construção, como em "Bolsa paulista de valores", parece improvável.

Por meio desses exemplos, percebemos a diversidade de relações semânticas que podem ser estabelecidas entre os nomes a partir de um mesmo padrão sintático na língua: SN1 de SN2. O falante estabelece

relação entre duas entidades a partir de uma estrutura, SN1 de SN2, que está disponível na língua. Assim, cabe-nos descrever essa construção a qual, segundo nossa hipótese inicial, configura um caso de polissemia, já que seus variados sentidos se estruturam dentro de uma cadeia de relações que nos informa sobre como o falante concebe o mundo à sua volta.

Nossa análise se desenvolverá sob a ótica da Linguística Baseada no Uso (BARLOW, KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, 2015; TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013), com a utilização de pressupostos do modelo de descrição gramatical intitulado Gramática de Construções (CROFT, 2001; GOLDBERG, 1995, 2006; HILPERT, 2014; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013).

Seguindo esse arcabouço teórico, podemos afirmar que há uma relação de simbiose entre gramática e discurso, já que estão entrelaçados, interagem e se influenciam mutuamente (CEZARIO, FURTADO DA CUNHA, 2013). Dito de outra forma, a gramática não é vista como um sistema autônomo, mas como uma entidade dinâmica que é moldada de acordo com o uso que os falantes fazem dela em situações reais de comunicação. Considerando que a gramática é diretamente baseada na experiência linguística, analisar esses dados de uso é crucial para o entendimento do conhecimento linguístico do falante.

De acordo com essa perspectiva, os níveis de abstração encontrados na gramática baseada no uso são construídos via categorização de instâncias similares de uso em representações mais abstratas (BYBEE, 2010). Consideramos, ainda, que as construções, pareamento de forma-significado, são fundamentais na estruturação de uma língua. As construções constituem-se como parte de nosso conhecimento sobre a língua e devem ser aprendidas e memorizadas individualmente. Assim, podemos afirmar que nosso conhecimento linguístico se constitui como um inventário de construções gramaticais, um repositório estruturado de construções.

Entendendo, de acordo com Goldberg (1995; 2006), que a construção gramatical é um pareamento de forma e sentido, atestamos, como dito, que há variados sentidos associados ao padrão sintático SN1 de SN2: propriedade, finalidade, parte-todo etc. Logo, o objetivo geral desta pesquisa é descrever a polissemia da construção relacional SN1 de SN2. Para tanto, pretendemos argumentar a favor de que a referida construção é polissêmica e de que promove a formação de colocações com grande potencial de rotinização e espraiamento na comunidade linguística.

A partir disso, postulamos os seguintes objetivos específicos:

(i) criar uma taxonomia de sentidos associados ao sentido de posse (propriedade, parte-todo e parentesco), tal como descrita em Langacker (1991, 2003) e Calabrese (2010), e de tipificação (BOURQUE, 2014; JACKENDOFF, 2010), a partir da observação de dados de usos qualitativos associados ao padrão construcional SN1 de SN2;

(ii) descrever as principais relações de sentido associadas a SN1 de SN2, a exemplo de especificação, finalidade, material, para verificar como se relacionam ao domínio da POSSE e da TIPIFICAÇÃO;

(iii) postular a existência da construção relacional mais geral do tipo SN1 de SN2 associada à ideia de ponto de referência em português, confirmando a hipótese de Langacker (1991, 2003) em seu estudo sobre as construções possessivas inglesas.

Apresentamos as seguintes hipóteses vinculadas a cada um dos objetivos propostos:

(i) haveria uma rede polissêmica na qual as diferentes acepções da construção em análise vão sendo associadas semanticamente através de links de herança (GOLDBERG, 1995);

(ii) haveria uma construção geral relacional à qual estariam vinculados os diferentes sentidos resultantes da taxonomia realizada, como parte-todo, especificação, finalidade, de acordo com a semântica de SN2;

(iii) o mecanismo cognitivo por meio do qual o falante opera a relação entre os nomes da construção em análise é a habilidade cognitiva do ponto de referência (LANGACKER, 1991; 2003).

Com base na perspectiva teórica adotada, para descrevermos os sentidos associados à construção binominal relacional, observou-se o uso que os falantes fazem da língua em uso. Posteriormente, realizamos coleta de dados no Corpus do Português. Após a realização da análise de dados e a distribuição das colocações nas categorias referentes aos sentidos veiculados, caracterizamos cada categoria, a fim de verificar como se relacionam e, posteriormente, argumentarmos a favor da polissemia da construção.

Na próxima seção, focalizamos os conceitos fundamentais da Linguística Baseada no Uso, visando fornecer um lastro teórico que possibilita a investigação do fenômeno em análise. O foco de interesse é o estudo da língua com base nas funções que esta desempenha nas diversas atividades discursivas no cotidiano.

2 Pressupostos teóricos

Este estudo se baseia nos pressupostos teóricos da Linguística Baseada no Uso (BARLOW, KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, 2015; TRAUGOTT, 2008; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013). Assim, entende-se a gramática como uma estrutura que está em constante mutação em função do uso, tendo como princípio básico o fato de que a estrutura da língua emerge à medida em que é usada.

Dessa maneira também, entendemos que, uma vez que as situações e as intenções do falante são muito variadas, eles vão desenvolvendo expressões alternativas que se ajustam a essas diferentes realidades comunicativas. O processo de desenvolvimento de construções gramaticais que surgem com o uso da língua envolve habilidades e estratégias cognitivas gerais, isto é, que também são recrutadas em tarefas não linguísticas.

Para Bybee (2010), uma teoria da linguagem deveria ser baseada em processos dinâmicos que criam a língua e dão a ela estrutura e variância. Nesse sentido, os fenômenos estruturais observados na gramática das línguas podem derivar de processos cognitivos de domínio geral. De acordo com a autora,

> um foco nos processos dinâmicos que criam língua nos permite também ir além do foco exclusivo na estrutura linguística e estabelecer um objetivo mais amplo: derivar estrutura linguística da aplicação de processos cognitivos de domínio geral. Nesse contexto, processos cognitivos de domínio geral seriam aqueles que operam em outras áreas da cognição além da área da linguagem (BYBEE, 2010, p.1).[1]

A gramática é, portanto, resultante da atuação desses processos cognitivos de domínio geral, os quais modelam a experiência linguística e não linguística do falante. Entendemos que a gramática é ancorada na experiência, sendo sua estrutura, portanto, estatisticamente sensível a dados de uso. De fato, toda experiência do falante impacta cognitivamente

[1] No original: "A focus on the dynamic processes that create language also allows us to move away from an exclusive focus on linguistic structures and formulate a broader goal: to derive linguistic structure from the application of domain general processes. In this context, domain-general processes would be those that can be shown to operate in areas of human cognition other than language." (BYBEE, 2010, p.1).

a representação mental que ele faz das estruturas de sua língua. E, assim sendo, entende-se que gramática é um conjunto de unidades simbólicas que pareiam forma e sentido (construções gramaticais), organizado em forma de rede.

A autora afirma que os processos de domínio geral que criam as estruturas linguísticas oferecem explicações para os processos específicos e situa a língua num contexto mais amplo do comportamento humano. Os processos estudados por Bybee (2010) são: categorização, chunking, memória rica, analogia e associação transmodal.

De acordo com a autora, entender esses processos de domínio geral que criam as estruturas linguísticas nos ajuda a encontrar explicações para processos específicos e situa a língua num contexto mais amplo do conhecimento humano. Em consonância com essa perspectiva, Diessel e Hilpert (2016) afirmam que a estrutura linguística é frequentemente caracterizada como um fenômeno emergente moldado pelos processos cognitivos de domínio geral, como a analogia, a categorização e a automatização[2], que são influenciados pela frequência de ocorrência.

Entendemos também que conceitos distintos estão relacionados em uma rede cognitiva estruturada com base na nossa capacidade de analogia e categorização. Por exemplo, o falante ouviria a construção instanciada por "perfume de Pedro" (posse) e produziria por analogia, em certa situação comunicativa, "beleza de Pedro" (posse abstrata). Dessa forma, entendemos que o ouvinte organiza seu conhecimento linguístico a partir do reconhecimento de um novo uso e da associação desse com representações já estocadas na memória.

Partimos do pressuposto de que os eventos de uso são fundamentais para a continuidade da estruturação do sistema linguístico, já que representam tanto o output do sistema do falante, como fornecem o *input* para os sistemas de outros falantes. Sendo assim, as alterações e extensões no emprego das expressões linguísticas também são fruto da forma como armazenamos dados de uso, ou seja, do fato de que

[2] Equivale ao conceito de *chunking* proposto por Bybee (2010). Diessel e Hilpert (2016) definem a automatização como um mecanismo psicológico que é crucialmente impulsionado pela frequência de ocorrência e é restrito à linguagem. De acordo com os autores, a automatização não se preocupa com o surgimento e organização de categorias, mas com o processamento de conexões associativas entre conceitos e características de categoria.

nossas experiências (linguísticas e não linguísticas) são mediadas por processos cognitivos de domínio geral. Os novos usos que ocorrem como resultado desse processo podem ter um aumento na sua frequência e ser incorporados ao sistema.

Bybee (2010) aponta que todo dado de experiência é classificado e colocado numa rede vasta como parte do processo de decodificação, que tem um efeito na representação. Os dados novos de experiência não são decodificados e descartados, eles têm impacto na representação da memória, isto é, todo exemplar tem impacto na representação cognitiva da construção. Assim, quando um dado da experiência linguística é identificado como um exemplar, ele é mapeado na memória, reforçando-o. Já os dados similares são representados como exemplares e armazenados próximos aos exemplares similares constituindo agrupamentos ou categorias.

Com isso, queremos dizer que o falante testemunha uma determinada construção e isso impacta a categoria da qual ela faz parte. O que ele escuta é um gatilho para a rede cognitiva. Considerando a construção aqui estudada, podemos afirmar que, quando um usuário da língua testemunha um uso da construção binominal relacional, ele reconhece similaridade de forma e busca, então, similaridade semântica e/ou funcional, de maneira que aquele dado do uso se conforme, também no plano do sentido, com outros itens já armazenados.

Defendemos aqui que a construção binominal relacional é utilizada pelo falante para expressar diferentes sentidos e que ela é altamente produtiva em português. Nesse sentido, afirmamos que essa construção apresenta alta cobertura (*coverage*), na medida em que as instâncias atestadas são muito variáveis, fazendo com que essa construção tenha um grande alcance. De acordo com Goldberg (2019), o grau de cobertura de uma construção é definido como o grau com que as instâncias atestadas preenchem ou "cobrem" uma categoria.

Sobre isso, Barlow e Kemmer (2000) defendem que o modelo da Linguística Baseada no uso é aquele em que o sistema linguístico do falante é fundamentalmente baseado em eventos de uso, que engloba não só as instâncias produzidas pelo falante, mas também a compreensão linguística. Tais instâncias são a base da formação do sistema linguístico do falante, são a experiência a partir da qual o sistema em si mesmo se abstratiza inicialmente. A partir de instâncias específicas, o sistema linguístico é construído e gradualmente abstrai representações mais gerais (fonemas, morfemas, padrões sintáticos) por meio da repetição de

instâncias similares de uso. Dessa forma, o geral emerge do específico que, por sua vez, é tomado diretamente da experiência.

Hilpert (2014) considera que a Gramática de Construções é uma teoria do conhecimento linguístico. Assim, construções são, primeiramente, algo cognitivo, ou seja, parte do conhecimento linguístico do falante. O autor afirma que uma construção é uma generalização que os falantes fazem por meio de uma série de encontros com formas linguísticas.

Considerando, ainda, que as construções gramaticais capturam o conhecimento linguístico do falante (GOLDBERG, 2013), ao tomar uma dada construção como objeto de estudo procurarmos entender como a associação de uma forma a um significado reflete a forma como o falante significa o mundo, seja ele real ou imaginado.

Na próxima seção, revisitamos alguns trabalhos que abordam a semântica das construções binominais e nos auxiliaram no entendimento do objeto de estudo e na melhor compreensão das relações estabelecidas entre as entidades da construção em análise.

3 Revisão da literatura

Os compostos são estruturas produtivas em diversas línguas, pois a maioria delas exibe muitas palavras complexas que são compostas e, por esse motivo, vem despertando o interesse de vários estudiosos. Ao definir um composto prototípico, Rajendran (2000) afirma que é uma palavra morfologicamente complexa que contém, pelo menos, dois elementos, duas palavras independentes. Nesse sentido, a composição serviria para formar novas palavras a partir das já existentes, como uma forma de enriquecer o léxico.

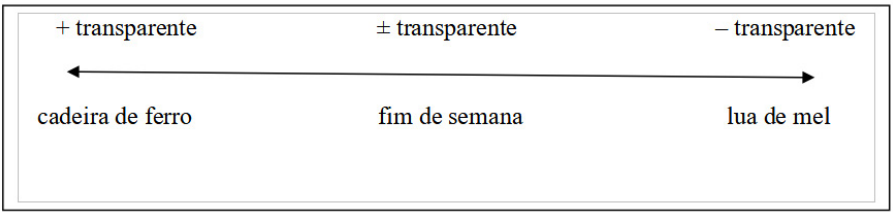
De acordo com Booji (2007), a produtividade dos compostos em muitas línguas se deve ao fato de serem transparentes semanticamente. Outra causa de sua produtividade é o fato de o processo de composição poder ser aplicado recursivamente, sendo possível formar compostos bastante longos. O autor afirma que, ao formar um novo composto, conhecemos o significado de cada um de seus constituintes e a tarefa que enfrentamos é desvendar a relação semântica entre os nomes. O padrão semântico geral de um composto da forma XY é "um Y que tem algo a ver com X", ou vice-versa, dependendo da língua. A natureza exata da relação semântica entre os dois constituintes é uma questão de

interpretação. Como usuários da língua, temos que interpretar essa relação com base nos significados dos constituintes, no nosso conhecimento do mundo e, às vezes, no contexto em que o composto é usado.

Bourque (2014) entende a transparência semântica como um conceito escalar e multifacetado, o que resulta em um modelo granular capaz de identificar tipos diferentes de compostos. O autor toma os termos transparente e opaco como pontos extremos de um continuum, e entende, a partir daí, que as extremidades dessa escala representam valores absolutos na medida em que nada maior possa estar localizado além deles, isto é, não há composto mais opaco do que um composto opaco.

A partir dessa perspectiva, considerando a construção relacional que estamos analisando e tomando dados do português à guisa de ilustração, podemos também pensar em um continuum de transparência semântica, conforme ilustrado a seguir:

Figura 3 – Representação de um *continuum* de transparência semântica da construção relacional



Fonte: elaborado pelas autoras

A colocação "cadeira de ferro" é totalmente transparente e composicional, pois é possível interpretá-la como um objeto ("cadeira") que é feito de determinado material ("ferro"). Em outros termos, deduzimos o significado do todo a partir da soma de suas partes, isto é, trata-se de uma construção não-lexicalizada. No lado oposto, temos uma expressão opaca e cristalizada na língua, já que "lua de mel" não pode ser entendida como um tipo de lua ou algo feito de mel, não há transparência nos constituintes da construção, não há relação entre a forma e o seu significado.

Olhando mais detidamente para essas duas colocações, percebemos que na primeira é possível substituir o SN2 por outros itens lexicais, como "cadeira de madeira", "cadeira de alumínio". Também poderíamos trocar

apenas o SN1 para formar algo como "mesa de madeira". Nesse sentido, a construção é produtiva, na medida em que o esquema construcional é acessível a sancionar novas ocorrências. Tal acepção de produtividade está ligada à frequência *type.* Percebemos, portanto, que há uma relação entre a composicionalidade e a produtividade.

No segundo exemplo, a mesma possibilidade de ocorrência não parece aceitável, já que não temos na língua "lua de açúcar", por exemplo. Em outros termos, se inserirmos algum elemento de significado semelhante, o significado integrado da colocação se perde. Outra diferença entre elas é a possibilidade de inserção de algum elemento na construção. Vejamos:

cadeira grande de ferro / cadeira de ferro grande

(?) lua maravilhosa de mel / lua de mel maravilhosa

A primeira colocação parece aceitar as duas possibilidades de inserção de um modificador, entre SN1 e a preposição e após SN2. Em ambos os casos, o adjetivo qualifica SN1, "cadeira". Por outro lado, em "lua de mel maravilhosa" o escopo do adjetivo/modificador é a construção como um todo e não apenas um dos nomes.

No meio desse continuum, temos a colocação "fim de semana" que não faz referência aos últimos dias da semana, já que sabemos que a semana se inicia no domingo. Assim, para entendermos a construção, precisamos saber que se trata de um período que engloba o sábado e o domingo, normalmente associado à noção de descanso. Nesse sentido, não parece se tratar de uma construção totalmente transparente na língua.

Entendemos que pode haver outros níveis dentro desse continuum e que essa hierarquia poderia, ainda, ser mais detalhada. Por tratar-se de um conceito escalar, algumas colocações se aproximarão mais de um polo, ao mesmo tempo em que se afastarão do outro, isto é, serão mais ou menos transparentes. O fundamental, de fato, é o entendimento de que há um espectro gradual de transparência, conforme apresentado no esquema anterior.

Bourque (2014) comenta que uma questão intrigante dos compostos decorre do fato de que muitos permitem interpretações diferentes. O composto "casa de cachorro" (*dog house*), por exemplo, pode licenciar dois sentidos: casa onde há um cachorro (localização) ou casa para cachorro (propósito). Dessa forma, o autor defende que um único composto pode assumir múltiplas análises e afirma que

ambas as interpretações estão corretas e as relações estabelecidas são encontradas na literatura sobre compostos. Levi (1978 apud BOURQUE, 2014) argumenta que a existência de "dupla análise" é simplesmente uma consequência de um sistema de linguagem que mostra muita interdependência.

Em sua pesquisa, a partir da análise de dados, o autor chega a diferentes relações semânticas, tais como: coordenação, produção, função, tempo, propósito, fonte, tópico, local, causa, posse, similaridade, composição etc. Mas nem todas as relações semânticas encontradas por Bourque (2014) foram observadas no *corpus* analisado aqui, considerando o recorte metodológico feito. Soma-se a isso o fato de que a relação de composição foi por nós incluída na relação parte-todo e de que a relação de descrição foi por nós considerada como identificação. Também não diferenciamos a relação localização da relação tempo, tal como Bourque (2014), considerando ambas como membros da relação localização.

Neste trabalho, nossa principal hipótese é a de que diferentes sentidos são construídos e associados à construção relacional binominal e que esses sentidos estão abarcados por dois domínios distintos — POSSE e TIPIFICAÇÃO —, os quais compartilham uma mesma estrutura conceitual: o fato de uma entidade se colocar como ponto de referência para a identificação de outra, dentro de um espaço conceitual ou domínio.

Stassen (2009) aponta que necessariamente a noção de posse envolve duas entidades: o possuidor e o possuído. Atenta também para a assimetria dessa relação, visto que o papel de cada entidade é diferente – nesse caso, o possuidor exerce controle sobre o possuído. Ao reconhecer o controle do possuidor, assume-se que ele tenha prototipicamente o traço [+humano].

O argumento é o de que X e Y estabelecem uma relação de posse se compartilham o mesmo espaço e, portanto, estão em contato. Também em casos prototípicos, a relação de posse entre o possuidor e o possuído deve ser relativamente duradoura. O autor postula dois parâmetros para a caracterização da POSSE, a saber: controle e contato permanente. A posse alienável seria, sendo assim, o caso canônico, já que o possuidor exerce controle sobre o possuído e ambos estão em contato permanente.

Para Jackendoff (2016), um composto consiste em dois nomes concatenados (SN1 e SN2) que formam um novo nome (*teabag, oil*

drum, sunflower, bedframe, copy machine, engagement ring)[3]. O autor demonstra a variedade de relações semânticas que pode existir entre os nomes, utilizando o substantivo cake. Abaixo, reproduzimos apenas alguns dos exemplos de Jackendoff (2016, p. 16):

a. *chocolate cake = 'a cake made with chocolate in it'*[4]

b. *birthday cake = 'a cake to be eaten as part of celebrating a birthday'*[5]

c. *coffee cake = 'a cake to be eaten along with coffee and the like'*[6]

Jackendoff reconhece que esse leque de relações semânticas não ocorre apenas com os compostos convencionalizados, mas também com novos compostos. Os falantes armazenam milhares de compostos lexicalizados com significados semi-idiossincráticos, mas nem todos os compostos podem ser armazenados no léxico, considerando que há compostos que são produzidos/criados em situações particulares do discurso. A criatividade na produção de compostos não se restringe aos adultos, crianças começam a entender e a criar seus próprios compostos entre 2 e 3 anos.

Na seção que segue, apresentamos as características do *corpus* utilizado neste estudo e a metodologia adotada para descrição e análise dos dados.

4 Metodologia

Por assumirmos as premissas da Linguística Baseada no Uso e considerarmos que a língua é aprendida e construída com base no *input* e nas capacidades cognitivas de domínio geral, nossa proposta de descrição da construção binominal relacional polissêmica se baseou em dados reais de uso. Interessa-nos verificar o papel do uso na arquitetura cognitiva do léxico e da gramática.

---

[3] saquinho de chá, tambor de óleo, girassol, estrutura da cama, copiadora, anel de noivado (tradução nossa).

[4] bolo de chocolate: um bolo feito com chocolate (tradução nossa).

[5] bolo de aniversário: um bolo para ser comido como parte de uma comemoração de aniversário (tradução nossa)

[6] bolo de café: um bolo doce para comer junto com café ou algo do tipo (tradução nossa).

Este estudo foi norteado pela hipótese geral de que a construção SN1 de SN2 é usada pelo falante para veicular diferentes sentidos, como parte-todo, especificação, finalidade. Por esse motivo, defendemos que se trata de uma construção polissêmica.

Considerando essa hipótese, nosso objetivo é investigar os vários sentidos veiculados pela construção em análise e demonstrar como tais sentidos se relacionam. A partir daí, buscamos perceber como a construção SN1 de SN2 se caracteriza e o que leva o falante a usar a mesma contraparte formal para expressar variados sentidos. Para cumprir os objetivos previamente estabelecidos, procurando testar as hipóteses apresentadas na introdução, seguimos as seguintes etapas metodológicas:

i) coleta de dados no Corpus do Português;

ii) observação e classificação dos dados resultantes, buscando capturar as relações de sentido nos contextos específicos no Corpus do Português;

iii) descrição das diferentes relações de sentido capturadas por meio das colocações resultantes de busca no Corpus do Português com o intuito de verificar como se organiza a distância entre esses sentidos na rede, considerando a similaridade e a dissimilaridade no armazenamento do *input* (cobertura).

Os sentidos propostos para a construção relacional polissêmica do tipo SN1 de SN2 teve como base uma análise de *corpus*. Percebemos que os diversos sentidos associados à construção SN1 de SN2 retratam uma situação de polissemia. Para pensar na polissemia e na relação entre os diferentes sentidos da construção, olhamos os *types* encontrados no Corpus do Português.

Conforme mencionado, o conjunto de dados selecionados da construção SN1 de SN2 mostra-se menos apegado a contextos específicos, por conta de o SN2 ser indefinido e de o falante conceber o conceito da colocação como um todo de forma mais genérica e, portanto, menos particularizada a uma ou outra situação.

Realizamos a coleta da construção relacional em dados do Corpus do Português[7]. Esse *corpus* é um banco de dados online que possui vários segmentos para busca, dentre eles o Gênero/Histórico de onde foram extraídos os dados analisados nesta pesquisa. Essa parte do *corpus* possui uma base de dados com 45 milhões de palavras retiradas de

[7] Disponível em www.corpusdoportugues.org. Acesso em: 05 jul. 2021.

aproximadamente 57.000 textos entre os anos 1300 a 1900. Para o século XX — sincronia observada em nossa análise — há cerca de 20 milhões de palavras em diferentes gêneros (jornalístico, acadêmico, ficcional).

Dada a alta produtividade *type* e *token* da construção em análise, uma vez que ela é uma construção tipicamente formadora do léxico da língua, nossa análise se delimitou ao levantamento das 30 primeiras colocações da construção SN1 de SN2 no Corpus do Português — na variedade do português brasileiro — em diferentes gêneros textuais. As 30 primeiras colocações são as colocações que o *corpus* mostra como mais frequentes, quando buscamos pela construção mais esquemática 'N de N' e descartamos casos que apareceram nos resultados do *corpus*, mas não eram compatíveis com a construção em estudo.

Ao clicar em cada colocação, é possível ver as referidas ocorrências nos dados do corpus; entretanto, como havia um número extremamente grande e variável de ocorrências por colocação, optamos por determinar um número específico e igual de ocorrências a serem analisadas para cada colocação, na ordem oferecida pelo *corpus*. Vejamos a lista de colocações encontradas no referido *corpus* (Quadro 1).

Quadro 1 – Colocações coletadas no Corpus do Português

Tribunal de Justiça	Bolsa de Valores	dona de casa
fim de semana	Faculdade de Direito	taxa de crescimento
Tribunal de Contas	Museu de Arte	assessoria de imprensa
ponto de partida	condições de vida	fundos de pensão
meios de comunicação	dor de cabeça	tempo de serviço
imposto de renda	sala de visitas	prefeito de São Paulo
taxa de juros	obras de arte	estrada de ferro
Fundo de Estabilização	serviços de saúde	cartão de crédito
qualidade de vida	Comissão de Constituição	taxa de erro
mercado de trabalho	Faculdade de Medicina	sala de aula

Fonte: elaborado pelas autoras

Após essa etapa, selecionamos e analisamos 50 ocorrências associadas às colocações listadas acima. Mais uma vez, foi necessário fazer um recorte, porque foi feita uma análise qualitativa de cada dado. Dessa forma, obtivemos 1500 dados para análise (50 dados de cada um dos 30 *types* mencionados antes). Essa amostra possui muitos textos literários e representa, essencialmente, grupos de falantes letrados. Não

é, portanto, uma amostra representativa da diversidade linguística da língua portuguesa.

Objetivamos, com essa amostra, verificar: (i) se a habilidade do ponto de referência está por trás dos usos da construção relacional binominal; (ii) se é possível falar em polissemia e, se sim, como os sentidos se relacionam; e (iii) que tipos de sentidos o falante consegue explorar a partir da ideia de que existe uma construção SN1 de SN2 que serve de ponto de referência.

Entendemos que a língua é muito variada, as comunidades de fala não são homogêneas e há muitos contextos de produção. De acordo com Stefanowitsch (2020), consideramos que as instâncias de uso da língua contidas no Corpus do Português são autênticas, isto é, produzidas com propósito de comunicação, não para análise linguística. O autor afirma, ainda, que, na língua escrita, o critério de autenticidade é fácil de satisfazer, já que amostras de escrita podem ser coletadas após o fato, de forma que não há como o falante saber que sua língua estará sob observação científica.

Após a exclusão dos dados que não entraram na análise, fez-se uma interpretação dos dados concernentes a cada uma das ocorrências e se chegou a uma classificação semântica da relação entre SN1 e SN2 que prototipicamente cada uma evoca.

5 Análise

Passamos, agora, a apresentar, mais detidamente, as categorias propostas para a classificação dos sentidos da construção relacional, ilustrando com alguns exemplos do *corpus* analisado. Para tanto, nos baseamos na classificação de outros autores, como Langacker (1991; 2003), Calabrese (2010), Bourque (2014), fazendo as adaptações necessárias na categorização, de acordo com os dados, isto é, inserindo ou excluindo determinadas categorias de análise.

Os elementos componentes dos subesquemas associados a essas relações semânticas serão tratados, ao longo da análise, como X e Y, em que Y é geralmente tomado como ponto de referência para se conhecer X — assim, entende-se que o falante estabelece uma conexão mental entre X e Y.

Como se viu, a construção relacional binominal é bastante produtiva não só em termos de *types* mas também em termos de *token*. Entretanto, dado o recorte metodológico assumido para este trabalho, o universo de possibilidades de relações de sentido associadas à construção relacional binominal do tipo SN1 de SN2, embora variado,

foi consequentemente reduzido. Ainda assim, é possível mostrar a polissemia da construção, bem como a relação interna entre os sentidos evocados por ela.

Categorias semânticas como a de propriedade e relação social, por exemplo, não apareceram dentre as trinta colocações mais frequentes da construção. A primeira, de propriedade (X pertence a Y), daria conta de casos como "casa/carro/livro de João", em que João é a entidade tomada como ponto de referência para se conhecer "casa/carro/livro". Já a segunda, de relação social (Y têm relação social com X), abarcaria exemplo como o de "vizinho/ tio/ pai/ namorado da Maria", em que Maria é tomada como ponto de referência para conhecer o "vizinho/ tio/ pai/ namorado".

Após destacar esses dois sentidos que são membros mais prototípicos do domínio da POSSE, passemos à análise dos dados encontrados no *corpus*.

Parte-todo (X é parte de Y)

Este sentido faz parte do domínio da POSSE, que, de acordo com Langacker (1991, 2003), engloba, além de parte-todo, a propriedade e o parentesco. Estão incluídas nessa categoria as colocações que apresentam relações de meronímia. Nesse grupo, o X é parte de um todo, representado por Y. Há uma relação partitiva entre os nomes, sendo que a parte tende a corresponder ao primeiro nome e o todo, ao segundo. Dessa forma, o nome anterior à preposição seleciona preferencialmente uma parcela do conjunto (todo) referido por Y. Seguimos com um exemplo do *corpus*.

> (5) "No carro, voltando para casa, planejou sua vida para os próximos cinco dias: faria uma festa inesquecível, compraria um vestido novo, iria ao cabeleireiro, estaria na sua melhor forma recebendo os amigos, não dispensaria o **fim de semana** na praia com a família e só no domingo à noite, depois de os filhos terem ido dormir e de tudo estar acomodado, contaria ao Rui sobre a cirurgia que teria que fazer no dia seguinte." (Corpus do Português, séc. XX)

No exemplo anterior, observa-se que a colocação "fim de semana" é formada por meio de uma relação de parte-todo, em que o todo ("semana") é usado como ponto de referência para se especificar de que "fim" está se falando – ou seja, à parte da semana correspondente aos dias

de descanso total ou parcial, pelo menos para uma parte da população, que se estende do final da semana de trabalho até o final de domingo.

A colocação já se estabeleceu (ao lado de "final de semana") como uma forma coletivamente acordada de se referir a 'sábado e domingo' e, por isso, é esperado que esteja disponível para os falantes e que tenha uma leitura em bloco, menos composicional. Também se espera que, nesse mesmo sentido, apresente um grau menor de analisabilidade.

Por outro lado, a colocação "fim da semana" apresenta valor anafórico e "circunscreve a extensão do elemento compositivo da direita para uma dada semana, contextualmente ou situacionalmente determinada e recuperável: o fim da semana compreende os últimos dias de trabalho e/ou de lazer da semana de que se fala" (RIO-TORTO *et al*., 2013, p.464).

Nesta relação, em que "X é parte Y", ainda que o "todo" possa ser conceptualizado como possuidor de suas "partes", podemos notar que a noção de propriedade é menos proeminente. Neste caso, o foco recai sobre a noção de pertencimento, ou seja, uma "parte" que pertence a um "todo", que existe no "todo".

Considerando os parâmetros propostos por Stassen (2009) para a caracterização do domínio semântico/cognitivo dos possessivos — controle e contato permanente —, percebemos que, na relação parte-todo, não há um controlado e controlador. Em "fim de semana", por exemplo, fica claro que o todo ("semana"), que não é humano, não exerce controle sobre sua parte ("fim"). No entanto, poderíamos dizer que há contato permanente entre X e Y, já que a parte delimita o todo e estão, portanto, em uma relação local relativamente duradoura. É importante destacar, ainda, que o todo, nesse caso, o nome "semana", mais saliente perceptualmente, é tomado como ponto de referência para que se acesse o outro nome, a parte.

Material (Y é o material de que X é feito)

Assim como Bourque (2014), consideramos a relação material (chamada pelo autor de composição) como um padrão semântico distinto de parte-todo, por entendermos que naquela o foco está em uma propriedade que identifica, especifica um dado objeto, enquanto nesta o que está em proeminência é a noção de pertencimento, de algo (parte) que se localiza no todo. Dessa forma, nos afastamos, neste ponto, de

classificações como a proposta por Winston et al. (1987), que incluem a relação material-objeto na categoria parte-todo.

Apesar de entendermos que, de alguma forma, o material representa o todo e o objeto, uma parte feita a partir do todo, percebemos, nos dados, que o falante parece colocar em proeminência o sentido de material, com o intuito de tipificar determinado objeto e, assim, diferenciá-lo de outro.

Ilustramos a referida categoria no exemplo que segue.

(6) Adriano prosseguiu: – A hora da procissão é a melhor. O desaparecimento da Nossa Senhora não vai ser notado por ninguém. Só no dia seguinte. – E depois de tirada a Nossa Senhora? – Passe pela estação da **estrada de ferro**. Lá você verá as vasilhas de alumínio do leite que vai ser embarcado. Todas as encostadas no muro estão vazias. Ponha o saco de lona dentro de uma delas. – É só isto? - Só. No trem nós cuidamos do resto." (Corpus do Português, séc. XX)

Em (6), o nome "ferro", que ocupa a posição de Y na construção, denota o material do nome que é núcleo da construção, "estrada". Percebemos claramente nessa colocação, que apresenta leitura mais composicional, a relação estabelecida entre os nomes. No exemplo acima, a relação construída entre os nomes é de material e o SN2 (ferro) serve como ponto de referência para a identificação da "estrada".

Ao ser comparada com colocações como "fim de semana", analisada anteriormente, se observa que "estrada de ferro" apresenta uma leitura mais composicional e mais analisável. O sentido final da colocação pode ser depreendido do sentido de suas partes componentes, bem como é possível reconhecer cada parte da construção como uma unidade formal separada das demais. Como toda e qualquer forma da língua, pode ser internalizada como uma construção gramatical, a depender da experiência linguística de cada indivíduo; ainda, poderíamos postular que essa se mostra menos amplamente difundida na comunidade linguística, dada a sua aplicabilidade mais restrita, do que "fim de semana", por exemplo.

Esta relação se aproxima da analisada anteriormente (parte-todo), se considerarmos que o objeto, em alguma medida, é feito de parte do material, no entanto tem uma forma própria, não é um

componente do todo. Em "estrada de ferro", "ferro" é a matéria da qual predominantemente a "estrada" é feita.

O foco recai mais em uma das propriedades que identificam o objeto do que no fato de que ele é um componente do todo. Assim, percebemos que a ideia de que ele pertence ao todo, já periférica em relação à posse, parece mais enfraquecida.

Ainda que estejamos considerando que a relação parte-todo seja englobada pela abstração da posse, é importante considerarmos que a noção de controle não pode ser observada. O parâmetro contato permanente também não se aplica, já que se trata de uma relação metonímica em que a matéria está na essência da própria existência do objeto.

Localização (X se localiza em Y)

Nessa relação, o Y localiza temporal ou espacialmente um objeto, X. A localização seria a categoria mais abrangente e espaço e tempo seriam subcategorias. A localização está inserida no esquema mais abstrato de tipificação, pois o modificador especifica o núcleo a partir de sua localização (espacial ou temporal).

> (7) "Vai cuidar da tua vida, jaburu! Mais respeito, eu quis dizer. Afinal, velhinhas. Um alarme de automóvel disparou lá fora, eu não queria começar aquele dia com outra **dor de cabeça**. Tenho que andar. Estou atrasado. Quase na porta do edifício, Jacyr me chamou". (Corpus do Português, séc. XX)

No exemplo acima, podemos localizar o núcleo ("dor") através de um ponto de referência ("cabeça"), através do qual estabelecemos contato mental com a outra entidade, menos saliente. Há uma relação de tipificação entre os nomes através da informação sobre a localização da dor.

Em "dor de cabeça", há entre os nomes da colocação uma localização espacial, já que é possível identificar a dor por meio de uma parte do corpo, que é tomado como uma referência espacial. Nos termos de Langacker (1991; 2003), colocações como essas perfilam um domínio associado ao sintagma preposicional em seu sentido locativo básico.

A partir dessas considerações, é possível notar que, aqui, o foco recai sobre um aspecto que identifica o nome que ocupa a posição de SN1, no caso, o local. A relação de sentido enquadrada nesta pesquisa como localização explicita uma relação em que, de um lado, o local

passa a tipificar a dor e que, de outro, a dor existe dentro da cabeça, ou seja, pertence à cabeça, que poderia ser tomada como todo. Isso é corroborado pelo fato de que construções relacionais binominais com sentido de finalidade podem ser parafraseadas por outras construções binominais em que o "de" é substituído por "em" (na/no), como se vê em "dor na cabeça". Nesse caso, a interpretação de localização parece mais explicitada e a tipificação da dor (por exemplo, a convencionalização de colocações como "dor na cabeça" serem tomadas como um tipo de dor específico) parece perder força.

Nessa relação, os parâmetros controle e contato permanente não se aplicam, uma vez que o local (no caso, "cabeça") que é usado para restringir o referente expresso em SN1(no caso, "dor") não exerce controle e nem tem contato permanente. A mesma conclusão se pode ver em outras colocações do mesmo tipo, tal como "dor de estômago", "dor de dente", "dor de ouvido", e assim por diante.

Finalidade (Y é a finalidade para que X é feito)

Nessa relação, o Y representa a finalidade ou a função de X, isto é, Y responde à pergunta: Para que serve X? Os exemplos que se seguem, portanto, acompanham a interpretação dada à colocação "cadeira de praia", que foi mencionada no início deste artigo, em que se defendeu que se trata da finalidade para a qual a cadeira foi projetada – para ser usada na praia.

Seguimos agora com exemplos retirados do *corpus* que ilustram essa relação.

(8) "Sim – disse Adriano, começando a falar franco –, quadro de museu, imagem de altar, santo de sacristia, coisas famosas, consagradas. – Coisas de que todos gostam e que estão em lugares públicos ele gosta de levar para a sua **sala de visitas**. – Isto mesmo – disse o outro, dando uma palmada na coxa e rindo –, você exprimiu a coisa muito bem." (Corpus do Português, séc. XX)

(9) "É que, apesar de todo o movimento, até hoje a Ilha de Maré não tem um terminal com pier para os passageiros das embarcações, que fazem a travessia durante o dia todo. Esta é uma outra queixa geral dos moradores, veranistas e visitantes. Muitos adolescentes

> da Ilha de Maré, que deveriam estar cursando a 5ª até a 8ª série, estão fora da **sala de aula**. A denúncia é feita pela professora Valdete Pereira e Silva, que leciona na única série existente na Escola Claudimira Santos Lima, na praia de Santana." (Corpus do Português, séc. XX)

As colocações destacadas acima podem ser interpretadas como locais que são utilizados para determinados fins. Em (8), "sala de visitas", por exemplo, o núcleo é modificado por um nome ("visitas") que indica a função da sala: a recepção de visitas. De maneira análoga, em (9), a colocação "sala de aula" também é cunhada na língua como local projetado, destinado à realização de aulas. Essas colocações se opõem a outras, como "sala de jantar", "sala de reunião" ou "sala de espera", pela sua finalidade. Vale ressaltar também que, ao serem comparadas com colocações como "fim de semana", "sala de visitas" e "sala de aula" apresentam uma leitura mais composicional.

Cabe apontarmos que, nessa categoria, a preposição "de" pode ser comutada pela preposição "para", visto que Y é entendido como a finalidade para a qual X foi feito, projetado, destinado etc. Nesse caso, tem-se paráfrases do tipo: "sala para visitas", "sala para aula". Para melhor compreensão do sentido de finalidade, poderíamos, ainda, inserir um verbo após a preposição: sala para receber visita, sala para ter/dar aula. Como se vê, o domínio da POSSE que se mostrava mais proeminente nos dados de propriedade, relação social, parte-todo aparece cada vez mais opacificado, dando lugar a interpretações que dão mais claramente conta de sentidos enquadrados no domínio da TIPIFICAÇÃO, em que os dados são, de forma geral, mais interpretados como um tipo de algo do que pertencendo a algo.

Especialização (Y é a especialidade de X)

Na relação de especialização, Y indica a especialidade, área de atuação ou conhecimento relacionado a X, como se pode ver nos exemplos a seguir:

> (10) "É claro, porém, que as sociedades atuais são complexas demais para deixar de ter seguridade social, **serviços de saúde**, educação e toda a variedade de outros serviços que o público cada vez mais demanda. A supressão desses serviços é um fantasma ideológico inventado por mentes fora de fase." (Corpus do Português, séc. XX)

(11) “A essas ações, conforme disposto no artigo 18 da lei de regência, os estatutos atribuiriam o direito especial de eleger, em votação separada, um terço dos integrantes do **conselho de administração**.” (Corpus do Português, séc. XX)

Nos exemplos em (10) e (11), Y detalha a especialidade de X. No primeiro caso, Y (respectivamente, “saúde” e “administração”) é a especialidade de X (respectivamente, “serviços” e “conselho”). Da mesma forma que a construção relacional binominal é usada para expressar a ideia da área de cobertura dos serviços, em (11), toma-se como ponto de referência a área da “administração” para se entender a área de atuação daquele “conselho”.

Nesse caso, já há uma relação bem menos direta e óbvia com os sentidos associados ao domínio da POSSE e uma maior aproximação com a ideia de um tipo de serviço. Ou seja, mais fortemente interpretados dentro do domínio da TIPIFICAÇÃO. De fato, a especialização relaciona o referente (em X) a uma área de interesse à qual pertence. O foco recai sobre esse atributo do nome, que é utilizado como ponto de referência para se estabelecer contato mental com uma entidade tomada como menos saliente. É até possível entender a entidade como parte de uma dada área, porém, nesse caso, o foco recai sobre a relação de especialização (e não sobre a relação parte-todo), o que faz com que a carga possessiva seja preterida em função da carga atributiva que identifica uma entidade por meio de sua especialidade. Assim como na finalidade, as noções de controle e contato permanente não podem ser observadas.

Especificação

Na especificação, há uma relação de detalhamento/especificação entre os dois nomes que instanciam a construção. Assim, o Y especifica o X que pode ser um nome mais genérico, como o que se vê em em: “fita de vídeo”, “festa de formatura” etc.

Vejamos um exemplo do *corpus*.

(12) “A BNDES Participações S.A. (Bndespar), subsidiária do BNDES, venderá, amanhã, às 13h30min, em leilão na **Bolsa de Valores** do Rio de Janeiro, um lote de um bilhão de ações ordinárias nominativas da Companhia de Eletricidade da Bahia (Coelba), ao preço mínimo de R$ 66,35 por lote de mil ações - num valor total de R$ 66,35 milhões.” (Corpus do Português, séc. XX)

O exemplo (12) apresenta uma relação em que o referente em Y ("Valores") especifica o referente em X ("Bolsa"), de modo que "Bolsa de Valores" é um tipo de bolsa que se diferencia de "bolsa de apostas", por exemplo. Assim como na especialização, na especificação, o foco incide sobre o atributo de SN1, mas, aqui, não se trata de uma especialidade, mas de uma característica que identifica determinada entidade dentro de uma classe, conforme os exemplos acima ilustram. Mais uma vez, percebemos um enfraquecimento da noção possessiva em detrimento da função atributiva, já que o objetivo passa a ser relacionar dois nomes para identificar o primeiro via uma característica que o diferencia dos outros membros de uma classe.

Conforme ilustra o exemplo, a colocação "Bolsa de Valores" é idiomaticamente interpretada como o lugar onde se comercializam ações de certas empresas. Essa perda de composicionalidade é acompanhada de alguma perda de analisabilidade, uma vez que, sendo uma formação bastante lexicalizada, tenderá a ser uma sequência muito automatizada na língua e tomada como uma unidade cognitiva com algo grau de integração entre as suas partes. Nesse sentido, deverá apresentar, por exemplo, menos possibilidade de haver material interveniente, ou seja, menos chance de o falante inserir algum item entre o SN1 e o SN2. Assim também se espera que modificadores como "de São Paulo", por exemplo, em exemplos do tipo "Bolsa de Valores de São Paulo", tomem o todo ("Bolsa de Valores") como escopo da modificação formando uma nova instância de SN1 de SN2, em que "Bolsa de Valores" instancia o *slot* do primeiro SN e "São Paulo", o do segundo SN.

Com essa análise, foi possível demonstrar que a construção relacional binominal do tipo SN1 de SN2 descrita aqui é polissêmica e que seus sentidos estão relacionados de modo que formam um *continuum* que entrelaça dois domínios distintos, a saber, o da POSSE e o da TIPIFICAÇÃO, em que relações de sentido associadas a esses dois domínios compartilham propriedades e podem ser tomadas como distribuídas em um continuum, como o que se viu na Figura 2, anteriormente.

Pelo fato de a construção apresentar uma alta cobertura e, assim, grande alcance na língua, muitas vezes foi difícil decidir por uma ou outra interpretação e mesmo delimitar o conjunto final das categorias de sentido que seriam tomados para descrever a polissemia. Compreendemos também que a análise não esgota todos os sentidos possíveis da construção, mas busca agrupar e delimitar aqueles que ocorreram no *corpus* ou

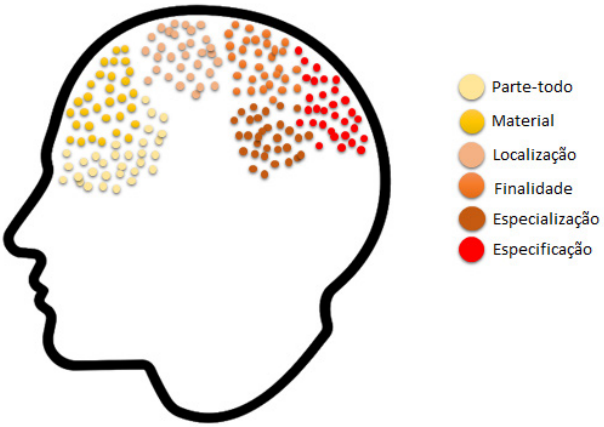
foram estabelecidos a partir de análises prévias e revisão da literatura, procurando categorias que gerassem um número de categorias coerente com a diversidade dos dados, mas que comportassem de forma eficiente as generalizações que o falante faz ao processar dados linguísticos.

A relação proposta entre os sentidos dialoga como o entendimento de que dados do uso que compartilham um maior número de propriedades são armazenados de maneira mais próxima na mente do falante, considerando a cobertura, o alcance da construção SN1 de SN2. São, portanto, categorizados como exemplares mais próximos na rede cognitiva.

Tendo tudo isso em vista, o resultado da análise das relações semânticas aponta para 6 sentidos pareados com SN1 de SN2 sem referência definida, a saber: finalidade, parte-todo, material, localização, finalidade, especialização e especificação. Em todos eles, um referente é usado para se conhecer outro (a partir da habilidade básica de ponto de referência) e, então, construir um conceito da combinação de ambos. Sendo assim, a análise confirmou a hipótese central do presente trabalho – a saber, a de que a construção relacional binominal do tipo SN1 de SN2 é polissêmica.

O falante abstrai um pareamento forma-significado como SN1 de SN2 a partir das instâncias previamente testemunhadas no uso da língua; desse modo, quando toma uma entidade como ponto de referência para evocar outra, uma das estratégias que ele tem armazenada é a construção binominal relacional do tipo SN1 de SN2. Com base na análise do *corpus*, produzimos a Figura 4, que procurou demonstrar que o compartilhamento de propriedades, em maior ou menor grau, entre os sentidos emergentes das ocorrências de SN1 de SN2 analisadas reflete uma maior ou menor aproximação cognitiva em termos de como o falante armazena os dados do uso.

Figura 4 – Armazenamento dos dados de uso de SN1 de SN2



Fonte: elaborado pelas autoras

Na Figura 4, cada escala de cor representa um sentido e cada bolinha, uma colocação (que, por sua vez, representa um *cluster* de exemplares em si, ou seja, uma colocação do tipo "fim de semana" é um *cluster* formado por todas as ocorrências de "fim de semana" testemunhadas pelo falante). As categorias semânticas se organizam como um agrupamento (*cluster*) com itens mais e menos próximos e mais ou menos consolidados na mente do falante. Um estudo com esse fim poderá proporcionalizar a robustez dos *clusters*, o que não foi possível detalhar aqui, em função da metodologia adotada. De qualquer forma, a ilustração mostra que exemplares que evocam relações de sentido mais estreitas são armazenados de maneira mais próxima, enquanto outros ficam mais distantes, considerando os limites desenhados pela cobertura (*coverage*) ou alcance da construção.

Cabe dizer que, a cada evento comunicativo, o falante generaliza, faz associações, reconhece similaridades formais e/ou de sentido e percebe uma sobreposição maior ou menor entre a construção testemunhada e aquelas que ele já tem armazenada na gramática, no *constructicon*. Assim sendo, as colocações testemunhadas impactam a rede cognitiva do falante, reforçando ou enfraquecendo as relações entre os sentidos da construção relacional.

O sentido de especificação, por exemplo, estaria mais próximo ao de finalidade e mais distante de parte-todo. Este, por sua vez, estaria

mais próximo do sentido de material, conforme apontamos durante a análise. A respeito do tema desta pesquisa, quando o falante escuta, por exemplo, "livro de Pedro" e "caderno de João", ele reconhece a relação de propriedade nas duas colocações. Poderíamos dizer que ele percebe uma sobreposição no nível conceptual, semântico e formal e, consequentemente, as armazena de maneira próxima em sua rede cognitiva.

Já em colocações como "ventilador de teto" ou "cadeira de praia", por exemplo, notamos que a noção de pertencimento — tipicamente associada ao domínio da POSSE — se mostra menos óbvia ou até mesmo inexistente, estando ambos caminhado para um outro domínio conceptual – a saber, o da TIPIFICAÇÃO: um tipo de ventilador, um tipo de cadeira. Assim, "cadeira de praia" não se trata de uma cadeira específica, mas de um tipo específico de cadeira. Nesse caso, o SN2 ("praia") passa a ser usado como um atributo do objeto, algo que o caracteriza. Poderíamos dizer, então, que, nesses casos, as propriedades da tipificação são colocadas em proeminência em detrimento das propriedades da posse, já que perdem propriedades da posse.

De acordo com Goldberg (2019), os exemplares estão agrupados em nosso espaço conceitual hiperdimensional, um amplo domínio cognitivo de representação da linguagem. Tais agrupamentos (*cluster*) geram generalizações de restrições semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas e, assim, licenciam novas construções.

O falante escuta uma instância de uma construção e precisa decidir, considerando os usos que já tem armazenados, até que ponto estender uma construção existente. Se já testemunhou uma construção sendo ampliada com uma ampla variedade de exemplares, o usuário estará mais disposto a usá-la de forma produtiva. No entanto, quando existe uma formulação alternativa mais facilmente acessível para expressar a mensagem pretendida no contexto, a produtividade da construção diminui.

O alcance de uma construção é ampliado quando as instâncias testemunhadas são muito variáveis. Conforme mostramos ao longo da análise, essa construção apresenta alta cobertura, já que apresenta alta frequência *type*, alta variabilidade semântica e alta similaridade semântica (GOLDBERG, 2019).

6 Considerações finais

Este artigo se propôs a descrever a construção relacional do tipo SN1 de SN2, restringindo a análise ao conjunto de dados em que o SN2 não tem referência definida. Para tanto, a Linguística Baseada no Uso foi tomada como aporte teórico. De acordo com essa perspectiva, a gramática é resultante da atuação de processos cognitivos de domínio geral, que estão relacionados à experiência linguística e não linguística do falante.

A partir das colocações analisadas neste estudo, temos as seguintes evidências:

(i) o falante lança mão da construção relacional SN1 de SN2 para expressar variados sentidos, quando tem o propósito de relacionar dois conceitos já conhecidos por ele para formar um terceiro conceito;

(ii) analisando as colocações, notamos que vários sentidos podem ser veiculados por elas, como finalidade, especificação, localização etc. Esses sentidos estão associados semanticamente, configurando a polissemia da construção SN1 de SN2;

(iii) para interpretar essas colocações, o falante utiliza uma operação cognitiva (ponto de referência) em que uma entidade perceptualmente mais saliente serve como ponto de referência para interpretação de outra;

(iv) quanto mais lexicalizado o sentido da construção, menos inferível é a relação entre os nomes a partir da operação cognitiva do ponto de referência. Acreditamos que colocações como *lua de mel*, por exemplo, que apresentam alta idiomaticidade tendam a promover um enfraquecimento das relações sintáticas entre SN1 e SN2;

(v) a proximidade de alguns sentidos e a possibilidade de uma colocação poder ser interpretada por mais de um sentido podem indicar que esses sentidos estão também mais próximos cognitivamente.

Argumentamos, portanto, em prol da tese de que a construção relacional do tipo SN1 de SN2 pode ser caracterizada como uma construção de ponto de referência. Com isso, podemos dizer que as relações possessivas e as relações de tipificação, no português brasileiro, são relações de ponto de referência. Nesse caso, os domínios da POSSE e da TIPIFICAÇÃO se irmanam no que se refere a essa habilidade cognitiva. Cabe ressaltar que a análise semântica aqui apresentada não pretende ser exaustiva, compreendemos que ainda há muito a avançar no estudo da construção relacional binominal em português.

Declaração de autoria

Carolina Piechotta Martins Santos realizou a coleta dos dados no *corpus* utilizado neste trabalho, sendo a responsável pela sistematização do banco de dados e pela análise feita em parceria com a outra autora deste artigo. Realizou uma exaustiva revisão da literatura, aqui apresenta de forma muito sucinta, mas suficiente para o entendimento da contribuição de trabalhos prévios sobre o mesmo tema. Karen Sampaio Braga Alonso participou da elaboração do projeto e supervisionou/orientou todas as etapas da pesquisa, participando ativamente de cada uma delas. Analisou conjuntamente os dados e fomentou a discussão e posterior escrita tanto dos resultados obtidos, quanto da fundamentação teórica. O delineamento da metodologia, a análise dos dados e a redação foram realizados por ambas.

Referências

BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage-based Models of Language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.

BOOIJ, G. *The grammar of words:* An introduction to linguistic morphology. Oxford: Oxford University Press, 2007.

BOURQUE, Y. S. *Toward a typology of semantic transparency:* The case of French compounds. 2014. 369 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Department of French Studies, University of Toronto, 2014.

BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CALABRASE, R. *Living on the edge of two languages*: a contrastive analysis of possessive constructions in Smaro Kamboureli's In the Second Person. Ormskirk: Edge Hill University, 2010. Disponível em: <https://www.lancaster.ac.uk/fass/projects/corpus/UCCTS2010Proceedings/papers/Calabrese.pdf.> Acesso em: 10 mai. 2021.

CEZARIO, M. M. C.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso* – uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2013.

CROFT, W. *Radical Construction grammar*: syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. *In*: DABROWSKA, E.; DIVJAK, D. (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 295-321.

DIESSEL, H.; HILPERT, M. Frequency effects in grammar. *In*: ARONOFF, M. (ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics.* New York: Oxford University Press, 2016. p. 1-30.

GOLDBERG, A. E. *Constructions*: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work*: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. *Explain me this:* creativity, competition, and the partial productivity of constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019.

HALLIDAY, M. K. A. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold. 2014.

HAIMAN, J. *Natural Syntax:* Iconicity and Erosion. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: University Press, 2014.

JACKENDOFF, R. English noun-noun compounds in Conceptual Semantics. *In*: HACKEN, P. (ed.). *The semantics of compounding*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 15–53.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. I. Stanford: University Press, 1987.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. II. Stanford: University Press, 1991.

LANGACKER, R. Strategies of clausal possession. *International Journal of English Studie*s, San Diego, v. 3, n. 2, p. 1-24, 2003. DOI: https://doi.org/10.6018/ijes

LANGACKER, R. Possession, location, and existence. *In*: LANGACKER, R. (ed.). *Investigations in Cognitive Grammar.* Berlin: Mouton de Gruyer, 2009. p. 81-108.

RAJENDRAN, S. A Comprehensive Study on the Formation of Compound Verbs in Tamil. *Language in India*, Thanjavur, v. 5, n. 4, 2005.

RIO-TORTO, G.; RODRIGUES, A. S.; PEREIRA, I.; PEREIRA, R.; RIBEIRO, S. *Gramática derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

STASSEN, L. *Predicative Possession*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

STEFANOWITSCH, A. *Corpus linguistics*: A guide to the methodology. Berlin: Language Science Press, 2020.

TRAUGOTT.E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. *In*: ECKARDT, R.; JÄGER G.; VEENSTRA, T. (eds.). *Variation, Selection, Development:* Probing the Evolutionary Model of Language Change. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. G. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford: Oxford University Press: 2013.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 843-870, 2022

A rede de construções causais na diacronia do português

The Network of Causal Constructions in the Diachrony of Portuguese

Bruno Araújo de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
bruno.linguistica@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-4729-4558

Maria da Conceição de Paiva
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
paiva@club-internet.fr
https://orcid.org/0000-0002-8261-6575

Resumo: A Gramática de Construções Diacrônica se consolidou nos estudos mais recentes como uma abordagem que permite explicar não só a emergência e o desaparecimento de construções como também as alterações nos elos entre as diversas construções de uma rede. Com base nessa perspectiva teórica, focalizamos, neste artigo, a rede de construções causais do português ao longo dos períodos arcaico, clássico e contemporâneo do português. Nosso objetivo principal é identificar as mudanças nos *elos* entre as diferentes construções causais. Tomamos como vetor de análise o domínio em que se instaura a relação de causalidade (referencial, epistêmico e atos de fala). A análise da distribuição das construções causais de acordo com o tipo de elo causal que instanciam permitiu constatar não apenas uma distribuição bastante diferenciada das construções causais ao longo dos séculos como também alterações significativas na maior ou menor centralidade de cada uma delas em um ou outro domínio, indicando sua expansão ou especialização de uso ao longo de sua evolução.

Palavras-chave: mudança; construção causal; diacronia.

Abstract: Diachronic Construction Grammar has been consolidated in the most recent studies as an approach that allows explaining both the emergence and disappearance of constructions as well as the changes in the links between the various constructions

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.843-870

of a network. Based on this theoretical perspective, we focus on the network of causal constructions over the archaic, classic and modern Portuguese. Our main goal is to identify changes in the links between the different causal constructions. We took as an analysis vector the domain of the causal relation (content, epistemic, and speech acts). The analysis of the distribution of causal constructions according to the type of causal link they instantiate allowed to verify not only a quite different distribution of causal constructions over the centuries, but also significant changes in the greater or lesser centrality of each of them in one or another domain, indicating expansion or specialization of use throughout its evolution.

Keywords: change; causal construction; diachrony.

Recebido em 07 de agosto de 2021

Aceito em 04 de novembro de 2021

1 Introdução

Na perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), o sistema linguístico é um inventário estruturado de construções – pareamentos de forma e significado /função – de diferentes níveis de esquematicidade e composicionalidade. Construções se ligam por relações taxonômicas (verticais), de forma que aquelas que se encontram em níveis mais baixos herdam, ao menos parcialmente, propriedades de construções de níveis mais altos. Além disso, estabelecem entre si relações horizontais de diferentes tipos.

Uma vez que a rede linguística é moldada pelo uso da língua, está sujeita a diferentes mudanças, tanto em seus nós (as construções) como nos elos *(links)* que as relacionam. Nessa perspectiva, as mudanças, sobretudo as morfossintáticas, ocupam espaço central, traduzindo-se na emergência da Gramática de Construções Diacrônica. Essa expansão da GCBU parece ser uma decorrência natural da necessidade de ultrapassar o plano sincrônico dos modelos construcionistas, permitindo não só a identificação da forma como as construções emergem, mudam ou desaparecem como também uma investigação das reconfigurações da rede ao longo do tempo.

Neste artigo, focalizamos a construção causal conectiva [[[*CONECTOR* ORAÇÃO CAUSAL] [ORAÇÃO EFEITO]]

↔ [RELAÇÃO DE CAUSALIDADE]]], de elevado nível de esquematicidade. Como esse esquema não prevê a ordem das orações que constituem a construção, admitimos que ele se desdobra em dois subesquemas: [[[*CONECTOR* ORAÇÃO CAUSAL] [ORAÇÃO EFEITO]] ↔ [RELAÇÃO DE CAUSALIDADE]]] e [[[ORAÇÃO EFEITO] [*CONECTOR* ORAÇÃO CAUSAL]] ↔ [RELAÇÃO DE CAUSALIDADE]]] (cf. OLIVEIRA, 2020). Os excertos (1) e (2) exemplificam essas possibilidades:

(1) O filho do carcereiro Antonio Marquez se ferio na garganta com hua tizoura, e por querer matarse lhe puzeram algemas […] (Século XVIII – *Gazeta manuscrita da Biblioteca Pública de Évora, Diario de 25 de Junho de 1731,* CTB).

(2) Tapiti. — Este animal se parece com os coelhos de Portugal, estes ladrão cá nesta terra como cães, maxime de noite, e muito a miúde. Os Indios têm estes ladridos por agouro; criam tres e quatro filhos: são raros porque têm muitos adversarios, como aves de rapina, e outros animaes que os comem. (Século XVI – *Tratados da Terra e Gente do Brasil*).

Nos dois subesquemas, a posição *CONECTOR* pode ser preenchida por diferentes elementos que ligam um segmento discursivo A, que codifica a causa, a um segmento B, que codifica o resultado do estado de coisas apresentado em A. A grande maioria desses elementos de ligação formou-se ao longo do tempo, como é o caso de *porque, pois, pois que* e *já que*, dentre muitos outros, resultantes, em grande parte, da produtividade da justaposição do pronome relativo ou do complementizador *que* a bases preposicionais, verbais ou adverbais (cf. AMORIM, 2016; NEVES, 2006; OLIVEIRA, 2020)[1]. Em termos construcionistas, podemos dizer que, ao longo do tempo, um esquema $[X\ QUE]_{CONECT}$, como proposto por Cezario, Silva e Santos (2015) e Santos e Cezario (2017), expandiu-se, passando a licenciar um número significativo de conectores, dentre os quais os conectores causais.

Admitindo que construções se organizam em redes, nosso objetivo é investigar em que medida o surgimento de novas construções

[1] Nessa tendência, o português se alinha a outras línguas românicas (cf. FAGARD, 2009; LEHMANN, 2002).

causais reconfigura as relações entre elas. Partimos da hipótese de que, embora o surgimento de novas construções causais não acarrete, necessariamente, variação, ele cria espaços de superposição semântico-funcional entre elas. No entanto, em razão de sua alta frequência, uma determinada construção pode ser fortalecida, rotinizada para a expressão de um ou outro tipo de relação causal.

Para verificar essa hipótese, realizamos uma análise diacrônica que compreende os períodos arcaico, clássico e moderno/contemporâneo do português, adotando a periodização proposta por Mattos e Silva (1989). Assim, foram analisados textos não literários de diversos gêneros, produzidos entre os séculos XIII e XXI. Entendendo, como proposto por Mattos e Silva (1989), que a maioria das características do português foi consolidada na primeira metade do século XVI, este século foi dividido em (XVI-1), primeira metade e (XVI-2), segunda metade.

Para melhor situar o arcabouço teórico que fundamenta esta análise, retomamos, na seção 2, alguns pressupostos que norteiam a Gramática de Construções Diacrônica e destacamos alguns dos problemas que se colocam na transferência de conceitos e pressupostos construcionistas para o estudo da mudança de longo prazo. A seção 3 é dedicada à discussão de alguns aspectos centrais da noção de causalidade, sobretudo a noção de domínio, um ponto básico para a compreensão do uso das construções causais. Na seção 4, traçamos a trajetória da rede de construções causais do português, tomando por base o tipo de relação causal instaurada entre os segmentos ligados pelo conector. Seguem as considerações finais.

2 Gramática de Construções Diacrônica

O estudo da mudança linguística sob uma perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) vem se consolidando como uma via que permite dar conta, de forma mais integrada, de diversos processos que, não raro, foram tratados separadamente nos estudos da linguística histórica como analogia, reanálise, extensão ou especialização de significado e redução fonética. Além disso, essa abordagem da mudança linguística investe de maior rigor teórico e metodológico a noção de construção, mais "intuitiva" nos estudos de gramaticalização, (BARðDAL; GILDEA, 2015). Ao diluir as fronteiras entre léxico e gramática, a GCBU se mostra capaz de explicar tanto a lexicalização quanto a gramaticalização, bem como dar conta das dimensões sintagmática e paradigmática envolvidas na mudança das construções linguísticas. O objetivo da Gramática de Construções Diacrônica é, pois,

explicar como novas construções, gramaticais ou lexicais, emergem, organizam-se em rede ou desaparecem (cf.; BERGS; DIEWALD, 2008; BYBEE, 2010, 2015; FRIED, 2009, 2013; HILPERT, 2013, 2018; NOËL, 2016; TROUSDALE, 2012; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Em princípio, a Gramática de Construções Diacrônica fornece, portanto, um arcabouço teórico para um tratamento mais adequado do contexto linguístico e extralinguístico, na medida em que enfatiza a natureza pragmática da emergência de novas construções, como já destacado nos estudos de gramaticalização. Nesse sentido, a integração/incorporação de fenômenos de gramaticalização é natural, pois, como ressaltam Smirnova e Sommerer (2020), a gramática de construções e os estudos de gramaticalização convergem em diversos pontos teóricos. Destacam-se, entre eles, a atenção dada à forma e ao significado na mudança linguística, a ênfase na frequência como um fator propulsor da expansão de novas construções, a importância de processos cognitivos, como metáfora e metonímia. A extensão de pressupostos da GCBU no estudo da mudança permite, ainda, dar conta tanto de mudanças nos nós (ou seja, mudanças na forma e no significado das construções) como também das alterações nos *elos* entre os nós de uma rede.

Uma integração desses diferentes aspectos encontrou uma formulação mais explícita no modelo proposto por Traugott e Trousdale (2013), que buscam desenvolver "formas de pensar sobre a criação e a natureza das mudanças nas construções"[2]. Os autores propõem a distinção entre dois processos: *mudança construcional* e *construcionalização.* Mudanças construcionais afetam ou o polo da forma ou o polo do significado de uma construção já existente. Construcionalização, por sua vez, requer mudanças tanto na forma como no signficado e criam um novo nó na rede. Segundo os autores, construcionalização resulta em nova sintaxe ou morfologia e novo significado. Embora mudanças construcionais sejam pré-condição para a construcionalização, nem toda mudança construcional resulta em uma nova construção na língua.

Ainda na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013), uma nova associação forma-significado emerge de uma incongruência (*mismatch*) entre forma e significado em um construto específico. O uso de uma construção em um contexto atípico requer maior esforço do interlocutor para compreender esse novo uso (cf. DIEWALD, 2002). Valendo-se de alguma inferência sugerida pelo contexto, o interlocutor pode proceder a uma reanálise (ou neoanálise, nos termos dos autores, o que dá origem a

[2] No original: "ways to think about the creation of and the nature of changes in constructions" (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 1).

uma inovação. A reutilização desse construto no mesmo contexto e com o novo significado pode levar à convencionalização dessa nova associação forma-significado numa comunidade de fala.

Dado que o uso da língua se dá em situações de interação, a incongruência que dá início ao surgimento de uma nova construção pode estar associada ao que Diessel (2019) denomina de "processo de tomada de decisão" (*decision-making process*), ou seja, uma escolha de formas linguísticas em situações específicas de comunicação pelo locutor e uma decisão sobre a interpretação mais adequada/coerente de um enunciado por parte do interlocutor. Essa interpretação envolve não só o conhecimento das formas linguísticas como também o conhecimento de mundo partilhado e a identificação dos objetivos comunicativos do locutor.

A distinção entre construcionalização e mudança construcional tem sido discutida sob diversos aspectos (cf. BARðDAL; GILDEA, 2015; HEINE; NARROG; LONG, 2016; SMIRNOVA, 2015). Para Hilpert (2013, 2018), construcionalização pode ser entendida como um tipo de mudança construcional. Na visão do autor, toda mudança que altere uma propriedade da forma ou do significado de uma construção, altere sua frequência de uso ou sua distribuição na comunidade de fala constitui uma mudança construcional. Smirnova e Sommerer (2020), por sua vez, argumentam que, se considerarmos que qualquer mudança rompe com a indissociabilidade entre forma e significado, toda mudança pode ser conceptualizada como o surgimento de uma nova construção. Os casos de polissemia, por exemplo, colocam problemas cruciais para a decisão entre um processo de mudança semântica por extensão de uma construção já existente ou de emergência de um novo pareamento forma-significado.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização, principalmente a procedural (gramatical), pode levar um longo período de tempo para ser concluída. Seria, portanto, gradual, embora precedida de micropassos, eles mesmos abruptos (mudanças construcionais). Hilpert (2018) destaca, porém, que, apesar de pressupor gradualidade, a caracterização de construcionalização "convida" à interpretação de um movimento abrupto, ou seja, um "limite discreto" entre um e outro pareamento forma-significado. Para Flach (2020), essa aparente contradição decorre da ambiguidade do próprio termo construcionalização, entendido tanto em termos de processo como de resultado. Neste último sentido, construcionalização pode ser compreendida como um ponto de demarcação. O problema, como já apontado em outros estudos, é em que ponto se pode falar, efetivamente, de um novo pareamento forma-

significado. Afinal, quantas mudanças construcionais são necessárias para que se considere a existência de um novo nó na rede?

Essas questões ganham maior relevância no estudo de mudanças de longo prazo. Como argumenta Hilpert (2018), identificar construcionalização em períodos remotos é um grande desafio, na medida em que depende do ponto de partida tomado pelo pesquisador, ou seja, do recorte temporal delimitado. Se considerarmos, ainda, que a primeira ocorrência atestada de uma construção não é o seu primeiro uso, é praticamente impossível afirmar com segurança quando surge, de fato, um novo pareamento forma-significado na língua. Nos termos do autor, "esse limite pode se revelar uma linha na areia que é impossível desenhar com certeza"[3] (HILPERT, 2018, p. 27).

Outro aspecto que merece atenção diz respeito ao ponto de uma hierarquia construcional em que ocorre a emergência de novas construções. De forma coerente com os pressupostos dos modelos baseados no uso, o *lócus* da mudança linguística são os construtos, as instâncias de uso experienciadas pelos falantes nas inúmeras situações comunicativas (cf. BYBEE, 2010, 2015; FRIED, 2013). Como destacam Teixeira e Rosário (2016) e Smirnova e Sommerer (2020), o termo construcionalização é mais adequado para níveis mais baixos de uma hierarquia construcional do que para níveis mais altos[4]. Como os construtos são contextualmente situados, ou seja, ocorrem em enunciados concretos, eles estão sujeitos à interação de múltiplos fatores que permitem a intervenção de inferências pragmáticas que, uma vez recorrentes, são "semanticizadas", nos termos de Traugott (2003), e podem dar origem a novos padrões de uso, esquemas mais abstratos.

Como mostra Kruppenbacher (no prelo), a criação de novas construções tem recebido maior atenção em diferentes estudos diacrônicos ancorados numa perspectiva construcionista, envolvendo, principalmente, questões ligadas ao aparecimento e ao aumento de frequência *token* de uma nova construção em contextos particulares, à formação de *types* mais esquemáticos, à redução de composicionalidade de *chunks* e ao aumento de produtividade de construções esquemáticas ou semiesquemáticas.

---

[3] No original: "This threshold may turn out to be a line in the sand that is impossible to draw with certainty" (HILPERT, 2018, p. 27).

[4] Para Teixeira e Rosário (2016), construcionalização não pode ser confirmada em níveis hierarquicamente superiores, mais abstratos, como os esquemas e subesquemas. Para Smirnova e Sommerer (2020), por sua vez, mudanças em níveis mais altos de abstração envolvem, principalmente, os parâmetros produtividade e esquematicidade.

Um ponto importante é que mudanças na rede envolvem não apenas o surgimento ou o desaparecimento de construções, mas também a reconfiguração dos *elos* (conexões) verticais e horizontais entre as construções. Uma proposta que integra esses diferentes tipos de mudança é avançada por Hilpert (2018). Considerando as diferentes partes da rede construcional que podem ser afetadas, o autor distingue entre *mudanças de nó* (que afetam as construções) e *mudanças de conectividade* (que afetam os *elos* entre as construções). Com base nessa distinção, o autor relaciona quatro tipos de mudanças construcionais, sintetizados no quadro 1.

Quadro 1 – Tipos de mudanças construcionais

Tipo de mudança	**Forma**	**Significado**	**Conexão**
Emergência	Novas formas aparecem	Novos significados/ conceitos aparecem	Novas conexões são formadas
Fortalecimento	Formas ganham em força de representação	Significados/ conceitos ganham em força de representação	Conexões ganham em força
Enfraquecimento	Formas ganham em força de representação	Significados/ conceitos perdem em força de representação	Conexões esvanecem em força
Desaparecimento	Formas desaparecem	Significados/ conceitos desaparecem	Conexões desaparecem

Fonte: Traduzido de Hilpert (2018, p. 30).

Ao longo das seções seguintes, buscamos mostrar como essa proposta pode dar conta de algumas mudanças observadas na rede de construções causais ao longo da história do português.

3 Domínios da relação causal

A relação de causalidade destaca-se como uma das mais frequentes no discurso cotidiano e tem sido abordada amplamente na literatura, sob diferentes perspectivas. De um ponto de vista mais estrito, o conceito de causalidade pode ser incluído no domínio da condicionalidade, na medida em que causa constitui uma condição suficiente ou necessária para a ocorrência de um estado de coisas. Nesse caso, pode-se falar em causa real ou causa efetiva (cf. NEVES, 1999, 2000; PAIVA, 1996).

A consideração de causa como condição suficiente, ou seja, basta a ocorrência de A para que B ocorra, como assumido por Van Dijk (1980), por exemplo, pode ser discutida sob diferentes aspectos[5], principalmente quando consideramos os diversificados usos das construções causais. Algumas ocorrências de *porque*, por exemplo, permitem uma interpretação de causa suficiente, como em (3):

(3) Os noviços de São Domingos de Lisboa se levantarõ contra o seu mestre **porque** os castigava e estão alguns prezos com jejuns a pão, e agua. (Século XVIII – *Gazeta manuscrita da Biblioteca Pública de Évora*, *Diario de 20 de dezembro de 1729*, CTB)

Numa determinada perspectiva de mundo, o fato de o mestre castigar os noviços pode ser entendido como uma condição suficiente para que esses se rebelem. No entanto, como discutido por Paiva (1996), mesmo em seu sentido mais estrito, a relação causal é mais bem entendida em termos de condição necessária, o que pressupõe, necessariamente, as avaliações dos falantes acerca das relações possíveis entre situações/estados de coisas relacionados. O trecho em (4) é ilustrativo.

(4) Ally morreo hũ escud*ey*ro de Malhorcas que ho *com*de ally fezera cavall*ei*ro, o quall morreo ao pee da atallaya, **porque** cayo do cavallo. (Século XV – *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, livro I, cap. 40, CIPM)

No exemplo (4), o fato de "morrer" requer uma causa. No entanto, o fato "cayo do cavalo" não necessariamente conduz à morte do cavaleiro. Podemos dizer, portanto, que a relação causal em (4) expressa uma interpretação possível, que poderia, inclusive, ser refutada, associando a morte do cavaleiro a uma outra causa. Como salienta Paiva (1996), a conceptualização de uma relação causal entre dois estados de coisas depende de diferentes condições pragmáticas, em especial das intenções do locutor (cf. também OLIVEIRA, 2020).

Em um sentido mais amplo, a relação causal recobre outras noções que, para alguns autores, constituem relações distintas. Mann e

[5] Segundo Van Dijk (1980, p. 87), "um evento A causa um evento B, se A é uma condição suficiente para a ocorrência de B, quer dizer, em ao menos um mundo possível, a ocorrência de A é incompatível com a não ocorrência de B".

Thompson (1986) elencam relações proposicionais como razão, motivo, evidência e justificativa. Os próprios autores reconhecem, no entanto, que não são muito claras as fronteiras entre essas relações, que, para muitos autores, podem ser agrupadas como causa do enunciado (causa estrita) ou causa da enunciação (evidência, justificativa, motivo)[6] (cf. LOPES, 2004; LOPES, 2012; NEVES, 1999, 2000). Segundo Lopes (2012), as relações causais no nível do enunciado relacionam dois conteúdos proposicionais, estabelecem relação entre situações do mundo real e se concretizam em uma só asserção (causa do conteúdo ou causa *de re)*. Por outro lado, as relações causais que atuam no plano da enunciação (causa explicativa ou causa *de dicto*) expressam uma relação de explicação, em que um ato de fala explica/justifica outro, constituindo uma asserção distinta, o que é assinalado, inclusive, pela presença de pausa entre os segmentos relacionados.

Numa perspectiva cognitiva, Sweetser (1990) propõe que a relação de causalidade opera em domínios conceptuais distintos, distinguindo entre causa no domínio do conteúdo (referencial), causa no domínio epistêmico e causa no domínio dos atos de fala (interacional). No domínio do conteúdo, a relação causal é estabelecida entre fatos que podem envolver, inclusive, sequencialidade temporal e agentividade, dois pressupostos inerentes ao conceito de causa estrita (cf. PAIVA, 1996), como ilustrado pelo excerto (3), já apresentado acima. O fato de os noviços de São Domingos de Lisboa terem se levantado contra o seu mestre exemplifica alguns dos pressupostos associados à noção de causa estrita, como a agentividade do sujeito e a sequencialidade temporal dos fatos descritos. A rebelião dos noviços constitui um evento posterior ao castigo a que eles foram intencionalmente submetidos.

No domínio epistêmico, o segmento encabeçado pelo conector introduz uma premissa ou uma evidência que permite ao locutor construir um raciocínio inferencial. Neste caso, a oração efeito constitui uma conclusão possível, baseada no conhecimento do falante acerca das relações entre os fatos, como em (5):

> (5) Hũ fidallgo avia amtre aq*ue*les q*ue* avia mais amtiga hydade que todollos outros que ally heram, a que chamavã Gomçallo Nunez Barreto, que ao diamte foy hũ dos comselheyros dell rrey, o quall ficara ally por capitão das gemtes do ymfamte dom Pedro, como

[6] Essa diferença encontra diferentes denominações como, por exemplo, causa real *vs*. causa lógica (BELLO, 1847 apud GALÁN RODRÍGUEZ, 1999) ou causa semântica *vs*. causa pragmática (SANDERS; SPOOREN; NOORDMAN, 1992).

> jaa temdes ouvido. & por çerto que elle hera bem digno de ser chamado pera quallquer gramde comselho, **caa** hera homẽ de gramde syso & de gramde esforço. (Século XV – *Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, livro I, cap. 23, CIPM)

Em (5), a afirmação expressa no segmento "*& por çerto que elle hera bem digno de ser chamado pera quallquer gramde comselho*" é deduzida da constatação de que o fidalgo "*hera homẽ de gramde syso & de gramde esforço*". O enunciado envolve, portanto, um raciocínio inferencial, por meio do qual o falante acessa um conhecimento de mundo armazenado. Assim, as relações causais do domínio epistêmico implicam alto grau de subjetividade, na medida em que expressam avaliações do falante que podem mesmo ser rebatidas pelo interlocutor. É de se destacar, inclusive, a presença do sintagma preposicional "*por certo*", que situa o ponto de vista do falante no ponto mais alto da escala de possibilidade.

A relação causal no domínio dos atos de fala distingue-se das anteriores por não ligar proposições e por operar em um plano interpessoal, ou seja, mais voltado para o interlocutor. Neste caso, a oração introduzida pelo conector causal justifica um ato de fala diretivo que busca obter um comportamento do interlocutor, como se verifica em (6).

> (6) [...] E neesta maneira Senhor dou aquy a vosa alteza [comta] // do que neesta vosa terra vy E se a alguum pouco alomguey ela me perdoe . **ca** o desejo que tijnha de vos tudo dizer mo fez asy poer pelo meudo . [...] (Século XV – *Carta de Pero Vaz de Caminha*, fól. 13v-14r, CIPM)

Em (6), o segmento encabeçado pelo conector *ca*, no caso, o desejo de fornecer o máximo de informações acerca da nova terra descoberta, justifica o pedido de desculpas pelo fato de o locutor ter, possivelmente, se alongado na sua descrição. A oração introduzida pelo conector constitui um ato de fala distinto e opera como uma estratégia de atenuação do possível efeito que a atitude do escrivão poderia causar no rei.

A tripartição proposta por Sweetser já foi objeto de críticas ou de algumas ressalvas, principalmente por desconsiderar o fato de as relações causais no domínio epistêmico poderem igualmente ser consideradas instâncias de atos de fala (cf. LOPES, 2012; OLIVEIRA, 2020). No entanto, acreditamos que a distinção entre epistêmico e atos de fala é útil para a compreensão das mudanças na rede das construções causais do português por permitir explicar, de modo mais detalhado, a forma como se reconfiguram os *links* entre as diferentes construções

causais quando se considera a subjetivização ou intersubjetivização de construções específicas[7]. Todavia, entendemos que as relações causais do domínio dos atos de fala, por terem como alvo um comportamento do interlocutor, constituem uma estratégia que opera no domínio interacional

Na seção seguinte, mostramos que uma análise da evolução da rede de construções causais do português de acordo com o domínio em que se instaura a relação causal lança luzes sobre a forma como algumas construções específicas ampliam seus contextos ou se especializam ao longo do tempo.

4 A rede de construções causais do português ao longo do tempo

Como já detalhado na introdução, a fim de verificar as mudanças na rede de construções causais do português, procedemos ao levantamento de todas as construções causais em uma amostra de textos produzidos desde o século XIII até o século XXI. Para cada século, foram selecionados dois ou três textos[8], representando uma média aproximada de 100.000 palavras por século, o que totalizou 999.211 palavras. O levantamento realizado permitiu atestar, antes de mais nada, a grande diversidade de conectores causais nos três períodos do português, como mostra a tabela 1, adaptada de Oliveira (2020).

7 Para uma análise mais detalhada do processo de (inter)subjetivização, remetemos o leitor para Traugott (2003, 2010).

8 A grande maioria dos textos do nosso *corpus* diacrônico foi selecionada a partir de bases de dados *online* que disponibilizam acesso a textos em edições semidiplomáticas e fac-símiles digitais, quais sejam: o Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM), o Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (CTB) e a Biblioteca Nacional Digital de Portugal (BND).

Tabela 1 – Distribuição das construções causais do português ao longo do tempo

Conector	PERÍODO ARCAICO	PERÍODO CLÁSSICO	PERÍODO MODERNO	total
porque	501 = 39,3%	457 = 35,8%	317 = 24,9%	1.275
por V_{INF}	144 = 34,1%	200 = 47,4%	78 = 18,5%	422
pois	86 = 30,5%	62 = 22%	134 = 47,5%	282
como	28 = 14,6%	115 = 59,9%	49 = 25,5%	192
ca	187 = 100%	-----	-----	187
que	30 = 52,6%	21 = 36,9%	6 = 10,5%	57
já que	-----	6 = 13%	40 = 87%	46
porquanto	31 = 73,8%	8 = 19,1%	3 = 7,1%	42
pois que	20 = 50%	6 = 15%	14 = 35%	40
visto que	-----	1 = 9,1%	10 = 90,9%	11
uma vez que	-----	1 = 9,1%	10 = 90,9%	11
segundo	*7 = 77,8%*	*2 = 22,2%*	-----	9
visto como	*4 = 80%*	-----	*1 = 20%*	5
pero que	*3 = 100%*	-----	-----	3
por razão que	*2 = 100%*	-----	-----	2
como quer que	*1 = 100%*	-----	-----	1
pero	*1 = 100%*	-----	-----	1
posto que	-----	*1 = 100%*	-----	1
Total	1.045	880	662	2.587

Fonte: Elaboração própria, com base em Oliveira (2020, p. 70, 79 e 82).

A produtividade do esquema [[[*CONECTOR* ORAÇÃO CAUSAL] [ORAÇÃO EFEITO]] ↔ [RELAÇÃO DE CAUSALIDADE]] é significativa em todos os períodos, embora mais expressiva nos períodos arcaico (15 construções distintas) e clássico (13 construções distintas). Essa produtividade pode ser explicada, pelo menos em parte, pela formação bastante regular de *chunks* com a partícula *que*, como já mostraram estudos mais específicos sobre *pois*/*pois que* (PAIVA; BRAGA, 2013a, 2013b), *já que* e *uma vez que* (SANTOS, 2019), que podem ser interpretados como casos de construcionalização, sancionados pelo esquema mais abstrato [X QUE]$_{CONECT}$, como defendido por Cezario, Silva e Santos (2015), Santos e Cezario (2017) e Santos (2019).

Além da diversidade de formas sancionadas na posição *CONECTOR*, observa-se diferença acentuada na frequência de uso das diferentes construções. Em todos os períodos, sobressai a recorrência de *porque*, que responde por, aproximadamente, metade dos dados de cada um dos períodos. Observa-se, ainda, que a distribuição dos demais conectores é mais irregular ao longo do tempo: no período arcaico, *ca* se destaca como o conector de segunda maior frequência; no período clássico, sobressai a elevada frequência de *por* V_{INF} e, no período moderno, a recorrência de *pois*. Digno de nota também é o aumento de *como* no período clássico em oposição à redução progressiva de *que* e *porquanto,* com raras instâncias no período moderno/contemporâneo.

Do ponto de vista dos nós da rede de construções causais, o período clássico é o que exibe alterações mais significativas: (a) por um lado, o total desaparecimento de *ca* e de outras formas que fizeram breve incursão no domínio da causalidade; (b) por outro, a emergência de *já que*, *visto que*, *posto que* e *uma vez que*.

Para compreender a relação entre as diferentes construções causais ao longo do tempo, é necessário considerar, porém, o tipo de relação causal que cada uma delas instancia. Como se pode verificar na tabela 2, já no período arcaico, com exceção de *como*, *pois* e *pois que* e dos conectores de ocorrência muito rara (*segundo*, *visto como*, *pero que*, *pero*, *como quer que*), todos os conectores ocorrem em construções causais dos três domínios.

Tabela 2 – Distribuição das construções causais por domínio da causalidade no período arcaico

Conector	DOMÍNIO DO CONTEÚDO	DOMÍNIO EPISTÊMICO	DOMÍNIO INTERACIONAL	Total
porque	261 = 52%	185 = 37%	55 = 11%	501
ca	21 = 11,2%	102 = 54,6%	64 = 34,2%	187
por V_{INF}	124 = 86,1%	16 = 11,1%	4 = 2,8%	144
pois	-----	67 = 78%	19 = 22%	86
porquanto	12 = 38,7%	18 = 58,1%	1 = 3,2%	31
que	14 = 46,7%	12 = 40%	4 = 13,3%	30
como	17 = 60,7%	11 = 39,3%	-----	28
pois que	-----	18 = 90%	2 = 10%	20
segundo	2 = 28,6%	5 = 71,4%	-----	7
visto como	3 = 75%	1 = 25%	-----	4
pero que	-----	1 = 33%	2 = 67%	3
por razão que	1 = 50%	1 = 50%	-----	2
pero	-----	1 = 100%	-----	1
como quer que	1 = 100%	-----	-----	1

Fonte: Oliveira (2020, p. 84).

Há indicações, no entanto, de certa complementaridade entre as construções causais. Assim, *por* V_{INF}, *como* e *porque* são mais frequentes no domínio do conteúdo, enquanto *pois que*, *pois*, *segundo* e *porquanto* são mais frequentes no domínio epistêmico. Dois pontos a ressaltar são: a maior diversidade de formas/microconstruções causais no domínio epistêmico e o número significativamente mais reduzido no domínio interacional. Neste domínio, apenas a construção com *ca* alcança frequência mais relevante (34,2%).

Como já destacado, no período clássico do português, verificam-se mudanças importantes na rede de construções causais, com o desaparecimento em particular da construção com *ca*, um dos conectores mais frequentes no período arcaico. Como mostra a tabela 3, no período clássico, atesta-se a criação de novos nós, ligados principalmente ao domínio epistêmico.

Tabela 3 – Distribuição das construções causais por domínio da causalidade no período clássico

Conector	DOMÍNIO DO CONTEÚDO	DOMÍNIO EPISTÊMICO	DOMÍNIO INTERACIONAL	Total
porque	274 = 60%	178 = 39%	5 = 1%	457
por V_{INF}	184 = 92%	16 = 8%	-----	200
como	55 = 47,8%	60 = 52,2%	-----	115
pois	-----	60 = 96,8%	2 = 3,2%	62
que	4 = 19%	15 = 71,5%	2 = 9,5%	21
porquanto	4 = 50%	4 = 50%	-----	8
pois que	-----	6 = 100%	-----	6
já que	1 = 16,7%	5 = 83,3%	-----	6
segundo	-----	2 = 100%	-----	2
visto que	-----	1 = 100%	-----	1
posto que	-----	1 = 100%	-----	1
uma vez que	-----	1 = 100%	-----	*1*

Fonte: Oliveira (2020, p. 87).

Observa-se, na tabela 3, um significativo aumento no número de construções conectivas causais ligadas ao domínio epistêmico, com a inclusão de *já que, posto que* e *uma vez que*. As construções com *porque* e *por* V_{INF} mantêm sua distribuição, com uso predominante no domínio do conteúdo. Constata-se, ainda, redução mais acentuada no domínio interacional, que fica restrito a *porque*, *pois* e *que*.

A distribuição atestada para o período moderno confirma a maior associação de muitas das construções causais com o domínio epistêmico (*já que, pois que, pois, visto que, uma vez que*), como se pode observar na tabela 4.

Tabela 4 – Distribuição das construções causais por domínio da causalidade no período moderno

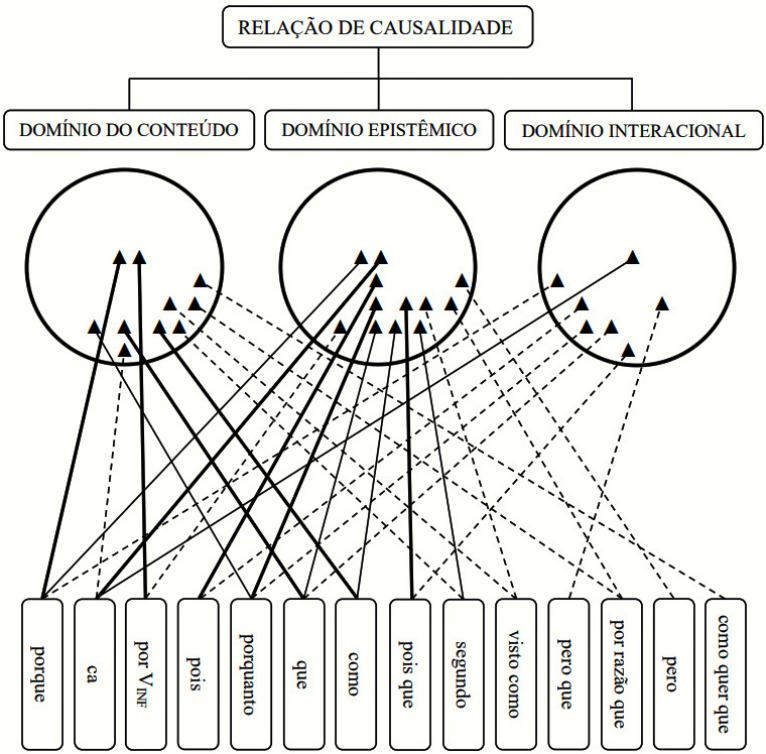
Conector	DOMÍNIO DO CONTEÚDO	DOMÍNIO EPISTÊMICO	DOMÍNIO INTERACIONAL	Total
porque	103 = 32,5%	208 = 65,6%	6 = 1,9%	317
pois	12 = 9%	114 = 85%	8 = 6%	134
por V_{INF}	73 = 93,6%	5 = 6,4%	-----	78
como	22 = 44,9%	26 = 53,1%	1 = 2%	49
já que	6 = 15%	31 = 77,5%	3 = 7,5%	40
pois que	1 = 7,1%	13 = 92,9%	-----	14
visto que	3 = 30%	7 = 70%	-----	10
uma vez que	2 = 20%	8 = 80%	-----	10
que	-----	2 = 33,3%	4 = 66,7%	6
porquanto	-----	3 = 100%	-----	3
visto como	-----	1 = 100%	-----	1

Fonte: Oliveira (2020, p. 88-89).

As construções causais que predominam no domínio epistêmico alcançam valores significativamente expressivos como é o caso de *pois que* (92,9%) e *uma vez que* (80%). Outras evidências de preferência pelo domínio epistêmico são indicadas pela distribuição de outras construções causais: o uso de *porquanto* se restringe ao domínio epistêmico e as construções com *porque* (65,6%) e *como* (53,1%) aumentam sua frequência de uso nesse domínio. Outro aspecto que merece destaque é a persistência da construção com *por* V_{INF} no domínio do conteúdo (93,6%) e da construção com *que* no domínio interacional (66,7%).

A diferenciada correlação entre as construções causais de acordo com o domínio da causalidade é esquematizada nas figuras 1, 2 e 3, que permitem visualizar, de forma mais clara, a maior ou menor centralidade de cada construção em um dado domínio. Nessas figuras, os domínios da causalidade são representados pelos círculos. A posição dos triângulos nos círculos indica a maior ou menor centralidade da construção, com base na sua frequência de uso. Os diferentes tipos de linha indicam os *elos* entre as construções e os domínios: linhas contínuas grossas representam os *elos* mais fortes; linhas contínuas finas representam *elos* menos fortes; linhas tracejadas representam os *elos* mais fracos. Consideremos, inicialmente, a rede do período arcaico, mostrada na figura 1.

Figura 1 – Rede das construções causais por domínio no período arcaico do português

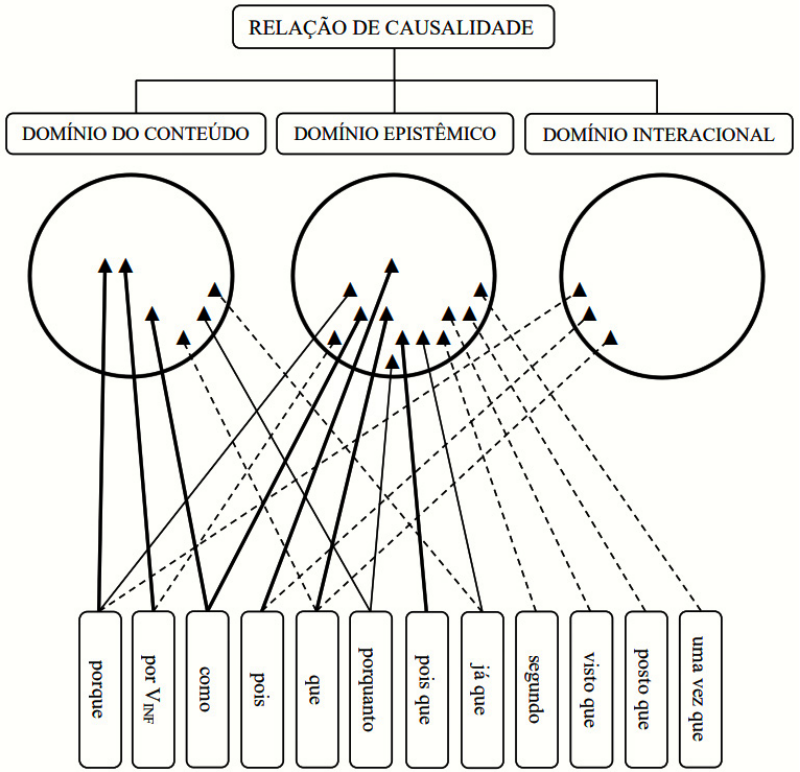


Fonte: Oliveira (2020, p. 178).

De acordo com a figura 1, as construções com *porque* e com *por* V_{INF} constituem os membros centrais no domínio do conteúdo. No entanto, enquanto *porque* já apresenta uma conexão relativamente forte com o domínio epistêmico, a construção com *ca* se destaca como membro central nesse domínio e mais periférico no domínio interacional, isto é, dos atos de fala diretivos. As construções com *que* e *como* apresentam *ligação* mais forte com o domínio do conteúdo, enquanto as construções com *pois*, *porquanto*, *pois que* e *segundo* aparecem mais fortemente associadas ao domínio epistêmico.

No período clássico, essas relações são, pelo menos parcialmente, reconfiguradas, como mostra a figura 2.

Figura 2 – Rede das construções causais por domínio no período clássico do português

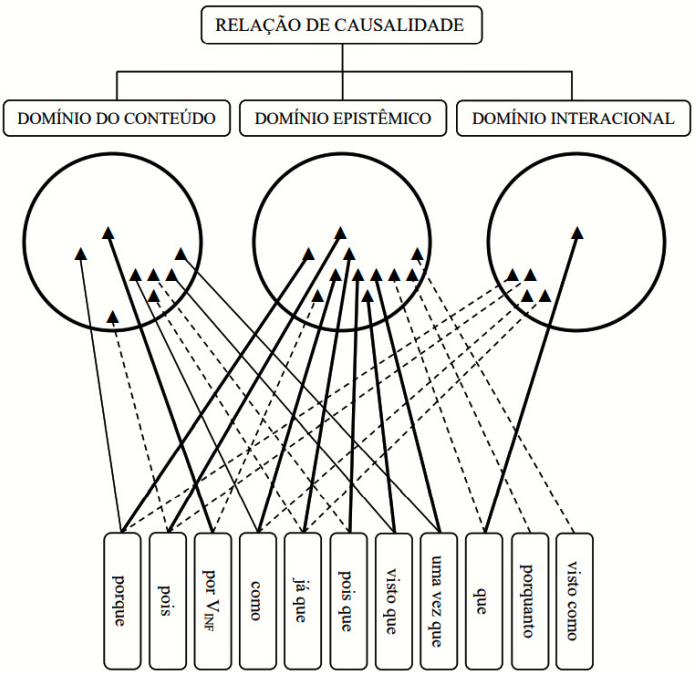


Fonte: Oliveira (2020, p. 180).

Em razão, mais provavelmente, do desaparecimento de *ca*, a construção com *pois* assume a posição central no domínio epistêmico. No domínio do conteúdo, *porque* e *por* V_{INF} se emparelham, embora haja indicações de que o a ligação de *porque* com o domínio epistêmico passa a ser fortalecido nesse período. O fortalecimento da conexão com o domínio epistêmico fica claro também para as construções com *que* e *como*. As construções emergentes nesse período (*já que*, *posto que*, *visto que* e *uma vez que*) se ligam apenas, e ainda de forma fraca, ao domínio epistêmico.

Algumas das mudanças observadas no período clássico se consolidam no período moderno, como mostra a figura 3.

Figura 3 – Rede das construções causais por domínio no período moderno do português



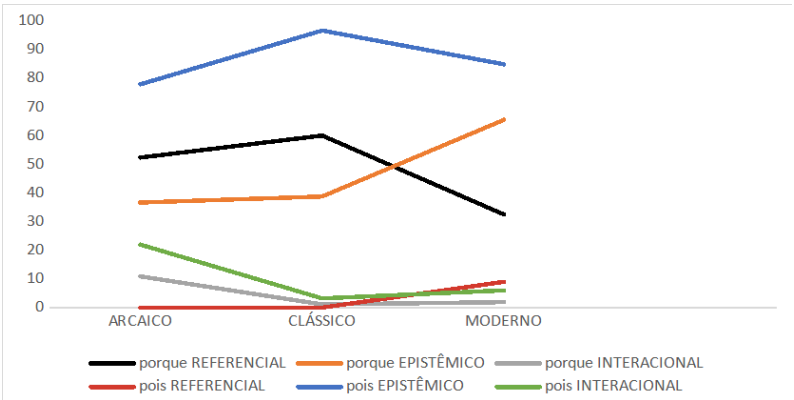
Fonte: Oliveira (2020, p. 181).

No período moderno, a grande maioria das construções causais fortalece seus *links* com o domínio epistêmico (*pois* e *pois que porque*, *como*, *já que*, *visto que* e *uma vez que).* Embora *pois* se destaque como o membro de maior centralidade, a construção causal com *já que,* mais recente, e a construção com *como* passam a ocupar um espaço relevante nesse domínio. Instaura-se, portanto, no domínio epistêmico, maior possibilidade de variação entre diferentes construções causais. Uma outra mudança importante no período moderno é a consolidação da construção com *que* no domínio dos atos de fala diretivos. Embora várias outras construções possuam *elos,* embora fracos*,* com esse domínio (*porque, pois, como, já que*), ao que tudo indica, a construção com *que* se especializa na introdução de justificativas para atos de fala. Outro aspecto que merece destaque é o uso das construções com *pois* e *pois que* para

relações causais no domínio do conteúdo, uma trajetória já discutida por Paiva e Braga (2013a, 2013b).

Embora não seja o objetivo central deste artigo, é importante considerar que, como indicam as figuras 1, 2 e 3, cada uma das construções em análise apresenta uma trajetória própria, que requer estudo aprofundado. Apenas a título de exemplificação, podemos comparar a trajetória de duas das construções de maior frequência ao longo de todos os períodos: as construções com *pois* e *porque.*

Gráfico 1 – Trajetória das construções com *pois* e *porque*



Fonte: Oliveira (2020, p. 91).

Segundo o gráfico 1, as construções com *porque* e *pois* percorrem trajetórias inversas. A primeira reduz de forma significativa seus usos no domínio referencial e se estende para o domínio epistêmico, como ilustrado em (7):

> (7) Não adianta as autoridades declararem que a violência está sob controle ou até mesmo diminuindo, **porque** as imagens de TV não deixam dúvidas. (Século XXI – *Carta de leitor*, jornal *O Globo*, 10/03/2004, PEUL)

A construção com *pois*, por sua vez, predominantemente utilizada no domínio epistêmico, passa a incursionar pelo domínio referencial (ou da causa efetiva), caso do exemplo (8):

> *(8) O Escorbuto* – De todas as calamidades físicas que se abatiam sobre os marujos dos séculos XVI e XVII, nenhuma era mais devastadora e repulsiva do que o escorbuto. Doença provocada pela carência de vitamina C, o escorbuto provoca hemorragias e causa o rompimento das paredes de vasos sanguíneos. Os primeiros marinheiros ocidentais afetados por essa terrível enfermidade foram os homens da esquadra de Vasco da Gama, em 1497. A doença em geral se manifestava após 70 dias em alto-mar. De início, era chamada de "mal de Luanda", **pois** atacava os marujos quando seus navios se encontravam ao largo da costa de Angola. (Século XX – *A Viagem do Descobrimento*, p. 41)

A extensão da construção com *porque* para o domínio epistêmico pode ser explicada com base numa hipótese de que usos [- subjetivos] precedem usos [+ subjetivo] e/ou [+ intersubjetivos], de acordo com a proposta de Traugott (2003, 2010). Nos termos de Paiva e Braga (2013a, p. 6):

> Nos seus estágios iniciais como conector, um elemento seria convocado para a expressão de relações entre estados de coisas (enunciado) e se estenderia, gradualmente, para sinalizar relações no mundo das crenças e atitudes (enunciação) e, numa última etapa, se estenderia para usos intersubjetivos, ou seja, como forma de regulação das relações entre os interlocutores.

A trajetória da construção com *pois*, por outro lado, contraria essa hipótese, na medida em que ela se estende para usos no domínio do conteúdo, como destacado por Paiva e Braga (2013a, 2013b).

5 Considerações finais

A análise apresentada fornece evidências para a necessidade de considerar, como propõe Hilpert (2018), que as alterações de conectividade entre construções são tão importantes quanto a emergência e o desaparecimento de construções. Como pudemos constatar, as mudanças na rede de construções causais do português envolveram não apenas o desaparecimento e o surgimento de novas construções, mas também um rearranjo das relações entre elas ao longo do tempo. Assim, se o desaparecimento de *ca* no final do período arcaico parece ter sido, em grande parte, compensado pela expansão de *pois,* ele pode estar associado igualmente a um reforço de *porque* e *como* no domínio epistêmico já no período clássico e, principalmente, no período moderno/contemporâneo.

Um outro ponto a destacar diz respeito à polissemia da grande maioria das construções causais em todos os períodos. Em outros termos, quase todas elas podem expressar todos os tipos de relação causal, embora com diferente frequência. É essa polissemia que permite que, pelo menos numa parte dos contextos, construções com *porque*, o conector causal prototípico possa alternar seja com *por + infinitivo*, no domínio referencial, ou com *pois*, no domínio epistêmico. No entanto, os resultados obtidos apontam evidências de que, ao longo do tempo, cada uma das construções causais seguiu sua própria trajetória, mantendo-se estáveis ou sofrendo mudanças em direções distintas. Enquanto algumas expandiram seus contextos de uso, outras se tornaram mais especializadas. Assim, pudemos constatar que a construção causal com *por* V_{INF} se mantém fortemente associada ao domínio do conteúdo ao longo de toda a história do português. Por outro lado, outras construções apresentaram mudanças no sentido de reforçarem seu elo com o domínio epistêmico, codificando causa mais subjetiva, como é o caso das construções com *porque* e *como*. A construção com *que*, por sua vez, empreende uma trajetória de intersubjetivização, especializando-se, no período moderno/contemporâneo, na codificação de relação causal no domínio interacional.

Além disso, foi possível constatar que o período clássico assiste a uma acentuada diversificação de construções conectivas causais no domínio epistêmico. Essa diversidade amplia a possibilidade de variação entre diferentes construções causais, se considerarmos que todas elas ocupam um lugar central nesse domínio. Podemos pressupor, inclusive, que uma consequência dessa ampliação é a obsolescência da construção com *porquanto* no português contemporâneo, que cede seu espaço para construções mais recentes. Evidentemente, estudos mais detalhados de cada uma dessas construções são necessários para identificar em que medida elas podem ser consideradas funcionalmente equivalentes.

Declaração de autoria

Declaramos que houve estreita colaboração dos dois autores na produção do artigo. O primeiro autor, Bruno Araújo de Oliveira, contribuiu com a cuidadosa seleção da amostra que forneceu os dados para esse estudo e com o levantamento e análise dos dados. O segundo autor contribuiu na revisão da análise dos dados e interpretação dos resultados, assim como na especificação do quadro teórico em que se enquadra o estudo. Os dois autores contribuíram na redação do artigo.

Agradecimentos

Agradecemos aos pareceristas anônimos que, com suas observações, contribuíram para esclarecer alguns pontos deste artigo. Quaisquer erros ou equívocos restantes são de nossa inteira responsabilidade.

Referências

AMORIM, F. *Gramaticalização de conectores causais na história do português*. 2016. 211 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2016.

BARðDAL, J; G. S.; GILDEA, S. Diachronic Construction Grammar: Epistemological context, basic assumptions and historical implications. *In*: BARðDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 1-50.

BELLO, A. *Gramática de la lengua castellana*: destinada al uso de los americanos. Santiago de Chile: Imprenta del Progreso, 1847.

BERGS, A.; DIEWALD, G. (eds.). *Constructions and language change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CEZARIO, M. M; ALONSO, K, S. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em Português. *Soletras*, Rio de Janeiro, v. 37, p. 133-154, 2019. DOI: DOI: https://doi.org/10.12957/soletras.2019.38444

CEZARIO, M. M.; SILVA, T. S; SANTOS, M. P. K. Formação da construção $[XQUE]_{CONEC}$ no português. *Revista e-scrita,* Nova Iguaçu, v. 6, p. 229-243, 2015.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. *In*: DĄBROWSKA, E.; DIVJAK, D. (eds.). *Cognitive Linguistics* – A survey of linguistic subfields. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2019. p. 50-80.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. *In*: WISCHER, I.; DIEWALD, G. A. (eds.). *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 103-120.

FAGARD, B. Grammaticalisation et renouvellement: conjonctions de cause dans les langues romanes. *Revue roumaine de linguistique*, Bucureşti, v. 54, p. 21-43, 2009.

FLACH, S. Constructionalization and the Sorites Paradox: the emergence of the into-causative. *In*: SOMMERER, L.; SMIRNOVA, E. (eds.). *Nodes and networks in diachronic construction grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 45-67.

FRIED, M. Construction Grammar as a tool for diachronic analysis. *Constructions and Frames*, Amsterdam, v. 1, n. 2, p. 262-291, 2009. DOI: 10.1075/cf.1.2.04fri.

FRIED, M. Principles of constructional change. *In*: HOFFMANN, T; TROUSDALE, G. (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford/New York: Oxford University Press. 2013. p. 419-437

GALÁN RODRÍGUEZ, C. La subordinación causal y final. *In*: BOSQUE, I.; DEMONTE, V. (dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Vol. 3. Madrid: Espasa Calpe S.A, 1999., p. 3597-3642.

HEINE, B; NARROG, H.; LONG, H. Constructional change vs. grammaticalization. From compounding to derivation. *Studies in Language*, Amsterdam, v. 40, n. 1, p. 137-175, 2016. DOI: https://doi.org/10.1075/ sl.40.1.05hei.

HILPERT, M. *Constructional changes in English*: Developments in allomorphy, word formation, and syntax. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HILPERT, M. Three open questions in Diachronic Construction Grammar. *In*: COUSSÉ, E.; ANDERSSON, P.; OLOFSSON, J. (eds.). *Grammaticalization meets construction grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2018. p. 21-39.

KRUPPENBACHER, K. *Changes on constructions and constructionalization* – a contemporary approach towards language change. No prelo. Disponível em https://www.academia.edu/36648642/ Changes_on_Constructions_and_Constructionalization_a_contemporary_ approach_towards_language_change. Acessado em 27 de janeiro 2020.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Volume I: Theoretical prerequesites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEHMANN, Ch. New reflections on grammaticalization and lexicalization. *In*: WISCHER, I; DIEWALD, G. (eds.). *New reflections on grammaticalization.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 1-18.

LOPES, A. C, M. Contributos para uma análise semântico-pragmática das causais de enunciação no Português Europeu contemporâneo. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 451- 468, 2012. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/5534. Acesso em: 11 nov. 2021.

LOPES, M. H. C. C. *Aspectos sintácticos, semânticos e pragmáticos das construções causais*: contributo para uma reflexão sobre o ensino de gramática. 2004. 402 f. Tese. (Doutoramento em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2004.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Relational propositions in discourse. *Discourse Processes*, London, v. 9, n. 1, p. 57-90, 1986. DOI: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01638538609544632

MATTOS e SILVA, R. V. *Estruturas Trecentistas*. Elementos para uma gramática do Português Arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.

MENGDEN, F, V.; COUSSÉ, E. Introduction: the role of change in usage-based conceptions of language. *In*: COUSSÉ, E.; MENGDEN, F.V. (eds.). *Usage-based approaches to language change.* Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 1-19.

NEVES, M, H. M. As construções causais. *In*: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado*: Novos Estudos. Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 461-496.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

NOËL, D. For a radically usage-based diachronic construction grammar. *Belgian Journal of Linguistics*, Amsterdam, v. 30, n. 1, p. 39-53, 2016. DOI: 10.1075/bjl.30.03noe.

OLIVEIRA, B. A. *A evolução da rede de construções causais no português*. 2020. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

PAIVA, M. C. Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. *In*: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. (orgs.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 63-74.

PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. Gramaticalização e especialização funcional: o caso do conector *pois*. *Diacrítica*, Braga, v. 27, n. 1, p. 195-216, 2013a.

PAIVA, M. C.; BRAGA, M. L. Evolução de *pois* e *pois que* no português: uma trajetória de subjetivização? *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso:* uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad/ FAPERJ, 2013b. p. 97-112.

SANDERS, T.; SPOOREN, W.; NOORDMAN, L. Toward a taxonomy of coherence relations. *Discourse Processes*, London, v. 15, n. 1, p. 1-35, 1992. DOI: https://doi.org/10.1080/01638539209544800.

SANTOS, M. P. K. *A formação das microconstruções uma vez que, já que e assim que*: uma abordagem cognitivo-funcional. 2019. 158 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, M. P. K.; CEZARIO, M. M. Estudo cognitivo-funcional da formação da construção $[XQUE]_{CONECT}$ no Português. *In*: NEGRO ROMERO, M.; ALVAREZ, R.; MOSCOSO MATO, E. (orgs.). *Gallæcia.* Estudos de lingüística portuguesa e galega. Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións da Universidade de Santiago de Compostela, 2017. p. 959-974.

SMIRNOVA, E. Constructionalization and constructional change: the role of context in the development of constructions. *In*: BARĐDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (eds.). *Diachronic Construction Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 81-106.

SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L. Introduction: the nature of the node and the network. – Open questions in Diachronic Construction Grammar. *In*: SOMMERER, L; SMIRNOVA, E. (eds.). *Nodes and networks in diachronic construction grammar.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2020. p. 1-42.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*: Metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. C. do. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. *Revista LinguíStica*, Rio de Janeiro, v. especial, p. 139-151, 2016. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2016.v1n1a5444.

TRAUGOTT, E. C. From subjectification to intersubjectification. *In*: HICKEY, R. (ed.). *Motives for language change.* Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 124-139.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. *In*: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalization*. Berlin/New York: Mouton De Gruyter, 2010. p. 29-71.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. Grammaticalization, constructions and grammaticalization of constructions. *In*: DAVIDSE, K.; BREBAN, T.; BREMS, L.; MORTELMANS, T. (eds.). *Grammaticalization and language change*: new reflections. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012. p. 165-196.

VAN DIJK, T A. *Texto y contexto*: Semántica y pragmática del discurso. Introducción de Antonio García Berrio; Traducción de Juan Domingo Moyano. Madrid: Cátedra, 1980.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 871-905, 2022

A posição da oração completiva em construções subjetivas: o papel do design visual na dinâmica das construções

The Position of Completive Clause in Subjective Constructions: the Role of Visual Design in Construction Dynamics

Nilza Barrozo Dias
Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil
nilzabarrozodias@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-3521-508X

Angelina Maganha Grigorio da Silva
Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil
angelinamaganha@gmail.com
http://orcid.org/0000-0001-7301-687X

Resumo: Neste artigo, investigam-se construções subjetivas de modalização (deôntica e epistêmica) e de avaliação, sob a perspectiva de modelos centrados no uso (BOYLAND, 2009; KEMMER; BARLOW, 1999), especialmente pressupostos da Linguística Centrada no Uso, que, segundo Diessel (2017) e Bybee (2016), apresenta aporte de base Funcionalista e da Linguística Cognitiva. Acrescente-se a contribuição da Gramática do Design Visual na dinâmica da construção subjetiva nos memes/postagens. As construções subjetivas são denominadas de construções subjetivas deônticas, subjetivas epistêmicas e subjetivas avaliativas, constituídas sintaticamente por oração matriz seguida da oração completiva subjetiva. A partir de 214 dados de uso coletados do site da rede social Facebook, observamos que a motivação discursiva determina a ordem da oração subjetiva avaliativa em relação à sua matriz, já que a topicalização da subjetiva na construção subjetiva avaliativa apresenta resultados bastante expressivos. Contrariamente, a construção subjetiva epistêmica preza pela posposição categórica da oração completiva. A oração matriz pode ser vista como um chunking, uma unidade sequencial que projeta impessoalização; a esquematização da categoria apresenta um slot que se realiza como adjetivo, sendo a construção parcialmente esquemática porque o adjetivo que preenche o slot varia entre os avaliativos, os deônticos e os epistêmicos. Do ponto de vista textual-discursivo a construção subjetiva funciona como uma "ilha" de valor impessoal, genérico, que é cercada por informações pessoais e experiências pessoais.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.871-905

Palavras-chave: construção subjetiva; modalidade e avaliatividade; uso linguístico; Gramática do Design Visual.

Abstract: In this article, subjective constructions of modalization (deontic and epistemic) and of evaluation are investigated, from the perspective of Use-Centered Linguistics (BOYLAND, 2009; KEMMER; BARLOW, 1999), which, according to Diessel (2017) and Bybee (2016), presents Functionalist and Cognitive Linguistics contribution. Add to that the contribution of the Grammar of Visual Design in the dynamics of subjective construction in memes/posts. The subjective constructions are called deontic subjective constructions, epistemic subjective and evaluative subjective constructions, syntactically constituted by matrix clause followed by subjective complement clause. From 214 usage data collected from the Facebook social network site, we observed that discursive motivation determines the order of the subjective evaluative clause in relation to its matrix, since the topicalization of the subjective in the subjective evaluative construction presents very expressive results. On the contrary, the subjective epistemic construction values the categorical postposition of the complete clause. The matrix clause can be seen as a chunking, a sequential unit that projects impersonalization; the schematization of the category presents a slot that takes place as an adjective, the construction being partially schematic because the adjective that fills the slot varies between evaluative, deontic and epistemic. From a textual-discursive point of view, the subjective construction works as an "island" of impersonal, generic value, which is surrounded by personal information and personal experiences.

Keywords: subjective construction; modalization and evaluation; linguistic use; Grammar of Visual Design.

Recebido em 01 de setembro de 2021

Aceito em 03 de novembro de 2021

1 Introdução

Objetivamos, neste trabalho, investigar a construção subjetiva que apresenta valores semântico-discursivos de modalização (deôntica, epistêmica) e de avaliação, testando a hipótese de que a motivação discursiva determina a ordem da oração subjetiva em relação à matriz, numa abordagem de modelos centrados no uso (BOYLAND, 2009; KEMMER; BARLOW, 1999), especialmente propostas da Linguística Centrada no Uso, que, segundo Diessel (2017) e Bybee (2016), apresentam aporte de base Funcionalista e da Linguística Cognitiva; acrescente-se ainda a contribuição da Gramática do Design Visual (GDV), para a compreensão

da dinâmica da construção subjetiva empregada em textos da internet, *memes,* que mesclam o verbal e o visual. A construção subjetiva, conforme Dias, Abraçado e Lima-Hernandes (2017), é constituída de oração(ões) completiv (s) subjetiva(s) + oração(ões) matriz(es).

As construções podem apresentar diferentes valores semântico-discursivos. Esses valores estão atrelados a marcas de subjetividade do falante/escrevente atribuídas às construções pelas orações matrizes de valor deôntico (necessidade/obrigatoriedade), epistêmico (de possibilidade/de certeza) ou de avaliação (de julgamento/de afeto/de apreciação).

Assim, o falante/escrevente expressa o seu posicionamento frente ao conteúdo da oração completiva subjetiva. Além disso, a ordem da oração completiva subjetiva em relação à oração matriz também se revela um importante recurso para a expressão da subjetividade do falante/escrevente. Isso porque a posição inicial da construção subjetiva é o lugar da expressão da subjetividade, e, sendo assim, a informação que ocupa essa posição na construção ganha destaque. Dito de outra forma, ao eleger a informação que irá preencher esse espaço, o falante/escrevente adiciona maior ou menor carga semântica às informações veiculadas na construção.

Os dados de uso analisados, neste trabalho, são de construções subjetivas com matrizes que apresentam o verbo *ser/estar/ficar* na terceira pessoa do singular do presente do indicativo + predicativo (deôntico/epistêmico/avaliativo). Na primeira seção, apresentamos os pressupostos teóricos sobre modelos centrados no uso, especificamente a Linguística Centrada no Uso, que abarca a perspectiva funcionalista - selecionamos a proposta de conexão de orações e os domínios cognitivos, conforme Bybee (2016). Segue-se a conexão de orações, em que são destacados os valores semântico-discursivos e as posições das orações completivas subjetivas em relação à oração matriz, além da abordagem sobre o meme e o Facebook. Na segunda seção, tratamos da metodologia e, na terceira seção, apresentamos a análise dos dados, seguida das considerações finais e das referências bibliográficas.

Neste estudo, conforme Dias, Abraçado e Lima-Hernandes (2017), adotamos a designação "construções subjetivas" para aquelas sentenças complexas que se constituem de oração matriz e de oração ou orações que se comportam como sujeito, uma completiva subjetiva. No entanto, autoras sinalizam que o sujeito oracional não exibe os traços prototípicos de sujeito, já que apresenta "traços negativos de agente, de tópico, de tema, de informaticidade dada, de individualização e para o qual não servem os critérios de animacidade".

2 Pressupostos teóricos

2.1 Modelos baseados no uso

Os eventos diários propiciam ao falante as experiências que dão suporte às suas representações mentais, no nosso caso, de estruturas da linguagem em todos os níveis, desde a fonética até a pragmática. Quando os falantes "gravam" várias instâncias do uso da linguagem em contextos particulares, eles desenvolvem uma base de conhecimento implícita cada vez mais rica a partir do qual eles podem, de uma forma cognitivamente realista, gerar cada vez mais sofisticadas generalizações (BYBEE, 2016; DIESSEL 2017). A ideia de que processos e representações baseados no uso constituem o conhecimento da linguagem apresenta implicações múltiplas e amplia nossa compreensão dos fenômenos sincrônicos, do entendimento da mudança diacrônica, da forma como a estabilidade é mantida, e da nossa compreensão de padrões de variabilidade no e entre falantes, reforçando que o conhecimento de uma língua provém do conhecimento de usos linguísticos reais e as generalizações são feitas a partir de eventos de uso linguístico (DIESSEL, 2017).

Mas é bom reforçar que a complexidade linguística emerge da interação entre cognição e uso. A língua funciona como um sistema adaptativo complexo, isto é, como um sistema que muda e se reorganiza em resposta a múltiplos fatores em competição, segundo Bybee (2016), como uma duna de areias. Diessel (2017, p. 12) considera que se busca explicar gradações em membros da categoria gramatical e regularidades locais em exceções; e identificar padrões em esquemas mais gerais ou alternativos que estejam presentes nas margens difusas da linguagem. Diessel (2017) considera que há um consenso de que o uso da linguagem envolve uma ampla gama de processos cognitivos e sociais, que podem ser divididos em três domínios gerais, a saber: (i) cognição social; (ii) conceituação; e (iii) memória e processamento. Neste último domínio, o autor aponta que a representação linguística na memória não é simplesmente um lugar de armazenamento, conforme literatura mais antiga, mas sim que o termo memória inclui um conjunto de processos cognitivos que dizem respeito à ativação, processamento e organização do conhecimento (COWAN, 2005; JONIDES, *et al*. 2008).

Assim, Diessel (2017) e Bybee (2016, 2020) enfatizam a importância da frequência e da repetição para o armazenamento e a

organização de informações linguísticas na memória (DIESSEL 2007; DIESSEL; HILPERT 2016); ambas são determinantes no desenvolvimento do conhecimento linguístico, mas convém destacar também a importância dos mecanismos cognitivos por trás dos muitos efeitos da frequência na linguagem. Desse modo, nessa abordagem, os conceitos são formados a partir de tokens com propriedades semelhantes que, juntos, fornecem um ponto de referência cognitivo para a classificação de novas experiências, ou novos *tokens*. Segundo Diessel (2017), como consequência da aprendizagem baseada na experiência, os conceitos estão ligados a traços de memória individual e a categorização nem sempre se baseia em generalizações de alto nível, mas muitas vezes envolve o conhecimento de experiências particulares ou grupos locais de tokens semelhantes (DIESSEL, 2016; MURPHY 2002). A abordagem por exemplar pode ser aplicada à sintaxe (GOLDBERG, 2006), ou seja, as construções subjetivas em estudo, emergentes da experiência dos usuários da linguagem, podem ser associadas também aos links modalizadores e avaliativos, e ao valor de impessoalidade para escamoteamento da subjetividade, além de as subjetivas completivas avaliativas serem reinventadas no uso de tópico sentencial, na posição anteposta à matriz, o que inclui um uso incomum de posição na construção, já que a produtividade da construção subjetiva aponta para a posposição da subjetiva completiva (DIAS; BRAGA, 2017); contudo a posição anteposta é previsível dentro das possibilidades de língua portuguesa.

A frequência leva a uma automatização de sequências que são estruturadas internamente, mas ativadas e executadas como um todo integrado (LANGACKER 1987, p. 494); já automação é um mecanismo cognitivo geral por meio do qual uma série de elementos distintos é transformada em uma unidade de processamentoLangacker (2008, p. 60-73) usa a noção de "unidade" como um termo técnico; Bybee (2010, p. 8) refere-se a unidades como *chunks* e ao processo de formação de unidades como *chunking*: "*Chunking* é o processo pelo qual sequências de unidades que são usadas juntas se unem para formar unidades mais complexas" (BYBEE 2016). "Unidades ou pedaços são rotinas cognitivas que dizem respeito a ações motoras, como dançar, e atividades cognitivas, como contar ou recitar o alfabeto" (LANGACKER 2008, p. 16-17).

Bybee (2016) desenvolve pesquisas acerca dos domínios cognitivos, categorização, chunking, memória enriquecida, analogia e associação transmodal. Categorização faz referência à similaridade de identidade que ocorre "quando palavras e sintagmas, bem como suas

partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas" (p.26). Assim, o significado dos itens lexicais que fazem parte da construção auxilia na função e distribuição da construção no discurso. As categorias de exemplares exibem efeitos prototípicos, que são derivados do compartilhamento/pertencimento a uma categoria que, comparada com outro membro da categoria, pode levar o falante/escrevente a considerar uma certa ordenação no grau de compartilhamento. Como o mecanismo por detrás da produtividade é a analogia específica do item, uma construção com alta frequência type será provavelmente mais usada para formar um enunciado novo do que uma frequência type mais baixa, simplesmente porque há mais candidatos para se fazer analogia.

Na consideração acerca das dimensões em que as construções variam, Dias e Braga (2017) avaliam o grau de fixação e a esquematicidade das posições componentes da construção. A esquematicidade "faz referência à definição substantiva da categoria" (p. 205-224) que pode ser mais alta, quando temos variação dentro da categoria, com as posições altamente esquemáticas ou as posições nas construções podem ser completamente fixas, ficando mais baixo na escala da esquematicidade. As construções podem ser bastante específicas, permitindo um pequeno grau de variação em uma determinada posição.

No caso das construções em estudo, Dias e Braga (2017) verificam que as construções subjetivas avaliativas permitem uma quantidade bem diversificada de adjetivos ocupando a posição de predicativo, junto ao verbo "é". Os dois itens linguísticos formam um chunk, no sentido de que são percebidos pelos usuários como uma unidade encadeada, usada para expressar subjetividade do falante/escrevente, na forma unipessoal de 3ª pessoa do singular, conectando-se ao link de impessoalidade. As construções subjetivas deônticas e epistêmicas apresentam variação no *slot*, mas de modo menos intenso.

De acordo com Bybee (2016), a língua é um fenômeno que possui estrutura aparente e apresenta regularidade de padrões com variações significativas em todos os seus níveis, pois a natureza da linguagem se assemelha às dunas de areia, já que, com o passar do tempo, apresentam variações que ocorrem de forma regular. Dessa maneira, um estudo centrado no uso buscará explicar as regularidades da língua.

2.2 A conexão de orações

Um estudo que se vincula ao funcionalismo prioriza o emprego da semântica e da pragmática nas análises, pois nos possibilitam a compreensão dos novos usos linguísticos. Assim, a sintaxe e a pragmática

não podem ser concebidas como níveis estanques da gramática, uma vez que há uma relação intrínseca entre elas que orienta a formação dos enunciados. Conforme Neves (2006), uma análise de cunho funcionalista não ficará na superfície do texto, antes penetrará a sua organização. Segundo Castilho (2019), a sintaxe funcional observa a língua contextualizando-a segundo a situação interacional com a atenção voltada para as categorias sociais e cognitivas representadas em sua estrutura gramatical. Assim apontamos para a conexão de orações na visão funcionalista.

A literatura funcionalista busca os níveis de conexão de orações. À vista disso, Hopper e Traugott (2003) propõem um *continuum* em que podemos observar três pontos de aglomeração: a parataxe, a hipotaxe e a subordinação. Nessa perspectiva, analisam-se as construções, levando-se em conta dois fatores: dependência e encaixamento. Assim, analisar a conexão de orações consiste em observar o grau de dependência entre as orações (se maior ou menor).

Quadro 1 - *continuum* de integração de orações

	Parataxe (independência)	Hipotaxe (interdependência)	Subordinação (dependência)
[Dependência]	-	+	+
[Encaixamento]	-	-	+

Fonte: baseado em Hopper e Traugott (2003, p. 178).

A parataxe encontra-se em um extremo do *continuum*, caracterizando a combinação de orações em que a relação é de relativa dependência, ou seja, as orações são menos dependentes e menos encaixadas, ao passo que a hipotaxe apresenta relativa dependência e menos encaixamento. No outro extremo do *continuum*, está a subordinação, cuja relação entre as orações é marcada por mais dependência e encaixamento total (HAIMAN; THOMPSON 1988; HOPPER; TRAUGOTT 2003; LEHMANN 1988; MATHESSEN; THOMPSON 1988).

Para Halliday (1985), a conexão de orações deve ser analisada de modo a se considerar os tipos de relações semântico-funcionais e a dependência entre elas. À vista disso, Braga (2001) vê nesse modelo apresentado por Hopper e Traugott (2003) um tratamento mais adequado aos processos de combinação de orações quando conjugado às relações lógico-semânticas apresentadas por Halliday (1985) e à aceitação de que uma mesma relação semântica pode ser codificada por diferentes estratégias

sintáticas. Thompson (1984) critica o fato de se colocar dentre as orações subordinadas várias orações de estatutos tão diferentes. As verdadeiras subordinadas são aquelas que formam constituintes oracionais.

No que se refere às construções subjetivas, elas apresentam + dependência e + encaixamento, portanto, as verdadeiras subordinadas. É bom destacar que representam um bom recurso utilizado pelo falante/escrevente para expressão da impessoalidade, escamoteamento da subjetividade, passando-nos a impressão de que a construção funciona como um parêntese no nível textual-discursivo, resultante de contraste entre a impessoalidade da construção e o entorno marcado por expressões de pessoalidade, experiências pessoais (DIAS; BRAGA 2017; DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017). Quanto à forma, as construções apresentam, na oração matriz, uma morfossintaxe unipessoal de 3ª pessoa do singular, cristalizada no presente do indicativo e uma completiva subjetiva, marcada por verbos na forma (não) finita, a depender do tipo de subjetiva. A oração matriz instancia expressão de subjetividade na forma de modalidade e de avaliação em sua oração matriz, e a oração subjetiva completiva se realiza preferencialmente na posição posposta, para que o falante marque na oração matriz a expressão da sua subjetividade (DIAS; BRAGA, 2017).

Segundo as autoras, do ponto de vista textual-discursivo, é estabelecida uma relação entre a construção subjetiva e o entorno discursivo, em que se alocam as camadas pragmáticas. A construção veicula uma noção semântica impessoal[1] (LANGACKER, 2011), genérica, podendo ser negativa, em relação ao entorno marcado por experiências individuais, com instâncias em primeira pessoa. Assim, embora haja um sujeito oracional, ele é incapaz de agir, por ser não pessoa; a oração predicadora , alçada à posição inicial da construção, é expressa por verbo ser em terceira pessoa do singular (forma unipessoal, cf. NEVES, 1984), no presente do indicativo. Tais recursos se mostram ideais para fazer o contraste entre o genérico, o impessoal da construção e as experiências, as exemplificações em primeira pessoa do falante/escrevente, no entorno linguístico, constituindo tais ferramentas "distratores insuspeitos de uma primeira pessoa que prefere, nesse

[1] Para o francês, Achard (1998) caracteriza o *il* como um sujeito real numa construção existencial que perfila uma configuração abstrata específica. Os impessoais representam instâncias de construções de configuração subjetiva. O autor propõe as seguintes construções impessoais: (i) existencial abstrato, (ii) o impessoal de reação emocional, (iii) *raising impersonals*, (iv) o impessoal epistêmico, (v) o impessoal deôntico e (vi) o avaliativo.

contexto específico, minimizar a sua participação no evento, provê informações sobre a que veio o falante/escrevente, sem se corrigir, para não se comprometer" (DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017, p.168.Vejamos, portanto, o que afirmam Dias, Abraçado e Lima-Hernandes *(*2017, p. 168 com base em Dias (2015):

> Do ponto de vista textual-discursivo, podemos observar uma relação especial que se estabelece entre a construção subjetiva e o entorno discursivo, em cujas dobras estão as camadas pragmáticas. Explicamos: geralmente, a construção sob estudo veiculará uma noção semântica impessoal, genérica e, em alguns casos, negativa em relação ao entorno marcado por experiências pessoais do indivíduo, exemplificações em primeira pessoa do singular ou plural, e valores positivos. Todos mobilizados para atenuar a posição do falante.

Diante disso, fica clara a relação intrínseca entre a forma e a função da linguagem. Um olhar sobre a língua em uso que considere a função revela, por exemplo, o caráter subjetivo da linguagem, as motivações do falante/escrevente que determinam o uso, suas preferências, entre outros.

De acordo com as pesquisadoras e, conforme podemos ver em Dias (2013a; 2013b) e Dias e Braga (2017), a forma da oração matriz permite uma leitura de ação genérica e não pessoal em relação à informação da oração subjetiva (ver LANGACKER, 2011). Do ponto de vista semântico-discursivo, a oração matriz desempenha função modalizadora (epistêmica, deôntica) ou avaliativa (expressando apreciação, afeto e julgamento) (MARTIN; WHITE 2007).

Assim, a oração matriz que seleciona oração completiva subjetiva se faz representar por uma forte semântica de modalidade e avaliação. O falante/escrevente exprime suas atitudes e opiniões acerca da informação da oração completiva (NEVES, 1996) e, ao fazê-lo, expõe sua avaliação com base no conhecimento compartilhado socialmente. No que tange à semântica da modalidade, as construções subjetivas podem ser de diferentes tipos (NEVES, 2011). O usuário pode modalizar ou fazer uma avaliação, por exemplo. Nas construções de modalidade e de avaliação, a oração matriz se constitui de adjetivo modalizador ou qualificador, respectivamente, antecedidos ou não do verbo ser (DIAS; BRAGA, 2017). O falante/escrevente seleciona o adjetivo conforme as propriedades semântico-discursivas que melhor atendam às suas necessidades comunicativas no ato da interação social. Ou seja, essa escolha é orientada

pelo efeito de sentido final a que se pretende. Este trabalho abarca o tipo deôntico (necessidade/obrigatoriedade), o epistêmico (de dúvida, de certeza) e a avaliação (julgamento e apreciação).

A partir de Saint-Pierre (1992), Neves (1996) afirma que a modalização é uma operação em que o falante/escrevente assume uma posição acerca do conteúdo proposicional de seu enunciado em relação a um evento ou a uma relação intersubjetiva. De acordo com a autora, há dois eixos conceptuais básicos, no que tange à modalidade. Um eixo é do conhecimento, em que está situada a modalidade epistêmica, o outro é o da conduta e situa a modalidade deôntica.

No eixo do conhecimento, há um ponto do *continuum* que vai da certeza a diferentes graus do possível. Os modalizadores epistêmicos podem ser asseverativos ou dubitativos. No primeiro caso, atribuem à matriz uma avaliação com valor de verdade, não deixando margem para dúvidas; no segundo, integram a matriz que expressa a dúvida do falante em relação à declaração da oração completiva; enquanto que os modalizadores deônticos são responsáveis por atribuírem à matriz a propriedade semântica de obrigação, de necessidade (CASTILHO, 2019; NEVES, 2011). Casimiro (2007) afirma que a modalidade deôntica deve ser analisada com base em um conjunto de regras sociais e morais existentes, já que o falante /escrevente é orientado pelos valores de permissão, obrigação ou necessidade, os quais são estabelecidos a partir desse conjunto de regras, que pode ser pautado em leis, cultura, hábitos de uma sociedade. Oliveira e Mendes (2013) observam que a permissão e a obrigação são controláveis, uma vez que se originam dos participantes humanos que fazem parte da situação apresentada na construção de modalidade deôntica. Já a necessidade ou possibilidade de que determinado fato ocorra podem decorrer de fatores externos aos participantes humanos, isto é, podem resultar de fatores que independem dos agentes e, por isso, não são controlados por eles (OLIVEIRA; MENDES, 2013).

Do ponto de vista semântico-discursivo, a oração matriz pode ainda expressar uma avaliação acerca da proposição da oração subjetiva. Martin e White (2007) atribuem três subclassificações aos adjetivos avaliativos no nível semântico-discursivo que são determinados pela atitude do falante/escrevente. À vista disso, a atitude pode ser de julgamento, de apreciação e de afeto. Deste modo, a avaliação é um recurso utilizado quando o usuário da língua pretende atribuir um determinado valor a um elemento específico. De acordo com os pesquisadores, a avaliação de julgamento

está fortemente atrelada às noções de ética, avaliando o comportamento das partes envolvidas. Portanto a avaliação ocorre, quando o indivíduo a usa com base em referência a normas institucionalizadas, cujos valores sociais e culturais são os parâmetros adotados (DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017). Na apreciação, observamos principalmente as questões emocionais quanto as de fatores culturalmente definidos. O valor semântico de apreço pode ser notado em avaliações com base na estética e é obtido por predicativos apreciativos, como bonito, perfeito, agradável (MARTIN; WHITE 2007).

Não poderíamos nos furtar de abordar a ordem da oração completiva subjetiva em relação à sua matriz. Gonçalves e Casseb-Galvão (2008) abordam a ordem das sentenças encaixadas e observam que as propriedades semânticas e discursivo-pragmáticas influenciam, de algum modo, a estrutura da sentença, refletindo, então, na colocação dos constituintes na construção. Dias, Abraçado e Lima-Hernandes (2017) defendem a hipótese de que o espaço para a marcação de atitude do usuário da língua esteja na posição inicial da sentença. Deste modo, a escolha do falante não é aleatória, e sim guiada por princípios icônicos. Essa hipótese corrobora a proposta apresentada por Neves (2011) no sentido de que, ao decidir pela ordem de colocação das informações, o falante/escrevente evidencia a informação que pretende enfatizar, destacando-a dentro da construção. Ou seja, topicalizando o que é de seu interesse discursivo.

De acordo com Dias, Abraçado e Lima-Hernandes (2017), a ordem dos constituintes da oração, numa construção subjetiva, não é o único recurso para o falante/escrevente se inserir no discurso. Contudo, a questão da ordem, segundo as autoras, tem recebido papel de destaque no que diz respeito à expressão da subjetividade, por ter forte atuação na expressão do falante e de suas atitudes e crenças. As autoras, no entanto, esclarecem que é importante destacar o espaço da oração matriz como o lugar em que são encontradas as pistas de atitude de forma mais evidente, já que a função de marcar a atitude do falante/escrevente é marcada por elementos da oração matriz.

2.3 O meme e o Facebook

As redes sociais possuem a característica de fazer circular textos multissemióticos. À vista disso, Santos (2020) analisa e descreve os

memes da internet, observando que eles podem ser tipicamente compostos, no âmbito verbal, de processos materiais, orações declarativas e tema e tópico. O pesquisador aponta que, ainda que de forma menos regular, na esfera visual, a sintaxe é segmentada, o que gera uma segmentação da informação dada e nova, com predomínio da cor, da fonte e da colagem com fatores de saliência.

Neste trabalho, estamos considerando o Facebook (doravante FB) como um suporte, um ambiente virtual do qual os usuários dispõem para fazer circular os seus gêneros discursivos, haja vista a variedade de gêneros que circulam nessa rede social, como textos verbais produzidos em diversos gêneros, textos visuais e textos mistos - textos imagéticos com textos verbais (MARCUSCHI, 2008).

Marcuschi e Xavier (2010) salientam que os novos meios eletrônicos não estão atingindo a estrutura da língua. Segundo o autor, o impacto maior é na forma de manifestação por meio do texto. Assim sendo, na concepção de Marcuschi, decorre de tudo isso a necessidade de gêneros textuais que emergem para suprir as necessidades comunicativas nos meios digitais. Entretanto, é notório que, mesmo diante de todas as transformações e da infinidade de novas possibilidades de produção, gerando, inclusive, textos híbridos, os textos guardam semelhanças com os gêneros anteriores ao advento da internet.

O termo meme surge pela primeira vez, na década de 70, no trabalho do biólogo britânico, Richard Dawkins, quando ainda nem havia internet. O biólogo, em seu livro *The Selfish Gene,* aborda os novos replicadores, os genes, os quais nomeia de meme a partir do conceito de *mimesis* de Aristóteles, que significa imitação. Para o filósofo grego tanto a arte quanto a vida se pautam em um processo comum que é a imitação. E, por isso, o termo fora, por empréstimo, adaptado para a esfera digital para nomear conteúdos amplamente compartilhados e recriados pelos usuários das redes sociais, a exemplo do FB.

Podemos pensar sobre algumas características que fazem com que um conteúdo seja adequado ao *status* de meme, a saber: a fecundidade, a fidelidade e a longevidade. A longevidade está relacionada à capacidade de reprodução de um meme, pois quanto maior for o tempo de vida (exposição/circulação) de um conteúdo nas redes sociais, maior será sua chance de replicar-se; a fecundidade relaciona-se à quantidade de vezes que o meme foi replicado, pois precisa alcançar um nível de compartilhamento viral; e a fidelidade, que está relacionada à capacidade

de um conteúdo ser replicado da forma mais próxima possível da original, ou seja, quanto menor a variação em relação ao conteúdo inicial, maior é a fidelidade da cópia (RECUERO, 2007).

Marcuschi (2010, p. 19) alerta que "Os gêneros são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural. Contudo, os gêneros não são categorias taxionômicas para identificar realidades estanques". Portanto, a linguagem precisa ser observada com cautela sempre. À vista disso, Santos (2020) faz as seguintes ponderações acerca dos estudos dos memes da internet:

> […] o meme da internet não pode ser descrito na plenitude de uma realidade estanque. Dessa forma, a concepção clássica de gênero não pode ser aplicada ao estudo dos textos mêmicos sem que o pesquisador encontre estratégias para lidar com a natureza híbrida, mutável, criativa e bricolada. Essa identidade dinâmica e multiforme do gênero digital Meme de Internet, por vezes, se manifesta e pode ser constatada na variedade de seu plano composicional. Ou seja, em seus múltiplos modos de estruturação, mesmo sendo de um único tipo (sintaticamente) ou tratar da mesma temática, pode tomar a forma de uma *Image macro* (imagem com legenda sobreposta) ou tirinhas mêmicas nas redes sociais (SANTOS, 2020, p. 52-53).

Santos (2020, p. 98) observa, com base em Kress e Van Leeuwen (2006), que o conceito de imagem é "[...] um sistema complexo, multifuncional, independente e que dialoga com o contexto específico (no nosso entender, de cultura e de situação, se pensarmos em termos sistêmico-funcionais) do qual se emerge". De acordo com o pesquisador, a composição do significado visual se materializa a partir da relação dos participantes representados na imagem, da ação, ou seja, o que é visto sendo praticado na imagem, de quem vê (participante interativo) e da organização desses elementos no texto visual.

De acordo com Santos (2020), a GDV defende que se analise as estruturas composicionais do texto multissemiótico com base em como os significados do texto são construídos ao se mesclar as diferentes semioses, seja a estrutura regular ou não.

Nessa perspectiva, a estrutura do texto mimético pode ser descrita a partir das metafunções: **metafunção representacional** - estrutura visual responsável pela construção da natureza do evento e as circunstâncias em que ocorrem; **metafunção interativa** - estrutura responsável por estabelecer a relação entre os participantes (interativos,

representados); **metafunção composicional** - estrutura responsável por organizar a distribuição das informações na imagem, como cores, posicionamento dos conteúdos (imagem, texto), etc.

Com base no exposto, nos textos miméticos, a função representacional ganha centralidade já que cumpre o papel de forjar a interação entre os participantes. Deste modo os participantes são: **interativos** - produtor/autor/escrevente e receptor/leitor; e **representados** - figuras/personagens (seres humanos ou animais). Os participantes representados estabelecem o contato necessário entre o escrevente[2] e o leitor, seja por meio do contato visual (figura representada com o olhar voltado para a frente, simulando um contato visual com o leitor), seja por meio da centralidade que ocupa no texto, ou ainda pelo ângulo da imagem que pode traduzir mais proximidade ou afastamento em relação ao leitor.

Conforme Novelino (2007), a GDV, que possibilita a análise de imagens, foi desenvolvida a partir da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (1985). No entanto, de acordo com a autora, ainda que a base para o trabalho seja a noção de metafunção de Halliday relacionada à análise de imagens, os pesquisadores não buscam verificar a existência de correspondência entre as estruturas linguísticas e as estruturas visuais. Em outras palavras, a imagem não é meramente uma representação do conteúdo verbal, salienta Novelino.

Recuero (2017, p. 18) observa a relevância dos *sites* de redes sociais como espaço de interação e como um promissor veículo de comunicação humana. Além disso, o fato de esses *sites* tornarem essas comunicações registradas e capazes de serem buscadas legitimam os estudos linguísticos a partir dessas interações.

3 Metodologia

Para a realização deste estudo, utilizamos pressupostos de modelos centrados no uso, especialmente propostas da Linguística Centrada no Uso, que, segundo Diessel (2017) e Bybee (2016), apresentam aporte de base Funcionalista e da Linguística Cognitiva. Nosso *corpus* de análise se constitui de construções subjetivas de modalidade deôntica e epistêmica e de avaliação coletadas de páginas da rede social FB[3]. A análise abarca

---

[2] O termo "escrevente" foi preferido para designar o produtor dos textos coletados para esta pesquisa por se tratar de dados de escrita.

[3] Todos os dados constantes deste trabalho e extraídos do Facebook têm acesso aberto na internet e não necessitaram de autorização prévia de seus autores para utilização para fins de estudos.

tanto os aspectos formais quanto os funcionais das ocorrências de construções subjetivas. Os objetivos são analisar: (i) a posição da oração subjetiva em relação à matriz; (ii) os valores semântico-discursivos de modalidade e de avaliação; (iii) a impessoalidade da oração matriz e a generalização da oração subjetiva. Para este estudo foram coletados duzentos e quatorze dados de ocorrências da referida construção, e a coleta ocorreu a partir da *timeline*, ou seja, à medida que foram surgindo ao serem compartilhados em postagens da nossa rede de amigos. Como forma de registro, elegemos o *print*, uma vez que os gêneros textuais no FB costumam ser híbridos. Isto é, o conjunto textual envolve, muitas das vezes, imagens e textos verbais, caracterizando a linguagem multissemiótica, e não poderia haver perdas quanto às informações que compõem cada texto analisado aqui. Além disso, optamos pelo uso de *prints*, devido ao fato de que as postagens podem ser apagadas a qualquer momento pelo usuário ou pelo próprio FB, no caso de *feedback* negativo, conforme política da rede social.

O levantamento dos dados foi realizado no período de abril de 2018 a maio de 2019. Após a coleta, demos início à análise quantitativa e qualitativa dos dados, pautando-nos no aporte teórico que foi apresentado na seção Pressupostos Teóricos.

A contagem dos dados inicialmente foi manual: contabilizamos o número total de ocorrências e as separamos por grupos de acordo com o valor semântico-discursivo (deôntico, epistêmico e avaliativo) da oração matriz; mas, além disso, utilizamos o GoldVarb para comparação das variantes. Dentro de cada tipo, criamos subgrupos de acordo com a posição da oração subjetiva (anteposta e posposta à matriz), o que nos possibilitou verificar a preferência do falante/escrevente por uma ordem em detrimento da outra em cada grupo semântico-discursivo. Contabilizamos ainda os diferentes tipos de predicativos da oração matriz e sua recorrência nos dados, separando-os de acordo com a função discursiva.

Optamos por chamar de postagem/post o conteúdo compartilhado por nossa rede de amigos como criação própria do usuário; e de meme o conteúdo que foi amplamente compartilhado no período da coleta.

4 Análise de dados

Passamos à análise dos dados coletados para essa pesquisa. Com base nos pressupostos teóricos abordados, apresentaremos os resultados já

obtidos a partir do levantamento de dados. Para cada grupo, analisaremos dados com anteposição da completiva subjetiva e com posposição.

Para fins de organização, optamos por dividir as ocorrências em três grupos de construções. Tendo em vista a frequência de uso, no grupo (1), apresentamos as construções subjetivas de valor avaliativo; no grupo (2), analisamos as construções de valor deôntico; e, no grupo (3), as construções subjetivas epistêmicas. Na parte final de cada dado analisado, destaca-se a contribuição da GDV. Como primeiro objetivo deste trabalho, escolhemos apresentar as ocorrências de acordo com a posição da oração subjetiva, pensando a relação entre o tipo de construção subjetiva (modalidade: deôntica e epistêmica; e avaliação) e a posição da subjetiva em relação à matriz. A tabela 1 apresenta essa divisão com quantificação dos dados em número e em porcentagem para melhor visualização.

Tabela1 - posição da oração subjetiva / valor semântico da matriz
(Dados rodados no programa GoldVarb)

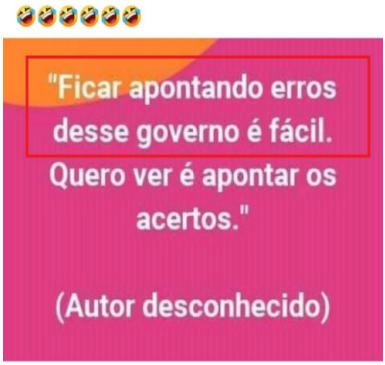
Posição da subjetiva		**Deôntica**	**Epistêmica**	**Avaliativa**	**Total**
Anteposta	**Número**	5	0	92	97
		5.2	0	94.8	100
Posposta	**Número**	32	16	69	117
	%	27.4	13.6	59	100
Total	**Número**	37	16	161	214
	%	17.2	7.5	75,3	100

Fonte: elaboração própria.

A Tabela 1 mostra que as orações subjetivas avaliativas apresentam-se preferencialmente na posição anteposta à oração matriz, contrariando resultados apresentados por Dias e Braga (2017b), enquanto as subjetivas epistêmicas instanciam, categoricamente, a posição posposta, corroborando resultados preliminares de Ramos (2016); e as orações subjetivas deônticas apresentam-se preferencialmente na posição posposta, um pouco diferente de resultados obtidos por Wiedemer (2019).

4.1 Grupo 1: Tipo avaliativa

(1)



Fonte – Facebook

A construção subjetiva, no exemplo (1), é constituída de [uma oração completiva subjetiva anteposta [uma oração matriz]]. Do ponto de vista semântico-discursivo, a oração matriz *é fácil* representa uma avaliação do tipo julgamento por parte do escrevente. Neste caso, o predicativo *fácil* qualifica a informação trazida na oração subjetiva *Ficar apontando os erros desse governo*.

A manifestação do verbo *ser* em terceira pessoa do singular do presente do indicativo na oração matriz é a marca da unipessoalidade apontada por Neves (1996). Já a forma do verbo relacional de infinitivo da oração subjetiva *Ficar apontando* é responsável por agregar um valor geral à informação contida na oração completiva *Ficar apontando os erros desse governo*. No entanto, podemos observar que esse valor geral contrasta com a informação seguinte *Quero ver é apontar os acertos*, em que há a marca de primeira pessoa do singular com o sujeito desinencial *eu,* expresso pelo verbo *quero*. Sendo assim, é possível observar, de forma ainda mais contundente, a expressão da subjetividade do sujeito escrevente que tenta o distanciamento através da escolha da forma verbal não finita na construção subjetiva, porém compromete o escamoteamento e se coloca no papel de avaliador da situação na declaração seguinte, promovendo, assim, o embate entre a não-pessoa da construção subjetiva mais impessoal com a pessoa da proposição seguinte que pode ser observada ao olharmos o entorno linguístico.

A construção subjetiva avaliativa neste dado representa um uso em uma postagem do usuário feita em sua página pessoal em que traz a citação entre aspas de um autor desconhecido, conforme informado no *post*, que aponta para um tom de deboche conferido à postagem pelos *emojis* utilizados na legenda.

(2)

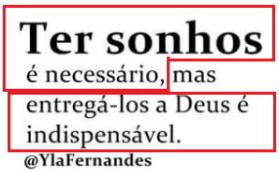
Fonte – Facebook

No exemplo (2), há uma construção subjetiva constituída de oração matriz + orações completivas subjetivas, logo temos a posposição das completivas subjetivas. A oração matriz *É impressionante*, do ponto de vista semântico-discursivo, traz uma avaliação do tipo apreciação (DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017; MARTIN; WHITE, 2007) expressa pelo adjetivo *impressionante*, que traduz um alto grau de comprometimento do escrevente em relação à informação contida na oração subjetiva *como as pessoas são julgadas por serem reais e como são amadas por serem falsas*. A construção constitui-se de duas orações completivas subjetivas. Conforme Dias (2013), parece que a oração subjetiva veicula valor menos geral quando apresenta o verbo na forma finita, como no exemplo acima em que o verbo relacional *ser* se apresenta em terceira pessoa do plural *são*. Já a oração matriz é caracterizada pela forma unipessoal, ou seja, não instancia o agente do processo verbal, pois, como temos apontado, escamoteia a participação do escrevente em relação à avaliação (DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017; DIAS; BRAGA 2017; RAMOS, 2016). No entanto, ainda que a avaliação da oração matriz busque proporcionar um teor de verdade ao tentar esconder o escrevente por meio da forma verbal escolhida, a unipessoalidade é enfraquecida na medida em que a informação da subjetiva traz sujeito claro e determinado. Assim, por meio deste dado, apresentamos uma construção subjetiva que difere um pouco das demais por apresentar o verbo relacional das orações completivas subjetivas flexionadas no presente do indicativo – *são* –, sendo assim, um dado não canônico.

A construção subjetiva em (2) evidencia uma ocorrência de uso em uma postagem da página do Facebook intitulada Beco do Poeta e foi compartilhada por um usuário do *site* da rede social que está em nossa rede de amigos. A composição dessa imagem, conforme Novelino (2007); Santos (2020), faz com que a informação centralizada seja o foco do participante observador/leitor. Além disso, o fundo escuro da imagem faz com que o conteúdo verbal adquira destaque, fazendo com que o branco das letras contraste com o fundo.

4.2 Grupo 2: Tipo deôntica

(3)



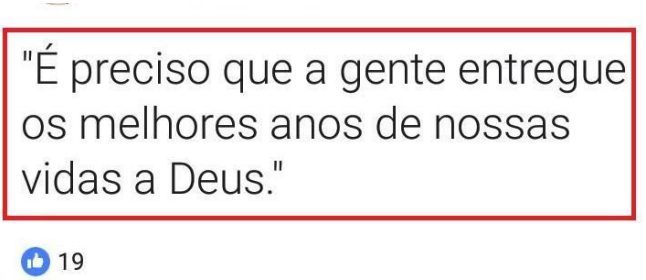
Fonte – Facebook

Com o dado (3), demonstramos uma ocorrência de uso com construções subjetivas na ordem Oração completiva subjetiva + oração matriz. Na primeira ocorrência, vemos a construção *Ter sonhos é necessário* e, na segunda, *Mas entregá-los a Deus é indispensável*. Ambas as ocorrências se constituem de matrizes deônticas que são obtidas pelos predicativos *necessário* e *indispensável*. Podemos observar que o valor de obrigação mais forte fica a cargo do predicativo *indispensável*, já que entregar os sonhos a Deus é imperativo, no entanto essa obrigação é ditada pela consciência (de determinados grupos da sociedade); mas, por outro lado, sonhar ou não, ou seja, ter sonhos ou não tê-los, isso sim é controlável, é elegível, por isso a escolha do predicativo *necessário.* Percebe-se a ideia de que seja importante ter sonhos, contudo eles não são obrigatórios. Caso o participante da ação os tenha, ele precisa entregá-los a Deus. A argumentação passa pelo ideal cristão de que tudo o que acontece passa pela vontade divina, logo a necessidade de entregar os sonhos a ele para que se realizem.

Observamos que a forma verbal das orações matrizes é eleita mediante o propósito comunicativo de esconder o avaliador da situação

expressa nessa construção, o que, conforme já mencionado anteriormente, atribui maior valor de constatação acerca da avaliação contida na mensagem (DIAS; ABRAÇADO; LIMA-HERNANDES, 2017; DIAS; BRAGA, 2017). De igual modo, a forma não finita das orações completivas subjetivas proporciona a não especificação do participante em relação às ações expressas nas orações *ter sonhos* e *entregá-los a Deus*; pois, se não sabemos especificamente a quem é necessário ter sonhos e quem deve entregá-los [os sonhos] a Deus, qualquer participante humano que se identifique com tais ações está apto, portanto, a sonhar e a confiar seus sonhos a Deus.

(4)



Fonte – Facebook

No exemplo (4), apresentamos a construção subjetiva na ordem Oração matriz + oração completiva subjetiva posposta. A oração subjetiva [que a gente entregue os melhores anos de nossas vidas a Deus], do ponto de vista sintático, está encaixada na oração matriz [É preciso] e aparece posposta em relação à matriz. Nesse dado, observamos a ordem não marcada que consiste na posposição da completiva subjetiva e configura o uso canônico das construções subjetivas; e o valor semântico-discursivo de modalidade deôntica é conferida à matriz.

Com esse dado, observamos uma matriz cuja estrutura é com o verbo – *ser* – na forma unipessoal + predicativo *preciso*, que retrata a obrigação interna em relação ao que é declarado na oração completiva subjetiva. Enquanto a forma verbal da matriz confirma a preferência pelo uso da 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, a oração completiva subjetiva se constitui da forma verbal no subjuntivo *entregue* do verbo material *entregar*. Esse fenômeno mostrou-se muito raro em

nossos dados, sendo apenas três (dois da modalidade deôntica e um da modalidade epistêmica, que será analisado no grupo 3, a seguir) de um total de duzentas e quatorze ocorrências.

Nesta construção, nota-se que o falante modaliza deonticamente a informação da subjetiva, e podemos observar o sintagma nominal "a gente" que sinaliza participantes que queiram entregar os melhores anos a Deus, incluindo *também* a participação do falante/escrevente no evento. Como podemos identificar a contribuição do falante/escrevente, percebemos que "a gente" atribui um valor menos geral, mais indeterminado, já que temos expresso o ser [*a gente*] que age em relação ao que é declarado na construção [É preciso que **a gente** entregue os melhores anos de **nossas** vidas a Deus]. Desse modo, é possível perceber uma maior aproximação entre o escrevente e o leitor, que devem agir, entregando os melhores anos de suas vidas a Deus.

4.3 Grupo 3: tipo epistêmica

(5)

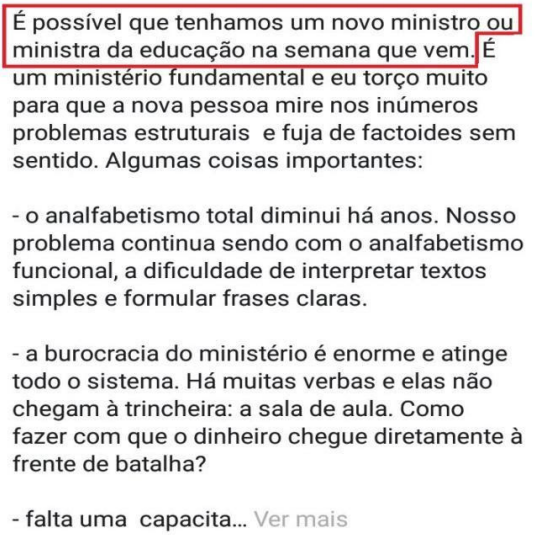
Fonte – Facebook

O dado (5) exemplifica a construção subjetiva na ordem Oração matriz + oração completiva subjetiva posposta A construção subjetiva epistêmica *Estudos apontam que é impossível falar Johny Johny sem ouvir yes Papa como resposta da cria*, cuja oração matriz *é impossível*

predica uma oração na função de sujeito, a oração completiva subjetiva *falar Johny Johny sem ouvir yes Papa como resposta da cria*. Do ponto de vista semântico-discursivo, a oração predicadora expressa a modalidade epistêmica de possibilidade por meio do predicativo *impossível*, ou seja, expressa a opinião do falante/escrevente acerca do que é declarado na construção como possibilidade. Na verdade, essa possibilidade é negada pelo prefixo -in, dando uma leitura deôntica.

Ao observar a forma da oração matriz, percebemos o emprego do verbo *é* formando a estrutura [é + nome (predicativo impossível)]. Vemos uma oração completiva subjetiva que se constitui com o verbo *dicendi falar* empregado no modo indicativo. Como, nesse dado, que compõe um *post*, todas as informações são isentas de marcas de 1ª pessoa, observa-se que a impessoalidade da construção se mantém. Assim, a elaboração da construção não permite determinar quem é o participante que pratica a ação do verbo *falar*, o que o qualifica como impessoal. Além do mais, em *sem ouvir yes Papa como resposta da cria*, também é relativamente complicado especificar quem é o sujeito de *ouvir*, isso é possível graças ao valor geral da oração completiva subjetiva conferido pela forma verbal não finita. Nesse sentido, a aplicabilidade se estende a todos os pais. Nesse dado não há, portanto, um entorno contrastivo, a não ser o agente da forma verbal *aponta*, que é verbalmente declarado – *estudos*. Esse dado encontra-se na página do Facebook denominada Super mamães.

(6)



Fonte – Facebook

Em (6), temos uma ocorrência que exemplifica a construção *É possível que tenhamos um novo ministro ou ministra da educação na semana que vem* na ordem oração matriz + oração completiva subjetiva posposta. A oração matriz *é possível* seleciona a oração completiva subjetiva – *que tenhamos um novo ministro ou ministra da educação na semana que vem.* A modalidade epistêmica é conferida pelo predicativo *possível* que expressa uma possibilidade de que a proposição da completiva subjetiva ocorra.

A análise da oração matriz permite observar que a forma verbal *é* foi preferida, e, do ponto de vista morfossintático, contribui com a impessoalidade da construção. Assim, ainda que o sujeito oracional esteja claro, a escolha da forma verbal *tenhamos* também auxilia na simulação do distanciamento do escrevente acerca da avaliação realizada na construção. A forma verbal de subjuntivo (irrealis) na completiva subjetiva revela-se um fator de análise que difere dos demais dados, pois é a única ocorrência com o modo subjuntivo na modálidade epistêmica. Em nossos dados, inclusive com as construções de modalidade epistêmica, houve predominância da forma não finita nas orações completivas subjetivas. Esse dado apresenta um uso da forma verbal possessivo/relacional *ter (*HALLIDAY, 1985). A forma verbal da oração completiva insere de forma clara o escrevente no evento, já que o verbo é flexionado na primeira pessoa do plural *tenhamos*. Encontramos marcas de primeira pessoa dentro e fora da construção subjetiva, pois, além do verbo da completiva subjetiva, encontramos, no entorno linguístico, o pronome *eu* e a forma verbal *torço,* também responsáveis por tornarem evidente o avaliador que pensa acerca da possibilidade de haver um novo ministro da educação à época da coleta deste dado.

A partir do dado acima, é possível observar o uso da construção subjetiva epistêmica utilizada em uma postagem na página de um usuário do *site* da rede social Facebook que traz uma reflexão sobre a possibilidade de alteração no comando da pasta do Ministério da Educação. A avaliação é feita por meio de um modalizador epistêmico que se situa no campo do conhecimento.

4.4 A produtividade

Nas construções subjetivas, a oração matriz instancia um *chunking*, percebido pelo falante/escrevente como uma sequência que, por estar em terceira pessoa do singular mais a atemporalidade do presente do indicativo, lembra estrutura da impessoalidade, como por exemplo a dos verbos impessoais. Assim, como não temos a expressão de

impessoalidade tal como o inglês – *it*- ou o francês- *il,* então recorremos a uma "ilha" semântica de impessoalidade na forma de construção subjetiva, cercada de camadas semântico-pragmáticas que nos levam a informações pessoais do falante/escrevente. Ou seja, a impessoalidade da terceira pessoa do singular do verbo ser e a atemporalidade do presente do indicativo harmonizam-se com a potencialidade projetada pela forma predominantemente não-finita da oração completiva subjetiva.

Quanto à esquematicidade da construção, os esquemas são geralmente discutidos em termos de lacunas e de seu preenchimento por meio de estruturas simbólicas e podem ser considerados da perspectiva semântica ou de padrões mais holísticos (BYBEE, 2016), sendo que os pesquisadores a consideram, geralmente, como gradiente. Produtividade, para Bybee (2010), é a probabilidade que as posições abertas de uma construção têm de serem ocupadas por novos itens; ela é determinada, em grande medida, pela frequência *type*.

Considerando os resultados obtidos pela frequência token, observamos que as construções subjetivas sofrem variação no *slot* que é preenchido pelo adjetivo ou palavra adjetiva [É + X oração matriz [verbo (não) finito oração completiva subjetiva]].

Na análise das construções subjetivas avaliativas, que são as mais frequentes, podemos considerar que há restrição na entrada de adjetivos, geralmente qualificadores, que expressam, na tomada de atitude do falante/escrevente, o julgamento e a apreciação, sendo o primeiro tipo mais recorrente.

Observemos o Quadro 2.

Quadro 2 – usos predicativos avaliativos

Avaliativas	Sintagmas nominais: nomes e pronomes: tudibão (1); tudo (1); sempre a melhor estratégia (1) privilégio de gramáticos (1); o início da sabedoria (1); minha tarefa mais trabalhosa (1); a coisa mais poética do mundo (1); a única saída (1); outra saída (1); tarefa para quem foi pedido em casamento (1); apenas uma questão de escolha (1); um exercício diário (1); maior das honras (1) uma honra (1); uma escolha sua (1); dever de todos (1); o mar de rosas (1); um inferno (1); o que faz a diferença (1); uma coisa (1); outra coisa (1); mais um problema (1); uma contradição pedagógica (1); uma ética (1); para todo dia (1); um emprego sem folga (1); maior rebeldia contra o sistema (1); de grande importância (1); muito mais difícil do que trabalhar fora (1); pura ousadia (1sintagmas adjetivais: difícil (24); (não) difícil (1); fácil (24); (não) fácil (8); bom (22); melhor (10); confortável (6); gratificante (5); cômodo (3); essencial (3); inútil (2); ruim (2); (não) normal (2); impressionante (2); importante (2); incrível (1); sagrado (1); chato (1), divino (1); opcional (1); legal (1); complicado (1); (não) comum(1); triste (1); desesperador (1); normal (1); incompatível (1); lindo (1).); outros: não tem preço (1); mentira que há crescimento do emprego no país (1);	161

Fonte: Maganha (2021, p. 91).

Na análise dos *slots* preenchidos pelos modalizadores, a variação dos adjetivos é muito menor, restrita a alguns tipos mais representativos da modalidade, o que configura uma baixa produtividade, conforme pode ser observado no Quadro 3.

Quadro 3 - usos predicativos deônticos e epistêmicos

Deôntica	Preciso (23); não é preciso (2); necessário (8); não é necessário (2); indispensável (1); obrigatório (1)	37
Epistêmica	Possível (12); (não é) possível (1); impossível (2); claro (1)	16
Total		214

Fonte: Maganha (2021, p. 106 e 119).

4.5 Análise e descrição da construção subjetiva em texto imagético (memes)

Reservamos essa parte da análise para observar os processos de construção dos memes que despertam a nossa atenção pela estrutura fragmentada, pois o conteúdo verbal é intercalado por textos imagéticos, quebrando a estrutura linear do conteúdo escrito. De acordo com a GDV, a estrutura composicional fica encarregada de estabelecer a relação entre os elementos representacionais e interacionais, pois os elementos, ao comporem a imagem, têm seu valor determinado de acordo com o seu posicionamento na imagem, ou se recebe alguma espécie de destaque, ou ainda dependendo do seu enquadramento.

Nos exemplos abaixo, vemos a mesma construção subjetiva avaliativa - *Chegar em casa, tomar banho e colocar nossa roupa de mendigo é bom, é confortável é vida!* - replicada em dois memes diferentes.

(7)

Fonte - Facebook

(8)

Fonte – Facebook

Na ocorrência (7), a leitura da imagem nos revela que a interação entre os participantes (observador e representado) sugere a interação por meio do olhar do participante representado que simula o contato visual imaginário com o observador (NOVELINO, 2007). No entanto, o posicionamento do elemento representacional (Minion) promove uma relação de menos proximidade, pois é inserido na imagem de forma mais distante. O observador vê a imagem totalmente de fora. Por outro lado, o ponto de vista coloca os participantes em um mesmo nível, já que o ângulo sugere que o participante representado está na altura dos olhos do observador (NOVELINO, 2007).

Em (8), percebemos que o contato visual é igualmente estabelecido, mas, quanto à distância, nota-se maior proximidade, já que o participante é representado de forma mais aproximada, nem é possível visualizar toda a extensão de seu corpo, o ângulo é aproximado. Além disso, apesar de o participante representado estar deitado, não podemos dizer que o participante é visto de cima, pois a disposição na imagem sugere que o observador e o participante estão no mesmo nível.

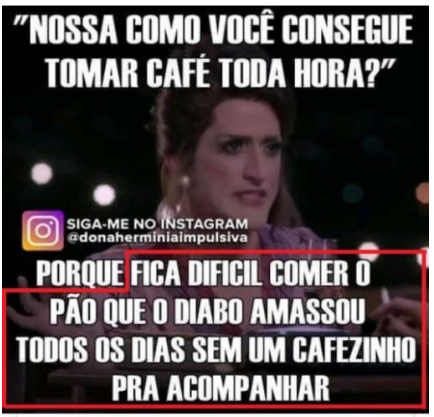
Outro ponto importante é a posição dos elementos. Nos dois casos de uso, o participante representado ocupa o centro da imagem, sendo que, no exemplo (8), a função nuclear desse elemento fica ainda mais evidente. O conteúdo verbal, em ambos, se concretiza através do processo verbal que na representação narrativa configura a fala (processo verbal) (NOVELINO, 2007; SANTOS, 2020)

dos participantes representados em cada imagem. A porção verbal dessa imagem, a construção subjetiva, é bipartida. Sendo assim, as orações *Chegar em casa, tomar banho e colocar nossa roupa de mendigo,* nas duas ocorrências, ocupam a posição superior, o que, de acordo com a GDV, significa que esses elementos são representados como a parte mais ideológica da imagem, já que ocupam a parte superior do texto imagético. Assim, podemos classificá-los como ideológico/tópico/tema. Por outro lado, a parte mais concreta da imagem é representada pelas orações *É bom, é confortável, é vida*, por serem elementos mais práticos e concretos, portanto tomados como verdadeiros. Pensando a partir da análise linguística, temos então o rema/comentário

Quanto à composição da construção subjetiva *Chegar em casa, tomar banho e colocar nossa roupa de mendigo é bom, é confortável, é vida*, podemos perceber a ordem Orações completivas subjetivas + orações matrizes. As orações matrizes *é bom, é confortável, é vida* conferem à construção o valor semântico-discursivo de avaliação do tipo julgamento acerca da proposição das orações completivas subjetivas *Chegar em casa, tomar banho e colocar nossa roupa de mendigo*.

No espaço da oração matriz, temos a forma verbal *é*, que impessoaliza a construção não deixando claro quem é o sujeito que avalia a situação. As completivas subjetivas constituem-se com os verbos materiais *chegar*, *tomar* e *vestir*, que, em suas formas não finitas, contribuem para ampliar a sensação de afastamento do avaliador na construção. O entorno linguístico não apresenta marcas de primeira pessoa, mantendo, assim, o valor mais geral da construção (RAMOS, 2016).

(9)



Fonte – Facebook

O exemplo (9) nos serve como demonstração de construções visuais que mesclam conteúdos verbais e imagéticos. A porção verbal que compõe o meme se encontra dividida em duas partes: uma inserida na parte superior da imagem, a pergunta retórica *Nossa como você consegue tomar café toda hora?*, que funciona como tema/tópico/ parte mais ideológica, e a segunda na parte inferior, representando a parte mais prática e concretas, tidas como verdadeiras, o rema/comentário; na posição central, encontramos o participante representado. O elemento centralizado ganha valor nuclear em relação aos demais, e o elemento representado na parte superior da imagem representa a essência da informação (NOVELINO, 2007; SANTOS, 2020).

Além disso, não há contato visual entre os participantes já que o participante representado escolhido para compor essa imagem olha para o lado e não é representado em posição frontal. Neste dado, é perfeitamente possível observar a representação narrativa, nos memes, construída pelo processo verbal (NOVELINO, 2007; SANTOS, 2020). O conteúdo da primeira porção de texto escrito – *Nossa como você consegue tomar café toda hora?* – e o da segunda parte – *Porque fica difícil comer o pão que o diabo amassou todos os dias sem um cafezinho para acompanhar* – representam a verbalização do conteúdo linguístico nesse meme. A função representacional sugere que temos o processo verbal do participante representado na imagem.

A construção subjetiva avaliativa, que ocupa a posição de "rema", constitui-se de Oração matriz + oração completiva subjetiva. A oração

matriz *Porque fica difícil* ocupa a posição inicial na construção e atribui o valor semântico avaliativo à construção. A avaliação do tipo julgamento expressa pelo escrevente acerca da proposição *comer o pão que o diabo amassou todos os dias sem um cafezinho para acompanhar* é obtida por meio do predicativo "difícil". Podemos destacar ainda que, para compor a oração matriz, o escrevente opta pelo verbo "ficar", cuja forma representa a marca da unipessoalidade (NEVES, 1996). A novidade, no entanto, fica por conta do tipo semântico do verbo, já que o escrevente selecionou o verbo *ficar* em vez de *ser*, tão recorrente em nossos dados.

5 Conclusão

A partir da análise de dados, foi possível perceber que a motivação discursiva pode determinar a ordem da oração subjetiva em relação à matriz. A construção subjetiva é constituída de oração matriz com função predicadora e oração completiva subjetiva. O padrão observado foi: oração matriz (É+ predicativo (avaliativo, deôntico ou epistêmico)) + oração completiva subjetiva não finita. Durante a coleta, foram encontrados ainda, em menor número, dados com o padrão: oração matriz (Tá/está/fica/tem/será + predicativo).

Quanto à ordem das orações, houve uma forte relação entre a oração matriz e a oração completiva subjetiva que proporcionou mais condições para a ocorrência da completiva subjetiva anteposta em relação à matriz. Estamos considerando que essa escolha do escrevente tem motivação semântico-pragmática. Esse recurso permite a criação de nuances de ênfase, topicalizando a informação trazida na posição inicial da construção.

O nosso foco consiste na observação da ordem das orações. Desse modo, observamos que as construções subjetivas avaliativas, além de mais numerosas em nosso corpus, apresentaram maior incidência de anteposição da completiva subjetiva em relação à matriz. Por outro lado, as construções subjetivas deônticas foram o segundo grupo mais numeroso, ainda que em número bem menor que as avaliativas, e até apresentaram casos de anteposição, porém de forma tímida. As epistêmicas foram bem mais raras e não foi possível observar casos de anteposição.

No que diz respeito às construções deônticas, os valores se dão no campo da permissão/obrigação ou necessidade. Além disso, o predicativo *preciso* é mais recorrente, em nossos dados, por seu caráter mais flexível,

já que expressa diferentes graus deônticos. Dito de outra forma, a obrigação pode ser moral interna, ditada pela consciência ou material, ditada por fatores externos que são impostos ao agente humano. A necessidade é uma ordenação mais atenuada. Uma ação ser necessária é diferente de ser obrigatória. As construções que menos apresentaram variação nos slots foram as epistêmicas. O predicativo preferido foi *possível,* utilizado para expressar possibilidade de que algo aconteça. Já os predicativos *Impossível* - também no campo da possibilidade, porém que é negada - e *claro* - que expressa mais certeza - raramente foram utilizados.

A forma verbal da oração matriz (3ª pessoa do presente do indicativo) é um dos recursos utilizados pelo escrevente para simular o próprio distanciamento do que é dito. A forma não finita que constitui a oração completiva aumenta o valor geral da construção. Entretanto, o escrevente pode se revelar no entorno linguístico por meio de marcas de primeira pessoa, ainda que a construção apresente valor mais geral (matriz impessoal e completiva subjetiva não finita). Esse fenômeno promove o "efeito ilha" (DIAS; BRAGA,2017).

As construções subjetivas apresentam uma oração matriz que forma uma sequência de verbo + adjetivo, justificando um *chunking*, nos termos de Bybee (2016). Nesta sequência, encontramos variação no *slot*, que é preenchido por adjetivos modalizadores e avaliativos. Os mais produtivos são os últimos, por apresentarem uma variedade de adjetivos que expressam julgamento e apreciação. Já os modalizadores são mais conservadores na sua variação, constituindo uma produtividade bem baixa, já que a posição aberta não permite muita inovação.

A análise dos dados evidenciou que o texto imagético precisa ser analisado considerando as partes verbais e visuais que compõem o texto como um todo. Além disso, compreender a estrutura visual é crucial para se obter o real sentido dos textos. Isto é, o valor mais abstrato da informação contida na parte de cima e o mais concreto localizado na inferior; o destaque recebido pelo elemento que é posicionado mais ao centro quando comparado ao que ocupa a posição marginal; o contraste que se obtém com o emprego de cores e fontes diferentes no conteúdo verbal; e, por fim, o valor que os participantes representados atribuem ao texto, pois há diferentes graus de interação entre os participantes interativos (produtor/escrevente e observador/leitor).

Assim, como advertem Novelino (2007) e Santos (2020), não se deve buscar estabelecer uma relação entre o conteúdo visual e o linguístico. Portanto, as construções subjetivas presentes nos memes representam a forma de interação entre os participantes representados

e o leitor/observador. Ou seja, é o processo verbal do diálogo que se estabelece entre as partes. A informação trazida na parte superior representa o conteúdo mais ideológico/tópico e o concreto/comentário ocorre na parte inferior.

Declaração de autoria

O artigo é resultado da confluência de pesquisas realizadas por Nilza B. Dias sobre as construções subjetivas nas modalidades escrita e falada - abarcando análises sincrônica inicialmente e, posteriormente, diacrônica - e de investigação desenvolvida, na dissertação, por Angelina Maganha, que aplicou aos memes os resultados obtidos pela primeira autora.

Referências

ACHARD, M. Representation of Cognitive Structures. Syntax and Semantics of French Sentential Complements. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 269-318.

BOYLAND, J. T. Usage-based Models of Language. In: EDDINGTON, D. (ed.). *Experimental and quantitative Linguistics*. Munich: l Lincom, 2009. p 351-419.

BRAGA, M. L. Processos de combinação de orações: enfoques funcionalistas e gramaticalização. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 5, n. 9, p. 23-34, 2001.

BYBEE, J. *Língua, uso e cognição*. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha; revisão técnica Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016.

CASIMIRO, S. *Um estudo das modalidades deôntica e volitiva nos discursos do presidente Lula*. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2007.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.

COWAN, N. *Working Memory Capacity*. New York: Psychology Press. 2005.

DIAS, N. B. A marca da (inter)subjetividade na sentença complexa subjetiva. *Revista Confluência*. Liceu Literário Português, Rio de Janeiro, v 44-45, p. 83-106, 2013a. DOI: 10.18364/rc.vli59

DIAS, N. B. A subjetividade nas construções completivas impessoais do português brasileiro. *Revista Portuguesa de Humanidades | Estudos Linguísticos*, Braga, v. 17, n. 1, p. 9-24, 2013b.

DIAS, N. B. As construções subjetivas na modalidade falada mineira, carioca e fluminense. *In*: OLIVEIRA, M.; ROSÁRIO, I. (orgs.). *Linguística Centrada no Uso* - Teorias e Métodos. Rio de Janeiro: Lamparina/ FAPERJ, 2015. p. 129-141

DIAS, N. B.; ABRAÇADO, J.; LIMA-HERNANDES, M. C. Construções subjetivas. *In*: BAGNO, M; CASSEB-GALVÃO, V; REZENDE, T. (orgs.). *Dinâmicas funcionais da mudança Linguística*. São Paulo: Editora Parábola, 2017. p.163-190

DIAS, N. B.; BRAGA, M. L. As construções subjetivas avaliativas. *In*: OLIVEIRA, M. ; CEZÁRIO, M. (orgs.). *Funcionalismo Linguístico* – vertentes e diálogos. Niterói: UFF2017. p. 205-225.

DIESSEL, H. *The grammar network*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIESSEL, H.; HILPERT, M. Frequency effects in grammar. *In*: ARONOFF, M. (ed.). Linguistics: Oxford Research Encyclopedias. Oxford: Oxford University Press, 2016. DOI: 10.1093/acrefore/9780199384655.013.120. Acesso: jul. 2019. Disponível em: http://linguistics.oxfordre.com/page/featured/new-and-featured.

DIESSEL, H. Frequency effects in language acquisition, language use, and diachronic change. *New Ideas in Psychology*, Amsterdam, v. 25, p. 108-127, 2007. DOI: 10.1016/j.newideapsych.2007.02.002

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. *In*: MARTELOTA, M. E. (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 157-176.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work.* The nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press. 2006

GONÇALVES, S. C. L.; SOUZA, G. C. de; CASSEB-GALVÃO, V. C. As construções subordinadas substantivas. *In*: ILARI, R.; NEVES, M. H. M. (orgs.). *Gramática do português falado culto no Brasil:* classe de palavras e processos de construção. Campinas: Editora UNICAMP, 2008. p. 1021–1084.

HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. *Clause combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold Publishers Ltd., 1985.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

JONIDES, J. *et al*. The mind and brain of short-term memory. *The Annual Review of Psychology*, v. 59, p. 193–224, 2008.

KEMMER, S.; BARLOW, M. *Introdução:* Uma concepção de linguagem baseada no uso. Stanford: CSLI Publications, 1999.

KRESS, G. *Reading Images*: The Grammar of Visual Design. London: Routledge, 2006.

LANGACKER, R. On the Subject of Impersonals. *In*: BRDAR, M.; GRIES, S. T.; FUCHS, M. Z. (eds.). *Cognitive Linguistics:* convergence and expansion. San Diego: California: John Benjamim, 2011. p. 179–218. https://doi.org/10.1075/hcp.32.12lan

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. *Theoretical prerequisites.* Stanford: Stanford University Press. 1987.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar.* A basic introduction. Oxford: Oxford University Press. 2008.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.). *Clause combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p. 181-225.

LOGAN, G. D. Towards an instance theory of automatization. *Psychological Review*, Washington, v. 95, p. 492-527, 1988. DOI: https://doi.org/10.1037/0033-295X.95.4.492

MAGANHA, A. A ordem das orações nas construções subjetivas com verbo +nome. 2021. 144 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2021.

MARCUSCHI, L. A. *Produção Textual, Análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

MARTIN, J. R.; WITHE, P. R. R. *The language of evaluation*. Appraisal in English. London: Palgrave Macmillan, 2007.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and 'subordination'. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988. p. 275-330.

NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa*, São Paulo, v. 38, p.109-127, 1994.

NEVES, M. H. M. *Modalidade*. *In*: KOCH, I. (org.). *Gramática do português falado*, v. VI. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 163-200.

NEVES, M. H. M. A modalização na linguagem. In: NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 158-166.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NOVELLINO, M. O. Fotografias em livro didático de inglês como língua estrangeira: Análise de suas funções e significados. 2007. 203 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, F.; MENDES, A. Modalidade. *In*: RAPOSO, E. B. P. *et al.* (orgs..). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 623-668.

RAMOS, J. A. *Construção "subjetiva" com é + adjetivo assertivo*. 2016. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2016.

RECUERO, R. C. Memes em weblogs: proposta de uma taxonomia. Conexões nas Redes Midiáticas. *Revista FAMECOS,* Porto Alegre, n. 32, p. 23-31, 2007. DOI: https://doi.org/10.15448/1980-3729.2007.32.3411

RECUERO, R. C. Discurso mediado por computador nas redes sociais. *In*: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (orgs.). *Redes sociais e ensino de línguas:* o que temos de aprender? São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SANTOS, W. Q. *A gramática das construções mêmicas de internet no português do Brasil*: uma interface da gramática sistêmico-funcional e da gramática do design visual. 2020. 185 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de São Carlos, 2020.

WIEDEMER, D. A. *A modalidade deontica em construcoes completivas subjetivas com ser + nome*. 2019. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense,2019.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 906-931, 2022

Processamento, representação e variação do plural das palavras terminadas em ditongo oral decrescente do PB

Processing, Representation and Variation of the Plural of the Words Ending in an Oral Falling Diphthong in BP

Thiago Lucius Alvarez Amaral
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
thiagolucius@letras.ufrj.br
https://orcid.org/0000-0001-8620-5215

Christina Abreu Gomes
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
christina-gomes@uol.com.br
https://orcid.org/0000-0003-0358-2029

Resumo: Esse artigo aborda a alternância entre formas de plural de nomes cujo singular termina no ditongo oral decrescente terminado em *-u*, como em *pneus ~ pneis*, *espanhóis ~ espanhous*. O objetivo é contribuir para o entendimento dessa alternância no PB e também abordar questões relacionadas à competição de aspectos sociais e cognitivos na variação, processamento e representação de palavras complexas no léxico. Os dados foram obtidos através de um teste de produção elicitada com pseudopalavras e de coleta aleatória de produção espontânea (LABOV, 1972; SANKOFF, 2004). A análise foi conduzida com base nos pressupostos dos Modelos de Exemplares (BYBEE, 2010), segundo os quais as representações das formas das palavras no léxico são tanto detalhadas quanto abstratas (Pierrehumbert, 2012) e estão organizadas em redes baseadas em semelhança sonora e semântica. Ainda, padrões morfológicos emergem das representações no léxico, que são afetadas pela frequência de uso dos itens lexicais e pela frequência de tipo dos padrões emergentes. Os resultados do experimento mostraram que o efeito de restrições linguísticas, como o tamanho dos estímulos, de acordo com o número de sílabas, e o do núcleo do ditongo, está relacionado ao padrão de plural inferido pelo participante, que está altamente correlacionado ao seu nível de escolaridade. A comparação com resultado de outros estudos reforça o efeito da experiência sociolinguística do falante juntamente com a atuação de mecanismos cognitivos inatos. Os dados de produção espontânea confirmam a competição dos dois padrões de plural sobre as representações das palavras no léxico conforme observado nos dados experimentais.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.906-931

Palavras-chave: processamento; representação; variação; plural de nomes; Modelos de Exemplares.

Abstract: This article addresses the alternation between plural forms of names whose singular ends in a falling oral diphthong finishing with *-u*, as in *pneus ~ pneis* (tires), *espanhóis ~ espanhous* (Spanish). The aim is to contribute to the understanding of this alternation in Brazilian Portuguese and to address the issues related to the variation, processing and representation of complex words in the lexicon as well. Data were obtained through an elicited production test with pseudowords and random collection of spontaneous production (Labov, 1972; Sankoff, 2004). The analysis was conducted based on the assumptions of exemplar-Models (BYBEE, 2010), according to which representations of wordforms in the lexicon are both detailed and abstract (Pierrehumbert, 2012) and are organized in networks based on sound and semantic similarity. Furthermore, morphological patterns emerge from the representations in the lexicon, which are affected by words' token frequency and by the type frequency of the emerging patterns. The experimental results showed that the effect of linguistic constraints such as the size of the stimuli, according to the number of syllables, and that of the nucleus of the diphthong, is related to the type inferred by the participant, which is highly correlated to its level of schooling. The comparison with results from other studies reinforces the effect of the speaker's sociolinguistic experience together with the actuation of innate cognitive mechanisms. The spontaneous speech data confirms the competition of the two plural patterns over the word's representations in the lexicon as observed in the experimental data.

Keywords: processing; representation; variation; noun plural; exemplar-Models.

Recebido em 27 de agosto de 2021

Aceito em 10 de novembro de 2021

1 Introdução

Esse artigo aborda a alternância entre formas de plural de nomes terminados, no singular, em ditongo oral decrescente terminado em *-u*, doravante Vw, como em *pneus ~ pneis*, *espanhóis ~ espanhous*, com base nas hipóteses dos Modelos de Exemplares, também referidos como Modelos baseados no Uso, com base nos resultados obtidos no estudo de Amaral (2021)[1]. O objetivo é avançar o entendimento sobre essa

[1] Essa pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do NESC/UFRJ, parecer no. 3.099.714.

alternância no português brasileiro (PB), com base no comportamento dos falantes, observado em situação de teste e em produções espontâneas, e contribuir para a discussão em torno da variação, processamento e representação de palavras complexas no léxico. A alternância de formas de plural é abordada também, na perspectiva da Sociolinguística, como um caso de variação linguística, por se enquadrar nas condições de equivalência semântica e de possibilidade de ocorrência no mesmo contexto linguístico e discursivo. Além disso, há evidências de que alternâncias dessa natureza levam a processos de mudança, de maneira que os itens lexicais afetados mudam de paradigma ou padrão morfológico (BYBEE, 2015). Portanto, se houve ou há mudança em progresso, houve ou há um período de variação. Por outro lado, a variação pode persistir sem que haja mudança. A conjugação de pressupostos teóricos dos Modelos de Exemplares e da Sociolinguística Variacionista permite um tratamento mais amplo da questão, uma vez que estudos sobre essa alternância no PB têm mostrado a importância tanto de aspectos linguísticos quanto de cognitivos e sociais para a compreensão do comportamento do falante.

Diversos estudos têm tratado da alternância da expressão morfológica de número nos nomes e de tempo nos verbos (regular x irregular), abordando questões relacionadas à representação e ao processamento de palavras complexas no léxico, aos mecanismos cognitivos subjacentes à alternância, à atuação de aspectos linguísticos formais, à mudança analógica, e também questões relacionadas à atuação do papel da escolaridade na variação de formas de plural, observando o desempenho de adultos e de crianças no período aquisitivo (inglês: BERKO, 1958; BYBEE, 1995; MARCUS, 1995; 1996; PRASADA; PINKER, 1993; francês: BECKER; CLEMENS; NEVINS, 2017; alemão: CLAHSEN; ROTHWEILER; WOEST, 1992; português brasileiro: BECKER; CLEMENS; NEVINS, 2017; BECKER; NEVINS; SANDALO; RIZZATO, 2018; GOMES: PRADO: AMARAL, 2021; GOMES; GONÇALVES, 2010; HUBACK, 2007; OLIVEIRA; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2020; SEVERINO, 2013; hauçá: HASPELMATH, 1989).

Com relação aos aspectos cognitivos, de acordo com os Modelos de Exemplares, a variabilidade observada na produção dos falantes é resultante da competição entre padrões morfológicos emergentes da organização do léxico em redes, uma vez que padrões de maior frequência de tipo tendem a ser atribuídos a novas palavras ou palavras de baixa frequência de ocorrência, ao passo que palavras com alta frequência de ocorrência tendem a manter o plural esperado (ou etimológico) ou são as últimas a serem atingidas em um processo de mudança

analógica (BYBEE, 1995; 2010, 2015). Especificamente, com relação a condicionamentos de ordem linguística, alguns estudos mostraram a importância do tamanho do item lexical, medido em função do número de sílabas (HUBACK, 2007; BECKER *et al*., 2018; GOMES; PRADO; AMARAL, no prelo), além do efeito da vogal núcleo do ditongo (BECKER *et al*., 2018; GOMES; PRADO; AMARAL, no prelo). Quanto aos aspectos sociais, em Huback (2007), Gomes, Prado e Amaral (no prelo), há evidência de efeito da escolaridade do falante na inferência do padrão mais frequente no léxico. Ao observar o comportamento de participantes com diferentes escolaridades, a pesquisa buscou identificar se a inferência de padrões no léxico é a mesma para todos os falantes. Essa questão foi levantada por Gomes e Gonçalves (2010, p. 131), dado o fato de que, no português brasileiro, a experiência sociolinguística do falante envolve a variação de formas de plural no sintagma nominal (SN) no plural, de maneira que há falantes que apresentam alta probabilidade de não marcar todos os elementos do SN (SCHERRE, 1998). Dessa maneira, é possível que a baixa experiência com determinadas formas de plural leve a representações menos robustas ou que até sejam inexistentes no léxico do falante, e por isso, mesmo com base nos mesmos mecanismos cognitivos inatos, no caso, a analogia, o resultado da inferência de padrões no léxico seja diferente em função do perfil social dos falantes. O objetivo do estudo de Amaral (2021) foi, portanto, avançar essa questão, ampliando a observação do comportamento de falantes com perfis sociais diferentes dos participantes do estudo de Gomes, Prado e Amaral (no prelo), além de trazer para a reflexão um conjunto de dados de produção espontânea coletados de forma assistemática, conforme será mencionado na seção sobre a metodologia.

Os dados foram obtidos através de produção elicitada em um experimento com pseudopalavras como estímulo. Os participantes foram recrutados de um curso comunitário preparatório para o ENEM, com alunos com ensino médio concluído, e adolescentes moradores de favelas do Rio de Janeiro, que cumpriam medida socioeducativa em instituição pública para menores infratores. Conforme mencionado no parágrafo anterior, dados coletados através de coleta assistemática, isto é, à medida que foram percebidos na produção real de falantes em diferentes contextos, também foram analisados.

Esse artigo se organiza da seguinte maneira: a seção a seguir trata dos pressupostos teóricos que embasaram a análise, assim como apresenta os resultados obtidos sobre o PB com relação ao plural das palavras terminadas, no singular, em ditongo oral decrescente; em seguida, a seção sobre a metodologia apresenta o experimento utilizado para a obtenção

de formas de plural, o perfil dos participantes; e, finalmente, uma seção com uma análise dos dados obtidos, seguida das considerações finais.

2 Processamento e representação de itens lexicais terminados em Vw no PB: teoria e descrição

Para os Modelos de Exemplares, todos os itens lexicais estão representados no léxico, o que inclui formas básicas, como *mar*, *só*, e palavras complexas, como *livraria*, *felizmente*, como também formas flexionadas regulares (*livros*) e irregulares (*balões*). O léxico é entendido como estocagem da experiência do falante com a língua, de maneira que a representação dos itens lexicais é altamente afetada pela experiência com a língua. A robustez das representações está relacionada à frequência de uso do item lexical. Palavras com alta frequência de ocorrência terão representação mais robusta, e, por isso, serão mais facilmente acessadas e tenderão a ser as primeiras afetadas em mudanças sonoras motivadas foneticamente e que envolvem enfraquecimento. Por outro lado, serão as últimas a serem atingidas em caso de mudança analógica. O léxico é organizado em redes de conexão lexical baseadas em semelhança sonora, semântica, e sonora e semântica concomitantemente. Padrões morfológicos emergem do armazenamento em redes. A experiência do falante com a língua tem impacto nas representações. Da organização em redes, emergem padrões no léxico, e, especificamente das redes que envolvem semelhança sonora e semântica simultânea, emergem padrões morfológicos (BYBEE, 1988, 1995, 1998, 2010). Assim, a produtividade de um padrão morfológico está relacionada com sua frequência de tipo, correspondente à quantidade de itens lexicais que compartilham aquele determinado padrão estrutural. Há evidências de que o padrão com alta frequência de tipo tende a ser o mais produtivo (BYBEE, 1995). Há também evidências de que a relação entre a frequência de ocorrência da base e da palavra derivada têm efeito no processamento e na representação das palavras no léxico. Palavras derivadas cuja frequência é menor que a da respectiva base tendem a ser acessadas e processadas através da rota decomposicional e fazem parte de esquemas com itens lexicais que compartilham mesmos padrões de semelhança sonora e semântica simultânea, que correspondem a morfemas gramaticais ou derivacionais. Por outro lado, itens lexicais complexos que são mais frequentes que suas respectivas bases tendem a ser acessado*s* através da rota da palavra como um todo e são representados isoladamente, contribuindo pouco para um esquema ou rede (BARBOSA, 2017; HAY, 2000).

Portanto, na abordagem dos Modelos de Exemplares, o léxico é dinâmico e organizado em redes de conexões lexicais baseadas em relações de semelhança. Essa hipótese exclui a postulação de regras de formação lexical, já que as relações morfológicas entre as palavras, padrões morfológicos e paradigmas emergem da associação das palavras representadas e organizadas em redes. Essa proposta difere da do Modelo Dual, segundo a qual as palavras complexas irregulares também estão representadas no léxico, mas as regulares são formadas por regras simbólicas, aplicadas às bases para formar palavras complexas na forma de superfície (CLAHSEN; ROTHWEILER; WOEST, 1992; MARCUS *et al*., 1992; PRASADA; PINKER, 1993). Dessa forma, de acordo com o Modelo Dual, palavras complexas regulares e irregulares diferem quanto à representação e processamento, ao passo que, para o Modelo de Redes de Bybee (1985, 1988), adotado pelos Modelos de Exemplares, conforme exposto anteriormente, não há essa diferença. Ainda, o Modelo de Exemplares difere da proposta da Morfologia Distribuída segundo a qual nenhum item lexical está representado no léxico. As formas de superfície das palavras são formadas através de operações sintáticas que atuam em traços abstratos (HALLE; MARANTZ, 1993; 1994). O Modelo de Redes também difere do modelo da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2005; 2010), que se insere no modelo da Linguística Cognitiva (GOLDBERG, 1995), segundo o qual padrões morfológicos e sintáticos são representados por construções, de maneira que esquemas morfológicos podem constituir ou serem interpretados como padrões sintáticos gramaticais ou expressões idiomáticas no nível da palavra. O léxico não é entendido como uma lista de palavras e expressões convencionadas ou expressões idiomáticas, mas sim composto de idiomas construcionais parcialmente especificados, que por sua vez são emergentes de diferentes instâncias ou itens lexicais em que ocorrem.

Ainda, de acordo com Bybee (1998, 2010), o léxico é composto tanto por itens lexicais quanto unidades maiores que a palavra, como expressões cristalizadas ou sequências de unidades que ocorrem juntas frequentemente (*chunks*), formando unidades mais complexas, expressões idiomáticas e unidades gramaticais que, de acordo com Croft (1995, p. 872) ocorrem em uma unidade entonacional. Dessas representações emergem as construções, abstrações que abrangem muitos sintagmas específicos, cujas partes componentes contêm diferentes graus de generalidade, como por exemplo, uma construção bitransitiva, composta por um verbo e dois objetos, do tipo V OBJ1 OBJ2, que pode ser observada, nos dados do PB a seguir, em diferentes ocorrências: a) Pede *um comprovante ao presidente do morro*, [...] pede *um comprovante*

ele; b) [...] vendi *ela dois votos;* c) aí dei *a ele o jogo* (Amostra Censo 1980). Para Hay e Baayen (2005), é plausível a hipótese de que unidades menores que a palavra, morfemas, estejam representadas no léxico, porém, sua manutenção como representações independentes depende do contínuo suporte probabilístico que vão receber do processo de analogia paradigmática. Em outras palavras, formas emergentes da organização em redes e que apresentam alta frequência de tipo podem, nessa hipótese, alcançar independência representacional, mas a sua manutenção vai depender da probabilidade em que são processadas como partes componentes das palavras representadas no léxico e de sua produtividade, a probabilidade de serem atribuídas a outros itens lexicais.

As representações das palavras no léxico são ao mesmo tempo detalhadas e abstratas. As representações detalhadas correspondem à experiência sensorial do falante em ouvir e produzir itens lexicais em diferentes contextos comunicativos, contêm, portanto, o detalhe fonético presente na fala. Dessas representações, emergem as abstrações, como os moldes lexicais, sílabas e segmentos (BYBEE, 2001, 2010; VIHMAN; CROFT, 2007). A alternância ou variação de formas de plural de palavras, no singular, terminadas no ditongo oral decrescente [V̯], conforme exemplificado no início deste artigo, envolve também a questão sobre a representação de itens lexicais como *papel* e *lençol*. Huback (2007, 2012), Gomes e Gonçalves (2010) e Gomes, Prado e Amaral (no prelo) assumem que a representação de itens lexicais como os exemplos anteriores contêm dois segmentos vocálicos na última sílaba, em variedades cuja produção é categórica com a semivogal. Essa hipótese encontra sustentação nos pressupostos teóricos dos Modelos de Exemplares, já que as representações das palavras correspondem a generalizações sobre a fala, com base na experiência de ouvir e produzir os itens lexicais (PIERREHUMBERT, 2003). Além disso, o fato de ser observada, na produção espontânea dos falantes, a alternância entre a produção da forma de plural com *–s* e com *–is*, tanto para itens com plural esperado regular, como *véu*, quanto para os itens com plural esperado irregular, como *anel*, é evidência de que os morfemas competem para itens que apresentam a base no singular com a mesma configuração ou estrutura sonora. Mesmo assumindo uma representação com a semivogal posterior, na forma do singular, para itens lexicais formados pelas mesmas bases, porém, que mantêm a lateral, como *papelaria*, *papelada*, *papelório*, *papelão*, as correspondências morfofonológicas entre estas palavras, e também com *pape*[w], emergem do armazenamento em redes, conforme nos Modelos de Exemplares.

Levantamento realizado na Base Aspa/UFMG (cf. GOMES; GONÇALVES, 2010; OLIVEIRA; CRISTÓFARO-SILVA; GOMES, 2020) revelou que o plural esperado *–is* é o tipo mais frequente para os itens lexicais terminados, no singular, em Vw, conforme reproduzido no Quadro 1. Conforme já mencionado anteriormente, a frequência de tipo de um padrão estrutural é determinada pela quantidade de itens lexicais que compartilham esse padrão.

Quadro 1 - Frequência de tipo do plural de itens terminados em (vogal + w)

	Palavras	Tokens
Singular grafado em *l*	1551	4.129.773
Plural em *–is*	877	1.021.142
Singular grafado em *u*	146	141.957
Plural em *–s*	33	33.935

Fonte: Oliveira, Cristófaro-Silva e Gomes (2020, p. 631).

De acordo com o disposto no Quadro 1, observa-se que o tipo mais frequente de plural é o realizado como *–is*, ao passo que há um grupo reduzido de itens com o plural esperado *–s*. Esses últimos, porém, se enquadram no padrão mais geral do léxico de plural regular. Resultados de produção elicitada de experimento com palavras do PB, de Huback (2007) e Gomes e Gonçalves (2010), mostraram que os participantes tenderam a preservar a forma de plural de itens lexicais com plural esperado em *–is*, que tendeu a ser atribuído a itens de baixa frequência com plural esperado regular.

3 Metodologia

Os dados foram obtidos com a aplicação de experimento de produção controlada a partir de pseudopalavras. O experimento de pseudopalavras (ANEXOS – quadro 2) é composto por 66 estímulos-alvo, elaborados de acordo com duas condições: vogal núcleo do ditongo ([a], [e], [ɛ], [ɔ], [i]) e o tamanho do item (1 e 2 sílabas), e foram divididos em duas listas. Dessa maneira, cada participante ouviu 33 estímulos e 9 distratoras. Há dois grupos de estímulos com a vogal [e], um com a sílaba final tônica e outro com a sílaba final átona, para haver correspondência com padrões encontrados no léxico para itens como, respectivamente, *museus* e *agradáveis*. Optou-se por estímulos formados por pseudopalavras para evitar a interferência direta do conhecimento de itens lexicais específicos e, assim, acessar mais diretamente o tipo

inferido no léxico e atribuído a formas novas, possíveis na língua, mas inexistentes, uma vez que as pseudopalavras apresentam padrão silábico e acentual de acordo com os encontrados em palavras do PB. O tamanho das pseudopalavras foi controlado devido ao fato de ter sido observada relação entre tamanho dos itens lexicais (monossilábico x duas ou mais sílabas) em Huback (2007), em palavras do PB, e em Becker *et al.* (2018), em estudo sobre aceitabilidade de pseudopalavras ou logatomas, de maneira que monossílabos apresentam maior tendência a manter o plural esperado, havendo baixa probabilidade de formas esperadas com *s* serem produzidas com *–is*. Em Becker *et al.* (2018), também foi observado o efeito da vogal núcleo do ditongo. De acordo com os autores, vogais médias altas [e] e [o] tendem a rejeitar o plural em *–is* devido à proximidade articulatória com a vogal do morfema de plural. No experimento de Amaral (2021), não foram construídos estímulos com a vogal [o], diferentemente do experimento de Becker *et al.* (2018), já que as poucas palavras no léxico do PB com esta vogal são importadas (*gol*, *show*, *datashow*).

Os estímulos foram gravados por uma mulher, com idade em torno de 25 anos, e a tarefa do experimento constituiu em solicitar ao participante que produzisse uma forma de plural a partir de um estímulo oral. A fase-teste foi precedida de uma fase-treino para familiarização com a tarefa e o próprio experimento. Nesta etapa, os participantes foram solicitados a realizar a mesma tarefa da fase-teste a partir da apresentação de 5 pseudopalavras com terminação diferente dos estímulos alvo, por exemplo [ziˈgefə] e [mofaˈtɐ̃ʊ̯]. Os estímulos foram apresentados aleatoriamente utilizando-se o software *PsychoPy*. As respostas aos estímulos foram captadas por um gravador digital Panasonic e os arquivos salvos no programa *PsychoPy*.

O experimento foi aplicado em 20 adolescentes do sexo masculino, excluídos socialmente, que cumpriam medida socioeducativa de internação em uma unidade do estado do Rio de Janeiro, na Ilha do Governador. Os participantes desse grupo têm em comum a ausência de direitos garantidos pelo Estado. São rapazes que frequentaram a escola de forma irregular, alguns tendo chegado, no máximo, até o 6º ano do Ensino Fundamental, moradores de favelas da cidade do Rio de Janeiro e, em grande parte dos casos, não conheceram o pai e/ou mãe. Esses jovens, no momento da apreensão, não estavam inseridos no mercado formal de trabalho e, em sua maioria, são integrantes de facções criminosas associadas ao tráfico de drogas (MELO, 2012).

O experimento também foi aplicado a um grupo de 13 alunos de um curso pré-vestibular comunitário, em uma escola particular do Rio de

Janeiro, para alunos com Ensino Médio completo. Todos os indivíduos deste grupo são moradores de favelas da capital fluminense, como Maré, Manguinhos, Rocinha, entre outros, e o perfil socioeconômico deles é de baixa renda. O grupo tem idade entre 18 e 21 anos e concluíram os estudos em colégios estaduais do município do Rio de Janeiro. Embora tanto o grupo de rapazes internos do Degase quanto os participantes com Ensino Médio sejam moradores de favelas, os dois grupos se diferenciam não só pela escolaridade, mas também em relação a diferentes graus de exclusão social. Os adolescentes cumprindo medida socioeducativa, além de nem ao menos terem terminado o ensino fundamental, estão alijados de qualquer participação nas estruturas de organização social, como ensino, possibilidade de emprego formal, por exemplo.

No desenvolver deste trabalho, também foi realizada uma coleta assistemática de dados de produção espontânea do fenômeno aqui abordado. Uma vez que certas variantes não são facilmente capturadas em entrevistas sociolinguísticas, conduzidas para obter a fala espontânea, outros trabalhos sociolinguísticos sobre o PB (KATO; DUARTE, 2014, 2017; MOLLICA, 1995) já utilizaram esse tipo de coleta. Essa metodologia foi proposta por Labov (1972), com o objetivo de coletar variantes raras, de baixa frequência de ocorrência, de forma aleatória, isto é, à medida que são percebidas em produções espontâneas de falantes em locais públicos, como transportes públicos, sala de aula, conferências, ou até mesmo em programas de TV, como entrevistas, etc. Os dados coletados de alternância de formas de plural desta pesquisa também foram encontrados em postagens no Youtube. Embora possa haver limitações nessa metodologia de obtenção de dados linguísticos, como ausência de informação sobre características sociais dos falantes e o tempo longo de coleta, as observações assistemáticas são importantes, pois possibilitam o registro de ocorrências reais, corrigindo as limitações da entrevista sociolinguística na obtenção de dados valiosos que permitem ampliar o conhecimento sobre a dinâmica da variação linguística.

Para a análise dos dados coletados, parte-se da hipótese dos Modelos de Exemplares segundo a qual os falantes fazem inferências de padrões mais frequentes com base no conjunto de representações lexicais, visto que informações morfológicas emergem das relações estabelecidas entre os itens pertencentes ao mesmo esquema ou rede, isto é, que compartilham semelhanças sonoras e semânticas simultaneamente. Entretanto, a inferência resultante poderá não ser a mesma para todos os falantes, visto que, se um falante tem pouca experiência com determinadas formas de plural, já que a marcação de plural no sintagma nominal é variável no PB, as representações destes itens lexicais podem

ser menos robustas ou mesmo inexistentes e, assim, a base lexical para inferência seria diferente em relação a falantes que tendem a produzir mais formas de plural. Essa questão foi levantada por Gomes e Gonçalves (2010), que justificam a hipótese de o resultado da inferência do padrão mais frequente ser diferente entre os falantes porque o conjunto de representações de itens lexicais com determinado tipo de plural pode ser em uma proporção diferente entre os falantes com perfil social mais baixo (menor escolaridade, classe social baixa) e falantes com perfil social mais alto (mais escolaridade, classe média).

Dada a impossibilidade de medir o conhecimento lexical dos participantes relativo a formas de plural de palavras terminadas no ditongo decrescente Vw, no singular, também foi elaborado um experimento com palavras do PB (ANEXOS – quadro 3) com o objetivo de servir como parâmetro para analisar o comportamento dos falantes no experimento de pseudopalavras. A partir de um levantamento feito na Base ASPA/UFMG, foram selecionados itens lexicais de baixa frequência de ocorrência, contendo as mesmas vogais núcleo do teste de pseudopalavras e com os dois tipos de plural esperado, regular e irregular. Como os resultados não seriam analisados quanto ao efeito das variáveis linguísticas na análise dos dados experimentais, não foi necessário manter um equilíbrio de distribuição das palavras por vogal núcleo, plural esperado e tamanho em número de sílabas. O teste foi composto por 52 palavras, sendo 35 itens terminados em ditongos orais decrescentes de tamanhos diferentes e de baixa frequência de ocorrência, e 11 palavras distratoras. Todos os participantes ouviram a mesma lista de itens do PB. Esse procedimento visou evitar descartar respostas que tenderam fortemente a um ou outro tipo, que poderiam ser interpretadas como não entendimento da tarefa pelo participante ou perda de interesse pela tarefa. Os resultados obtidos em Amaral (2021) mostram correspondência entre as tendências de respostas nos dois testes para os participantes.

Finalmente, o tratamento da alternância entre *–is* e *–s* como variação linguística se justifica pelo fato de o mecanismo de analogia poder levar à mudança, conforme tem sido observado para alguns itens lexicais de outros paradigmas, como o caso de *guardiões*, etimologicamente com plural esperado *guardiães*, mas também pelo fato de os falantes poderem organizar diferentemente suas representações em função de sua experiência com a língua, conforme os pressupostos dos Modelos de Exemplares. Conforme mencionado na nota 1, na Introdução, essa pesquisa obteve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do NESC/UFRJ.

4 Análise dos dados

4.1 Experimento com pseudopalavras

Nesta seção, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos no experimento de pseudopalavras, que serão comparados aos obtidos em Gomes, Prado e Amaral (no prelo), com participantes de nível universitário e de um curso de EJA. Serão analisadas somente as respostas do grupo de participantes com Ensino Médio, uma vez que a maioria das respostas dos indivíduos internos, na instituição para menores infratores, foram de formas no singular – 607/626 – 97%. Apenas um dos participantes produziu marcação de plural nos estímulos do experimento. Esses dados nos mostram mais uma característica linguística de indivíduos socialmente excluídos. No estudo de Gomes, Melo e Barcellos (2017), sobre concordância verbal, utilizando dados de uma amostra de fala espontânea (Amostra EJLA), com o mesmo perfil social dos indivíduos que participaram do experimento, foi observado que este grupo tende a ter um comportamento diferente do observado para outros grupos sociais de amostras, como a Censo 1980 e Censo 2000 (SCHERRE; NARO, 1997, 2010), que também têm falantes de baixa escolaridade da comunidade de fala do Rio de Janeiro, mas não são excluídos sociais como os do EJLA. Em Gomes *et al.* (2016), dos 557 dados de verbos com sujeito de referência definida na 3ª pessoa do plural, apenas 132 ocorrências de verbo foram com a marca morfológica de plural, o que correspondeu a 23% do total de ocorrências.

Com relação ao total de respostas obtidas dos participantes com Ensino Médio do curso pré-vestibular comunitário, 495, foram registradas 192 ocorrências com a forma de plural irregular (*–is*), que corresponde a 39% do total, e 235 ocorrências com a forma de plural regular (*–s*), correspondentes a 47% das respostas, e 68 computadas como outras respostas, 14%, que correspondem a ausência de plural ou forma de plural produzida, porém com modificação da pseudopalavra em relação à vogal núcleo e/ou tamanho do estímulo. Esses resultados mostram que, apesar de o plural irregular *–is* ser o plural mais frequente de palavras terminadas em Vw no PB, há um percentual maior de respostas com o plural regular. Com a exclusão dos dados categorizados como "outras respostas", os percentuais dos dois tipos de plural são 45% de *–is* e 55% de *–s*. Resultado semelhante foi obtido no estudo de Gomes, Prado e Amaral (no prelo), com dados de produção elicitada de plural a partir de pseudopalavras, em que houve predomínio de *–s* no experimento de pseudopalavras para falantes de baixa escolaridade

(EJA). Esses resultados possibilitam observar que a competição entre marcas de plural tem efeito do perfil social dos participantes, mapeado em relação ao nível de escolaridade. Os dados foram obtidos através de experimento semelhante ao utilizado nesta pesquisa, que foi aplicado a participantes de nível universitário e de um curso de EJA. No primeiro grupo, os percentuais obtidos foram equilibrados para os dois tipos de plural, 51% de *–is* e 49% de *–s*, e, no segundo grupo, 30% de respostas com *–is* e 70% com *–s*. Esses resultados diferem dos de Huback (2007) e Gomes e Gonçalves (2010), também com dados obtidos através de um teste de produção de plural, porém com palavras do PB, conforme mencionado na seção anterior.

A Tabela 1 apresenta os resultados de regressão logística obtidos com o uso da Plataforma R, função *gmler*, para verificar se há relação entre as respostas e as variáveis explicativas estabelecidas para este estudo: tamanho do estímulo, vogal núcleo do ditongo, e sexo dos participantes.

Tabela 1 - Regressão logística relativa à realização de *–is* nos estímulos experimentais

	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	Significância (p)
(Intercept)	-0.4078	0.3097	-1.317	0.1880
Vogal e (tônica)	-0.4070	0.3680	-1.106	0.2687
Vogal ɛ	0.8900	0.3473	2.562	0.0104*
Vogal e (átona)	0.5182	0.4231	1.225	0.2206
Vogal i	0.1450	0.3542	0.409	0.6824
Vogal ɔ	1.4489	0.3609	4.015	5.95e-05***
Monossílabo	-1.0211	0.2246	-4.547	5.45e-06***
Sexo-Masculino	0.1544	0.2105	0.738	0.57005
Lista 2	0.2604	0.2112	1.233	0.78682

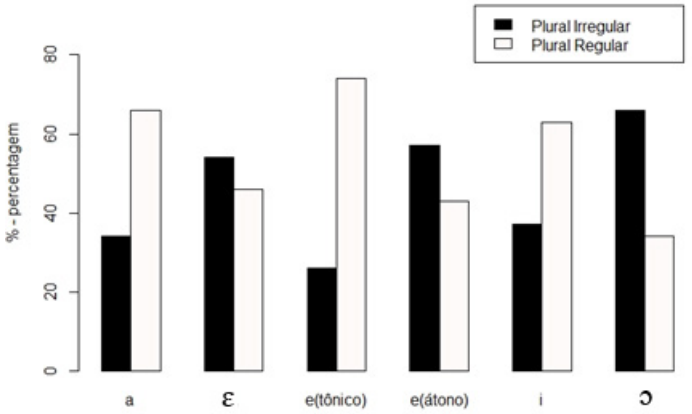
Fonte: Amaral (2021, p. 68).

Os resultados com p-valor abaixo de 0.05 indicam que os fatores têm efeito significativo. Assim, os fatores que se revelaram estatisticamente significativos são as vogais núcleo [ɛ] e [ɔ] e os estímulos com 1 sílaba. Os resultados dos *logodds* indicam favorecimento do plural *–is* nos estímulos com vogal núcleo do ditongo [ɛ] (0.8900) e [ɔ] (1.77290), e desfavorecimento em monossílabos (-1.20119). O resultado para o grupo de fatores Listas mostrou que não há diferença na distribuição das respostas com *–is* e *–s* nas duas listas, mostrando que

os estímulos foram bem elaborados, estão equilibrados e não levaram a nenhum enviesamento das respostas.

No Gráfico 1, estão apresentados os percentuais de respostas dos dois tipos de plural em função da vogal núcleo do ditongo.

Gráfico 1 - Distribuição de *–is* e *–s* em função da vogal núcleo do ditongo



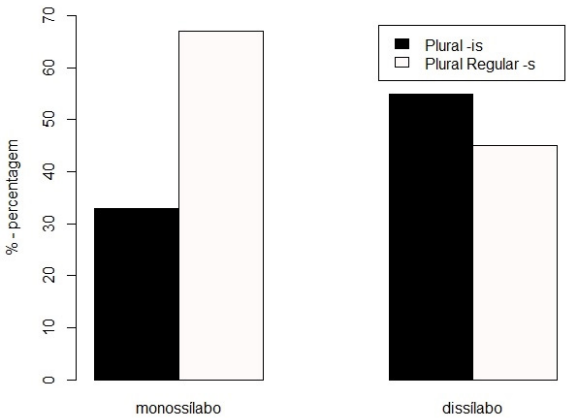
Fonte: Amaral (2021, p. 69).

Observa-se a predominância do plural regular quando o núcleo do ditongo é [a], [e] tônico e [i], e predominância de *–is* em estímulos com as vogais [ɛ], [ɔ] e [e] átono. Esse resultado replica o encontrado para os dados somente dos universitários do estudo de Gomes, Prado e Amaral (no prelo), já que, nos dados dos participantes do curso de EJA, houve predomínio do plural regular em todos os contextos de vogal núcleo, portanto, não havendo significância para esta variável independente neste grupo de indivíduos. Para os autores, o efeito observado, nos dados dos universitários, para a vogal núcleo do ditongo, e indicativo do efeito da frequência de tipo do plural *–is* no léxico, não só em relação à taxa geral, mas também porque, conforme levantado por Huback (2012) e Gomes, Prado e Amaral (no prelo), palavras terminadas em sílaba com vogal núcleo [a], [ɛ], [ɔ], [i], [e] têm majoritariamente, no caso de [a] e [ɛ], e exclusivamente, no caso de [e] em sílaba átona, [ɔ] e [i], plural esperado em *–is*. Ou seja, as tendências observadas refletem exatamente a predominância do plural irregular de acordo com essas vogais como núcleo do ditongo. Porém, observa-se que, no grupo de participantes de Ensino Médio desta pesquisa, os estímulos com vogal núcleo [a] e

[i] foram produzidos majoritariamente com a forma regular. Uma outra evidência do efeito da inferência de padrões no léxico é o resultado encontrado para a vogal núcleo [e], que se mostra oposto em função da tonicidade da sílaba. Conforme já mencionado, palavras terminadas em ditongos com vogal [e] em sílabas tônicas, como em *museu*, o padrão esperado é o regular, e *–is* é o padrão esperado para as palavras com [e] em sílaba átona, como em *agradáve*[w]/*agradáveis*.

Com relação ao tamanho dos estímulos, observou-se o efeito desfavorecedor dos monossílabos. O Gráfico 2 apresenta a distribuição dos dois tipos de plural em função do tamanho dos estímulos.

Gráfico 2 - Distribuição de *–is* e *–s* em função do número de sílabas dos estímulos



Fonte: Amaral (2021, p. 71).

Os percentuais mostram, nas respostas dos participantes com Ensino Médio de pré-vestibular comunitário, a prevalência acentuada do plural regular em estímulos com uma sílaba, enquanto há uma distribuição mais equilibrada dos dois tipos de plural nas pseudopalavras dissílabas, com prevalência do plural irregular. Essa distribuição replica os resultados encontrados em Huback (2007), Becker *et al.* (2018) e Gomes, Prado e Amaral (no prelo). Para Becker *et al.* (2018), o efeito de monossílabos na maior aceitabilidade de logatomas com plural regular, ao invés de *–is*, se deve a um aspecto formal, Restrição de sílaba inicial, que atua para preservar a estrutura da palavra, que seria afetada pela alternância de plural. Para Gomes, Prado e Amaral (no prelo), os resultados encontrados para tamanho dos estímulos, assim como os encontrados para a vogal

núcleo dos ditongos, são evidência de inferência de padrões no léxico, já que, a princípio, tenderam a corresponder à frequência de tipo encontrada no levantamento do ASPA/UFMG. Além disso, assim como pode ser observado nos Gráficos 1 e 2, essas características linguísticas atuam como condicionamentos e não como restrições que bloqueiam uma forma ou outra, já que houve variação em todos os casos.

Situando os participantes do Ensino Médio em relação aos universitários e aos participantes do curso de EJA de Gomes, Prado e Amaral (no prelo), observa-se que os efeitos das variáveis linguísticas nos dados dos participantes desta pesquisa estão mais próximos do comportamento dos universitários do que do grupo do EJA, embora não reproduzam exatamente o padrão das vogais encontrado entre os universitários, devido ao resultado para a vogal núcleo [a], já que não havia estímulos com vogal núcleo [i]. Somente o efeito do tamanho do estímulo é comum aos três grupos de participantes, que diferem em relação à escolaridade. Por outro lado, em relação à frequência geral, os participantes com Ensino Médio, do pré-vestibular comunitário, se assemelham aos participantes do EJA por apresentarem prevalência de respostas com plural regular sobre *–is*, embora a diferença de percentual seja maior nos participantes do EJA. Para os autores, a diferença entre os indivíduos do EJA e os universitários se deve ao fato de estes últimos terem maior experiência com formas de plural e, por isso, terem uma distribuição semelhante ao padrão geral do PB para o plural esperado de itens terminados em Vw. Em que pese o perfil socioeconômico dos participantes com Ensino Médio desta pesquisa, o fator escolaridade pode ter contribuído fortemente para a experiência com formas de plural, tornando estas representações mais robustas. A ausência quase que categórica de dados de plural no experimento aplicado ao grupo de participantes composto por adolescentes socialmente excluídos e com escolaridade irregular corrobora essa hipótese.

4.2 Coleta assistemática

Foram coletados, de forma aleatória, dados de produção espontânea da alternância entre *–is* e *–s*. De acordo com Labov (1972), conforme mencionado anteriormente, a utilização dessa metodologia para obtenção de dados é adequada para registrar variantes que são de baixa frequência e dificilmente captadas pela metodologia da entrevista sociolinguística. Os dados são obtidos a partir de observações livres, sem qualquer planejamento prévio, como em programas de TV e rádio, telejornais, conversas em trens, ônibus, lojas, ambiente escolar, conversas pessoais, filas etc. Entretanto,

esses registros assistemáticos, segundo Labov (1972), precisam ser feitos de forma estratégica e organizada durante a coleta.

Os dados aqui apresentados foram coletados entre março de 2018 e janeiro de 2021. Foram obtidos 36 dados de formas produzidas com o plural diferente do esperado etimologicamente. Os dados coletados de palavras com plural esperado -is (ANEXOS – quadro 4), majoritariamente, são de itens polissílabos, e um único registro de monossílabo, o item lexical "tal". Quando usado como categoria nominal (adjetivo, pronome ou substantivo) sua forma no plural "tais" é um item de alta frequência na Base Aspa (11.229 ocorrências). Entretanto, nos dados de produção espontânea coletados nesta pesquisa, foram obtidas ocorrências que mostram que também há regularização desse item lexical. Sobre as palavras polissílabas, a maioria delas apresenta frequência alta de ocorrência na Base Aspa: *papéis* (16.534), *níveis* (9633), *incríveis* (825), *refis* (493), à exceção de *abdominais* (299). Registra-se, portanto, a alternância com a variante regular de itens com alta frequência de ocorrência da forma de plural esperado irregular. Outras palavras podem não ser frequentes em corpora de língua, mas se mostram de alta frequência ou são comuns a depender da experiência comunicativa do falante. Por exemplo, *abdominais* e *vogais* (155, na Base ASPA/UFMG), realizadas respectivamente como *abdominaus* e *vogaus*, foram produzidos por professores da área de Educação Física e Linguística respectivamente, logo, são termos comuns no léxico do profissional, e, mesmo assim, não apresentaram o plural esperado para cada palavra.

Já os dados relativos aos itens lexicais com plural esperado regular (ANEXOS – quadro 5), produzidos com *–is*, mostram que, na fala espontânea, há a mesma variabilidade observada nos dados experimentais em relação ao tamanho do item lexical, já que foram registradas ocorrências com monossílabos, como *shois*, por *show* (13.798), *réis*, por *réus* (2.154), e *véis* por véus (175). É interessante observar que essa alternância ocorre em qualquer perfil social, uma vez que tanto *réis* quanto a polissílaba *painéus*, por *painel*, foram produzidas por jornalistas ao vivo em canais da TV aberta. Também foram registradas ocorrências de palavras com alta frequência de ocorrência na Base Aspa, como *degrais*, por degraus (649), *museis*, por museus (3.677) e *europeis*, por europeus (9.680).

Em resumo, esses dados mostram que há tanto a regularização dos itens, como em *abdominaus* e *carnavaus*, quanto uso do plural irregular em itens com plural regular esperado, como em *degrais* e *museis*. Além disso, a alternância se mostra presente em itens de baixa e alta frequência. Há registros do uso do plural irregular em itens com vogal núcleo [e] em sílaba tônica final e em monossílabos e, que não tiveram

um comportamento de acordo com o Princípio de proteção de sílaba, segundo o qual os falantes protegeriam as palavras monossílabas, porque o uso do plural *–is* modificaria a estrutura da palavra. O levantamento de dados através dessa metodologia continua sendo realizado pelo primeiro autor, visando, através do aumento de dados, aprofundar a análise de dados de produção espontânea.

5 Considerações finais

Este artigo apresentou resultados de um estudo sobre a alternância formas de plural de nomes terminados no ditongo oral decrescente Vw, a partir dos pressupostos teóricos dos Modelos baseados no Uso e da Sociolinguística Variacionista.

Os resultados obtidos com o experimento com pseudopalavras revelaram que, na competição entre as duas formas de plural, *–is* e *–s*, a frequência de tipo é fator importante na organização cognitiva da experiência que o indivíduo tem com a língua. O processo de analogia tem base na frequência de tipo do plural. A comparação com outros resultados obtidos por grupos de participantes com diferentes escolaridades mostra que a experiência sociolinguística com formas de plural tem relação com a direcionalidade da inferência do padrão mais frequente no léxico.

Os dados de produção espontânea, obtidos de observações assistemática, embora ainda em pequeno número, corroboraram as evidências obtidas em situação experimental de que as formas *–is* e *–s* competem no léxico do falante, afetando itens lexicais independentemente da frequência e tamanho, muito embora isso não signifique que não haja efeito de frequência e de tamanho na alternância, que operam determinando tendências. Os dados mostram que a alternância se dá nas duas direcionalidades – regularização de formas com plural esperado *–is*, e atribuição do padrão mais frequente *–is* em itens com plural esperado regular.

Declaração de Autoria

A contribuição dos autores neste artigo se deu da seguinte forma: a) Thiago Lucius Alvarez Amaral: concepção e desenho da pesquisa, obtenção de dados, análise e interpretação dos dados e redação do manuscrito; b) Christina Abreu Gomes: concepção, desenho e orientação da pesquisa, análise e interpretação dos dados e redação do manuscrito.

Referências

AMARAL, T. L. A. *Variação do plural de nomes do PB terminados em ditongo oral decrescente (Vw):* uma abordagem no modelo de exemplares. 2021. 98 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

BARBOSA, M. F. M. *Processamento e representação de palavras complexas por derivação*: um estudo sobre a sufixação do português brasileiro. 2017. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

BECKER, M.; CLEMENS, L.; NEVINS, A. I. Generalization of French and Portuguese plural alternations and initial syllable protection. *Natural Language and Linguistic Theory*, Nova York, v. 35, v. 2, p. 299-345, 2017. DOI: http://dx.doi.org/10.1007/s11049-016-9343-y. Disponível em: <https://becker.phonologist.org/initialsyllfaith/becker_clemens_nevins_french_portuguese.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2017.

BECKER, M.; NEVINS, A.; SÂNDALO, F.; RIZATT, E. The Acquisition Path of [w]-final Plurals in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, Lisboa, v. 17, n. 4, p. 1-17, 2018. DOI: http://dx.doi.org/10.5334/jpl.189 Disponível em:< https://jpl.letras.ulisboa.pt/article/id/5655/>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BERKO, J. The Child's Learning of English Morphology. *Word*, Londres, v. 14, p. 150-177, 1958. DOI: https://doi.org/10.1080/00437956.1958.11659661 Disponível em: < https://pure.mpg.de/rest/items/item_2281723/component/file_2281722/content>. Acesso em: 14 mar. 2020.

BOOIJ, G. Compounding and derivation: evidence for construction Morphology. *In*: DRESSLER, W. *et al.* (eds.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 109-131.

BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, J. L. *Morphology*: A study of the relation between meaning and form. Philadelphia: John Benjamins, 1985.

BYBEE, J. L. Morphology as lexical organization. *In*: HAMMOND, M.; NOONAN, M. (eds.). *Theoretical Morphology*. San Diego: Academic Press, 1988. p. 119-141.

BYBEE, J. L. Regular morphology and the lexicon. *Language and Cognitive Processes*, Londres, v. 10, n. 5, p. 425-455, 1995. DOI: https://doi.org/10.1080/01690969508407111 Disponível em: < https://www.unm.edu/~jbybee/downloads/Bybee1995RegMorph.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BYBEE, J. L. The emergent lexicon. *In*: *CLS 34:* The panels, 1998, Chicago. *Proceedings*… Chicago: Chicago Linguistics Society, 1998. p. 421-435.

BYBEE, J. L. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BYBEE, J. L. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. L. Language Change. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CLAHSEN, H.; ROTHWEILER, M.; WOEST, A. Regular and irregular inflection in the acquisition of German noun plurals. *Cognition,* Amsterdam, v. 45, p. 225-255, 1992. DOI: https://doi.org/10.1016/0010-0277(92)90018-d

CROFT, W. Intonation units and grammatical structure. *Linguistics*, Berlim, v. 33, p. 839-882, 1995. DOI: https://doi.org/10.1515/ling.1995.33.5.839

GOLDBERG, A. E. *Constructions*: a construction Grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOMES, C. A.; GONÇALVES, C. Flexão de Número na Gramática da Criança e do Adulto. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 122-134, 2010.

GOMES, C. A.; MELO, M. A. L. S.; BARCELLOS, M. E. M. Dinâmica da variação sociolinguística em contexto de exclusão social. *ReVEL*, Porto Alegre, edição especial, n. 13, p. 181-198. 2016. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/91ebcf7232f3264f0af12b53df2b7ab5.pdf. Acesso em: 28 mar. 2018.

GOMES, C. A.; PRADO, L. O. do; AMARAL, T. L. A. Aspectos cognitivos e sociais da variação linguística na alternância de formas de plural de nomes do PB. *In*: ORSINI, M.; CAVALCANTE, S. R.; MARINS, J. (orgs.). *Contribuições à descrição e ao ensino do português brasileiro:* da fonética ao discurso, com parada obrigatória na sintaxe - uma homenagem a Maria Eugênia Lammoglia Duarte. São Paulo: Pimenta Cultural, no prelo.

HAY, J. B. *Causes and Consequences of Word Structure*. Routledge: New York/London, 2003.

HAY, J. B.; BAAYEN, R. H. Shifting paradigms: Gradient structure in morphology. *Trends in Cognitive Sciences,* Amsterdam, v. 9, n. 7, p. 342–348, 2005. DOI: 48. https://doi.org/10.1016/j.tics.2005.04.002 Disponível em: < https://core.ac.uk/download/pdf/191659554.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2006.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. *In*: HALE, K.; KEYSER, S. J. (eds.). *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.

HASPELMATH, M. Schemas in Hausa plural formation: Product-orientation and motivation vs. source-orientation and generation. *Buffalo Working Papers in Linguistics*, Bufallo, v. 89, n. 1, p. 32-74, 1989. DOI: http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.225245

HUBACK, A. P. *Efeito de frequência nas representações mentais*. 2007. 318 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

HUBACK, A. P. Irregular Plurals in Brazilian Portuguese: An Exemplar Model Approach. *Language Variation and Change*, Cambridge, v. 23, p. 1-12, 2012. DOI: http://dx.doi.org/10.1017/S0954394511000068

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. A variação entre construções finitas pessoais e impessoais no português brasileiro. *Web-Revista SOCIODIALETO*, Campo Grande, v. 4, p. 153-177, 2014.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. O sujeito no português brasileiro e sua tipologia. *In*: PILATI, E.; SALLES, H.; NAVES, R. (orgs.). *Novos olhares para a gramática do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2017. p. 13-43.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MARCUS G. F. Children's overregularization of English plurals: a quantitative analysis. *Journal of Child Language*, Cambridge, v. 22, p. 447-459, 1995. DOI: https://doi.org/10.1017/S0305000900009879

MARCUS, G. Why do children say "breaked"? *Current Directions in Psychological Science*, Newbury Park, v. 5, p. 81-85, 1996.

MARCUS, G. F.; PINKER, S.; ULLMAN, M.; HOLLANDER, M.; ROSEN, T.J.; XU, F. Overregularization in language acquisition. *Monographs of Society For Research in Child Development*. Nova York, v.57, p. 1-182, 1993. DOI: http://dx.doi.org/10.2307/1166115

MELO, M. A. S. L. de. *Desenvolvendo novos padrões na comunidade de fala:* um estudo sobre a fricativa em coda na comunidade de fala do Rio de Janeiro. 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012

MOLLICA, M. C. *(De) que falamos?* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

OLIVEIRA, D.; CRISTÓFARO-SILVA, T.; GOMES, C. A. Aquisição do plural irregular no Português Brasileiro: uma abordagem baseada em exemplares. *LinguíStica*, Rio de Janeiro, v. 16, n. esp., p. 622-645, 2020. DOI: https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a21500 Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/21500/23383. Acesso em: 20 abr. 2021.

PIERREHUMBERT, J. B. Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. *In*: BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (eds.). *Probability Theory in Linguistics*. Cambridge: The MIT Press, 2003. p. 177-228.

PIERREHUMBERT, J. B. The Dynamic Lexicon. *In*: COHN, A.; HUFFMAN, M.; FOUGERON, C. (eds.). *Handbook of Laboratory Phonology*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 173-183.

PRASADA, S.; PINKER, S. Generalisation of regular and irregular morphological patterns. *Language and Cognitive Processes*, Londres, v. 8, p. l-56, 1993. DOI: https://doi.org/10.1080/01690969308406948

SANKOFF, D. Variable Rules. *In*: AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIER, K. J.; TRUDGILL, P. (orgs.). *Sociolinguistics/*

Soziolinguistik: An International Handbook of the Science of Language and Society/Ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft, v. 2. Berlin: W. de Gruyter, 2004. p. 1150-1161.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância de número em português*. 1988. 554 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no Português do Brasil: um caso típico de variação inerente. *In*: HORA, D. (org.). *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Ed. Ideia, 1997. p. 93-114.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Perceptual vs. Grammatical Constraints and Social Factors in Subject-Verb Agreement in Brazilian Portuguese. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, Pennsylvania, v. 16, n. 2, 2010. Disponível em: < https://repository.upenn.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1157&context=pwpl>. Acesso em: 10 set. 2020.

SEVERINO, M. C. A. *O plural das palavras terminadas em -ão*: mudança ou variação estável? 2013. 98 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

VIHMAN, M.; CROFT, W. Phonological Development: Toward a Radical Templantic Phonology. *Linguistics,* Berlim, v. 45, n. 4, p. 683-725, 2007. DOI: https://doi.org/10.1515/LING.2007.021 Disponível em: < https://www.york.ac.uk/media/languageandlinguistics/documents/staff/publications/V&Croft%202007.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2020.

Anexos

Quadro 2 - Estímulos experimentais para elicitação de plural

Experimento de Pseudopalavras				
Ditongos	**Lista 1**		**Lista 2**	
	Monossílabas	**Dissílabas**	**Monossílabas**	**Dissílabas**
-au	'zaʊ 'haw 'draw	pi'aw si'vaw di'faw	'fraw 'baw 'vaw	pu'ʃaw si'zaw ga'faw
-eu (tônico)	'bew 'kew 'trew	ga'few tu'mew di'dew	'pew 'zew 'prew	lu'ʃew si'mew ga'zew
-eu (átono)		'mizew 'fazew 'siʃew		'tulew 'lifew 'gafew
-ɛu	'kɛw 'bɛw 'brɛw	fa'gɛw va'zɛw lu'ʃɛw	'gɛw 'zɛw 'frɛw	ri'ʒɛw lu'mɛw mi'zɛw
-ɔu	'zɔw 'ʒɔw 'trɔw	ku'fɔw lu'mɔw mi'zɔw	'krɔw 'fɔw 'lɔw	ka'nɔw ti'vɔw fa'zɔw
-il	'ziw 'giw 'driw	pu'ʃiw mi'biw lu'miw	'niw 'kiw 'vriw	fa'giw si'ziw du'viw

Fonte: Amaral (2021, p. 54).

Quadro 3 - Experimento de elicitação de plural com palavras do PB

Itens do teste de Palavras do PB com frequência de ocorrência (ASPA/UFMG)									
Ditongos	**Monossílabas**			**Dissílabas**			**Trissílabas**		
	Item	**Escrita**	**Fala**	**Item**	**Escrita**	**Fala**	**Item**	**Escrita**	**Fala**
-au	Naus Maus Paus	(200) (711) (3744)	(0) (0) (0)	Jiraus Saraus Umbrais	(20) (123) (17)	(0) (0) (0)	Berimbaus Bacalhaus Espirais Enxovais	(20) (10) (76) (34)	(0) (0) (0) (0)
-eu (tônico)				Hebreus Plebeus	(108) (71)	(0) (0)	Camafeus Europeus	(10) (9680)	(0) (0)
-eu (átono)				Níqueis Cíveis	(498) (257)	(0) (0)	Afáveis Audíveis	(13) (37)	(0) (0)
-ɛu	Géis Véus Céus Méis	(21) (175) (1342) (0)	(0) (0) (0) (0)	Planteis Graneis Troféus Chapéus	(63) (21) (574) (666)	(0) (0) (6) (6)	Coquetéis Mausoléus	(582) (22)	(8) (0)
-ɔu	Sóis	(211)	(0)	Anzóis Atóis Paióis	(63) (59) (59)	(0) (0) (0)	Cachecóis Aerosóis Rouxinóis	(26) (61) (23)	(0) (0) (0)
-il	Útil Vil			Têxteis Hábeis Débeis Mísseis	(0) (177) (127) (0)				

Fonte: Amaral (2021, p. 56).

Quadro 4 - Itens lexicais com plural esperado irregular – coleta assistemática

	A	**e̯**	**ɛ̯**	**i̯**
Monossílabos	*Taus* (6)	---	---	---
Polissílabos	*Vogaus* (1) *Abdominaus* (5) *Carnavaus* (1)	*Incríveus* (1) *Níveus* (1)	*Papéus* (5) *Painéus (1)*	*Refius* (2)

Fonte: Amaral (2021, p. 76).

Quadro 5 - Itens lexicais com plural esperado regular – coleta assistemática

	A	**E**	**o**	**ɛ**
Monossílabos	---	---	*Shois* (2)	*Véis (1)* *Réis (1)*
Polissílabos	*Bacalhais (2)* *Degrais (5)* *Cacais (1)*	*Museis (4)* *Europeis (3)*		

Fonte: Amaral (2021, p. 78).

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 932-961, 2022

‘Casar’ (Marry) x ‘Noivar’ (Engage): a Usage-Based Analysis for the Caused-Action Construction in Brazilian Portuguese

Casar x Noivar: uma análise baseada no uso para a construção de ação causada em português brasileiro

Larissa S. Ciríaco
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brazil
larissaciriaco@ufmg.br / laciriaco@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-8009-6839

Thaís M. M. De Sá
Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), Contagem, Minas Gerais / Brazil
thaismaira@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4828-4340

Clarice F. Dos Santos
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brazil
clariceufmg@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-6097-0058

Abstract: In this paper, we investigate the occurrence of a type of causative construction in Brazilian Portuguese, exemplified by the sentence *o pai casou a filha*, literally the father married the daughter, but which translates to the father supported his daughter’s wedding. We have specifically named this construction as caused-action2, to reflect both its similarities and differences from the caused-action construction described in Santos, Ciríaco and Souza (2019). Although restricted to a few verbs, this clausal meaning has become common in BP. There is evidence of its usage in social media, in which expressions such as *casando a irmã* (marrying the sister) and *formando o amigo* (graduating the friend) extends the caused-action meaning to other contexts. Grounded on the Construction Grammar Usage-based Approach (GOLDBERG, 1995, 2006, 2019), the present work examines the functional aspects responsible for the compatibility between verb and caused-action2 construction in BP, based on instances found on corpora and in social media. We argue that this pattern is constrained by a *conventionalized scenario* of financial, emotional or social investment.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.932-961

Keywords: caused-action construction; functional aspects; verb-construction compatibility; conventionalized scenario.

Resumo: Neste artigo, investiga-se a ocorrência de um tipo de construção causativa em português brasileiro, e que pode ser exemplificada pela sentença "O pai casou a filha". Neste trabalho, essa construção será chamada especificamente de ação-causada2, a fim de capturar tanto as semelhanças quanto as diferenças em relação à construção de ação-causada descrita em Santos, Ciríaco e Souza (2019). Embora restrita a poucos verbos, o significado oracional da construção de ação-causada tem se tornado bastante usual em PB. Uma evidência do aumento de situações de uso reais dessa construção vem de redes sociais, em que expressões que estendem o significado de ação causada para novos contextos, como "casando a irmã", "formando o amigo", podem ser facilmente observadas. Com base na abordagem baseada no uso da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006, 2019), este artigo investiga os aspectos funcionais envolvidos na compatibilização entre verbo e construção de ação causada2 em português brasileiro a partir de uma análise de dados de corpora e de redes sociais. Defende-se que essas construções são restritas por um cenário convencionalizado de investimento pessoal, seja ele financeiro, emocional ou social.

Palavras-chave: construção de ação causada; aspectos funcionais; compatibilização verbo-construção; cenário convencionalizado.

Submitted on September, 01, 2021
Accepted on November, 04, 2021

1 Introduction

The purpose of this paper is to investigate the functional aspects – semantic and pragmatic – of a type of causative construction[1] in Brazilian Portuguese (BP). According to Shibatani (1976), complex activities which are accomplished in a conventional way may be expressed as simple causatives. This is the case of the caused-action constructions in BP, which can be illustrated by examples (1) and (2):

[1] In a broader sense, this paper discusses a type of causative construction, i.e one characterized by the temporal relation between two subevents – the causing event, and the caused one – which are perceived as one by the language user (COMRIE, 1991; GOLDBERG, 1995; RAPPAPORT-HOVAV; LEVIN, 2010; SHIBATANI, 2000). In BP, this construction is sometimes referred to as "synthetic causative" as opposed to its periphrastic version, called "analytic causative" (see BITTENCOURT, 2001; MILANIO, 2014; SILVA, 2009; among others).

(1) *Eduardo cortou o cabelo*.
Eduardo cut the hair.
Eduardo had his hair cut.

(2) *O pai casou a filha*.
The father married the daughter.
The father (financially) supported his daughter's wedding.

In BP, it is a conventional way to use (1) to describe that Eduardo went to the salon and got a haircut[2], as it is a conventional way to use (2) to describe that the father supported the daughter's wedding[3]. Both are cases of conventional scenarios in which complex events are expressed as simple causatives, or "can be cognitively "packaged" in such a way that their internal structure is ignored" (GOLDBERG, 1995, p. 169).

These constructions express indirect causation or, as we call it, a meaning of cause to act, and will be referred to as caused-action1 and caused-action2 respectively[4]. As Ciríaco (2015) and Santos, Ciríaco and Souza (2019) demonstrated for the caused-action1, the construction inherits the transitive [Subject Verb Object] form, but nonetheless subtly differs from it in meaning: in (1), the semantics of the construction involves an activity (cut) indirectly caused by the participant in subject position, but not performed by him/her. As for the construction in (2), which will be addressed in this paper, the meaning also involves an activity (marry) which is in some way indirectly caused by the participant in subject position, but not performed by him/her. Actually, in (2) the action is performed by the participant in object position. We take a more parsimonious position on the relation between the prototypical transitive construction and the caused-action constructions as we acknowledge the later as extensions of the first one - notice that the cause to act meaning

[2] It is possible to interpret (1) as if Eduardo has really cut his own hair, however the conventional interpretation is that he had his hair cut by someone else, usually at a hair salon.

[3] We know it is possible, although most unlikely, to interpret (2) as if the father has officiated the wedding (in English, the literal translation can also be interpreted as if the father married his daughter – ambiguity not present in BP), but the most usual interpretation is that somebody else officiated the daughter's wedding with the consent and (possibly financial) support of the father, and not that the father officiated his daughter's wedding himself.

[4] The caused-action is being factored in caused-action1 and caused-action2 just for description's sake. We understand they are part of the same cluster (GOLDBERG, 2019), but we will leave this discussion for future work. For now, as we take a more 'zoom in' approach, it suffices to treat them differently.

(indirect responsibility) is an extension of the agentive meaning (direct responsibility). In that way, caused-action constructions also inherit some aspects of the meaning of the transitive construction, although not all of them, which accordingly to early versions of Goldberg's Construction Grammar suffices to treat them differently[5].

Although caused-action constructions take the form of the prototypical transitive, being ambiguous between a caused-action and a prototypical transitive interpretation (3a), not all [SVO] constructions may be associated with a caused-action meaning, as (3b) shows. The construction also seems to require a specific combination of lexical items, as the contrast between (3a) and (3b), with the same verb ('casar'), shows. Finally, not all verbs can instantiate the construction, and even semantically related verbs, as 'casar' (marry) and 'noivar' (engage), may behave differently, as the contrast between (3a, b) and (3c) shows.

(3) a. *O pai casou a filha*. (preferably caused-action)
The father married the daughter.
The father supported his daughter's wedding.

b. *O padre casou os noivos*. (only transitive)
The priest married the bride/groom.
The priest officiated the bride and groom's wedding.

c. **O pai noivou a filha*. (neither transitive nor caused-action)
*The father engaged the daughter.
The father supported his daughter's wedding.

The restricted productivity seems to be related to the *conventionalized scenario* associated with the construction, as Santos, Ciríaco and Souza (2019) have shown for the caused-action1 and we are going to explore here for the caused-action2. The functional factors concerning the compatibility between verb and construction are going to be examined in section 4. Section 2 presents the theoretical background for this paper: Usage-based Linguistics, Construction Grammar and the

[5] Goldberg (2019) brings a more cognitive and inclusive definition of construction (see section 2), based on the notion of *cluster*, which favours even more the understanding of the caused-action as an extension of the prototypical transitive, besides serving as evidence of the transitive construction productive status. We leave this question to future experimental work.

notion of Conventionalized Scenarios (GOLDBERG, 1995). Section 3 presents the methodological choices made for the analysis. Finally, some final considerations and guiding assumptions for future research are put forward in the last section.

2 Usage-Based Linguistics and Construction Grammar

This investigation is inserted in Usage-based Linguistics (cf. KEMMER; BARLOW, 2000; KEMMER, 2008; LANGACKER, 1987, 1991, 2008) and specifically rooted in Goldberg's (1995, 2006, 2019) theoretic model of Construction Grammar.

The main idea of Usage-based approaches is that all linguistic knowledge, including the knowledge about the compatibility among different units of language, emerges from usage, being organized in a gradual manner in human cognition and giving rise to grammatical structures which reflects this conceptual organization. In that way, if speakers repeatedly experience (listen and speak) similar language instances, they will be capable of extracting from these their common/basic properties and then abstract patterns, creating generalizations and thus building grammatical knowledge. The frequency[6] of occurrence of a linguistic pattern is hence important as it determines the degree of entrenchment of the pattern in speakers' cognition as well as other linguistic processes. For example, the transitive construction is a highly frequent argument structure pattern, deeply entrenched in speakers' cognition. Thus, it is natural that new verbs conform to this clause pattern once they are created and start being used in the language. Frequency also plays a role in semantic compatibility between pre-existing items and argument structure constructions. For instance, even if neither the verb 'casar' (marry) nor the caused-action2 construction are frequent on their own, when speakers start to repeatedly experience this co-occurrence of linguistic units, they start to be recognized as compatible units. Therefore, the more frequent the usage of a linguistic pattern with a given verb is, the more acceptable it is and its compatibility in relation to other less frequent combinations of items and constructions is more easily recognized (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE; HOPPER, 2001).

As a usage-based theory, Goldberg's Construction Grammar shares the assumption that linguistic knowledge emerges from usage and,

[6] By frequency we mean both type frequency (the frequency of occurrence of a pattern or category) and token frequency (the frequency of occurrence of each instance of a pattern or category).

therefore, depends on formal and functional aspects to be represented on the language user's cognition. On these grounds, linguistic units are understood as symbolic pairings of form and function, called *constructions*, which may be as simple as a word, such as 'marry', but also as complex as a clausal pattern, such as the caused-action construction. Clausal patterns are called argument structure constructions (ASC) (GOLDBERG, 1995), and are further described as open and schematic syntactic slots, such as [Subj V Obj], paired with abstract meaning, such as [cause to act][7]. According to Goldberg (1995), constructions are acknowledged as a single linguistic unit on their own when at least one aspect of their form or function is different from other already known constructions. So, although the caused-action construction in BP shares its syntactic form with the transitive construction, it bears a distinct meaning with unique functional aspects associated to that form, and therefore may be treated as a different construction. Of course, its relation to the transitive must be acknowledged and may be further investigated in terms of inheritance links, polysemy and metaphorical extensions.

More recently, Goldberg (2019, p. 7) has offered a more inclusive understanding of constructions, explaining that they are "emergent clusters of lossy memory traces that are aligned within our high- (hyper!) dimensional conceptual space on the basis of shared form, function, and contextual dimensions." According to this definition, constructions are lossy structured representations which are stored since the first encounter and become strengthened as they are witnessed by the language user in subsequent exposure. In this process of learning and storing a new representation, there is evidence that we retain quite specific contextual information in order to use constructions appropriately (GOLDBERG, 2019). As Goldberg (2019, p. 15) explains, "it is reasonable to assume that aspects of context that are perceived to be more relevant […] are more likely to be retained". Since the caused-action construction shares its form with another much more frequent construction – the transitive –, it is fair to assume that functional aspects must weigh heavily on the representation of the caused-action. Moreover, as Goldberg (2019) notices, studies show that the variety of contexts (type frequency) in which a construction has been witnessed plays a role in how it is accessed. Therefore, besides determining the basic clause types in a language and constraining the interpretation of participant roles, it is reasonable to assume that ASCs that have been experienced in a narrow range of contexts may be restricted to those contexts. In other words, it makes sense to look at contextual aspects of constructions as constraints on their usage.

[7] For some BP argument structure constructions analysis, see Ciríaco (2011, 2014, 2015, 2017).

The analysis of the functional aspects of the caused-action construction benefits from the notion of *conventionalized scenario*, an aspect of meaning concerning the context in which the construction occurs. Conventionalized scenarios constraint the construction's usage and, therefore, the meaning associated to argument structure constructions. As Goldberg notices, "conventionalized scenarios can be cognitively packaged as a single event even if an intervening cause exists" (1995, p. 169), which is the case of the caused-action constructions, since their meaning involves indirect causation. In this paper, through *corpora* based research, we examine real instances of the caused-action2 construction in order to capture the semantic subtleties of their occurrences. Our hypothesis is that the caused-action2 construction is restricted to these highly nuanced conventional scenarios.

3 Methods

In order to document real usage instances of the caused-action2 construction, check the conventional situations that can be packaged as a single event by it and describe its semantics, we searched for occurrences of the construction in two different BP *corpora*: PtTenTen (JAKUBÍČEK *et al.*, 2013; KILGARRIFF *et al*., 2014) and Linguateca (mostly, Corpus Brasileiro, BERBER SARDINHA, 2010), which are *corpora* of mainly written texts. We also collected data from social media such as Instagram and Facebook. The search on the *corpora* was carried out by investigating linguistic sequences, since constructional search is not available in any BP *corpus* to our knowledge. Even if a constructional type of search was available, caused-action2 seems to be very restricted to be *corpus* annotated.

Eight verbs were selected based on day-to-day observations and theoretically informed data: '*almoçar*' (have lunch), '*batizar*' (baptize), '*casar*' (marry), '*crismar*' (confirm), '*estudar*' (study), '*formar*' (graduate), '*jantar*' (have dinner) e '*noivar*' (engage). The sequences searched were formed by combining these verbs with noun complements that may express some kind of kinship relation between the argument in subject position and the argument in object position, such as "the father" and "the daughter" or "the parents" and "the kids", since this semantic aspect seems to be present in the majority of the examples noticed. An example of linguistic sequence searched is 'casou+a+filha' (married the daughter). Another kind of search, which was possible only in ptTenTen, was by verb lemma, such as [casar a filha] (marry the daughter). Besides *corpus* instances, we also

collected some data we encountered on social media, in order to bring more up-to-date information on the construction's usage.

Corpus data investigation allowed us to: i) document the caused-action2 construction in BP, ii) analyze its subtle semantics, and iii) determine the conventionalized scenario that functions as a constraint to the occurrence of the construction. Our search returned few occurrences of the caused-action2, which may be due to the difficulty to collect instances of a construction that is pragmatically restricted in corpora.

4 The caused-action2 construction in BP

The following tables present the summary of the data found in corpora search. Table 1 and 2 present the results found in PtTenTen, and in *Corpus* Brasileiro (Linguateca) respectively. While PtTenTen allows searches by lemma, Linguateca does not, which means that the target sequences had to be searched manually in *Corpus* Brasileiro.

In table 1, the columns show the verbs selected for the search which were found in the construction, the sequences searched, the total number of occurrences found, and, finally, the number of instances of the caused-action2 construction found. Therefore, among the 8 verbs selected for the search, only 3 of them were found in PtTenTen in the sequences searched, which are *batizar*, *casar*, and *formar*. Besides that, among the 41 occurrences of the lemma *batizar+filho* found in PtTenTen, 20 were instances of the caused-action2 construction, and so on for the other verbs found.

Table 1 - Caused-Action2 search in PtTenTen

Verb	Sequences Searched by Lemma	Total Number of Occurrences	Number of Instances of Caused-Action2 Cxn Found
batizar	batizar+filho	41	8
casar	casar+filho	349	20
formar	formar+filho	90	5

Source: Elaborated by the authors

In table 2, the columns show the verbs which were found in the construction, its absolute frequency, the target sequences searched, and, finally, the total number of instances of the caused-action2 construction found. As Linguateca does not allow search by lemma, we searched manually for many instances of the target sequences such as *casar+a+filha*

(marry+the+daughter), *casar+as+filhas* (marry+the+daughters), *casou+as+filhas* (married+the+daughters), and so on, changing the time tense and the singular/plural agreement. Among the 8 verbs selected for the search, only 4 were found in the caused-action2 construction in *Corpus* Brasileiro, which are *almoçar*, *batizar*, *casar*, and *estudar*. Besides that, Table 2 also shows that, from the variety of sequences searched for *batizar* (batizei/batizamos/batizaram+o/a/as/os+filhas/primos/sobrinho), for instance, in *Corpus* Brasileiro, only 1 instance of the verb + the caused-action2 construction was found.

Table 2 - Caused-action2 in *Corpus* Brasileiro, Linguateca

Verb	Verb Frequency in the *corpus*	Sequences Searched Manually	Number of Caused-Action Instances Found
almoçar	2143	almoçar+os meninos	1
batizar	726	batizar+NP (which means the following combinations had to be searched manually: batizei/batizamos/batizaram + o/a/as/os +filhas/primos/ sobrinho) Eg: *batizei minha sobrinha*	1
casar	7454	casar +NP (which means the following combinations had to be searched manually: casar/ casou/ casaram+filho/filha etc) Eg: *casaram os filhos*	12
estudar	4523	estudar + NP (which means the following combinations had to be searched manually: estudar/estudou/ estudaram+filho/filha etc) Eg: *estudou os filhos*	1

Source: Elaborated by the authors

Finally, for reference and comparison, Table 3 shows the absolute frequency of all the 8 verbs searched in Brazilian Portuguese, accordingly to Linguateca. Although the difference between *casar* and *noivar* as for their occurrence and non-occurrence in the caused-action2 construction could be seen as a frequency effect - since *casar* is the 1085th most

frequent word in the language whereas noivar is only the 63857th one -, that does not follow for the difference between *almoçar* and *jantar* - which are the 4633th and 942th most frequent words in the language respectively. Anyway, this is a factor that will be taken into account in future experimental work.

Table 3 - Absolute Frequency of the verbs in Brazilian Portuguese

Verbs	Frequency
almoçar (have lunch)	4633
batizar (baptize)	4861
casar (marry/wed)	1085
crismar (confirm)	34921
estudar (study)	896
formar (educate/graduate)	677
jantar (have dinner)	942
noivar (engage)	63857

Source: Linguateca[8] (by lemma)

For social media data, we carried a less comprehensive search, printing the instances we came across with. Besides that, resorting to introspection, we realized that the nature of social media platforms makes users opt for the gerund using forms such as *casando meu irmão* ("marrying my brother"), *formando minha amiga* ("graduating my friend"), and *baptizing meu sobrinho* ("baptizing my nephew"), since they are probably portraying an ongoing event.

The semantic and syntactic analysis of those occurrences and for the construction as a whole is presented in the following sections.

4.1 Meaning (Semantics)

As mentioned before, the caused-action2 bears the meaning of cause to act in the way that it denotes an indirect causation – a meaning in which the participant in subject position is construed as an indirect cause for the action denoted by the verb, which in turn is performed by another participant in the event scene. This common semantic aspect

[8] These data was taken from Linguateca complete Word Frequency List for the Portuguese language, thus, it encompasses more than Corpus Brasileiro.

relates the constructions in (1) and (2), and explains why they are both called caused-action constructions. However, the cause to act meaning is expressed in particular ways in each construction. While in the caused-action1 the participant in subject position is an indirect cause in the sense that he/she hires or authorizes the service or activity packaged in the verb+object meaning (which is going to be performed by someone else, may he/she be or not present in the sentence), in the cause-action2, the participant in subject position is an indirect cause who is responsible, in some way, for the activity that may be performed (lunch, marry, study, graduate) or the event that may be received (baptism) by the participant in object position. Besides the expression of the cause to act meaning, there are other specificities concerning the meaning of the caused-action2, as the following analysis of real usage instances show.

The first verb searched was 'almoçar' (to have lunch) as we see in example (4):

(4) *"Eu almocei os meninos e depois levei eles para 'cola."*
(Corpus Brasileiro, Linguateca)[9]
I lunched the boys and after took them to school.
I gave the kids their lunch and after that took them to school.

The cause to act meaning is present: the participant in subject (*eu*) position is the one responsible, being the indirect cause, for the participant in object position (*os meninos*) to have lunch. Speakers only say that if they are parents to young children who depend on them to make and bring them their meals or even feed them. This is the conventionalized scenario which is being packaged by *'almoçar'* as a simple causative event. Interestingly, *'almoçar'* is more commonly used as intransitive (*eu almocei*/ I had lunch) than as a transitive verb in the prototypical transitive meaning (*eu almocei peixe/* I had fish for lunch). Moreover, although intuitively the caused-action meaning is of common usage in oral language, especially in the dialect spoken in Belo Horizonte[10], Minas Gerais, we could find only one example of the caused-action2 with the verb *'almoçar'* in the *corpora* survey[11], which is the one shown

[9] Corpus' instances are between quotation marks and have their origin indicated in parenthesis.

[10] This may have a sociolinguistic reason, which should be addressed in future research. This occurrence might be restricted to the BP spoken in the state of Minas Gerais, which would not be uncommon in Brazil.

[11] We also found the very same instance through a Google search, in the context of a conference presentation and in a Master's thesis. So we suspect this piece of data might be one from a semanticist's introspection.

in (4). This limitation in *corpora* points out the need for eliciting more quantitative evidence, maybe from an acceptability judgement test – which we intend to run in the future.

For the verb *'batizar'* (baptize), we found more examples (actually, 10, cf. Table 1), as shown in (5) and (6):

(5) "*Assim, por exemplo: empenhava-se para que os pais batizassem quanto antes a seus filhos recém-nascidos*" (ptTenTen)
Then, for example: commit + [Reflexive Pronoun] to that the parents baptize as before to their newborn children.
Then, for example, an effort was made so that the parents would baptize their children as soon as possible.

(6) "*Por isso, é a mais procurada pelas famílias para batizar e casar os filhos e filhas, e a mais concorrida [...] Passaram a funcionar na Igreja de N. Sra. da Conceição sete associações religiosas*." (Corpus Brasileiro, Linguateca)
For this, is the most looked-for by-the families to baptize and marry the sons and daughters, and the most competed […] Started to work at-the Church of Our Lady of Conception seven associations[…]
Because of that, it is the most look for by the families for having their sons and daughters baptized and married, and the most competed for. Seven association started to take place at the Church of Our Lady of Conception […].

In these instances, both the cause to act meaning – being '*os pais*' (the parents) and '*as famílias*' (the families) the indirect cause for the baptism of their babies and children – and the conventionalized context are present – it is conventional that the parents or those who are legally responsible for the children take them to be baptized by the priest or minister of the church. Example in (6) also implies that the families spare no effort and money in booking the best and more socially ranked church for baptising and marrying their children, indicating a conventionalized context of financial investment.

For the verb *'casar'* (marry), we found many examples (41, cf. Table 1), some of which are presented here organised bellow by a [V + Obj] type of sequence:

- *casar* + *a filha* (marry + the daughter):

(7) "*Era de bom-tom casar a filha num banquete feito pelo mesmo «trateur» da família há cem anos (...)*" (Corpus Brasileiro, Linguateca)
Was good tone marry the daughter in banquet done by+the same *«trateur»* of+the family for a hundred years (...)
It was well-seen to arrange one's daughter's marriage through a banquet done by the same *«trateur»* of the family for a hundred years (...)

(8) *"O patriarca vive na expectativa de casar a filha com um homem abastado, para resolver seus problemas financeiros."* (Corpus Brasileiro, Linguateca)
The patriarch lives in+the expectation of marrying the daughter with a man wealthy, to solve his problems financial.
The patriarch keeps expecting to have his daughter marry a wealthy man, to solve his financial problems.

casar + *o filho* (marry + the son):

(9) *"Dando prosseguimento aos planos de casar o filho com a aristocrática Branca (Bete Coelho)."* (Corpus Brasileiro, Linguateca)
Giving follow-up to+the plans of marrying the son with the aristocratic Branca (Bete Coelho).
Follow-up with your plans of having the son married to the aristocratic Branca.

(10) "*A comédia aborda um casal burguês que enfrenta dificuldades financeiras e resolve casar o filho de 27 anos com uma moça rica."* (Corpus Brasileiro, Linguateca)
The comedy portrays one couple bourgeois that faces difficulties financial and decides marry the son of 27 years with a lady rich.
The comedy portrays a bourgeois couple that faces financial difficulties and decides to have their 27-year-old son marry a rich lady.

casar + *as filhas* (marry + the daughters):

(11) *"Muitos pais casavam suas filhas pelo fio de bigode."* (ptTenTen)
Many parents married their daughters by+the strand of mustache.
Many parents used to have their daughters married by the gentleman's agreement.

casar + *os filhos* (marry + the children):

(12) *"Entre os japoneses, casar os filhos como manda o figurino significa cumprir um dever de pai."* (ptTenTen)
Among the Japanese, marry the children as says the figurine means fulfilling a duty of father.
Among the Japanese, having your children married by the book equals having fulfilled your duty as a father.

(13) "*Foi o caso do próprio Morita, que, morando no Brasil desde 1956, só se assumiu depois de casar os filhos."* (Corpus Brasileiro, Linguateca)
Was the case of+the own Morita, that, living in+the Brazil since 1956, only himself assumed after of marry the children.
It was the case of Morita himself, which, having lived in Brazil since 1956 only came out after having married his children.

casar + *a irmã* (marry + the sister):

(14) *"Para alcançar os seus objectivos, SALOMÉ planeja casar a irmã com GEORGE, o enteado de GASPAR, de modo a que MARIA INÊS possa mexer na herança.*" (ptTenTen, Corpus Portugal)
To achieve the her goals, Salomé plans marrying the sister with George, the step-son of Gaspar, of way that Maria Inês might mess with+the inheritance.
To achieve her goals, Salomé plans to have her sister marry George, Gaspar's step-son, in a way that Maria Inês might mess with the inheritance.

(15) "[...] *contou a Meneses como todos morreram; como ele se empregara na Capitania e casara a irmã com um colega, o Pedro Rocha, rapaz bom, bem-comportado* [...]." (ptTenTen)
[...] told to Meneses how everyone died; how he self employed in+the Captaincy and married the sister with a colleague, the Pedro Rocha, boy good, well-behaved [...]

He told Meneses how everyone died; how he got a job in the Captaincy and had his sister married to a colleague, Pedro Rocha, a good guy, well behaved.

(16) "*Como vimos nos episódios anteriores, Coqueiro queria mesmo era dar um jeito de casar sua irmã, Amélia, com o abastado maranhense."* (ptTenTen)
As saw in+the episodes previous, Coqueiro wanted really was give a way of marry his sister, Amélia, with the wealthy maranhese.
As we have seen in previous episodes, what Coqueiro really wanted was to find a way to have his sister, Amélia, married to the wealthy man from Maranhão.

casar + *o irmão* (marry + the brother):

(17) *"Decide, então, aproveitar o pouco tempo que lhe resta para casar seu irmão mais novo, Stephano, com a bela e sensual Annie em troca de 2.000 dólares.*" (ptTenTen)
Decides, then, utilize the little time that his remains to marry his brother more young, Stephano, with the beautiful and sexy Annie in exchange for 2000 dollars.
He decides, then, to take advantage of the little time had left to have his younger brother's, Stephano, married to the beautiful and sexy Annie in exchange for 2..000 dollars.

(18) "*Quero casar a minha irmã urgente! Não aguento mais ela chorando pelos cantos que ninguém a quer..."* (ptTenTen)
Want to marry my sister urgent! Not stand more she crying in+the corner that nobody her want...
I want to have my sister married soon! I can't stand her crying anymore, saying that nobody wants her…

(19) "*E vibramos com o falido aristocrata Gonçalo Ramirez que inerte e acomodado, casando sua irmã com um arrivista político emergente para resolver seus problemas, num inesperado ato de coragem resgata seu amor próprio e seu lugar no mundo, pelo orgulho pela sua história de família."* (ptTenTen)
And thrilled with the failed aristocrat Gonçalo Ramires that inert and accommodated, marrying his sister with an opportunist

> political emergent to solve his problems, in+an unexpected act of bravery rescues his self-love and his place in+the world, by+the pride for+the his history of family.
> And we were thrilled with the failed aristocrat Gonçalo Ramires that inert and accommodated, having married his daughter to an emergent political opportunist to solve his problems, in an unexpected act of bravery rescues his self-love and his place in the world, by the pride for his family's history.

Besides the indirect causation meaning, these instances also point to a conventional way in which the cause to act meaning is packaged as a simple causative: a context in which the participant in subject position can be construed as either legally and financially responsible for the marriage (such as the parents) or emotionally invested in the marriage (such as the parents, the sister, the brother or any other relative).

For 'estudar', the instance found (1) was the following:

> (20) *"Além de se manter no sítio, o casal consegue estudar a filha Mônica, que faz zootecnia na Universidade de Viçosa […]*" (Corpus Brasileiro, Linguateca)
> Besides of themselves keep in+the site, the couple manages study the daughter Mônica, which does zootechnics in+the Universidade de Viçosa.
> Besides providing for themselves in the countryside, the couple manages to pay for the studies of their daughter Mônica, which is majoring in Zootechnics in Universidade Federal de Viçosa.

The occurrence of the caused-action2 construction with *'estudar'* seems to be less frequent in *corpus*, since we have found only one instance. The cause to act meaning is present, since the participant in subject position (*o casal)* is construed as the (indirect) cause for the studies of the participant in object position (*a filha Mônica*) who is the one actually studying. This is packaged as a simple causative because it is a conventional way to say when parents invest, guide or support their kids through educational years. Notice that in (20), the financial investment context is present, since the excerpt means that the couple is financial able to keep their house in the countryside and to pay for their daughter's studies in other city. *'Estudar'* is also a good case for testing since our intuition as native speakers of BP informs us that it may be

more used in a caused-action2 meaning, at least in the dialect spoken in the state of Minas Gerais and its surroundings[12].

Another verb we found being used in caused-action2 meaning was *'formar'* (raise/graduate). We found 6 instances of it. It is important to say that *'formar'* has an ambiguous meaning, being used both as raise or educate and as graduate. Only the graduate meaning is compatible with the caused-action2 meaning. In the examples shown below, the first one (21) seems ambiguous between the two readings, but the graduate meaning seems much more preferable. Hence, (21) is an instance of the caused-action2 construction. In the second one (22), *'formar'* is sure being used in the meaning of raise/educate, and therefore this is not an instance of the caused-action2:

(21) "*O que falta é reconhecimento e não será uma publicação absurda e preconceituosa que ofuscará o mérito de um pai formar sua filha.*" (ptTenTen)
The what lacks is acknowledgement and not be a publication absurd and prejudiced that overshadow the merit of a father educate his daughter.
What's missing is acknowledgement and it will not be an absurd and prejudiced publication that will overshadow the merit of a father having his daugher educated/graduated.

(22) *"Era com esses princípios que o piedoso pai formava seus novos filhos, não só com palavras e doutrina, mas sobretudo de verdade e com o exemplo."* (ptTenTen)
Was with these principles that the pious father educated his new children, not only with words and doctrine, but mostly of truth and with the example.
It was with these principles that the pious father educated his new children, not only with words and doctrine, but mostly in truth and with example.

The meaning of indirect causation is present in (21) and is also a conventionalized context – it is a conventional way to say (21) when

[12] We acknowledge that there is a sociolinguistic aspect in the construction's use, however, it is not the purpose of this paper to look into it.

the father financially invested or emotionally supported his daughter's studies until graduation. Actually, graduation feels like an achievement to the whole family, especially to parents who did not get the chance to go to university themselves.

It is important to note that the usage of these verbs as simple causatives to express a complex conventionalized scenario in which an indirect causation is construed as a direct one is not new in BP. The usages illustrated so far seem to come from a time in which parents (and mostly the father) had an active saying in the marriage, the choice of university, and the religious choices of their children (and especially daughters when it comes to marriage). However, some new usages have been showing up in recent social media posts. The following examples are from Facebook and Instagram[13]:

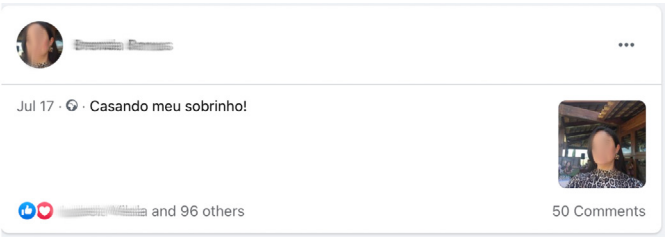
(23) Instances of *casar*: (Figures 1-7)
(a) "*quase casando meu irmão*"; "*casando meu sobrinho*"; and "*casando a amiga*" (Multiple posts from Facebook)
'Almost marrying my brother; marrying my nephew; and 'marrying the friend'
Almost having my brother married, having my nephew married, having my friend married.

Figure 1 - Instance of caused-action with *casar* 'Almost marrying my brother!! It was so beautiful!!'

Source: Facebook

[13] All posts that illustrate the analysis of this paper have open access on the internet and do not require prior authorization from their authors to be used for study purposes.

Figure 2 - Instance of caused-action with *casar* 'Marrying my nephew'

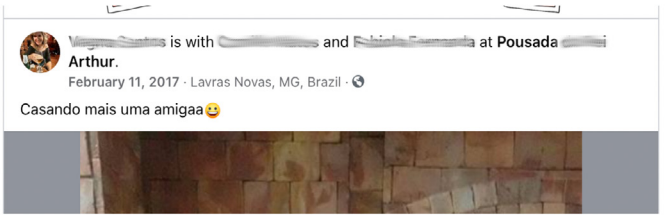


Source: Facebook

Figure 3 - Instance of caused-action with *casar* 'Marrying Carlinha and Leandro'

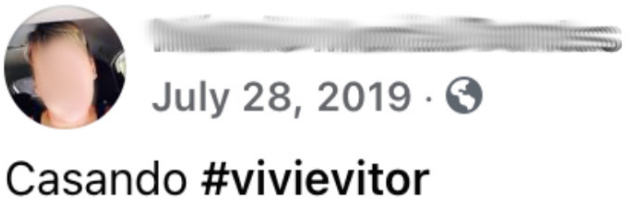
Source: Facebook

Figure 4 - Instance of caused-action with *casar* 'Marrying another friend'



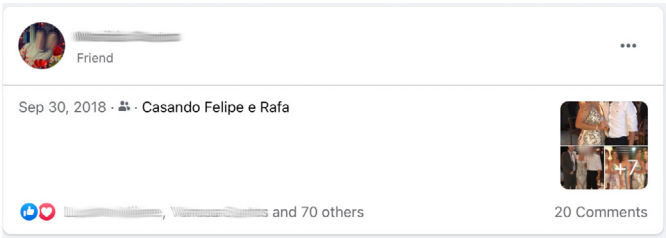
Source: Facebook

Figure 5 - Instance of caused-action with *casar* 'Marrying #viviandvitor'



Source: Facebook

Figure 6 - Instance of caused-action with *casar* 'Marrying Felipe and Rafa'



Source: Facebook

Figure 7 - Instance of caused-action with *casar*
'#Tbt of us in Cuba, marrying ____'

Source: Instagram

(24) "*#formamosalu #formandoaana # sófaltauma*" (Instagram post caption) (Figure 8)

Graduated Lu, graduated Ana, only missing one
Attending Lu's graduation, attending Ana's graduation, only missing one (friend to graduate).

Figure 8 - Instance of caused-action with *formar* (graduate) 'January has announced: this year is ours, #graduated Lu, #graduatedAna #onlymissingone'

Source: Instagram

(25) "*batizando Rita*" (Instagram post caption) (Figure 9)
Baptizing Rita.
Attending Rita's baptism.

Figure 9 - Instance of caused-action with *baptize* (batizar) 'baptizing Rita'

Source: Instagram

These examples are not restricted to written usages, as they have also been witnessed on the fly on oral communication.

It is important to notice that the caused-action2 is not lexically driven[14]. An evidence to that is the fact that verbs such as *'jantar'* (to have dinner), *'crismar'* (to be confirmed) and *'noivar'* (to engage) do not occur in caused-action2, although they are intimately related, in terms of

14 The same happens to the caused-action1 as Ciríaco (2015) and Santos, Ciríaco and Souza (2019) have shown: *cortei o cabelo* (I cut the hair) is possible, but other verbs such as *secar* (dry), and *estacionar* (park), do not instantiate it, as *sequei o cabelo*, (I dried the hair), and *estacionei o carro*, (I parked the car) for instance are not used in the relevant meaning for the construction. For *estacionar* (park), for instance, the preferred option would be to say: *deixei com o motorista* (I left it [the car] with the valet parking).

meaning and social evoked scene, to the verbs *'almoçar'*, *'batizar'* and *'casar'*, respectively. Consider the following contrasts:

(26) (a) *Almocei os meninos.*
Lunched the children.
I gave the children lunch.
(b) **jantei as crianças*
Dinnered the children.
I gave the children dinner.

(27) (a) *Eles batizaram o filho.*
They baptized the son.
They had their son baptized.
(b) **O pai crismou a filha.*
The father confirmed the daughter.
The father had his daughter confirmed.

(28) (a) *O pai casou as filhas.*
The father married the daughters.
The father had his daughters married.
(b) **O pai noivou a filha.*
The father engaged the daughter.
The father helped his daughter get engaged.

(29) (a) *O pai estudou os filhos.*
The father studied his children.
The father was able to pay for their children's studies.
(b) *O pai trabalhou o filho.
The father worked the son.
The father got his son a job.

(30) (a) *O pai formou a filha*.
The father graduated his daughter.
The father supported his daugher in graduating.
(b) **O pai doutorou a filha*.
The father PhDed the daughter.
The father supported his daughter in her PhD.

The reason why the verbs in (b) are not compatible with the caused-action2 meaning is that they do not describe conventional ways in BP. Caused-action2 is not a conventional way to frame the event of parents giving dinner to their children, and maybe because in Brazil dinner is not as important a meal to give to a child as lunch is. Caused-action2 is not a conventional way to say when somebody is confirmed, gets engaged, works or gets a PhD – these are activities which are not construed as having the need for any kind of guardianship or tutelage in BP speakers' community. Endorsing the conventionalized scenario as a constraint to the occurrence of the construction is the fact that we also did not find any instance of '*jantar*', '*crismar*' and '*noivar*' in the caused-action2 meaning in any *corpora* we searched for.

It is important to notice that there seems to be a preference for expressing a kinship relation between the participant coded in subject position and the participant coded in object position, such as parents and children or father and daughter, and so on. Nevertheless, this preference does not seem to function as a constraint, since the construction can also be used in case of friendship or acquaintance, as examples in (23)-(25) show. Caused-action2 construction also seems to cover usages associated to the different phases of life, such as the verbs baptize, graduate, and marry indicate.

Besides the implication of [cause to act] meaning and indirect causation, there is a specific constraint on what kinds of situations can be encoded by the caused-action2 construction, which is the chain of conventionalized scenarios of *legal responsibility / financial support > emotional investment > willingness to be present*. These scenarios look like different situations, but closer examination reveals that emotional investment is an extension of legal responsibility and financial support, and willingness to be present is an extension of emotional investment. Therefore, they function as one abstract semantic constraint for the caused-action construction and can be understood as a generalization to the construction to occur. Caused-action2 instances are explained in a hierarchical way by a context in which there is some kind of responsibility or investment between the participants coded in subject and object positions, be it legal, financial or emotional. In case of emotional bonds, the relation extends itself from an intimate or consanguineous bond, such as kinship, to a close friendship, an acquaintance, or even just an appearance in someone's important life event. Notice that in example (25), caused-action2 is being used in a situation in which the person using the construction (who we know) is not a close friend to the family or the baby who is being baptized - he only made an appearance to the baptism, but posted on Ig a picture with the caption "batizando Rita". This shows

that aspects such as kinship, intimacy or closeness are not requirements for the construction to occur, but a whole conventionalized scenario in which there is some kind of investment -legal, financial, emotional or willingness to make an appearance for someone - of the participant coded as subject in face of the participant coded as object.

4.2 Form (Syntax)

Accordingly to Goldberg (2019), the formal properties of constructions correspond to the number and type of complements involved. She lays emphasis on the fact that although grammatical relations and syntactic categories are mostly taken for granted in Linguistics, there is no easy way to identify them beyond their prototypical semantic function. Moreover, both types of categories must be learned from the input on the basis of their associated meanings. Hence, it is important to acknowledge the relevance of the association between form and meaning to the representation of the construction, not the form or function in isolation.

That being said, the caused-action2 is a two slot construction which inherits its form from the transitive[15] construction, being represented as [$Subj_1$ V Obj_2]. We take Goldberg's suggestion of noting the formal aspects of constructions as grammatical relations (Subj and Obj) instead of syntactic categories because, as she points out, in relational terms a word can be a NP but not an object - consider the example provided by her: "he called them fools", which is a pseudo-instance of the double-object construction and has a second NP, 'fools', which is not a second object.

[15] It is not the goal of this paper to discuss the relation to the transitive construction further, but one thing can be noted: it looks like there is some kind of metaphorical extension relating the subjects' functions in causative constructions, which extend from a prototypical agent to a direct cause and then to types of indirect causation. In "I hammered the metal", the participant in subject position is a prototypical agent; in "I opened the garage", the participant in subject position could have opened it by hand, but usually the construction is used to mean that I used a remote control to open it for me. For BP, in the translation of "I cut my hair", the participant in subject position usually went to a salon and asked someone to do it. Finally in BP, "I married my friend" can mean that the participant in the subject position went to the ceremony and invested him/herself emotionally.

4.3 Pattern Representation

Since meaning and form have been discussed, we suggest the following representation for the Caused-Action2 construction:

(31) **Caused-Action2 Construction** (*o pai casou a filha*)

SYNTACTIC FORM:
[$Subj_1$ V Obj_2]

SEMANTIC FUNCTION:
Meaning: X_1 CAUSE Y_2 to DO something

Conventionalized scenario: investment of the participant coded as subject in face of the participant coded as object according to the following cline: legal responsibility / financial support > emotional investment > willingness to be present

MEANS: X is invested in the event.
RESULT: Y accomplishes something.

5 Conclusions

This paper investigated the functional aspects of the caused-action2 construction in BP through a *corpora* based analysis. Real usage instances of the construction were examined in order to capture the semantic subtleties of its meaning. It was shown that the caused-action2 construction is not lexically driven, but constrained by a highly specific conventional scenario - that of investment, be it material or metaphorical, following an extension hierarchy which can be depicted as: legal responsibility/financial support > emotional investment > willingness to be present. Hence, caused-action2 construction is a conventional way in BP to frame an event as a simple causation when there is some kind of responsibility or investment of the participant coded in subject position in relation to the event performed by the participant in object position. As for its syntax, it was shown that caused-action2 is a two-slot construction which inherits its form from the transitive construction, that is, [$Subj_1$ V Obj_2]. The construction representation associates the caused-action2 meaning to the transitive form.

In further work, we aim at experimentally checking some instances of the construction with native speakers of BP by running an

acceptability judgement task to investigate how natural those instances are and what are their possible meaning extensions when combined with other semantically related verbs. Another idea is to check the production and comprehension costs of caused-action2 in comparison to caused-action1 and plain transitive constructions in order to find out the role of conventionalized scenarios and functional aspects in the processing of argument structure constructions.

Acknowledgements

LSC would like to express her sincere gratitude to have been working with Adele Goldberg on issues discussed here. We are also grateful to two anonymous reviewers for their comments on an earlier draft of this paper. We acknowledge support from CNPq grant 425683/2018-4 Chamada Universal MCTIC/CNPq Nº 28/2018.

Authorship statement

Larissa S. Ciríaco analyzed the data and wrote the paper.

Thaís M. M. De Sá e Clarice F. Dos Santos collected the data and revised the paper.

References

BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage-based Models of Language*. Stanford: CA Center for the Study of Language and Information, 2000.

BERBER, S, T.; MOREIRA FILHO, J. L.; ALAMBERT, E. O Corpus Brasileiro. *In*: 13o Congresso Brasileiro De Língua Portuguesa e 4o Congresso Internacional De Lusofonia, São Paulo, 2010. *Anais*... São Paulo: PUCSP, 2010.

BITTENCOURT, V. de O. Causativas lexicais no português do Brasil: perfil morfossintático, semântico e funcional-discursivo. *In*: DECAT, M. B. N. *et al*. *Aspectos da Gramática do Português:* uma abordagem funcionalista. Campinas: Mercado de Letras. 2001. p. 167-232.

BOAS, H. C. Coercion and leaking argument structures in Construction Grammar. *Linguistics,* v. 49, n. 6, p. 1271–1303, 2011. DOI 10.1515/LING.2011.036

BYBEE, J. L.; HOPPER, P. (eds.). *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

CIRÍACO, L. A construção transitiva no PB: associando a gramática de construções à decomposição semântica de predicados. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, 58 (2): 401-416, 2014. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-5794-1405-6.

CIRÍACO, L. *A hipótese do contínuo entre o léxico e a gramática e as construções incoativa, medial e passiva do PB*. 226 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

CIRÍACO, L. A construção transitiva de sujeito agente-beneficiário no português brasileiro. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, p. 83-98, 2015. DOI: 10.17851/2238-3824.19.2.83-98

CIRÍACO, L. A família de construções ergativas no português. *Percursos Linguísticos*, Vitória, v. 7, n. 14, p. 421-435, 2017.

COMRIE, B. Form and Function in Identifying Cases. *In*: PLANK, F. (ed.). *Paradigms:* The Economy of Inflection. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991. p. 41-56.

COSTA, L.; SANTOS, D.; CARDOSO, N. Perspectivas sobre a Linguateca. *Actas do Encontro Linguateca: 10 anos.* Oslo, União Europeia, 2008.

GOLDBERG, A. *Constructions:* A construction grammar approach to argument structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work:* the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. *Explain me this:* creativity, competition and the partial productivity of constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019.

JACKENDOFF, R. *The Architecture of the Language Faculty*. Cambridge: MIT Press, 1997.

JAKUBÍČEK, M.; KILGARRIFF, A.; KOVÁŘ, V.; RYCHLÝ, P; SUCHOMEL, V. *The TenTen Corpus Family*. In *7th International Corpus Linguistics Conference CL 2013 Lancaster, p. 125-127, 2013.*

KEMMER, S. New dimensions of dimensions: Frequency, productivity, domains and coercion. *In*: *MEETING OF COGNITIVE LINGUISTICS BETWEEN UNIVERSALITY AND VARIATION*, 2008, Dubrovnik., 2008.

KEMMER, S.; BARLOW, M. Introduction. *In*: BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage-based models of grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 1-13.

KILGARRIFF, A.; JAKUBÍČEK, M; POMIKALEK, J.; SARDINHA, T.; WHITELOCK, P. PtTenTen: A corpus for Portuguese lexicography. *In*: SARDINHA, T .B.; FERREIRA, T. (eds.). *Working with Portuguese corpora*. New York: Bloomsbury Publishing, 2014. p. 111-30.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar:* Volume 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar:* Volume 2. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar:* a basic introduction. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MILANIO, G. A. Q. *As causativas sintéticas do português brasileiro de acordo com o modelo minimalista.* 2014. 92 f. Tese (Doutorado em Linguística)– Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

RAPPAPORT-HOVAV, M.; LEVIN, B. Reflections on Manner/Result Complementarity. *In*: E. DORON, E.; RAPPAPORT-HOVAV, M. R.; SICHEL, I. (eds.). *Syntax, Lexical Semantics, and Event Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 21-38.

RASO, T.; MELLO, H. *O Corpus C-oral-brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SANTOS, C.; CIRÍACO, L.; SOUZA, R. The Caused-Action Construction in Brazilian Portuguese-(BrP) and its Effects on the Comprehension and Production of BrP English Bilinguals Speakers. *Diacrítica*, Minho, v. 33, n. 2, p. 216-228, 2019. DOI: doi.org/10.21814/diacritica.410

SANTOS, C.; SOUZA, R.; CIRÍACO, L. When knowing a grammar rule makes l2 users non- native-like. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, v. 72, n. 3, p. 359-374, 2019. DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8026.2019v72n3p359.

SHIBATANI, M. Causativization. *In*: SHIBATANI, M. (ed.). *Syntax and Semantics*. Vol. 5. New York: Academic Press, 1976. p. 239-294.

SHIBATANI, M. (ed.). *The grammar of causation and interpersonal manipulation*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2000.

SILVA, Y. R. B. *As Causativas Sintéticas no Português do Brasil:* Novas Evidências a Favor da Estrutura Bipartida do VP. 2009. 134f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 962-996, 2022

A Colocação Pronominal no Português Brasileiro de Nova Iguaçu: o que os dados empíricos revelam da comparação entre fala e escrita?

Pronominal Placement in the Brazilian Portuguese of Nova Iguaçu: What Does the Empirical Data Reveal From the Comparison Between Speech and Writing?

Ana Luísa Theza Martins
Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil
luisa.tmtm@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-3868-9360

Juliana Barbosa de Segadas Vianna
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ), Nova Iguaçu, Rio de Janeiro / Brasil
julianasegadas@gmail.com
http://orcid.org/0000-0002-0146-8719

Resumo: Nesta pesquisa, investiga-se o fenômeno variável da posição dos clíticos pronominais, em lexias simples, a partir de amostras de fala e escrita coletadas na cidade de Nova Iguaçu (RJ). Adotando o referencial teórico da Sociolinguística Variacionista, pretende-se determinar os fatores sociais e linguísticos que condicionam o uso da próclise em detrimento do uso da ênclise nas modalidades oral e escrita da língua, além de reconhecer quais são os elementos proclisadores tradicionais e não tradicionais mais frequentes junto ao uso da próclise. De acordo com a análise de dados, foi possível trazer as seguintes afirmações: (a) a próclise mostrou-se mais produtiva que a ênclise, principalmente em língua oral; (b) o grupo de fator *tipo de elemento proclisador* foi o grupo que mais influenciou a colocação pronominal nas duas modalidades da língua (oral e escrita); (c) o grupo de fator *escolaridade do falante,* apesar de não ter sido controlado em língua escrita, também mostrou-se relevante para a colocação pronominal; e (d) alguns outros fatores linguísticos mostraram-se relevantes, no entanto, de forma divergente nos dados de fala e escrita, mostrando que suas influências dependem do contexto linguístico em questão.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.962-996

Palavras-chave: colocação pronominal; clíticos; variação linguística; Nova Iguaçu.

Abstract: This research investigates the variable phenomenon of pronoun clitic position in simple lexemes, based on speech and writing samples collected in Nova Iguaçu (RJ). Adopting the theoretical framework of Variationist Sociolinguistics, we intend to determine the social and linguistic factors that trigger the use of proclisis over the use of ênclisis in oral and written forms of language, as well as to recognize which are the most frequent traditional and non-traditional proclisive elements together with the use of proclisis. According to the data analysis, it was possible to bring out the following statements: (a) proclisis proved to be more productive than ênclise, especially in oral language; (b) the proclising element type factor group was the group that most influenced pronominal collocation in both language modalities (oral and written); (c) the speaker's schooling factor group, although it did not control in written language, was also shown to be relevant for pronominal placement; and (d) some other linguistic factors were shown to be relevant, however, divergently in the spoken and written data, showing that their influences depend on the linguistic context in question.

Keywords: pronominal collocation; clitic; linguistic variation; Nova Iguaçu.

Recebido em 01 de setembro de 2021

Aceito em 12 de novembro de 2021

1 Introdução

No que tange ao tema da colocação pronominal, a escolha dos falantes pela posição dos clíticos apresenta grandes divergências quando observamos o fenômeno linguístico no português europeu (PE) e no português brasileiro (PB). O português europeu possui tendência maior ao uso dos pronomes átonos em posição enclítica (pós-verbal); enquanto o português brasileiro possui clara tendência ao uso dos pronomes átonos em próclise (antes do verbo), principalmente na língua oral, em que o uso proclítico se mostra, na maioria dos casos, semicategórico (LABOV, 2003).

Na literatura sobre colocação pronominal, há trabalhos de referência, como o de Vieira (2002), intitulado *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português*; e o de Biazolli (2016), intitulado *Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma*. Veja-se as principais conclusões a que chegam as autoras.

Vieira (2002, p. 67-68) investigou, em sua pesquisa, duas questões principais: "o que constitui, efetivamente a norma objetiva da ordem dos clíticos em PB, PE e PM, nas modalidades oral e escrita" e "quais parâmetros de base acústica que efetivamente atuam no condicionamento da ordem dos clíticos em português". De forma mais geral, a autora objetivou, através de análise sociolinguística, "determinar os condicionamentos mais especificamente morfossintáticos – e no plano prosódico – que possibilitará aquilatar a influência que elementos de natureza rítmica e entonacional imprimem à variação na ordem dos clíticos" (VIEIRA, 2002, p. 68).

Para tal fim, Vieira (2002) utilizou *corpus* constituído por registros de língua oral e escrita, com lexias verbais simples e complexas. Seu *corpus* de língua oral foi composto por 63 entrevistas em português europeu, realizadas na década de 70; por 38 entrevistas em português moçambicano, realizadas na década de 90; e por 45 entrevistas em português brasileiro, realizadas na década de 70. Seu *corpus* de língua escrita foi composto por textos extraídos de revistas e/ou jornais de grande circulação no Brasil, em Portugal e em Moçambique; mais especificamente, foram utilizados 90 textos, 15 editoriais e 15 crônicas para cada variedade do português investigada.

Em sua análise, de modo geral, a autora encontrou os seguintes resultados para os dados de lexias verbais simples[1]: (a) O Português Europeu apresentou condicionamento sistemático quanto à ordem dos clíticos, restringido a elementos de natureza estrutural, tanto em língua oral quanto em língua escrita. Apesar de os resultados apresentarem equilíbrio no uso das duas variantes (próclise e ênclise), a análise mostrou que o equilíbrio ocorre devido à alta produtividade de próclise em contextos de presença de elemento subordinativo, atrator tradicional do uso proclítico; sendo assim, extinguindo-se tais contextos, a ênclise mostrou-se a variante mais comum no PE. O grupo de fatores mais relevante, nessa modalidade da língua, foi o grupo *presença de operador de próclise na oração*. (b) No Português Moçambicano, a produtividade de ênclise mostrou-se expressiva, acontecendo, inclusive, em contextos nos quais se espera o uso de próclise (em presença de atratores). Sendo assim, a pesquisa concluiu que o PM tende a utilizar a ênclise de forma generalizada. (c) No Português Brasileiro, diferentemente do PE e do PM, os resultados apresentaram particularidades na seleção dos grupos de fatores relevantes para análise em língua oral e em língua escrita;

[1] Optou-se por não comentar sobre os resultados de lexias verbais complexas, visto que elas não serão analisadas neste trabalho.

indicando, segundo a autora, que a norma aprendida na escola é muito diferente da norma naturalmente adquirida e utilizada com maior frequência na fala. Na modalidade oral, os dados indicam que, de modo geral, a próclise é a ordem não-marcada; sendo condicionada pelos grupos de fatores *tipo de clítico* e *faixa etária*. Na modalidade escrita, o grupo de fatores mais relevante para o condicionamento do fenômeno foi o grupo *presença de operador de próclise na oração*; que, segundo a pesquisadora, foi, nesse caso, influenciado pela adoção de um modelo "importado" para a escrita da imprensa brasileira.

O estudo de Biazolli (2016) teve, como principais objetivos, analisar os fatores internos possivelmente responsáveis pela alternância das variantes (próclise e ênclise); verificar se as características situacionais dos gêneros jornalísticos (*entrevistas na TV, noticiários de TV, carta do leitor e editorial*) observados influenciam nas formas de realização da colocação pronominal; e, por fim, fazer considerações sobre as normas linguísticas do PE e do PB, a fim de analisar as normas prescritivas vigentes e o uso real dos pronomes clíticos. Segundo a autora, em hipótese, esperava-se que as diferenças no falar e no escrever fossem discretas no português europeu e consideravelmente distintas no português brasileiro.

Para realizar seu estudo, Biazolli (2016) utilizou um *corpus* constituído por registros de língua oral (*entrevistas da TV e noticiários de TV*) e língua escrita (*carta do leitor e editorial*), com lexias verbais simples e complexas. O *corpus* brasileiro de língua oral foi composto por transcrições de, aproximadamente, quatro horas e meia do *Programa do Jô* (relativo às entrevistas), e por transcrição do mesmo total aproximado de horas do telejornal *Jornal Nacional* (relativo aos noticiários). O *corpus* oral do PE foi composto por transcrição de, aproximadamente, quatro horas do programa de entrevistas *Herman* e seis horas do noticiário televisivo *Jornal da Noite*. Os registros de língua escrita (*carta do leitor e editoriais*) foram retirados dos seguintes jornais: *Público*, produzido em Lisboa e de grande circulação em Portugal, e *O Estado de S. Paulo*, produzido em São Paulo e de grande circulação no Brasil.

Em seus resultados para lexias verbais simples[2], Biazolli (2016) encontrou respostas parecidas com as de Vieira (2002). Os dados de PE mostraram condicionamento relacionado a aspectos de natureza estrutural. O uso enclítico foi a opção preferida pelos falantes em todos os gêneros discursivos analisados, exceto em casos de presença de atrator de próclise. O grupo de fatores *tipo de elemento proclisador* foi considerado o mais relevante para o fenômeno, em todas as amostras de

[2] Assim como na menção ao trabalho de Vieira (2002), optou-se por não comentar sobre os resultados das lexias verbais complexas, visto que elas não foram analisadas na presente pesquisa.

PE analisadas. Por sua vez, os dados de PB apresentaram comportamento diferenciado na seleção dos grupos de fatores apontados como relevantes, a depender do gênero discursivo sob análise. De modo geral, observou-se predominância do uso de próclise, principalmente nas entrevistas e noticiários de TV (amostras de língua oral), com exceção dos casos de início absoluto de frase presentes nas cartas de leitores e nos editoriais (amostras de língua escrita).

Sendo assim, com base nos estudos mencionados de Biazolli (2016) e de Vieira (2002), e utilizando os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística quantitativa de base laboviana (WLH, 1968; LABOV, 1972, 1994, 2001, 2003), o objetivo desse trabalho é analisar o fenômeno variável da colocação dos clíticos pronominais, em lexias simples, a partir de amostras de fala e escrita coletadas no município de Nova Iguaçu (RJ). A partir dessa análise, pretende-se determinar quais fatores sociais e linguísticos condicionam a escolha do uso proclítico em detrimento do uso enclítico nas modalidades oral e escrita da língua, além de reconhecer quais são os atratores formais e informais mais frequentes no uso da próclise.

2 Pressupostos teóricos e metodológicos

Partindo dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança linguísticas (LABOV, 1972; 1994; 2001; 2003; WEINREICH; HERZOG; LABOV, 1968), a pesquisa se assenta na premissa da heterogeneidade ordenada, que pressupõe a ação de condicionamentos linguísticos e sociais sobre o fenômeno variável, ora impulsionando uma ou outra forma alternante.

Assim, os dados linguísticos foram codificados de acordo com fatores linguísticos testados em investigações anteriores que analisaram o fenômeno, em especial os trabalhos de Biazolli (2010; 2016). Entre as restrições linguísticas controladas, é possível separar em 3 grupos:

(1) Variáveis relacionadas ao clítico: (a) tipo do clítico (*me, nos, te, vos, o(s)/a(s), lhe(s), se*); (b) função sintático-semântica (*argumental, não argumental, inerência, reflexividade, apassivação, indeterminação*);

(2) Variáveis relacionadas ao elemento proclisador: (c) tipo de elemento (*SN sujeito, SPrep, partícula/sintagma de negação, advérbio canônico, advérbio não canônico, hesitações/truncamentos, preposição, conjunção coordenativa, elemento subordinativo*); (d) distanciamento entre elemento proclisador e o grupo cl-V ou V-cl (*adjacente, não adjacente*)

(3) Variável relacionada ao verbo: (e) forma verbal do hospedeiro (*tempos do indicativo, futuros do indicativo, tempos do subjuntivo, imperativo, infinitivo, gerúndio*)

Com relação às restrições sociais, foram controladas as variáveis que estratificavam a amostra de fala, proveniente do Projeto "Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística"[3] (VIANNA, 2019), a saber: sexo/gênero (*feminino e masculino*); faixa etária (*18 a 35 anos, 36 a 55 anos, e 56 a 75 anos*) e escolaridade (*ensino fundamental e ensino superior*). Dessa forma, utilizaram-se 12 entrevistas sociolinguísticas do tipo documentador-informante, como ilustrado no quadro 1.

Quadro 1 - Entrevistas utilizadas de acordo com a estratificação da amostra de fala

Escolaridade Faixa etária	Ensino Fundamental	Ensino Superior
18-35 anos	♀ ♂	♀ ♂
36-55 anos	♀ ♂	♀ ♂
56-75 anos	♀ ♂	♀ ♂

Fonte: elaboração própria

O quadro 2 apresenta as informações detalhadas de cada entrevista utilizada (além das informações de estratificação): sigla identificadora, código, ano de realização e duração da gravação.

[3] O Projeto "Nova Iguaçu sob o viés da Sociolinguística" foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – CEP/UFRRJ, sendo aprovado em 2016 (Processo nº 23083.003982/2016-90). Como exigência da CEP/UFRRJ, incluiu-se, entre os instrumentos de controle do banco de dados, o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), que acompanha o material coletado de cada informante. O TCLE pode ser definido como um documento no qual são apresentados os interesses gerais do projeto de pesquisa: "organizar um banco de entrevistas gravadas com pessoas nativas de Nova Iguaçu, de 18 a 75 anos, a partir do qual poderão ser feitas pesquisas em diversas áreas". Nele, também se incluem informações sobre os direitos dos informantes, no que se refere à proteção de sua privacidade e de dados pessoais pelo grupo de pesquisa; riscos mínimos a que se fica exposto durante a coleta da entrevista; bem como a possibilidade de desistir da participação em qualquer momento que desejar.

Quadro 2 - Detalhamento das entrevistas utilizadas

Identificador	Sigla/ Nome	Sexo	Grupo etário	Escolaridade	Códigos	Ano	Duração
Inf.1	M.C.	Feminino	Jovem	Fundamental	M1A	2015	36’34’’
Inf.2	W.O.	Masculino	Jovem	Fundamental	H1A	2017	36’55’’
Inf.3	K.C.	Feminino	Jovem	Superior	M3A	2015	53’00’’
Inf.4	J.F.	Masculino	Jovem	Superior	H3A	2015	59’23’’
Inf.5	J.S.	Feminino	Adulto	Fundamental	M1B	2015	41’41’’
Inf.6	J.A.	Masculino	Adulto	Fundamental	H1B	2015	40’13’’
Inf.7	E.M.	Feminino	Adulto	Superior	M3B	2017	36’43’’
Inf.8	R.F.	Masculino	Adulto	Superior	H3B	2016	37’11’’
Inf.9	A.C.	Feminino	Idoso	Fundamental	M1C	2015	39’54’’
Inf.10	M.L.	Masculino	Idoso	Fundamental	H1C	2016	37’11’’
Inf.11	M.L.T.	Feminino	Idoso	Superior	M3C	2015	43’53’’
Inf.12	H.L.I.	Masculino	Idoso	Superior	H3C	2017	36’38’’

Fonte: elaboração própria

Por sua vez, a amostra de língua escrita é composta por 10 artigos de opinião retirados do “Jornal de Hoje”[4], jornal de grande circulação na Baixada Fluminense. No caso dessa amostra representativa da escrita, não foi possível controlar as variáveis sociais, à semelhança do que foi feito para a fala. Por falta de informações detalhadas na amostra, sabe-se apenas que todos os artigos foram escritos por homens altamente escolarizados. O quadro 3 apresenta as informações detalhadas de cada artigo de opinião, incluindo título, autor, ano de publicação e fonte (link de localização).

[4] Apesar de esses artigos não serem escritos por moradores nativos de Nova Iguaçu, a escolha por eles deveu-se ao fato de que este (*Jornal de Hoje*) é um jornal de influência na região da Baixada e, consequentemente, na cidade de Nova Iguaçu. É sabido que os indivíduos são influenciados pelo contexto social em que vivem e, com a língua, isso não seria diferente. Sendo assim, a linguagem presente nesse jornal influenciaria o conhecimento linguístico dos falantes, além de representar a norma escrita que circula em Nova Iguaçu.

Quadro 3 - Detalhamento dos artigos de opinião utilizados

Título	Autor	Data de Publicação	Fonte
Supremo: sempre que apertado pelas forças corruptas, espana.	Luiz Flávio Gomes	24/10/2017	http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63873
Congresso de piratas.	Jorge Pontes	01/11/2017	http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64719
O mendigo disse: "Não tenha vergonha de olhar para mim".	Juan José Millás	31/10/2017	http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64578
Para dar maior conteúdo à vida.	Carlos B. González Pecotche	30/10/2017	http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64436
PSDB adolescente aos trinta anos.	Pedro Luiz Rodrigues	31/10/2017	http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64581
DILIGÊNCIA: qualidade altamente valiosa.	Carlos B. González Pecotche	25/10/2017	http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64006
O labirinto de nossos erros.	Cristovam Buarque	24/10/2017	http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63870
A educação no fundo do poço!	Nelson Valente	20/10/2017	http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63577
O Tráfico de animais.	Vinicius Cordeiro e Bruna Franco	26/10/2017	http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=64143
Vida, alegria e mundo próprio.	Carlos B. González Pecotche	19/10/2017	http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=63423

Fonte: elaboração própria

Os dados linguísticos foram submetidos ao programa computacional *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para controle dos percentuais e cálculo do peso relativo.

3 Descrição dos resultados

Nesta seção, serão apresentados os resultados da análise quantitativa nas amostras de fala e escrita representativas de Nova Iguaçu. Vale ressaltar que as variantes consideradas em competição foram a próclise e a ênclise, visto que não houve a ocorrência de mesóclise nas amostras analisadas. Assim, obtiveram-se os seguintes resultados para a fala (tabela 1) e para a escrita (tabela 2):

Tabela 1 - Colocação pronominal na Fala

Fatores	Aplicação/Total	%
Próclise	272/285	95
Ênclise	13/285	4

Fonte: elaboração própria

Tabela 2 - Colocação pronominal na Escrita

Fatores	Aplicação/Total	%
Próclise	70/97	73
Ênclise	27/97	27

Fonte: elaboração própria

A frequência geral indicou, nos dois casos, uma maior inclinação dos indivíduos para o uso da próclise. A porcentagem maior apareceu no caso da língua oral, que teve 95% de ocorrência de próclise em detrimento da ênclise, o que caracterizaria uma regra semicategórica (95-99%), nos termos de Labov (2003). Por outro lado, a variação mostrou-se mais relevante no caso da língua escrita, com 72% de uso proclítico e 27% de ênclise. Todavia, ainda que a produtividade da próclise seja mais contida na escrita, tal resultado vai de encontro ao que defendem as gramáticas normativas, para as quais o uso enclítico seria não-marcado e, portanto, mais produtivo (BECHARA, 2015; CUNHA; CINTRA, 2008).

Em ordem de importância decrescente, obtivemos os seguintes resultados no que se refere à atuação dos grupos de fatores linguísticos e sociais, controlados nas amostras de fala (quadro 4) e de escrita (quadro 5), sobre o fenômeno da colocação pronominal.

Quadro 4 - Grupos de Fatores selecionados para a Fala

1º	Tipo de elemento proclisador
2º	Escolaridade
3º	Tipo de clítico
4º	Distância entre o grupo (proclisador) antecedente e o grupo verbal
5º	Função do clítico

Fonte: elaboração própria

Quadro 5 - Grupos de Fatores selecionados para a Escrita

1º	Tipo de elemento proclisador
2º	Forma verbal do hospedeiro

Fonte: elaboração própria

Como observado nos quadros 4 e 5, o grupo de fatores t*ipo de elemento proclisador* mostrou-se como o mais relevante tanto nas entrevistas orais quanto nos artigos de opinião. Em sentido oposto, o grupo de fatores referente à *forma verbal do hospedeiro* mostrou-se relevante apenas nos dados de escrita, sendo indiferente para a língua oral; ao passo que restrições relativas à *escolaridade do informante*, ao *tipo de clítico* e sua *função sintática* e à *distância entre grupo antecedente* e *grupo verbal* foram significativos apenas para a língua oral, não sendo selecionados na escrita. Em síntese, observamos que a maioria dos grupos de fatores foi significativa na análise de língua oral, diferentemente da análise de língua escrita, que apresentou somente dois grupos significativos.

A seguir, serão apresentados separadamente os resultados relativos à análise das entrevistas orais[5] (dados de fala) e, posteriormente, os resultados que foram encontrados nos artigos de opinião (dados de escrita). Cabe destacar, ainda, que o fator de aplicação é a *próclise*, e a leitura das tabelas deve assumir essa perspectiva.

3.1 Dados de fala

3.1.1 Escolaridade do falante

O grupo de fatores relativo à escolaridade do falante foi a única variável extralinguística apontada pelo programa *Goldvarb X* como sendo significativa para o fenômeno.

Os exemplos que seguem ilustram as ocorrências de próclise e ênclise encontradas na amostra de fala, para os dois níveis controlados de escolaridade: ensino fundamental e ensino superior. A tabela 3, na sequência, apresenta a produtividade da próclise e o peso relativo.

[5] Primeiramente serão apresentados os resultados dos grupos de fatores sociais e, na sequência, os grupos de fatores linguísticos.

1. Ensino Fundamental
   a) Ênclise: "... não culpá-**lo** pelo que tá acontecendo..." (H1B, dado 17)
   b) Próclise: "aí agora você **me** pegou..." (H1A, dado 07)

2. Ensino Superior

   a) Ênclise: "a escola tornou-**se** uma extensão do lar..." (H3C, dado 123)
   b) Próclise: "eu não sei **te** informar com exatidão..." (H3A, dado 64)

Tabela 3 – Frequências e pesos relativos registrados para a variável escolaridade

Fatores	Aplicação/total	%	PR
Ensino Fundamental	122/123	99	0,77
Ensino Superior	150/162	92	0,27

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise

De acordo com a tabela 3, é possível verificar que a próclise é a estratégia de colocação mais produtiva nos dois níveis de escolarização controlados: 99% entre informantes com Ensino Fundamental e 92% entre informantes com Ensino Superior. Todavia, a observação do peso relativo indica que o favorecimento da próclise acontece de fato entre os indivíduos com menor escolaridade (PR0,77), entre os indivíduos com maior escolarização há o desfavorecimento (PR0,27). Esse resultado parece revelar que é por meio do ensino formal que a ênclise ainda se mantém no português brasileiro. Quanto mais escolarizado o falante, maior a tendência de que este retenha, mesmo na fala, algumas regras de colocação que ratifiquem a ênclise.

Por outro lado, entre falantes de menor escolarização, parece ocorrer uma tendência de generalização da próclise. Em 123 ocorrências de pronome clítico produzidas por indivíduos com ensino fundamental, o uso da próclise ocorreu quase que em sua totalidade, apresentando apenas uma ocorrência de uso enclítico: "...não culpá-**lo** pelo que tá acontecendo..." (H1B, dado 17). Esse uso, curiosamente, é equivocado de acordo com as regras da gramática normativa, pois, a presença de partícula de negação licenciaria a próclise. Dessa forma, fica claro se tratar de um caso de hipercorreção, em que o falante tenta se adequar às regras do padrão culto que, em geral, prescreve a ênclise.

No caso dos informantes com nível superior de escolaridade, houve uma ocorrência maior de uso da ênclise na fala, com 12 casos (8% do total). Em um contexto no qual o uso de próclise é quase

categórico, esse número de casos indica que indivíduos com nível superior utilizam bem mais a ênclise que indivíduos menos escolarizados.

3.1.2 Tipo de elemento proclisador

Segundo as gramáticas normativas, a posição oficial dos pronomes átonos é naturalmente enclítica, ou seja, após o verbo (BECHARA, 2015; CUNHA; CINTRA, 2008). No entanto, alguns elementos linguísticos são considerados atratores desses pronomes, posicionando-os à frente do verbo, em posição proclítica. Nesta pesquisa, consideramos nove tipos de elementos proclisadores: (1) sintagma nominal de sujeito; (2) sintagma preposicionado; (3) sintagma de negação; (4) advérbio canônico; (5) advérbio não canônico; (6) hesitações/truncamentos; (7) preposição; (8) conjunção coordenativa; (9) elemento subordinativo, além das ocorrências em contexto de ausência de elemento. Os exemplos abaixo ilustram as ocorrências de próclise e ênclise localizadas na amostra de entrevistas e, para os casos em que não houve ocorrências, foram utilizados exemplos criados.

1. SN de Sujeito

a) Ênclise: "...a escola tornou-**se** uma extensão do lar..." (H3C, dado 123)
b) Próclise: "lazer é pros nossos filhos **se** locomover, brincar..." (H1C, dado 57)

2. Sintagma Preposicionado

a) Ênclise: "Em princípio, contra as suas lágrimas revoltei-**me**".**[6]
b) Próclise: "Perante o momento de aflição, se sentiu impotente.".**

3. Sintagma de Negação

a) Ênclise: "não culpá-**lo** pelo que tá acontecendo..." (H1B, dado 17)
b) Próclise: "não **se** encontra 100% disponível..." (H1B, dado 13)

[6] Para alguns fatores controlados do grupo *tipo de elemento proclisador* não se verificou variação próclise/ênclise em nossa amostra de fala, possivelmente porque foram usadas só 12 entrevistas. Em função disso, optamos por utilizar exemplos fictícios para exemplificar tais ocorrências. Todos os exemplos fictícios estão identificados usando-se o símbolo de dois asteriscos (**).

4. Advérbio Canônico

a) Ênclise: "Ontem entreguei-**lhe** o convite da festa".**
b) Próclise: "parece que o amor hoje **se** tornou cafona..." (H1B, dado 18)

5. Advérbio não canônico

a) Ênclise: "Infelizmente, percebe-**se** que a vida é injusta".**
b) Próclise: "...pessoas que poderão realmente **nos** representar?" (M3C, dado 280) [7]

6. Hesitações/truncamentos

a) Ênclise: "Antigamente os casamentos duravam mais... eh... valorizava-se mais a família...".**
b) Próclise: "mas sim... eh... **se** habituar mediante ali aquela situação" (H1B, dado 12)

7. Preposição

a) Ênclise: "É preciso curtir a vida, para desfrutá-**la** completamente".**
b) Próclise: "eu tava lá na frente e ele não tava lá pra **me** ver..." (M1B, dado 211)

8. Conjunção coordenativa

a)Ênclise: "então... como profissional... né... faz-**se** necessário..." (H3A, dado 90)
b) Próclise: "...mas quem **se** ferra mais é quem tá no salário mínimo..." (H1B, dado 25)

9. Elemento subordinativo

a) Ênclise: "Esse trabalho é o que tinha-**se** planejado para a prova".**
b) Próclise: "tenho que **me** pronunciar melhor..." (M3A, dado 247)

[7] Única ocorrência no *corpus*.

10. Ausência de elemento proclisador[8]
    a) Ênclise: "...como a gente acompanha isso tudo? É estudando... é capacitando-**se**" (H3A, dado 66)
    b) Próclise: "(...) o certo mesmo é a pessoa ir em uma pensão **se** alimentar direito..." (H1A, dado 08)

Veja-se, na tabela 4, a produtividade do uso de próclise e ênclise em relação a cada tipo de elemento proclisador.

Tabela 4 – Colocação pronominal em relação ao tipo de elemento proclisador

Elemento proclisador	Próclise	Ênclise
SN Sujeito	97/98 98%	1/98 1%
Sintagma Preposicionado*[9]	-	-
Sintagma de Negação	30/31 96%	1/31 3%
Advérbio Canônico	28/28 100%	-
Advérbio não Canônico	1/1 100%	-
Hesitações/Truncamentos	4/4 100%	-
Preposição	29/29 100%	-
Conjunção Coordenativa	5/8 62%	3/8 37%
Elemento Subordinativo	54/54 100%	-
Ausência de elemento		

Fonte: elaboração própria

[8] Biazolli (2016), em suas análises, considerou como ausência de elemento proclisador apenas os casos de início absoluto de frase, já que não limitou a distância possível do elemento proclisador para o verbo hospedeiro do clítico. Na presente investigação, optou-se por considerar uma distância máxima entre elemento proclisador e verbo hospedeiro de até 6 sílabas; sendo assim, outros contextos de ausência de elemento proclisador foram considerados, além dos inícios de período.

[9] Considerando que a pesquisa testou os mesmos grupos de fatores controlados em Biazolli (2016), optou-se por identificar todos eles nas tabelas de produtividade, ainda que não se tenha localizado ocorrência de clítico na amostra de fala de Nova Iguaçu (restrita a 12 entrevistas). O objetivo era apresentar os resultados de forma mais didática aos leitores. Sendo assim, serão identificados com um asterisco (*) todos os fatores que se encaixam nessa justificativa.

De modo geral, foi possível verificar uma predileção pelo uso da próclise em relação a todos os tipos de atratores, inclusive em contextos de ausência destes.

O uso da próclise foi categórico nos casos de advérbio canônico, advérbio não canônico, hesitações/truncamentos, preposição e elemento subordinativo. As ocorrências de advérbios não canônicos e de hesitações/truncamentos foram poucas no *corpus*, mostrando uma baixa relevância desses fatores para a análise. No entanto, o uso da próclise na presença de advérbio canônico, preposição e elemento subordinativo mostrou-se bastante produtivo considerando o total de 272 clíticos localizados na amostra: 28/272, 29/272 e 54/272, respectivamente. Tal resultado confirma o que pregam as gramáticas normativas sobre advérbios, preposições e elementos subordinativos serem considerados atratores de próclise.

Considerando que não houve variação com alguns tipos de proclisadores controlados (advérbio canônico, advérbio não canônico, hesitações/truncamentos, preposição e elemento subordinativo), para análise de pesos relativos foi necessário excluí-los das rodadas. A tabela 5 apresenta os resultados da análise de pesos relativos apenas com os fatores em que se verificou variação nas estratégias de colocação pronominal:

Tabela 5 – Frequências e pesos relativos dos elementos proclisadores que apresentaram variação próclise/ênclise

Fatores	Aplicação/total	%	PR
Ausência de elemento proclisador	24/32	75%	0,01
Sintagma de negação	30/31	96%	0,54
SN sujeito	97/98	98%	0,80
Conjunção coordenativa	5/8	62%	0,08

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise

Os dados mostram que o sintagma nominal com função sujeito (i) e o sintagma de negação (ii) impulsionam a próclise, com pesos relativos de 0,80 e 0,54 – respectivamente. Mesmo sendo considerado um atrator de próclise pelas gramáticas normativas, o peso relativo no caso dos sintagmas de negação não foi tão alto (0,54), o que indica que esse fator tende a ser neutro. O SN sujeito, no entanto, apesar de não ser considerado um atrator legítimo gramaticalmente (apenas em casos de pronome pessoal sujeito), apresentou peso relativo elevado,

indicando altíssima tendência para a próclise e, portanto, caracterizando-o como um autêntico elemento proclisador no PB.

(i) "... lazer é pros nossos filhos **se** locomover..." (H1C, dado 57)

(ii) "... eu dou uma liberdade para os meus filhos que minha mãe não **me** dava..." (M3B, dado 266)

De forma mais detalhada, o elemento sintagma de negação apresentou 96% de ocorrência, tendo apenas um caso enclítico (iii), que, em contexto de análise gramatical, configuraria erro gramatical. Todavia, essa ocorrência pode ser justificada pela hipótese acerca da influência da escolaridade do falante, visto que tal frase foi proferida por um indivíduo de baixa escolaridade (Ensino Fundamental) e que, portanto, deve possuir pouco conhecimento das regras formais da língua padrão. Além disso, como afirma Drummond (2019), nos casos em que o verbo vem acompanhado do clítico acusativo de terceira pessoa "*o"*, os indivíduos tendem à ênclise através do emprego dos alomorfes "*lo(s)/ la(s)*", ainda que haja a presença de elemento proclisador.

(iii) "...não culpá-**lo** pelo que tá acontecendo..." (H1B, dado 17)

Assim como no caso anterior, o elemento proclisador SN sujeito apresentou alta taxa de ocorrência proclítica, com 98% de frequência, confirmando a hipótese sobre sua posição como atrator. Houve apenas um caso de ênclise, como se pode observar no exemplo (iv). Esse único caso pode ser explicado pela hipótese da influência da escolaridade e da faixa etária do falante, já que o informante que produziu a frase em questão é um homem de faixa etária elevada (55+) e alta escolaridade (Ensino Superior), fatores sociais que indicam falantes mais rígidos com relação às regras gramaticais, havendo preferência por formas linguísticas menos estigmatizadas.

(iv) "...a escola tornou-**se** uma extensão do lar..." (H3C, dado 123)

Por outro lado, apesar da ausência de elemento proclisador e/ ou a presença de conjunção coordenativa registrarem frequência nada desprezível para o uso da próclise, 75% e 62%; esses fatores apresentaram peso relativo baixo – 0,01 e 0,08, respectivamente – indicando que impulsinonam a ênclise. Esse resultado é explicado pelo fato de que a ocorrência de próclise no PB é extremamente alta, portanto, apenas frequências altíssimas, como acima de 95%, associam-se a um peso relativo alto.

Vale ressaltar ainda que algumas das ocorrências de próclise na ausência de elemento proclisador ocorreram em situações de início absoluto de frase (v), contexto no qual, segundo a gramática normativa, deveria ocorrer apenas ênclise.

> (v) "(...) é a Baixada inteira que vai pro Hospital da Posse... **me** pergunta quantos hospitais tem na Baixada Fluminense?" (M3A, dado 229)

Sendo assim, ainda que tenha apresentado uma ocorrência de 75% de próclise, podemos afirmar que o contexto de ausência de elemento proclisador favorece a ênclise. Ademais, as conjunções coordenativas apresentaram peso relativo baixo (0,08), indicando tendência ao uso de ênclise. Fato que corrobora com o que dizem as gramáticas normativas, já que as conjunções coordenativas não são consideradas proclisadoras pelos gramáticos. Essa resposta, no entanto, pode ter ocorrido devido aos poucos dados encontrados desse elemento no *corpus*, apenas 8.

Fazendo um pequeno comparativo com a pesquisa de Biazolli (2016), encontramos os seguintes resultados que a autora obteve ao analisar o gênero entrevistas de TV[10]: os fatores elemento subordinativo, sintagma de negação, SN sujeito, conjunção coordenativa, advérbio não canônico e sintagma preposicionado foram categóricos para o uso de próclise, o que indicou seus posicionamentos como atratores. Em nossa análise, apesar de os elementos sintagma de negação e SN sujeito não terem sido categóricos no uso proclítico, eles apresentaram apenas uma ocorrência de ênclise, confirmando, também, suas tendências ao uso pré-verbal. O fator conjunção coordenativa, no entanto, contrariou os resultados de Biazolli (2016), já que, em nosso estudo, apresentou variação, indicando tendência ao uso de ênclise. Todavia, vale ressaltar que, nos dois trabalhos, o fator conjunção coordenativa apresentou baixa ocorrência, 6 em Biazolli (2016) e 8 em nosso *corpus*, o que pode dificultar uma análise realmente relevante. Ademais, os outros fatores (elemento subordinativo e advérbio não canônico) também foram categóricos no uso proclítico em nossos resultados, com exceção do fator sintagma preposicionado, que não apresentou ocorrência nessa pesquisa.

Ainda que não tenham sido submetidos à análise pelo programa estatístico, os fatores ausência de elemento proclisador, advérbio canônico e preposição apresentaram variação em Biazolli (2016). Entre eles, em

[10] A comparação de nossos resultados (entrevistas orais do tipo documentador-informante) foi feita com os resultados de Biazolli (2016) referentes ao gênero entrevistas de TV, devido ao fato de ser o gênero que mais se aproxima de nosso *corpus* de língua oral.

nosso estudo, somente o fator ausência de elemento proclisador apresentou variação, indicando tendência ao uso enclítico (peso relativo 0,01).

3.1.3 Tipo de clítico

Em síntese, com base na observação dos tipos de clíticos, pode-se dizer que o clítico *se* apresentou a maior incidência em nosso *corpus*, com 139 aparições, e os clíticos *o(s)/a(s)* apresentaram a mais baixa incidência, com apenas 6 aparições. Nos casos de uso dos clíticos *me/nos/te/vos*, contados em conjunto, foram encontradas 140 ocorrências, sendo o uso da próclise categórico. O clítico *lhe* não foi localizado na amostra, o que pode ser justificado por sua pouca utilização na língua oral. Veja-se exemplos das ocorrências aferidas na amostra:

1. Clíticos: *me/nos/te/vos*

a) Ênclise: "Trazem-**nos** problemas com frequência".**
b) Próclise: "ela sempre **nos** corrigia..." (H3A, dado 91)

2. Clíticos: *o(s)/a(s)*

a) Ênclise: "... não culpá-**lo** pelo que tá acontecendo..." (H1B, dado 17)
b) Próclise: "...provavelmente os seus filhos não **os** amará ou vice e versa." (H3A, dado 74)

3. Clíticos: *lhe(s)*

a) Ênclise: "Disse-**lhe** que chegaria mais cedo hoje.".**
b) Próclise: "(...) ele deveria doar aquilo que não **lhe** faz falta.".**

4. Clíticos: *se*

a) Ênclise: "... a todo momento muda-**se** as coisas..." (H3A, dado 65)
b) Próclise: "...a gente **se** falava no telefone todos os dias..." (M1A, dado 188)

A tabela 6 ilustra a produtividade de cada um dos tipos de clíticos controlados na amostra:

Tabela 6 – Colocação pronominal em relação aos tipos de clíticos

Tipo de clítico	Próclise	Ênclise
me/nos/te/vos	140/140 100%	-
o(s)/a(s)	4/6 66%	2/6 33%
o(s)/a(s)	-	-
se	128/139 92%	128/139 92%

Fonte: elaboração própria

Conforme mencionado anteriormente, na tabela 6, chama a atenção o fato de não haver nenhuma ocorrência do clítico *lhe* e de as ocorrências de *me/nos/te/vos* serem todas proclíticas[11]. Corroborando com nossos números, nos resultados para entrevistas de TV de Biazolli (2016), os pronomes *me/nos/te* obtiveram 99% de frequência de próclise, com 100% de episódios proclíticos nos casos do *me.* Tal circunstância, nos dois estudos, indica a forte predileção para o uso de próclise junto a esses pronomes, especialmente junto ao clítico *me*, que admite no PB, inclusive, a possibilidade de iniciar períodos absolutos (CUNHA; CYNTRA, 2008).

Sendo assim, como se pode observar, os clíticos *se* e *o(s)/a(s)* são os únicos que apresentaram variação na amostra de fala de Nova Iguaçu, e, portanto, os únicos considerados na análise de pesos relativos efetuada pelo programa computacional *Goldvarb X*.

Tabela 7 - Frequências e pesos relativos dos tipos de clíticos que apresentaram variação próclise/ênclise:

Fatores	**Aplicação/total**	**%**	**PR**
Se	128/139	92	0,54
o(s), a(s)	4/6	66	0,01

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise.

Pode-se perceber, através da tabela, que o pronome *se* apresentou alta frequência e peso relativo indicando suave favorecimento,

[11] Não foi encontrada nenhuma ocorrência do pronome clítico nos na amostra de fala de Nova Iguaçu.

com valores de 92% e 0,54, respectivamente, o que indica maior tendência de seu uso em posição proclítica.

Os pronomes *o(s)/a(s)* apresentaram peso relativo baixíssimo, 0,01, indicando alta tendência ao uso enclítico. Nos únicos dois casos em que os pronomes acusativos apresentaram posição de próclise, estavam acompanhados dos atratores: partícula de negação (vi) e pronome pessoal (vii), respectivamente. Tal fato confirma a preferência por esses pronomes em posição enclítica e restringe seus usos em posição proclítica apenas quando acompanhados de elemento proclisador.

(vi) "...provavelmente os seus filhos não **os** amará..." (H3A, dado 74)

(vii) "...eu **a** coloquei em seu devido lugar..." (H3A, dado 98)

3.1.4 Distância entre o grupo proclisador antecedente e o grupo verbal

Com base nos estudos de Biazolli (2016), foi considerada para análise a distância entre o elemento proclisador e o grupo verbo+clítico/ clítico+verbo. Em sua caracterização, a autora usa a terminologia "termos adjacentes" e "termos não adjacentes" para diferenciar as variáveis controladas no grupo. Sendo assim, convém explicar: termos adjacentes são aqueles que não apresentaram distância entre os grupos e termos não adjacentes são aqueles que apresentaram alguma distância entre os grupos. Os exemplos a seguir ilustram as ocorrências localizadas na amostra de fala:

1. Adjacente: 0 sílabas.

a) Ênclise: "todo momento muda-**se** as coisas..." (H3A, dado 65)
b) Próclise: "se eu não **me** engano é perto da minha casa..." (H3B, dado 101)

2. Não adjacente: 1 a 3 sílabas, 3 a 6 sílabas.[12]

a) Ênclise: "então... como profissional... né... faz-**se** necessário que eu tenha um linguajar apropriado..." (H3A, dado 90)
b) Próclise: "o dinheiro era mais difícil de **se** ganhar..." (H3C, 138)

[12] Em Biazolli (2016), não foram colocados limites na quantidade de sílabas entre elemento proclisador e verbo hospedeiro, considerando-se até 11 sílabas ou mais. Em nossa pesquisa, no entanto, houve um limite de até 6 sílabas entre proclisador e verbo, por se acreditar que a influência do proclisador na colocação pronominal aconteceria de forma mais direta.

Tabela 8 – Frequências e pesos relativos para a distância entre elemento proclisador e grupo cl-V ou V-cl

Fatores	Aplicação/total	%	PR
Adjacente	240/250	96%	0,58
Não adjacente	32/35	91%	0,57

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise.

Apesar de a quantidade de casos de clíticos não adjacentes ter sido bem menor que a quantidade de casos adjacentes, 35 e 250 ocorrências, respectivamente, o programa computacional mostrou um resultado quase igual para os dois fatores. Suas frequências apontaram tendência ao uso proclítico, porém, sem muitas ressalvas, já que seus pesos relativos foram de 0,58 para clíticos adjacentes e 0,57 para clíticos não adjacentes, o que indica que há certo equilíbrio nesses usos. Ao analisar a quantidade de ocorrências de próclise e ênclise, no entanto, podemos perceber que o uso proclítico é mais frequente, independente da distância entre o proclisador e o verbo.

Em sua tese, ao analisar as entrevistas de TV, Biazolli (2016) faz um comentário relevante para nossa análise sobre esse grupo de fatores: "(...) na variedade brasileira, a próclise é dominante, independentemente se o elemento antecedente está ou não adjacente ao hospedeiro verbal ou, ainda, independentemente de qual for a natureza desse proclisador –mtradicional ou não tradicional." (BIAZOLLI, 2016, p. 188)

3.1.5 Função do clítico

No grupo de fatores que controla a função sintática do clítico, foram analisadas cinco possibilidades: clítico argumental, clítico não argumental, inerência/reflexividade, apassivação e indeterminação[13]. Todas elas apresentaram ocorrência no *corpus*, no entanto, a função não argumental apresentou somente casos de uso proclítico. Esse foi o último grupo de fatores considerado relevante pelo programa estatístico. Os exemplos a seguir ilustram as ocorrências localizadas na amostra:

[13] Os fatores inerência/reflexividade, apassivação e indeterminação só ocorreram na amostra de fala com o clítico "se".

1. Clítico Argumental: é quando o clítico tem função de argumento verbal, podendo ser objeto direto, objeto indireto

a) Ênclise: "...não culpá-**lo** pelo que tá acontecendo..." (H1B, dado 17)
b) Próclise: "meu primo **me** chamou pra comer..." (M1A, dado 170)

2. Clítico não Argumental: é quando o clítico que não apresenta função sintática de argumento verbal.

a) Ênclise: "Desde que **lhes** cortaram o salário ele tem problemas com as contas.".**
b) Próclise: "mas eu **me** relaciono bem..." (H3C, dado 162)

3. Inerência/reflexividade: a função sintática de inerência diz respeito aos verbos cujo pronome clítico é parte integrante da forma verbal, como no verbo "suicidar-se". Por sua vez, a função sintática de reflexividade ocorre quando "a ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito (ele é, ao mesmo tempo, agente e paciente)." (BECHARA, 2015, p. 183.)

a) Ênclise: "... é uma unidade onde todos dedicam-**se** (vivamente)..." (H3A, dado 71)
b) Próclise: "...ela **se** enrolou todinha no hospital..." (M1C, dado 224)

4. Apassivação: ocorre em casos nos quais não há ação do verbo exercida pelo sujeito, que aparece apenas como paciente, ou seja, em posição de passividade. (BECHARA, 2015.)

a) Ênclise: "acrescentaram-**se** mais né..." (M3B, dado 255)
b) Próclise: "a escola tornou-**se** uma extensão do lar..." (H3C, dado 123)

5. Indeterminação: ocorre junto à 3ª pessoa do singular e interpreta-se como uma construção impessoal (BECHARA, 2015; CUNHA; CINTRA, 2008).

a) Ênclise: "...engana-**se** que é na verdade de democracia..." (H3C, dado 150)
b) Próclise: "então é o que **se** adapta a ele..." (H1B, dado 42)

Tabela 9 – Colocação pronominal em relação às funções dos clíticos:

Função do clítico	**Próclise**	**Ênclise**
Argumental	98/101 97%	3/101 2%
Não argumental	92/92 100%	-
Inerência/reflexividade	56/60 93%	4/60 6%
Apassivação	8/12 66%	4/12 33%
Indeterminação	8/12 66%	2/20 9%

Fonte: elaboração própria.

Ao analisar a tabela de produtividade, nota-se que o fator clítico não argumental apresentou ocorrência considerável, com 92 dados totais em posição proclítica, o que indica uso categórico da próclise em casos desse tipo de função. Os outros fatores apresentaram variação e, portanto, foram submetidos ao programa estatístico de regras variáveis. Na sequência, segue-se a análise da produtividade das ocorrências e pesos relativos:

Tabela 10 – Frequências e pesos relativos das funções dos clíticos que apresentaram variação próclise/ênclise:

Fatores	Aplicação/total	%	PR
Inerência/reflexividade	56/60	93%	0,47
Clítico argumental	98/101	97%	0,58
Apassivação	8/12	66%	0,03
Indeterminação	18/20	90%	0,60

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise.

A tabela 10 indica alta frequência dos fatores inerência/reflexividade, clítico argumental e indeterminação, com 93%, 97% e 90% de ocorrência, respectivamente, em todo o *corpus*. Todavia, apenas os pesos relativos dos dois primeiros fatores citados mostraram número relevante – acima de 0,50 – indicando tendência ao uso proclítico.

Ademais, apesar de não ter tido uma alta frequência, a função apassivação apresentou peso relativo baixíssimo, de 0,03, indicando sua total tendência ao uso de ênclise.

3.2 Dados de escrita

3.2.1 Tipo de elemento proclisador

Assim como para a análise dos dados de fala, foram investigados 9 tipos de elementos proclisadores baseados nos estudos de Biazolli (2016): SN de sujeito, sintagma preposicionado, sintagma de negação, advérbio canônico, advérbio não canônico, preposição, conjunção coordenativa, elemento subordinativo e ausência de elemento proclisador.

Veja-se, na tabela 11, a ilustração da produtividade dos dados encontrados no *corpus* de língua escrita em relação ao tipo de elemento proclisador:

Tabela 11 – Colocação pronominal em relação ao tipo de elemento proclisador:

Elemento proclisador	Próclise	Ênclise
SN sujeito	14/15 93%	1/15 6%
Sintagma preposicionado*	-	-
Sintagma de Negação	4/4 100%	-
Advérbio canônico	7/7 100%	-
Advérbio não canônico	1/1 100%	-
Preposição	-	6/6 100%
Conjunção coordenativa	6/8 75%	2/8 25%
Elemento subordinativo	37/38 97%	1/38 2%
Ausência de elemento	3/22 13%	19/22 86%

Fonte: elaboração própria.

A partir de análise da tabela de produtividade, pode-se constatar que o fator sintagma preposicionado[14], assim como nos dados de fala,

[14] O fator sintagma preposicionado foi o único que não apresentou ocorrências nas duas modalidades analisadas (fala e escrita).

não apresentou nenhuma ocorrência no *corpus* de língua escrita. Além disso, o fator advérbio não canônico apresentou apenas um caso (i), em posição proclítica; ocorrência única que nos impossibilita de fazer análise relevante. Os fatores sintagma de negação (ii) e advérbio canônico (iii) foram categóricos no uso da próclise, o que parece confirmar suas aptidões como elementos proclisadores. Ademais, vale ressaltar que o fator preposição (iv), no entanto, curiosamente, foi categórico no uso enclítico, o que difere dos resultados encontrados na análise das entrevistas orais, que apresentaram uso categórico de próclise em casos de preposição.

(i) "Muitas vezes **se** tem visto as pessoas sentirem felicidade..." (H3C, dado 29)

(ii) "(...) não **se** prive dessa alegria..." (H3C, dado 99)

(iii) "(...) os que hoje **se** apresentam como liderança do PSDB..." (H3C, dado 47)

(iv) "(...) sempre na tentativa de refreá**-los**..." (H3C, dado 12)

Sendo assim, apenas quatro tipos de elementos proclisadores puderam ser submetidos à análise de pesos relativos efetuada pelo programa computacional de regras variáveis, Goldvarb X. É importante destacar que, dos quatro fatores que apresentaram variação nos dados, três deles registraram o mesmo comportamento na língua oral (SN sujeito, conjunção coordenativa e ausência de elemento proclisador) e um foi diferente (elemento subordinativo).

Tabela 12 – Frequências e pesos relativos dos elementos proclisado

Fatores	Aplicação/ total	%	PR
SN sujeito	14/15	93%	0,56
Elemento subordinativo	37/38	97%	0,85
Ausência de elemento proclisador	3/22	13%	0,04
Conjunção coordenativa	6/8	75%	0,46

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise.

A análise estatística indicou alta frequência dos elementos proclisadores SN sujeito (v) e elemento subordinativo (vi), com 93% e 97% de ocorrências proclíticas. Os dois fatores apresentaram tendência ao

uso da próclise, com peso relativo de 0,56 e 0,85, sendo mais significativo nos casos de presença de elemento subordinativo, confirmando suas posições como partículas altamente atrativas de próclise. Os resultados para elementos subordinativos já eram esperados, visto que as gramáticas normativas consideram sua posição como atrator de próclise e que textos escritos, principalmente textos formais, como é o caso dos artigos que compõem nosso *corpus*, tentam seguir à risca as normas de uso indicadas pelas gramáticas. Os resultados para SN sujeito também indicaram sua posição como elemento atrator de próclise, apesar de não ser reconhecido desta forma pelas gramáticas tradicionais. Esse resultado também foi encontrado na análise dos dados de fala, de forma ainda mais expressiva (peso relativo de 0,80), confirmando seu uso como elemento proclisador, independente da modalidade de uso da língua (fala ou escrita) e independente da escolaridade analisada, visto que no *corpus* de língua escrita só tivemos informantes altamente escolarizados.

(v) "(...) o ex-presidente do STF (Lewandowski) **se** ajoelhou diante das forças corruptas." (H3C, dado 05)

(vi) "Toda vez que **se** aborda um plano do governo (...)" (H3C, dado 76)

Ademais, vale ressaltar que o fator elemento subordinativo apresentou apenas uma ocorrência de uso enclítico (vii) e, apesar de apresentar peso relativo consideravelmente menor que este, o fator SN sujeito também apresentou somente uma ocorrência de ênclise (viii).

(vii) "... o que consubstanciou-**se** num inequívoco sintoma..." (H3C, dado 15)

(viii) "A Operação Lava-Jato tornou-**se**..." (H3C, dado 14)

Ainda assim, o primeiro exemplo, mencionado acima, configuraria erro gramatical de acordo com o postulado pela gramática prescritiva, já que o verbo vem acompanhado do elemento subordinativo *que*, considerado atrator de próclise. Essa ocorrência pode ser considerada um caso de hipercorreção por parte do falante, que, considerando o uso enclítico como forma usual defendida pela gramática, utiliza a ênclise mesmo em situação de presença de elemento proclisador. Também vale mencionar que a ocorrência do segundo exemplo mostra um resultado curioso, já que, segundo a prescrição gramatical de viés normativista, a

colocação pronominal ao lado de SN sujeito é enclítica, portanto, o uso exposto no trecho (viii) seria o "uso correto", no entanto, ele é a única ocorrência de ênclise com SN sujeito em toda a amostra do *corpus* analisado, indicando que os indivíduos realmente enxergam o SN sujeito como elemento proclisador.

Além disso, assim como nos resultados de língua oral, percebe-se notória tendência ao uso enclítico nos casos de ausência de elemento proclisador (ix) - com peso relativo de 0,04 - sugerindo que, ainda que a próclise seja a preferência dos falantes brasileiros, a presença ou não de elementos proclisadores é um grande impulsionador no momento de escolherem qual colocação será utilizada. Nesse contexto, vale comentar também que grande parte dos casos de ausência de elemento proclisador aparecem em início absoluto de frase (x), situação na qual o uso enclítico é "obrigatório" considerando a regra da gramática normativa. Por fim, os resultados para o fator conjunção coordenativa (xi) não se mostraram tão relevantes, já que obtivemos apenas 8 ocorrências para este elemento em todo o *corpus*. Ainda assim, vale comentar que o programa, apesar de maior frequência proclítica, apresentou peso relativo de 0,46, o que indica certo favorecimento ao uso enclítico.

(ix) "Depois do impeachment, no lugar de recuperar a credibilidade na política, pedida por milhões nas ruas, embrenhamo-**nos** no labirinto..." (H3C, dado 68)

(x) "Tem-**se** experimentado que a tristeza, o desgosto e até a indiferença deprimem..." (H3C, dado 91)

(xi) "(...) pois **se** comprovará com satisfação que..." (H3C, dado 57)

Ao fazer uma pequena comparação desses dados com os resultados de Biazolli (2016) para análise do gênero editorial[15], nota-se que a pesquisadora obteve resultados semelhantes aos nossos para os grupos de fatores elemento subordinativo e conjunção coordenativa. O primeiro apresentou peso relativo de 0,89, indicando alta tendência ao uso de próclise, e o segundo apresentou peso relativo de 0,39, indicando tendência ao uso de ênclise; assim como em nossos resultados que apresentaram pesos relativos de 0,85 e 0,46. Além disso, vale comentar

[15] Optou-se por utilizar os resultados de Biazolli (2016) relativos ao gênero editorial, já que, de todos os gêneros analisados pela pesquisadora, é o que mais se aproxima de nossa amostra de escrita, constituída de artigos de opinião.

que, em Biazolli (2016), o fator SN sujeito apresentou peso relativo de 0,10, indicando favorecimento de ênclise, mesmo apresentando 83% de ocorrência de próclise. Em nossos dados, tal fator também apresentou alta frequência proclítica (93%), porém peso relativo maior (0,56), indicando, contrariamente à pesquisadora, o desfavorecimento da ênclise. Por fim, o fator preposição, diferentemente de nossa análise, apresentou variação, com peso relativo de 0,60, indicando sua posição como atrator não tradicional.

3.2.2 Forma verbal do hospedeiro

De acordo com Biazolli (2016), seis tempos verbais foram selecionados como fatores linguísticos relevantes para essa análise, foram eles: tempos do indicativo, futuros do indicativo, tempos do subjuntivo, imperativo, infinitivo e gerúndio.

Segue, na tabela 13, a produtividade da colocação pronominal em relação à forma verbal do hospedeiro:

Tabela 13 – Colocação pronominal em relação à forma verbal do hospedeiro

Forma verbal do hospedeiro	Próclise	Ênclise
Tempos do Indicativo	59/67 88%	8/67 11%
Futuros do Indicativo*	-	-
Tempos do Subjuntivo	8/8 100%	-
Imperativo	1/3 33%	2/3 66%
Infinitivo	4/21 19%	17/21 80%
Gerúndio	-	2/2 100%

Fonte: elaboração própria.

A análise da forma verbal do hospedeiro em dados de escrita apresentou expressiva produtividade dos verbos indicativos (xii), com 67 ocorrências de 101 verbos analisados em toda a amostra. Esse fato já era esperado, devido ao caráter dos textos escritos: artigos de opinião que seguem, na maioria das vezes, um modelo linguístico estruturado. Os verbos no subjuntivo (xiii) e imperativo (xiv) foram poucos expressivos, com 8 e 3 ocorrências, respectivamente. O infinitivo (xv) apresentou 21 verbos, sendo, ainda que em menor medida, o segundo tempo verbal mais expressivo.

(xii) “Os que hoje **se apresentam** como a liderança do PSDB...” (H3C, dado 47)

(xiii) “(...) aprovar leis que **os protejam**...” (H3C, dado 16)

(xiv) “**Traga-me** um sobre o mundo antigo...” (H3C, dado 20)

(xv) “(...) também tenho que **me desfazer** do meu...” (H3C, dado 21)

Vale destacar que os verbos no subjuntivo foram categóricos no uso da próclise, já que todas as ocorrências de verbo hospedeiro no subjuntivo, encontradas em nosso *corpus,* estavam no tempo presente e, portanto, vieram acompanhadas do elemento subordinativo *que*, como nos exemplos (xvi) e (xvii).

(xvi) “(...) toda coisa nova que **se possua**...” (H3C, dado 30)

(xvii)“(...) algo que **lhe embeleze** a vida...” (H3C, dado 31)

No entanto, entre as formas verbais analisadas, nem todas apresentaram variação linguística. Os tempos do futuro do indicativo não apresentaram nenhuma ocorrência no *corpus* e os tempos no gerúndio apresentaram apenas, em posição enclítica, duas ocorrências (xviii) e (xix).

(xviii) “(...) **mantendo-o** na presidência do Senado...” (H3C, dado 07)

(xix) “(...) não se prive dessa alegria **afugentando-a**...” (H3C, dado 100)

Sendo assim, somente três tempos foram submetidos à análise de pesos relativos pelo programa computacional Goldvarb X:

Tabela 14 – Frequências e pesos relativos das formas verbais do hospedeiro que apresentaram variação próclise/ênclise

Fatores	Aplicação/total	%	PR
Tempos do indicativo	59/67	88%	0,66
Imperativo	1/3	33%	0,41
Infinitivo	4/21	16%	0,10

Fonte: elaboração própria. Fator de aplicação: próclise.

De forma mais específica, como mostra a tabela 14, os verbos no indicativo[16] apresentaram alta tendência ao uso proclítico, com 88% de ocorrência e peso relativo de 0,66. Sendo assim, nos casos de verbo hospedeiro no indicativo, obtivemos apenas 8 ocorrências de ênclise, como se pode ver nos exemplos a seguir. Entre elas, três iniciaram período, situação na qual o uso proclítico é expressamente não indicado pelas gramáticas prescritivas (xx), (xxi) e (xxii); um apresentou elemento subordinativo, atrator do uso de próclise (xxiii); duas apresentaram sintagma nominal de sujeito (xxiv) e (xxv) e duas seguiram a regra tradicional de uso da ênclise em casos de ausência de elemento proclisador (xxvi) e (xxvii).

(xx) "**Verifica-se** que tudo é de uma lentidão irritante." (H3C, dado 75)

(xxi) "**Deve-se** possuir, então, aquilo que ofereça felicidade..." (H3C, dado 28)

(xxii) "**Tem-se** experimentado que a tristeza, o desgosto e até a indeferença deprimem..." (H3C, dado 91)

(xxiii) "...o que **consubstanciou-se** num inequívoco sintoma de profundo comprometimento do parlamento..." (H3C, dado 15)

(xxiv) "... possuir uma coisa **constituiu-se** em todas as épocas um prazer..." (H3C, dado 22)

(xxv) "A Operação Lava Jato **tornou-se**..." (H3C, dado 14)

(xxvi) "Ou seja, são estudantes que concluíram o ensino médio, **sabe-se** lá Deus como..." (H3C, dado 68)

(xxvii) "(...) **refiro-me** à alegria que surge da consciência ao se experimentar que se existe." (H3C, dado 90)

Além disso, mesmo apresentando baixa ocorrência no *corpus* (2 casos enclíticos e 1 caso proclítico), o tempo imperativo foi selecionado pelo programa como segundo mais relevante na análise estatística, apresentando peso relativo de 0,41, o que indica tendência ao uso de ênclise. Essa tendência pode ser explicada devido ao fato de que os verbos no imperativo costumam aparecer em início absoluto de frase (xxviii) ou com ausência de elemento proclisador (xxix), salvo os casos de imperativo negativo que vêm acompanhados de sintagma de negação (xxx).

[16] Não inclui os futuros do indicativo.

(xxviii) "**Traga-me** um sobre o mundo antigo, para comparar, disse o homem." (H3C, dado 20)

(xxix) "... quando a Corte Suprema se desempodera vira puxadinho dos demais poderes, **leia-se**, das forças corruptas e parasitárias que mandam no País." (H3C, dado 04)

(xxx) "(...) não **se prive** dessa alegria" (H3C, dado 95)

Vale destacar, sobre o exemplo (xxix), apresentado acima, que o verbo *leia-se*, no contexto em que está inserido, pode ser considerado uma estrutura cristalizada, que não sofre variação. Tal estrutura é utilizada em situações nas quais o falante tem a intenção de apresentar um sentido sarcástico e "mais verdadeiro" acerca de algo que foi dito anteriormente, como pode ser observado nos exemplos fictícios apresentados abaixo:

(xxxi) "A falta de verbas públicas, ***leia-se*** o desvio de verbas públicas, é responsável pelo sucateamento do Sistema Único de Saúde Brasileiro (SUS)."

(xxxii) "É comum encontrarmos empresas que defendem a máxima 'o cliente sempre tem razão', na prática, no entanto, ***leia-se*** 'o cliente branco e rico sempre tem razão'."

Por fim, apesar de, segundo as gramáticas tradicionais, o infinitivo solto poder vir acompanhado de próclise ou ênclise, os verbos no infinitivo apresentaram uma inclinação consideravelmente grande para ênclise (xxxiii) e (xxxiv), com peso relativo de 0,10 e 17 episódios enclíticos. Esse fato confirma o que dizem Cunha e Cintra (2008, p. 325) sobre a tendência dos falantes brasileiros ao uso de ênclise junto ao infinitivo: "Com os infinitivos soltos, mesmo quando modificados por negação, é lícita a próclise ou a ênclise, embora haja acentuada tendência para esta última na colocação pronominal."

(xxxiii) "(...) a diligência permite avantajar-se ao tempo..." (H3C, dado 58)

(xxxiv) "(...) mas sem usá-la para construir o futuro da nação." (H3C, dado 66)

Em comparação com os resultados de Biazolli (2016), serão feitas algumas observações relevantes para a discussão do presente trabalho.

Os fatores de forma verbal do hospedeiro que apresentaram variação na análise da pesquisadora foram os seguintes: verbos no indicativo, verbos no gerúndio e verbos no infinitivo. Assim como em nosso trabalho, Biazolli (2016) obteve, para os tempos no indicativo, peso relativo que indica favorecimento de próclise (0,72) e, para os tempos no infinitivo, peso relativo que indica o favorecimento de ênclise (0,07). O fator verbos no gerúndio não apresentou variação em nossa análise, apresentando 2 casos de uso enclítico. No entanto, Biazolli apresentou peso relativo de 0,39, que indica desfavorecimento da próclise, corroborando com nosso resultado. Por último, o tempo verbal no imperativo apresentou apenas 1 ocorrência, ênclítica, em Biazolli (2016), e os tempos do subjuntivo, assim como em nosso *corpus*, foram categóricos para o uso de próclise.

4 Considerações finais

De acordo com os resultados obtidos a partir da investigação das entrevistas orais e dos artigos de opinião, observou-se uma maior tendência dos falantes ao uso de próclise nas duas modalidades da língua. No caso dos resultados de língua oral, segundo os termos de Labov (2003), esse uso mostrou-se semicategórico, com 95% de ocorrências proclíticas. Por outro lado, nos casos de escrita, a variação mostrou-se mais relevante, com 72% de uso proclítico e 27% de uso enclítico.

O grupo de fatores selecionado como relevante pelo programa estatístico, em primeiro lugar, para as duas modalidades da língua, foi o *tipo de elemento proclisador*. Os resultados para tais fatores evidenciaram que o uso de próclise é recorrente tanto em casos de elementos proclisadores tradicionais (como elemento subordinado e partícula de negação), quanto em casos de elementos proclisadores não tradicionais (como em casos de SN sujeito), confirmando a alta influência dos atratores em relação à colocação pronominal, na fala e na escrita. Os casos de ênclise foram mais frequentes em contextos de ausência de elemento proclisador e em presença de conjunção coordenativa. Todavia, ainda assim, as ocorrências de próclise em episódios de ausência de elemento proclisador foram consideráveis, indicando que, mesmo desfavorecendo a próclise, esse ainda é um contexto no qual ela é utilizada com alguma frequência.

Cabe ressaltar, também, que o segundo grupo de fatores selecionado como relevante na análise dos dados de língua oral foi o grupo *escolaridade do falante*. Esse resultado indicou que a próclise é mais frequente na fala de indivíduos com baixa escolaridade e a ênclise é mais frequente na fala de indivíduos com escolaridade alta, confirmando a hipótese de que falantes com nível educacional mais avançado tendem

a tentar se adequarem às regras do padrão culto da língua. Apesar de esse grupo de fator não ter sido controlado na escrita, já que todos os autores dos artigos possuíam nível superior completo, o resultado de língua escrita indicou uma frequência de ênclise bem maior que os resultados de língua oral. Sendo assim, aparentemente, o fato de todos os informantes de língua escrita possuírem nível superior completo aparentemente também contribuiu na produtividade da ênclise nessa modalidade.

Portanto, sintetizando o que foi apresentado, podemos concluir que a presença ou não de elementos proclisadores é o fator linguístico que mais influencia a colocação pronominal no português brasileiro, tanto em contextos de língua oral como em contextos de língua escrita. Além disso, apesar de o fator *escolaridade* não ter sido controlado em nossos dados de modalidade escrita, também podemos afirmar que esse é um fator social relevante para a colocação pronominal, já que, de modo geral, os falantes com escolaridade mais alta tendem a utilizar mais a ênclise. Por fim, outros fatores linguísticos mostraram-se relevantes pelo programa estatístico, três em casos de língua oral (*tipo de clítico, distância entre grupo proclisador e verbo hospedeiro, função do clítico*) e um em casos de língua escrita (*forma verbal do hospedeiro*). O fato de serem divergentes nas duas modalidades demonstra que suas influências dependem do contexto linguístico analisado.

Agradecimentos

Nossos profundos agradecimentos à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e ao Departamento de Letras do Instituto Multidisciplinar (IM) por terem fornecido a estrutura para o desenvolvimento desse trabalho, que teve início na Iniciação Científica, gerando como fruto a produção de uma monografia, defendida em 2020.

Declaração de contribuição

As autoras declaram, para os devidos fins, que o texto foi concebido por ambas as partes, sendo a divisão das tarefas da seguinte forma: organização e escrita teórica desenvolvida pela primeira autora; coleta de dados de fala e de escrita realizada pela primeira autora; tratamento estatístico e cálculo de pesos relativos no Goldvarb X realizado pela segunda autora; análise dos dados: quadros, tabelas e organização dos resultados desenvolvidos por ambas as autoras; revisão geral do texto: segunda autora. Por ser verdade, firmamos a presente declaração.

Referências

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa.* 38º edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BIAZOLLI, C. C. *Clíticos pronominais de São Paulo:* 1880 a 1920: uma análise sóciohistórico-linguística. 2010. 230 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) –Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2010.

BIAZOLLI, C. C. *Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português:* inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma. 2016. 381 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2016.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo.* 5° edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DRUMOND, D. L. *A colocação pronominal no português brasileiro:* em busca das reais normas de uso para escrita. 2019. 66f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2019.

GUY, G. R.; ZILLES, A. M. *Sociolinguística quantitativa.* São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, W. *Sociolinguistics patterns*. Oxford, Philadelphia: Blackwell, University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change:* Internal Factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change:* Social Factors. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. *In*: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics*: the essential readings. Malden: Blackwell Publishing: 2003. p. 234-250.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *Goldvarb X:* A variable rule application for Macintosh and Windows. Toronto: Department of Linguistics, University of Toronto, 2005.

VIANNA, J. B. S. O português falado em Nova Iguaçu: proposta de constituição de uma amostra de língua oral. *LaborHistórico*, São Paulo, v. 5, n. Especial 1, p. 39-63, 2019.. DOI: https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial.25359

VIEIRA, S. R. *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana:* para a definição da natureza do clítico em português. 2002. 441 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. *In*: LEHMANN, W. P. *et alii* (eds.). *Directions for Historical Linguistic*. Austin/Texas, 1968. p. 95-199.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 997-1031, 2022

O domínio da concessão: uma análise baseada nos usos de construções oracionais com *mesmo que, ainda que* e *se bem que*

The domain of concession: an analysis based on the uses of clause constructions with mesmo que, ainda que *and* se bem que

Maria Maura Cezario
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), CNPq, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
mmcezario@letras.ufrj.br
http://orcid.org 0000-0002-1724-762X

Thiago dos Santos Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
thiagosantos@letras.ufrj.br
http://orcid.org/0000-0001-9165-8251

Juliana Sant'anna
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil
juliana.sant-anna@letras.ufrj.br
https://orcid.org/0000-0002-7118-6397

Resumo: O artigo trata de uma análise de três construções similares na forma e na função: as orações adverbiais iniciadas *por ainda que*, *mesmo que* e *se bem que*, que tradicionalmente são consideradas orações adverbiais concessivas. A partir do princípio da não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), considera-se, nesta pesquisa, que tais construções, embora sejam do mesmo domínio semântico, apresentam diferenças contextuais. A partir de um conjunto de fatores linguísticos, comparam-se os usos de orações adverbiais iniciadas por esses conectivos. O trabalho utiliza os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que considera, em suas análises, os pressupostos funcionalistas norte-americanos, a abordagem construcionista baseada no uso e ainda outras abordagens, como a da

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.997-1031

sociolinguística variacionista. A nossa pesquisa, voltada para questões sincrônicas, busca verificar as motivações para os usos de construções adverbiais com valor básico concessivo. O modelo construcional que instancia as cláusulas adverbiais é [CONECT (S) V (C)]$_{\text{CLÁUSULA ADVERBIAL}}$. A pesquisa baseou-se na coleta e na análise de trezentos dados de construções oracionais adverbiais, sendo cem iniciadas com *ainda que*, cem com *mesmo que* e cem com *se bem que*, todos os dados extraídos da aba Web do *Corpus* do Português. A partir de um conjunto de fatores linguísticos, o trabalho se volta para a questão da variação, sobretudo no que se refere à análise das relações horizontais entre subesquemas. Os principais resultados apontam para diferenças nos usos principalmente em decorrência da maior ou menor subjetividade e da maior ou menor força de articulação de cada subesquema oracional e oração matriz.

Palavras-chave: construções oracionais adverbiais; concessão; articulação de orações.

Abstract: The article presents an analysis of three constructions that are similar in form and in function: the adverbial clauses initiated by *ainda que*, *mesmo que* and *se bem que*, that are traditionally considered to be concessive adverbial clauses. Taking account of the principle of non-synonymy (GOLDBERG, 1995), we consider that such constructions, despite they are from the same semantic domain, present contextual differences. Based on a set of linguistic factors, we compare the uses of adverbial clauses initiated by these connectives. We used the theoretical-methodological assumptions of Usage-based Linguistics, which considers, in its analyses, the North American Functionalist assumptions, the constructionist approach and other approaches, such as Sociolinguistics. Our research, dealing with synchronic questions, seeks to verify the motivations for the uses of adverbial constructions with concessive value. The constructional model pattern that instantiates adverbial clauses is [CONNECT (S) V (C)]$_{\text{ADVERBIAL CLAUSE}}$. The research was based on the analysis of three hundred data of adverbial clause constructions, being one hundred started with *ainda que*, one hundred with *mesmo que* and one hundred with *se bem que*, all extracted from the Web tab of the *Corpus do Português*. Based on a set of linguistic factors, the research focuses the issue of variation, especially with regard to the analysis of horizontal relationships between sub-schemas. The main results point to differences in uses mainly due to the greater or lesser subjectivity and the greater or lesser articulation strength of each clause and its matrix clause.

Keywords: adverbial clause constructions; concession; articulation of clauses.

Recebido em 01 de setembro de 2021

Aceito em 10 de novembro de 2021

1 Introdução

Neste artigo, apresentaremos uma análise de três construções similares na forma e na função: as orações adverbiais iniciadas por *ainda que*, *mesmo que* e *se bem que*, que tradicionalmente são consideradas orações adverbiais concessivas. Com base no princípio da não-sinonímia (GOLDBERG, 1995), consideramos que as orações com *ainda que*, *mesmo que* e *se bem que*, embora façam parte do mesmo domínio semântico, apresentam diferenças nos seus contextos de uso. A partir de um conjunto de fatores linguísticos, compararemos os usos de orações adverbiais iniciadas por esses conectivos.

Coletamos e analisamos um total de trezentos dados de construções oracionais adverbiais, sendo cem iniciadas com *ainda que*, cem com *mesmo que* e cem com *se bem que*. Os dados foram coletados do *Corpus do* Português (https://www.corpusdoportugues.org/), uma plataforma on-line que reúne textos de diversos gêneros discursivos, organizado em abas. Para nossa análise, coletamos os dados disponíveis na aba "Web". Temos o objetivo de descrever as construções e explicar seus usos, observando aspectos formais e semântico-pragmáticos. Como estamos lidando, dentro de um determinado domínio semântico, com conectores sinônimos, queremos demonstrar diferenças contextuais (pragmáticas) em seus usos, assim como prováveis diferenças nos usos dos itens que podem aparecer no slot V. Dessa forma, demonstraremos que o princípio da não sinonímia (GOLDBERG, 1995), como parte do princípio da iconicidade (tendência de haver uma forma para uma função), atua nos usos das orações em questão.

Utilizamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que é parte da corrente Usage-Based Linguistics (BYBEE, 2010, 2015; HILPERT, 2014, TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A LFCU considera, em suas análises, os pressupostos funcionalistas norte-americanos, da abordagem construcionista baseada no uso e da sociolinguística (CEZARIO; ALONSO, 2019; FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013). Trabalha com a concepção de gramática como uma rede de construções linguísticas, que são pareamentos forma-função criados pelo uso.

Um dos aspectos importantes no modelo teórico utilizado é a frequência de uso das construções. Bybee (2010) postula que construções morfossintáticas muito frequentes podem se entrincheirar na gramática

de uma língua e ser mais resistentes a mudanças. E a frequência alta tem um impacto mais forte na representação linguística, uma vez que a construção é acessada mais rapidamente do que as menos frequentes. A autora demonstra que, por exemplo, os modais do inglês (como *can, must* e *should*) têm uma sintaxe bem diferente dos demais verbos, porque a alta frequência de uso levou à fixação de uma sintaxe mais antiga na língua, quando se usava inversão do sujeito nas perguntas – sem os auxiliares *do/does/did* –, se usava a marca de negação *not* logo depois do verbo e quando não havia ainda a marca de infinitivo com *to.* Assim, como os modais são altamente frequentes, sua sintaxe está mais entrincheirada e, dessa forma, a mudança sintática geral não ocorreu com eles.

A autora postula também que a alta frequência de uma expressão é responsável pela criação de construções mais gerais e de analogias, por força coersitiva, como deve ter ocorrido com a construção do espanhol *quedarse X*, em que a forma mais frequente – *quedarse solo* – deve ter sido fonte para o uso de outros adjetivos como *solteiro* (*quedarse solteiro*) A forma mais frequente torna-se o exemplar fonte para outros usos. No exemplo dado, o traço ligado à ideia de solidão se mantém. A alta frequência de ocorrência de uma construção e a alta frequência de um tipo de elemento que preenche um *slot* podem tornar a construção ainda mais produtiva e esquemática.

O estudo das frequências de tipos leva-nos à melhor compreensão de padrões linguísticos. Assim controlamos a frequência de uso de construções oracionais adverbiais, procurando verificar os contextos de uso mais frequentes, como, por exemplo, verificar que itens verbais costumam ser mais frequentes com uma construção iniciada por *mesmo que* em comparação com *ainda que* e *se bem que*. Um outro exemplo foi o estudo da relação, em termos de frequência, entre posição da oração adverbial e a estrutura informacional (DIESSEL, 2013; LAMBRECHT, 1994).

Como dissemos, na LFCU, a unidade linguística mínima é a construção (GOLDBERG, 1995, 2006, 2019; HILPERT, 2014) e esta é a representação de uma unidade de conhecimento. A construção linguística é um pareamento forma-função conectada a outras construções em rede. Na face da forma do pareamento, estão as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; na face da função, estão as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivas (cf. CROFT, 2004). Os falantes de uma língua memorizam as construções de sua língua, levando em conta os contextos de uso, as variações de som e de sentido, os links

formais, semânticos e pragmáticos com outras construções. O conjunto de construções de uma língua é o *constructicon*, conhecimento que contém construções de todos os tipos.

Nossa pesquisa busca verificar as motivações para os usos de construções adverbiais com valor básico concessivo. Partindo de uma visão construcional, entendemos que cada forma é uma instanciação de uma construção oracional adverbial mais abstrata, a construção [CONECT (S) V [C]]CLÁUSULA ADVERBIAL, em que CONECT é o conectivo que introduz a oração; S é o sujeito; V, o verbo e C o complemento ou adjunto. No caso desta pesquisa, CONECT tem a forma sempre de [X QUE]. Dessa construção mais geral, são instanciados vários subesquemas como o esquema temporal, o causal e o concessivo, este último de interesse desse estudo. Vejamos alguns exemplos:

a) [[X QUE] (S) V (C)]]$_{\text{CLÁUSULA ADVERVIAL TEMPORAL}}$

Exemplos:

(1) Se você sabe que seu cão tem medo de trovão e fogos de artifício, pode ser útil ficar com ele e acariciá-lo acalmando-o **sempre que uma situação barulhenta acontecer.** (Corpus do Português)

(2) **Toda vez que ela perde um pedaço de pele ela grita de dor.** Eu não posso fazer nada para proteger- la, e isso corta meu coração". (Corpus do Português)

b) [[X QUE] (S) V (C)]]$_{\text{CLÁUSULA ADVERVIAL CAUSAL}}$

Exemplos:

(3) Signos são os instrumentos psicológicos orientados para o próprio indivíduo (marcas, desenhos, gráficos, etc.). **Posto que estes mediadores são construídos em sociedade**, e que estes são fundamentais para o desenvolvimento dos processos cognitivos superiores, deduz-se que, na ausência destes instrumentos, não ocorrerá desenvolvimento de capacidades cognitivas tipicamente humanas. (Corpus do Português)

(4) **Dado que essa é uma promessa para o futuro que o Banco vem fazendo desde 2009** (promessa que vai esticando anualmente os prazos), suas projeções perderam credibilidade. (Corpus do Português)

c) [[X QUE] (S) V (C)]] CLÁUSULA ORAÇÃO ADVERVIAL CONCESSIVA

Exemplos:

(5) A verdade é que o Mundial não começou da melhor forma possível para o Panamá. Foi com uma derrota diante da favorita Bélgica, por 3-0, que os panamenhos iniciaram o trajeto na competição **ainda que seja compreensível a diferença de qualidade entre os dois conjuntos** (Corpus do Português)

(6) A dignidade da pessoa humana, assim como o núcleo essencial dos direitos fundamentais de um modo geral, não pode ser pura e simplesmente funcionalizada em prol do interesse público, **mesmo que este seja compreendido como interesse socialmente relevante de uma comunidade de pessoas.** (Corpus do Português)

(7) Há um ponto crítico, e você não precisa chegar lá passando primeiro por um leito de hospital, nem por um centro de tratamento ou por uma prisão, **se bem que muitas mulheres somente chegaram a Alcoólicos Anônimos depois de atingirem esses estágios mais avançados de a doença**. (Corpus do Português)

Para facilitar a apresentação, vamos tratar os subtipos aqui estudados assim: [ainda que oração], [mesmo que oração] e [se bem que oração].

No estudo dessas construções, levamos em conta também conceitos muito importantes no Funcionalismo Norte-Americano, como figura e fundo, estrutura informacional; e atualizamos a pesquisa a partir de uma visão construcional, entendendo que cada forma é uma instanciação de uma construção oracional adverbial, mais abstrata.

2 A construção oracional adverbial

Buscaremos descrever os usos de construções oracionais iniciadas por *mesmo que*, *ainda que* e *se bem que*, levando em consideração as premissas, todas relacionadas aos modelos baseados (BYBEE, 2010, 2015; DIESSEL, 2019; GOLDBERG, 1995, 2006, 2019) no uso, de que

a) construções morfossintáticas muito frequentes podem se entrincheirar na gramática de uma língua e ser mais resistentes à mudança;

b) a frequência alta de uma construção linguística tem um impacto mais forte na representação mental, uma vez que é acessada mais rapidamente do que as construções menos frequentes;

c) duas ou mais formas podem concorrer em contextos semelhantes e possivelmente há tendências contextuais diferentes para seus usos, conforme demonstram trabalhos da sociolinguística variacionista;

d) o princípio da não-sinomínia estabelece que duas construções formalmente diferentes são semântica e/ou pragmaticamente diferentes;

e) a construção esquemática tem significado geral, não atribuído à soma das partes, mas os itens que podem preencher os slots também contribuem com seu valor.

A maior parte dos usos com essas construções estão inseridas em períodos compostos e para compreendermos melhor a relação dessas construções oracionais com outras a elas relacionadas, levaremos em consideração as três formas de relação entre orações propostas por Hopper e Traugott (1993), a saber:

a) a parataxe ou independência relativa;

b) a hipotaxe ou interdependência, em que há uma oração nuclear e uma ou mais marginais dependentes, mas não encaixadas;

c) a subordinação ou encaixe, em que toda a cláusula marginal é constituinte da cláusula nuclear.

Na relação paratática, estão as orações tradicionalmente chamadas de coordenadas. As orações adverbiais e as adjetivas explicativas são orações hipotáticas, pois são dependentes das orações principais ou matrizes, mas não são encaixadas. As orações subordinadas substantivas e as adjetivas restritivas estão numa relação de subordinação com as orações matrizes, desempenhando papéis argumentais ou de adjunto adnominal.

O esquema que gera orações adverbiais iniciadas por conectivos do tipo X que é [[X que] (S) V[C]]$_{\text{cl adv}}$ ou para facilitar a apresentação neste artigo [[X que] oração]. Tal esquema pode representar diversos tipos semânticos de orações adverbiais, algumas mais relacionadas por links metafóricos como tempo e causa, tempo e condição.

Sabemos, já pela tradição gramatical, que as orações adverbiais funcionam como circunstanciadores e constatamos, pela literatura funcionalista, que as orações adverbiais têm certa independência sintática da oração principal, funcionando como orações hipotáticas e não subordinadas propriamente ditas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993). A gramática tradicional destaca, na sua descrição, a classificação semântica das orações adverbiais, como orações adverbiais temporais, condicionais, concessivas, causais etc. Pesquisas funcionalistas demonstraram que as orações adverbiais podem ter papel discursivo importante nos textos, pois podem iniciar um novo episódio numa narrativa (LI; THOMPSON, 1979; VAN DIJK,1982); podem marcar o fundo numa narrativa (HOPPER, 1979; SILVEIRA, 1990, 1997), podem abrir um espaço mental (DANCYGIER; SWEETSER, 2000; FERRARI, 2011; VERHAGEN, 2000), etc. Embora haja um número grande de pesquisas sobre as orações adverbiais, ainda faltam pesquisas que busquem, dentro de um mesmo universo semântico de orações, verificar o papel dos elementos que aparecem no slot do conector, o papel pragmático de cada tipo de oração tendo em vista cada conector diferente e padrões lexicais, semânticos e morfológicos dos elementos que podem aparecer no *slot* V. Assim temos duas questões: que diferenças pragmáticas há quando se usa *mesmo que* ao invés de *ainda que ou se bem que*? E o que essas diferenças representam em termos cognitivos?

Além desses papéis semânticos e dos links semânticos apontados, as orações têm papéis discursivo-pragmáticos muito importantes, como já demonstraram várias pesquisas. Tais papéis são reflexos de aspectos da cognição humana para, por exemplo, apresentar o que é figura e o que é fundo na hora de apresentar uma informação, do que é informação nova e do que informação pressuposta de aberturas de frames.

Abordaremos aqui alguns desses papéis discursivo-pragmáticos com os quais lidamos direta ou indiretamente na análise dos dados. A apresentação desses papéis é relevante para, agora numa visão construcionista, reunirmos as características da construção oracional hipotática.

2.1 Planos discursivos

Baseado em pesquisas feitas por psicólogos e em observações de um grande número de línguas, Hopper (1979) postulou que, ao contar uma história, os usuários constantemente embalam as informações de acordo com as suas percepções acerca do fato, acerca das necessidades do ouvinte e dos objetivos comunicativos. Os pontos principais de uma história, ou seja, as ações, são vistos como figura (*foregrounding*) e os comentários, as avaliações ou ações secundárias são o fundo (*backgrounding*). Há línguas que marcam morfologicamente os planos discursivos, como a língua swahili, que tem um morfema verbal para expressar cada plano. Em línguas como o inglês e o português, os planos discursivos não são morfologicamente marcados, mas há um conjunto de características que marcam cada plano, como as apresentadas a seguir:

a) figura (*foreground*): sequência cronológica; eventos reais, dinâmicos e completos; sujeitos previsíveis (tópicos), humanos, agentivos e volitivos; codificação morfossintática: orações coordenadas, principais ou absolutas; formais verbais perfectivas;

b) fundo (*background*): eventos simultâneos; eventos não necessariamente completos e reais; situações estáticas, descritivas; situações necessárias para compreensão de atitudes (subjetividade), frequentes trocas de sujeitos, estrutura sintática: orações subordinadas (mas o fundo também pode ser codificado por orações coordenadas, absolutas ou principais), verbos não-perfectivos.

Todas as orações adverbiais aqui estudadas são consideradas orações de fundo, dentro do domínio da concessão. Num estudo mais detalhado dos planos discursivos, Silveira (1990; 1997) estabelece cinco níveis de fundidade – por ela denominada Hierarquia de Fundidade – demonstrando que há orações que Hopper considera de fundo, mas que têm mais traços semelhantes a uma oração figura prototípica. As orações adverbiais, dependendo de seu domínio semântico, têm papéis diferentes em termos de planos discursivos. As orações adverbiais temporais são mais próximas em termos pragmáticos e formais das orações figura do que as orações causais. Dentre os tipos semânticos das orações adverbiais, as orações concessivas, ao nosso ver, são as mais distantes das orações figura, pois são mais subjetivas e apresentam um uso formal e cognitivo mais complexo, uma vez que muitas se apresentam com verbo

no subjuntivo e expressam uma causa negada. O quadro 1 apresenta os níveis e as respectivas características:

Quadro 1 - hierarquia de fundidade

Categoria	**Grau de objetividade (do mais para o menos icônico)**	**Características**	**Tipo de cláusula-fundo (relação funcional entre as cláusulas)**
fundo 1	mais próximo do real, mais concreto	cláusulas-fundo que apresentam informações concretas sobre o evento	apresentação do evento; do cenário; dos participantes; ou da fala dos participantes.
fundo 2	ainda próximo do real, mas mais abstrato.	cláusulas-fundo que, através de circunstâncias, especificam o âmbito em que os fatos se deram	especificação de tempo; de modo; ou de finalidade.
fundo 3	próximo da estrutura do texto (mais abstrato e elaborado linguisticamente)	cláusulas-fundo que especificam vocábulos da cláusula anterior	especificação de referente; ou de processo/ação
fundo 4	próximo da interpretação do falante ao assistir ao evento	cláusulas-fundo que especificam relações inferidas dos fatos narrados	especificação de causa; de consequência; ou de adversidade.
fundo 5	próximo do ato de narração	cláusulas-fundo que apresentam interferências do falante no evento que está narrando	apresentação de opinião; de resumo; de dúvida; de conclusão; ou de canal.

Fonte: adaptado de Conceição (2010).

Na hierarquia acima, cláusulas temporais, por exemplo, estão na categoria fundo 2; as causais e as que expressam adversidade (as concessivas poderiam estar neste grupo) foram consideradas como fundo 4.

Concordamos com as postulações de Silveira (1990) de que as orações adverbiais não estão todas nos mesmos planos discursivos e que a gradação em vários graus de fundidade é muito importante para entendermos as estratégias discursivas do falante para apresentar sua perspectiva sobre os eventos.

2.2 Estrutura informacional

Há diversos pesquisadores (CEZARIO, 1995; CHAFE, 1976; GIVÓN, 1979, 1990, 1995; GOSKY, 1995; PAREDES DA SILVA, 1988; PRINCE, 1981; VAN DIJK, 1982) que se debruçaram sobre a relação entre estrutura linguística e o estatuto informacional de orações ou de sintagmas nominais, buscando verificar como o escritor/ouvinte embala a informação levando em consideração uma série de aspectos, como (a) a novidade ou não da informação, (b) a depreensão de inferências que o ouvinte/leitor pode fazer, (c) a quantidade de informação dada entre a última menção do referente e a sua reentrada no discurso, (d) o tipo de referente, se único, como o sol, Pelé, ou não, (e) se é animado ou inanimado, (f) se é humano ou não, (g) se é individuado ou não, (h) presença ou não de contraste entre informações, além de muitos outros elementos. Na nossa pesquisa, trabalhamos com a hipótese apresentada por Diessel (2013) de que há relação entre pressuposição e posição da oração hipotática em relação à oração matriz.

Lambrecht (1994) considera a informação pressuposta aquela que o escritor/falante apresenta com a convicção de que o ouvinte/leitor conhece ou pode inferir através do contexto discursivo. E, ao contrário, a informação não-pressuposta é a informação que não pode ser inferida do discursivo precedente. Segundo o autor, pressuposição é um fator pragmático, que tem a ver com conhecimento partilhado e com as expectativas do falante/escritor sobre cada pedaço de informação. Pressuposição não se confunde com informação nova e velha, nos termos de Chafe ou Prince, porque uma informação pode ser nova, no sentido de não mencionada no discursivo antecedente, mas pode ser pressuposta, pois o discurso precedente dá pista para o leitor/ouvinte compreendê-la como informação pressuposta.

Diessel (2013, p. 343) exemplifica de modo claro a diferença entre pressuposição e informação nova/velha.

> (8) "About 45 minutes later, Teresa Lewis called the police to report that her husband and stepson had been killed. But **when the police arrived**, Julian Lewis was still alive (…)

A oração temporal "when the police arrived" traz uma informação pressuposta, pois o discurso antecedente traz a informação de que a polícia foi chamada. Então o fato de a polícia chegar não é apresentado

como uma informação desconhecida. O que vem a seguir sim é a informação apresentada como não-pressuposta: a informação de que Julian Lewis estava ainda vivo.

Lambretch (1994, p. 52) opõe informação pragmaticamente pressuposta à asserção pragmática, que é a informação conhecida do falante/ouvinte. Nas suas palavras,

> Pragmatic presupposition: the set of propositions lexicogrammatically evoked in a sentence which the speaker assumes the hearer already knows or is ready to take for granted at the time the sentence is uttered.
> Pragmatic assertion: the proposition expressed by a sentence which the heared is expected to know or take for granted as a result of hearing the sentence uttered.

Nesta pesquisa, consideramos informação pragmaticamente pressuposta aquela já mencionada ou a informação que não foi mencionada, mas que pode ser inferida pelo discurso antecedente através de pistas linguistas apresentadas. E a informação que não foi mencionada ou que não tem pistas no discurso antecedente para orientar o leitor/ouvinte levando-o a fazer inferência é denominada de informação não-pressuposta. Podemos ver que, ao informar o ouvinte/leitor sobre uma situação ou estado de coisas, o falante/escritor influencia a representação mental do mundo do ouvinte.

Diessel (2013) postula que, translinguisticamente, as orações adverbiais antepostas são mais dependentes das orações matrizes – com contorno entonacional ascendente que prepara o leitor/ouvinte para a informação que vem depois – e trazem informação pressuposta. O lado esquerdo da oração é o lugar típico das informações pressupostas e é lugar do tópico da oração. Deduzimos, pela sua análise, que as orações adverbiais que ocorrem depois das orações matrizes trazem informação não-pressuposta. Além disso, são orações mais independentes, com contorno entonacional de fechamento de frase.

Na nossa pesquisa, verificamos a relação entre posição da oração adverbial e pressuposição pragmática para testar a hipótese de Diessel sobre a relação entre ordenação linear e pressuposição. Além disso, com o estudo do papel do conector na construção adverbial, acreditamos que demos um passo a mais na direção da compreensão do papel do item (GOLDBERG, 2006) que preenche o slot conectivo na construção. Nossa expectativa é que haja diferença entre os usos das construções aqui estudadas.

2.3 Espaços mentais

Dancygier e Sweetser (2000) retomam fatores funcionalistas importantes como planos discursivos e estrutura informacional para verificar semelhanças e divergências nos usos de orações do inglês com *if, since* e *because*. Também estudam como essas conjunções participam da construção de espaços mentais e como cada tipo de espaço afeta o modo como as conjunções são usadas.

Um dos espaços é o **domínio do contéudo**, um espaço que é sobre um estado possível de assuntos no mundo, como em *If his computer gets repaired, he'll finish the paper by Friday.*[1] O espaço mental é aberto a partir da condição estabelecida entre os dois eventos, em que o evento codificado pela oração com *if* é a condição para o outro evento ocorrer. Um outro espaço mental aberto por cláusulas condicionais é o que Sweetser (1990) e Dancygier e Sweetser (2000)denominam **espaço epistêmico**, como em *If he finished the paper by Friday, his computer must have gotten repaired.*[2] O espaço epistêmico aberto está relacionado com uma conclusão a partir de uma inferência criada com o evento codificado pela cláusula com *if*. Não há condição de ocorrência de um evento em função de outro evento. Um outro espaço mental é o do **ato de fala**, em que o falante faz o ato de fala logo depois de abrir o espaço mental com a oração if, como em *If I don't see you before Thursday, have a good Thanksgiving!*[3] Um quarto espaço é o **espaço metalinguístico**, aberto com a oração com *if*, com uma menção ao próprio ato de fala como no exemplo a seguir em que a cláusula com *if* se refere à avaliação do uso da palavra noiva: *Chris wants you to meet her fiance, if that's the right word for him.*[4]

As conjunções parecem ter preferências para abertura de espaços mentais. Por exemplo, *since* com valor temporal tem preferência pelo espaço do conteúdo, mas com outros valores cobre outros espaços mentais.

Verhagen (2000), ao tratar de causalidade e de concessividade, afirma que períodos com orações causais em geral se referem a um só espaço mental, o do conteúdo, referindo-se a conteúdos factuais, como em (9); já os períodos com orações concessivas se referem a mais de um espaço mental, pois o espaço epistêmico sempre está presente, como em (10).

---

1 Dancygier e Sweetser, 2000, p.113.
2 Dancygier e Sweetser, 2000, p.114.
3 Dancygier e Sweetser, 2000, p.115.
4 Dancygier e Sweetser, 2000, p.116.

(9) João passou nas provas, porque ele estudou muito.

(10) Embora tenha estudado muito, João não passou nas provas.

O exemplo (9) se refere a dois espaços de conteúdo, sendo as duas factuais. O segundo período também se refere a espaços de conteúdo, mas também inclui uma contra expectativa, já que era esperado que João tivesse passado nas provas, pois havia estudado muito. A construção concessiva abre um espaço mental que permite ao ouvinte compreender que a expectativa expressa será negada através do que é expresso na oração principal. Assim as construções do domínio da concessão estudadas podem abrir um espaço do conteúdo – são as factuais – ou um espaço epistêmico, provocando no leitor a imagem mental de uma condição para que algo ocorra (são as não-factuais).

3 O domínio concessivo: comparando usos de orações com *ainda que*, *mesmo que* e *se bem que*

As construções adverbiais concessivas, como vimos na seção anterior, expressam concessividade em relação a uma oração matriz. A relação entre a adverbial e sua matriz é uma relação hipotática, pois há independência relativa entre ambas. Essas orações são mais dependentes das orações matrizes do que as orações temporais, com verbo geralmente no subjuntivo e contorno entonacional dependente.

As construções adverbiais concessivas são orações de fundo num grau alto de fundidade. Embora Silveira (1990, 1997) não mencione claramente, consideramos a concessão no grau 4, pois são orações que trazem informações mais subjetivas, em que o falante/escritor geralmente concorda com algo que é apresentado como sendo de conhecimento do ouvinte/leitor e depois acrescenta uma informação que possivelmente o ouvinte/leitor não conheça ou não concorde (BARTH, 2000).

Nossa análise focará os papéis semânticos e pragmáticos de cada microconstrução e a relação desses papéis com a posição da oração hipotática e oração matriz. Para o estudo de diferenças pragmáticas, verificamos se há relação entre posição da oração adverbial e estrutura da informação, procurando saber se orações adverbiais que ocorrem antes da matriz apresentam informação pressuposta e orações adverbiais na segunda posição em relação à matriz apresentam informação não-pressuposta,

como informa a literatura na área; buscamos verificar se há diferenças de usos de orações com conectivos sinônimos com *ainda que* e *mesmo que*, por exemplo, em termos de orações que expressam factualidade ou eventualidade. Verificamos se um determinado tipo de oração é mais usado com determinados tipos semânticos de verbo, assim como verificamos padrões ligados a modos verbais. Dessa forma, estamos lidando com o tema variação construcional, observando construções oracionais cujos conectivos (slot CONECT) teriam um valor semântico semelhante (HILPERT, 2014; MACHADO VIEIRA, 2020; TROUSDALE, 2021).

A análise dos cem dados com *mesmo que* e *ainda que* mostra que há, dependendo do contexto, dois sentidos: o concessivo-condicional e o concessivo. No primeiro, apenas o conteúdo proposicional da oração principal é verdadeiro, podendo o da hipotática ser verdadeiro ou falso, como nos exemplos abaixo:

> (11) A decisão do STJ agradou o advogado Jader Marques, que defende Spohr, **ainda que o acusado tenha de passar pelo júri**. Marques diz que não recorrerá caso a postura do Ministério Público e da assistência de acusação seja a mesma, em relação à retirada das qualificadoras. (Corpus do Português)

> (12) Se o acordo for assinado, **mesmo que traga prejuízo aos trabalhadores**, vale como força de lei. Isso precisa ser revertido. (Corpus do Português)

Em (11) o conteúdo proposicional da oração hipotática pode ser verdadeiro ou falso, já que "o acusado pode ou não ter de passar pelo júri". O mesmo acontece no exemplo (12), "podendo o acordo assinado trazer prejuízo aos trabalhadores ou não".

Já nas concessivas (todas factuais), tanto o conteúdo proposicional da oração principal quanto o da subordinada são verdadeiros:

> (13) Ao TSE, a PRE/BA argumentou que o caso jamais poderia ter sido julgado em definitivo pelo TRE, **ainda que o investigado exerça atualmente cargo com foro no STF** (cargo de senador), os fatos a serem investigados teriam sido praticados antes da sua posse no Senado Federal. (Corpus do Português)

(14) A Ulefone é uma marca chinesa que possui uma vasta lista de smartphones, **mesmo que muitos deles sejam voltados para resistência**. Entretanto, alguns dos outros possuem um foco maior no custo benefício. Esse é o caso do recém-anunciado Ulefone Note 7P, uma variante do Note 7 apresentado há algum tempo, e que somente suportava a conexão 3G. Agora, esse novo modelo já traz suporte a conexão 4G. (Corpus do Português)

Nos exemplos (13) e (14) tanto o conteúdo proposicional da oração hipotática quanto o da principal são verdadeiros. Em (13), o investigado exerce o cargo com foro no STF - fato que fica claro com o termo "atualmente" sendo empregado. Em (14), a oração hipotática apresenta como verdadeiro o fato de que muitos dos smartphones são voltados para a resistência.

O gráfico 1 mostra os resultados encontrados após a análise dos 100 dados de cada construção, levando em consideração cada um dos sentidos:

Gráfico1 - Papéis semânticos das construções com *ainda que* e *mesmo que*.

Fonte: Elaboração própria.

Vemos que o uso de [ainda que oração] com o sentido concessivo representa 62% dos dados encontrados, mostrando que a construção é mais utilizada com esse papel. Já dados analisados de [mesmo que oração] mostram que a construção é mais utilizada com o sentido concessivo-condicional, representando 69% dos dados encontrados.

Konig (1985) afirma que o uso concessivo-condicional é a base de origem para os usos concessivos propriamente dito. Santos Silva (2019), verificou que a construção com *ainda que* já era encontrada no português arcaico e tinha nos primeiros séculos de história da língua mais usos concessivo-condicionais. A partir do século XV, o uso concessivo passou a ser predominante, embora até hoje haja o uso concessivo-condicional. A construção *mesmo que*, segundo Santos Silva (2019) e Santos Silva e Cezario (2019), foi formada na língua bem mais tarde, tendo seu uso generalizado a partir do século XIX e seu sentido predominante é o concessivo-condicional até hoje.

Com relação à construção [se bem que oração], não estudamos ainda a formação da construção na história da língua, mas a análise que fizemos em *corpus* do português atual demonstra que o sentido concessivo propriamente dito é o predominante, embora haja um elemento de origem condicional na construção – o "se".

Ainda que a gramática tradicional considere as três construções em estudo como sendo concessivas, as orações com *se bem que* têm comportamento semântico-pragmático e estrutural muito diferente das demais construções aqui analisadas, como dissemos.

Pela análise dos dados, pudemos verificar que mais importante do que marcar uma concessão, a construção [se bem que oração] é empregada para fazer um acréscimo que serve como uma argumentação forte. Muitas das vezes essas orações são empregadas como um período simples, podendo ser consideradas como orações desgarradas, conforme Rodrigues (2019). São, portanto, mais independentes do que as construções concessivas prototípicas (as orações com *embora* e *ainda que*, por exemplo).

Com relação aos papéis semântico-pragmáticos da construção com *se bem que*, detectamos três funções: a de apresentação de uma ressalva, que é a função não marcada; a de quebra de expectativa e a de mudança na condução discursiva[5]. Destacamos que, nas duas últimas funções, a função de ressalva também está presente. Então temos dados que expressam apenas ressalva, dados que expressam conjuntamente ressalva e quebra de expectativa e temos dados que expressam conjuntamente ressalva e mudança na condução discursiva. Veja com mais detalhes essa classificação com exemplos.

[5] Essa classificação foi baseada em Santos (2003) sobre orações com *mas* e Castanheira, Cezario e Brito (2021) sobre orações com *só que* e Sant'anna (2020).

(a) **Ressalva**: quando a construção oracional com *se bem que* contribui para que haja uma ressalva em relação ao que foi dito em outra oração, como no exemplo abaixo, em que a ressalva codificada por essa construção aparece entre parênteses:

(15) A idéia é tratar vídeos de a mesma forma que fotos. Publicar vídeos tão pessoais quantos as fotos. Nada de conteúdo de terceiros ou material com copy-right (**se bem que nada foi dito sobre proibir esse tipo de conteúdo**). Os vídeos aparecerão lado a lado com suas fotos em o album e poderão ser taqueadas exatamente de a mesma forma que as fotos. (Corpus do Português)

(b) **Quebra de Expectativa**: quando além da função mais básica (ressalva), a oração com *se bem que* introduz uma quebra na fluidez do discurso. Queremos dizer que há uma hibridez: a junção de ressalva com quebra da expectativa que o discurso precedente traz. Vejamos o exemplo:

(16) o governo de luis inácio da silva que o sucedeu, pelo menos em o primeiro momento, não infligiu mudanças substanciais em o rumo de a economia. foi por essa razão que o país passou relativamente imune a as adversidades ocorridas em o cenário internacional logo quando lula assumiu o mandato. uma fez que a tempestade se debelou, a economia mundial entrou novamente em uma fase de longa prosperidade, **se bem que criada de forma artificial.** mas isso não vem a o caso em este momento! (Corpus do Português)

(c) **Mudança de Condução Discursiva**: quando uma mudança de assunto é observada ao decorrer do discurso, em conjunto com o valor de ressalva. Vejamos o exemplo a seguir:

(17) (...) eu creio que vou ter dificuldade de aceitar. Aceitar não, de entender, porque mesmo não aceitando, a gente se acostuma, a vida acostuma a gente. Mas não entender é não entender, sem meio termo. E entre nós, a meu ver, tudo isso continua a não fazer sentido, é como se não combinasse. Se bem que... **bom, reconheço que sou distraído, acima de a média**, e vai ver que o tempo passou na janela e só Carolina e eu não vimos, só para seguir nas chicobuarqueisses, e você bem pode ter deixado um monte de sinais espalhados por aí, mas eu não me dei conta. (Corpus do Português)

O gráfico 2 demonstra que 64,7% dos dados expressam ressalva em relação ao discurso precedente; 28,3 dos dados têm, além do valor de ressalva, o papel de indicar uma quebra de expectativa e por fim 7% dos dados expressam ressalva e marcam uma mudança na condução discursiva.

Gráfico 2 - Usos da construção [se bem que oração]

Fonte: Elaboração própria.

Como já mencionado, Neves (1999) aponta que as conjunções concessivas são identificadas quando os conteúdos proposicionais expressos tanto pela oração principal como pela oração subordinada são verdadeiros, ou seja, factuais. Sendo assim, conectivos como *embora, apesar (de) que e se bem que* estabelecem relações concessivas factuais, como no exemplo abaixo:

> (18) O abuso sexual de menores não é só um delito canônico, mas também um crime perseguido por a autoridade civil. **Se bem que** as relações com as autoridades civis sejam diferentes em os diversos países, é contudo importante cooperar com elas em o âmbito de as respectivas competências. (Corpus do Português)

Nas construções concessivo-condicionais, como vimos, teríamos apenas o conteúdo da proposição principal como verdadeiro. O conteúdo da oração hipotática, portanto, seria hipotético. De acordo com a autora, conectivos como *mesmo que, ainda que e por mais que* podem aparecer sob a forma de concessivas factuais como também concessivas eventuais (*condicional-concessivas*).

Feita essa apresentação dos aspectos semânticos das duas construções, seguiremos com a análise da estrutura informacional, posição da oração em relação à oração matriz, factualidade e outras informações relevantes.

Uma das características das orações hipotáticas é a possibilidade de ocorrer antes ou depois da oração matriz. Essa variação posicional pode ser verificada com relação às construções com *ainda que* e *mesmo que*: 63% dos dados com *ainda que* ocorrem em posição anteposta à oração matriz; enquanto a maioria dos dados com *mesmo que* – 61% – ocorrem depois da oração matriz. Esse resultado aponta para uma maior independência pragmática e sintática da construção com *mesmo que*.

Com relação aos dados com *se bem que*, ocorre apenas a possibilidade de ocorrência em posição posposta à oração matriz ou mesmo a todo um conjunto de informações dadas no discurso precedente (exemplo 19), havendo apenas um dado em que nos pareceu que a oração com *se bem que* estava anteposta à matriz, que é o exemplo (20) abaixo.

(19) Tenho em mente, deslocar-me para o Planalto Central, porem apos ver essas afirmações, **se bem que**, como relatadas, não devem ser aferidas, **gostaria de saber** se a Capital federal realmente ficaria em um setor relativamente seguro... (Corpus do Português)

(20) O abuso sexual de menores não é só um delito canônico, mas também um crime perseguido por a autoridade civil. **Se bem que as relações com as autoridades civis sejam diferentes em os diversos países**, é contudo importante cooperar com elas em o âmbito de as respectivas competências. (Corpus do Português)

É muito comum nos blogs haver um ponto final entre a oração matriz e a oração hipotática com *se bem que*, algo que vai contra as regras de pontuação. Então nossa primeira conclusão era a de que a oração "Se bem que as relações com as autoridades civis sejam diferentes em os diversos países" era hipotática ao período anterior. Mas, numa segunda leitura, percebemos que a interpretação poderia ser diferente: a oração hipotática concessiva poderia ter como matriz a oração "é contudo importante cooperar com elas em o âmbito de as respectivas

competências". Neste caso, esse seria um único dado na amostra em posição anterior à matriz.

Fizemos um cruzamento entre posição das orações com *ainda que* e *mesmo que* e seu papel na estrutura informacional, observando a hipótese de Diessel (2013) de que as orações adverbiais antepostas devem trazer informação pressuposta e as orações pospostas devem apresentar informação não-pressuposta. Como a construção [[se bem que] oração]] categoricamente (desconsiderando o dado exemplificado em 20) é emitida em posição posposta à matriz, não fizemos esse cruzamento com os dados dessa construção. Essa construção apresenta também quase categoricamente informações não-pressupostas, pois, quando o escritor/falante faz uma ressalva (seu papel semântico predominante) há sempre alguma informação nova a ser expressa.

Os resultados de nossa análise com *ainda que* e *mesmo que* mostram que a maioria dos dados apresenta orações concessivas com informação não-pressuposta, o que é algo que não esperávamos, dado o que é afirmado na literatura sobre essa classe de adverbiais. A seguir há exemplos com construção adverbial com informação pragmaticamente pressuposta e não-pressuposta, respectivamente:

> (21) Depois de analisar amostras de tecido de 278 bebés que morreram sem causa aparente, que foram classificados como vítimas da síndrome da morte súbita, e compará-los com o material genético de 729 adultos saudáveis, os cientistas encontraram quatro casos de ocorrência desta mutação nos bebés e nenhuma nos adultos. **Ainda que apenas 4 possam parecer pouco**, neste caso o número é significativo: normalmente, encontram-se apenas 5 casos desta mutação rara em cada 100 mil pessoas. A mutação está relacionada com uma série de problemas neuromusculares genéticos e com dificuldades respiratórias. (Corpus do Português)

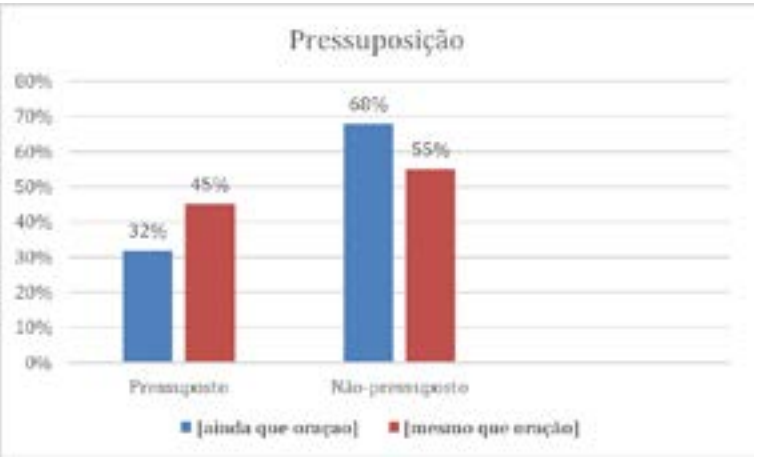
> (22) Johnny Depp abriu recentemente o coração para fazer revelações inéditas sobre o polémico término de relação com Amber Heard. **Ainda que não possa falar diretamente da ex-companheira,** devido a um contrato assinado por ambos, o ator revelou como se sentiu durante a separação. (Corpus do Português)

Em (21), a oração com *ainda que* traz uma informação pressuposta, primeiro porque a informação de que eram 4 bebês já havia sido informada e depois num universo de 278 bebês é de se inferir que as

pessoas possam achar 4 um número baixo. Já no exemplo (22) a oração com *ainda que* introduz uma informação que não ocorre no discurso antecedente e não pode ser inferida desse discurso: a de que Johnny Depp não pode falar diretamente da ex-companheira. Inclusive o escritor sente a necessidade de explicar a razão disso: devido a um contrato assinado por ambos. Sendo assim, consideramos a oração com *ainda que* como tendo uma informação não-pressuposta.

O gráfico abaixo demonstra que a construção com *ainda que* tende a apresentar informação que não pode ser recuperada pelo leitor por inferência ou por ter sido mencionada (68% dos dados com ainda que são não-pressupostos) contra 32% de dados com informação pressuposta. Já a construção com *mesmo que* tem uma diferença menor entre os tipos de informação, com 45% de orações pressupostas e 55% de não-pressupostas. Em outras palavras, podemos concluir que, quando o escritor apresenta informação completamente nova, há preferência pelo uso de construção com *mesmo que* em detrimento do uso com *ainda que*.

Gráfico 3 - Estrutura da informação com [ainda que oração] e com [mesmo que oração]



Fonte: Elaboração própria.

O gráfico a seguir apresenta o resultado da correlação entre ordem e pressuposição nos usos da construção oracional com *ainda que* e demonstra que o comportamento de nossos dados refuta as tendências apresentadas por Diessel (2013) sobre a relação entre arranjo linear e pressuposição:

Gráfico 4 - Relação entre arranjo linear e estrutura da informação - [ainda que oração]

Fonte: Elaboração própria.

Nossos resultados demonstram que informação pressuposta com *ainda que* tem ligeira preferência pela posição posposta à oração matriz (53,1%) e a informação não-pressuposta tem tendência alta (73,5%) a ocorrer na posição anteposta, o que contraria muito o esperado. Não queremos dizer que as observações de Diessel estão incorretas, mas que é preciso ver cada subesquema das orações adverbiais e cada tipo de oração tendo em vista o elemento que preenche o slot do conector.

O gráfico 5 se refere às informações sobre a construção com *mesmo que*:

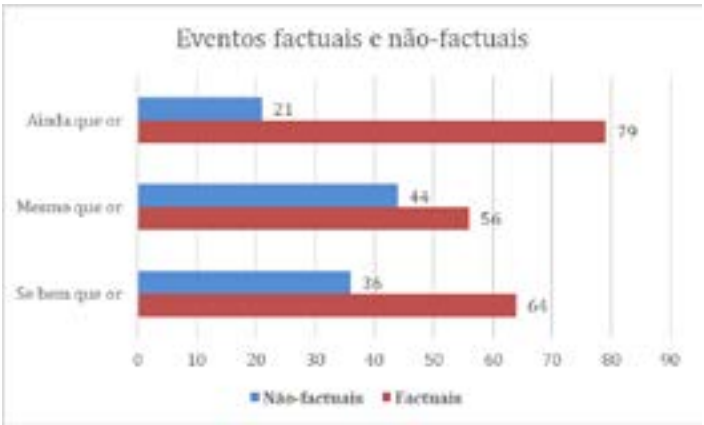
Gráfico 5 - Relação entre arranjo linear e estrutura da informação da construção [mesmo que oração]

Fonte: Elaboração própria.

O gráfico demonstra que, conforme a hipótese apresentada por Diessel (2013), com base em pesquisas de várias línguas, a informação pressuposta em dados com *mesmo que* tende a ocorrer em posição posposta à matriz (71%), e, contrariando nossas expectativas, as informações não-pressupostas não têm posição predominante, com 53% dos dados na posição posposta.

Com relação à análise da factualidade, as orações concessivas propriamente ditas apresentam eventos factuais e as concessivo-condicionais são não-factuais. Comparando as três construções em análise– construções com *ainda que*, *mesmo que* e *se bem que*, vemos que a tendência geral é o uso de orações factuais, como é mostrado no gráfico 6.

Gráfico 6 - Análise de factualidade nas três construções.



Fonte: Elaboração própria.

As orações que mais apresentam informações factuais são as que instanciam a construção [*ainda que* oração], com 79% de seus dados, como no exemplo abaixo:

> (23) Sob curadoria de Marcos Moraes, a coleção traz alguns nomes mui caros à história da arte e de apelo imediato ao grande público, como Rembrandt van Rijn (1606–1669) e Edvard Munch (1863–1944). **Ainda que esses dois queridos camaradas sejam atualmente mais lembrados em relação à pintura do que necessariamente à gravura**, ambos desenvolveram em suas trajetórias importante trabalho em gravação. (Corpus do Português)

Pelo gráfico, vemos que as orações com *mesmo que* são mais subjetivas, pois apresentam, em comparação com as outras duas construções, um número bem maior de orações que expressam eventualidade, isto é, informação não-factual, como em (24). Observemos que há o dobro de dados com informação não-factual em orações iniciadas com *mesmo que* (44%) em relação às iniciadas *ainda que* (21%). Costumam, assim, mais frequentemente funcionar como um construtor de um espaço mental relacionado à hipótese:

(24) Pelo que foi comentado, o conceito idealizado por David Breyer é "não apenas muito parecido, mas idêntico a um dos protótipos", que demonstra que **mesmo que a Microsoft acabe não indo adiante com ele**, ao menos alguns de seus elementos serão vistos na versão final do aparelho. (Corpus do Português)

Orações com *se bem que*, diferentemente das construções concessivas prototípicas, como as apresentadas na seção anterior, ocorrem quase categoricamente em posição posterior à oração matriz ou ocorrem desgarradas, conforme mostraremos. Elas são, portanto, mais independentes do que as demais e, neste ponto, têm características que as aproximam de orações coordenadas ou justapostas.

Diessel (2013) demonstra que, nas línguas, as orações que ocorrem antes da matriz têm dependência maior, preparando o leitor para a informação que é apresentada na oração matriz. Já as orações que são pospostas são mais independentes do ponto de vista semântico e entonacional. E é isso exatamente que acontece com a construção com *se bem que*.

Para finalizar, gostaríamos de ressaltar que muitos dados encontrados com *se bem que* se configuram como o que Decat (2009, 2011) e Rodrigues (2019) denominam desgarramento, que se refere a "´blocos de informação´ que o usuário da língua pode focalizar de uma única vez, os quais são identificados de diversas maneiras" (DECAT, 2009, p. 114). O termo desgarramento "refere-se, aqui, à ocorrência desgarrada de uma estrutura, produzida pelo falante/escritor já como uma estrutura não anexada sintaticamente ao que a antecede" (DECAT, 2009, p.114). Esse processo está ligado ao processo de focalização de orações e ocorre com orações substantivas, adverbiais e adjetivas. A ocorrência de estrutura desgarrada envolve a sua não anexação à oração principal ou a separação por fronteiras prosódicas ou por pontuação. Um exemplo de oração desgarrada com *se bem que* pode ser visto abaixo:

(25) justificativa para minha propria conduta pecaminosa. Um exemplo de isto, que eu vejo, é em a questão de o jugo desigual (isto é, uma pessoa cristã se relacionar amorosamente com alguém que não possui compromisso com a fé cristã): muitos acabam cedendo a este "« laço "», e justificam- se com o argumento de que muitas pessoas dentro de a igreja "« não tem caráter "», e aquela pessoa que encontrou, tem e a faz feliz, e é só isto que importa. Ou seja, usam um erro para justificar outro. **Se bem que isso já seria um assunto para um outro post**... (http://apenas1.wordpress.com/2011/09/19/o-pecado-supremo-na-igreja-evangelica-pensar/)

No dado (25), o escritor usa, num período simples, a construção com *se bem que* e assim fecha o texto de seu blog. A oração se inicia depois de um ponto final e termina com reticências, sem qualquer dependência sintática com o que foi apresentado antes.

Na escrita, o desgarramento fica muito evidente, por causa da pontuação, que comprova se tratar de uma oração independente sintaticamente do que poderia ser a oração matriz. O fato de haver muitas ocorrências de orações com *se bem que* desgarradas nos leva à conclusão de que esse tipo de construção se aproxima de orações independentes como as coordenadas ou dos períodos simples. Mais uma vez, podemos dizer que construções com *se bem que* não se caracterizam como uma oração hipotática concessiva típica como as com *ainda que* e *mesmo que*, contrariando a visão das gramáticas tradicionais, que as colocam na mesma categoria.

Analisamos os itens verbais das orações em análise para verificar se havia algum padrão para cada tipo de oração. No caso da construção[se bem que oração], os itens verbais encontrados foram muito variados, não havendo um uso mais frequente. As orações com *ainda que* e com *mesmo que*, apresentam os verbos *ser* e *estar* como os mais frequentes, sendo verbos menos nocionais, mais relacionais. As orações com *ainda que* apresentam maior variação de tipos de verbos – inclusive com verbos materiais, como *fazer* – do que as orações com *mesmo que* que concentram seus dados dentro da semântica de verbos relacionais (SANTOS SILVA, 2021).

Por fim, os dados com *ainda que e mesmo que* tiveram sempre o verbo no subjuntivo (como nos exemplos 23 e 24 acima), demonstrando maior vínculo com a oração matriz. Já os dados com *se bem que* apresentaram 82,2% de verbos no indicativo (como em 25), o que aproxima a construção com *se bem que* das construções coordenadas e desgarradas.

Vemos que, embora essas três microconstruções sejam consideradas pela Gramática Tradicional como sinônimas, elas têm especificidades que são demonstradas a partir da frequência de uso de uma dela em diferentes contextos. Ou seja, há algum tipo de tendência para um uso de uma ou outra construção a partir dos objetivos comunicativos dos falantes, mesmo que não haja uma consciência sobre essas diferenças. Trousdale (2021), ao estudar os usos de *nonetheless* e *nevertheless*, verificou que, embora haja diferenças de tendências de usos desses marcadores discursivos, os falantes nativos de modo geral não percebem diferenças semântico-pragmáticas.

4 Conclusões

A tabela 1 apresenta uma comparação geral dos usos das três construções tradicionalmente consideradas concessivas:

Tabela 1: Comparação entre os usos de [ainda que oração], [mesmo que oração] e [se bem que oração]

Fatores analisados	Ainda que or	Mesmo que or	Se bem que or
Informação pressuposta	32%	45 %	10%
Informação factual	79%	56%	63,6%
Posição posposta	61%	35%	100%
Papel semântico-pragmático mais comum	Concessivo	Concessivo-condicional	Ressalva
Espaço mental	Conteúdo (- subjetivo)	Epistêmico (+ subjetivo)	Conteúdo (-subjetivo)
Modo verbal predominante	Subjuntivo	Subjuntivo	Indicativo
Processo	Hipotaxe	Hipotaxe	Hipotaxe e desgarramento
Itens verbais mais frequentes	Ser, estar, ter e fazer.	Ser e estar	Variados, não havendo predominância de um tipo.

Fonte: Elaboração própria.

Observemos as tendências, a partir da tabela:

a) A construção com *ainda que* tem mais orações factuais, demonstrando menor subjetividade do que a construção com *mesmo que e se bem que*.

b) As construções com *ainda que* têm alta tendência de ocorrer na posição posposta, enquanto a oração com *mesmo que* tende a ocorrer em posição antecedente à matriz. A construção com *se bem que* ocorre categoricamente na posição posposta à oração matriz, o que neste quesito a aproxima muito de orações coordenadas sindéticas, que sempre vêm depois de outras coordenadas.

c) As orações analisadas tendem a expressar informação não-pressuposta, o que não era esperado de modo geral. Com relação à construção com *se bem que* entendemos que, como seu papel principal é apresentar uma ressalva, essa traz uma informação não-pressuposta no discurso antecedente.

d) Um resultado muito interessante que encontramos, já num âmbito mais formal, foi a tendência de uso do modo indicativo nas orações com *se bem que* – 82,2% dos dados – , o que mais uma vez aproxima essa construção de construções oracionais mais independentes como as coordenadas. Orações concessivas típicas, como as introduzidas por *embor*a, são usadas com verbo no modo subjuntivo e expressam subjetividade. Nossos dados com *ainda que* e *mesmo que* apresentam categoricamente verbos no subjuntivo.

e) A construção oracional mais subjetiva – [mesmo que oração] concentra uma frequência alta de dados com os verbos *ser* e *estar* – verbos relacionais, menos nocionais. A construção [ainda que oração] também tem maior frequência de usos de *ser* e *estar*, mas tem também verbos com sentido de posse (*ter*) e verbos materiais (como *fazer*). A construção [se bem que oração] não tem um padrão de uso de itens lexicais no slot V.

f) Por fim, podemos dizer que as orações com *mesmo que* e *ainda que* se enquadram bem no processo da hipotaxe e a construção com *se bem que* está num ponto do contínuo entre coordenação e hipotaxe, podendo ainda ser orações desgarradas.

As três construções são instanciações de uma construção maior, que é a construção oracional adverbial. Estão relacionadas, por serem variantes em determinados contextos e por terem importante papel num plano discursivo de fundo muito distante do plano figura. No entanto, há diferenças formais e pragmáticas entre elas, sendo que a construção iniciada por *se bem que* tem link mais forte com construções paratáticas e as demais, com construções hipotáticas concessivas mais prototípicas.

Consideramos que as orações com *ainda que*, *mesmo que* e *se bem que* sejam instanciações de construção hipotática concessiva. Mas [se bem que oração] tem um comportamento que a aproxima das construções coordenadas: elas ocorrem quase que categoricamente depois da oração com a qual se ligam; e muitas vezes estão num período

simples. Mais do que apresentar uma concessão, a oração com *se bem que* normalmente serve para fazer uma ressalva a tudo o que vinha sendo apresentado no discurso precedente. Esses resultados na verdade não são problemas numa abordagem baseada no uso, pois sabemos que as categorias não são discretas, havendo na verdade um contínuo categorial. Essa ideia já estava bastante presente em Hopper e Traugott (1993), ao demonstrarem o contínuo entre orações justapostas, coordenadas, hipotáticas e subordinadas. Além disso, a concepção de gramática como rede de construções ligadas por links de diferentes tipos nos permite compreender o nó da construção oracional iniciadas por *ainda que* é mais próximo do nó de uma oração com *mesmo que* do que com *se bem que*. É que o nó dessa última tem links estreitos também com orações paratáticas. Estudos futuros podem aprofundar o estudo das diferenças de uso de [se bem que oração], confrontando usos em orações hipotáticas e em desgarradas.

O estudo comparativo da frequência de uso feito para esta pesquisa foi muito relevante na medida em que demonstrou que, em fenômenos como o que estudamos, as escolhas linguísticas só podem ser explicadas através da análise das tendências de uso. Os falantes, mesmo de modo inconsciente, tendem a repetir padrões (BYBEE, 2010; TROUSDALE, 2021), acessando uma construção de um grupo disponível de construções (ou seja, de um paradigma) tendo em vista os contextos discursivos, pragmáticos e estruturais em que a construção normalmente ocorre.

Declaração de autoria

Maria Maura Cezario participou da realização do projeto, da escolha dos parâmetros de análise, da análise dos dados e dos resultados. Thiago Santos Silva coletou e analisou os dados das construções [ainda que oração] e [mesmo que oração]. Também analisou os resultados acerca dos usos dessas duas construções. Ambos os pesquisadores delinearam a metodologia e os pressupostos teóricos e escreveram juntos o artigo. Juliana Sant'anna coletou e analisou os dados e os resultados da pesquisa acerca da construção [se bem que], sob a orientação de Maria Maura Cezario.

Referências

BARTH, D. "That's true, although not really, but still": Expressing concession in spoken English. *In*: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.). *Cause - condition - concession - contrast:* cognitive and discourse

perspectives. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 411-438.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CEZARIO, M.M. *Uses of adverbial clauses introduced by [sempre que] and [toda vez que] in Portuguese*. *In*: UK COGNITIVE LINGUISTICS CONFERENCE, 2020. *Proceedings*… Birmingham: Universidade de Birmingham, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343514713_USES_OF_ADVERBIAL_CLAUSES_INTRODUCED_BY_sempre_que_OR_by_toda_vez_que_IN_BRAZILIAN_PORTUGUESE_POSTER_-to_a_virtual_conference_Prof_MARIA_MAURA_CEZARIO_UFRJUFRNCNPqCAPESDG_-Rio_de_Janeiro-Brazil

CEZARIO, M.M. *A construção com oração adverbial*. 2020. Natal.f. 50. Relatório (Estágio de Pós-doutoramento) – Curso de Letras/CCHLA, UFRN, CAPES, 2020.

CEZARIO, M. M.; ALONSO, K. A contribuição do modelo da construcionalização e mudanças construcionais: reflexões em Português. *Soletras*, São Gonçalo, n. 37, v. 1, p. 113-154, 2019. DOI: 10.12957/soletras.2019.38444

CEZARIO, M.M.; ALONSO, K; CASTANHEIRA, D. *Linguística Baseada no Uso:* Explorando Métodos, Construindo Caminhos. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020.

CEZARIO, M.M *Variação do sujeito na primeira pessoa do singular.* 1995. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro,1995

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics, and point of view. *In*: CHAFE, W. L; LI, C. N (ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 25-55

CONCEIÇÃO, P. T. *Planos discursivos em diferentes níveis de escolaridade:* estudo de recontagem de Figura e Fundo. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, UFRJ, 2010.

COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.) *Cause - condition - concession - contrast:* cognitive and discourse perspectives. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000.

CREVELS, M. Concessives on different semantic levels: A typological perspective. *In*: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.). *Cause - condition - concession - contrast:* cognitive and discourse perspectives. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 313-340.

CROFT, W. *Radical Construction grammar:* syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CROFT, W.; CRUSE, A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. Constructions with if, since, and because: Causality, III epistemic stance, and clause order. *In*: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.) *Cause - condition - concession - contrast:* cognitive and discourse perspectives. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 111-142.

DECAT, M. B. N. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes Editora, 2011.

DECAT, M. B. N. A função focalizadora de estruturas "desgarradas" no português falado e escrito: um estudo funcionalista de orações em sua ocorrência como enunciado independente. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2, 2009, Évora. Anais... Évora, 2009. p.114-134.

DIESSEL, H. Adverbial subordination. *In*: Silvia Luraghi; Claudia Parodi (eds). *Bloomsbury Companion to Syntax*. London: Bloomsbury Academic, 2013. p. 341-353.

DIESSEL, H. *The Grammar Network*: linguistic structure is shaped by language use. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

FERRARI, L. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M.A.; BISPO, E.; SILVA, J.R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M.M.; FURTADO DA CUNHA, M.A. (orgs.). *Linguística centrada no uso:* uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2013. p. 53-78.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. *Syntax:* a functional-typological introduction. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1990.

GIVÓN, T. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

GOLDBERG. A. *Constructions at work:* the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG. A. *Constructions*: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG. A. *Explain me this:* creativy, competition, and the partial productivity of constructions. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GOSKY, E. *Condições de entrada e de continuidade do referente em narrativas orais*. 1985140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, 1985.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, P J. Aspect and Foregrounding in Discourse. *In*: Givón, T. (ed.). *Discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979. p.213-41.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. A. Toward a model of text comprehension and production. *Psychological Review*, Washington, v. 85, n. 5, p. 363–394, 1978. DOI: https://doi.org/10.1037/0033-295X.85.5.363

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English, diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, Amsterdam, v.66, n.1, p. 1-19, 1985. DOI: 10.1016/S0024-3841(85)90240-2

KÖNIG, E. Concessive Clauses. *In*: ASHER, R. E. (ed.). *The Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Pergamon, 1994. p. 679-681.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form*: Topic, focus, and the mental representation of discourse referents. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

LI, C.; THOMPSON, S. Third Person Pronouns in Zero-Anaphora in Chinese Discourse. *In*: GIVON, T. (ed.). *Syntax and Semantics*, v 12: Discourse and Syntax. New York: Academic Press, 1979. p. 311–335.

MAAT, H. P.; SANDERS, T. Domains of use or subjectivity? The distribution of three Dutch causal connectives explained. *In*: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.). *Cause - condition - concession - contrast:* cognitive and discourse perspectives. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 57-82.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Língua, Sociedade e relações de poder: a produção escrita de surdos. *In*: FREITAS JUNIOR, R; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S. (orgs.). *Aprendizes surdos e escrita em L2:*

reflexões teóricas e práticas [livro eletrônico]. 1ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. p. 36-56.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística:* uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

MYER, P. G. The relevance of causality. *In*: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.). *Cause - condition - concession - contrast:* cognitive and discourse perspectives. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 9-34.

NEVES, M. H. M. As construções concessivas. *In*: NEVES, M. H. M. (org.). *Gramática do Português Falado:* Novos estudos. v. 7. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. p. 545-591.

NEVES, M.H.M. *Gramática de usos do português*. 2 ed. São Paulo: Unesp, 2011.

NOORDMAN, L. G. M.; BLIJZER, F. On the processing of causal relations. *In*: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.) *Cause - condition - concession - contrast:* cognitive and discourse perspectives. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 35-56.

PAREDES SILVA, V. L. *Cartas cariocas*: a variação do sujeito na escrita informal. 1988. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1988.

PRINCE, E. F. Toward a taxonomy of given-new information. *In*: COLE, P. (ed.). *Radical pragmatics*. New York: Academic Press, 1981. p. 281-297.

RODRIGUES, V. (org) *Desgarramento de cláusulas em português* : usos e descrição. São Paulo: Blucher, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; OLIVEIRA, M. R. (2016). Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática. *Alfa: Revista de Linguística,* São José do Rio Preto, v. 60, n. 2, p. 233-259. DOI: 10.1590/1981-5794-1608-1.

SANT'ANNA, J. S. *Usos de orações hipotáticas introduzidas por [se bem que] no português brasileiro contemporâneo*. 2020. 30 f. Monografia (Bacharelado em Portugugês-Literaturas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2020.

SANTOS SILVA, T. *A formação de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [XQUE] em português: uma análise construcional de mudança.* 2019. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS SILVA,T. Formação dos conectores contrastivos *ainda que* e *mesmo que*: uma análise construcional. In: Cezario, M.M; Alonso, K.S;

Castanheira, D. (org.). *Linguística Baseada no Uso:* Explorando Métodos, Construindo Caminhos. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020. p. 185-202.

SANTOS SILVA, T. *O domínio da concessão: uma análise do uso de construções oracionais do esquema [[X QUE (S) V (C)ORAÇÃO HIPOTÁTICA ADVERBIAL em português e espanhol.* 2021. 50 f. Texto de Qualificação (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras UFRJ, 2021.

SANTOS SILVA, T.; CEZARIO, M.M. Construcionalização e competição de conectores concessivos e concessivo-condicionais instanciados pelo esquema [Xque] em português. *Revista Odisseia*, Natal, v. 4, n. Esp., p. 132 – 153, 2019. DOI: 10.21680/1983-2435.2019

SILVEIRA, E. *Relevância em Narrativas Orais*. 1990. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1990.

SILVEIRA, E. *O aluno entende o que se diz na escola*? Rio de Janeiro: Dunya, 1997.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics*: metaphorical and cultural aspects of semantic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TROUSDALE, G. (Near) mergers in constructional change: the history of the English discourse markers nonetheless and nevertheless. *In*: IV CONECT VIRTUAL, 2021. *Proceedings*… Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2021 Disponível em https://youtu.be/P75JOdcJ2fc.

VAN DIJK, T. A. Episodes as units of discourse analysis. *In:* TANNEN, D. (ed.). *Analyzing discourse:* text and talk. Georgetown: Georgetown University Press, 1982. p. 177–195

VERHAGEN, A. Concession implies causality, though in some other space. *In*: COUPER-KUHLEN, E; KORTMANN, B. (eds.) *Cause - condition - concession - contrast:* cognitive and discourse perspectives. 1ª ed. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 361-380.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 1032-1055, 2022

Análise dos conectores "*com o objetivo de*" e "*com o intuito de*" à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso

Analysis of the connectors "com o objetivo de*" and "*com o intuito de*" *from the perspective of Usage-Based Functional Linguistics*

Ivo da Costa do Rosário
Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil
ivorosario@id.uff.br
https://orcid.org/0000-0003-1315-6787

Brenda da Silva Souza
Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil
brendasouza045@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-5344-9045

Resumo: Sob o escopo teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso, o presente trabalho objetiva analisar as principais propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas das microconstruções conectoras *com o objetivo de* e *com o intuito de*. A coleta de dados foi realizada nos *corpora* de modalidade escrita do português brasileiro contemporâneo, organizados pelo Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional da Gramática e Tradução (NUPACT), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Por meio de uma análise prioritariamente qualitativa, os resultados indicam que, apesar de não estarem previstas nas principais gramáticas tradicionais, ambas as microconstruções atuam como conectores que veiculam a noção de finalidade em orações não finitas. Nessas orações, por sua vez, a posição dos conectores implica diferentes valores discursivo-pragmáticos. As microconstruções *com o objetivo de* e *com o intuito de* são formadas a partir dos processos de *neoanálise* e de *analogização* (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Além disso, os dados investigados revelam que ambas podem ser consideradas aloconstruções, já que são atestadas em um quadro de variação construcional (cf. PEREK, 2015).

Palavras-chave: conectores; finalidade; Linguística Funcional Centrada no Uso.

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.1031-1055

Abstract: Under the theoretical-methodological scope of Usage-Based Functional Linguistics, the present work aims to analyze the main morphosyntactic and semantic-pragmatic properties of the connector microconstructions "*com o objetivo de*" and "*com o intuito de*". Data collection was conducted in the written modality *corpora* of contemporary Brazilian Portuguese, organized by the *Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional da Gramática e Tradução* [Research Nucleus on Constructional Approach to Grammar and Translation] (NUPACT), of the Federal University of Juiz de Fora (UFJF). Through a primarily qualitative analysis, the results indicate that, despite not being accounted for in the main traditional grammars, both microconstructions act as connectors that convey the notion of purpose in non-finite clauses. In these clauses, in turn, the position of the connectors implies different discursive-pragmatic values. The microconstructions "*com o objetivo de*" and "*com o intuito de*" are formed from the processes of neoanalysis and analogization (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Furthermore, the investigated data reveal that both can be considered allostructions, as they can be attested in a framework of constructional variation (cf. PEREK, 2015).

Keywords: connectors; purpose; Usage-Based Functional Linguistics.

Recebido em 28 de julho de 2021

Aceito em 16 de outubro de 2021

1 Considerações iniciais

Este trabalho insere-se em uma agenda recente de pesquisas funcionalistas, no âmbito do CCO - Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações[1], que tem o intuito de construir um panorama descritivo-analítico completo do esquema [X de]$_{conect}$ na língua portuguesa. A esse esquema, ligam-se diversas microconstruções instanciadas por dois subesquemas principais: [Adv de]$_{conect}$ e [Prep [det] N de]$_{conect}$.

O debate em torno dos processos de combinação de orações está no centro das investigações do CCO e, consequentemente, tem suscitado diversas pesquisas que contrapõem ou ampliam as visões gramaticais mais tradicionais. No que diz respeito às chamadas orações adverbiais ou hipotáticas de finalidade, a abordagem teórica mais tradicional geralmente elenca algumas conjunções prototípicas que veiculam esse valor semântico, a saber: "a fim de [que]", "para [que]", "que" (no sentido de "para que") (cf. BECHARA, 2003; HENRIQUES, 2003; KURY, 2003; LUFT, 2000; MELO, 2001; RIBEIRO, 2004; ROCHA LIMA, 1999).

[1] http://cco.sites.uff.br. Acesso em: 20/05/2021.

No entanto, uma análise de textos reais escritos deste século XXI mostra que há outras possibilidades de expressão da ideia de finalidade. Neste trabalho, focalizamos duas codificações possíveis, ligadas ao subesquema [Prep [det] N de]$_{conect}$. São os conectores[2] *com o intuito de*[3] e *com o objetivo de*. Em comum, essas duas microconstruções são formadas pela adjunção de preposição (com/em), determinante (o), nome (intuito/objetivo) e preposição (de).

Vejamos dois dados iniciais, extraídos dos *corpora* do Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional da Gramática e Tradução (NUPACT)[4]:

> (1) Com investimento de 320 milhões de dólares, a empresa vai ampliar em 12% a capacidade instalada de sua fábrica em Pacheco, na Argentina, que enviará mais carros ao Brasil. Outra parte do investimento será alocada para as fábricas brasileiras, **com o intuito de** aumentar a eficiência das linhas já existentes. Para montar o novo Ka, por exemplo, a Ford já conseguiu um ganho de 26% na produtividade -- o que significa aumento de mais de 15 000 unidades por ano. "Neste ano, a Ford deve aumentar as vendas, mas dificilmente irá recuperar participação de mercado", afirma o consultor Juliano Alquati, da CSM Auto, especializada no setor automotivo.
>
> (2) O biólogo americano Robert Trivers ficou famoso por seus estudos sobre o autoengano. Trata-se de um conceito simples: o ser humano mente para si mesmo **com o objetivo de** enganar de forma mais eficaz os outros. A ideia de Trivers, um evolucionista que passou boa parte da carreira na Universidade Harvard e na Universidade da Califórnia, se aplica tanto à conquista de uma companhia amorosa quanto à tentativa de inflar ativos no mercado financeiro.

Os dados (1) e (2), flagrados em textos escritos da atual sincronia, ilustram o que chamamos de *construção final instanciada*

---

[2] Entendemos o termo *conector* como "marcador especial que indica a natureza das conexões interoracionais" (LANGACKER, 1977, p. 423-424). Logo, usaremos esse termo no plano da combinação de orações.

[3] Mais à frente, apresentaremos uma variante desse conector, que também foi objeto de nossa investigação. Trata-se de "no intuito de".

[4] Disponível em: https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/. Acesso em: 20/05/2021.

pelo subesquema [Prep [det] N de]conect. Em (1), observamos que os quatro elementos componentes (preposição "com" + determinante "o" + substantivo "intuito" + preposição "de") perdem parte de sua composicionalidade (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) para formar o conector *com o intuito de*, que veicula a ideia de finalidade. No caso de (1), trata-se da finalidade do investimento direcionado às fábricas brasileiras. De modo semelhante, em (2), *com o objetivo de* introduz oração final, com o propósito de marcar uma prática do autoengano.

Outro ponto em comum entre os dados (1) e (2) é o fato de que, em ambos, os conectores ligam orações não finitas (nesse caso, infinitivas), rotuladas na Tradição como orações reduzidas de infinitivo. Para alguns autores, são também denominadas *entidades dessentencializadas*, isto é, sem caráter oracional pleno (GIVÓN, 1993; HOPPER; TRAUGOTT, 1997; LEHMANN, 1988), como veremos mais detalhadamente na seção de *Análise de dados*.

Neste trabalho, defendemos a hipótese de que as microconstruções conectoras finais *com o intuito de* e *com o objetivo de* são instanciadas pelo subesquema [Prep [det] N de] que, por sua vez, toma como base o esquema [X de]conect. Os conectores em língua portuguesa, com base nesse esquema virtual, no eixo paradigmático, são formados a partir do fenômeno de analogização (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). No eixo sintagmático, são constituídos por meio dos processos de *chunking* (cf. BYBEE, 2007) e de neoanálise (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Assim, as microconstruções em foco, cujas subpartes originalmente pertencem às categorias das preposições, dos determinantes e dos nomes, perdem parte de sua composicionalidade para veicular a nova função conectora.

O objetivo principal deste estudo é analisar as características morfossintáticas e semântico-discursivas (cf. CROFT, 2001) das microconstruções de valor final (*com o intuito de* e *com o objetivo de*) ensejadas pelo subesquema [Prep [det] N de]conect na atual sincronia do português do Brasil. Objetivamos, ainda, contribuir para o desenvolvimento das pesquisas funcionalistas acerca dos processos de conexão interclausais, especialmente no que diz respeito aos conectores não canônicos de finalidade, que atuam na ligação de orações não finitas. Com isso, oferecemos uma alternativa ao tratamento gramatical tradicional desse fenômeno, que limita a abordagem das chamadas orações subordinadas adverbiais finais a uma reduzida lista de conectivos canônicos que veiculam esse efeito semântico.

A fim de cumprir tais intentos, organizamos este artigo da seguinte forma: após estas *Considerações iniciais*, apresentamos os *Procedimentos teórico-metodológicos* adotados, descrevendo alguns pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Em seguida, procedemos à

Análise de dados, a partir da perspectiva de uma abordagem construcional da gramática. Por fim, as *Considerações finais* encerrarão este trabalho.

2 Procedimentos teórico-metodológicos

A Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) é resultado da união dos estudos da chamada Linguística Funcional Clássica (ou Funcionalismo de vertente norte-americana) com aportes da Linguística Cognitiva, mais especificamente por meio da Gramática de Construções (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Assim, a partir dos pressupostos compartilhados por essas correntes, tais como "rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem dela nos contextos reais de comunicação [....]" (FURTADO DA CUNHA; BISPO E SILVA, 2013, p. 14), a LFCU elege alguns aspectos que norteiam a investigação linguística: frequência de uso, inferências pragmáticas, modelagem das estruturas nos diferentes contextos etc., sempre partindo de dados reais de fala e/ou escrita, organizados em *corpora*.

Nesta investigação, adotamos a LFCU como linha teórica central por conta de sua estreita relação com a pesquisa empírica, dado que essa teoria tem se revelado "uma corrente eficaz na descrição de fenômenos cuja gênese e propagação são atestadas no uso das diversas comunidades linguísticas, congregando pressupostos funcionalistas, cognitivistas e construcionistas" (ROSÁRIO, 2018, p. 213).

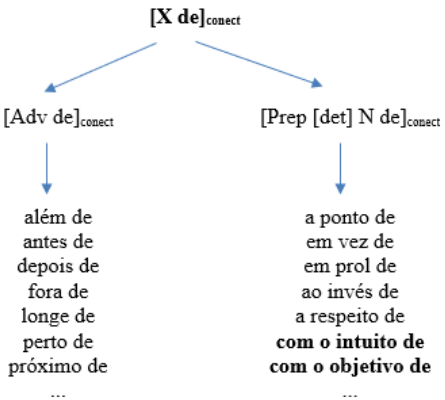
A abordagem da LFCU é orientada pela observação dos fenômenos linguísticos e de seus processos de mudanças, verificados tanto na sincronia quanto na diacronia. O seu objetivo principal é descrever a emergência, a regularização e a convencionalização de padrões construcionais, levando em conta os papéis desempenhados por cada um deles nas situações efetivas de comunicação. Por isso, acreditamos que esse aparato teórico é adequado para a análise da *construção final instanciada pelo subesquema [Prep [det] N de]*$_{conect}$, uma vez que pretendemos estudar esse fenômeno a partir de dados reais, considerando o seu papel nas situações de uso linguístico real, na modalidade escrita.

A respeito do modo de análise, cabe mencionar que a LFCU considera tanto os aspectos formais quanto os funcionais no momento da descrição linguística. Logo, a consideração dos aspectos morfossintáticos

e semântico-pragmáticos é tarefa do linguista funcionalista, que busca proporcionar um tratamento holístico ao fenômeno em estudo.

Por meio da análise de dados de uso, flagrados no discurso e na interação linguística, é possível postular uma hierarquia construcional (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), considerando diferentes níveis de organização da construção na mente do usuário, dos mais abstratos aos mais concretos. Tomando como ponto de partida o fenômeno aqui em análise, essa hierarquia pode ser representada da seguinte forma:

Esquema 1 – Rede dos conectores [X de] em língua portuguesa



Fonte: Adaptação de Rosário (2020)

No nível mais alto, temos o esquema [X de]conect, de natureza mais abstrata e virtual, com um único *slot* preenchido, ou seja, a preposição *de*. Em um nível intermediário, temos dois subesquemas: [Adv de]conect e [Prep [det] N de]conect. Ambos abrigam uma série de microconstruções (que não se esgotam na figura acima). Os dois conectores em estudo neste artigo (*com o objetivo de* e *com o intuito de*) pertencem ao segundo subesquema, como está destacado acima.

Uma vez que pertencem a uma hierarquia construcional, os conectores que veiculam a noção de finalidade são tratados como pareamentos simbólicos convencionalizados, ou seja, como construções. Esse conceito é tão importante nos atuais estudos funcionalistas que está atrelado à própria concepção de língua, definida como sistema constituído de pareamentos forma-significado, organizados em rede (GOLDBERG, 1995). Assim, defendemos que o conhecimento linguístico dos falantes é formado pelo conhecimento do *constructicon*, ou seja, dessa rede de construções, que são as unidades básicas da gramática.

O *constructicon* é dinâmico. Logo, nessa perspectiva, a gramática passa a ser vista como uma estrutura maleável, formada por um conjunto de construções que se moldam continuamente a fim de cumprir propósitos comunicativos. Com isso, o sistema está em constante processo de mudança, como as dunas de areia (BYBEE, 2007).

À diferença das perspectivas formalistas, na visão da LFCU, a gramática é considerada uma estrutura holística, isto é, não modular, na medida em que os diferentes níveis de uma construção funcionam de forma articulada. A dinamicidade do sistema linguístico é explicada a partir de uma clássica afirmação no campo dos estudos funcionalistas: o uso impacta o sistema (CUNHA LACERDA; FURTADO DA CUNHA, 2017).

Apesar de este trabalho propor um recorte sincrônico para análise, com base em diversas pesquisas empíricas já desenvolvidas, é possível defender que o surgimento das microconstruções *com o intuito de* e *com o objetivo de* se dá a partir de pressões de uso e de necessidades comunicativas dos falantes. As recategorizações sofridas pelas subpartes das microconstruções ocorrem devido à (inter)subjetivização (cf. TRAUGOTT; DASHER, 2005), ou seja, ao desejo de os falantes serem cada vez mais expressivos. Essas modificações, por sua vez, não ocorrem de modo isolado na língua. Ao contrário, as microconstruções em análise devem ser consideradas em seus aspectos formais e funcionais no âmbito de uma hierarquia construcional, em relações de natureza vertical, horizontal e transversal.

Na análise construcional, três fatores são de especial importância: esquematicidade, produtividade e composicionalidade (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; TRAUGOTT, TROUSDALE, 2013). A esquematicidade diz respeito ao nível de abstração das construções, tendo em vista que esses pareamentos simbólicos podem ser bastante abstratos ou bastante específicos (além da possibilidade de haver diversos pontos intermediários). Essa organização esquemática das construções tem sido representada por meio de uma hierarquia comumente composta de três níveis: esquemas > subesquemas > microconstruções. Com base no Esquema 1, dizemos que [X de]$_{conect}$ é o esquema; [Adv de]$_{conect}$ e [Prep [det] N de]$_{conect}$ são os subesquemas; as microconstruções são os conectores propriamente ditos, que ficam na base na figura. Por fim, os constructos são os *tokens* ou dados empiricamente comprovados no uso. A produtividade diz respeito à extensibilidade da construção, associada a sanções e restrições, o que também é aferido por meio do levantamento de frequência *type* e *token*. Por fim, a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado das construções. Pode ser de natureza sintática ou semântica.

A respeito dos procedimentos metodológicos que envolvem este estudo, salientamos que adotamos uma perspectiva prioritariamente qualitativa, mas sem desconsiderar a análise quantitativa. Além disso, a pesquisa conta com um viés sincrônico, uma vez que os dados analisados são deste início de século XXI.

A coleta de dados foi realizada nos *corpora* organizados pela equipe da Prof. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, no âmbito do Núcleo de Pesquisa em Abordagem Construcional da Gramática e Tradução (NUPACT), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Fizemos uso dos *corpora* sincrônicos, de modalidade escrita, coletados entre os anos de 2008, 2011 e 2014, o que somou 24.000.000 de palavras, entre textos de blogues, revistas formais e informais. Os *corpora* estão disponíveis no site do NUPACT, no endereço eletrônico https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/.

Para esse trabalho de levantamento de dados de uso, como já indicado, foram selecionadas previamente duas microconstruções com valor de finalidade:

- *Com o objetivo de*
- *Com o intuito de*

Ainda acerca do método de coleta de dados, evidenciamos que esse processo se deu a partir do mecanismo de busca disponível no próprio *Word*, uma vez que é possível ler os textos dos *corpora* por meio desse programa. Buscamos, portanto, por "intuito", "com o intuito", "com o intuito de", "objetivo", "com o objetivo" e "com o objetivo de".

Cabe ressaltar que a escolha prévia das duas microcronstruções conectoras oracionais se justifica apenas em função de um recorte necessário para o trabalho. Com isso, é possível identificar a produtividade e a ocorrência do subesquema [Prep [det] N de]$_{conect}$, assumindo valor de finalidade, em contextos de combinação de orações. Como este trabalho está inserido no contexto de uma agenda mais ampla de pesquisa, em etapas posteriores, haverá ampliação dos *corpora* e dos métodos de coleta de dados, a fim de identificar e investigar outras possíveis microconstruções veiculadoras de valor final.

No que diz respeito à análise dos dados encontrados, procuramos examinar não somente os aspectos formais da construção, tais como os fatores morfossintáticos de sua composição, mas também damos importância aos fatores semânticos, pragmáticos e discursivos (CROFT, 2001), além de fazermos considerações acerca da frequência de seus usos (BYBEE, 2007).

No escopo do aporte teórico da LFCU, este estudo adota os conceitos de *neoanálise* e *analogização*. A *neoanálise* consiste em micropassos na mudança construcional (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 36), à medida que uma construção já existente é gradualmente interpretada de forma diferente pelos usuários de uma língua. Esse conceito utilizado pelos autores é baseado na proposta de Langacker (1977, p. 58), para quem a reanálise se tratava de uma "mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve nenhuma modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação superficial" (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 36). Já a *analogização*, segundo os autores, é um mecanismo ou processo de mudança que provoca correspondências de significado e forma que não existiam antes, tomando como base construções já existentes, de cunho mais concreto ou abstrato (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 38).

Por fim, cabe ressaltar que consideraremos também, em nossas análises, os conceitos de *variação construcional* (HILPERT, 2014) e de *aloconstruções* (PEREK, 2015). De acordo com os estudos de variação construcional, existem construções relacionadas por aproximações de ordem semântica ou pragmática. Para Hilpert (2014), a variação construcional é parte integrante do conhecimento da língua pelos falantes: os usuários de uma língua sabem como uma construção pode variar, ou seja, sabem quais variantes são possíveis e quais variantes não são. Perek (2015, p. 153), no âmbito desse campo de estudos, define as *aloconstruções* como as "realizações estruturais variantes de uma construção que é parcialmente subespecificada".

Neste estudo sobre os conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de*, acreditamos que esses conceitos de *variação construcional* e de *aloconstruções* são aplicáveis à análise, uma vez que não estamos tratando de diferentes construções, mas de variantes da mesma construção, como demonstraremos de maneira mais detalhada na seção de *Análise de dados*.

Desde já, vale destacar que a defesa da variação construcional não afeta princípios construcionistas básicos, como o da não sinonímia da forma gramatical (cf. GOLDBERG, 1995). A existência da variação construcional não prescinde de distinções sutis (de nível semântico ou pragmático) entre duas ou mais aloconstruções. Em outras palavras, é natural que *com o objetivo de* e *com o intuito de* apresentem diferenças entre si em algum nível. Aliás, como veremos, a própria frequência de uso já aponta essa diferença entre uma microconstrução e outra. Contudo, é razoável e plausível defender que ambos os conectores são

intercambiáveis em sua função de mapear finalidade, além de serem aparentados do ponto de vista morfossintático.

Feitas essas observações, na próxima seção, analisamos alguns contextos de uso dos conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de*. Essa análise, como já apontamos, será realizada à luz dos referenciais teóricos da LFCU.

3 Análise de dados

A *construção final instanciada pelo subesquema [Prep [det] N de]*$_{conect}$, que abriga as microconstruções *com o objetivo de* e *com o intuito de*, está associada ao esquema [X de]$_{conect}$, conforme já apresentado no Esquema 1, na seção anterior.

Esse esquema, como tem demonstrado uma série de pesquisas em andamento no CCO (cf. ROSÁRIO, 2018, 2020), é bastante produtivo. As muitas microconstruções pertencentes a esse esquema costumam ser tratadas como preposições complexas, o que é plausível, sem dúvida. Contudo, esse rótulo escamoteia uma importante propriedade dos conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de*, que é sua capacidade de ligar orações (ainda que dessentencializadas, não finitas ou reduzidas).

Devemos destacar que, sem dúvida, as preposições também têm valor conector, já que participam do domínio da conexão, ligando elementos. Contudo, a distinção entre *função prepositiva* e *função conectora* pretende revelar, com maior clareza, o papel das microconstruções associadas ao esquema [X de]$_{conect}$ de ligar orações hipotáticas não finitas, especialmente infinitivas. A função prepositiva, por sua vez, em nossa visão, deve restringir-se aos casos em que esses elementos ligam constituintes em nível inferior ao da oração.

Na tabela a seguir, sintetizamos os resultados de nossa coleta de dados, em que organizamos os conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de* com relação à posição no período (anteposição ou posposição):

Tabela 1 – Frequência *type* dos conectores *com o objetivo de e com o/no intuito de*

TYPE	**ANTEPOSTO**	**POSPOSTO**	**TOTAL**
COM O OBJETIVO DE	8	34	**42**
COM O/NO INTUITO DE	3	26	**29**

Fonte: autoria própria

Vale destacar que o uso preposicional clássico de ambos os elementos gramaticais complexos em destaque não foi objeto de análise, visto que nosso interesse está voltado para a combinação de orações. A partir desse recorte, com relação aos dados coletados, conforme a Tabela 1 indica, notamos uma maior produtividade do conector *com o objetivo de* em comparação com o conector *com o intuito de* (ou *no intuito de*, como explicaremos adiante): 42 ocorrências do primeiro e 29 do segundo, totalizando 71 ocorrências, em um total de 24 milhões de palavras.

Chama a atenção a baixa frequência *token* absoluta dessas duas microconstruções. Aliás, essa é uma das possíveis razões para os conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de* não receberem a devida atenção por parte dos gramáticos. De fato, os fenômenos pouco frequentes e marginais tendem a ser desconsiderados na descrição gramatical, que tende a se ocupar do que é mais canônico. Essa baixa frequência, por sua vez, pode ser explicada em função da especialização (cf. HOPPER, 1991) desses conectores. Afinal, ambos atuam somente na combinação de orações não finitas. Logo, seu escopo tende a ser mais reduzido.

A seguir, vejamos, nos dados (3) e (4), um exemplar de cada *type*:

(3) Segundo o diretor, cada parte tem tomado decisões unilaterais, de que são exemplos a própria aposentadoria dos ônibus espaciais da Nasa; o empenho da ESA em desenvolver o Veículo de Transferência Automatizado (ATV); e a opção do Japão por focar suas atenções no Veículo de Transferência H-II (HTV-II). As naves europeia e japonesa foram projetadas **com o objetivo de** levar suprimentos à estação e, assim como a russa Progress, não transportam astronautas.

(4) A empresária Vanessa Nogueira, 31 anos, passou por isso. Aos 28 anos, fumante e usuária de anticoncepcional, ela sofreu um AVC. [...]. Confirmado o diagnóstico, ela foi tratada. Hoje, voltou à vida normal. Anda e dirige novamente e parou de fumar. Com o esforço dos especialistas, espera-se que casos como esse sejam cada vez mais raros. "As informações que estão sendo divulgadas devem ser conhecidas, além dos neurologistas, pelos clínicos gerais, geriatras e ginecologistas, **com o intuito de** reduzir o risco em mulheres", diz o neurocirurgião Fernando Gomes Pinto, do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Os dados (3) e (4) são *constructos*, isto é, dados reais de uso, que ilustram as instanciações das microconstruções pertencentes ao subesquema [Prep [det] N de]$_{conect}$. As microconstruções são os próprios conectores *com o objetivo de* e *com o intuito de*, revelando a ideia de finalidade.

Em (3), observamos que o conector *com o objetivo de* liga a oração com ideia de finalidade à oração matriz "As naves europeia e japonesa foram projetadas". Nesse caso, a oração final busca explicitar a motivação da criação das naves em questão: apenas levar suprimentos, sem transportar astronautas.

Já em (4), o conector *com o intuito de* liga a oração final à matriz "As informações [...] devem ser conhecidas", explicitando o objetivo de divulgar informações sobre o anticoncepcional, entre médicos de várias especialidades. Assim, observamos que, nos dois casos, o valor semântico de finalidade se constrói a partir de uma estrutura sintática normalmente não prevista pelas gramáticas tradicionais, o que confirma nossa defesa de que a gramática é afetada pelas diferentes situações de uso.

Considerando o *continuum* de integração de cláusulas, com base na clássica proposta de Hopper e Traugott (1997), observamos que a oração final (instanciada por *com o objetivo de* e *com o intuito de*) se situa entre a parataxe e a subordinação (ou encaixamento), já que se associa à hipotaxe. De acordo com os autores, as orações hipotáticas, as quais não são totalmente integradas à matriz, como as substantivas, não podem ser consideradas "independentes", como as construções paratáticas. Assim, na hipotaxe, em termos sintáticos, o que se observa é um grau intermediário de integração oracional, com certa dependência relativa da matriz. Em nível semântico, essas orações cumprem a função de emoldurar a oração núcleo, normalmente acrescentando-lhe informações de fundo. É justamente o que ocorre com as orações introduzidas por *com o objetivo de* e *com o intuito de*.

Em (3) e (4), os conectores em análise não realizam o encaixamento de orações à matriz. Por outro lado, a informação encabeçada por eles também não pode ser compreendida de forma apartada do que foi dito anteriormente. Nesse sentido, podemos reiterar que há em cena um nível intermediário de integração, característico das construções oracionais hipotáticas.

A questão da posição da oração em relação à matriz é um tema bastante caro aos estudos funcionalistas, que se propõem a investigar os objetos de estudo de modo holístico. Diversos estudiosos, como Decat (2001), no estudo da hipotaxe, Dias (2002) e Marchon (2017), no estudo

das cláusulas finais, reiteram que a posição de uma oração pode, de fato, desencadear diferentes efeitos semânticos.

Apesar de pouco frequentes (apenas oito dados de *com objetivo d*e e três de *com o/no intuito de*), os dados com a oração final anteposta merecem uma análise minuciosa em comparação com as construções finais pospostas, bem mais frequentes. Para Marchon (2017, p. 124), que estudou a relação entre argumentação e "hipotaxe circunstancial", na qual inclui as cláusulas finais, "a anteposição ou a intercalação de um argumento o coloca em destaque, o que contribui para a tessitura da teia argumentativa". Para a autora, portanto, não se pode desconsiderar o efeito de sentido decorrente da posição da oração hipotática final.

Dias (2002), inspirada nas análises de Thompson (1985), defende que as cláusulas de finalidade antepostas e pospostas compartilham a mesma forma, mas exibem um comportamento sensivelmente diferente na sua organização discursiva. No caso da oração final anteposta, a autora afirma que ela aponta para um "problema", formando uma expectativa, de forma que a "solução" será apresentada na cláusula núcleo (oração matriz).

O dado (5) a seguir mostra como isso ocorre:

> (5) Você deixaria definitivamente de se depilar? Milhares de mulheres do mundo todo estão dizendo "não" à depilação e postando nas redes sociais fotos que vão de encontro às expectativas de beleza socialmente impostas às mulheres. **Com o intuito de** convencer a todos de que as mulheres podem e devem ter autonomia absoluta sobre o corpo que têm, uma campanha antidepilação começa a ganhar força nas redes sociais. Milhares de mulheres do mundo todo estão postando imagens em que aparecem com as pernas completamente peludas – sem o menor constrangimento.

Em (5), seguindo as análises de Dias (2002) e de Marchon (2017), observamos que o "problema" que se apresenta é convencer a população em geral sobre o fato de as mulheres poderem decidir sobre os seus corpos, especialmente com relação à questão da depilação, ainda considerada um tabu. Nesse caso, a anteposição da oração final nos revela um direcionamento argumentativo a partir da produção linguística do jornalista que elaborou a matéria: primeiro aponta o problema de se conseguir convencer a todos de que "as mulheres podem e devem ter autonomia absoluta sobre o corpo que têm" para depois ressaltar a campanha antidepilação, vista como "solução" para a questão apresentada

inicialmente. Nesse dado, percebemos que a anteposição proporcionou o efeito de destaque maior para a intenção da campanha (expressa na oração final anteposta), muito mais do que para a campanha em si e do local onde ela tem circulado (nas redes sociais).

No dado (6), podemos notar que o mesmo efeito de sentido já não se mantém. Vejamos:

> (6) Ainda falando em redes sociais, outro texto altamente compartilhado foi esse aqui , em que a editora de lifestyle do Buzzfeed resolveu passar uma semana fazendo todas as coisas populares do Pinterest. Ela resolveu seguir dicas de penteados, maquiagem (kontorno <3), do it yourself, dicas de arrumação e até mesmo de comidas, **com o intuito de** saber se a reputação de ser uma rede social da vida perfeita era mesmo verdade.

Com relação às cláusulas pospostas, Dias (2002, p. 51) ressalta que elas "expressam a finalidade do estado de coisas descrito na cláusula núcleo e apresentam uma função definida no discurso, ao dar uma motivação orientacional para uma série de ações". Isso é justamente o que ocorre em (6), já que o segmento introduzido por *com o intuito de* revela a motivação para as ações descritas na oração matriz (cláusula núcleo): seguir dicas de penteado, maquiagem, arrumação, comidas etc.

O efeito argumentativo, nesse caso, não é o de se ressaltar a intenção ou a motivação da série de ações. Na verdade, considerando o contexto, o que se observa é o foco em ressaltar tudo o que a diretora do site Buzzfeed foi capaz de fazer para testar a ideia de uma vida perfeita nas redes.

Comparando-se os dados (5) e (6), observamos que há relevantes diferenças discursivas associadas à anteposição ou à posposição das cláusulas de finalidade iniciadas por *com o/no intuito de* e *com o objetivo de*, o que merece uma análise ainda mais aprofundada em estudos posteriores.

Dando prosseguimento à análise dos dados coletados, observemos os dados (7) e (8):

> (7) Termine Este Livro é o lançamento mais recente da autora e a ideia é bem parecida com a do Destrua esse Diário, com a diferença que dessa vez Keri nos dá uma pequena historinha e propõe várias atividades para executarmos no nosso dia a dia, **com o objetivo de** decifrarmos seu final. Depois do sucesso da Keri Smith, outros autores aproveitaram o gancho e resolveram lançar suas próprias obras interativas.

(8) Mais de 200.000 fotos e vídeos de usuários do Snapchat, aplicativo que permite trocar fotos que desaparecem dez segundos após o envio, foram divulgadas na web neste domingo. As imagens, coletadas por meio do serviço de backup de imagens compartilhadas Snapsaved, foram armazenadas ao longo dos últimos meses. Com a promessa de guardar as imagens recebidas no Snapchat, os usuários forneceram suas credenciais de acesso ao site. Ainda não está claro se o Snapsaved foi invadido ou se foi criado **com o intuito de** acessar as imagens do Snapchat. Os rumores sobre o vazamento das fotos de usuários do Snapchat começaram na última sexta-feira, quando hackers afirmaram no site 4Chan que estavam organizando o material para divulgar ao longo do final de semana

Como vimos, as microconstruções analisadas são instanciadas a partir do subsesquema [Prep [det] N de]$_{conect}$, o qual, por sua vez, submete-se ao esquema [X de]$_{conect}$, que forma conectores em língua portuguesa a partir dos processos de *chunking* (cf. BYBEE, 2007) e de neoanálise (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Portanto, vamos propor algumas reflexões sobre a formação desses conectores em português.

Em (7), a preposição "com", o determinante "o" e o nome "objetivo", já existentes em outros contextos e utilizados em outras situações comunicativas de forma independente, são neonalisados, isto é, reinterpretados na língua, de modo que os elementos perdem parte de sua composicionalidade para veicular a função conectora, expressando a ideia de finalidade. Em (7), o conector *com o objetivo de* encabeça uma oração não finita com o propósito de expressar finalidade, no caso, de decifrar o final de uma história proposta pela autora Keri Smith. O mesmo ocorre em (8), com o conector *com o intuito de,* cujos elementos também passaram pelo processo de neoanálise. Nesse dado, o conector é responsável por introduzir a noção semântica da possível motivação para a criação do aplicativo Snapsaved.

Dessa forma, observando os dados (7) e (8), assim como os demais dados analisados, sob a perspectiva da LFCU, percebemos que a neoanálise é um dos processos responsáveis pela formação dos conectores estudados. Afinal, a justaposição dos elementos e sua frequência de uso levaram ao empacotamento de uma nova forma e de um novo significado, que não é derivado da mera soma de suas partes. É verdade que *objetivo* e *intuito* por si sós revelam a noção de finalidade. Contudo, é o "todo"

(*com o objetivo de* e *com o intuito de*) que se convencionaliza e se automatiza na língua na função de conectores de hipotaxe final (e não os nomes nucleares em si).

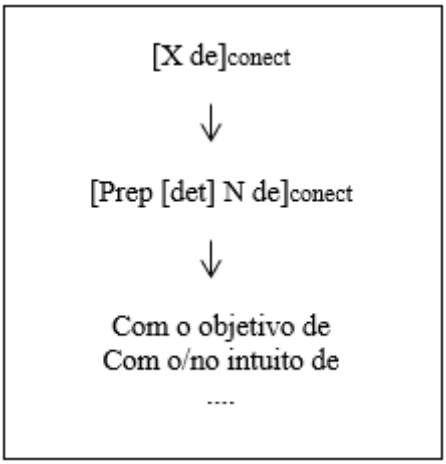
Ainda com relação à neoanálise, vale destacar que esse fenômeno ocorre em função do *chunking*, considerado o processo que gera unidades complexas de organização a partir de partes singulares. Segundo Bybee (2007), o processo de *chunking* gera *chunks* como produtos: sequências de unidades embaladas como unidades de sentido. Uma observação importante é que o fenômeno de *chunking*, na visão de Bybee (2007), é gradual. Nesse sentido, é possível defender a ação desse fenômeno ao mesmo tempo em que reconhecemos uma relativa composicionalidade de *com o objetivo de* e *com o intuito de*.

Essa é mais uma diferença das microconstruções conectoras estudadas neste artigo em relação ao canônico *para*. Devido à complexidade e à relativa transparência de *com o objetivo de* e *com o intuito de*, não é possível considerá-los ainda como conectores canônicos totalmente fixados na língua. Ademais, devemos somar essa questão ao fato de esses conectores só relacionarem orações não finitas. Assim, a neoanálise e o *chunking* ajudam-nos a caracterizar melhor as propriedades dessas microconstruções.

De outro ponto de vista, a formação de *com o objetivo de* e *com o intuito de* se dá também por analogização, uma vez que a existência do padrão subesquemático [Prep [det] N de]$_{conect}$ serve justamente como modelo virtual e abstrato para a formação desses conectores e de muitos outros, como ficou demonstrado no Esquema 1. Em síntese, a neoanálise age em nível horizontal, no plano sintagmático, e a analogização, por sua vez, age em nível vertical, no nível paradigmático. A conjugação de ambas propicia o contexto ideal para o surgimento desses elementos na língua (cf. ROSÁRIO, 2020).

No esquema 2, sob uma perspectiva construcional, destacamos a rede representativa dos conectores de finalidade analisados neste trabalho.

Esquema 2 - Rede dos conectores de finalidade instanciados pelo esquema [X de] na língua portuguesa



Fonte: autoria própria

No esquema 2, organizamos as microconstruções conectoras estudadas sob o ponto de vista da abordagem construcional da gramática. A verdade é que o esquema [X de]conect possibilita a emergência de inúmeros conectores no Português Brasileiro, como *além de, longe de, perto de, em vez de, em lugar de* etc. (cf. NOVO, 2020). A partir desse esquema, em um nível logo abaixo na hierarquia construcional, observamos o subesquema [Prep [det] N de]conect, que, por sua vez, permite a formação de conectores como *com o objetivo de* e *com o/no intuito de*, além de outros.

Ainda sobre a rede exposta no Esquema 2, salientamos que marcamos as reticências logo abaixo dos conectores *com o objetivo de* e *com o/no intuito de* para deixar claro que há outras microconstruções que se organizam a partir do mesmo subesquema e que também veiculam a noção de finalidade, como *com o propósito de*, *com o fito de* etc. No entanto, por ora, não aprofundaremos esse tópico, pois o foco deste estudo reside nas duas microconstruções já apresentadas.

Acrescentamos que a coleta de dados flagrou o aparecimento de oito ocorrências (em um total de 29) com a contração "no" (em + o), seguindo a estrutura prevista no subesquema: preposição (em) + determinante (o) + nome (intuito) + de. O dado (9) ilustra esse caso:

(9) O premiê terá de encerrar formalmente sua ligação com o partido que fundou há treze anos a partir do dia 28 deste mês, quando toma posse como presidente. Para liderar a legenda e também para substitui-lo no cargo de primeiro-ministro, Erdogan busca nomes leais, **no intuito de** se eternizar no poder. Seu governo impõe um autoritarismo crescente no país, o que desagrada parte da população, mas não abala o apoio oriundo da parcela mais religiosa, que é maioria nas áreas rurais e vive submetida ao clero islâmico.

Em (9), a oração matriz "Erdogan busca nomes leais" se articula hipotaticamente à oração final "no intuito de se eternizar no poder". Ao compararmos o dado (9) com (1), (4), (5), (6) e (8), cujo preenchimento do *slot* se deu com "com" + "o" + "intuito" + "de", podemos observar mais uma vez a atuação do fenômeno da analogização (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse processo, novas construções são formadas a partir de exemplares já existentes. Assim, pode-se postular que a formação de *no intuito de*, por ser menos frequente e, portanto, provavelmente mais recente, deu-se por analogização, com base em uma microconstrução concreta, no caso, *com o intuito de* (mais frequente).

Para analisarmos outro aspecto teórico importante no estudo funcional dos conectores *com o objetivo d*e e *com o intuito de*, vejamos os dados (10) e (11):

(10) "Hoje é um grande dia de comemoração, mas, amanhã, já temos que encarar a responsabilidade dessa nomeação. O mundo precisa da cultura da paz", discursou Nizan, acompanhado da mulher, Donata Meirelles (41). "Pretendo desenvolver campanhas **para** falar direto com os jovens por meio das mídias sociais **com o objetivo de** multiplicar os projetos da Unesco e compartilhar a responsabilidade da educação entre todos", completou. Bethy Lagardère cuidou pessoalmente de cada detalhe da noite no tradicional restaurante Laurent, onde se reuniram a nata da sociedade parisiense e celebridades brasileiras.

(11) [...] E foi esse sistema que, logo depois do anúncio do pedido de transferência de Valério para o presídio mineiro, descobriu que líderes da facção Comando Mineiro de Operações (Comop) estavam combinando um plano para arrancar dinheiro do operador do esquema. "Sabem que o Valério tem dinheiro, posses e poder. Por isso se articularam", disse um agente penitenciário

> à ISTOÉ. A trama foi confirmada pelo coordenador do Comando de Operações Especiais do presídio. "**Com o intuito de** coibir isso, redobramos a vigilância **para** monitorar individualmente esse preso com poder aquisitivo. Não queremos trazer um fato político para dentro da nossa unidade", disse Adeilton Souza Rocha, que também preside o sindicato dos agentes penitenciários de Minas Gerais.

Os dados (10) e (11), a partir de seus contextos de uso, exemplificam claramente o que chamamos de *variação construcional* (cf. HILPERT, 2014). Como se pode observar nessas ocorrências, além da microconstrução conectora *com o objetivo de*, em (10), e *com o intuito de*, em (11), há outro conector de finalidade no mesmo contexto ("*para*"), que ocorre nas orações infinitivas "para falar direto com os jovens por meio das mídias sociais" e "para monitorar individualmente esse preso com poder aquisitivo", respectivamente.

Esses casos ilustram o fenômeno da variação construcional, ou seja, realizações estruturais variantes de uma mesma construção (PEREK, 2015). Mais especificamente, trata-se de uma variação no polo formal, visto que a diferença se dá em termos de codificação, mantendo-se o mesmo sentido básico de finalidade.

O contexto de uso semelhante (no nível textual) de ambos os conectores (*para x com o objetivo de*; *com o intuito de x para*), em (10) e (11), revela alternância entre as microconstruções, que podem ocupar um mesmo espaço funcional. Nos termos de Capelle (2006), essas diferentes codificações expressam um mesmo valor de verdade, caracterizando uma real situação de variação. Assim, *com o/no intuito de*, *com o objetivo de* e *para* são variantes construcionais ou aloconstruções (cf. PEREK, 2015) veiculadoras de um mesmo valor semântico, no caso, de finalidade.

Por fim, para apresentar um último tópico relevante na descrição dos conectores aqui estudados, vejamos o dado (12), que indica uma composição diferente do que vimos até aqui:

> (12) Os dois membros da tripulação permanente da Estação Espacial Internacional (ISS) cumpriram as atividades no tempo previsto - seis horas e meia - com apoio da nave Atlantis, que se acoplou à estação no domingo. A caminhada começou às 10h22 (horário de Brasília) **com os objetivos** principais **de** remover uma peça do sistema de resfriamento, quebrada em 2010, e instalar um módulo de abastecimento de satélite.

Em (12), observamos que a microconstrução *com o objetivo de* se apresenta de modo diferente dos demais casos vistos até o momento, uma vez que "objetivos" está no plural e ainda é acompanhado de um adjetivo modificador "principais". A expressão conectora encabeça as orações "remover uma peça do sistema de resfriamento" e "instalar um módulo de abastecimento de satélite", que são estruturas paratáticas interligadas pela conjunção "e". Vale ressaltar que, com essas características, esse foi o único caso encontrado nos *corpora* analisados.

Apesar da baixa produtividade (apenas 1 dos 42 dados totais de *com o objetivo de*), esse dado merece nossa atenção porque reforça a defesa de que a construção ainda não apresenta grau máximo de fixação. A intercalação de elementos ("principais") e a flexão de plural do determinante e do nome nuclear ("os objetivos") comprovam a relativa composicionalidade do conector em foco e seu caráter mais marginal no rol dos articuladores sintáticos interoracionais. Afinal, o processo de *chunking* ainda está em processo. Casos como (12) demandam análises mais amplas em trabalhos futuros, inclusive com amparo em dados diacrônicos, para que sejam atestadas suas propriedades de modo mais adequado e fidedigno.

Nos dados coletados com o conector *com o intuito de*, não foram encontrados termos intercalados nem elementos flexionados em suas subpartes, como verificado em (12). Apesar do quadro de variação construcional atestado, essa pode ser mais uma diferença entre ambos os usos. Contudo, reiteramos que esse ponto ainda necessita de uma análise mais aprofundada.

4 Considerações finais

Neste trabalho, procuramos traçar, sob a perspectiva da LFCU, um estudo dos conectores *com o objetivo de* e *com o/no intuito de*, com base na análise de algumas ocorrências coletadas nos *corpora* sincrônicos de modalidade escrita do NUPACT.

A análise demonstrou que o esquema [X de]$_{\text{conect}}$ na língua portuguesa, a partir do subesquema [Prep [det] N de]$_{\text{conect}}$, instancia as microconstruções conectoras de finalidade *com o objetivo de* e *com o/no intuito de*, sendo a primeira a mais produtiva, predominantemente em sua forma posposta à oração matriz. No bojo dos processos que ensejam a formação desses conectores, entram em cena a neoanálise, o *chunking* e a analogização. Assim, a investigação empreendida permitiu a comprovação da hipótese anunciada, da mesma forma como possibilitou o cumprimento dos objetivos inicialmente elencados.

A análise também possibilitou desvelar importantes diferenças semântico-pragmáticas em relação à anteposição ou à posposição das orações finitas iniciadas por *com o objetivo de* e *com o/no intuito de*. Esse ponto merece uma investigação mais detalhada posteriormente, pois a posição de uma oração pode desencadear diferentes efeitos semântico-pragmáticos, especialmente no caso da hipotaxe (cf. DECAT, 2001).

Notamos também que não é incomum que outras construções com valor de finalidade sejam usadas no mesmo contexto das orações encabeçadas pelos conectores selecionados nesta pesquisa. Essa situação demonstra claramente um quadro de alternância entre construções ou de variação construcional (CAPELLE, 2006; HILPERT, 2014; PEREK, 2015). De fato, o elenco de conectores hipotáticos veiculadores da ideia de finalidade é mais vasto do que nos fazem supor as abordagens gramaticais tradicionais do português.

Em trabalhos posteriores, pretendemos aprofundar a análise das microconstruções investigadas neste estudo e ampliar a abordagem, já que o subesquema [Prep [det] N de]$_{conect}$ sanciona outras microconstruções de valor final. Essa expansão do subesquema e a análise detida dos nomes que podem instanciar o *slot* nuclear dessas microconstruções são temas fundamentais a serem investigados com mais profundidade.

Em suma, sabemos que o inventário dos conectores em língua portuguesa é muito amplo e, como vimos, o domínio da finalidade vai além do que é previsto pelas gramáticas tradicionais, que apresentam, via de regra, uma lista lacônica com "a fim de", "para que" e "para" (além de poucas outras conjunções). Portanto, em pesquisas futuras, pretendemos ampliar nossa colaboração para uma descrição mais completa da expressão da finalidade no português brasileiro contemporâneo, sempre a partir de investigações baseadas no uso real da língua.

Declaração de autoria

Ivo da Costa do Rosário - Planejamento do texto e análise de dados. Redação do artigo e revisão. Responsabilidade pela aprovação final do texto.

Brenda da Silva Souza - Concepção, coleta e análise de dados. Redação do artigo. Leitura crítica do texto.

Agradecimentos

O autor principal do texto agradece ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), pela bolsa de produtividade em pesquisa, e à FAPERJ (Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), pela bolsa de Jovem Cientista do Nosso Estado. Ambas as instituições auxiliaram no financiamento deste trabalho.

Referências

BECHARA, E. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BYBEE, J. *Frequency of Use and the Organization of Language.* Oxford: University Press, 2007.

CROFT, W. *Radical construction grammar:* syntactic theory in typological perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001.

CUNHA LACERDA, P. F. A.; FURTADO DA CUNHA, M, A. Gramática de construções: princípios básicos e contribuições. *In*: OLIVEIRA, M. R.; CEZARIO, M. M. (orgs.). *Funcionalismo linguístico:* diálogos e vertentes. 1.ª ed. Niterói: Eduff, 2017. p. 17-46.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. *In*: DECAT, M. B. N. *et al*. (org.). *Aspectos da Gramática do Português*: uma abordagem funcionalista. Campinas: Mercado das Letras, 2001. p. 103-166.

DIAS, N. B. *As cláusulas de finalidade*. 2002. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas, 2002.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In:* CEZARIO, M. M.; CUNHA, M. A. F. (orgs.). *Linguística centrada no uso:* uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad - Faperj, 2013. p.13-39.

GIVÓN, T. Inter-clausal connections and discourse coherence. *In*: GIVÓN, T. *English Grammar*: a function-based introduction. Vol. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. 1993. p. 285-342.

GOLDBERG, A. *Constructions*: a construction approach to argument structure. Chicago: The University of Chicado Press, 1995.

HENRIQUES, C. C. *Sintaxe Portuguesa para a linguagem culta contemporânea*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2003.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. *In*: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (orgs). *Approaches to grammaticalization:* Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: John Benjamins. 1991. p. 17-36.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

KURY, A. G. *Novas Lições de Análise Sintática*. São Paulo: Ática, 2003.

LANGACKER, R. W. Syntactic reanalysis. *In*: Li (ed). *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin: University of Texas Press, 1977. p. 57–139.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. (orgs.). *Clause combining in grammar and discourse.* Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988. p. 181-226.

LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. São Paulo: Globo, 2000.

MARCHON, A. H. *As teias da argumentação:* um estudo sintático-discursivo da hipotaxe circunstancial. 2017. 202 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

MELO, G. C. *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2001.

NOVO, I. R. *Análise funcional das microconstruções conectoras substitutivas em lugar de, em vez de e ao invés de:* um estudo pancrônico. 2020. 217 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, 2020.

PEREK, F. *Argument structure in usage-based construction grammar:* Experimental and corpus-based perspectives. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

RIBEIRO, M. P. *Nova Gramática Aplicada da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Metáfora, 2004.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

ROSÁRIO, I. C; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*: Revista de Linguística, São Paulo, v. 60, p. 233-259, 2016. DOI: 10.1590/1981-5794-1608-1 Disponível em http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60 -2-0233.pdf

ROSÁRIO, I. C. Construções correlatas aditivas são estruturas de coordenação? *In*: FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: EdUFRN, 2018. p. 210-250. Disponível em https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/25293

ROSÁRIO, I. C. *Esquema [X de]* $_{conect}$ *em língua portuguesa*: uma análise funcional centrada no uso. Projeto de pesquisa apresentado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. 2020.

THOMPSON, S. A.; LONGRACE, R. E. Adverbial clauses. *In*: SHOPEN, T. (ed.). *Language typology and syntactic description:* complex constructions. v. II. Cambridge: Cambridge University, 1985. p. 237-269.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. 2005. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 1056-1102, 2022

CC BY

O adjetivo no português brasileiro contemporâneo

The adjective in contemporary Brazilian Portuguese

José Romerito Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte / Brasil
jromeritosilva@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2507-9742

Ana Catarina Ferreira Cabral Oliveira
Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte / Brasil
acfcoliveira@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9367-7464

Resumo: Neste artigo, abordamos o adjetivo no português brasileiro contemporâneo. Temos como objetivo analisar essa categoria linguística em perspectiva construcional considerando aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos, cognitivos e discursivo-pragmáticos envolvidos em seu uso. Nossa abordagem é de natureza qualitativo-explicativa com eventual suporte quantitativo. Na análise, utilizamos dados de fala e de escrita coletados em gêneros discursivos diversos, buscando captar a multifuncionalidade do adjetivo na interação comunicativa. Para embasar teórica e metodologicamente nosso estudo, recorremos à Linguística Funcional Centrada no Uso, corrente que articula, em suas investigações, pressupostos e conceitos operacionais da Linguística Funcional norte-americana e, principalmente, da Gramática de Construções. Dados do *corpus* mostram que a diversidade formal e funcional de construções adjetivas é motivada sobretudo por fatores cognitivos e discursivo-pragmáticos.

Palavras-chave: adjetivo; construção linguística; Linguística Funcional Centrada no Uso; relação forma-função.

Abstract: In this article, we address the adjective in contemporary Brazilian Portuguese. We aim to analyze this linguistic category in a constructionist account considering morphological, syntactic, semantic, cognitive and discursive-pragmatic aspects involved in its use. Our approach is qualitative-explanatory in nature with eventual quantitative support. In the analysis, we use speech and writing data collected in

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.1056-1102

different discursive genres, seeking to capture the multifunctionality of the adjective in communicative interaction. The study is theoretically and methodologically supported by Usage-based Functional Linguistics, a current that articulates in its investigations operational assumptions and concepts of North American Functional Linguistics and mainly of Construction Grammar. Data from the *corpus* show that formal and functional diversity of adjective constructions is motivated most of all by cognitive and discursive-pragmatic factors.

Keywords: adjective; linguistic construction; Usage-based Functional Linguistics; form-meaning relation.

Recebido em 31 de agosto de 2021

Aceito em 02 de novembro de 2021

1 Introdução

O adjetivo tem sido geralmente apresentado na tradição gramatical quanto à sua formação lexical e possibilidades flexionais bem como quanto às suas funções sintáticas de adjunto e predicativo, a exemplo do que se encontra em Almeida (2009), Rocha Lima (2011) e Bechara (2019). Nos estudos linguísticos, a abordagem do adjetivo no português tem se voltado para questões referentes à sua posição no SN, como os trabalhos de Borges Neto (1985), Callou e Serra (2003) e Prim (2010); à sua categorização semântica, tal como vemos em Móia (1992), Rio-Torto (2006) e Bertoldi e Chishman (2006); à sua natureza expressiva, conforme encontramos em Pria (2004); à sua força argumentativa, como em Ribeiro e Borstel (2010) e Pereira (2011). Mais especificamente, há estudos abordando os seguintes temas: adjetivos predicativos (CASTILHO; CASTILHO, 1993; CONTERATTO, 2009); adjetivos em *-do* (FOLTRAN; CRISÓSTIMO, 2005); adjetivos em -vel (SALLES; MELLO, 2005); adjetivos adverbializados (BARBOSA, 2006); adjetivos modalizadores (CORBARI; SELLA, 2007; SCHNEIDER, 2008). Em todos esses trabalhos, o adjetivo é examinado sob variados enfoques teóricos, concentrando-se em algum aspecto dessa categoria linguística.

Em perspectiva relativamente diversa, neste trabalho, examinamos o adjetivo no português brasileiro (PB) contemporâneo sob o enfoque

construcionista. Nessa direção, consideramos o adjetivo um pareamento de forma e função (*i.e*., uma *Construção Adjetiva – CAdj*), com propriedades morfológicas, sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas particulares que o distinguem das demais classes lexicais. Em linhas gerais, buscamos descrever e explicar padrões construcionais (de forma e função) do adjetivo como categoria lexical no contexto (linguístico e comunicativo) em que se insere, procurando identificar motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas implicadas nos usos desses padrões.

Como referencial teórico-metodológico, recorremos à Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), conforme defendida por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), Rosário e Oliveira (2016), entre outros. Essa denominação, cunhada por pesquisadores brasileiros do grupo de estudos Discurso e Gramática, equivale ao que internacionalmente se conhece como *Usage-based Linguistics* (*Linguística baseada no Uso*), representada por Barlow e Kemmer (2000), Bybee (2010) e outros. Adicionalmente a essa base teórica, utilizamos contribuições de estudos sobre a categoria adjetivo, como os de Tucker (1998), Pria (2004), Ribeiro e Borstel (2010) e Oliveira (2021), por exemplo.

Este trabalho é de caráter predominantemente qualitativo-interpretativo com suporte quantitativo. Nesse viés, recorremos a levantamentos quantitativos (absolutos e percentuais) das ocorrências identificadas, com o fim de comparar/explicar frequência de usos bem como verificar certas regularidades.

Por se tratar de um estudo que focaliza a língua em uso, utilizamos como material de análise dados de gêneros discursivos diversos, nas modalidades falada e escrita, colhidos predominantemente da *web*, em especial, jornais e revistas digitais, *blogs*, entre outros, procurando captar certa variedade do que tem sido divulgado atualmente na esfera virtual. Os gêneros selecionados são *artigo de divulgação científica, artigo de opinião, coluna social, conversa espontânea, entrevista, guia de viagens, miniconto, notícia, receita culinária, relato de experiência, resenha crítica* e *tutorial*. Ao todo, são 12 (doze) gêneros, recobrindo o período que corresponde à última década deste século (XXI) – 2011 a 2020.

Os critérios utilizados para a escolha desses gêneros foram o fato de representarem amostras de fala e de escrita, com diferenças no grau de (in)formalidade dos registros, e de contemplarem variados modos de organização textual (narração, descrição, exposição, argumentação, injunção). De cada gênero, foram selecionados textos que somam o mínimo

de 850 palavras e o máximo de 900, o que resultou num *corpus* com o total de quase 10.500 palavras. O estabelecimento desses limites se deu em razão de procurarmos manter certo equilíbrio entre as amostras e, assim, evitar discrepância nos dados e possível tangenciamento da análise.

Além desta parte (introdutória), o trabalho encontra-se distribuído nas que seguem: primeiramente, fazemos uma breve apresentação do referencial teórico que baseia nossa análise; em seguida, expomos sucintamente a abordagem do adjetivo por gramáticos tradicionais e linguistas; na sequência, procedemos a uma análise da CAdj considerando aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos envolvidos em seu uso; por último, tecemos algumas considerações finais sobre o estudo realizado.

2 Aparato teórico

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é herdeira da tradição funcionalista norte-americana. Trata-se um modelo teórico interdisciplinar, que conjuga pressupostos e categorias analíticas do Funcionalismo givoniano com conceitos teórico-operacionais da Pragmática, da Semântica Cognitiva e, sobretudo, da Gramática de Construções na linha de pesquisadores como Adele Goldberg, William Croft, Mirjam Fried, Joan Bybee, Elisabeth Traugott, Graeme Trousdale, entre outros.

Tal abordagem linguística tem como pressuposto fundamental a noção de língua como um sistema adaptativo complexo, enraizado no uso e por ele modelado, que se configura em uma rede de construções interconectadas por relações diversas. Em vista disso, defende a investigação linguística com base nos usos reais de fala e/ou de escrita nas diversas situações de interação comunicativa (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

Nesse modelo, é crucial o conceito de *construção*, a qual, segundo Goldberg (2003), consiste no pareamento simbólico entre forma e função, sendo a unidade linguística. Na visão de Croft (2001), o polo da forma constitui-se de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; o da função, de propriedades semânticas, discursivas e pragmáticas.

Para Fried (2015), as construções podem ser representadas por um morfema simples, uma palavra, um sintagma, uma oração,

um período composto ou mesmo um texto. Ainda segundo essa autora, elas podem ser plenamente especificadas (ou idiossincráticas), como $[pois]_{Conj}$; especificadas e flexíveis, como $[ente\ querido]_{N}$, que pode variar em número; parcialmente especificadas e esquemáticas, como $[Adj\text{-}mente]_{Adv}$; parcialmente especificadas/ esquemáticas e variáveis/ flexíveis, a exemplo de $[dar\ SN]_{Idiom}$, sujeita às flexões verbais; ou totalmente esquemáticas e não especificadas, como $[Suj\ V]_{Or}$.

Nessa perspectiva, Traugott e Trousdale (2013) defendem que as construções distribuem-se no *continuum* léxico–gramática, devendo ser aferidas com base no grau de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade que elas apresentam. Esquematicidade refere-se ao grau de (in)especificidade de uma construção, relacionando-a à generalização categorial em termos taxonômicos (*i.e.*, um padrão abstrato paradigmático); produtividade diz respeito ao grau de proliferação de instâncias menos esquemáticas, em nível inferior, em que uma construção pode se estender, resultando em uma certa variedade de *types* subesquemáticos/microconstrucionais; composicionalidade tem a ver com o grau de paridade e transparência entre os polos formal e semântico da construção, definindo seu grau de analisabilidade (BYBEE, 2010).

Para Goldberg (1995), as construções de uma língua estendem-se em uma rede de outras (micro)construções hierarquizadas e interconectadas por certas relações de herança. Essas relações (*links*), de natureza taxonômica, podem ser por polissemia, por metáfora, por subparte, por instanciação e por herança múltipla. Por polissemia, quando ocorrem extensões de sentido de uma construção com base no significado nuclear prototípico de outra. Por metáfora, quando o sentido da construção dominante é projetado no sentido da construção dominada por meio de mapeamentos metafóricos entre componentes de ambas. Por subparte, quando uma construção conserva propriedades semânticas de outra, mas apresenta configuração formal e função próprias. Por instanciação, quando uma construção mais simples é utilizada como uma versão mais especificada de outra. Por herança múltipla, quando uma construção herda propriedades de construções distintas. A esses tipos de *links*, Booij (2005) acrescenta a herança *default*, que consiste no fato de uma construção não possuir todas as propriedades do protótipo, mas sua inserção no paradigma ser garantida por alguma característica em comum com o protótipo, num processo de generalização.

3 Breve revisão da literatura sobre o adjetivo

Nesta seção, fazemos uma breve explanação sobre o estudo do adjetivo na literatura especializada. Nesse sentido, apresentamos a abordagem de alguns gramáticos tradicionais e de linguistas a respeito dessa categoria no português brasileiro.[1]

Na concepção de Almeida (2009), à classe dos adjetivos, pertencem "todas as palavras que se referem ao substantivo para indicar-lhe uma qualidade". Para o autor, o adjetivo significa toda palavra que modifica a compreensão do substantivo, afetando, quanto à ideia, a substância da coisa. Esse autor também faz menção aos adjetivos explicativos, que designam uma qualidade já inerente ao substantivo, bem como aos adjetivos pátrios, que indicam nacionalidade (pátria, lugar, procedência de alguém/algo). Pelo que vemos, Almeida concentra-se no perfil semântico do adjetivo.

Rocha Lima (2011) apresenta o adjetivo como palavra que expressa qualidade, característica ou modo de ser dos seres. Esse autor esclarece que os adjetivos podem ser classificados, por gênero, em uniformes (como *brilhante*) e biformes (como *belo/a*), os quais acompanham as flexões do substantivo, inclusive no número (singular/plural).

Quanto à formação do adjetivo, para Rocha Lima, pode ser: primitivo, que não procede de outra palavra; derivado, que provém de uma palavra já existente; simples, formado de apenas um elemento lexical; composto, formado de mais de um elemento. Percebemos, assim, que o autor dá especial atenção aos aspectos morfológicos do adjetivo.

Na visão de Bechara (2019), o adjetivo é a classe de lexema que se define por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma parte ou a um aspecto do denotado. Essa delimitação apresenta distinções de explicação, especialização e especificação.

Os adjetivos explicadores são aqueles que destacam e acentuam uma característica inerente do nome. Como exemplo, Bechara apresenta dois casos: *o* ***vasto*** *oceano* e *as* ***líquidas*** *lágrimas*. No primeiro caso, ser *vasto* acentua ou destaca uma característica inerente do *oceano*, da mesma forma que ser *líquida* é uma das características próprias da *lágrima*.

[1] Por não ser objetivo deste trabalho – nem haver espaço para isso –, não vamos problematizar nem discutir as diferentes visões/perspectivas sobre o adjetivo.

Os adjetivos especializadores podem ser definidos como aqueles que marcam os limites extensivos ou intensivos pelos quais se considera o termo determinado, sem que haja necessidade de isolá-lo ou opô-lo a outros determináveis capazes de serem utilizados na mesma denominação. De acordo com Borges Neto (1979), a extensão de uma expressão pode ser definida como a classe que corresponde à própria expressão, enquanto a intensão é a propriedade que lhe corresponde. São os adjetivos especializadores: *a vida* ***inteira****, o sol* ***matutino****, o homem como sujeito* ***pensante***.

Finalmente, os adjetivos especificadores restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe notas que não são inerentes a seu significado. Como essa classe de adjetivos restringe as referências que não são inerentes aos seres, pode-se afirmar que são características acidentais. Exemplos desse tipo de adjetivos são: *castelo* ***medieval****, menino* ***louro****, aves* ***aquáticas***. Bechara, portanto, ressalta propriedades semânticas do adjetivo.

Ao abordar a classe do adjetivo, Neves (2000) afirma que este é usado para atribuir uma propriedade singular a uma categoria, uma vez que o mesmo se trata de um conjunto de propriedades denominada por um substantivo. Essas atribuições funcionam de duas formas distintas: qualificando o substantivo ou subcategorizando-o. Nesse sentido, na língua portuguesa, podem ser observados os adjetivos simples e os perifrásticos, ou locuções adjetivas. Como função sintática, os adjetivos podem ser classificados dos seguintes modos: função de adjunto adnominal, função de predicativo, função de argumento, função de aposto e funções próprias de substantivos.

Observando o adjetivo sob um outro aspecto, Castilho (2010) afirma que adjetivo e substantivo compartilham as propriedades de gênero e número. No entanto, passam a ser distintos a partir das seguintes condições:

a) o adjetivo aceita flexão de grau, expressa por sufixos produtivos ou por terminações que são vestígios do latim, ou por *especificadores* e *complementadores*;

b) o adjetivo pode ser criado por derivação de modo, expresso por *-vel*, como *amável* (“o que pode ser amado”), entre outros. O substantivo, por sua vez, não aceita esse sufixo, a não ser quando se deseja transformá-lo em adjetivo;

c) o adjetivo aceita a derivação por *-mente*, transformando-se em advérbio, como em *facilmente*, o que não ocorre com o substantivo, salvo quando se deseja adverbializá-lo;

d) o adjetivo aceita a derivação de quantificação expressa por *-oso* e *-al*, como *estudioso* (*o que estuda muito*), *sensacional* (*o que causa muita sensação*), entre outros, o que não ocorre com os substantivos.

De acordo com Basílio (2011), a classe dos adjetivos pode ser definida pelas seguintes propriedades: semântica, para caracterizar (função denotativa) ou qualificar (função predicativa) os seres designados pelos substantivos; morfológica, pelo fato de concordar com estes em gênero e número; e sintática, por exercerem a função de modificadores do substantivo ou de predicativos do sujeito. Ainda em relação a essa classe, a autora esclarece que, no português, existem algumas formações lexicais próprias do adjetivo, especialmente as derivações pelos sufixos *-vel*, *-oso*, *-ivo* e *-ano*, decorrentes de categorias lexicais diversas.

De um modo geral, tanto gramáticos quanto linguistas, respeitadas as diferenças de abordagem, circunscrevem o estudo do adjetivo a aspectos ora semânticos/sintáticos ora semânticos/morfológicos, sendo ainda poucos os estudos mais voltados para a dimensão discursiva/pragmática, nesses casos, empreendidos por linguistas.

4 O adjetivo na perspectiva da LFCU

Nesta seção, apresentamos primeiramente uma definição para o adjetivo conforme aqui entendido. Em seguida, fazemos uma breve explanação das características dessa categoria em termos formais e funcionais.

4.1 Concepção de adjetivo

Concebemos o adjetivo como uma construção (ou *Construção Adjetiva – CAdj*) de natureza prototipicamente lexical.[2] Nessa perspectiva, o adjetivo, em si, constitui um pareamento de forma (fonológica,

[2] Não se consideram aqui formas adjetivais em função nominal (ex.: *o brasileiro, os pobres*) ou adverbial (ex.: *desce* ***macio****, pega* ***leve***); nem em lexias complexas que formam uma unidade de sentido (ex.: *ar-****condicionado***, *pé-****frio***) ou em topônimos, títulos e similares (ex.: *Minas* ***Gerais***, *A* ***Divina*** *Comédia*); tampouco como marcador discursivo (ex.: ***certo?***, ***Pronto!***). Também não são levados em conta substantivos atuando como adjetivo (ex.: *carta* ***convite***, *situação* ***problema***).

morfológica e sintática) e função (semântica, discursiva e pragmática), conforme as propriedades estabelecidas em Croft (2001). Trata-se da categoria lexical convencionalmente utilizada para codificar verbalmente a modificação[3] operada sobre um dado conteúdo referencial ou (multi) proposicional (BECK, 2000). A CAdj compõe com nomes e verbos as três grandes categorias lexicais de caráter universal (HOFHERR, 2010), definindo-se pelos parâmetros expostos a seguir.

i) No plano fonético-fonológico (ou da expressão), a CAdj tem delimitação fonêmica, com extensão e tonicidade próprias. Sob essa ótica, constitui-se como uma unidade vocabular individual e independente, seja ela formada por apenas um constituinte vocabular (lexia simples) ou por mais de um (no caso de lexia complexa).

ii) No plano morfológico, pode ser uma construção primitiva (atômica) ou derivada (esquemática)[4], flexionando-se, prototipicamente, em gênero e número, em concordância com o termo nominal a que remete (flexão dependente).

iii) No plano sintático, vincula-se a um nome (substantivo ou equivalente), na condição de adjunto atributivo ou de predicativo (do sujeito ou do objeto); a uma proposição oracional, como modalizador predicativo; ou a um segmento multiproposicional, em função avaliativa, com baixa ou mesmo nenhuma dependência sintática explícita.[5]

iv) No plano semântico, designa uma característica, uma propriedade, uma subclasse, uma qualidade, um valor, um modo de ser ou um estado atribuído(a) a alguém ou a algo (*i.e*., um objeto de discurso), de caráter permanente ou provisório, extensivo ou intensivo, alterando, de algum modo, o conteúdo sobre o qual incide.

---

[3] Há modificação não codificada por adjetivo, por exemplo, em casos como *cozinheiro **chefe***, *pessoa **sem noção***, *boneca **que fala**, Esse menino é **fogo***. Assim, o adjetivo insere-se nesse fenômeno mais abrangente.

[4] Incluímos na derivação os casos de lexia complexa (por composição), posto que derivam de bases formais já disponíveis na língua e passam por certos "ajustes" morfossintáticos: ***geo**político*, *histórico**-**cultura**is***.

[5] Nessa perspectiva, embora constitua um item lexical livre, a CAdj é vista como integrante de uma construção mais ampla. Mesmo na condição de marcador discursivo (como em *(É) claro/lógico*), não é considerada de todo independente.

v) No plano discursivo-pragmático, detalha/especifica, realça e/ou avalia um dado conteúdo informacional relativo a algum referente ou a um segmento (multi)proposicional, impondo uma certa perspectiva (focalização) conceitual/identificativa e/ou axiológica/afetiva sobre o objeto de discurso informado, de caráter objetivo ou (inter)subjetivo. Com isso, fornece um dado a mais sobre o conteúdo (referencial/(multi)proposicional) a que remete, com reflexo na construção de sentidos por parte do(s) interlocutor(es).

Cabe esclarecer que a CAdj é, no português, pertencente ao inventário das classes abertas, sendo tomada aqui em um *continuum* categorial que se estende da mais prototípica e menos marcada à que se mostra como menos representativa da categoria e, por isso, +marcada (BECK, 2000)[6]. É assim em razão de essa categoria lexical ser de natureza heterogênea, multifuncional e, a depender do caso, ambígua. Nesse sentido, acompanhando relativamente o que se apresenta em Tucker (1998), será considerada como mais prototípica e menos marcada a CAdj que exibe as seguintes propriedades:

i) ser modificadora de um nome ou de um termo equivalente, podendo assumir tanto a função de adjunto adnominal atributivo como a de predicativo (precedido ou não de copulativo);

ii) ser graduável em termos comparativos ou superlativos;

iii) ser variável em gênero e/ou em número, concordando com o referente a que se vincula.

4.2 Caracterização geral da construção adjetiva no PB

Neste tópico, procedemos a uma breve explanação da CAdj no PB, considerando mais especificamente os planos morfológico, sintático, semântico e discursivo-pragmático.

[6] O termo *marcado* relaciona-se à noção de *marcação*, entendida como um *continuum*, a qual se define pelos seguintes parâmetros: complexidade cognitiva, complexidade estrutural, transparência entre forma e função (iconicidade), frequência contextual (ambiente sintático), frequência *token* (ver GIVÓN, 1995; BECK, 2000).

4.2.1 No plano morfológico

Sob a perspectiva morfológica, a CAdj pode ser primitiva (atômica), ou seja, de origem independente, ou derivada, isto é, oriunda de fonte(s) já existente(s) a partir de processos diversos de formação lexical no português (BASÍLIO, 2011). Neste segundo caso, a CAdj pode se formar por meio de acréscimos afixais (prefixo, sufixo ou ambos) a uma base lexical ou pela junção de palavras (composição lexical por justaposição ou aglutinação). Vejamos as ocorrências a seguir.

(01) Ele abriu *o* ***novo*** *tablete* e colocou sobre os restos d*a manteiga* ***velha*** que resistiam no fundo da manteigueira […] (Disponível em: <http://autoressaconcursosliterarios.blogspot.com.br/2013/05/os-20-minicontos-classificados.html>. Acesso: 18 set. 2018).

(02) […] não foi com lágrimas de arrependimento que Maria fitou o epitáfio de Emanuel, mas sim com *olhos* ***aquosos*** *de saudade* e *uma* ***profunda*** *paz* em *seu coração* ***renovado***. (Disponível em: <http://autoressa concursosliterarios.blogspot.com.br/2013/05/os-20-minicontos-classificados.html>. Acesso: 18 set. 2018).

(03) *As aulas* ***teórico-práticas*** foram ministradas pelas alunas de pós-graduação […]
(Disponível em: <https://www. researchgate.net/profile/Lisabelle_Rossato/publication/278035861_Preparando_o_aluno_de_PsGraduao_para_o_exerccio_de_docncia_em_Enfermagem_no_cuidado_da_criana_e_da_famlia_na_experincia_de_doena/links/557af9fc08ae7442f5d2b8cf.pdf>. Acesso: 24 set. 2018).

Em 01, os construtos *novo* e *velha* são instanciações da construção adjetiva primitiva $[X_{Base}]_{Adj}$[7], pois representam formas que não partem de outras preexistentes. Em 02, *aquosos* instancia a CAdj formada pelo esquema sufixal $[X_{Base}\text{-Suf}]_{Adj}$; *profunda* instancia a que se forma pelo esquema prefixal $[\text{Pref-}X_{Base}]_{Adj}$; *renovado* instancia a de duplo processo de formação $[\text{Pref-}X_{Base}\text{-Suf}]_{Adj}$. Em 03, *teórico-práticas* exemplifica um

[7] Utilizamos aqui formalizações esquemáticas mais simplificadas do que as propostas em Booij (2005).

caso de formação da CAdj pela combinação de duas bases lexicais, ou seja, o esquema $[X_{Base}+Y_{Base}]_{Adj}$.[8]

Em relação à CAdj formada pelo paradigma $[X_{Base}$-Suf], foram identificados no *corpus types* com as derivações sufixais: *-al, -ano, -ar, -ário, -do/-to, -(d/t)or, -eiro, -ento, -eo, -erno, -ês, -eu, -(t)ico, -il, -inho/a, -ino, -ista, -ivo, -nte, -ório, -oso, -uo, -vel*.[9] As principais fontes de formação sufixal da CAdj são os nomes (CAdj denominal) e os verbos (CAdj deverbal). Mas também há, embora mais raras, matrizes adjetivais (***gross**eiro*), adverbiais (***hodi**erno*), preposicionais (***contr**ário*) e numerais (***ún**ico*).

Cabe frisar, quanto a esses processos de formação, que há grande variação nos graus de paradigmaticidade e de produtividade dos *types* que os instanciam. Ou seja, existem formações mais/menos paradigmáticas e mais/menos produtivas, que instanciam formações adjetivais de diferentes bases lexicais. Nesse sentido, há *types* adjetivais formados apenas por uma base lexical específica, como no caso, por exemplo, do derivado em [X-ar], que se forma somente com base no subesquema [N-Suf]. Já os formados em X-ento ou em X-vel, admitem mais de uma base: os subequemas [N-Suf] ou, mais raramente, [V-Suf] para o primeiro caso, e [V-Suf] ou o menos comum [N-Suf] para o segundo. As formações que instanciam o esquema superordenado [X-Suf], como [N-ento]/[V-ento] ou [V-vel]/[N-vel], podem ser consideradas subesquemas, sendo umas mais produtivas do que outras. Por exemplo: o subesquema [V-vel] é fartamente bem mais produtivo do que o [N-vel], pois aquele licencia uma quantidade praticamente incontável de microconstruções deverbais.

Quanto à composicionalidade das CAdj derivadas, há também gradiência. Parece ser mais composicional a que se forma por Base+Base, cujos elementos são analisáveis, mantendo seus respectivos

[8] Embora mais incomuns, existem CAdj oriundas do processo de dupla sufixação ou prefixação: *construt**ivista*** e *centr**alizado*** (dupla sufixação); ***irre**tocável* e ***recom**posto*** (dupla prefixação). Nesses casos, reproduzem-se, pelo processo de recursividade, esquemas de afixação já disponíveis. Vale também observar a formação Base+Base, em que um dos componentes – ou até ambos – pode vir acrescido de afixo, flexionando-se apenas o segundo elemento (*socioeconômica*, *histórico-culturais*).

[9] Não foram encontradas no *corpus* ocorrências da CAdj formada pelos sufixos *-engo (mulher**engo**)*, *-enho (ferr**enho**)*, *-ense (for**ense**)*, *-est(r)e (cel**este**, silv**estre**), -ício (vital**ício**)*, *-ita (cosmopol**ita**)*, *-onho (med**onho**), -ouro (vindouro)*, *-udo* (*carn**udo***) e *-urno (di**urno**)*.

significados. No caso das formadas por afixação, há graus diversos de composicionalidade (BYBEE, 2010). Instanciações como, por exemplo, *certeiro*, *incrível* e *calculista*, cujos significados metafóricos não resultam igualmente da soma de suas respectivas partes, são relativamente menos composicionais (ALMEIDA; GONÇALVES, 2005).

A seguir, um quadro resumitivo dos padrões esquemáticos de formação morfológica da CAdj:

Quadro 1 – Padrões esquemáticos de formação morfológica da CAdj.

Base	**Base-Suf**	**Pref-Base**	**Pref-Base-Suf**	**Base+Base**
velho	*teór**ica***	***in**fiel*	***des**comun**al***	*unânime*
novo	*notá**vel***	***bi**forme*	***extra**terr**estre***	*sociocultural*

Fonte – Autoria própria.

Em termos quantitativos, o levantamento da CAdj formada por sufixação ([X_{Base}-Suf]) no *corpus* mostra o resultado exposto na tabela a seguir:

Tabela 1 – *Types* derivacionais da CAdj formada por sufixação.

Terminações sufixais		
-(d/t)o	194	27,2
-al	139	19,5
-ico	117	16,4
-vel	38	5,3
-oso	31	4,3
-ano	28	3,9
-eiro	25	3,5
-ário	22	3,1
-ório	22	3,1
-ar	19	2,7
-nte	19	2,7
-(d/t)or	11	1,5
-ês	8	1,1
-ino	8	1,0
-ivo	8	1,1
-erno	5	0,7
-ento	3	0,4
-eo	3	0,4
-eu	3	0,4
-il	3	0,4
-inho	3	0,4
-ista	3	0,4
-uo	2	0,3
Total	**714**	**88,1**

Fonte – Autoria própria.

Esse levantamento demonstra a preferência majoritária de formação da CAdj pela sufixação, haja vista o total de 714 (88,1%) dos 810 casos do *corpus*. Destacam-se nesse levantamento as formações sufixais de particípio passado, com 194 casos (27,2%), principalmente pelo sufixo *-do*; em *-al*, com 139 casos (19,5%); e em *-ico*, com 117 casos (16,4%). Esses números apontam a alta produtividade desses *types* na formação de adjetivos no português atual. A título de ilustração dos casos mais produtivos, seguem estas amostras:

(04) Daí o questionamento acerca de ser possível ou não que *o conhecimento* ***transmitido*** seja pautado pela neutralidade e pela objetividade, o que, de certa forma, é preconizado n*os* ***reiterados*** *projetos de lei*, ***pulverizados*** em diversos parlamentos, em decorrência, dentre outros, d*o movimento* ***denominado*** "Escola sem Partido".
(Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/liberdade-de-catedra-e-o-direito-de-aprender-5ztcqk96a8cbfupg76a2zgveu>. Acesso: 24 set. 2018).

(05) Freud identificou a presença da sexualidade, das estruturas neurótica e psicótica, dos mecanismos de defesa e da perversidade n*a dinâmica* ***mental*** *e* ***comportamental*** das pessoas de *forma* ***geral***.
(Disponível em: <http://www.odiarioonline.com.br/noticia/57015/A-PENA-QUE-VALE-A-PENA>. Acesso: 24 set. 2018).

(06) Estudo detecta gene responsável e simula *o desenvolvimento* ***neurológico característico*** da síndrome de Williams.
(Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/10/ramificacoes-em-neuronios-podem-causar-hipersociabilidade/>. Acesso: 19 set. 2018).

Quanto à formação [Pref-X_{Base}] – tal como *profunda* (na amostra 02) –, a tendência predominante é partir de uma matriz adjetival. Mas há casos (raros) em que se utiliza outra base lexical, a exemplo de *imberbe* e *infame*, os quais são de matriz nominal[10]. Já a formação [Pref-X_{Base}-Suf], em geral, é proveniente de uma base já adjetivada, conforme se vê com *utltraconcetados*[11]. Essa construção representa um caso de formação

[10] Como há apenas uma ocorrência dessa formação no *corpus*, esta foi desconsiderada na quantificação dos dados sobre a derivação morfológica dessa construção.

[11] Há derivações parassintéticas dessa construção, cujos afixos entram concomitantemente em sua formação. É o que ocorre com *desalmado* e *imbatível*, por exemplo. Sandmann (1994, p. 86) considera casos assim como "salto de etapa", os quais podem ser incluídos no *link* de herança *default* postulado por Booij (2005, p. 21) quanto à construção [Pref-X_{Base}-Suf]$_{Adj}$.

por herança múltipla, uma vez que instancia dois esquemas de afixação distintos, quais sejam, o de sufixação e o de prefixação. Dessa formação, foram identificados 5 (ou 0,6% dos) casos. Há também a CAdj formada por composição [X_{Base}+Y_{Base}], como *cardiovasculares*, que apresenta 7 ocorrências (0,9%) no *corpus*.

A CAdj formada por lexemas primitivos (atômicos) respondem por 83 (ou 10,2% dos) casos, o que é uma quantidade bem menor se comparada com as formações derivadas. Tal resultado pode indiciar uma reduzida quantidade de adjetivos primitivos disponíveis no português para designar uma gama variada de conceitos, o que, possivelmente, induz os falantes a recorrerem à formação derivacional (CUNHA; CINTRA, 2017).

Vale observar que o processo de afixação (sufixal, prefixal ou ambos) para a formação da CAdj pode ser associado ao subprincípio icônico de quantidade referido em Givón (1985, p. 198), que prevê uma correlação motivada entre mais informação e mais material linguístico para expressá-la. Assim, a CAdj derivada, que exibe acréscimo de afixo(s) a uma base lexical, carrega mais informação que a CAdj primitiva. Um exemplo disso é o construto *aquosos*, no excerto 02, que pode ser parafraseado como *que tem/em que há água*.

Considerando ainda aspectos morfológicos da CAdj, esta, prototipicamente, pode se flexionar em gênero (feminino) e número (plural). Deve-se assinalar que essas flexões não são de natureza semântica, e sim estritamente gramatical (morfossintática), posto que tais processos se devem ao estabelecimento da concordância (principalmente a de gênero) com o referente nominal a que a CAdj remete. Sendo assim, trata-se de flexões dependentes, impostas pela relação sintática com o substantivo, o sujeito ou o objeto. Entretanto, adjetivos terminados em vogal temática *-e* bem como em *-l, -m, -r* ou *-z* não permitem concordância de gênero. Os primitivos com terminação em *-s* não admitem flexão de gênero nem de número. No excerto textual que segue, ilustram-se alguns desses casos.

> (07) O incidente ocorre horas após *uma bomba* ***caseira*** explodir em New Jersey um pouco antes de milhares de participantes de *uma corrida de rua* ***beneficente*** passarem pelo local – sem deixar feridos. Não há indícios de que *os dois episódios estejam* ***relacionados***.
> (Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37394876>. Acesso:18 set. 2018).

A forma do construto *caseira* no feminino singular ocorre em razão de se associar ao referenciador *bomba*. Do mesmo modo, *relacionados* encontra-se no masculino plural por seu vínculo com *episódios*. Já *beneficente* mantém-se apenas no singular por remeter a *corrida [de rua]*, não se flexionando em gênero por sua terminação em *-e*.

Em vista disso, seguindo o que se encontra em Fried (2015, p. 977), podemos afirmar que existem CAdj plenamente especificadas (idiossincráticas), como, por exemplo, *simples* e *reles*; especificadas e flexíveis, como *lindo* ou *quente*, que podem variar em gênero e/ou em número; parcialmente esquemáticas/especificadas e flexíveis, como *V-vel* ou *ultra-Adj*; totalmente esquemáticas, como *Adj+Adj*.

4.2.2 No plano sintático

Do ponto de vista sintático, a CAdj no PB atual pode assumir funções diversas, seja no plano sintagmático, oracional (proposicional), interoracional ou multiproposicional.

No âmbito sintagmático, a CAdj atua como *modificador atributivo*, na condição de adjunto adnominal (posposto ou anteposto) ao nome referenciador (N_{Ref}) que modifica – CAdj *Atributiva* ($CAdj_{Atr}$). Nessa função, é um sintagma periférico em relação ao núcleo nominal e diretamente integrado a este em graus variados. Em tal condição, posposta ou anteposta, a CAdj assume valores diversos, conforme sua relação com o nome a que se adjunge. A posposição, a anteposição ou a "livre" variação entre uma posição e outra dependem, sobretudo, de propriedades semânticas e/ou discursivo-pragmáticas (SERRA, 2005; GARCIA, 2010). Assim, a posição da $CAdj_{Atr}$ no SN é funcionalmente motivada. Vamos a alguns dados:

> (08) Há *um* ***pequeno*** *botão no canto* ***inferior esquerdo*** *do aparelho.*
> (Disponível em: <http://www.showmetech.com.br/tutorial-como-trocar-os-modulos-do-lg-g5/>. Acesso: 18 set. 2018).

Nesse excerto, *pequeno* modifica o N_{Ref} *botão.* Podemos observar que o construto *pequeno* vem anteposto, sem alteração de seu significado básico (*tamanho reduzido*), embora também pudesse ser colocado posposto (posição mais comum para *types* adjetivais como esse). Sendo

assim, representa um caso de variação possível de colocação da CAdj no SN (NEVES, 2000). Contudo, nessa ocorrência, o recurso à anteposição de *pequeno* parece indicar inerência de propriedade do Ref *botão*. Ainda em 08, o construto *inferior* modifica *canto*; *esquerdo* modifica *canto inferior*. Nesses casos, os construtos adjetivais não poderiam ser antepostos, pois se trata de adjetivos responsáveis por, de certo modo, particularizarem o N. Portanto, a motivação para as respectivas posições dessas instâncias da CAdj em 08 parece ser de ordem mais semântica.

Quanto a *canto inferior esquerdo*, é digna de nota a sequenciação de mais de um adjetivo. Nesse caso, a ordenação sintática depende do subprincípio icônico de integração semântica, isto é, quanto mais semanticamente integrados estiverem dois conceitos, mais próximos se posicionam no plano da expressão (GIVÓN, 1985). Assim, quanto mais importante para delimitar o N_{Ref}, mais integrada será a CAdj a este e, consequentemente, mais próxima. Em contrapartida, quanto menor for o valor restritivo da CAdj para o conteúdo do N_{Ref}, mais distante/frouxa é sua colocação em relação a este. No português, a colocação prototípica e não marcada da CAdj para a delimitação/particularização referencial do N é a posposição. No caso em análise, *inferior* e *esquerdo* são restritores de identificação locativa, tendo, cada um, escopos diferenciados.

> (09) O LG G5 inovou ao transformar *o tão **sonhado** smartphone **modular*** em realidade.
> (Disponível em: <http://www.showmetech.com.br/tutorial-como-trocar-os-modulos-do-lg-g5/>. Acesso: 18 set. 2018).

Nessa amostra, o Ref *smartphone* está ladeado pelos construtos adjetivais *sonhado* e *modular*. Em casos como esse, a CAdj de valor mais subjetivo e não restritivo (*sonhado*) vem anteposta, enquanto a que tem função delimitadora (*modular*) vem posposta.

Há também um tipo de CAdj adjuntiva, em geral anteposta ao N, com significado desiderativo e de valor intersubjetivo – [CAdj N_{Ref}] $_{Desid}$ –, utilizada em cumprimentos ou em felicitações. Em alguns casos, o SN_{Desid} de que a CAdj participa é complemento verbal em uma construção mais ampla (uma proposição). Segue um exemplar desse caso:

> (10) Esperamos que você aproveite nossas dicas e *tenha uma **boa viagem**!*
> (Disponível em: <https://www. beecambio.com.br/blog/tudo-o-que-voce-precisa-saber-para-planejar-uma-viagem-em-2018/>. Acesso: 25 mar. 2018).

Nessa amostra, o SN *uma boa viagem*, com a CAdj (*boa*) anteposta ao N (*viagem*), tem função desiderativa de valor intersubjetivo e se insere em uma construção maior como complemento do verbo *ter*. Contudo, há esquematicidade em instanciações como ***Feliz*** *Natal!* ou ***Bons*** *sonhos!*, por exemplo, com certa produtividade microconstrucional.

Observamos, ainda, instanciações da $CAdj_{Atr}$ cuja posição (anteposta ou posposta) parece já fixada pelo uso, formando praticamente uma lexia complexa (BASÍLIO, 2016). São microconstruções com certa composicionalidade/analisabilidade, cujos elementos portam significado individual, porém formam uma espécie de *chunk*, nos termos de Bybee (2010, p. 7-8), isto é, um conjunto de itens linguísticos (sequência morfossintática complexa) convencionalizado, pela frequência de uso, como uma unidade de forma e sentido (uma construção idiossincrática). Exemplos disso são casos como ***legítima*** *defesa,* ***justa*** *causa, foro* ***privilegiado****, ser* ***humano***, entre outros.

No âmbito proposicional, a CAdj assume a função de *predicativo* ($CAdj_{Pred}$), que pode ser do sujeito ($Pred_{Suj}$) ou do objeto ($Pred_{Obj}$). Em ambas as instanciações, a CAdj tem *status* nuclear (não vinculada diretamente ao SN como constituinte secundário). A diferença é que, como $Pred_{Suj}$, prototipicamente, a CAdj participa de predicado único/simples, com informação nova e focal após um verbo copulativo (Cop); na condição de $Pred_{Obj}$, a CAdj constitui um predicado secundário, que pode ser complemento (obrigatório) ou adjunto (acidental), tendo sempre o Cop omitido/implícito (CONTERATTO, 2009). Seguem amostras:

> (11) Não achei que *fui* ***romântico****,* mas *o Brasil* passa por um momento tão duro que *está* ***carente*** *de amor.*
> (Disponível em: < http://www.purepeople.com.br/noticia/gregorio-duvivier-fala-sobre-declaracao-polemica-a-clarice-falcao-ela-sabia_a136101/1>. Acesso: 15 out. 2018).

> (12) *Tudo isso nos torna* ***mais sensíveis, mais empáticos e mais humanos*** […]
> (Disponível em: <https://istoe.com.br/inteligencia-artificial-nos-torna-mais-humanos/>. Acesso: 18 set. 2018).

Na amostra 11, a $CAdj_{Pred}$ instanciada pelos construtos *romântico* e *carente* é $Pred_{Suj}$. Ambas as instanciações constituem a informação focal, estando precedidas pelas respectivas formas verbais copulativas *fui* (ser)

e *está* (estar). Trata-se da manifestação prototípica dessa construção, mais icônica e menos marcada. Em 12, os construtos *mais sensíveis/mais empáticos/mais humanos* são $Pred_{Obj}$ em relação a *nos*, instanciando *types* da CAdj que, normalmente, são codificados sem Cop. No caso desse Pred, a CAdj é um predicado secundário obrigatório, exigido pelo significado do verbo *tornar*, constituindo a informação principal.

Cabe assinalar que há instanciações da CAdj $Pred_{Suj}$ que ocorrem meio "desgarradas" do Suj que modificam, vindo em posição à esquerda, topicalizada ou intercalada, quase sempre sem Cop. Também há casos da CAdj $Pred_{Suj}$ em predicados secundários (que podem ser complementos ou adjuntos), nos quais o Cop fica sempre implícito. Tanto o $Pred_{Suj}$ como o $Pred_{Obj}$, Said Ali (2011, p. 127) denomina "anexo predicativo"[12]. Vejamos as ocorrências:

> (13) ***Preocupados*** *com o emocional de Camila, diretores da TV Globo e da novela "Velho Chico"* pensam em afastar a atriz do trabalho por no mínimo um ano.
> (Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2016/09/camila-pitanga-agradece-apoio-apos-acidente-com-domingos-montagner.html>. Acesso: 12 out. 2018).

> (14) Eu e Dani estivemos sempre juntos. Ela é minha melhor amiga e o amor da minha vida. Nos amamos e *vamos superar isso* ***juntos*** *e* ***casados***.
> Disponível em: <http://df.divirtasemais.com.br/app/noticia/fama/2014/11/07/noticia_ fama,152425/nos-amamos-e-vamos-superar-isso-juntos-e-casados-disse-adnet-apos-t.shtml>. Acesso: 18 set. 2018).

Em 13, o construto *preocupados* é $Pred_{Suj}$ em relação a *diretores da TV Globo e da novela "Velho Chico"*, o qual vem em posição topicalizada encabeçando a oração causal. Em 14, *juntos e casados* constituem instâncias de $Pred_{Suj}$ como predicado secundário, com *status* de adjunto, pois não são complementos de *superar*. Conforme já assinalado, Cop encontra-se implícito nessas instanciações da CAdj. Casos assim podem ser considerados, no *continuum* de marcação, como

[12] Desconsideramos aqui os diferentes termos (sub)categorizadores do predicativo. Para um estudo mais detalhado dessa função, ver Conteratto (2009).

sendo +marcados em relação à $CAdj_{Pred}$ prototípica, por sua complexidade estrutural, o que, provavelmente, implica complexidade cognitiva, além de serem de uso mais incomum, em contextos de expressão mais monitorada (GIVÓN, 1995).

No âmbito interoracional, a CAdj também atua como predicativo (de uma oração subjetiva) na condição de modalizador – $CAdj_{Mod}$. Esta incide avaliativamente sobre o segmento oracional a que vem geralmente anteposta (topicalizada), preferencialmente antecedida por um Cop. Desse modo, a CAdj forma com esse verbo um padrão esquemático do tipo $[Cop\ Adj]_{Mod}$, precedendo a proposição focal (com informação nova) que modifica/ avalia (CORBARI; SELLA, 2007). Eis uma amostra:

> (15) […] *é* ***importante*** *não confundir com a versão do Android.* (Disponível em: <http://canaltech.com.br/tutorial/software/desative-apps-em-segundo-plano-para-deixar-o-windows-ou-o-android-mais-rapidos/>. Acesso: 18 set. 2018).

O construto *é importante* nessa amostra é uma instância de uso da $CAdj_{Mod}$ predicando uma avaliação sobre a informação *não confundir com a versão do Android*. Assim, diferentemente da CAdj $Pred_{Suj}$ prototípica, que constitui uma informação nova/focal quanto a um Ref_{Suj}, a $Cadj_{Mod}$, posicionada à esquerda, serve a propósitos pragmáticos/ intersubjetivos, no sentido de focalizar a informação por ela escopada sob uma determinada ótica avaliativa.

Há, porém, outro tipo de construção predicativa modalizadora de que a CAdj participa cujo formato é $[Pro_{Dem}\ Adj_{Pred}\ Cop]_{Mod}$. Nesse caso, sua identidade adjetival não é reconhecida à primeira vista pelo fato de poder ser confundida com um SN. Vejamos a seguir amostras disso:

> (16) O Touro é muito egoísta. Só consegue ver as coisas sob o seu ponto de vista. E pronto! Ele está certo, sua opinião tem mais peso. E ***o pior*** *é que não costumam mudar de ideia.* ***O bom do touro*** *é que ele sempre tem um 'dinheirinho'.* Sempre. (Disponível em: <https://100freskura.wordpress.com/2010/08/17/o-lado-mau-dos-signos/>. Acesso: 31 mar. 2018).

A construção em tela nessas amostras instancia-se pelos construtos *O pior é* e *O bom do touro é*, em que a CAdj predicativa funciona como modalizador avaliativo da informação que a segue, nesses casos, *que não costumam mudar de ideia* e *que ele sempre tem*

um 'dinheirinho', respectivamente. Nessa construção, pode-se inferir uma relativa pseudoclivada implícita (*O [que é] pior / O [que é] bom do touro*), tal como se vê em Mikołajczak (2003, p. 190), sendo a forma sem a relativa (Dem Adj) uma espécie de subparte da mais desenvolvida.

Também pode ser considerada Pred a CAdj que ocorre na construção de predicado secundário cujo esquema é [V Prep $CAdj_{Pred}$]. Nessa construção, o Cop fica implícito no SP que contém a CAdj. Vejamos a seguinte amostra:

> (17) Para sobreviver ao ataque à boate Pulse, em Orlando, Ángel Colón usou uma estratégia conhecida: ficou no chão e *se fingiu de* ***morto***.
> (Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36538968>. Acesso: 31 mar. 2019).

Nessa amostra, *se fingiu de morto* poderia ser parafraseado mais ou menos como *ele fingiu estar morto*, o que revela a função predicativa da CAdj no SP (*de morto*) e seu estatuto de predicativo secundário. Esses usos da $CAdj_{Pred}$ com o Cop "omitido"/implícito parecem representar casos de relação de herança por subparte (GOLDBERG, 1995), em que uma construção mantém propriedade de outra, mas apresenta forma e função particulares.

Em vista desses diferentes usos e configurações sintáticas da $CAdj_{Pred}$, é lícito considerá-la em termos gradientes, formando um *continuum*, que vai da manifestação mais prototípica, mais icônica e menos marcada – também mais facilmente reconhecível – às mais complexas e incomuns.

Ainda em relação à função sintática da CAdj, vale observar que há instanciações dessa construção que só podem ser utilizadas em um contexto sintagmático específico. É o caso de *mero*, por exemplo, que só ocorre como adjunto adnominal anteposto ao N_{Ref}; também o de termos técnicos (como *vascular, térmico*, *intravenoso* e similares), os quais só podem ser atributos adjuntos pospostos a N.

Também existem CAdj que alteram seu significado a depender de sua condição sintática, isto é, se adjuntiva ou se predicativa. Pode ilustrar isso o adjetivo *preciso*, o qual, sendo adjunto, significa *exato/certeiro* e se flexiona conforme o N a que se adjunge; sendo predicativo, é um modalizador deôntico invariável que significa *necessário*.

Considerando ainda a condição sintática da CAdj, cabe mencionar que, dependendo da construção mais abrangente a que se integra – no sintagma, na oração ou no período composto –, ela apresenta graus de vinculação, de dependência e de *status* sintático na relação com o constituinte sobre o qual incide. Sendo assim, como adjunto nominal, a CAdj é mais integrada, com vínculo mais direto e, por isso, mais dependente e periférica no SN; como predicativa, seu vínculo com o Suj é indireto/mediatizado, sendo nuclear e menos dependente em relação e este.

Outro ponto a ser destacado é o grau de produtividade da CAdj, tanto em função atributiva quanto predicativa. Quanto a isso, o esquema com CAdj pós-nuclear [N_{Ref} $CAdj_{Atr}$], mais comum e menos marcado no PB atual, tende a ser mais produtivo, com um naipe maior de microconstruções, em razão de poder atrair uma ampla variedade de adjetivos (SERRA, 2005; SILVA, 2008). Do mesmo modo, a CAdj $Pred_{Suj}$ participante do esquema oracional [Suj V_{Cop} $CAdj_{Pred}$], pelo fato de permitir maior diversidade de verbos Cop bem como ser a estrutura predicativa mais simples e menos marcada, se comparada com a $Pred_{Qbj}$ ou mesmo com outras instanciações mais complexas da $Pred_{Suj}$, está mais aberta para abrigar muitas outras microconstruções.

No âmbito multiproposicional, a CAdj atua como termo avaliativo de um segmento textual antecedente ou posterior. Assim, está de algum modo e em certo grau envolvida na cadeia coesiva do discurso. Contudo, por sua independência do ponto de vista formal, essa construção constitui uma espécie de "ilha" sintática. Nessa função, é denominada aqui como *construção adjetiva discursiva* ($CAdj_{Disc}$). Isso pode ser conferido na seguinte ocorrência:

> (18) […] ele sabe... que vocês têm uma pérola dentro… oh::... *que* ***emocionante***... (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 75).

Nessa ocorrência, o construto *emocionante* instancia uma espécie de CAdj que não se encaixa em nenhum padrão sintático visto anteriormente. Embora ela "predique" uma avaliação subjetiva a um conteúdo (no caso, a informação anterior *ele sabe que vocês têm uma pérola dentro*), tem padrão esquemático próprio [Que Adj], distinto das outras formas de $CAdj_{Pred}$, cujos componentes formam um todo não composicional. Por meio dessa construção, atribui-se um juízo de valor, o qual pode ser parafraseado, grosso modo, nos seguintes termos: *Como isso é Adj!*, ou *Isso é (deveras) Adj*.

No quadro a seguir, explicitamos as configurações sintáticas mais comuns no PB atual das quais a CAdj participa.

Quadro 2 – Configuração formal dos ambientes sintáticos da CAdj no PB contemporâneo.

Escopo sintático/ textual/discursivo	**Configuração do padrão construcional**	**Exemplares**
Contexto sintagmático (Função atributiva no SN)[13]	[N_{Ref} $CAdj_{Atr}$]	*com energia* ***elétrica***
	[$CAdj_{Atr}$ N_{Ref}]	*seu* ***fiel*** *seguidor*
	[N_{Ref} $CAdj_{Atr}$ $CAdj_{Atr}$]	*o córtex* ***cerebral humano***
	[$CAdj_{Atr}$ N_{Ref} $CAdj_{Atr}$]]	*de* ***fácil*** *integração* ***social***
	[X $CAdj_{Atr/Pred}$ SP_{Comp}]	*um cenário* ***propício*** *à sedução*
	[(V) $CAdj_{Av}$ N_{Ref}]$_{Desid}$	***Boa*** *sorte!*
Contexto (inter)oracional (Função predicativa/ modalizadora na CPred)	[Suj Cop $CAdj_{Pred}$]	*Essa experiência foi* ***muito satisfatória***[14]
	[Suj V $CAdj_{Pred}$]	*Os alunos mostraram-se* ***bastante desenvoltos***
	[V Obj $CAdj_{Pred}$]	*deixando ainda o lanche* ***bem saboroso***
	[Cop $CAdj_{Pred}$ (que) Or]$_{Mod}$	*É* ***preciso*** *que bem se faça a diferenciação*
	[Pro_{Dem} $CAdj_{Pred}$ Cop]$_{Mod}$	*O* ***pior*** *é que...*
	[$CAdj_{Pred}$ Suj]$_{Pred}$	***Maravilhosa*** *a vista daqui.*
	[[$Cadj_{Pred}$] [Or]]	***Carioca****, Peninha morou em pontos diversos*
	[V Obj Prep $CAdj_{Pred}$]	*se fez de* ***bobo*** *diante deles*
Contexto multiproposicional (Função avaliativa no discurso)	[(Que) $CAdj_{Av}$]	*olhe esse negócio aqui... que* ***lindo****!*
	[(Cop) $CAdj_{Av}$]	*É um escândalo atrás do outro.* ***Terrível****!*

Fonte – Autoria própria.

[13] Registramos, ainda, formações sintáticas com CAdj, não encontradas nos *corpus*, as quais se caracterizam pelos esquemas [CAdj de Adj/N]$_{Intens}$ (***morto*** *de cansado*) e [CAdj (Pro_{Trat}) N_{Ref}]$_{Voc}$ (***Meritíssimo*** *(Senhor) Juiz*).

[14] A CAdj pode vir acompanhada por um (ou mais) elemento intensificador, que pode ser um advérbio intensivo e/ou um afixo com essa função.

Em termos quantitativos, no levantamento feito, mostrou-se mais recorrente a $CAdj_{Atr}$, com 640 ocorrências (79%), sendo predominante a posição pós-nominal, que corresponde a quase 60% das ocorrências na função atributiva. Esses resultados confirmam, em certa medida, o subprincípio icônico de integração semântica e os subprincípios de marcação relativos à complexidade estrutural e cognitiva: por designar um atributo diretamente relacionado (adjunto) ao N_{Ref} e ter acepção mais objetiva, a $CAdj_{Atr}$ encontra-se semântica e formalmente mais vinculada a ele (em ambiente sintático prototípico), exibindo estrutura formal mais simples/menos complexa e, por isso, mais facilmente processada em termos cognitivos; daí ser menos marcada e tendente a maior frequência. A $CAdj_{Pred}$, por sua vez, exibe apenas 21% dos dados. Porém, se comparada com a $CAdj_{Atr}$ anteposta, identifica-se frequência pendular entre elas nos gêneros. Em relação a esse levantamento sobre a CAdj, Bertoldi e Chishman (2006) chegaram a resultados relativamente semelhantes. Segue a tabela com os dados quantitativos (absolutos e percentuais) das funções sintáticas da CAdj no *corpus*.

Tabela 2 – Dados da CAdj quanto às funções sintáticas no *corpus*.

Gênero discursivo	**$CAdj_{Atr}$**		**$CAdj_{Pred}$**	**Totais Q (%)**
	Posposta	**Anteposta**		
Artigo divulg. científica	71	26	14	**111 (13,7)**
Artigo de opinião	65	15	10	**90 (11,1)**
Relato de experiência	57	10	17	**84 (10,4)**
Resenha crítica	43	19	17	**79 (9,8)**
Guia de viagens	44	14	18	**76 (9,4)**
Miniconto	32	17	24	**73 (9,0)**
Entrevista	56	7	7	**70 (8,6)**
Tutorial	30	11	16	**57 (7.0)**
Receita culinária	32	9	15	**56 (6,9)**
Notícia	22	9	15	**46 (5,7)**
Coluna social	20	14	7	**41 (5,1)**
Conversa espontânea	12	5	10	**27 (3,3)**
Totais Q (%)	**484 (59,7)**	**156 (19,3)**	**170 (21,0)**	**810 (100)**

Fonte – Autoria própria.

4.2.3 No plano semântico[15]

Borba (1996), Neves (2000) e Castilho (2010), em suas gramáticas, dividem a classe dos adjetivos em duas categorias semânticas, a saber: a dos classificadores e a dos qualificadores. A primeira diz respeito ao adjetivo que restringe o significado do substantivo por ele modificado; a segunda se refere ao adjetivo que atribui ao substantivo uma propriedade de caráter acidental, não delimitando seu significado. Borba (2006) associa essas categorias às funções atributiva (para os classificadores) e predicativa (para os qualificadores).

Diferenciando-nos um pouco dessa classificação, distribuímos aqui a CAdj em três categorias, seguindo, em parte, o que se encontra em Pria (2004, p. 50): (1) *classificadora*, que atua como delimitadora do conteúdo referencial, ou seja, recorta conceitualmente o nome referenciador, situando-o em uma dada "subcategoria" específica; (2) *determinativa*, que identifica o referente em relação a uma quantidade indefinida ou a uma situação (local ou temporal); e (3) *qualificadora*, a qual, por um lado, pode indicar propriedades, características, atributos aspectuais do elemento referenciador a que se associa ou, por outro, expressar valores apreciativos/axiológicos (de caráter subjetivo) a respeito deles. Essa categorização relaciona-se fortemente à natureza extensional ou intensional do adjetivo (BORGES NETO, 1985), questão que não é discutida aqui.

Propomos dividir cada uma dessas categorias em duas subcategorias distintas, as quais são explicitadas a seguir.

(1) CAdj classificadora

(1.1) *Especificativa*: restringe/delimita o conteúdo referencial, identificando-o com uma subclasse referencial. Nessa função, a CAdj é sempre adjunta ($CAdj_{Atr}$) e posposta ao N_{Ref}. Outra propriedade dessa subcategoria da CAdj é que ela recusa graduação/intensificação e não pode atuar como Pred. A seguir, uma amostra:

[15] Dada a variedade de propostas (não consensuais) sobre a natureza semântica/semântico-sintática dos adjetivos nas diversas abordagens sobre o tema, não vamos nos ater aqui a esse respeito. Selecionamos apenas as que se aproximam do nosso objetivo neste estudo.

(19) [...] *o desenvolvimento* ***neurológico*** característico da Síndrome de Willians.
(Disponível em: < http://revista pesquisa.fapesp.br/2016/08/10/ramificacoes-em-neuronios-podem-causar-hiperssociabilidade/>. Acesso: 15 set. 2018).

Nessa amostra, o adjetivo *neurológico* especifica o referenciador *desenvolvimento*. A presença desse construto da CAdj opera uma delimitação/restrição no conteúdo referencial que modifica, atribuindo-lhe maior especificidade. Nesse sentido, tal construção modificadora situa o referenciador em uma subcategoria conceitual. Significa que, sem esse componente recortador, o conteúdo referencial de *desenvolvimento* ficaria genérico e impreciso nesse contexto. Portanto, esse tipo de CAdj confere especificidade ao referenciador, tornando-o conceitualmente mais restrito e reconhecível como instância de uma classe mais geral (PRIA, 2004).

(1.2) *Circunstanciadora*: formada por adjetivos deverbais (mais ou menos equivalentes a uma oração relativa), circunscreve o conteúdo referencial a uma ação/situação específica/eventual. Nessa função, a CAdj vem preferencialmente posposta ao N_{Ref} (salvo haver alguma motivação pragmática) e pode, dependendo do quadro conceitual relativo ao Suj ou ao Obj, ser Pred.

(20) No caso do protótipo d*o veículo* ***apresentado***, a máquina quebra as moléculas de um hidrocarboneto, o etanol, e utiliza *o hidrogênio e oxigênio* ***liberados***[16] na reação química para gerar eletricidade.
(Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/05/apresentado-prototipo-de-carro-movido-a-etanol-e-celula-a-combustivel/http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/05/apresentado-prototipo-de-carro-movido-a-etanol-e-celula-a-combustivel/>. Acesso: 15 set. 2018).

Nesse excerto textual, o construto *apresentado* restringe o N_{Ref} *veículo*; *liberados*, por sua vez, restringe *hidrogênio e oxigênio*. Ambas

[16] Acompanhando o entendimento em Lira (2018, consideramos adjetivos esses casos participiais.

as ocorrências da CAdj circunstanciadora pode(ria)m ser facilmente substituídas pelas orações relativas (adjetivas) restritivas *que foi apresentado* e *que foram liberados*, respectivamente.

Cabe assinalar que a diferença entre essa CAdj e a anterior (*especificativa*) é que o recorte conceitual operado por esta denota propriedade permanente, colocando o N_{Ref} em uma subclasse; no caso da *circunstanciadora*, a restrição parece ser mais eventual e não resultar na criação de uma subclasse referencial, ou seja, um Ref mais específico. Outra observação é que nem toda CAdj deverbal deve ser classificada como circunstanciadora, pois há casos em que ela pertence a outra(s) subcategoria(s) semântica(s).

(2) CAdj determinativa

(2.1) *Quantitativa*: denota ideia de quantidade (precisa ou não) atribuída ao N_{Ref}. Essa subcategoria da CAdj vem preferencialmente anteposta no SN e pode, em certos casos, atuar com $Pred_{Suj}$. Apresentamos uma ocorrência exemplificativa:

(21) Explosão deixa ***diversos*** *feridos* em Nova York. (Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37394878>. Acesso: 12 out. 2018).

Nessa amostra, o construto *diversos* quantifica indefinidamente o referenciador *feridos*. Nesse sentido, instancia a CAdj quantitativa, exprimindo quantidade imprecisa. Exemplificam, ainda, essa subcategoria adjetivos como *vários*, *inúmeros*, *incontáveis*.

(2.2) *Situadora*[17]: indica a localização do N_{Ref} em um dado espaço ou tempo, sendo de caráter exofórico (dêitico) ou endofórico (sinalizador anafórico ou catafórico). A posição mais comum dessa subcategoria da CAdj é anteposta ao N, mas há casos em que é colocada posposta no SN. Outra particularidade é que essa construção não atua como Pred, a não ser em casos nos quais passa a substantivo. Segue um exemplar:

[17] Distinguimos aqui essa subcategoria da que Müller, Negrão e Nunes-Pemberton (2003, p. 342) denominam sob o rótulo geral de *quantificadores*.

(22) "*Nossa **derradeira** viagem* de gravações aqui de 'Velho Chico'".
(Disponível em: <http://g1.globo.com/pop-arte/ noticia/2016/09/camila-pitanga-agradece-apoio-apos-acidente-com-domingos-montagner.html>. Acesso: 12 out. 2018).

Nessa amostra, *derradeira* indica a posição do referenciador *viagem*, situando-o em uma dada sequência de outras viagens anteriores. São, também, exemplares dessa subclasse os adjetivos *seguinte*, *anterior*, *supracitado*, *último* e similares.

(3) CAdj qualificadora
(3.1) *Descritiva*: atribui características ou propriedades ao N_{Ref} (inerentes ou acidentais), apresentando um modo de ser/estar deste. Dessa maneira, associa-se a aspectos relativamente mais "observáveis" do N/Suj/Obj a que se refere.[18] Essa subcategoria da CAdj posiciona-se, em geral, posposta no SN, mas, por alguma motivação discursivo-pragmática, pode vir anteposta. Essa construção pode, ainda, exercer a função de $Pred_{Suj}$ ou $Pred_{Obj}$. Vejamos amostras disso.

(23) Leve ao forno e finalize com calda de *açúcar **queimado** e coco **ralado*** por cima.
(Disponível em: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2016/09/comerciante-ensina-como-preparar-receita-de-rosca-de-batata-veja-video.html>. Acesso: 13 out 2018).

Nesse recorte textual, as ocorrências *queimado*, relacionado a *açúcar*, e *ralado*, que modifica *coco*, são construtos representativos da CAdj descritiva, denotando aspectos físicos dos respectivos referenciadores a que se vinculam. Trata-se, em ambos os casos, de atributos que podem ser aferidos mais objetivamente. Assinalamos, ainda, o fato de esses construtos representarem instâncias da CAdj deverbal e não pertencerem à subclasse *circunstanciadora*.

[18] Incluímos nessa subcategoria da CAdj instâncias de conteúdo comparativo, representadas por *types* como *igual*, *similar*, *diferente*, entre outros, pelo fato de pressuporem o cotejo mais objetivo entre aspectos/situações.

(3.2) *Avaliativa*: exprime atributos mais (inter)subjetivos, relacionados ao julgamento (*i.e.*, à atribuição de valor) por parte do falante/escrevente feito ao N/Suj. Essa CAdj parece ser a mais representativa/prototípica da classe dos adjetivos, visto poder ser instanciada, em sua maioria, por *types* em função atributiva (quase sempre antepostos no SN) ou predicativa (do Suj ou do Obj). Eis uma ocorrência ilustrativa:

(24) ***Maldito*** *preconceito* que cria raízes profundas, inclusive na alma dos segregados!
(Disponível em: <http://minicontos.blogspot.com.br/>. Acesso: 18 set. 2018).

Nessa amostra, *maldito* avalia subjetivamente o N_{Ref} *preconceito*. Assim, por meio dele, o locutor expressa um juízo de valor (negativo) atribuído ao conteúdo nominal.

Incluímos também nessa subcategoria construcional adjetivos *modalizadores* em geral e *intensificadores*, uma vez que denotam igualmente uma avaliação de caráter abstrato e (inter)subjetivo ao conteúdo a que remetem. O primeiro caso instancia-se por *types* adjetivais como em *medida* ***necessária*** e ***provável*** *suspeito*; o segundo, por *types* como em *susto* ***danado*** e *na* ***maior*** *alegria.*

Quanto à tipologia semântica da CAdj no PB atual, cabe assinalar que (i) é preciso tomá-la em um *continuum* categorial, o que significa dizer que um dado adjetivo pode transitar entre uma categoria ou outra, a depender da função a que serve; (ii) é dependente do uso, no sentido de que o adjetivo não deve ser definido/classificado abstraindo-o do contexto discursivo, a não ser em casos muito específicos.

Dado que essas (sub)divisões da CAdj não são discretas, admitimos haver casos fronteiriços ou mesmo mesclados, em que a identidade dessa construção se mostra opaca e/ou ambígua, o que torna sua classificação bastante imprecisa. No quadro a seguir, sintetizamos a (sub)categorização semântica aqui proposta para a CAdj.

Quadro 3 – (Sub)Categorização semântica da CAdj.

Classificadora	**Especificativa**	*veículo* ***elétrico***
	Circunstanciadora	*preços* ***praticados***
Determinativa	**Situadora**	***últimas*** *cenas*
	Quantitativa	***diversos*** *parlamentos*
Qualificadora	**Descritiva**	*paisagem* ***seca***
	Avaliativa	*recursos* ***imperdíveis***

Fonte – Autoria própria.

Cabe assinalar que há CAdj em posição atributiva que, dependendo da colocação no SN, pode não apenas mudar de categoria mas também ter outro significado, alterando a interpretação do SN como um todo. Há, ainda, o fato de certas CAdj terem seu significado mais abstratizado quando antepostas ao N_{Ref} se comparadas com sua ocorrência pós-nominal (SILVA, 2008, p. 138). Atentemos para estas amostras:

(25) Agora, quando for beber com os amigos, você pode consultar o app para ir a*o local* ***certo***.
(Disponível em: <http://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/noticia/2016/09/como-achar-cerveja-mais-barata-do-seu-bairro-com-app-litrao-go.html>. Acesso: 18 set. 2018).

(26) Admitir que se estabeleça, em sala de aula, ***certa*** *militância política ou partidária*, divulgando-se uma única forma de pensar, sugere um desvio de finalidade da proposta educacional.
(Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/liberdade-de-catedra-e-o-direito-de-aprender-5ztcqk96a8cbfupg76a2zgveu>. Acesso: 24 set. 2018).

(27) A maioria dos vidros das janelas de *um prédio* ***próximo*** foram destruídas [...]
(Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37394876>. Acesso: 18 set. 2018).

(28) Um estudo da Universidade de Oxford sobre qual a chance de as atividades profissionais serem automatizadas n*os* ***próximos*** *20 anos* mostra que os índices ainda serão muito baixos.
(Disponível em: <https://istoe.com.br/inteligencia-artificial-nos-torna-mais-humanos/>. Acesso: 20 set. 2018).

Em 25, o construto *certo* após o N *local* significa *correto/exato*, levando a interpretar o Ref como algo *precisamente determinado e identificável*. Em 26, *certa* antes de *militância política ou partidária* conduz a um significado quase oposto ao de 23, ou seja, de algo *relativo/indeterminado*. Em 27, o construto *próximo* posposto a *prédio* tem acepção mais "concreta", exprimindo *vizinhança espacial/física*. Em 28, *próximos* anteposto a *20 anos* designa *"proximidade" temporal*, o que indica um significado mais abstratizado/metafórico de tempo em termos de espaço.

Em casos como este último, segundo Traugott e Dasher (2002), ocorre projeção/ mapeamento de um domínio conceitual (fonte, de base mais concreta/objetiva) em outro (alvo, de acepção mais abstrata/subjetiva). Contudo, isso parece ser uma propriedade não do adjetivo em si, mas da construção SN com CAdj pré-nuclear. Ou seja, nessas instâncias de herança por polissemia/metáfora, resultantes de pressões discursivas operadas via processos semântico-cognitivos, o pareamento forma-função do SN constitui um fator decisivo para a colocação da CAdj de valor abstrato/subjetivo à esquerda.

A seguir, apresentamos uma tabela com os quantitativos (absolutos e percentuais) de ocorrências da CAdj no *corpus* considerando a relação entre as (sub)categorias semânticas e os gêneros discursivos selecionados.

Tabela 3 – Categorias semânticas da CAdj conforme o gênero discursivo em que ocorrem.

Gêneros	Classificadora		Determinativa		Qualificadora		Totais Q(%)
	Especificativa	Circunstanciadora	Situadora	Quantitativa	Descritiva	Avaliativa	
Artigo de opinião	66 (8,1)	9 (1,1)	-	3 (0,4)	8 (1,0)	25 (3,1)	**111 (13,7)**
Artigo divulg. científica	43 (5,3)	21 (2,6)	2 (0,2)	2 (0,2)	13 (1,6)	9 (1,1)	**90 (11,1)**
Relato de experiência	37 (4,6)	15 (1,9)	5 (0,6)	3 (0,3)	16 (2,0)	8 (1,0)	**84 (10,4)**
Resenha crítica	18 (2,2)	11 (1,4)	9 (1,1)	2 (0,2)	22 (2,7)	17 (2,1)	**79 (9,8)**
Guia de viagens	35 (4,3)	9 (1,1)	4 (0,5)	-	16 (2,0)	12 (1,5)	**76 (9,4)**
Miniconto	3 (0,3)	2 (0,2)	-	-	56 (6,9)	12 (1,5)	**73 (9,0)**
Entrevista	30 (3,7)	7 (0,9)	6 (0,7)	-	15 (1,9)	12 (1,5)	**70 (8,6)**
Tutorial	3 (0,3)	7 (0,9)	17 (2,1)	-	15 (1,9)	15 (1,9)	**57 (7,0)**
Receita culinária	4 (0,5)	2 (0,2)	3 (0,3)	-	32 (4,0)	15 (1,9)	**56 (6,9)**
Notícia	10 (1,2)	6 (0,7)	9 (1,1)	-	11 (1,4)	10 (1,2)	**46 (5,7)**
Coluna social	4 (0,5)	8 (1,0)	3 (0,4)	1 (0,1)	18 (2,2)	7 (0,9)	**41 (5,1)**
Conversa espontânea	5 (0,6)	3 (0,3)	-	1 (0,1)	6 (0,7)	12 (1,5)	**27 (3,3)**
Totais Q(%)	**258 (31,9)**	**100 (12,3)**	**58 (7,2)**	**12 (1,5)**	**228 (28,1)**	**154 (19,0)**	**810 (100)**

Fonte – Autoria própria.

Pelo que podemos ver nessa tabela, quantitativamente, a CAdj de maior frequência é a *classificadora*, com destaque para a subclasse dos adjetivos *especificativos*, que responde por quase 32% dos casos. Esse resultado é compatível com o que se apresenta em relação à $CAdj_{Atr}$ posposta ao N, que se revela bastante recorrente, conforme já apontado anteriormente. Tal resultado se explica no fato de a maioria dos referentes mencionados serem informações novas, havendo, assim, a necessidade de serem conceitualmente mais recortados ou particularizados com alguma propriedade atributiva, a fim de serem identificados pelo interlocutor. Daí por que outra subclasse que se mostra relativamente frequente é a dos adjetivos *descritivos* (28,1%). Estes, embora não colaborem propriamente para o recorte conceitual do referente, podem, também, em alguma medida, contribuir na particularização do referente, que é apresentado como possuidor de determinada característica/propriedade mais acidental. No que se refere à CAdj *quantitativa*, já era de se esperar sua baixa frequência

(apenas 1,5%), uma vez que essa subcategoria possui quantidade reduzida de *types* adjetivais, com uso muito pontual e específico.

Quanto a usos da CAdj mais particularmente em relação a gênero(s) discursivo(s) específico(s), pode ser visto na Tabela 3 que, no *artigo de opinião*, o da CAdj *especificativa* chega a quase 60% do total de adjetivos nesse gênero. Tal resultado não estava previsto nesse caso, diferindo do que foi identificado por Oliveira (2021), em que a predominância foi de adjetivos avaliativos em se tratando de gêneros argumentativos (como é o artigo de opinião). Porém, no caso do *artigo de divulgação científica* (quase 50% do total nesse gênero), o resultado é relativamente compatível com o que se encontra em Finatto e Huang (2005), uma vez que tal gênero requer maior precisão conceitual/terminológica, o que motiva o recurso a adjetivos de especificação referencial. Os gêneros *miniconto* e *receita culinária* apresentam incidência significativa da CAdj *descritiva*: mais de 70% no primeiro e mais de 60% no segundo. Esse resultado se explica pelo fato de, nesses gêneros, ser bastante comum – e necessário – o recurso à apresentação de características/modo de ser de pessoas, objetos, lugares e situações, o que requer, em muitos casos, o uso de adjetivos aspectuais. Porém, causou surpresa não haver quantidade majoritária dessa subcategoria de adjetivos no gênero *guia de viagens*, que é um gênero no qual se espera o recurso à descrição de lugares.

Uma curiosidade ainda com respeito ao gênero discursivo é que se esperava que o *artigo de opinião* e a *resenha crítica* exibissem alta frequência da CAdj *avaliativa*, posto que esses gêneros centram-se, basicamente, na manifestação de pontos de vista e na apreciação valorativa de fatos, situações ou ideias (OLIVEIRA, 2021). Mas, pelo que apresentam os resultados, isso não se confirmou. Entretanto, no caso de *conversa espontânea*, os adjetivos avaliativos chegam a mais de 40% das CAdj nesse gênero. Tal resultado é coerente com a ideia de que, nessa situação, os falantes se mostram mais à vontade, deixando espaço para a expressão da subjetividade.

De um modo geral, esses resultados parecem apontar para a relativa correspondência entre o gênero discursivo e o recurso menos/mais frequente a certa(s) subcategoria(s) da CAdj que colabora(m) na construção temático-discursiva do gênero. Essa ideia encontra respaldo em trabalhos como os de Ribeiro e Borstel (2010) e Silva, Oliveira e Oliveira (2013).

4.2.4 No plano discursivo-pragmático

De um modo geral, seja como modificador adjunto ($CAdj_{Atr}$) ou predicativo ($CAdj_{Pred}$), a CAdj *fornece informação adicional*; daí sua importância discursiva do ponto de vista informativo. No caso da modificação adjunta no SN, a $CAdj_{Atr}$ agrega um dado ao conteúdo referencial a que se adjunge por apresentar um detalhe a mais (inerente ou acidental) sobre ele, alterando seu significado e o tornando singular/mais marcado se comparado ao SN sem modificação. Em se tratando da modificação predicativa, a $CAdj_{Pred}$ introduz uma propriedade ou característica atribuída ao Suj/Obj, que pode ser demarcada temporalmente (se permanente ou acidental) pelo Cop, expandindo a carga informacional quanto ao termo a que remete. O mesmo se dá em relação à modificação oracional realizada pela $CAdj_{Mod}$: esta projeta uma avaliação sobre o conteúdo proposicional que está sob seu escopo e, desse modo, enriquece a informação quantitativa e qualitativamente. Vejamos as seguintes amostras:

> (29) Para as alunas, *essa experiência foi* ***muito satisfatória*** *e* ***extremamente importante***, à medida que lhes possibilitou obter *um panorama* ***geral*** da condução d*o ensino* ***superior brasileiro*** [...]
> (Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Lisabelle_Rossato/publication/278035861_Preparando_o_aluno_de_PsGraduao_para_o_exerccio_de_docncia_em_Enfermagem_no_cuidado_da_criana_e_da_famlia_na_experincia_de_doena/links/557af9fc08ae7442f5d2b8cf.pdf>. Acesso: 24 set. 2018).

Nessa amostra, podemos ver que a participação da CAdj adiciona alguma informação – em termos semânticos e/ou pragmáticos, conforme Tomasello (1998) – ao conteúdo referencial a que se vincula: *muito satisfatória e extremamente importante* predicam uma avaliação feita sobre *essa experiência*; *geral* reforça a ideia de *um panorama*; *superior* delimita conceitualmente *o ensino*, enquanto *brasileiro* delimita *o ensino superior*.

Uma das funções da CAdj no plano discursivo-pragmático tem a ver com a *identificabilidade referencial*. Nesse sentido, a $CAdj_{Atr}$, em particular, funciona como uma espécie de "lente de aumento" por meio da qual o locutor fornece um "zoom" do Ref ao seu ouvinte/

leitor. Com isso, este consegue identificar o conteúdo referencial com mais precisão e/ou percebê-lo sob um ângulo com mais detalhe. Esse fenômeno está diretamente vinculado ao domínio semântico-cognitivo da subcategorização/particularização conceitual, que diz respeito ao grau de especificação/identificação do Ref. Em sendo assim, a $CAdj_{Atr}$ é um componente indispensável no SN para o reconhecimento/distinção da categoria referencial mencionada. Ilustramos esse fenômeno com as amostras que seguem neste recorte textual:

> (30) Agora conseguiu-se, com ***novos*** *materiais* ***cerâmicos***, reduzir a *temperaturas* ***adequadas*** para acomodar as células em veículos.
> (Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/2016/08/05/apresentado-prototipo-de-carro-movido-a-etanol-e-celula-a-combustivel/>. Acesso: 19 set. 2018).

Nesse excerto, o construto *cerâmicos* recorta conceitualmente o nome *materiais*, restringindo seu conteúdo referencial. A CAdj, portanto, limita o significado do Ref, impedindo que este seja tomado em sentido genérico/impreciso. O construto *novos*, por sua vez, escopa *materiais cerâmicos*, opondo esse referente a outros (pressupostos) do mesmo tipo que são anteriores/velhos. Quanto ao construto *adequadas*, que delimita o Ref *temperaturas*, embora a CAdj seja aparentemente avaliativa, deixa implícita a ideia de que a adequação da temperatura deve ser tomada dentro de determinados parâmetros que permitam "acomodar as células em veículo". Sob essa ótica, tal adjetivo é crucial para o entendimento de *temperaturas* nesse contexto.

Relacionada à identificação referencial, outra função discursivo-pragmática da CAdj tem a ver com a *perspectivização* (ou *focalização*) do conteúdo modificado por essa construção. Nesse sentido, a CAdj auxilia não apenas no reconhecimento do referente mas também no modo como ele é/deve ser visto, atendendo a funções semânticas e discursivo-pragmáticas (TOMASELLO, 1998). As amostras a seguir exemplificam essa função.

(31) A fabricante japonesa Nissan utilizou *um veículo* ***elétrico*** *de série*, uma van de transporte de carga e-NV200 com baterias recarregáveis para servir de modelo para este protótipo. *O veículo* ***comercial elétrico***, que pode levar até 700 quilos de carga, tem autonomia de 120 quilômetros […] (Disponível em: <http://revista pesquisa.fapesp.br/2016/08/05/apresentado-prototipo-de-carro-movido-a-etanol-e-celula-a-combustivel/>. Acesso: 19 set. 2018).

(32) Refere-se a um *tipo de consumo* ***puramente materialista***, que põe o apoderamento do dinheiro em um plano superior […]. A qualidade de vida, a expressão de si, preocupações referentes ao sentido da vida estão em voga e se sobrepõem a*o consumo* ***desenfreado*** *e* ***isento de reflexividade***.
(Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000100024>. Acesso: 24 set. 2018).

Essas amostras revelam que a CAdj tem uma participação importante na (re)focalização do referente, orientando modos distintos de "ver" o conteúdo referencial. Em 31, *veículo* é primeiramente focalizado como sendo *elétrico*, ou seja, um tipo específico dessa categoria. Nesse caso, o construto adjetival atua como elemento restritivo subcategorizador. Mais adiante, esse mesmo referente é perspectivizado com outro viés conteudístico pelo acréscimo do construto *comercial* anteposto a *elétrico*. O acréscimo do termo *comercial* leva-nos a conceitualizar esse tipo de veículo não mais apenas como um meio de transporte mas também como um empreendimento financeiro (*i.e.*, com fins lucrativos) de seu fabricante, a Nissan. Com isso, o Ref *veículo* é reconfigurado semântica e discursivamente.

Em 32, o construto *materialista* (restringido pelo advérbio *puramente*) descreve uma forma específica de *tipo de consumo*, a qual é seguida de uma oração relativa que a explica (*que põe o apoderamento do dinheiro em um plano superior*). Mais adiante, essa forma de consumo é perspectivizada sob um viés ainda mais negativo, o que é posto pelos construtos *desenfreado e isento [de reflexividade]*, dando a entender que se trata de uma prática censurável e nociva, com possíveis efeitos danosos. Por esses casos ilustrativos, vemos que a CAdj contribui na (re)apresentação de um Ref sob enfoques diversos, refletindo a maneira (positiva ou negativa) com que este é tematizado e como deve ser visto pelo interlocutor.

Essas propriedades da CAdj estão diretamente associadas à *introdução* ou à *manutenção do tópico discursivo*, colaborando na *progressão discursiva*. Como introdutora de tópico, ela participa da apresentação de um dado objeto de discurso que serve como âncora temática, constituindo uma informação nova. Como continuadora, auxilia na manutenção do tópico, refocalizando o objeto de discurso sob uma certa perspectiva conceitual. Sendo assim, embora colabore na retomada de uma informação dada (velha), a CAdj, conforme já visto, reconfigura-a conceitualmente, atribuindo-lhe um novo valor semântico e/ou discursivo-pragmático. Com isso, ela participa dos movimentos de prospecção (catafóricos) e de retrospecção (anafóricos) na distribuição do conteúdo informativo, contribuindo para orientar co(n)textualmente o interlocutor na construção de sentidos (GIVÓN, 1998). Vejamos as ocorrências que seguem:

(33) Acrescente *o peito de frango já* ***cozido*** *e* ***desfiado*** e refogue mais um pouco […]
(Disponível em: <http://www.tudogostoso.com.br/receita/876-lasanha-de-carne-moida.html>. Acesso: set. 2018).

(34) […] foram abordados *os* ***seguintes*** *temas*: a ciência e a educação; correntes pedagógicas no ensino superior de enfermagem; estratégias pedagógicas inovadoras e avaliação do aluno.
(Disponível em: <https://journal.sobep.org.br/wp-content/uploads/articles_xml/2238-202X-sobep-10-01-0031/2238-202X-sobep-10-01-0031.x48393.pdf>. Acesso: 24 set. 2018).

Em 33, *cozido* e *desfiado* – que modifica o nome *peito de frango* – realizam uma operação de retorno a uma informação já dada na receita: a de cozer e desfiar esse ingrediente, os quais constituem passos necessários no preparo do prato. Nesse caso, tais construtos têm valor anafórico, contribuindo para o movimento de retrospecção informacional e, ao mesmo tempo, servindo como ponto de apoio para o avanço do conteúdo textual, o que mantém o fio da coerência discursiva. Em 34, *seguintes* – modificador de *temas* – também tem a ver com a sequenciação textual.

Porém, o processo é inverso pelo fato de se relacionar ao movimento de prospecção. Nesse sentido, a CAdj funciona como uma espécie de "sinalizador" textual que aponta para a informação a ser dada; ou seja, trata-se de uma instância de valor catafórico.

Associada à (re)focalização informacional, a CAdj pode, ainda, atuar como *suporte na argumentação* (OLIVEIRA, 2021; PEREIRA, 2011; SILVA; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2013). Auxiliar na estratégia de persuasão, a CAdj funciona como um reforço valioso do viés opinativo que o falante/escrevente deseja impor, a fim de conquistar a adesão de seu ouvinte/leitor. Observemos as amostras que seguem:

> (35) Em ***tristes***, ***trágicos*** *e* ***temerosos*** *tempos* no Brasil, acabamos de ter Educação Física, Artes, Filosofia e Sociologia retiradas da Formação Educacional de nossas crianças e adolescentes.
> (Disponível em: <http://www.odiarioonline.com.br/noticia/57015/A-PENA-QUE-VALE-A-PENA>. Acesso: 18 set. 2018).

> (36) […] por *dever* ***ético***, há de estar *o professor* ***consciente*** *e* ***cauteloso*** acerca d*o conteúdo* ***ideológico*** de suas expressões e de quanto *suas experiências* ***pessoais****, e não* ***estritamente científicas***, definem o seu modo de pensar e comprometem o aprendizado.
> (Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/liberdade-de-catedra-e-o-direito-de-aprender-5ztcqk96a8cbfupg76a2zgveu>. Acesso: 24 set. 2018).

No excerto 35, os construtos *tristes*, *trágicos* e *temerosos* representam a avaliação (inter)subjetiva do articulista, com viés negativo, em relação a *tempos no Brasil*. Essa avaliação se relaciona ao fato de o autor argumentar contrariamente à retirada de disciplinas de formação humanística da educação básica. No 36, o articulista correlaciona os construtos predicativos *consciente e cauteloso* ao *professor* que demonstra compromisso ético (*dever ético*) para com o *conteúdo ideológico* de suas aulas. Com isso, o autor coloca a ética da prática pedagógica como dependente de qualidades pessoais do docente.

Contrariamente, mostra o risco para o aprendizado caso o professor priorize *experiências pessoais* em detrimento das *estritamente científicas*. Assim, conforme o que já foi atestado em Schneider (2008), o uso de adjetivos nesse contexto persuasivo serve não apenas para delimitar/qualificar referentes, mas também para estabelecer nexos na construção da tese e/ou dos argumentos, reforçando a orientação opinativa do locutor.

Por fim, apresentamos o seguinte quadro, que sintetiza relativamente o c*ontinuum* funcional da CAdj conforme sua (sub) categorização semântico e valor discursivo-pragmático.

Quadro 4 – *Continuum* funcional da CAdj.

Classificadora		**Determinativa**		**Qualificadora**	
Especificativa	Circunstanciadora	Quantitativa	Situadora	Descritiva	Avaliativa
+Restritiva/+Identificativa ..... +Explicativa/-Identificativa					
+Expositiva/+Informativa ..... +Apreciativa/+Argumentativa					
+Técnica/+Objetiva ..... +Emotiva/+(Inter)Subjetiva					
+Denotativa/+Referencial ..... +Expressiva/+Apelativa					
+Cognitiva/+Ideacional ..... +Pragmática/+Interacional					
+Dependente/+Integrada conceitualmente ..... +livre/-Integrada conceitualmente					
+Icônica/-marcada ..... -Icônica/+marcada					

Fonte – Autoria própria.

5 Considerações finais

Neste artigo, concentramo-nos no exame da Construção Adjetiva (CAdj) no PB contemporâneo. Nessa direção, traçamos como desafios descrever e explicar a CAdj considerando aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos. Para tanto, valemo-nos da Linguística Funcional Centrada no Uso, mormente de conceitos operacionais da Gramática de Construções. Como material de análise, recorremos a gêneros discursivos diversos, contemplando fala e escrita, para melhor verificar usos da CAdj.

Constatamos que a CAdj é de natureza multiforme e multifuncional, visto que se manifesta por meio de processos variados de configuração formal e desempenha funções sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas bastante diversas. Nesse sentido, a CAdj se distribui em um *continuum* formal e funcionalmente multifacetado, que vai das instanciações mais prototípicas até as que se afastam dos padrões mais definidores dessa categoria lexical.

Em relação aos aspectos morfológicos, vimos que a CAdj se mostra tanto pela formação primitiva [X_{Base}] como pela derivada. Nesta, ela se forma, predominantemente, pelo esquema [X_{Base}-Suf], que se mostrou o mais produtivo, tanto pela variedade de *types* como pela frequência de *tokens*, sendo, na maioria, de base denominal ou deverbal. Desses *types*, destacam-se as formações instanciadas por [X-do], [X-al] e [X-ico]. O esquema [X_{Base}+Y_{Base}] é pouco frequente; do mesmo modo, são os formados por [Pref-X_{Base}] e [Pref-X_{Base}-Suf]. Estes são provenientes, sobretudo, de bases já adjetivadas. Sob essa ótica, a CAdj pode se instanciar por microconstruções idiossincráticas (totalmente especificadas), por microconstruções relativamente esquemáticas/especificadas e flexíveis e pela não especificada [X_{Base}+Y_{Base}].

No que tange aos aspectos sintáticos, conforme já atesta a tradição gramatical, a CAdj ocupa, prototipicamente, as funções de modificador atributivo, como adjunto adnominal diretamente associada a um N, no âmbito sintagmático, e de predicativo, relacionado a um Suj, a um Obj ou a uma Or – como modalizador –, no âmbito (inter)oracional. Vista assim, a CAdj é uma construção dependente, posto que pressupõe um contexto sintático/textual ao qual se subordina. No caso da função atributiva, as principais configurações esquemáticas são [N CAdj], [CAdj N], [CAdj N CAdj] e [N CAdj CAdj], sendo a primeira delas a mais frequente. A relação predicativa com o Suj se dá, na maioria dos casos, pela intermediação de um Cop [Suj Cop CAdj], que são os usos mais comuns, segundo observados no *corpus*. No caso da relação com o Suj ou com o Obj em predicados secundários (com V pleno), dá-se a omissão do Cop: [Suj V CAdj], [Suj V Obj CAdj]. Em função modalizadora interoracional, a CAdj antepõe-se à proposição que modifica, vindo quase sempre precedida por um Cop.

Entretanto, há usos da CAdj no plano multiproposicional. São microconstruções sintaticamente "isoladas", as quais não se enquadram no âmbito sintagmático tampouco no (inter)oracional. Nessa condição, projetam-se como avaliativos sobre um dado conteúdo textual, exercendo, desse modo, funções mais discursivo-pragmáticas.

Do ponto de vista semântico, classificamos a CAdj em três categorias, relativamente alinhados ao que se encontra em Pria (2004, p. 50): *classificadora*, *determinativa* e *qualificadora*. Essas categorias foram distribuídas em subcategorias distintas: a primeira, em *especificativa* e *circunstanciadora*; a segunda, em *quantitativa* e *situadora*; e a terceira

em *descritiva* e *avaliativa*. Tais subcategorias estão, em alguma medida, associadas a funções e posições sintáticas menos/mais estabelecidas, a depender de pressões do uso.

No que respeita à relação entre a subcategorização semântica da CAdj e o gênero discursivo em que ela figura, os dados mostram que é possível fazer certa associação entre ambos. Significa dizer que existe(m) subcategoria(s) que tende(m) a ser mais recrutada(s) na construção do discurso do que outra(s). Assim, gêneros mais técnicos/objetivos favorecem mais o recurso à CAdj especificativa; gêneros mais apreciativos/(inter)subjetivos parecem recrutar mais a CAdj avaliativa.

Quanto aos aspectos discursivo-pragmáticos da CAdj, esta se caracteriza por desempenhar, no geral, as seguintes funções: fornece informação adicional por introduzir uma propriedade atribuída ao N, ao Suj, ao Obj ou à proposição; lança uma espécie de "lente de aumento" sobre o conteúdo referido, possibilitando conceitualizá-lo com um detalhe a mais; colabora na (re)focalização (ou perspectivização) de certo conteúdo, permitindo "vê-lo" sob determinado enfoque/ponto de vista; participa na introdução ou na manutenção de um dado tópico discursivo, contribuindo para os movimentos de prospecção e/ou de retrospecção textuais (*i.e.*, de progressão discursiva); atua como suporte de estratégia argumentativa, servindo como um reforço na orientação argumentativa do falante/escrevente, sendo um recurso intersubjetivo importante no esforço de persuasão.

A análise/discussão que empreendemos aqui sobre a CAdj no português atual, embora aproveite contribuições de estudos sobre o adjetivo, em certa medida, difere destes e dos demais. Essa diferença se mostra, em primeiro lugar, por tratarmos essa categoria linguística em termos construcionais; também por considerarmos tal categoria em um *continuum* formal e funcional, em vez de tomá-lo como um item lexical estanque; e, ainda, por procurarmos apreender, de modo mais integrado, pressões do uso, em contextos discursivos variados, sobre propriedades formais e funcionais dessa construção, não restringindo o exame a um ou outro aspecto isolado.

Por fim, resta assinalar a importância dos resultados desses achados para o ensino do português. Nesse sentido, o estudo pode contribuir não apenas para uma compreensão mais ampla sobre a natureza formal e o valor multifuncional da construção adjetiva, em termos morfológicos, sintáticos, semânticos e discursivo-pragmáticos, mas também para a orientação quanto ao recurso mais criterioso e eficiente dessa categoria linguística na produção de textos, considerando suas possibilidades e/ou restrições de uso.

Declaração de autoria

José Romerito Silva: Estudo do adjetivo no PB em perspectiva funcional-construcionista, considerando aspectos formais e funcionais; busca, levantamento quantitativo, análise e interpretação dos dados; escrita do texto. Ana Catarina Ferreira Cabral Oliveira: Estudo do adjetivo no PB em perspectiva funcional-construcionista, considerando aspectos formais e funcionais; busca, levantamento quantitativo, análise e interpretação dos dados; escrita do texto.

Referências

ALMEIDA, M. L. L. de; GONÇALVES, C. A. Polissemia sufixal: o caso das formas X-eiro – propostas e problemas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, 20, 2005, Lisboa. *Actas*... Lisboa: Colibri Artes Gráficas, 2005. p. 237-246.

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 43.ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

BARBOSA, M. G. *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos*: um estudo sobre os adjetivos adverbializados. 2006. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Linguística, UFRJ, 2006.

BARLOW, M.; KEMMER, S. (eds.). *Usage based models of language*. Chicago: UCP, 2000.

BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 39. ed. (rev. e ampl.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BECK, D. The syntax, semantics, and typology of adjectives in Upper Necaxa Totonac. *Linguistic Typology*, Vancouver, v. 4, n. 2, p. 213-250, 2000. DOI: 10.1515/lity.2000.4.2.213.

BERTOLDI, A.; CHISHMAN, R. L. de O. A semântica dos adjetivos e os sistemas de extração de informação na web. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v. 41, n. 2, p. 325-340, 2006.

BOOIJ, G. Compounding and derivation: evidence for construction Morphology. *In*: DRESSLER, W. *et al*. (eds.). *Morphology and its demarcations*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 109-131.

BORBA, F. da S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

BORGES NETO, J. *Adjetivos*: predicados extensionais e predicados intensionais. 1979. 87 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1979.

BORGES NETO, J. O adjetivo e a construção do sintagma nominal: alguns problemas. *Letras*, Curitiba, v. 34, p. 28-38, 1985. DOI: http://dx.doi.org/10.5380/rel.v34i0.

BYBEE, J. *Language, usage, and cognition*. Cambridge: CUP, 2010.

CALLOU, D.; SERRA, C. A variação na ordem dos adjetivos nos últimos quatro séculos. *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). *Português brasileiro*: Contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003. p. 191-205.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTILHO, A. T. de.; CASTILHO, C. M. M. de. Adjetivos predicativos, *Letras*, Santa Maria, v. 5, p. 121-140, 1993.

CONTERATTO, G. B. H. *Adjetivos*: uma representação lingüístico-computacional. 2009. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, PUCRS, 2009.

CORBARI, A. T.; SELLA, A. F. O par "É + adjetivo" como recurso de modalização: reflexões iniciais. *Línguas e Letras*, Cascavel, v. 8, n. 15, p. 259-273, 2007. DOI: https://doi.org/10.5935/rl&l.v8i15.1158.

CROFT, W. *Radical construction grammar*: syntactic theory in typological perspective. New York: OUP, 2001.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. (reimp.). Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

FINATTO, M. J. B.; HUANG, C. Da adjetivação em química e medicina: algumas implicações para os estudos do léxico e de textos técnico-científicos. *Revista Língua e Literatura*, Erechim, v. 7, n. 10/11, p. 45-55, 2005.

FOLTRAN, M. J.; CRISÓSTIMO, G. Os adjetivos participiais no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 129-154, 2005. DOI: http:///10.17851/2237-2083.13.1.129-154.

FRIED, M. Construction grammar. *In*: KISS, T.; ALEXIADOU, A. (eds.). *Syntax - theory and analysis*: an international handbook, v. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 974-1003.

FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). *Banco Conversacional de Natal*. Natal: EDUFRN, 2011.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs). *Linguística Centrada no Uso*: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013. p. 13-39.

GARCIA, A. S. Deslocamento de adjetivos no sintagma nominal do português. *SOLETRAS* – Suplemento, São Gonçalo, n. 20, p. 41-64, 2010. DOI: https://doi.org/10.12957/soletras.2010.5190.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism, and non-arbitrary coding in syntax. *In*: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*: proceedings of a symposium on iconicity in syntax. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985. p. 187-220.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GIVÓN, T. The functional approach to grammar. *In*: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language*: cognitive and functional approaches to language structure. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 41-66.

GOLDBERG, A. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. Constructions: a new theoretical approach to language. *TRENDS in Cognitive Sciences*, Cambridge, v. 7, n. 5, p. 219-224, 2003. DOI: 10.1016/S1364-6613(03)00080-9.

HOFHERR, P. C. Adjectives: an introduction. In: HOFHERR, P. C.; MATUSHANSKY, O. (eds.). *Adjectives*: formal analyses in syntax and semantics. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2010. p, 1-28.

LIRA, A. R. C. de. *Motivações competidoras entre a construção relativa passiva e a construção de adjetivo deverbal de particípio passado*. 2018. 94 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2018.

MIKOŁAJCZAK, S. *Studia Romanica Posnaniensia*, Poznań, v. 29, p, 187-196, 2003. DOI: 10.14746/strop.

MÓIA, T. Sobre classes semânticas de adjetivos. *Cadernos de Semântica*, Lisboa, v. 7, p. 1-24, 1992.

MULLER, A.; NEGRÃO, E. V.; NUNES-PEMBERTON, G. N. Adjetivos no português do Brasil: predicados, argumentos ou quantificadores?. *In*: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. (orgs.). *Gramática do português falado,* v. 7. Campinas: UNICAMP/FAPESP, 2003. p. 317-344.

NEVES, M. H. de M.. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, A. C. F. C. *O adjetivo em gêneros argumentativos do ambiente virtual*. 2021. 112 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, 2021.

PEREIRA, S. B. O adjetivo na orientação argumentativa do discurso: a proposta da semântica argumentativa. *PERcursos Linguísticos*, Vitória, v. 1, n. 3 (Edição especial), p. 183-198, 2011.

PRIA. A. D. A não delimitação de subgrupo via adjetivos avaliativos. *Alfa*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 49-60, 2004.

PRIM, C. de S. *A sintaxe de adjetivos nas posições pré- e pós-nominal*. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Curso de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

RIBEIRO, S. B. C.; BORSTEL, C. N. von. A expressividade enunciativa do adjetivo no gênero textual dissertativo-argumentativo. *Línguas & Letras,* Cascavel, v. 11. n. 20, p. 1-16, 2010. DOI: https://doi.org/10.5935/rl&l.v11i20.3776.

RIO-TORTO, G. Para uma gramática do adjectivo. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 103-129, 2006.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, I. da C.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-5794-1608-1.

SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

SALLES, H. M. M. L.; MELLO, M. A. C. R. de. Adjetivos em -vel: formação e produtividade. *Revista Investigações*, São Leopoldo, v. 18, n. 2, p. 1-18, 2005.

SANDMANN, A. J. Salto de etapa(s) na formação de palavras. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 83-87, 1994.

SCHNEIDER, L. Adjetivos: marcas de modalização e argumentatividade. *In*: VIII SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA, HISTÓRIA E MEMÓRIA, 8, 2008, Cascavel *Anais*... Cascavel: UNIOESTE, 2008. p. 1-14.

SERRA, C. R. *A ordem dos adjetivos no percurso histórico*: variação e prosódia. 2005. 153 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, UFRJ, 2005.

SILVA, A. da. A ordem dos adjetivos em grupos nominais: uma questão sintático-semântica e discursiva. *Calidoscópio*, São Leopoldo, v. 6, n. 3, p. 134-141, 2008.

SILVA, S.; OLIVEIRA, E. G. de; OLIVEIRA, L. C. G. de. A expressividade argumentativa do adjetivo no texto publicitário. *Signum*: Estudos Linguísticos, Londrina, v. 16, n. 1, p. 201-231, 2013. DOI: http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2013v16n1p201.

TOMASELLO, M. *The new psychology of language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change.* Cambridge: CUP, 2002.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructional change and constructionalization*. Oxford: OUP, 2013.

TUCKER, G. H. *The lexicogrammar of adjectives*: a systemic functional approach to lexis. London/New York: Cassell, 1998.

Rev. Estud. Ling., Belo Horizonte, v. 30 n. 2, p. 1103-1133, 2022

CC BY

Psicolinguística e Modelos Baseados no Uso

Psycholinguistics and Usage-based Models

Neemias Silva de Souza Filho
University of Delaware (UD), Newark, Delaware / Estados Unidos
nsfilho@udel.edu
https://orcid.org/0000-0002-6199-9431

Mahayana Cristina Godoy
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, Rio Grande do Norte / Brasil
mahayana.godoy@ufrn.br
https://orcid.org/0000-0002-7499-3290

Resumo: Teorias linguísticas e teorias de processamento linguístico têm objetos de estudo distintos, e, portanto, objetivos e metodologias de trabalho diferentes. Neste artigo, tentamos demonstrar que, apesar dessas diferenças, há espaço na Psicolinguística para modelos de processamento da linguagem assentados sobre noções caras a modelos linguísticos baseados no uso, como eficiência e objetivos comunicativos. Para tanto, apresentamos dois modelos de processamento linguístico bastante diferentes em seus pressupostos, e analisamos como estes revelam pontos de convergência e divergência com diferentes teorias linguísticas. Dessa forma, esperamos contribuir para o aumento do número de colaborações entre linguistas e psicolinguistas que desenvolvem trabalhos com modelos baseados no uso.

Palavras-chave: psicolinguística; processamento da linguagem; modelos baseados em restrições; modelos baseados no uso.

Abstract: Linguistic theories and language processing theories have distinct study objects and, therefore, also distinct goals and research methods. In this article, we attempt to demonstrate that, despite such differences, there is room in Psycholinguistics for language processing models that are guided by notions such as communicative efficiency and speaker conversational goals, which are also held dear by usage-based linguistic models. To this end, we present two language processing models with

eISSN: 2237-2083
DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.1103-1133

widely varying assumptions and analyze how these reveal points of convergence and divergence in relation to different linguistic theories. In doing so, we hope to facilitate collaborations between linguists and psycholinguists that develop research within usage-based frameworks.

Keywords: psycholinguistics; language processing; constraint-based models; usage-based models.

Recebido em 01 de setembro de 2021

Aceito em 03 de novembro de 2021

1 Introdução

A linguagem é um objeto de estudo extremamente amplo. Como algo que permeia direta ou indiretamente virtualmente todas as esferas da cultura humana, é de interesse para diversas áreas e disciplinas acadêmicas. Dessa forma, é natural que diferentes campos de estudo tenham diferentes perspectivas e abordagens em relação à linguagem: psicólogos e psiquiatras, por exemplo, podem se interessar por como certos aspectos do discurso se relacionam com condições mentais específicas (*e.g.,* MOTA; COPELLI; RIBEIRO, 2017) ou com o funcionamento de nossas mentes de forma geral. Cientistas da computação, por sua vez, podem investigar aspectos da linguagem com o objetivo de modelar ferramentas de síntese da fala e tradução automática (*e.g.*, LINZEN; BARONI, 2021; TYAGI *et al.,* 2020). A lista poderia continuar, mas o ponto principal que desejamos demonstrar é o de que cada campo de estudo pode se interessar por diferentes aspectos da linguagem, o que levará a diferentes objetivos, perguntas e métodos de pesquisa.

Essas questões, no entanto, podem variar bastante mesmo dentro de uma única disciplina. Dentro da Linguística, por exemplo, é possível encontrar teorias com visões conflitantes a respeito da natureza da linguagem e de como seu estudo deveria ser conduzido. Pesquisadores que desenvolvem seus trabalhos sob a perspectiva da gramática gerativa, por exemplo, tendem a seguir o postulado teórico de que o objetivo do estudo linguístico deveria ser a descrição da competência dos falantes, e não do seu desempenho. Não por acaso, tal distinção é apresentada já nos capítulos iniciais de manuais de sintaxe gerativa, como, por exemplo, Ouhalla (1999). Por outro lado, pesquisadores que se afiliam a perspectivas teóricas baseadas no uso, como a Linguística

Cognitiva e a Linguística Funcional, argumentam que o contexto de uso é de fundamental importância para a análise linguística. Mais que isso, esses pesquisadores defendem que existe uma relação simbiótica entre a gramática de uma língua e seu uso, já que o uso é possibilitado pela gramática ao mesmo tempo em que as pressões exercidas pelas inovações dos falantes durante o uso moldam a gramática (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013).

A diferença entre perspectivas apontada é apenas uma dentre várias, mas serve para ilustrar a noção de que teorias linguísticas podem ter posições divergentes a respeito dos aspectos mais básicos dos estudos da linguagem. Diferentes teorias também terão explicações distintas para a origem da linguagem humana, assim como para sua aquisição e sua relação com outras de nossas habilidades. Um olhar mais geral para teorias tão divergentes quanto as citadas, entretanto, pode revelar que elas têm em comum o fato de seus construtos serem tentativas de sistematizar como a língua funciona, sempre com base em evidências linguísticas (*i.e.*, evidências encontradas na própria língua[1]). Essa constatação pode parecer um truísmo, mas é de grande relevância para que possamos delinear uma distinção entre *teorias linguísticas*, tais como as mencionadas anteriormente, e *teorias de processamento linguístico*.

Nas seções a seguir, argumentamos que esses dois tipos de teoria têm objetos de estudo distintos, que requerem metodologias de trabalho diferentes. Em seguida, apresentamos dois tipos de modelos de processamento (os modelos de dois estágios e os modelos baseados em restrições), e ressaltamos as diferenças entre seus pressupostos. Destacamos a possibilidade de identificar aproximações entre modelos de processamento baseados em restrições e modelos linguísticos baseados no uso. Com isso, nosso objetivo é demonstrar que há espaço na Psicolinguística para teorias de processamento da linguagem que se assentam em noções como eficiência comunicativa, contexto de uso, objetivos comunicativos do interlocutor, dentre outras. Ao elaborar esses aspectos, esperamos contribuir para a descrição de pontos de convergência e divergência entre o trabalho de linguistas e psicolinguistas que adotam modelos baseados no uso, o que pode favorecer a colaboração entre as áreas.

---

[1] Apesar de nos concentrarmos no papel desempenhado por evidências linguísticas nessas teorias, convém ressaltar que existem perspectivas teóricas na Linguística que se comprometem com o desenvolvimento de um modelo de língua/linguagem que esteja em consonância com o conhecimento acumulado por diferentes áreas a respeito de como o corpo e a mente funcionam nos seres humanos. Na Linguística Cognitiva, por exemplo, Evans, Bergen e Zinken (2007) descrevem o que chamam de Compromisso Cognitivo ("*The Cognitive Commitment*", tradução livre nossa).

2 Diferenciando teorias linguísticas e teorias de processamento linguístico

Para ilustrar melhor a distinção proposta entre teorias linguísticas e teorias de processamento linguístico, consideremos as sentenças em (1), adaptadas dos originais em inglês de Levin (1993, p. 241).

(1) a. Maria quebrou a xícara.
b. A xícara quebrou.

Pesquisadores de diferentes perspectivas teriam objetivos e métodos diferentes na análise dessas sentenças. Levin (1993), por exemplo, enfoca os aspectos sintáticos e semânticos do verbo *quebrar*, como sua ocorrência em uma construção sem agente explícito (1b), para classificá-lo como um verbo que licencia a "alternância causativo-incoativa" (p. 29) em sua estrutura argumental. Tal classificação aponta uma interface entre a sintaxe e a semântica dos verbos que é explorada por pesquisadores de um campo conhecido como semântica lexical (CANÇADO; AMARAL, 2016).

Pesquisadores que analisassem as sentenças em (1) sob uma perspectiva funcionalista, por sua vez, poderiam fazer perguntas como "que tipo de contexto discursivo favorece a realização de uma sentença como (1b)?". Essa linha de questionamento é perfeitamente válida dentro de uma abordagem funcionalista, já que as regularidades na gramática de uma língua, nesta visão, são explicadas em termos do contexto real de uso em que elas são observadas (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015).

A esta altura, é importante notar que os exemplos de análise apresentados aqui sempre têm como foco a língua em si: como ela funciona, como seus componentes se organizam, ou mesmo como um conjunto de fatores contextuais pode influenciar tal organização. É possível, no entanto, fazer perguntas diferentes com base na observação das mesmas sentenças em (1). Por exemplo: a sentença (1a) é de mais fácil compreensão do que a sentença (1b)? Se sim, por quê? Existe um contexto em que a sentença (1a) seria de mais difícil compreensão do que a sentença (1b)? Se sim, como tal dificuldade poderia ser mensurada?

Questões como essas não têm relação com a descrição da língua em si, mas sim com a descrição dos processos que acontecem na mente

ou cérebro do falante[2] durante a compreensão (ou *processamento*) da linguagem[3]. Para responder a tais questões, não podemos analisar apenas dados linguísticos: dados comportamentais e fisiológicos são necessários como evidência indireta dos processos cognitivos que subjazem o processamento da linguagem (CUNHA LIMA, 2013).

A diferença entre os tipos de dados elicitados nas respostas a cada uma das perguntas elencadas ilustra a diferença entre *teorias linguísticas* e *teorias de processamento linguístico*. Como apontado por Cunha Lima (2013, p. 122), estas devem levar em conta a "plausibilidade cognitiva" de seus construtos, pois há pouca utilidade para uma teoria que se propõe a descrever processos mentais sem base no que já é conhecido a respeito do funcionamento da mente e cérebro humanos.

Teorias linguísticas e teorias de processamento linguístico fazem perguntas diferentes sobre a linguagem e, justamente por isso, têm objetivos diferentes. Como consequência, os construtos de uma teoria linguística não necessariamente encontrarão um equivalente no processamento, e vice-versa. Isso não quer dizer, evidentemente, que uma abordagem seja melhor ou pior do que a outra. Trata-se apenas de uma diferença de propósito (CUNHA LIMA, 2013).

A observação de que teorias linguísticas e teorias de processamento oferecem contribuições distintas aos estudos da linguagem não é exatamente nova, tendo sido apresentada de diferentes formas por pesquisadores de diversas filiações teóricas. Frazier (1979), por exemplo, argumenta que compreender como sentenças são processadas pode ajudar a entender como limitações biológicas atuam sobre a linguagem e, assim, como aspectos biológicos se relacionam com a competência linguística. Slobin (1980), por sua vez, destaca que a principal tarefa de pesquisas psicolinguísticas não era testar a validade empírica de construtos de teorias linguísticas. O autor explica que a psicolinguística àquela altura tentava descrever o funcionamento da linguagem em

[2] Por falta de um termo mais adequado em português, empregamos 'falante' para fazer referência a todos que usam uma língua natural, seja na modalidade oral ou sinalizada.

[3] No presente texto, não fazemos distinções entre mente e cérebro ou entre compreensão e processamento. Como deve ficar mais claro ao longo da exposição, a perspectiva dos autores a respeito do processamento linguístico tem como preocupação primária a descrição da arquitetura de processos mentais inconscientes, sem desprezar limitações biológicas, tais como recursos metabólicos.

situações controladas, como é o caso de experimentos conduzidos em laboratório. Tomasello (1998), em argumentação análoga, argumenta que o estudo experimental de premissas e conclusões de abordagens linguísticas cognitivas e funcionalistas é uma tarefa para psicólogos, e não linguistas, já que o trabalho teórico de descrição da língua tem valor por si só.

A divergência apontada no presente texto, apesar de fundamental, não significa que a colaboração entre linguistas e psicolinguistas é impossível. Como apontam Jaeger e Tily (2011), uma noção básica em abordagens funcionalistas é a de que as pressões do uso moldam as regras da gramática de uma língua. As formas que se consolidam na gramática, assim, tendem a ser aquelas que melhor se adaptam às necessidades comunicativas dos falantes. Essas formas, como notam os autores, são frequentemente designadas como "menos cognitivamente dispendiosas" ou "menos cognitivamente complexas" (JAEGER; TILY, 2011, p. 323). Essas designações, apesar de fazerem referência a efeitos cognitivos, são frequentemente empregadas em modelos linguísticos que não dispõem de medidas ou operacionalizações precisas para tanto.

Dessa forma, uma contribuição psicolinguística clara seria a definição de critérios objetivos para a mensuração da complexidade de formas linguísticas, além da formalização matemática das pressões do uso sobre a gramática. Trabalhos recentes nessa direção combinam ferramentas da Linguística, Psicologia Cognitiva e Teoria da Informação, e têm apontado perspectivas promissoras para operacionalizar essas investigações (GIBSON *et al.,* 2019). Voltamos a esse ponto na seção 4 deste artigo.

3 Modelos de processamento

Trabalhos que investigam o processamento da linguagem, historicamente, se organizam em dois grandes grupos no que diz respeito à arquitetura que propõem ou presumem: aqueles dos modelos de dois estágios e aqueles dos modelos baseados em restrições (TRAXLER, 2012). Nesta seção, descrevemos alguns dos pressupostos desses modelos, que são teorias de processamento linguístico, e identificamos as possíveis aproximações de cada um com diferentes teorias linguísticas.

3.1 Modelos de dois estágios

Modelos de processamento de dois estágios recebem tal nomenclatura por conta da arquitetura que postulam. Frazier e Fodor (1978), ao apresentarem um dos primeiros modelos desse tipo[4], explicam que o termo faz referência a propostas que delineiam duas etapas distintas de processamento que ocorrem em uma ordem fixa. No modelo proposto pelas autoras, por exemplo, um primeiro componente analisa sequências de palavras e tenta agrupá-las em "pacotes" frasais estruturados. A operação de tal componente é limitada pela capacidade de memória, e por isso processa apenas cerca de sete palavras por vez. Esse agrupamento, conforme argumenta Frazier (1979), permite ao segundo componente do modelo ter uma visão global da sentença que está sendo processada, o que o torna capaz de determinar a estrutura sintática mais abrangente em que todos os elementos do *input* podem ser encaixados. A limitação de memória, ainda segundo Frazier, seria contornada por meio da divisão de trabalho descrita entre os dois componentes. A autora argumenta que informações mais estruturadas exigem menos espaço de armazenamento no nosso sistema cognitivo (*e.g.*, em um nível consciente, memorizar uma sequência de nove dígitos pode se tornar uma tarefa mais fácil se dividirmos os números em três grupos), o que permitiria ao segundo componente do modelo lidar com uma porção maior do *input*, ao passo que este já foi dividido em pacotes estruturados no primeiro estágio de processamento.

Ao analisar os modelos desse tipo propostos ao longo dos anos, mais especificamente os desenvolvidos sob a perspectiva da Teoria do *Garden Path* (TGP), Traxler (2012) destaca duas características essenciais deles. A primeira é que os modelos TGP postulam que o processador pode construir apenas uma representação por vez, seguindo estágios bem definidos, o que está em consonância com a definição apresentada anteriormente por Frazier e Fodor (1978). A segunda característica é que o processador sempre prioriza a parcimônia da representação, favorecendo sempre a mais simples em algum aspecto, o que seria alcançado pelo emprego de heurísticas de processamento fixas.

---

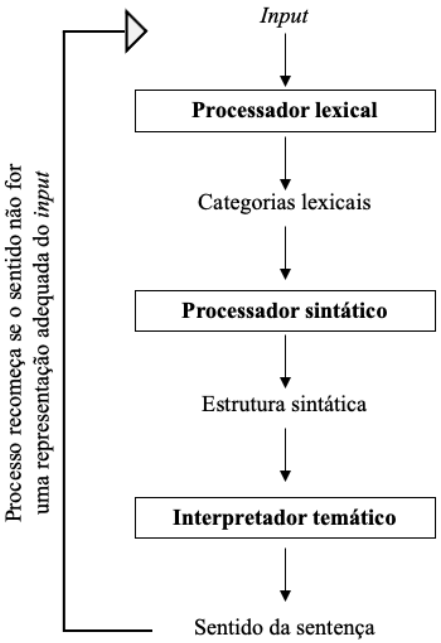
[4] Cumpre destacar outros trabalhos já elaborados à época dentro do paradigma de dois estágios, até mesmo referenciados por Frazier e Fodor (1978), como Kimball (1973) e Fodor, Bever e Garrett (1974).

A arquitetura básica de um modelo baseado na TGP, ainda conforme Traxler (2012), consiste em um processador lexical, um processador sintático e um interpretador temático. O *input* linguístico (e somente o linguístico; informações disponíveis contextualmente ou pelo conhecimento do falante são deixadas de lado em um primeiro momento) é a entrada do primeiro componente, que gera uma representação das categorias lexicais repassada ao processador sintático em seguida. A saída deste, por sua vez, é uma estrutura sintática que será avaliada pelo terceiro componente, o interpretador temático. Só então seria gerado o sentido da sentença. Se esse sentido acabar se mostrando uma representação inadequada do *input* linguístico, o processamento começa novamente, como representado na Figura 1[5]. Essa natureza de "volte à primeira casa" em caso de erro pode nos ajudar a entender por que a TGP recebeu seu nome: estudos inseridos nesse quadro teórico empregavam itens experimentais como a clássica sentença labirinto "O navio português entrava no porto o navio holandês[6]", que levaria a uma interpretação inicial que posteriormente se revela inadequada. Em outras palavras, essas frases conduzem o falante pelo caminho do jardim (ou por um labirinto, para empregar a tradução mais adequada em português).

[5] Esse resumo, entretanto, não abarca toda a literatura a respeito de modelos seriais de processamento. Destacam-se, nesse sentido, trabalhos como Hickok (1993) e van Gompel, Pickering e Traxler (2000; 2001), que questionam e modificam a arquitetura dos modelos para dar conta de efeitos que sugerem representações paralelas e processos de reanálise. Agradecemos aos pareceristas anônimos por ressaltarem este ponto.

[6] "Entrava", neste caso, pode ser lido inicialmente como pretérito imperfeito do verbo 'entrar'. Ao final da frase, no entanto, fica claro que se trata na verdade do presente do verbo 'entravar'.

Figura 1 – arquitetura proposta por modelos da Teoria do *Garden Path*



Fonte: adaptada de Traxler (2012).

Em um breve resumo, as principais características do modelo de processamento discutido aqui são (1) a construção de apenas uma representação por vez; (2) o cumprimento de uma sequência de passos bem definida e; (3) o privilégio do *input* linguístico como único tipo de informação levada em conta nos estágios iniciais do processamento.

Discutir evidências empíricas para a arquitetura proposta por modelos TGP ou para suas heurísticas de processamento está fora do escopo do presente trabalho. É importante ressaltar, entretanto, que tais evidências são oriundas de um conjunto notável de experimentos (*e.g.*, FRAZIER, 1979, 1987). Por outro lado, também existe um considerável conjunto de evidências que não podem ser explicadas por esses modelos, ou pelo menos por suas versões iniciais, como aponta Traxler (2012). Este é o nosso ponto de partida para a próxima seção.

3.2 Modelos baseados em restrições

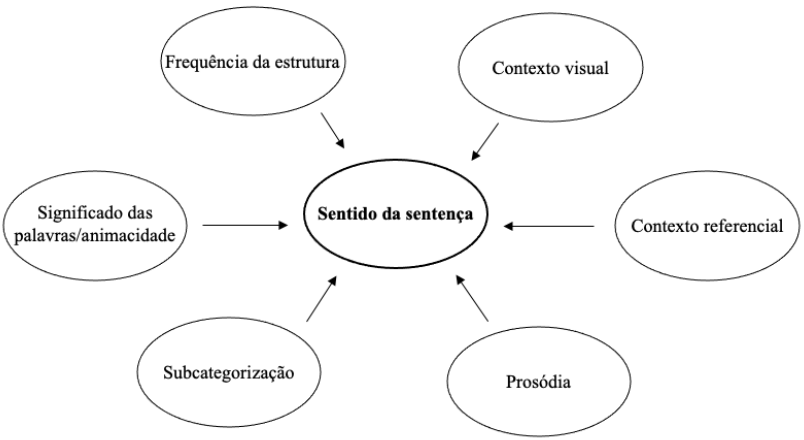
Traxler (2012) elenca três características essenciais de um modelo de processamento baseado em restrições[7]: (1) a manutenção simultânea de múltiplas representações possíveis do *input*; (2) a classificação de tais representações de acordo com o grau de confiança em cada uma, e; (3) a utilização de outras informações além das propriamente linguísticas, como o contexto visual disponível em uma situação comunicativa, desde o início do processamento. Essas características têm como origem uma série inicial de estudos que encontraram evidências de que diversos fenômenos observados durante o processamento linguístico podiam ser influenciados por fatores além da estrutura sintática local, tais como informações probabilísticas a respeito do verbo (*e.g.*, MACDONALD, 1994) e conhecimento de mundo na determinação de relações temáticas (*e.g.*, MCRAE; SPIVEY-KNOWLTON; TANENHAUS, 1998). Se compararmos essas características àquelas de um modelo de dois estágios, perceberemos que estamos tratando de modelos com postulados básicos completamente distintos a respeito de como o processamento linguístico ocorre.

Há, evidentemente, um conjunto de estudos muito maior que embasa as três características mencionadas anteriormente, mas o ponto principal a ser considerado aqui, resumido na Figura 2, é o de que diferentes fontes de informação podem contribuir para o significado da sentença durante o processamento. Essa capacidade de integrar diferentes fontes de informação *online* é, segundo Degen e Tanenhaus (2019), uma das características essenciais de uma abordagem baseada em restrições. Na presente seção, vamos nos concentrar em três tipos de evidências que mostram a diversidade de fontes de informação usadas no processamento: evidências que sugerem que o processamento é influenciado (1) pelo contexto linguístico; (2) pelos vieses de subcategorização de um verbo; (3) pelo contexto visual disponível. Embora nosso foco se restrinja a esses três fatores, é importante destacar que há evidências da influência de muitos outros, como o conhecimento de mundo (FEDERMEIER; KUTAS, 1999; HAGOORT, 2004; TROYER; KUTAS, 2020) e a representação

[7] Por vezes, chamadas em português de Modelos de Satisfação de Condições. Preferimos uma tradução mais próxima ao termo em inglês, *Constraint-based Models*.

discursiva construída durante o processamento (NIEUWLAND; VAN BERKUM, 2006)[8].

Figura 2 – arquitetura postulada pelos modelos baseados em restrições



Fonte: adaptada de Traxler (2012).

Uma série de estudos a partir do final dos anos 1980 encontrou evidências sugestivas de que o processamento da linguagem é influenciado pelo contexto linguístico imediato disponível em uma determinada situação. A lógica dos estudos consistia em apresentar sentenças como (2) aos participantes em um experimento de rastreamento ocular (exemplo reproduzido de ALTMANN; GARNHAM; DENNIS, 1992, p. 688):

(2) *He told the woman that he'd risked his life for <u>to install</u> a smoke detector*.
'Ele falou para a mulher que ele tinha arriscado a vida para instalar um detector de fumaça.[9]'

A frase é deliberadamente ambígua, a fim de desencadear um efeito *garden path*, ou seja, uma dificuldade de processamento devida a

[8] Para um compêndio dos principais tipos de influência documentados na literatura, sugerimos Traxler (2012) como uma leitura inicial em linguagem didática.

[9] Tradução livre nossa. Note que não é possível reproduzir em português o efeito de ambiguidade do item original em inglês. A mesma limitação vale para o item (3) a seguir.

uma reanálise da estrutura que se mostrou necessária em algum ponto da sentença. Até que se chegue à região que desfaz a ambiguidade, sublinhada em (2), não é possível saber se o sintagma iniciado por '*that*' deveria ser entendido como um argumento do verbo anterior ('*tell*') ou como um modificador do substantivo anterior ('*woman*'), introduzindo uma construção relativa. Uma das heurísticas de resolução de ambiguidade da TGP, a *minimal attachment* (FRAZIER, 1979), prevê que a interpretação de '*that*' como argumento seria preferida, dado que resultaria numa estrutura sintática com menos nós em uma representação arbórea. Dessa forma, Altmann et al. (1992) previam que se a sentença em (1) fosse apresentada sem qualquer contexto anterior, o efeito *garden path* seria detectado quando os falantes chegassem à região em que a ambiguidade é resolvida.

De fato, os autores reportaram medidas de fixação do olhar mais longas na região desambiguadora. Esse efeito, no entanto, desaparecia quando a sentença era apresentada após um contexto inicial que favorecia a interpretação de '*that*' como o início de uma construção relativa, como em (3) (exemplo também reproduzido de ALTMANN *et al.,* 1992, p. 689). Neste caso, a parte da sentença que causaria o efeito *garden path,* de acordo com os resultados, era lida sem custos extras.

> (3) *An off-duty fireman was talking to two women. He was telling them how serious the situation had been when their house had caught fire. The fireman had risked his life to rescue one of the women while the other had waited outside. He told the woman that he'd risked his life for to install a smoke detector*.
> 'Um bombeiro fora de serviço estava falando com duas mulheres. Ele estava dizendo quão séria foi a situação da casa delas pegando fogo. O bombeiro havia arriscado sua vida para resgatar uma das mulheres enquanto a outra esperava do lado de fora. Ele falou para a mulher que ele tinha arriscado a vida para instalar um detector de fumaça.[10]'

É importante notar que, justamente por a TGP postular que informações para além do *input* local só são levadas em conta em momentos posteriores do processamento, ela parece estar em conflito

[10] Tradução livre nossa. Favor notar a limitação explicada na nota de rodapé anterior.

com o fato de a diferença nos tempos de fixação do olhar desaparecer com a adição do contexto precedente. Por isso, os autores argumentam que seus resultados colocam em questão a suposição de que informações extra sentenciais não seriam consideradas durante os estágios iniciais de processamento da linguagem.

Se nos lembrarmos da arquitetura dos modelos TGP, podemos perceber que apenas categorias lexicais são atribuídas na primeira etapa do processamento (TRAXLER, 2012). O processador não lida com entradas lexicais específicas, como o verbo 'haver' ou o substantivo 'água', mas sim com categorias lexicais mais gerais, como simplesmente 'verbo' ou 'substantivo'. Sendo assim, não deveria haver diferenças na maneira como diferentes verbos são processados, ainda que eles subcategorizem diferentes tipos de estrutura em seus usos na linguagem.

Essa é precisamente a questão investigada por Trueswell, Tanenhaus e Kello (1993). Os autores se perguntavam se informações lexicais de verbos específicos eram acessadas de forma rápida o suficiente para influenciar o processamento da palavra seguinte no *input*. Para tanto, apresentaram frases como (4) (reproduzidas de TRUESWELL; TANENHAUS; KELLO, 1993, p. 536) para participantes de um experimento de leitura autocadenciada.

(4) (a) *The student forgot (that) the solution <u>was</u> in the back of the book*.
'O aluno esqueceu que a resposta estava na parte de trás do livro.'

(b) *The student hoped (that) the solution <u>was</u> in the back of the book.*
'O aluno esperava que a resposta estivesse na parte de trás do livro.[11]'

A lógica do experimento é que, de acordo com testes realizados previamente pelos autores, os verbos '*forget*'e '*hope*' apresentam preferências de subcategorização diferentes: o primeiro tende a subcategorizar um sintagma nominal, enquanto o segundo é mais comumente seguido por uma oração subordinada. Se informações como essas, específicas de cada verbo, não são acessadas durante o processamento, não deveria haver diferença nos tempos de leitura, uma vez que ambos os casos desencadeariam uma reanálise ao chegar na

[11] Tradução livre nossa. Note que não é possível reproduzir o efeito pelo apagamento do '*that*' em português.

forma verbal '*was*', sublinhada em (4). Por outro lado, se as preferências de subcategorização específicas de cada verbo são acessadas de forma imediata durante o processamento, nenhuma reanálise se faria necessária quando uma oração subordinada já fosse esperada. Ou seja, se as preferências de subcategorização forem acessadas rapidamente, os tempos de leitura de (4a) deveriam ser significativamente maiores do que os de (4b).

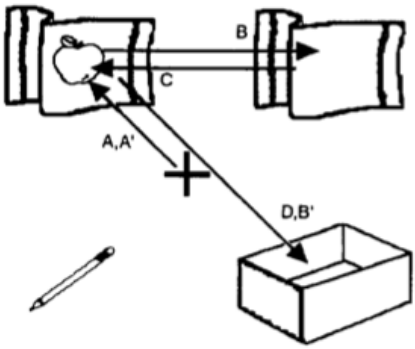
Esse é precisamente o padrão de resultados reportado pelos autores. No estudo, eles confrontam esses resultados de leitura auto cadenciada com dados obtidos por meio de outros paradigmas experimentais, que também apontam para a influência de informações de subcategorização logo nos estágios iniciais do processamento. Em um estudo posterior, *Garnsey et al*. (1997) replicaram os resultados de Trueswell, Tanenhaus e Kello (1993) com um desenho experimental que também atentava para possíveis variáveis de confundimento, como a plausibilidade de certas combinações de palavras.

Além disso, o contexto linguístico não é o único tipo de contexto que influencia como o processamento da linguagem ocorre. Em um experimento de rastreamento ocular, Tanenhaus et al. (1995) reproduziram instruções ambíguas para os participantes enquanto eles olhavam para uma cena composta por objetos reais. Um exemplo de instrução pode ser lido abaixo, em (5), e um exemplo de cena é mostrado na Figura 3. Ambos os exemplos foram reproduzidos de Tanenhaus *et al.* (1995, p. 1633).

(5) *Put the apple on the towel in the box*.
'Coloque a maçã sobre a toalha dentro da caixa.[12]'

[12] Tradução livre nossa.

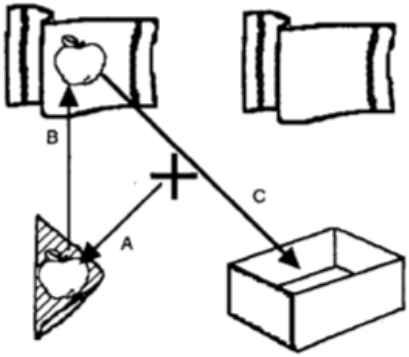
Figura 3 – disposição dos objetos na cena contendo apenas uma maçã no experimento de Tanenhaus *et al*. (1995)



Fonte: Tanenhaus *et al*. (1995, p. 1633).

Justamente por a sentença (5) ser ambígua até a segunda preposição (os participantes não tinham como saber se a instrução estava especificando onde a maçã estava ou se eles deveriam mover a maçã para a outra toalha), os autores reportaram que, quando a cena visual continha apenas uma maçã, os participantes olhavam para ela e para a toalha vazia com mais frequência. Isso indicaria que a construção '*on the towel*' estava sendo interpretada como destino, e não como modificadora de '*apple*'. Entretanto, e este é um resultado fundamental, o padrão mudava quando os participantes viam uma cena que continha duas maçãs ao invés de uma (como na Figura 4).

Figura 4 – disposição dos objetos na cena contendo duas maçãs no experimento de Tanenhaus *et al*. (1995)



Fonte: Tanenhaus *et al*. (1995, p. 1633).

Em cenas como as da Figura 4, os autores reportaram olhares iniciais para as duas maçãs, indicando o estabelecimento inicial da referência, seguidos por fixações na caixa. O mesmo padrão foi observado para condições experimentais em que a instrução reproduzida para os participantes não era ambígua. Tanenhaus e colegas, neste estudo, interpretam seus resultados como indicativo de que, quando a cena continha duas maçãs, o sintagma '*on the towel*' nunca era interpretado como destino, mas sim como um modificador de '*apple*' desde o início.

Esses resultados, conforme a argumentação dos próprios autores, não são compatíveis com uma arquitetura de processamento da linguagem que postula um mecanismo encapsulado em relação a outros sistemas (como o visual, por exemplo). Por extensão, seus resultados também vão de encontro a modelos que postulem que informações específicas de cada item lexical identificado no *input* não são acessadas nos primeiros momentos do processamento.

3.3 Modelos de processamento baseados em restrições e teorias linguísticas

Os três tipos de evidência discutidos nesta seção constituem parte das premissas centrais dos modelos de processamento baseados em restrições, com pressupostos fundamentalmente diferentes daqueles da TGP, por exemplo. Mas uma premissa em particular parece se destacar entre as demais: o tratamento que cada tipo de modelo dispensa às informações não linguísticas. Devemos ressaltar que não estamos defendendo que as outras características dos modelos são menos importantes, mas parece ser justamente o tratamento dado a informações não linguísticas durante o processamento que nos permite identificar quais teorias linguísticas compartilham premissas com cada modelo de processamento. Como exemplo para tanto, podemos citar o fato de apenas informações linguísticas (itens lexicais e suas categorias), e não informações contextuais (linguísticas ou não), serem admitidas nos estágios iniciais do processamento em modelos da TGP. Essa característica faz com que esta teoria de processamento se aproxime de teorias linguísticas que postulem uma distinção semelhante entre conhecimento linguístico e outros tipos de conhecimento, como proposto pela gramática gerativa. Pela mesma lógica, o fato de modelos baseados em restrições admitirem informações contextuais (linguísticas ou não, como discutido anteriormente) torna esses modelos mais próximos

de teorias linguísticas que não postulem distinções essenciais entre o conhecimento linguístico e outros tipos de conhecimento, como é o caso de abordagens baseadas no uso.

É importante ressaltar, neste ponto, que a questão não diz respeito aos tipos de informação admitidos por cada modelo, mas sim ao que isso revela sobre a concepção de linguagem em cada um. À medida que os modelos de processamento baseados em restrições ganharam força na literatura psicolinguística da década de 1990, eles abriram caminho para estudos que concebem a linguagem como indissociável da experiência do falante no mundo. Hagoort (2004), por exemplo, conduziu um experimento de eletroencefalografia (EEG) em que sentenças foram apresentadas aos participantes em uma de três condições: sentenças sem qualquer tipo de violação, sentenças contendo uma violação semântica ou sentenças contendo uma violação de conhecimento de mundo. Os resultados reportados não apontavam diferenças no curso temporal do processamento de sentenças com violações semânticas e de sentenças com violações de conhecimento de mundo. Ambas as condições produziram um custo de processamento (medido por um padrão de eletroencefalografia) muito semelhante, o que foi interpretado como evidência de que o conhecimento semântico e o de mundo são integrados simultaneamente durante o processamento da linguagem. É importante ressaltar que este achado está de acordo com estudos anteriores que também relacionam a integração de informações semânticas ao curso temporal da medida de EEG relevante (por exemplo, FEDERMEIER; KUTAS, 1999). Nieuwland e Van Berkum (2006), em outro estudo de EEG, encontraram evidências de que mesmo sentenças contendo anomalias semânticas podiam ser processadas sem dificuldades extras se o contexto linguístico local favorecesse tal violação.

Se nos lembrarmos da primeira característica fundamental de um modelo de processamento linguístico baseado em restrições, vamos recordar a noção de que mais de uma interpretação possível do *input* pode ser mantida pelo processador de forma simultânea. Esta arquitetura paralela está intrinsecamente ligada a uma visão probabilística do processamento da linguagem, na qual os níveis de confiança em cada interpretação mantida são constantemente atualizados à medida que novas informações ficam disponíveis no *input* durante o curso do processamento (*e.g.*, KUPERBERG, 2016). Nesse contexto, um dos objetivos das teorias de processamento é justamente determinar como tais probabilidades são objetivamente calculadas e atualizadas, propondo modelos que expliquem e prevejam como isso é feito em contextos comunicativos específicos. É disso que trataremos na próxima seção.

4 Custo, eficiência comunicativa e processamento da linguagem

Os modelos baseados em restrições descritos previamente recuperam uma tendência dos anos 50 do século XX, quando boa parte dos trabalhos em Linguística e Psicolinguística se apoiavam em conceitos probabilísticos e estatísticos. Como aponta Jurafsky (2003), tal perspectiva perdeu força nos anos 60, 70 e 80, mas ressurge a partir da década de 90. À época, volta a crescer uma tendência de se explicar os processos de aquisição, produção e compreensão da linguagem a partir de modelos probabilísticos, *i.e.*, modelos que tratam o processamento da linguagem, nos seus diversos níveis de análise, como tributário de processos mais gerais de detecção de padrões e cálculo de probabilidades (cf. CHATER; MANNING, 2006). No caso da resolução de ambiguidades, como vimos na seção anterior, tais processos seriam responsáveis por organizar o *ranking* de construções mais ou menos prováveis em um determinado contexto (JURAFSKY, 1996; LEVY, 2008). Na aquisição da linguagem, os mesmos processos atuariam na percepção de padrões e geração de hipóteses sobre como deve se estruturar o sistema linguístico que um falante aprende (ELMAN *et al.,* 1996; NEWPORT, 1996; PERFORS *et al*., 2011; SAFFRAN; ASLIN; NEWPORT, 1996). Tais modelos não constituem uma classe homogênea; pelo contrário, diferem entre si quanto à arquitetura e aos mecanismos do processamento da linguagem que postulam, bem como às formalizações matemáticas que seriam mais adequadas para capturar dados obtidos por meio de pesquisa de *corpora* e estudos experimentais (MACWHINNEY; BATES, 1989; MCCLELLAND, 1998; MCRAE; SPIVEY-KNOWLTON; TANENHAUS, 1998; cf. JURAFSKY, 2003, para uma revisão). Apesar dessas diferenças, muitos desses modelos se desenvolvem a partir de conceitos em comum, como custo e utilidade, usando-os como os critérios que organizariam os cálculos de probabilidades subjacentes ao processamento da linguagem.

A *Surprisal Theory*, por exemplo, é uma teoria de processamento da linguagem (mais especificamente, processamento de sentenças; cf. HALE, 2001; LEVY, 2008) que se baseia na Teoria da Informação (SHANNON, 1948). Sua hipótese principal é de que o custo de processamento de um estímulo linguístico é inversamente proporcional à sua previsibilidade em determinado contexto. No escopo dessa teoria, toda palavra portaria uma quantidade de informação dado um contexto

prévio: uma palavra com alta probabilidade de ocorrência[13] traria pouca informação; por outro lado, uma palavra com baixa probabilidade de ocorrência traria mais informação, o que faz com que seu elemento de surpresa (*surprisal*) seja mais elevado. Para entendermos esse princípio, consideremos a palavra "velas" nas frases "O aniversariante ouviu os parabéns e aí assoprou as velas" e "Fui ao mercado comprar as velas". O *surprisal* de "velas" é mais alto na segunda sentença comparativamente à primeira, e, por consequência, o custo de processamento da palavra nesse contexto também seria mais elevado.

O custo de processamento, por sua vez, pode ser medido de diversas maneiras objetivas. Por exemplo, tempos de leitura tendem a refletir quão prováveis são determinadas palavras ou estruturas em um contexto específico (BROTHERS; SWAAB; TRAXLER, 2017; LEVY *et al.,* 2012; SOUZA FILHO, 2021), e medidas fisiológicas que costumam indicar quão fácil é a integração de informação de uma palavra ao contexto também são sensíveis à probabilidade de ocorrência de tais palavras (FEDERMEIER; KUTAS, 1999; LAU *et al.,* 2016; LAU; HOLCOMB; KUPERBERG, 2013; cf. DELANEY-BUSCH *et al.,* 2019, para uma proposta que dá conta de explicar a variabilidade dos dados obtidos nesses e outros estudos). Também na produção é possível perceber a relação entre informatividade e custo processual. Jaeger e Tily (2011) indicam que o tempo de elocução de palavras está positivamente correlacionado com seu *surprisal*: quanto menor o *surprisal* (ou seja, maior a probabilidade de ocorrência em um contexto), menos tempo (medido em milissegundos) se destina à articulação daquela palavra. Comparando os dois exemplos anteriores em que a palavra "velas" aparece, sua enunciação seria mais longa na sentença em que o *surprisal* é maior.

Similarmente, também a escolha de certas construções sintáticas em detrimento de outras poderia ser explicada por conceitos derivados da Teoria da Informação. O princípio da Densidade Uniforme da Informação (JAEGER, 2010) prevê que a produção linguística responde a uma pressão para se distribuir a informação do modo mais homogêneo possível ao longo do estímulo linguístico. Para ilustrar esse ponto, consideremos os exemplos abaixo, ambos emprestados de Jaeger e Tily (2011, p. 328).

[13] As probabilidades de ocorrência de palavras ou estruturas linguísticas são dadas por meio de medidas objetivas obtidas a partir de experimentos de cloze ou de estudos de corpora que consideram as probabilidades de *n-grams* - *i.e.*, a probabilidade de uma palavra específica dadas as *n* palavras anteriores a ela.

(6) (a) *That's the painting [they told me about]*.
'esse é o quadro [eles falaram a mim sobre]'
'Esse é o quadro de que eles me falaram.'

(b) *That's the painting [(that) they told me about]*.
'esse é o quadro [(que) eles falaram a mim sobre]'
'Esse é o quadro de que eles me falaram.'

Como apontam os autores, a densidade de informação do pronome '*they'* é diferente nos dois exemplos anteriores. Em (6a), sua densidade de informação é maior, pois essa expressão indica, ao mesmo tempo, (i) que se inicia uma oração subordinada; (ii) que o sujeito dessa oração subordinada é o pronome '*they'*. Em (6b), a informação sobre o início de uma subordinada recai sobre '*that'*. O pronome '*they'*, com carga informacional menor que em (6a), indica apenas o sujeito da subordinada. Por meio de análise de *corpora*, o trabalho de Jaeger (2010) sugere que a preferência pelo uso de estruturas como em (6b) seria maior quando a subordinação é menos provável e, portanto, causaria mais surpresa: nesse caso, seria possível distribuir a alta carga informacional em mais de uma expressão linguística.

5 Psicolinguística e teorias de processamento

Não é difícil ver a relação da *Surprisal Theory* e outros conceitos da Teoria da Informação com alguns pressupostos de teorias linguísticas centradas no uso. Estudos de orientação funcionalista, por exemplo, já mencionam que o *status* informacional de um referente - dado ou novo - determina quão prosodicamente reduzida será sua produção (HALLIDAY, 1967). Halliday (2013) destaca que a distribuição de probabilidades e sua significância é um fator inerente a sistemas semióticos. O autor relaciona essa probabilidade ao conceito de *entropia* da Teoria da Informação (SHANNON, 1948) e argumenta que essas probabilidades têm implicações para a aquisição da linguagem e para o conceito de forma marcada. A diferença, mais uma vez, diz respeito aos métodos e objetivos das teorias de processamento e teorias linguísticas. Ainda que as noções de eficiência comunicativa e complexidade do processamento sejam frequentemente evocadas em trabalhos de teoria e análise linguística (*e.g.*, BISPO, 2014), são nos estudos psicolinguísticos que tais noções são formalizadas e empiricamente testadas por meio de medidas capazes de aferir processos cognitivos (cf. JAEGER; TILY, 2011). A necessidade de formalização advém, justamente, do fato de que

o objetivo último das teorias de processamento é construir modelos que expliquem - e consigam prever - os custos envolvidos no processamento da linguagem.

Nesse ponto, há espaço para discussões sobre o que constituiria, por exemplo, uma medida acurada de previsibilidade (e, portanto, do custo de processamento) de uma palavra ou construção. Sabe-se que medidas comportamentais e fisiológicas são sensíveis à probabilidade de ocorrência de uma palavra em determinado contexto. A partir dessas probabilidades, seria possível antecipar itens lexicais ou construções mais possíveis de aparecerem num contexto subsequente. No entanto, diferentes teorias de processamento divergem quanto aos mecanismos que atuariam nesse processo antecipatório e como seria possível modelá-lo. Enquanto alguns trabalhos defendem que a relação entre probabilidade de ocorrência de uma palavra e seu custo de processamento seja linear (REICHLE; RAYNER; POLLATSEK, 2003), outros propõem que essa relação seja logarítmica, e que o melhor preditor do custo de processamento de uma palavra seria o valor negativo do logaritmo da probabilidade de sua ocorrência em determinado contexto - *i.e.*, *-logP(palavra|contexto)* (LEVY, 2008). Esses debates, marcados por nuances matemáticas, podem parecer inócuos para aqueles que trabalham em linguística teórica e descritiva, mas são centrais para psicolinguistas e outros cientistas cognitivos que buscam construir modelos de processamento da linguagem. Como lembram Brothers e Kuperberg (2021), nesse caso específico a adoção de uma ou outra medida marca diferenças entre duas teorias concorrentes de processamento, a *Surprisal Theory* e a *proportional pre-activation account*.

O trabalho de Barak, Goldberg e Stevenson (2016) dá outro exemplo de como trabalhos em Psicolinguística se dedicam a questões de implementação computacional que podem não ser de maior interesse para teorias linguísticas. As autoras partem de uma visão de língua comum às gramáticas de construções e pressupõem que a aquisição da linguagem deriva da generalização de construções a partir de dados observáveis (GOLDBERG; SUTTLE, 2010). A partir dessa premissa, seu objetivo é o de testar que modelos produzem resultados que mais se aproximam dos dados coletados em experimentos psicolinguísticos. Nesse caso específico, as autoras contrastam modelos conexionistas e modelos bayesianos, ambos probabilísticos, a fim de averiguar qual deles melhor replica padrões de generalização consistentes com o comportamento humano. Esses modelos têm diferenças importantes em relação à sua implementação e arquitetura de processamento, mas ambos são igualmente apropriados à concepção de linguagem proposta

por gramáticas de construções. Ademais, não se pode dizer que o trabalho pretendia, a partir do emprego de diferentes modelos, lançar luz sobre divergências que decorrem de diferentes filiações teóricas dentro do campo das gramáticas de construções. Seu objetivo é tão somente o de identificar um fenômeno descrito por essas gramáticas (a generalização) e ver qual de dois modelos de cognição amplamente empregados nas ciências cognitivas seria mais adequado para modelá-lo.

A partir dessa discussão, queremos enfatizar a posição que tomamos neste artigo: de que trabalhos em Psicolinguística podem se dedicar primordialmente a teorias de processamento da linguagem que não se filiam a uma teoria linguística específica, como a Linguística Sistêmico-Funcional ou a Linguística Cognitiva. Ainda que guardem semelhanças com essas teorias em sua concepção de língua, é mais provável que esses trabalhos tenham como referencial teórico modelos de processamento linguístico ou modelos mais gerais de cognição. Este é o caso de Chambers, Tanenhaus e Magnuson (2004): o trabalho dialoga com a Linguística Cognitiva ao realizar estudos experimentais sobre como *affordances* e percepção influenciam o processamento de ambiguidades sintáticas. Contudo, os autores não fazem menção direta a teorias linguísticas, e são explícitos em filiar seu trabalho e seus achados aos modelos baseados em restrições, inserindo-os no âmbito dos estudos sobre processamento da linguagem.

Esse ponto é particularmente importante em estudos que se comprometem com uma concepção de língua mais próxima àquela presumida pelos modelos baseados no uso. Lembremos que esses modelos negam a existência de mecanismos cognitivos linguísticos de domínio-específico e tomam a linguagem como epifenômeno de habilidades cognitivas de domínio-geral (LANGACKER, 1987; TOMASELLO, 2003). A visão probabilística de processamento de que tratamos aqui, por exemplo, não se limita aos estudos da linguagem: alguns desses modelos também são empregados para explicar fenômenos motores e perceptuais (cf. CLARK, 2016, para uma revisão). Portanto, para propor modelos que expliquem como o ser humano é capaz de processar linguagem a partir dessa perspectiva, é preciso construir teorias de processamento da linguagem a partir de modelos mais gerais da cognição.

6 Conclusões

Como pudemos ver nas seções anteriores, teorias de processamento da linguagem e teorias linguísticas tentam explicar objetos que se relacionam, mas são, ao mesmo tempo, distintos. Por consequência,

os métodos empregados devem ser também diferentes a fim de dar conta dos objetivos de cada área de pesquisa. Apesar dessas diferenças, vimos que há espaço na Psicolinguística para teorias de processamento da linguagem que dialogam com teorias linguísticas baseadas no uso. Em comum, essas propostas teóricas situam a linguagem no campo da experiência humana e tentam explicar sua estrutura e seu processamento como fenômenos emergentes das pressões do uso e do contexto comunicativo. Na Psicolinguística, tal compreensão acerca da linguagem abre a possibilidade de estudos de fenômenos linguísticos que, se não são negligenciados, ao menos não são centrais nos estudos sobre processamento que se aproximam de teorias linguísticas mais formais. Incluem-se aí trabalhos em pragmática experimental que assumem uma perspectiva mais funcional para explicar implicaturas (cf. DEGEN; TANENHAUS, 2019), estudos sobre processamento discursivo (HOEK *et al.,* 2021), teorias sobre processamento de polidez (JIANG; LI; ZHOU, 2013) e sobre tomada de turno (DE RUITER, 2019).

No Brasil, trabalhos em Psicolinguística que se aproximam de teorias centradas no uso vêm crescendo pelo menos desde os anos 2000. Podemos citar estudos que investigam a relação entre léxico e sintaxe por meio de modelagem conexionista (FRANÇOZO; GARCIA; RINALDI, 2006; GARCIA, 2006), trabalhos com foco no processamento de cadeias referenciais (CUNHA LIMA, 2005; GODOY; WEISSHEIMER; MAFRA, 2018), investigações em semântica que questionam abordagens formais (SÁ, 2017), estudos desenvolvidos a partir da Linguística Cognitiva (DE MORAES; LEITE, 2016) e pesquisas experimentais sobre iconicidade (GODOY *et al.,* 2020; KAWAHARA; GODOY; KUMAGAI, 2021). Vemos, contudo, pouco intercâmbio no país entre os pesquisadores que se dedicam a teorias linguísticas e teorias de processamento no campo dos modelos baseados no uso.

Dadas as diferenças de métodos, objetos e perguntas de pesquisa entre as duas áreas, essa distância é compreensível e, por vezes, inevitável. No entanto, fomentar a aproximação entre esses pesquisadores pode contribuir para a compreensão de fenômenos linguísticos em ambos os campos. Na Psicolinguística, por exemplo, é essencial partir de uma descrição dos fenômenos a serem estudados para melhor elaboração de hipóteses experimentais e de delineamento de experimentos. Portanto, é de extrema importância poder contar com estudos descritivos que se ancoram em uma perspectiva centrada no uso. Ao descreverem fenômenos linguísticos a partir de categorias como utilidade, tópico discursivo, intenção comunicativa, perspectiva do interlocutor, entre outros, esses trabalhos dão ao psicolinguista ferramentas para conhecer melhor o

fenômeno cujo processamento pretende investigar. Desse modo, seus experimentos podem partir de hipóteses mais bem definidas.

Por outro lado, estudos sobre processamento da linguagem fornecem medidas objetivas para conceitos como custo e utilidade (JAEGER; TILY, 2011), muitas vezes tomados como pressupostos em teorias linguísticas centradas no uso. Nesse ponto, podemos citar trabalhos que propõem e comparam modelos formalizáveis que consigam prever a aquisição da linguagem a partir das gramáticas de construções (BARAK; GOLDBERG; STEVENSON, 2016), que expliquem como mecanismos gerais de aprendizagem são capazes de detectar padrões (SAFFRAN; NEWPORT; ASLIN, 1996) ou derivar categorias linguísticas (ELMAN, 1990), e que complementam discussões sobre o tipo de informação que poderia ser lexicalmente codificada (ELMAN, 2004). Portanto, estudos no campo da Psicolinguística dão sustentação empírica, do ponto de vista cognitivo, às premissas que guiam boa parte dos estudos linguísticos baseados no uso: a de que a linguagem humana é um subproduto de habilidades sociocognitivas, e de que a arquitetura de aquisição e processamento da linguagem reflete aspectos gerais da cognição humana. Ainda que haja outras áreas nas ciências cognitivas que contribuam para a construção desse corpo empírico de evidências, como a Neurociência, a Inteligência Artificial e a Computação, entendemos que a Psicolinguística é espaço privilegiado para intercâmbio bilateral entre teorias linguísticas e teorias de processamento da linguagem.

Declaração de autoria

Neemias Silva de Souza Filho: (A) Concepção e planejamento; (B) Escrita e revisão; (C) Aprovação da versão final.

Mahayana Cristina Godoy: (A) Concepção e planejamento; (B) Escrita e revisão; (C) Aprovação da versão final.

Agradecimentos

O primeiro autor agradece ao CNPq pelo financiamento que possibilitou o presente trabalho.

Referências

ALTMANN, G. T. M.; GARNHAM, A.; DENNIS, Y. Avoiding the garden path: Eye movements in context. *Journal of Memory and Language*, [S.l.], v. 31, n. 5, p. 685–712, 1992. DOI: https://doi.org/10.1016/0749-596X(92)90035-V

BARAK, L.; GOLDBERG, A. E.; STEVENSON, S. Comparing Computational Cognitive Models of Generalization in a Language Acquisition Task. *In*: PROCEEDINGS OF THE 2016 CONFERENCE ON EMPIRICAL METHODS IN NATURAL LANGUAGE PROCESSING. *Proceedings*… Austin: Association for Computational Linguistics, 2016. p. 96-106. Disponível em: <http://aclweb.org/anthology/D16-1010>. Acesso em: 31 out. 2021.

BISPO, E. Orações relativas em perspectiva histórica: interface uso e cognição. *Veredas - Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, v. 18, p. 222–235, 2014.

BROTHERS, T.; SWAAB, T. Y.; TRAXLER, M. J. Goals and strategies influence lexical prediction during sentence comprehension. *Journal of Memory and Language*, [S.l.], v. 93, p. 203–216, 2017. DOI: https://doi.org/10.1016/j.jml.2016.10.002

CANÇADO, M.; AMARAL, L. *Introdução à semântica lexical*: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

CHAMBERS, C. G.; TANENHAUS, M. K.; MAGNUSON, J. S. Actions and affordances in syntactic ambiguity resolution. *Journal of experimental psychology: Learning, memory, and cognition,* [S.l.], v. 30, n. 3, p. 687-696, 2004. DOI: http://dx.doi.org/10.1037/0278-7393.30.3.687

CHATER, N.; MANNING, C. D. Probabilistic models of language processing and acquisition. *Trends in Cognitive Sciences,* [S.l.], v. 10, n. 7, p. 335–344, 2006. DOI: 10.1016/j.tics.2006.05.006

CLARK, A. *Surfing uncertainty:* prediction, action, and the embodied mind. Oxford; New York: Oxford University Press, 2016.

CUNHA LIMA, M. L. Referenciação e investigação do processamento cognitivo: o exemplo do indefinido anafórico. *In*: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (orgs.). *Referenciação e discurso.* São Paulo: Contexto, 2005. p. 197–218.

CUNHA LIMA, M. L. Semântica e psicolinguística experimental. *In*: FERRAREZI, C.; BASSO, R. (orgs.). Semântica, semânticas. São Paulo: Contexto, 2013. p. 121-134.

DE MORAES, B. M.; LEITE, J. E. R. Compreensão de frases gramaticais com nível de especificidade e esquematicidade por pessoas com Alzheimer: uma análise psicolinguística e cognitiva. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 71, p. 164–175, 2016. DOI: https://doi.org/10.17058/signo.v41i71.7217

DE RUITER, J. P. Turn-Taking. *In*: CUMMINS, C.; KATSOS, N. (eds.). *The Oxford Handbook of Experimental Semantics and Pragmatics.* Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 537-548.

DE SA, T. M. M. *Definido fraco e definido genérico*: duas faces do mesmo fenômeno? Uma investigação experimental. 2017. 120 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

DEGEN, J.; TANENHAUS, M. K. Constraint-based pragmatic processing. *In*: CUMMINS, C.; KATSOS, N. (eds.). *The Oxford handbook of experimental semantics and pragmatics.* Oxford Handbooks in Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 21-38.

DELANEY-BUSCH, N. *et al.* Neural evidence for Bayesian trial-by-trial adaptation on the N400 during semantic priming. *Cognition*, [S.l.], v. 187, p. 10–20, 2019. DOI: 10.1016/j.cognition.2019.01.001

ELMAN, J. L. Finding Structure in Time. *Cognitive Science*, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 179–211, 1990. DOI: 10.1207/s15516709cog1402_1

ELMAN, J. L. *et al. Rethinking innateness:* a connectionist perspective on development. Cambridge: MIT Press, 1996.

ELMAN, J. L. An alternative view of the mental lexicon. *Trends in Cognitive Sciences*, [S.l.], v. 8, n. 7, p. 301–306, 2004. DOI: 10.1016/j.tics.2004.05.003

FEDERMEIER, K. D.; KUTAS, M. A Rose by Any Other Name: Long-Term Memory Structure and Sentence Processing. *Journal of Memory and Language*, [S.l.], v. 41, n. 4, p. 469–495, 1999. DOI: 10.1006/jmla.1999.2660

FODOR, J. A.; BEVER, T. G.; GARRETT, M. F. *The psychology of language*: an introduction to psycholinguistics and generative grammar. New York: McGraw-Hill, 1974.

FRANÇOZO, E.; GARCIA, R. B.; RINALDI, V. A. Lexicon and Syntax in a Bilingual Connectionist Network. *In*: THE ANNUAL MEETING OF THE COGNITIVE SCIENCE SOCIETY. *Proceedings*… Vancouver: Cognitive Science Society, 2006.

FRAZIER, L. *On comprehending sentences*: syntactic parsing strategies. 1979. 165 f. Tese (Doutorado em Linguística), University of Connecticut, 1979.

FRAZIER, L. Sentence processing: a tutorial review. *In*: COLTHEART, M. (ed.). *Attention and performance XII*: the psychology of reading. Londres: Lawrence Erlbaum Associates, 1987. p. 559-586.

FRAZIER, L.; FODOR, J. D. The sausage machine: A new two-stage parsing model. *Cognition*, [S.l.], v. 6, n. 4, p. 291–325, 1978. DOI: https://doi.org/10.1016/0010-0277(78)90002-1

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs..). *Linguística centrada no uso:* uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad e FAPERJ, 2013. p. 9-32.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. *In*: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística funcional*: teoria e prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 21-48.

GARCIA, R. B. *Conhecimento sintatico-semantico e processamento de sentenças em rede neural recorrente simples*. 2006. 78 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

GARNSEY, S. M. et al. The Contributions of Verb Bias and Plausibility to the Comprehension of Temporarily Ambiguous Sentences. *Journal of Memory and Language*, [S.l], v. 37, n. 1, p. 58–93, 1997. DOI: https://doi.org/10.1006/jmla.1997.2512

GIBSON, E. *et al*. How Efficiency Shapes Human Language. *Trends in Cognitive Sciences,* [S.l.], v. 23, n. 5, p. 389–407, 2019. DOI: https://doi.org/10.1016/j.tics.2019.02.003

GODOY, M. C. et al. Gotta Name'em All: an Experimental Study on the Sound Symbolism of Pokémon Names in Brazilian Portuguese. *Journal of Psycholinguistic Research*, [S.l.], v. 49, n. 5, p. 717–740, 2020. DOI: https://doi.org/10.1007/s10936-019-09679-2

GODOY, M. C.; WEISSHEIMER, J.; MAFRA, M. A. When Grammar Meets Pragmatics: Subject Preference and Coherence Relations in Brazilian Portuguese Pronoun Interpretation. *Journal of Portuguese Linguistics*, [S.l.], v. 17, n. 1, 2018. DOI: https://doi.org/10.5334/jpl.197

GOLDBERG, A.; SUTTLE, L. Construction grammar. *WIREs Cognitive Science*, [S.l.], v. 1, n. 4, p. 468–477, 2010. DOI: https://doi.org/10.1002/wcs.22

HAGOORT, P. Integration of Word Meaning and World Knowledge in Language Comprehension. *Science*, [S.l.], v. 304, n. 5669, p. 438–441, 2004. DOI: https://doi.org/10.1126/science.1095455

HALE, J. A probabilistic Earley parser as a psycholinguistic model. *In*: SECOND MEETING OF THE NORTH AMERICAN CHAPTER OF THE ASSOCIATION FOR COMPUTATIONAL LINGUISTICS. *Proceedings*… Pittsburgh: Association for Computational Linguistics, 2001.

HALLIDAY, M. A. Notes on transitivity and theme in English: Part 2. *Journal of linguistics,* Cambridge, v. 3, n. 2, p. 199–244, 1967. DOI: https://doi.org/10.1017/S0022226700016613

HALLIDAY, M. A. Meaning as choice. *In*: FONTAINE, L.; BARTLETT, T.; O'GRADY, G. (eds.). *Systemic functional linguistics*: exploring choice. Cambridge, United Kingdom ; New York: Cambridge University Press, 2013. p. 15-36.

HICKOK, G. Parallel parsing: Evidence from reactivation in garden-path sentences. *Journal of Psycholinguistic research*, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 239–250, 1993. DOI: https://doi.org/10.1007/BF01067832

HOEK, J. *et al.* Expectations from relative clauses: Real-time coherence updates in discourse processing. *Cognition*, [S.l.], v. 210, p. 104581, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.cognition.2020.104581

JAEGER, T. F. Redundancy and reduction: Speakers manage syntactic information density. *Cognitive psychology*, [S.l.], v. 61, n. 1, p. 23–62, 2010. DOI: https://doi.org/10.1016/j.cogpsych.2010.02.002

JAEGER, T. F.; TILY, H. On language 'utility': processing complexity and communicative efficiency: Utility, complexity, and communicative efficiency. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 323–335, 2011. DOI: http://dx.doi.org/10.1002/wcs.126

JIANG, X.; LI, Y.; ZHOU, X. Is it over-respectful or disrespectful? Differential patterns of brain activity in perceiving pragmatic violation of social status information during utterance comprehension. *Neuropsychologia*, [S.l.], v. 51, n. 11, p. 2210–2223, 2013. DOI: https://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2013.07.021

JURAFSKY, D. A probabilistic model of lexical and syntactic access and disambiguation. *Cognitive science*, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 137–194, 1996. DOI: https://doi.org/10.1207/s15516709cog2002_1

JURAFSKY, D. Probabilistic Modeling in Psycholinguistics: Linguistic Comprehension and Production. *In*: BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (eds.). *Probabilistic linguistics.* Cambridge, MA: MIT Press, 2003. p. 39-96.

KAWAHARA, S.; GODOY, M. C.; KUMAGAI, G. English speakers can infer Pokémon types based on sound symbolism. *Frontiers in Psychology,* [S.l.], v. 12, p. 2376, 2021. DOI: https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.648948

KIMBALL, J. Seven principles of surface structure parsing in natural language. *Cognition*, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 15–47, 1973. DOI: https://doi.org/10.1016/0010-0277(72)90028-5

KUPERBERG, G. R. Separate streams or probabilistic inference? What the N400 can tell us about the comprehension of events. *Language, Cognition and Neuroscience*, [S.l.], v. 31, n. 5, p. 602–616, 2016. DOI: https://doi.org/10.1080/23273798.2015.1130233

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*: Theoretical prerequisites. Palo Alto: Stanford university press, 1987.

LAU, E. F. et al. Spatiotemporal Signatures of Lexical–Semantic Prediction. *Cerebral Cortex,* [S.l.], v. 26, n. 4, p. 1377–1387, 2016. DOI: https://doi.org/10.1093/cercor/bhu219

LAU, E. F.; HOLCOMB, P. J.; KUPERBERG, G. R. Dissociating N400 Effects of Prediction from Association in Single-word Contexts. *Journal of Cognitive Neuroscience,* [S.l.], v. 25, n. 3, p. 484–502, 2013. DOI: https://doi.org/10.1162/jocn_a_00328

LEVIN, B. *English verb classes and alternations*: a preliminary investigation. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVY, R. Expectation-based syntactic comprehension. *Cognition*, [S.l.], v. 106, n. 3, p. 1126–1177, 2008. DOI: https://doi.org/10.1016/j.cognition.2007.05.006

LEVY, R. et al. The processing of extraposed structures in English. *Cognition*, [S.l.], v. 122, n. 1, p. 12–36, 2012. DOI: https://doi.org/10.1016/j.cognition.2011.07.012

LINZEN, T.; BARONI, M. Syntactic Structure from Deep Learning. *Annual Review of Linguistics,* [S.l.], v. 7, n. 1, p. 195–212, 2021. DOI: https://doi.org/10.1146/annurev-linguistics-032020-051035

MACDONALD, M. C. Probabilistic constraints and syntactic ambiguity resolution. *Language and Cognitive Processes*, [S.l.], v. 9, n. 2, p. 157–201, 1994. DOI: https://doi.org/10.1080/01690969408402115

MACWHINNEY, B.; BATES, E. *The crosslinguistic study of sentence processing.* Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

MCCLELLAND, J. L. Connectionist models and Bayesian inference. *In*: OAKSFORD, M.; CHATER, N. (eds.). *Rational models of cognition*. Oxford: University Press Oxford, 1998. n.p.

MCRAE, K.; SPIVEY-KNOWLTON, M. J.; TANENHAUS, M. K. Modeling the influence of thematic fit (and other constraints) in on-line sentence comprehension. *Journal of Memory and Language*, [S.l.], v. 38, n. 3, p. 283–312, 1998. DOI: https://doi.org/10.1006/jmla.1997.2543

MOTA, N. B.; COPELLI, M.; RIBEIRO, S. Thought disorder measured as random speech structure classifies negative symptoms and schizophrenia

diagnosis 6 months in advance. *npj Schizophrenia*, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 18, 2017. DOI: https://doi.org/10.1038/s41537-017-0019-3

NIEUWLAND, M. S.; VAN BERKUM, J. J. A. When Peanuts Fall in Love: N400 Evidence for the Power of Discourse. *Journal of Cognitive Neuroscience*, [S.l.], v. 18, n. 7, p. 1098–1111, 2006. DOI: https://doi.org/10.1162/jocn.2006.18.7.1098

OUHALLA, J. *Introducing Transformational Grammar*: From Principles and Parameters to Minimalism. London: Edward Arnold Publishers Ltd., 1999.

PERFORS, A. *et al.* A tutorial introduction to Bayesian models of cognitive development. *Cognition*, [S.l.], v. 120, n. 3, p. 302–321, 2011. DOI: https://doi.org/10.1016/j.cognition.2010.11.015

REICHLE, E. D.; RAYNER, K.; POLLATSEK, A. The E-Z Reader model of eye-movement control in reading: Comparisons to other models. *Behavioral and Brain Sciences*, [S.l.], v. 26, n. 4, p. 445–476, 2003. DOI: https://doi.org/10.1017/s0140525x03000104

SAFFRAN, J. R.; ASLIN, R. N.; NEWPORT, E. L. Statistical learning by 8-month-old infants. *Science*, [S.l.], v. 274, n. 5294, p. 1926–1928, 1996. DOI: https://doi.org/10.1126/science.274.5294.1926

SHANNON, C. E. A mathematical theory of communication. *The Bell system technical journal,* [S.l.], v. 27, n. 3, p. 379–423, 1948.

SLOBIN, D. I. *Psicolingüística*. Tradução: Rossine Salles Fernandes. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

SOUZA FILHO, N. S. DE. *A small but significant effect*: lexical prediction in a selfpaced reading study. 2021. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021.

TANENHAUS, M. *et al.* Integration of visual and linguistic information in spoken language comprehension. *Science*, [S.l.], v. 268, n. 5217, p. 1632–1634, 1995. DOI: https://doi.org/10.1126/science.7777863

TOMASELLO, M. A cognitive-functional perspective on language structure. *In*: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language:* cognitive and functional approaches to language structure. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1998. p. 8-23.

TOMASELLO, M. *Constructing a language*: A usage-based approach to child language. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

TRAXLER, M. J. *Introduction to psycholinguistics*: understanding language science. Chichester, West Sussex ; Malden MA: Wiley-Blackwell, 2012.

TROYER, M.; KUTAS, M. Harry Potter and the Chamber of *What* ?: the impact of what individuals know on word processing during reading. *Language, Cognition and Neuroscience,* [S.l.], v. 35, n. 5, p. 641–657, 2020. DOI: https://doi.org/10.1080/23273798.2018.1503309

TRUESWELL, J. C.; TANENHAUS, M. K.; KELLO, C. Verb-specific constraints in sentence processing: Separating effects of lexical preference from garden-paths. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 528–553, 1993. DOI: http://dx.doi.org/10.1037//0278-7393.19.3.528

TYAGI, S. *et al.* Dynamic Prosody Generation for Speech Synthesis Using Linguistics-Driven Acoustic Embedding Selection. *In*: INTERSPEECH 2020. ISCA, *Proceedings*… Shanghai: International Speech Communication Association, 2020. Disponível em: <https://www.isca-speech.org/archive/interspeech_2020/tyagi20_interspeech.html>. Acesso em: 31 out. 2021

VAN GOMPEL, R. P. G.; PICKERING, M. J.; TRAXLER, M. J. Unrestricted Race: A New Model of Syntactic Ambiguity Resolution. *In*: KENNEDY, A.; HELLER, D.; PYNTE, J.; RADACH, R. (eds.). *Reading as a Perceptual Process*. Oxford: Elsevier, 2000. p. 621–648.

VAN GOMPEL, R. P. G.; PICKERING, M. J.; TRAXLER, M. J. Reanalysis in Sentence Processing: Evidence against Current Constraint-Based and Two-Stage Models. *Journal of Memory and Language*, [S.l.], v. 45, n. 2, p. 225–258, 2001. DOI: https://doi.org/10.1006/jmla.2001.2773